

JOHN BOYNE

AS FÚRIAS INVISÍVEIS DO CORAÇÃO


COMPANHIA DAS LETRAS

NOVO ROMANCE
DO AUTOR DO
BEST-SELLER
**O MENINO
DO PIJAMA
LISTRADO**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

JOHN BOYNE

AS FÚRIAS INVISÍVEIS DO CORAÇÃO


COMPANHIA DAS LETRAS

NOVO ROMANCE
DO AUTOR DO
BEST-SELLER

O MENINO
DO PIJAMA
LISTRADO

JOHN
BOYNE

*AS FÚRIAS
INVISÍVEIS
DO CORAÇÃO*

Tradução
LUIZ A. DE ARAÚJO



COMPANHIA DAS LETRAS

Para
John Irving

Sumário

PARTE I: VERGONHA

- 1945: A estranha no ninho
- 1952: A vulgaridade da popularidade
- 1959: O sigilo do confessional
- 1966: Na casa dos répteis
- 1973: Mantendo o diabo à distância

PARTE II: EXÍLIO

- 1980: No anexo secreto
- 1987: O paciente 741

PARTE III: PAZ

- 1994: Pais e filhos
- 2001: A dor do membro fantasma
- 2008: A Internauta Grisalha

EPÍLOGO — 2015: Longe do porto, em alto-mar
Agradecimentos

“Será que eu sou a única pessoa que acha que o mundo está ficando cada dia mais repulsivo?”, perguntou Marigold, olhando para o marido, Christopher, à mesa do café da manhã.

“Na verdade”, respondeu ele, “eu penso que...”

“Foi uma pergunta retórica”, atalhou Marigold, acendendo um cigarro, o sexto daquele dia. “Por favor, não se dê ao trabalho de opinar.”

Maude Avery, *Como a cotovia*

(The Vico Press, 1950)

PARTE I
VERGONHA

1945:

A estranha no ninho

O BOM POVO DE GOLEEN

Muito tempo antes que descobríssemos que ele tinha dois filhos com mulheres diferentes, um em Drimoleague e o outro em Clonakilty, o padre James Monroe usou o altar da igreja de Nossa Senhora, Estrela do Mar, paróquia de Goleen, West Cork, para denunciar a minha mãe como puta.

A família toda estava instalada no segundo banco; no corredor, o meu avô lustrava com o lenço a placa de bronze em memória de seus pais pregada na madeira diante dele. Vestia o terno domingueiro passado na noite anterior pela minha avó, que, torcendo as contas de jaspe do rosário entre os dedos tortos, ficou movendo os lábios em silêncio até que ele pousasse a mão na dela e a mandasse parar. Os meus seis tios, todos de cabelo escuro e engomado de brilhantina com cheiro de rosa, estavam sentados perto dela em ordem ascendente de idade e estupidez. Cada qual era dois centímetros mais baixo que o vizinho, e a disparidade ficava bem visível pelas costas. Foi à custa de muito esforço que eles acordaram naquela manhã; tinha havido baile na véspera, em Skull, e todos voltaram encharcados de bebida, dormiram umas poucas horas até que o pai os despertasse para a missa.

No fim da fila, debaixo da décima estação da via-crúcis entalhada em madeira, achava-se a minha mãe, a barriga tremendo de medo do que estava por vir. Não se atrevia a erguer a vista.

A missa começou da maneira típica, ela me contou, o padre a despejar os enfadonhos ritos introdutórios e a congregação a desafinar o *kyrie*. William Finney, um vizinho da mamãe em Ballydevlin, desfilou cheio de pompa até o púlpito para fazer a primeira e a segunda leituras litúrgicas, pigarreando bem perto do microfone antes de pronunciar cada palavra com uma intensidade tão dramática que era como se estivesse representando no palco do Abbey Theatre. O padre Monroe, transpirando visivelmente sob o peso dos paramentos e a intensidade da sua raiva, prosseguiu com a aclamação e o evangelho

antes de convidar todos a se sentarem, e os três coroinhas de bochechas coradas correram para os bancos laterais, entreolhando-se com excitação. Talvez tivessem lido as anotações do padre na sacristia ou quem sabe o ouviram ensaiar as palavras enquanto enfiava a batina pela cabeça. Ou vai ver que simplesmente sabiam do que a crueldade humana era capaz e estavam contentes porque, daquela vez, iriam sair ilesos.

“A minha família é toda de Goleen até onde chegam os registros”, ele começou, olhando atentamente para as cento e cinquenta cabeças erguidas e uma única baixa. “Certa vez, ouvi um boato terrível de que o meu tetravô tinha família em Bantry, mas nunca vi prova disso.” Riso elogioso da congregação; um pouco de intolerância bairrista não faz mal a ninguém. “A minha mãe”, prosseguiu ele, “uma boa mulher, adorava esta paróquia. Desceu à sepultura sem nunca ter se afastado mais que alguns quilômetros quadrados de West Cork e não se arrependeu disso um só instante. *Gente boa mora aqui*, sempre dizia. *Gente boa, honesta, católica*. E sabem de uma coisa, eu nunca tive motivo para duvidar dela. Até o dia de hoje.”

Um frêmito percorreu a igreja.

“Até o dia de hoje”, repetiu o padre Monroe devagar, sacudindo a cabeça com tristeza. “Catherine Goggin está presente?” Olhou à sua volta como se não tivesse ideia de onde localizá-la, muito embora fizesse dezesseis anos que ela ocupava o mesmíssimo lugar toda manhã de domingo. Instantaneamente, todos os homens, mulheres e crianças viraram a cabeça na direção dela. Todos, menos o meu avô e os seis tios, que não hesitaram em continuar olhando para a frente, e a minha avó, que baixou a dela assim que a mamãe levantou a sua numa gangorra de vergonha.

“Você está aí, Catherine Goggin”, sorriu o padre, chamando-a para a frente com um gesto. “Venha para perto de mim como uma boa moça.”

A minha mãe se levantou vagarosamente e foi para o altar, lugar do qual só se aproximava para comungar. Não estava ruborizada, contou-me anos depois, estava pálida. Naquele dia, fazia calor na igreja, o calor pegajoso do verão e o da respiração dos paroquianos agitados, e ela sentiu os pés vacilarem, receou desmaiar e ficar largada no piso de mármore para definhar e apodrecer como exemplo para as outras garotas da sua idade. Olhou, nervosa, para o padre Monroe, viu de relance os seus olhos rancorosos e se apressou a desviar os dela.

“Bancando a inocente, hein?”, disse o padre Monroe, olhando para o seu rebanho e esboçando um sorriso. “Quantos anos você tem,

Catherine?”

“Dezesseis, padre”, respondeu a minha mãe.

“Fale mais alto. Para que as pessoas no fundo da igreja também ouçam.”

“Dezesseis, padre.”

“Dezesseis. Agora levante a cabeça e olhe para os seus próximos. Para a sua mãe e o seu pai, que sempre levaram uma vida decente, cristã, e são dignos dos pais que vieram antes deles. E para os seus irmãos, que, todos sabemos, são rapazes bons, honrados, trabalhadores e nunca desencaminharam uma menina. Você está vendo todos eles, Catherine Goggin?”

“Sim, padre.”

“Se eu tiver de mandar você falar mais alto outra vez, dou-lhe um bofetão aqui mesmo no altar, e ninguém nesta igreja terá coragem de dizer que a culpa é minha.”

“Sim, padre”, repetiu ela, agora mais alto.

“‘Sim.’ Essa há de ter sido a única vez que você disse esta palavra numa igreja, entende, mocinha? Para você, não haverá casamento. Vejo que está com as mãos na barriga gorda. Tem algum segredo escondido aí dentro?”

Agora um arquejo nos bancos. Era o que a congregação suspeitava, claro — que outra coisa podia ser? —, mas esperava confirmação. Amigos e inimigos trocaram rápidos olhares, todos já preparando conversas mentalmente. *Os Goggin, diriam. Eu não esperava outra coisa dessa família. Ele mal sabe escrever o próprio nome num pedaço de papel e ela é uma esquisitona.*

“Eu não sei, padre”, disse a minha mãe.

“Não sabe. Claro que não. Será que você é uma vadiazinha ignorante sem mais noção do que um coelho numa gaiola? E de moral igual, diga-se de passagem. E todas as moças aí”, gritou o sacerdote, voltando-se para olhar para a gente de Goleen, toda imobilizada nos bancos quando ele apontou para as garotas. “Vocês devem olhar bem para Catherine Goggin e aprender o que acontece com as moças que não se importam com a virtude. Acabam assim: com um filho na barriga e sem marido para cuidar dele nem dela.”

Um rumor inundou a igreja. Sabia-se de uma garota que engravidara no ano anterior em Sherkin Island. Foi um escândalo maravilhoso. Tinha acontecido a mesma coisa em Skibbereen no penúltimo Natal. Então Goleen ficaria com o mesmo estigma vergonhoso? Nesse caso, a notícia já teria corrido toda West Cork à hora do chá.

“Agora, Catherine Goggin”, continuou o padre Monroe, pousando a mão no ombro dela e apertando com força o osso entre os dedos. “Perante Deus, a sua família e toda a boa gente desta paróquia, você vai dizer o nome do rapazinho que dormiu com você. Diga o nome agora para que ele confesse e seja perdoado perante os olhos do Senhor. E, depois disso, você vai sair desta igreja e desta paróquia e nunca mais voltará a sujar o nome de Goleen, está ouvindo?”

Ela ergueu a vista e se voltou para o meu avô, cujo rosto estava como de granito, os olhos fitos na imagem de Jesus crucificado pendurada no altar.

“O pobre do seu pai não pode ajudá-la”, disse o padre, acompanhando a direção do seu olhar. “Por certo, não quer mais saber de você. Foi o que ele mesmo disse ontem à noite quando veio ao presbitério dar a notícia vergonhosa. E que ninguém culpe Bosco Goggin por isso, porque ele criou muito bem os filhos, criou-os com valores católicos, e quem pode responsabilizá-lo por uma maçã podre num barril cheio de maçãs boas? Diga já o nome do rapaz, Catherine, diga o nome para que a gente jogue você na rua e nunca mais tenha de olhar para a sua cara imunda. Ou por acaso não sabe o nome dele, é isso? Será que foram tantos que você não tem certeza?”

Ouviu-se um surdo murmúrio de insatisfação nos bancos. Mesmo em meio ao diz que diz, a congregação sentiu que o pároco tinha ido longe demais, pois implicava todos os rapazes na imoralidade. O padre Monroe, que tinha feito centenas de sermões naquela igreja durante duas décadas e sabia muito bem interpretar os fiéis, recuou um pouco.

“Não”, disse. “Não, eu sei que ainda há um vestígio de decência em você e que foi só um rapaz. Mas você vai me dar o nome dele agora, Catherine Goggin, ou eu quero saber o motivo.”

“Não vou”, disse a mãe, sacudindo a cabeça.

“O que significa isso?”

“Não vou”, repetiu ela.

“Não vai dizer? O tempo da timidez já passou, você não percebe, não? O nome, mocinha, do contrário eu juro diante da cruz que a escorraço desta casa de Deus na vergonha.”

A minha mãe ergueu os olhos e esquadrinhou a igreja. Foi como um filme, contou-me depois, todo mundo com a respiração suspensa, curioso por saber para quem ela apontaria o dedo acusador, cada mãe a rezar para que não fosse o seu filho. Ou, pior, o seu marido.

Ela abriu a boca e deu a impressão de estar prestes a responder, mas mudou de ideia e sacudiu a cabeça.

“Não vou dizer”, repetiu em voz baixa.

“Então desapareça de uma vez”, disse o padre Monroe e, em seguida, se colocou atrás dela e lhe aplicou uma violenta botinada no traseiro, fazendo-a tropeçar nos degraus do altar, as mãos estendidas à frente, pois, mesmo naquele estágio precoce do meu desenvolvimento, ela queria me proteger a qualquer custo. “Fora daqui, sua rameira, e fora de Goleen, e leve a sua infâmia para bem longe. Em Londres, há casas construídas para gente da sua laia, com camas em que você pode se jogar de costas, abrir as pernas para qualquer um e satisfazer a sua depravação.”

A congregação suspirou com horrorizado prazer ao ouvir tais palavras, os adolescentes excitados com a ideia, e, quando ela se levantou do chão, o padre tornou a avançar e, agarrando-lhe o braço, arrastou-a pela nave da igreja, a baba a lhe escorrer até o queixo, o rosto vermelho de indignação, e talvez a sua excitação fosse até visível para quem sabia onde procurar. A minha avó olhou ao redor, mas o meu avô lhe deu uma cotovelada no braço e ela voltou a olhar para a frente. O tio Eddie, o mais novo dos seis e o mais próximo da idade da minha mãe, se levantou e gritou, “Ah, parem com isso, agora chega”, e, no mesmo instante, o meu avô se levantou de um salto e o derrubou com um soco no queixo. A minha mãe não viu mais nada depois disso, quando o padre Monroe a jogou no adro, lá fora, deu-lhe uma hora para sair do vilarejo e disse que, a partir daquele dia, o nome de Catherine Goggin nunca mais seria ouvido nem pronunciado na paróquia de Goleen.

Ela me contou que ficou alguns minutos estendida no chão, sabendo que a missa ainda ia durar mais de meia hora, então se levantou e tomou o rumo de casa, onde já sabia que uma mala pronta a esperava diante da porta da rua.

“Kitty.”

Uma voz às suas costas a fez dar meia-volta e ela se surpreendeu ao deparar com o meu pai se aproximando, nervoso. Tinha-o visto na última fila, é claro, quando o padre a arrastou para a porta, e ele pelo menos deu a impressão de estar envergonhado.

“Não basta o que você já fez?”, ela perguntou, levando a mão à boca e afastando-a para examinar o sangue que lhe manchou as unhas mal aparadas.

“Não era isso que eu queria, de jeito nenhum”, disse ele. “Lamento o seu problema, palavra que lamento.”

“O meu problema? Num mundo diferente, o problema seria nosso.”

“Ah, pare com isso, Kitty”, pediu o meu pai, usando o apelido

pelo qual a chamava desde a infância. “Não seja assim. Tome”, acrescentou, estendendo-lhe duas verdes libras irlandesas. “Isso vai ajudar você a começar a vida em outro lugar.”

Ela olhou para as cédulas um momento, depois as ergueu no ar e as rasgou lentamente bem no meio.

“Ah, Kitty, não há necessidade de...”

“Por mais que digam o contrário lá dentro, eu não sou puta”, disse ela, amassando as notas e jogando-as aos pés dele. “Pegue o seu dinheiro. Cole-o com um pedaço de fita adesiva e compre um bonito vestido no aniversário da tia Jean.”

“Nossa, Kitty, baixe a voz, pelo amor de Deus!”

“Você não vai ouvir minha voz nunca mais”, disse ela, tomando o caminho de casa, de onde seguiria para embarcar no ônibus do fim da tarde para Dublin. “Boa sorte para você.”

E, com isso, despediu-se de Goleen, a sua terra natal, que ela só voltaria a ver mais de sessenta anos depois, quando esteve comigo naquele mesmo adro procurando entre as lápides os restos da família que a expulsou.

PASSAGEM SÓ DE IDA

A minha mãe tinha economias, é claro: algumas libras guardadas nos últimos anos num pé de meia na gaveta da cômoda. Uma tia idosa, falecida três anos antes da sua desgraça, dava-lhe alguns centavos em troca de pequenos serviços, e eles se acumularam com o tempo. E ainda restava parte do dinheiro da sua comunhão e mais um pouco da crisma. Ela nunca tinha sido perdulária. Não precisava de quase nada, e as coisas das quais podia ter gostado, nem sabia que existiam.

Como previra, a mala estava à sua espera quando chegou em casa, muito bem arrumada e apoiada junto à porta, o casaco e o chapéu em cima. Mamãe deixou essas duas peças no braço do sofá porque eram velhas, e a roupa de domingo que vestia por certo seria bem mais útil em Dublin. Abrindo-o agora, examinou o pé de meia e lá estava ele, o segredo tão cuidadosamente escondido como o dela própria havia estado até a noite da véspera, quando a sua mãe entrou no quarto sem bater e a encontrou diante do espelho, a blusa aberta, acariciando a barriga convexa com um misto de pavor e fascínio.

No seu lugar em frente à lareira, o cachorro velho olhou para ela e bocejou demoradamente, mas não correu ao encontro da garota abanando o rabo como de costume, pedindo um afago ou um elogio.

Mamãe foi ao seu quarto e o examinou pela última vez em busca de alguma coisa que talvez quisesse levar consigo. Havia livros, é claro, mas já tinha lido todos e não faltaria o que ler quando chegasse ao seu destino. Uma pequena imagem de porcelana de santa Bernadete estava no criado-mudo e, por nenhum motivo sensato que lhe ocorresse, a não ser irritar os pais, ela virou o rosto da santa para a parede. Também avistou uma caixinha de música, originalmente da sua mãe, na qual guardava lembranças e tesouros, e começou a vasculhá-la enquanto a bailarina rodopiava e a caixa soltava um acorde de *La Esmeralda* de Pugnî, mas logo decidiu que aquelas coisas pertenciam a uma vida diferente e a fechou com firmeza, a dançarina a se dobrar à altura da cintura antes de desaparecer de vez.

E *tudo bem*, pensou ao sair da casa pela última vez e ir até o correio, onde ficou sentada na relva seca até que um ônibus chegou e ela escolheu um assento na traseira e com a janela aberta e, durante toda a viagem, tratou de respirar regularmente para vencer a náusea no terreno pedregoso, entrando em Ballydehob e passando por Leap, seguindo para Bandon e Innishannon e enfim virando para o norte e chegando à própria Cork, lugar que nunca visitara, mas que o seu pai dizia que era infestado de jogadores, protestantes e beberrões.

Por dois centavos, tomou uma tigela de sopa de tomate e uma xícara de chá num café do Lavitt's Quay e então seguiu pela margem do rio Lee até Parnell Place, onde comprou passagem para Dublin.

“Ida e volta?”, perguntou o motorista, vasculhando a carteira à procura de troco. “Sai mais barato se a senhora for voltar.”

“Eu não vou voltar”, respondeu ela, pegando a passagem e guardando-a cuidadosamente na bolsa, pois sentia que era preciso preservar aquele item, uma lembrança de papel com a data do início da sua nova vida estampada em tinta muito preta.

DE PERTO DE BALLINCOLLIG

Outra pessoa teria ficado assustada ou chateada quando o ônibus saiu da estação e iniciou a viagem para o norte, mas não a minha mãe, que tinha a firme convicção de que os dezesseis anos que havia passado em Goleen, sendo menosprezada, tratada com desdém ou como menos importante que qualquer um dos seis irmãos, a tinham levado àquele momento de independência. Por jovem que fosse, já estabelecera uma paz incômoda com o seu estado, que, contou-me depois, havia descoberto pela primeira vez no armazém de David Talbot, na rua principal, parada junto a uma pilha de caixas de

laranjas frescas, quando sentiu o meu pé ainda em formação pressionar-lhe a bexiga, um mero espasmo de desconforto que podia ser qualquer coisa, mas que ela soube imediatamente que enfim viria a ser eu. Não cogitou nenhum aborto clandestino, muito embora algumas moças do vilarejo falassem muito numa viúva de Tralee que fazia coisas terríveis com sais de Epsom, sacos de borracha a vácuo e um fórceps. Por seis shillings, diziam, você entra na casa dela e, horas depois, sai com um ou dois quilos a menos. Não, ela sabia exatamente o que fazer quando eu nascesse. Só precisava esperar a minha chegada para executar o seu Grande Plano.

O ônibus de Dublin estava quase lotado e, na primeira parada, subiu um rapaz com uma surrada mala parda e olhou para os poucos lugares ainda vagos. Quando ele parou momentaneamente ao seu lado, a minha mãe sentiu um par de olhos a penetrarem, mas não teve coragem de se virar e encará-lo, pois podia ser um conhecido da família que já estava informado da sua vergonha e só precisava ver a cara dela para fazer um comentário cáustico. Mas o rapaz não disse nada e, pouco depois, seguiu para o fundo. Só quando o ônibus já havia percorrido uns oito quilômetros foi que voltou para onde ela estava e apontou para o assento vazio ao seu lado.

“A senhora dá licença?”

“O senhor já não tem lugar lá atrás?”, perguntou ela, olhando de relance para a traseira do ônibus.

“É que o sujeito ao meu lado resolveu comer sanduíches de ovo, e o cheiro é de virar o estômago.”

A minha mãe deu de ombros, afastou o casaco do assento e aproveitou para olhar rapidamente para ele. Estava com um terno de tweed, a gravata frouxa no colarinho e um boné que tirou e prendeu entre as mãos. Alguns anos mais velho, decidiu a mamãe, dezoito ou dezenove talvez, e, embora ela fosse o que naquele tempo chamavam de “uma beldade”, a combinação da gravidez com os acontecimentos dramáticos daquela manhã não lhe deixou a menor disposição para flertar. Muitas vezes, os rapazes do vilarejo tentaram iniciar um romance com ela, é claro, mas não lhe despertaram o interesse, coisa que lhe valeu uma reputação de virtude agora destrocada. Havia garotas das quais se dizia que bastava um estímulozinho para que fizessem, mostrassem ou beijassem alguma coisa, mas Catherine Goggin nunca fora uma delas. Aqueles rapazes ficariam chocados, ela se deu conta, quando soubessem da sua desgraça, e alguns deles lamentariam não ter se empenhado mais em seduzi-la. Na sua ausência, diriam que a minha mãe sempre tinha sido à toa, e isso a

incomodava muito, pois ela e a pessoa que a imaginação sórdida daquela gente inventaria nada teriam em comum, a não ser o nome.

“Dia manso apesar de tudo”, disse o rapaz ao seu lado.

“Como é que é?”, perguntou ela, voltando-se para encará-lo.

“Eu disse que foi um dia manso. Nada ruim para esta época do ano.”

“É, acho que sim.”

“Ontem choveu e, hoje de manhã, o céu estava carregado. Mas, veja, não choveu nem um pouco. O tempo está ótimo.”

“O senhor se interessa pelo tempo, não é?”, perguntou ela, ouvindo o tom sarcástico da sua própria voz, mas sem se importar.

“Fui criado numa fazenda”, contou o rapaz. “Para mim, é a segunda natureza.”

“Eu também. O meu pai passou a metade da vida olhando para o céu ou farejando o ar do fim da tarde para saber o que esperar no dia seguinte. Dizem que chove o tempo todo em Dublin. O senhor acredita?”

“Acho que logo a gente vai descobrir. A senhora vai até o fim?”

“Como?”

O rapaz corou da base do pescoço até a ponta das orelhas, e a velocidade da transformação a fascinou. “Até Dublin”, apressou-se a dizer. “Vai até Dublin ou pretende desembarcar numa das paradas?”

“O senhor quer o meu lugar à janela? É isso? Porque pode sentar aqui se quiser. Eu não faço questão.”

“Não, de jeito nenhum. Eu perguntei por perguntar. Estou bem aqui. Quer dizer, a menos que a senhora também resolva comer sanduíche de ovo.”

“Eu não tenho nada de comer”, contou mamãe. “Bem que eu gostaria.”

“Eu tenho meio presunto assado na mala. Posso cortar uma fatia se a senhora quiser.”

“Não posso comer no ônibus. Me dá enjoo.”

“Posso saber o seu nome?”, perguntou o moço, e a minha mãe hesitou.

“Algum motivo para querer saber?”

“Para poder chamar você pelo nome.”

A minha mãe o encarou e, pela primeira vez, notou o quanto era bonito. Cara de menino, contou-me depois. Pele lisa que nunca sentiu o raspar de uma navalha. Cílios compridos. Cabelo loiro que lhe caía na testa e nos olhos por mais que ele tentasse domá-lo. Algo no jeito dele a fez acreditar que aquele garoto não era de modo algum uma

ameaça, e ela enfim cedeu, baixou a guarda.

“Catherine. Catherine Goggin.”

“Prazer em conhecê-la. Eu sou Seán MacIntyre.”

“Você é da cidade, Seán?”

“Não, sou de perto de Ballincollig. Conhece?”

“Já ouvi falar, mas nunca estive lá. Na verdade, nunca estive em lugar nenhum.”

“Bom, agora está indo a um lugar. À cidade grande.”

“Pois é, estou.” Mamãe se virou para a janela e viu os campos por que iam passando e as crianças trabalhando nos montes de feno que começaram a acenar aos pulos quando viram o ônibus na estrada, vindo na direção delas.

“Você vai e volta muito?”, quis saber Seán pouco depois.

“Eu o quê?”

“A Dublin”, Seán levou a mão ao rosto perguntando-se, talvez, por que tudo quanto ele dizia saía errado. “Você vai e volta muito pela estrada? Tem família lá?”

“Eu não conheço ninguém fora de West Cork. O lugar é um mistério para mim. E para você?”

“Eu nunca estive em Dublin, mas um amigo meu foi para lá faz um mês e logo arranhou emprego na cervejaria Guinness e disse que também tem uma vaga para mim se eu quiser.”

“Os garotos passam o tempo todo bebendo o que ganham?”

“Ah, não, é claro que ali tem regras, sabe. Chefes etc. Caras fazendo a ronda para não deixar ninguém bebericar a cerveja preta. Mas o meu amigo diz que o cheiro do lugar deixa todo mundo meio louco. O lúpulo, a cevada, a levedura e tudo. Diz que a gente sente o cheiro nas ruas próximas e que as pessoas do bairro andam o dia todo com ar apalermado.”

“Provavelmente vivem bêbadas. E sem gastar um centavo.”

“O meu amigo diz que o empregado novo demora uns dias para se acostumar com o cheiro da fábrica e, até lá, se sente bem doente.”

“O meu pai gosta de cerveja Guinness”, disse a minha mãe, recordando o gosto amargo das garrafas de rótulo amarelo que o meu avô de vez em quando levava para casa e que ela uma vez provou quando ele não estava vendo. “Vai ao pub toda noite de quarta e de sexta-feira. Sem falta. Nas quartas, limita-se a três canecas com os amigos e volta para casa a uma hora respeitável, mas nas noites de sexta, enche a cara. Geralmente volta às duas da madrugada, acorda a minha mãe e a manda cozinhar um prato de salsichas e um bom chouriço e, quando ela diz não, ele a ameaça com os punhos.”

“Para o meu pai, toda noite era de sexta-feira”, disse Seán.

“É por isso que você quer ir embora?”

Ele deu de ombros. “Em parte”, disse depois de uma longa pausa. “Aconteceram uns problemas lá em casa, para ser franco. Era melhor eu dar o fora.”

“Que problemas?”, indagou ela, intrigada.

“Sabe, eu prefiro esquecer tudo isso, se você não se importa.”

“Claro que não. Mesmo porque não é da minha conta.”

“Não foi isso que eu quis dizer.”

“Eu sei que não. Tudo bem.”

Seán fez menção de dizer mais alguma coisa, mas um garotinho correndo pelo corredor lhes chamou a atenção. Estava com um cocar de índio e emitia os sons correspondentes, uma gritaria de dar dor de cabeça num surdo. O motorista deu um berro e disse que, se não controlassem aquele menino, ele ia dar meia-volta e largar todo mundo em Cork, sem reembolso.

“Mas e você, Catherine?”, perguntou Seán quando tudo se acalmou de novo. “Por que você está indo para a capital?”

“Se eu contar”, disse a minha mãe, que, de certo modo, sentiu que podia confiar naquele desconhecido, “você promete não me dizer nada cruel? Hoje eu ouvi um monte de coisas desagradáveis e a verdade é que já não tenho força para ouvir mais.”

“Eu procuro nunca dizer coisas desagradáveis.”

“Eu vou ter um bebê”, contou a minha mãe, olhando-o nos olhos e sem nenhuma vergonha. “Vou ter um bebê e não tenho marido que me ajude a criá-lo. E houve uma verdadeira guerra por causa disso, é claro. Os meus pais me expulsaram de casa e o padre me mandou embora de Goleen para eu nunca mais macular o lugar.”

Seán balançou a cabeça, mas, desta vez, apesar da delicadeza do assunto, não corou. “Essas coisas acontecem, imagino”, disse. “Ninguém é perfeito.”

“Este aqui é”, afirmou a minha mãe, apontando para a barriga. “Pelo menos por enquanto.”

Seán sorriu e olhou para a frente, e, depois disso, os dois passaram um bom tempo calados e talvez tenham cochilado ou quem sabe um deles fechou os olhos para dar essa impressão e poder ficar a sós com os seus pensamentos. Em todo caso, havia passado mais de uma hora quando a minha mãe, novamente desperta, virou-se para o vizinho e lhe tocou de leve o antebraço.

“Você sabe alguma coisa de Dublin?”, perguntou. Talvez ela tivesse enfim se dado conta de que não tinha ideia do que fazer nem

de aonde ir quando chegassem.

“Eu sei que é onde fica a Dáil Éireann¹ e que o rio Liffey passa pelo centro dela e que a loja de departamentos Clerys fica numa rua grande e comprida com o nome de Daniel O’Connell.”

“Claro, todos os municípios da Irlanda têm uma rua com o nome dele.”

“É verdade. Assim como têm uma rua do Comércio. E uma rua Principal.”

“E uma rua da Ponte.”

“E uma rua da Igreja.”

“Deus nos livre de qualquer rua da Igreja”, riu a minha mãe, e Seán também achou graça, um par de garotos rindo da sua própria irreverência. “Eu vou para o inferno por causa disso”, acrescentou ela quando pararam de rir.

“Claro, nós todos vamos para o inferno”, disse Seán. “Eu mais do que os outros.”

“Por que mais do que os outros?”

“Porque eu sou um sujeito ruim”, disse ele com uma piscadela, e a minha mãe tornou a rir e sentiu vontade de ir ao banheiro, perguntando-se quanto tempo levaria para que o ônibus parasse em algum lugar. Depois ela me contou que aquele foi o único momento, durante a viagem, em que sentiu algo parecido com atração por Seán. No íntimo, fantasiou brevemente que eles saíam do ônibus já namorados, se casariam dali a um mês e me criariam como se eu fosse filho dos dois. Um bonito sonho, imagino, mas isso jamais aconteceria.

“Você não me parece um sujeito ruim.”

“Ah, você precisa ver quando eu começo.”

“Não vou esquecer. Mas fale nesse seu amigo. Há quanto tempo você disse que ele está em Dublin?”

“Há pouco mais de um mês”, respondeu Seán.

“E você o conhece bem?”

“Conheço, sim. Nós nos conhecemos há alguns anos quando o pai dele comprou a fazenda vizinha da nossa e, desde então, somos grandes amigos.”

“Devem ser mesmo, se ele arranjou emprego para você. A maioria das pessoas só pensa em si.”

Seán fez que sim e olhou para o chão, depois para as unhas, depois pela janela. “Portlaoise”, disse, reparando numa placa que passava. “Em todo caso, estamos chegando perto.”

“Você tem irmãos ou irmãs que vão ficar com saudade?”

“Não. Sou filho único. Depois que eu nasci, a minha mãe não

pôde mais ter filhos, e isso o meu pai nunca perdoou. Ele vive pulando a cerca. Tem várias amantes e ninguém nunca diz nada porque o padre avisou que todo homem espera que a mulher encha a casa de crianças e que terreno estéril não dá planta.”

“Eles são uns amores, não são?”, comentou a minha mãe, e Seán enrugou a testa. Apesar da sua irreverência, não estava acostumado a zombar do clero. “Eu tenho seis irmãos”, contou ela pouco depois. “Deles, cinco têm palha na cabeça no lugar do cérebro. O único de que eu gosto, o meu irmão mais novo, quer ser padre.”

“Que idade ele tem?”

“Um ano a mais que eu. Dezessete. Vai entrar no seminário em setembro. Duvido que seja feliz, porque eu tenho certeza de que ele é louco por garotas. Mas é o mais novo, entende, e já foi feita a partilha da fazenda entre os dois primeiros, e os outros dois vão ser professores, e o quinto não é capaz de trabalhar por causa de uma deficiência mental, de modo que só resta Eddie e o padre tem de ser ele. Todo mundo está bem ouriçado com isso, é claro. Creio que agora vou perder tudo”, acrescentou com um suspiro. “As visitas, as roupas e a ordenação pelo bispo. Acha que eles deixam uma mulher perdida escrever cartas para o irmão seminarista?”

“Eu não sei nada dessa vida”, disse Seán, sacudindo a cabeça. “Posso fazer uma pergunta, Catherine? Você pode me mandar às favas se não quiser responder.”

“Faça.”

“O pai não quer assumir a responsabilidade pelo... sabe... pelo bebê?”

“Que nada”, disse a minha mãe. “Está feliz da vida porque eu parti. Haveria um assassinato se alguém descobrisse quem é o pai.”

“E você não está com medo?”

“Do quê?”

“De enfrentar isso sozinha?”

A minha mãe sorriu. Seán era inocente e bom e talvez um pouco ingênuo, e, no fundo, ela se perguntava se uma cidade grande como Dublin era o melhor lugar para um sujeito como ele. “Claro que eu estou com medo. Estou com muito medo. Mas também estou entusiasmada. Detesto morar em Goleen. Para mim, nada melhor do que sair de lá.”

“Eu conheço esse sentimento. West Cork faz coisas esquisitas com quem passa muito tempo lá.”

“Qual é o nome do seu amigo afinal? O da Guinness?”

“Jack Smoot.”

“Smoot?”

“É.”

“Que nome esquisito.”

“A família dele tem holandeses, acho. Ancestrais, sabe?”

“Você acha que ele arranja emprego para mim também? Talvez eu possa trabalhar no escritório.”

Seán desviou a vista e mordeu o lábio. “Não sei”, disse lentamente. “Vou ser sincero com você: eu não gostaria de pedir, já que ele teve o trabalho de achar colocação para mim e para ele em pouquíssimo tempo.”

“Claro”, disse a minha mãe. “Eu fiz mal em pedir. É óbvio que eu mesma posso ir até lá um dia, se não aparecer nada. Vou mandar fazer um cartaz e pendurá-lo no pescoço. *Moça honesta procura trabalho. Vai ter de ficar algum tempo de licença daqui a uns quatro meses.* Eu não devia brincar com isso, não acha?”

“Você não tem nada a perder, imagino.”

“Você diria que há muito emprego em Dublin?”

“Eu diria que você não vai ficar muito tempo procurando. Você é uma... sabe... você é...”

“Sou o quê?”

“Bonita”, disse Seán encolhendo os ombros. “E os empregadores gostam disso, não? Você sempre pode ser balconista.”

“Balconista”, disse mamãe, balançando a cabeça lentamente, pensando na ideia.

“É, balconista.”

“Acho que sim.”

TRÊS PATINHOS

Na opinião da minha mãe, Jack Smoot e Seán MacIntyre eram diferentes como fogo e água, de modo que a surpreendeu eles serem tão bons amigos. Se Seán era extrovertido e afável a ponto de parecer inocente, Smoot era uma figura mais sombria e reticente, propenso, ela descobriria, a prolongados períodos de meditação e introspecção que, ocasionalmente, enveredavam pelo desespero.

“O mundo”, comentou ele algumas semanas depois de conhecê-la, “é um lugar terrível e a nossa desgraça foi ter nascido nele.”

“Mas está fazendo sol”, sorriu ela. “Portanto, nós contamos pelo menos com isso.”

Quando o ônibus chegou a Dublin, Seán, ao lado dela, ficou mais animado, olhando pela janela e arregalando os olhos ao ver as ruas e

os prédios desconhecidos que marcaram a sua chegada, maiores e mais cheios de gente que qualquer lugar em Ballincollig. Quando o motorista estacionou no Aston Quay, ele foi o primeiro a tirar a mala do bagageiro e se inquietou por ter de esperar os passageiros à frente pegarem os seus pertences. Quando enfim desembarcou, olhou ansiosamente à sua volta até avistar, do outro lado, um homem saindo da pequena sala de espera próxima à loja de departamentos McBirney's e indo em sua direção, coisa que o fez abrir um sorriso de alívio.

“Jack!”, gritou com a voz embargada de felicidade quando o homem um ou dois anos mais velho que ele se aproximou. Ficaram algum tempo parados um diante do outro, rindo, então trocaram um efusivo aperto de mão e Smoot, num raro momento de gracejo, tirou o boné da cabeça de Seán e o jogou para o alto com prazer.

“Então você veio mesmo”, disse.

“Você duvidava?”

“Não tinha certeza. Pensei que podia ficar plantado aqui feito o burro de O'Donovan.”

A minha mãe foi até eles feliz por estar de novo ao ar livre. Sem saber, naturalmente, que um plano tinha sido urdido em algum lugar entre Newbridge e Rathcoole, Smoot não lhe deu atenção e continuou totalmente concentrado no amigo. “E o seu pai?”, perguntou. “Você já...”

“Jack, esta é Catherine Goggin”, disse Seán quando ela parou ao lado dele fazendo o possível para ser discreta. Smoot a encarou, sem saber o porquê daquela apresentação.

“Olá”, disse depois de uma breve pausa.

“Nós nos conhecemos no ônibus”, explicou Seán. “Viajamos juntos.”

“É mesmo?”, surpreendeu-se Smoot. “Veio visitar parentes aqui?”

“Não exatamente”, respondeu a minha mãe.

“Catherine está numa enrascada”, esclareceu Seán. “Os pais a expulsaram de casa, e, por isso, veio tentar a sorte em Dublin.”

Smoot balançou a cabeça, a ponta da língua a empurrar a bochecha enquanto avaliava a novidade. Era moreno, tanto quanto Seán era loiro, e tinha o rosto bexigoso. Os seus ombros largos fizeram a minha mãe logo imaginá-lo carregando barris de Guinness no pátio da cervejaria, oscilando sob o mau cheiro do ar infestado de lúpulo e cevada. “Muita gente tenta”, disse ele enfim. “Há chances, claro. Alguns não conseguem e pegam o barco para atravessar o oceano.”

“Desde menina, eu tenho um sonho recorrente que, se puser o pé

num barco, ele afunda e eu morro afogada”, mentiu a minha mãe, inventando ali mesmo tamanho disparate, pois nunca tinha tido um sonho assim e só disse isso para que o plano que ela e Seán haviam concebido no ônibus fosse executado. Não tivera medo antes, contou-me, mas, quando chegou à cidade, a ideia de ficar sozinha a assustou.

Smoot não achou resposta para aquilo e simplesmente olhou para ela com desdém, e em seguida se voltou para o amigo.

“Bom, então vamos, não?”, perguntou enfiando as mãos nos bolsos do casaco e balançando a cabeça para dispensar a minha mãe. “Vamos para casa e depois comer alguma coisa. Só comi um sanduíche o dia todo e sou capaz de devorar um protestante pequeno se jogarem um pouco de molho na cabeça dele.”

“Ótimo”, disse Seán, e, quando Smoot se virou para servir de guia, seguiu-o a dois passos de distância com a mala na mão, enquanto Catherine o acompanhava alguns passos mais atrás. Smoot olhou à sua volta e franziu a testa, e os dois pararam, puseram as malas no chão. Ele os encarou como se tivessem enlouquecido, então continuou caminhando e, uma vez mais, os dois o seguiram. Por fim, Smoot se voltou para eles e, perplexo, pôs as mãos nos quadris.

“Está acontecendo alguma coisa que eu ainda não entendi?”, quis saber.

“Escute, Jack. A pobre Catherine está completamente sozinha no mundo. Não tem emprego nem muito dinheiro para se sustentar até arrumar trabalho. Eu disse que talvez ela possa ficar alguns dias com a gente, só até ela se arranjar. Você se importa?”

Smoot demorou um pouco para responder e a minha mãe detectou no seu rosto um misto de decepção e ressentimento. Chegou a pensar se não devia simplesmente dizer que estava tudo bem, que ela não queria ser um transtorno para nenhum dos dois e que ia deixá-los em paz, mas Seán tinha sido tão bom no ônibus, e, se ela não fosse com ele agora, aonde ir?

“Vocês dois se conhecem lá da nossa terra, não é?”, perguntou Smoot. “Estão querendo me engambelar ou o quê?”

“Não, Jack, nós acabamos de nos conhecer, palavra.”

“Espere um pouco”, disse Smoot, semicerrando os olhos e olhando para a barriga da minha mãe, que, aos cinco meses de gravidez, estava começando a se arredondar. “Você está...? É isso...?”

Mamãe revirou os olhos. “Eu devia pôr anúncio no jornal”, disse, “pela quantidade de interesse na minha barriga hoje.”

“Essa não”, disse Smoot, ficando mais sombrio que nunca. “Seán, isso tem algo a ver com você? Resolveu jogar esse problema no meu

colo?”

“Claro que não”, respondeu Seán. “Eu já disse, nós acabamos de nos conhecer. Viajamos no mesmo banco no ônibus, só isso.”

“E é verdade que eu já estava de cinco meses”, acrescentou a minha mãe.

“Sendo assim”, disse Smoot, “por que ela virou responsabilidade nossa? Estou vendo que você não tem aliança no dedo”, acrescentou, apontando com o queixo para a mão esquerda dela.

“Não”, disse mamãe. “E sem chance de arranjar uma agora.”

“Você está atrás de Seán, é isso?”

A minha mãe ficou boquiaberta num misto de riso e mágoa. “Não”, respondeu. “Afinal, quantas vezes nós temos de dizer que acabamos de nos conhecer? Eu não ia tentar seduzir ninguém depois de uma mera viagem de ônibus.”

“Não, mas acha ótimo já ir pedindo um favor para ele.”

“Ora, Jack, ela está sozinha”, disse Seán em voz baixa. “Nós dois sabemos o que é isso, não? Achei que um pouco de caridade cristã não nos faria mal.”

“Você e o seu Deus de merda”, rosnou Smoot, sacudindo a cabeça, e a minha mãe, mesmo sendo uma mulher forte, empalideceu com a blasfêmia, pois normalmente as pessoas não usavam semelhantes expressões em Goleen.

“Só por alguns dias”, insistiu Seán. “Até ela arranjar onde ficar.”

“Mas a gente não tem espaço”, choramingou Smoot. “Era só para nós dois.” Houve um prolongado silêncio e, enfim, ele encolheu os ombros e se deu por vencido. “Então venha. Como a minha opinião não importa nada mesmo, eu vou fazer o possível. Alguns dias, você diz?”

“Alguns dias”, concordou minha mãe.

“Só até você se organizar?”

“Só até lá.”

“Hum”, fez ele, caminhando a passos largos para que Seán e a minha mãe o seguissem.

O APARTAMENTO DA CHATHAM STREET

Quando eles estavam indo em direção à ponte, a minha mãe olhou por cima da balaustrada para o rio Liffey, uma suja mistura pardacenta e esverdeada a correr espavorida para o mar da Irlanda como se tivesse pressa de sair da cidade, deixando para trás os padres, os pubs e a política. Ela respirou fundo, fez uma careta e declarou que

aquela água estava longe de ser limpa como a de West Cork.

“Dá para lavar o cabelo nos córregos de lá”, prosseguiu. “Muita gente faz isso, é claro. Todo sábado de manhã, os meus irmãos vão tomar banho num riachinho atrás da nossa fazenda só com um sabonete Lifebuoy e voltam brilhando como o sol de um dia de verão. Uma vez, pegaram Maisie Hartwell espiando, e o pai deu uma surra naquela encardida. Maisie queria ver o passarinho deles.”

“Os ônibus”, declarou Smoot, virando-se e tirando da boca uma ponta de cigarro e esmagando-a com a bota, “vão e voltam, sabe.”

“Caramba, Jack”, disse Seán, e a decepção na sua voz foi tão comovente que a minha mãe logo soube que não gostaria de ser a destinatária daquele tom.

“Isso é o que nós chamamos de piada”, disse Smoot, tacitamente repreendido.

“Rá”, replicou a minha mãe, “rá.”

Smoot sacudiu a cabeça e retomou a caminhada, e ela ficou livre para contemplar a cidade, lugar que, segundo lhe haviam dito a vida toda, estava repleto de prostitutas e ateus, mas se parecia muito com a terra dela, só que com mais carros, prédios maiores e gente mais bem-vestida. Em Goleen, só havia o trabalhador, a esposa e os filhos. Ninguém era rico, ninguém era pobre, e o mundo mantinha a estabilidade deixando as mesmas quinhentas libras circularem sem percalços de um negócio a outro, da fazenda ao armazém e do bolso do assalariado ao botequim. Mas, em Dublin, ela via ricos de terno escuro com risca de giz ostentando um bigode cuidadosamente construído, damas elegantíssimas, estivadores e barqueiros, balconistas e ferroviários. Um advogado passou todo paramentado a caminho do Four Courts, a toga de popelina inflada de ar atrás dele feito uma capa, a peruca branca e curta ameaçando ser levada pelo vento. Vindo da direção oposta, um par de jovens seminaristas bêbados ziguezagueava na calçada; logo depois, passaram um menininho de cara suja de carvão e um homem vestido de mulher, coisa que ela nunca tinha visto na vida. *Oh, quem me dera ter uma câmera!*, pensou. *Isso abrandaria a tosse deles lá em West Cork!* Quando os três chegaram ao cruzamento, a mamãe se virou para ver melhor a O'Connell Street e deu com uma alta coluna dórica a certa distância, no alto da qual uma estátua se empavonava orgulhosamente, o nariz empinado para não sentir o cheiro ruim do povo que passava embaixo.

“Aquela é a Coluna de Horatio Nelson?”, perguntou ela, apontando para a coluna, e tanto Smoot quanto Seán a encararam.

“É”, respondeu Smoot. “Como você sabe?”

“Eu frequentei a escola e não foi uma *hedgerow school*, não.² Aprendi até a soletrar o meu nome, sabe? E a contar até dez. Em todo caso, é bem bonita, não?”

“É uma pilha de pedras vomitadas aí para comemorar a vitória dos britânicos em mais uma batalha”, rosnou Smoot sem ligar para o sarcasmo dela. “Na minha opinião, deviam mandar esse bastardo de volta para o lugar de onde veio. Faz mais de vinte anos que obtivemos a independência e continuamos com esse defunto de Norfolk olhando para nós aí de cima, vigiando cada movimento que fazemos.”

“Eu acho que ele dá certo esplendor ao lugar”, disse ela, mais para irritá-lo que por qualquer outra coisa.

“Acha mesmo?”

“Acho.”

“Boa sorte então.”

No entanto, a mamãe não se aproximou mais de Horatio naquela ocasião, pois eles iam na direção oposta ao longo da Westmoreland Street e, quando passaram pelo portão do Trinity College, ela ficou olhando para os bonitos rapazes reunidos sob o arco, todos muito chiques, e sentiu uma pontada de inveja no estômago. E se perguntou por que eles tinham direito àquele lugar que sempre lhe seria negado.

“Que turminha metida a besta essa aí, hein?”, disse Seán, acompanhando o olhar da minha mãe. “E todos protestantes, é claro. Jack, você conhece algum desses estudantes?”

“Ora, eu os conheço um por um”, respondeu Smoot. “Nós jantamos juntos toda noite e brindamos ao rei e ficamos dizendo o quanto o Churchill é fantástico.”

A mamãe sentiu uma chama de irritação arder dentro dela. Não tinha sido ideia sua passar algumas noites na casa dos dois, o responsável tinha sido o Seán e inclusive aquele fora um ato de caridade cristã da parte dele, mas, estando tudo planejado, ela não conseguia entender por que Smoot fazia tanta questão de ser grosseiro. Em todo caso, seguiram pela Grafton Street, viraram à direita na Chatham Street e finalmente chegaram a uma portinha vermelha ao lado de um pub, quando Smoot tirou do bolso uma chave de latão e se voltou para eles.

“O senhorio não mora no imóvel, graças a Deus”, disse. “O sr. Hogan vem toda manhã de sábado cobrar o aluguel e eu me encontro com ele aqui fora. A única coisa que esse sujeito faz é falar na porra da guerra. Torce para os alemães. Quer que eles ganhem. O idiota acha que vai ser muito justo se quebrarem a espinha dos britânicos, mas o que acontece depois, eu digo pra ele, *Qual será o país seguinte?* O

nosso. Quando o Natal chegar, vai encontrar nós todos fazendo a saudação nazista e marchando pela Henry Street a passo de ganso e com o braço erguido. Não que a gente chegue a tanto, essa bosta está quase no fim. Em todo caso, eu pago três shillings de aluguel por semana”, acrescentou, olhando para Catherine, que o entendeu perfeitamente, mas preferiu ficar calada. Sete dias por semana perfaziam cinco centavos por dia. Dois ou três dias, quinze centavos. Muito justo, decidiu ela.

“Retrato a um centavo!”, gritou um rapazinho que vinha pela rua com uma câmera pendurada no pescoço. “Um centavo o retrato!”

“Seán!”, gritou a minha mãe, puxando-lhe o braço. “Olhe só. Um amigo do meu pai, em Goleen, tinha uma câmera. Você já tirou fotografia?”

“Eu não.”

“Vamos tirar uma agora”, propôs ela com entusiasmo. “Lembrança do nosso primeiro dia em Dublin.”

“É jogar fora um centavo”, resmungou Smoot.

“Acho que vai ser uma boa lembrança”, disse Seán, acenando para o rapaz e dando-lhe um centavo. “Venha, Jack. Você também precisa sair na foto.”

A mamãe ficou ao lado de Seán, mas quando Smoot se aproximou, tentou afastá-la com um tranco, e o obturador clicou justamente quando ela se virou para ele, irritada.

“Fica pronta daqui a três dias”, disse o rapaz. “Qual é o endereço?”

“Aqui mesmo”, respondeu Smoot. “Pode jogá-la na caixa postal.”

“Vamos receber só uma?”, perguntou a minha mãe.

“Custa um centavo cada”, explicou o fotógrafo. “Se vocês quiserem outra, fica mais caro.”

“Uma é suficiente”, disse ela e se afastou quando Smoot usou a chave para que entrassem.

A escada era bem estreita, de modo que só dava para subir uma pessoa por vez; o papel de parede amarelado estava descascando dos dois lados. Não havia corrimão, e quando a minha mãe fez menção de pegar a mala, Seán se apressou a pegá-la e fez sinal para que ela subisse atrás de Smoot.

“Vá entre nós dois. Não quero que você caia e machuque o bebê.”

A minha mãe sorriu agradecida e, quando chegou ao alto da escada, entrou numa salinha com uma banheira de estanho num canto, uma pia e, encostado na parede em frente, o maior sofá que ela já tinha visto. Como conseguiram carregar aquilo escada acima era um

grande mistério. Parecia tão macio e confortável que lhe deu vontade de se jogar nele e fazer de conta que todas as suas aventuras das últimas vinte e quatro horas não tinham existido.

“Bom, é isso aí”, disse Smoot, olhando em volta com um misto de orgulho e constrangimento. “A pia funciona quando dá na telha, mas a água sai gelada e é foda encher o balde e arrastá-lo até a banheira quando a gente vai tomar banho. Se quiser ir ao banheiro, pode usar o do pub ao lado. Mas finja que vai se encontrar com alguém, do contrário eles a jogam na rua com um pé na bunda.”

“Nós vamos ouvir *merda, bosta, foda e bunda* o tempo todo, sr. Smoot?”, perguntou a minha mãe, sorrindo. “Eu não ligo, entende, mas só para saber o que me espera.”

Smoot a encarou. “Não gosta do meu linguajar, Kitty?”

O sorriso da minha mãe desapareceu instantaneamente. “Não me chame assim. O meu nome é Catherine.”

“Ora, vou tentar ser mais cavalheiro se isso a ofende tanto, Kitty. Vou tomar um puta cuidado agora que nós temos uma...” Smoot se interrompeu e apontou para a barriga da minha mãe. “... uma dama dentro de casa.”

Ela engoliu em seco, pronta para atacá-lo, mas que podia fazer se ele estava dando um teto para ela?

“É um lugar ótimo”, Seán tratou de dizer para aliviar a tensão. “Muito aconchegante.”

“É mesmo”, sorriu Smoot, e a minha mãe indagou o que poderia fazer para conseguir ficar amiga dele do jeito que Seán obviamente tinha conseguido, mas não lhe ocorreu nada.

“Talvez”, disse por fim olhando para a porta entreaberta no canto, pela qual via uma cama no quarto contíguo, “talvez tenha sido um erro. Aqui não há espaço para nós três. O sr. Smoot tem o quarto, e imagino que o sofá esteja reservado para você, Seán. Não é justo eu ficar com ele.”

Seán olhou para o chão e não disse nada.

“Você pode dividir a cama comigo”, propôs Smoot, olhando para Seán, que estava vermelho de constrangimento. “A Kitty dorme no sofá.”

A atmosfera na sala ficou tão embaraçosa e incômoda que a minha mãe não soube o que pensar. Os minutos passaram, contou-me, e os três simplesmente ali parados, sem dizer uma palavra.

“Bom”, disse ela enfim, aliviada por ter achado uma frase escondida num canto da sua cabeça. “Vocês não estão com fome? Para agradecer aos dois, ainda tenho três jantares a pagar.”

Duas semanas depois, no dia em que chegou a Dublin a notícia de que Adolf Hitler havia metido uma bala na cabeça, a minha mãe entrou numa joalheria barata na Coppinger Row e comprou uma aliança: uma argolinha dourada ornamentada com uma pedra minúscula. Ainda não tinha saído do apartamento da Chatham Street, mas chegara a um discreto entendimento com Jack Smoot, que fez as pazes com a sua presença fingindo que ela não existia. Para ser útil, Catherine se encarregava da limpeza e usava o pouco dinheiro que possuía para que houvesse comida na mesa quando eles voltavam do trabalho, pois, afinal, Seán havia conseguido colocação na Guinness, embora não estivesse gostando muito.

“Eu passo a metade do dia carregando sacos de lúpulo de um lado para outro”, contou ele uma noite, quando estava relaxando os músculos na banheira enquanto a minha mãe aguardava no quarto, sentada na cama e de costas para a sala, mas com a porta entreaberta para que pudessem conversar. Era um quarto peculiar, pensou ela. Nada nas paredes, salvo uma cruz de santa Brígida e uma fotografia do papa Pio XII. Ao lado dela, o retrato tirado no dia em que eles chegaram a Dublin. O rapazinho havia feito um péssimo trabalho, pois, embora Seán estivesse sorrindo e Smoot parecesse semi-humano, o corpo dela ficou cortado ao meio pela moldura, a cabeça virada para a direita, irritada com o empurrão que Smoot lhe dera. Na cômoda encostada numa parede, as roupas dos dois garotos se amontoavam misturadas como se não importasse quem era o dono do quê. E a cama mal dava para uma pessoa, muito menos para os dois, cada qual com a cabeça numa extremidade. Não era à toa que eles emitiam os ruídos mais peculiares durante a noite. Os coitados deviam ter muita dificuldade para dormir.

“Estou com os ombros machucados, com as costas doloridas e sofrendo uma dor de cabeça terrível por causa do cheiro da cervejaria. Acho bom arranjar logo outro emprego porque eu não sei quanto tempo vou aguentar aquilo.”

“Mas, apesar de tudo, o Jack parece gostar de lá”, disse a minha mãe.

“Ele é feito de material mais resistente.”

“Que outra coisa você gostaria de fazer?”

Seán demorou um bom tempo para responder e ela o escutou agitar a água na banheira. Não sei se, no fundo, não teve vontade de se virar e pousar os olhos no corpo daquele moço, se não pensou em ir até lá e, sem um pinga de vergonha, pedir licença para também entrar

na banheira. Seán tinha sido bom para ela e era de uma beleza infernal, pelo menos foi o que mamãe me disse. Seria difícil não se sentir atraída.

“Sei lá”, respondeu Seán enfim.

“Algo na sua voz diz que você sabe.”

“Uma coisa me passou pela cabeça”, disse ele com certo embaraço. “Mas eu não sei se sirvo para isso.”

“Conte.”

“Você não vai rir?”

“Pode ser que sim. Uma boa gargalhada não me faria mal.”

“Bom, são os jornais”, disse ele depois de uma breve pausa. “O *Irish Times*, é claro, e o *Irish Press*. Eu imagino que possa escrever uns textos para eles.”

“Que textos?”

“Notícias, sabe? Eu escrevia um pouco em Ballincollig. Histórias e coisas do gênero. Alguns poemas. Ruins, a maioria, mas mesmo assim... Acho que posso melhorar se tiver uma chance.”

“Você quer ser jornalista?”

“Acho que sim, eu quero. Estou sendo ridículo?”

“O que há de ridículo nisso? Alguém tem de fazer esse trabalho, não?”

“Jack não acha a ideia boa.”

“E daí? Ele não é a sua mulher. Você pode decidir por si.”

“Não sei se me dariam emprego. Mas Jack também não quer ficar na Guinness o resto da vida. Tem vontade de abrir um pub.”

“É justamente disso que Dublin precisa. De mais um pub.”

“Aqui não. Em Amsterdam.”

“O quê?”, perguntou a minha mãe erguendo a voz, surpresa. “Por que ele quer ir para lá?”

“Imagino que seja o lado holandês dele. Jack nunca esteve lá, mas já ouviu falarem maravilhas da cidade.”

“Que maravilhas?”

“Que é diferente da Irlanda.”

“Ora, não chega a ser uma grande revelação. Lá tem os canais e sei lá mais o quê.”

“Diferente em outras coisas.”

Seán não disse mais nada e a minha mãe começou a temer que tivesse adormecido e se afogado na banheira.

“Eu também tenho novidades”, disse, esperando que ele respondesse sem demora, do contrário ela teria de olhar para a sala.

“Conte.”

“Amanhã vou ter entrevista para um emprego.”

“Não diga!”

“Digo”, riu a minha mãe enquanto Seán tornava a agitar a água, usando o pequeno sabonete que, dias antes, ela havia comprado numa banca do mercado e dado de presente a Smoot, em parte para agradecer a hospedagem e em parte para incentivá-lo a se lavar um pouco.

“Parabéns! Mas onde é afinal?”

“Na Dáil.”

“Na quê?”

“Na Dáil. Na Kildare Street. Você sabe, o prédio do Parlamento.”

“Eu sei o que é a Dáil”, riu Seán. “Fiquei surpreso, só isso. Que trabalho você vai fazer? De deputada? Será que a Irlanda vai ter a sua primeira primeira-ministra?”

“Servir no salão de chá. Fiquei de me encontrar com a sra. Hennessy às onze horas e ela vai me avaliar.”

“Puxa, é uma ótima notícia mesmo. Você acha que vai...”

Uma chave entrou na fechadura, ficou ali um instante, foi retirada e recolocada. Quando ouviu Smoot entrar no outro cômodo, a minha mãe se afastou um pouco na cama para que ele não a visse ali sentada e ficou olhando para uma rachadura na parede que parecia o curso do rio Shannon nas Midlands.

“Caramba!”, exclamou ele com uma ternura na voz que ela nunca tinha ouvido. “Que bela visão para quem volta para casa.”

“Jack”, disparou Seán imediatamente, também num tom diferente, com pressa para calá-lo. “Catherine está lá dentro.”

A minha mãe virou a cabeça e olhou em direção à sala no mesmo momento em que Smoot se voltou para a porta do quarto, e o seu olhar, ela me contou depois, ficou dividido entre o bonito peito nu, musculoso e sem pelos de Seán, mergulhado na água suja, e a cara de Smoot, que parecia cada vez mais irritada. Confusa, sem saber que erro havia cometido, ela tornou a virar a cabeça, satisfeita em esconder o rosto ruborizado.

“Olá, Jack”, gritou alegremente.

“Kitty.”

“Voltou do batente?”

Ele não disse nada. A sala mergulhou num demorado silêncio e a minha mãe teve vontade de se virar para ver o que estava acontecendo. Os dois rapazes pareciam não falar, mas, apesar do silêncio, ela teve certeza de que havia um tipo de conversa entre eles, ainda que fosse apenas com o olhar. Por fim, Seán falou.

“Catherine acabou de me contar que vai ter uma entrevista amanhã de manhã. No salão de chá da Dáil, você acredita?”

“Eu acredito em tudo que ela diz”, respondeu Smoot. “É verdade, Kitty? Você finalmente vai engrossar as fileiras das mulheres que trabalham? Minha nossa, depois disso, só fica faltando a unificação da Irlanda.”

“Se eu causar boa impressão...”, disse Catherine, sem prestar atenção ao sarcasmo dele. “Se a chefona gostar de mim, pode ser que eu fique com o emprego.”

“Catherine”, disse Seán em tom mais alto. “Agora eu vou sair, não olhe para cá.”

“Claro, eu fecho a porta para que você se enxugue. Precisa de roupa limpa?”

“Eu vou buscar”, disse Smoot e, entrando no quarto, pegou a calça de Seán no respaldo da cadeira e tirou da gaveta da cômoda uma camisa limpa, a roupa de baixo e as meias, as quais passou meio minuto segurando enquanto fitava Catherine, desafiando-a a erguer a vista e encará-lo, coisa que ela acabou fazendo.

“Você não acha que eles vão ter um probleminha? Os caras lá na Dáil?”

“Com o quê?”, perguntou a minha mãe, notando a maneira protetora como Smoot segurava a roupa de Seán, as de baixo na frente como que para intimidá-la.

“Com isso”, disse ele, apontando para a barriga da minha mãe.

“Eu comprei uma aliança”, respondeu ela, mostrando a mão esquerda.

“Isso fica bem em quem tem dinheiro. E como vai ser quando a criança nascer?”

“Para isso eu tenho o Grande Plano.”

“É o que você vive dizendo. Vai contar que plano é esse ou nós vamos ter de adivinhar?”

A minha mãe não respondeu e Smoot saiu.

“Tomara que você consiga”, murmurou ele ao passar por ela, em voz muito baixa para que só os dois ouvissem. “Tomara que você se acerte nessa porra de emprego e que então você saia daqui, vá morar na puta que pariu e nos deixe em paz.”

UMA ENTREVISTA NA DÁIL ÉIREANN

Quando chegou à Dáil na manhã seguinte, a minha mãe levava a aliança claramente visível no dedo anular da mão esquerda. Deu o

nome ao guarda de plantão à entrada, um grandalhão cuja expressão sugeria que ele preferia estar em cem outros lugares menos naquele e que consultou a lista dos visitantes do dia e sacudiu a cabeça declarando que o nome dela não constava.

“Consta, sim”, disse a minha mãe, inclinando-se e apontando para um nome ao lado de *11h00 — para a sra. C. Hennessy*.

“Está escrito Gogan”, disse o guarda. “Catherine Gogan.”

“Ora, é só um engano. O meu nome é Goggin, não Gogan.”

“Se a senhora não tem visita agendada, não posso deixá-la entrar.”

“Seu guarda”, disse ela, sorrindo com doçura. “Eu garanto que sou a Catherine Gogan que a sra. Hennessy está aguardando. Alguém simplesmente escreveu o meu nome errado, só isso.”

“E como eu vou saber?”

“Olhe, e se eu ficar esperando aqui e não aparecer nenhuma Catherine Gogan, o senhor me deixa entrar no lugar dela? Pode ser que ela perca a oportunidade e eu tenha a sorte de ficar com o emprego no lugar dela.”

O guarda suspirou. “Ora essa”, disse. “Eu estou farto disso lá em casa.”

“Farto do quê?”

“Venho trabalhar para ficar longe desse tipo de coisa.”

“Longe de que tipo de coisa?”

“Ande logo e pare de me amolar”, disse o homem, praticamente empurrando-a para dentro. “A sala de espera fica ali à esquerda. Nem pense em ir a outro lugar, eu te pego antes que você tenha tempo de piscar.”

“Que charme”, disse a minha mãe, passando por ele e dirigindo-se à sala indicada. Entrou, sentou-se, examinou a opulência do lugar e sentiu o coração bater com muita força.

Minutos depois, a porta se abriu e entrou uma mulher de uns cinquenta anos, esguia como um salgueiro, o cabelo escuro cortado bem curto.

“Srta. Goggin?”, disse, aproximando-se. “Eu sou Charlotte Hennessy.”

“Na verdade, sra. Goggin”, a minha mãe se apressou a dizer, levantando-se, e a expressão da mulher num instante passou de amigável a desconcertada.

“Oh”, fez ela, notando a barriga da minha mãe. “Meu Deus.”

“Prazer em conhecê-la. Obrigada por me receber. Espero que a vaga ainda esteja disponível.”

A sra. Hennessy abriu e fechou a boca várias vezes como um peixe a se retorcer no convés de um barco até sua vida se esgotar. “Sra. Goggin”, disse ela, voltando a sorrir quando indicou com um gesto que as duas se sentassem. “Ainda está disponível, sim, mas eu creio que houve um mal-entendido.”

“Oh?”, fez a minha mãe.

“Eu estou à procura de uma moça para o salão de chá, entende? Não de uma mulher casada e com um filho a caminho. Não podemos ter mulheres casadas aqui na Dáil Éireann. A mulher casada deve ficar em casa com o marido. O seu marido não trabalha?”

“O meu marido trabalhava”, disse a minha mãe, encarando-a e fazendo com que o lábio inferior tremesse um pouco, simulação que havia passado a manhã ensaiando no espelho do banheiro.

“E perdeu o emprego? Sinto muito, mas eu não posso fazer nada pela senhora. Todas as nossas meninas são solteiras. Jovens como a senhora, naturalmente, mas solteiras. É a preferência dos senhores deputados.”

“Ele não perdeu o emprego, sra. Hennessy”, disse a minha mãe, tirando o lenço do bolso e levando-o aos olhos. “Perdeu a vida.”

“Oh, meu Deus, eu lamento”, disse a sra. Hennessy levando a mão à garganta, chocada. “Coitado. O que aconteceu, se é que eu posso perguntar?”

“Aconteceu a guerra, sra. Hennessy.”

“A guerra?”

“A guerra. Ele foi combater exatamente como o pai combateu antes dele e o avô antes disso. Os alemães acabaram com ele. Há menos de um mês. Uma granada o despedaçou. Dele só restaram o relógio de pulso e a dentadura. A de baixo.”

Essa era a história que tinha inventado, muito embora soubesse, no íntimo, que era um tanto arriscada, pois não faltava quem pensasse mal dos irlandeses que lutavam do lado dos britânicos, e muitos dos que tinham essa opinião trabalhavam naquela Câmara Baixa. Mas a mentira não deixava de ter um tom heroico e ela decidira que aquele era o rumo a tomar.

“Pobre criatura infeliz”, disse a sra. Hennessy, estendendo a mão para apertar a dela: e naquele momento a minha mãe soube que estava praticamente empregada. “E a senhora grávida ainda por cima. É uma tragédia.”

“Se eu tivesse tempo para pensar em tragédias, seria”, respondeu a minha mãe. “Mas não posso me dar a esse luxo, essa é a verdade. Tenho de pensar no pequenino aqui dentro”, acrescentou, pousando a

mão protetora na barriga.

“A senhora não vai acreditar”, disse a sra. Hennessy, “mas aconteceu a mesma coisa à minha tia Jocelyn durante a Primeira Guerra. Fazia só um ano que estava casada com o meu tio Albert, e não é que ele se alista com os britânicos e acaba morrendo em Passchendaele? O dia em que ela recebeu a notícia foi o mesmo em que descobriu que ia ter um filho.”

“Posso lhe fazer uma pergunta, sra. Hennessy?”, pediu a minha mãe, aproximando um pouco mais o rosto. “Como a sua tia enfrentou a situação?”

“Oh, muito bem”, declarou a sra. Hennessy. “Nunca vi uma mulher tão positiva. Simplesmente tocou a vida, sabe? Mas era isso que as pessoas faziam naquele tempo. Grandes mulheres, todas elas.”

“Mulheres magníficas, sra. Hennessy. Eu podia aprender muita coisa com a sua tia.”

A mulher ficou radiante de prazer, mas o seu sorriso não tardou a desaparecer. “No entanto”, disse. “Não sei se vai dar certo. Posso saber quanto tempo falta?”

“Três meses.”

“Três meses. O trabalho é em tempo integral. Acho que você vai ter de ir embora quando o bebê nascer.”

A minha mãe fez que sim. É claro que tinha o seu Grande Plano e sabia que não seria bem assim, mas aquele era o momento decisivo e ela estava decidida a fazer bom uso dele.

“Sra. Hennessy”, disse. “A senhora parece ser uma mulher bondosa. Lembra muito a minha finada mãe, que cuidou de mim todos os dias da vida até sucumbir ao câncer no ano passado...”

“Oh, meu Deus, quanto sofrimento!”

“A senhora exala bondade como ela, sra. Hennessy. Permita-me deixar de lado a dignidade e me entregar à sua misericórdia e fazer uma sugestão. Eu preciso trabalhar, sra. Hennessy, preciso muito para poder guardar dinheiro para quando o bebê chegar, e a verdade é que não tenho quase nada. Se a senhora se dispuser a me empregar nos próximos três meses, eu prometo trabalhar como uma mula e não lhe dar motivo para se arrepender da sua decisão, e, quando chegar a hora, talvez a senhora ponha anúncio outra vez e encontre uma garota que precisa de uma chance como eu estou precisando neste momento.”

Já com lágrimas nos olhos, a sra. Hennessy se recostou na cadeira. Agora eu penso nisso e me pergunto por que a minha mãe estava tentando arranjar emprego na Dáil se bastava simplesmente atravessar

o Liffey e ser testada por Ernest Blythe.³

“E a saúde?”, indagou enfim a sra. Hennessy. “Posso saber como está a sua saúde em geral?”

“Ótima”, sorriu a minha mãe. “Eu não fiquei doente um único dia na vida. Nem mesmo nos últimos seis meses.”

A sra. Hennessy suspirou e correu os olhos pelas paredes, como se os homens ali representados em molduras de cantoneiras douradas pudessem orientá-la. Um retrato de W. T. Cosgrave estava pendurado acima do seu ombro e ele parecia encarar a minha mãe como que a dizer que sabia de todas as mentiras dela e que, se pudesse sair daquela tela, a expulsaria de lá a bengaladas.

“E a guerra está quase no fim”, disse a minha mãe pouco depois, coisa que nada tinha a ver com a conversa até ali. “A senhora soube que Hitler se matou? O futuro parece luminoso para todos nós.”

A sra. Hennessy fez que sim. “Eu soube”, disse com um dar de ombros. “Pena que não se suicidou há mais tempo, Deus me perdoe dizer uma coisa dessas. Nós todos temos tempos melhores pela frente, espero.”

UMA ESTADA MAIS LONGA

“Bom, depende de vocês”, disse a minha mãe a Seán e Smoot naquela noite, quando estavam no Brazen Head, comendo um bom ensopado servido numa terrina de louça. “Eu posso ir embora na semana que vem, quando receber o primeiro pagamento semanal, ou ficar no apartamento da Chatham Street até o bebê nascer e dar para vocês um terço do que eu receber até lá para pagar o aluguel. Eu gostaria de ficar, já que é confortável e vocês são as únicas pessoas que eu conheço em Dublin, mas foram muito bons para mim desde que cheguei e eu não quero abusar da hospitalidade de vocês.”

“Eu não ligo”, sorriu Seán. “Gosto das coisas do jeito que estão. Mas o apartamento é do Jack, é claro, de modo que é ele que tem a última palavra.”

Smoot pegou uma fatia de pão na travessa no centro da mesa e a passou pela borda da sua tigela, com cuidado para não desperdiçar nem uma gota do ensopado. Levou-a à boca e mastigou com cuidado antes de engolir, depois pegou a caneca e entornou a cerveja goela abaixo.

“Ora, nós já te hospedamos até agora, Kitty”, disse. “Uns meses a mais não vão fazer muita diferença, imagino.”

O trabalho no salão de chá da Dáil era bem mais difícil do que a minha mãe imaginara e, como talvez fosse previsível considerando o lugar, todas as moças tinham de aprender a ser diplomáticas no trato com os ilustres *TDs*.⁴ Durante o dia todo, eles andavam de lá para cá num vapor de odores corporais e fumaça de cigarro, exigindo uma torta de creme ou um *éclair* para acompanhar a xícara de café, e raramente mostravam alguma familiaridade com as boas maneiras. Alguns flertavam com as garotas sem esperar que isso levasse a alguma coisa; outros esperavam, sim, e às vezes ficavam agressivos quando rejeitados. Contavam-se histórias de garçonetes seduzidas e depois demitidas quando o homem se cansava delas; e de outras que se recusaram a aceitar uma proposta indecente e também foram despedidas. Ao que tudo indicava, chamar a atenção de um *TD* sempre levava a um único lugar: a fila dos desempregados. Na época, havia apenas quatro deputadas, as quais a minha mãe chamava de *MayBes* — Mary Reynolds de Sligo Leitrim e Mary Ryan de Tipperary, Bridget Redmond de Waterford e Bridget Rice de Monaghan — e eram os piores membros da Dáil, dizia ela, porque não queriam ser vistas falando com as garçonetes caso um dos homens se aproximasse e lhes pedisse que esquentassem a sua janta ou ajudassem a pregar um botão na manga da camisa.

O sr. de Valeras não frequentava muito o salão, ela me contou, pois geralmente a sra. Hennessy em pessoa lhe servia o chá no gabinete, mas, de quando em quando, aparecia à porta à procura de alguém e se sentava com alguns parlamentares para avaliar o estado de ânimo do partido. Alto e magro, com cara de bobo, disse ela, era sempre muito educado e, certa vez, repreendeu um dos seus assessores por ter estalado os dedos para chamá-la, atitude que lhe valeu a eterna gratidão da minha mãe.

As suas colegas se preocupavam muito com a situação dela. Aos dezessete anos, com um marido fictício morto numa guerra que finalmente acabara e com um filho muito real prestes a nascer, elas a encaravam com um misto de fascinação e pena.

“Quer dizer então que a sua pobre mãezinha também morreu?”, perguntou-lhe uma garota mais velha, Lizzie, numa tarde em que estavam lavando pratos.

“Morreu. Um acidente terrível.”

“Eu ouvi dizer que foi de câncer.”

“Oh, sim. Eu quis dizer uma desgraça terrível. Ela ter tido câncer.”

“Parece que é hereditário”, disse Lizzie, que devia ser uma pessoa divertidíssima. “Você não tem medo de também ficar com câncer?”

“Eu ainda não tinha pensado nisso”, respondeu a minha mãe, interrompendo o que estava fazendo para refletir. “Mas não vou pensar em outra coisa, agora que você me alertou.” Ela me contou que chegou a se perguntar, momentaneamente, se não corria o perigo de desenvolver a doença, mas logo se lembrou de que a sua mãe, a minha avó, estava vivinha da silva, morando com o marido e seis filhos desmiolados a duzentos quilômetros de distância, em Goleen, West Cork. E então voltou a relaxar.

O GRANDE PLANO

Na metade de agosto, a sra. Hennessy a chamou ao escritório e disse que achava que estava na hora de a minha mãe ir embora.

“É porque eu cheguei atrasada hoje?”, quis saber a minha mãe. “Foi a primeira vez que aconteceu. É que, quando eu ia sair, dei com um homem parado à minha porta e estava com cara de que queria me matar. Eu não quis sair sozinha porque ele continuava lá. Subi, olhei pela janela, e só vinte minutos depois o homem deu meia-volta e desapareceu pela Grafton Street.”

“Não é porque chegou atrasada”, disse a sra. Hennessy, sacudindo a cabeça. “Você sempre foi pontual, Catherine, ao contrário de algumas colegas suas. Não, eu simplesmente acho que chegou a hora, só isso.”

“Mas eu continuo precisando do dinheiro”, protestou ela. “Tenho de pensar no aluguel, no bebê e...”

“Eu sei e lamento muito, mas você já se olhou no espelho? Está enorme. Não vai demorar mais que alguns dias. Nem sinal ainda?”

“Não. Ainda não.”

“Acontece”, disse a sra. Hennessy, “que eu... Sente-se, Catherine, pelo amor de Deus, e tire o peso das pernas. Você não pode ficar muito tempo de pé no seu estado. Acontece que alguns *TDs* andam se queixando.”

“De mim?”

“De você.”

“Mas eu sou sempre educada. A não ser com aquele mosca-morta de Donegal que se esfrega em mim toda vez que passa e fala que eu sou o travesseiro dele.”

“Oh, eu sei muito bem disso. Acha que eu não a observei nesses três meses? Você ficaria trabalhando aqui até o fim da vida se não

fosse, sabe, se não fosse o fato de ter de assumir outras responsabilidades em breve. Você é exatamente a moça que eu procuro para o salão. Nasceu para esse trabalho.”

A minha mãe sorriu, decidindo tomar as palavras da chefe como um elogio, ainda que não tivesse tanta certeza disso.

“Não, não é do seu comportamento que eles se queixam. É do seu estado. Dizem que ver uma mulher já quase no fim da gravidez lhes tira o apetite.”

“A senhora está brincando?”

“Foi o que disseram.”

A minha mãe riu e sacudiu a cabeça. “Quem disse uma coisa dessas?”, perguntou. “A senhora pode me dar nomes, sra. Hennessy?”

“Não.”

“Foi uma das MayBes?”

“Não interessa, Catherine.”

“A filiação partidária então?”

“Os dois partidos. Um pouco mais do pessoal do Fianna Fáil,⁶ para ser franca. Mas você sabe como eles são. Os *blueshirts* parecem não se incomodar tanto.”⁷

“Por acaso é aquele fuinha que se autointitula ministro do...”

“Catherine, eu não vou entrar nesses detalhes”, insistiu a sra. Hennessy, erguendo a mão para calá-la. “O fato é que faltam apenas uns dias, no máximo uma semana, e você precisa de repouso. Faça o favor de ir para casa sem criar problemas. Você foi excelente, foi mesmo, e...”

“Claro”, disse a minha mãe, percebendo que era melhor parar de implorar mais tempo. “A senhora foi muito boa para mim, sra. Hennessy. Me deu emprego quando eu precisava e eu sei que não foi uma decisão fácil de tomar. Vou me despedir e ir embora com o coração cheio de afeto pela senhora.”

A sra. Hennessy suspirou com alívio e se acomodou na cadeira. “Obrigada”, disse. “Você é uma boa menina, Catherine. Vai ser uma ótima mãe, pode ter certeza. E, se precisar de alguma coisa...”

“Olhe, a verdade é que eu vou precisar de uma coisa”, interrompeu ela. “A senhora acha que eu posso voltar depois que o bebê nascer?”

“Voltar para onde? Para a Dáil? Oh, não, não é possível. Em primeiro lugar, quem vai cuidar do bebê?”

A minha mãe olhou de relance pela janela e respirou fundo. Foi a primeira vez que falou em voz alta no seu Grande Plano. “A mãe vai cuidar dele”, respondeu. “Ou dela. Seja menino ou menina.”

“A mãe?”, perguntou a sra. Hennessy, perplexa. “Mas...”

“Eu não vou ficar com o bebê, sra. Hennessy. Já está tudo combinado. Quando eu der à luz, uma freira redentorista corcunda vai pegar o bebê no hospital. Um casal da Dartmouth Square quer adotá-lo.”

“Minha Nossa Senhora!”, exclamou a sra. Hennessy. “E quando foi que você tomou essa decisão, se é que eu posso saber?”

“Isso eu decidi no dia em que descobri que estava grávida. Sou muito jovem, não tenho dinheiro nem a menor possibilidade de sustentar o meu filho. Não sou uma desalmada, palavra que não, mas tenho certeza de que vai ser muito melhor para ele se eu o entregar a uma família em condições de lhe dar um bom lar.”

“Bem”, respondeu a sra. Hennessy, pensando no que acabava de ouvir. “Acho que essas coisas acontecem. Mas você tem certeza de que consegue conviver com essa decisão?”

“Não, mas acho que é melhor assim. O bebê tem mais chance com eles do que teria comigo. Eles são ricos, sra. Hennessy. E eu não tenho onde cair morta.”

“E o seu marido? Ele também acharia que é melhor assim?”

A minha mãe não conseguiu continuar mentindo para aquela mulher tão bondosa, e a vergonha, talvez, transpareceu no seu rosto.

“Eu teria razão em pensar que não existiu nenhum sr. Goggin?”, perguntou enfim a sra. Hennessey.

“Teria”, respondeu a minha mãe em voz baixa.

“E a aliança?”

“Eu a comprei. Numa loja da Coppinger Row.”

“Foi o que eu imaginei. Nenhum homem tem bom gosto para escolher uma coisa tão elegante.”

A minha mãe ergueu a vista e esboçou um sorriso. Surpresa ao ver que a sra. Hennessy estava começando a chorar, tirou um lenço do bolso para oferecer a ela.

“A senhora está bem?”, perguntou sem entender aquele surto de emoção.

“Estou”, respondeu a sra. Hennessy. “Perfeitamente bem.”

“Mas está chorando.”

“Só um pouquinho.”

“Alguma coisa que eu disse?”

A sra. Hennessy a encarou e engoliu em seco. “Podemos fazer de conta que esta sala é um confessionário?”, perguntou. “E que o que uma disser para a outra não vai sair daqui?”

“Claro”, disse a minha mãe. “A senhora é tão boa para mim.

Espero que saiba que eu tenho muito afeto e respeito pela senhora.”

“É bom ouvir isso. Mas eu sempre achei que a história que você contou não era totalmente verdadeira e quis lhe mostrar a compaixão que faltou quando eu estava na sua situação. Talvez você não se surpreenda se eu disser que tampouco existiu um sr. Hennessy.” Ergueu a mão esquerda e as duas olharam para a sua aliança. “Eu a comprei por quatro shillings numa loja da Henry Street em 1913. Nunca mais a tirei do dedo.”

“A senhora também tem um filho?”, perguntou a minha mãe. “Precisou criá-lo sozinha?”

“Não exatamente. Eu sou de Wetmeath, sabe, Catherine?”

“Sim, sei. A senhora me contou uma vez.”

“Não ponho os pés naquele lugar desde que parti. Mas eu não vim a Dublin para ter o bebê. Eu o tive em casa. Na cama em que havia dormido todas as noites da minha vida até então, no mesmo quarto em que a pobre criança foi concebida.”

“E o que aconteceu com ele?”, quis saber a minha mãe. “Era menino?”

“Não, menina. Uma menininha linda. Não viveu muito tempo. A mamãe cortou o cordão umbilical quando ela saiu de dentro de mim, e o papai a levou ao quintal, onde um balde de água já a esperava, e a manteve mergulhada um ou dois minutos, o suficiente para afogá-la. Depois a jogou numa cova que ele havia cavado dias antes e a cobriu de terra. Assim acabou tudo. Ninguém nunca soube. Nem os vizinhos, nem o padre, nem os *gardai*.”⁸

“Jesus, Maria e José!”, exclamou a minha mãe, horrorizada.

“Eu não pude nem segurar a bebê no colo”, contou a sra. Hennessy. “A mamãe me limpou e eles me jogaram na rua naquele mesmo dia. Disseram para eu nunca mais voltar.”

“Eu fui denunciada no púlpito”, contou a minha mãe. “O pároco me chamou de puta.”

“Essa gente tem menos sensibilidade que uma colher de pau”, disse a sra. Hennessy. “Eu nunca vi crueldade como a dos padres. Este país...” Fechou os olhos e sacudiu a cabeça, e a minha mãe contou que ela parecia estar com vontade de gritar.

“É uma história terrível. Imagino que o pai da bebê não se ofereceu para casar com a senhora.”

A sra. Hennessy riu com amargura. “Não. Mesmo porque ele não podia”, disse. “Já era casado.”

“A mulher dele descobriu?”

A sra. Hennessy olhou fixamente para ela e, quando falou, a voz

lhe saiu baixa e mesclada com vergonha e ódio. “Já sabia de tudo”, disse. “Eu não te contei que foi ela que cortou o cordão umbilical?”

A minha mãe ficou um momento calada e, quando finalmente compreendeu o que a sra. Hennessy acabava de dizer, levou a mão à boca e sentiu náusea.

“Como eu disse, essas coisas acontecem. A sua decisão está tomada, Catherine? Vai entregar a criança?”

A minha mãe não conseguiu falar, mas fez que sim.

“Então, depois disso, tire duas semanas para descansar e volte para cá. Nós diremos que o bebê morreu e logo eles vão ter esquecido de tudo.”

“Vai dar certo?”, perguntou a minha mãe.

“Vai dar certo no que diz respeito a eles”, respondeu ela, segurando-lhe a mão. “Mas lamento dizer, Catherine, nunca vai dar certo no que diz respeito a você.”

VIOLÊNCIA

Estava escurecendo quando a minha mãe voltou para casa. Ao entrar na Chatham Street, sentiu um mal-estar quando viu um homem sair cambaleando do pub Clarendon's, o mesmo cuja presença à sua porta, naquela manhã, fez com que chegasse atrasada ao trabalho. Era muito gordo e seu rosto enrugado estava vermelho de bebida e exibia uma barba de dois ou três dias que lhe dava aparência de vagabundo.

“Ah, você apareceu”, disse quando ela se aproximou da porta de casa, o bafo de uísque tão forte que a obrigou a se afastar. “Para a minha grande surpresa.”

Ela não disse nada, mas tirou a chave do bolso e, na sua ansiedade, teve dificuldade para enfiá-la na fechadura.

“Tem quartos lá em cima, não?”, perguntou o homem, olhando para a janela no primeiro andar. “Muitos ou só aquele?”

“Só aquele. Se o senhor está à procura de lugar para ficar, bateu na porta errada.”

“O seu sotaque. Parece que você é de Cork. De onde é? De Bantry? De Drimoleague? Eu conheci uma pequena de Drimoleague. Uma criatura imprestável que ia com qualquer homem que chamasse.”

A minha mãe desviou a vista e forçou uma vez mais a chave emperrada na fechadura, praguejando em silêncio e torcendo o metal com violência para soltá-lo.

“O senhor pode sair da frente da luz?”, pediu, voltando-se e olhando-o nos olhos.

“Só um apartamento”, disse o grandalhão, coçando o queixo e pensando. “Quer dizer que você mora com eles?”

“Com quem?”

“Um arranjo bem esquisito.”

“Com *quem?*”, insistiu ela.

“Com os veados, é claro. Mas o que eles podem querer de você, afinal? Não prestam para mulher, nenhum dos dois.” Olhou para a barriga dela e sacudiu a cabeça. “Foi um deles que fez isso? Não, claro que não foi nenhum dos dois. Aliás, você nem sabe quem é o responsável, sabe, sua biscate imunda?”

A minha mãe se virou para a porta e, dessa vez, a chave entrou facilmente e a fechadura cedeu. No entanto, antes que ela entrasse, o homem se adiantou, passou à sua frente e avançou pelo corredor, deixando-a na rua, sem saber o que fazer. Só ao vê-lo começar a subir a escada ela recobrou o autocontrole e se enfureceu com a invasão.

“Desça já”, gritou. “Esta é uma residência particular, está ouvindo? Eu vou chamar os *gardai*!”

“Chame quem você quiser, porra!”, rugiu ele, e a minha mãe olhou à sua volta, mas não viu ninguém. Reunindo toda a coragem, seguiu-o escada acima, onde ele forçava inutilmente a maçaneta.

“Abra isso já”, disse o bêbado, ameaçando-a com um dedo gordo em riste, e ela chegou a notar a sujeira acumulada sob as unhas compridas. Um sujeito da roça, decidiu. E o sotaque dele também era de Cork, mas não de West Cork, que ela teria identificado na hora. “Abra isso já, mocinha, do contrário eu derrubo essa merda com um pontapé.”

“Não abro. E você vai sair daqui, senão eu...”

O homem lhe deu as costas e, cumprindo a palavra, ergueu a bota direita, deu um violento pontapé na porta, que se escancarou até se chocar contra a parede, fazendo um vaso cair de uma prateleira e se espatifar estrondosamente na banheira. A sala de estar estava vazia; porém, mesmo quando ele entrou aos tropeções, perseguido pela minha mãe, ouviram-se vozes ansiosas no quarto.

“Saia daí, Seán MacIntyre!”, berrou o grandalhão, cambaleando na sua embriaguez. “Saia já daí para eu te espancar até você entender o que é decência. Eu avisei o que ia fazer se pegasse vocês dois juntos outra vez.”

Ergueu a bengala — minha mãe não havia reparado na bengala até aquele instante — e golpeou algumas vezes a mesa com força suficiente para fazê-la estremecer com o barulho. O pai dela tinha uma bengala igual, e não foram poucas as ocasiões em que ela o viu

brandi-la, colérico, contra um dos seus irmãos. Ele tinha tentado castigá-la com bengaladas na noite em que o segredo dela foi revelado, mas, por sorte, a minha avó o impediu.

“Você está no lugar errado”, gritou a minha mãe. “Isso é loucura!”

“Saia daí!”, urrou o homem. “Saia daí, senão eu entro e acabo com os dois. E é pra já!”

“Vá embora”, disse a minha mãe, puxando-o pela manga, mas ele a empurrou com brutalidade, fazendo com que caísse e se chocasse com a poltrona, e uma dor instantânea lhe percorreu a espinha de ponta a ponta, como um rato fugindo. O bêbado arremeteu contra a porta do quarto, escancarando-a, e, para o assombro da minha mãe, lá estavam Seán e Smoot, nus como no dia em que nasceram, encostados na cabeceira da cama, ambos com expressão de pavor.

“Santo Deus!”, exclamou o homem, virando o rosto com asco. “Saia já daí, seu bastardinho encardido!”

“Papai”, disse Seán, saltando da cama, e a minha mãe não teve como deixar de olhar para aquele corpo nu enquanto ele se apressava a vestir a calça e a camisa. “Por favor, papai, vamos descer e...”

Ele foi para a sala de estar, mas antes que pudesse dizer outra palavra, o homem, o seu próprio pai, o agarrou pelo cangote e malhou a sua cabeça na única prateleira fixada na parede e com apenas três livros: a Bíblia, um exemplar de *Ulysses* e uma biografia da rainha Vitória. O ruído foi terrível, e Seán soltou um gemido que pareceu sair das profundezas do seu ser, e, quando ele se voltou, estava pálido e com uma mancha preta na testa, que, depois de palpar um momento como se não soubesse bem como devia proceder, se avermelhou quando o sangue começou a escorrer. As suas pernas fraquejaram e, quando ele caiu, o homem o agarrou e o arrastou até a porta, onde começou a agredi-lo com insistentes pontapés e bengaladas, proferindo blasfêmias a cada pancada.

“Largue-o!”, gritou a minha mãe, investindo contra o homem ao mesmo tempo que Smoot saía do quarto com um taco de *hurling*, uma decalcomania vermelha e branca grudada mostrando duas torres e um navio passando entre elas, e se lançava contra o agressor. Ainda estava completamente nu e, apesar do drama do momento, a minha mãe ficou chocada com os pelos que lhe cobriam o torso, tão diferente do peito de Seán, do meu pai e do dos seus irmãos, e com o pênis comprido e ainda úmido a balançar entre as pernas quando ele se aproximou dos três.

O homem bramiu quando o taco lhe atingiu as costas, mas o golpe foi ineficaz, e ele reagiu com um empurrão tão forte que Smoot caiu

de costas por cima do sofá e pela porta do quarto adentro, no qual, agora ela percebia, os garotos eram amantes desde o dia em que o ônibus chegou de Cork a Dublin. Tinha ouvido falar de gente assim. Na escola, os garotos riam deles o tempo todo. Não era de estranhar, disse consigo, que Smoot não a quisesse lá. Afinal, aquele era o ninho de amor deles. E a minha mãe era uma estranha naquele ninho.

“Jack!”, gritou ela quando Peadar MacIntyre — pois esse era o nome do homem — agarrou o filho pela cabeça e, uma vez mais, lhe chutou o corpo com uma violência tão bárbara que ela chegou a ouvir o barulho das costelas se partindo. “Seán!”, berrou, mas quando a cabeça do rapaz virou na sua direção, estava com os olhos parados e ela entendeu que Seán já havia partido para o outro mundo. Mesmo assim, decidida a impedir que continuassem machucando-o, atravessou a sala correndo para puxar o homem, mas, à primeira tentativa, ele lhe agarrou o braço e, com um movimento rápido, deu-lhe um vigoroso pontapé que a arremessou pela porta aberta e escada abaixo, cada degrau, contou ela mais tarde, fazendo com que se sentisse um centímetro mais perto da morte.

Caindo lá embaixo com estrondo, ficou algum tempo estendida no chão, olhando para o teto, respirando com dificuldade. No seu ventre, eu protestei com veemência contra a afronta e decidi que estava na hora de nascer, e a minha mãe soltou um grito feroz quando eu me livreí do útero e iniciei a minha primeira jornada.

Levantando-se com dificuldade, olhou à sua volta. Outra mulher na mesma situação teria aberto a porta da rua e saído à Chatham Street, pedindo socorro. Mas não Catherine Goggin. Tinha certeza de que Seán estava morto, mas Smoot continuava lá em cima, e ela ouviu as suas súplicas pela vida e, logo depois, o barulho das pancadas, os gritos de dor, os palavrões e a pragas que choviam sobre a cabeça dele enquanto o pai de Seán o surrava.

Soltando um grito a cada movimento, arrastou-se degrau por degrau até subir a metade da escada. Gritou quando eu manifestei a minha presença, e algo no seu íntimo, contou ela depois, lhe disse que, se eu havia esperado nove meses, podia esperar mais nove minutos. Chegou ao fim da subida, entrou no apartamento com o suor a lhe escorrer pelo rosto, com água e sangue a lhe escorrerem pelas pernas, assustada com a imagem da maluca no espelho em frente, desgrenhada, com o lábio cortado e o vestido rasgado. No outro cômodo, os gritos de Smoot foram ficando mais fracos enquanto os pontapés e as bengaladas prosseguiram, e ela passou por cima do corpo de Seán, olhando de relance para aqueles olhos arregalados e aquele

rosto outrora bonito, e a tristeza a fez parar de gritar.

Eu estou chegando, pensei quando ela avançou resolutamente, correndo os olhos pela sala em busca de uma arma até avistar o taco de *hurling* que Smoot deixara cair. *Você está pronta para mim?*

Bastou uma rápida tacada, Deus a abençoe, e Peadar MacIntyre tombou nocauteado. Não morto — aliás, ele só morreria oito anos depois, no seu pub predileto, com uma espinha de peixe entalada na garganta; tinha sido absolvido pelo júri, segundo o qual ele cometera o crime sob as circunstâncias extremas de ter um filho doente mental —, mas inconsciente, e a minha mãe e eu nos jogamos sobre o corpo de Smoot, o seu pobre rosto desfigurado pelos golpes, a respiração irregular, também à beira da morte.

“Jack”, gritou ela, tomando-lhe a cabeça no colo e, a seguir, deixando escapar um berro atroz quando tudo nela começou a mandá-la fazer força, muita força naquele instante, e a minha cabeça começou a surgir entre as suas pernas. “Jack, fique comigo. Não morra; está ouvindo, Jack? Não morra!”

“Kitty”, disse Smoot, o nome lhe saiu abafado da boca, junto com dois dentes quebrados.

“E não me chame de Kitty, porra!”, rosnou ela, tornando a gritar quando mais uma parte do meu corpo saiu, espremida, para a noite de agosto.

“Kitty”, sussurrou ele, começando a fechar os olhos, e ela o sacudiu quando a dor lhe atormentou o corpo todo.

“Você precisa viver, Jack. Precisa viver!”

E então ela deve ter perdido os sentidos, pois o silêncio voltou a reinar na sala até o minuto seguinte, quando eu aproveitei a paz e a quietude para acabar de sair, e o meu corpinho caiu no tapete imundo do apartamento do primeiro andar da Chatham Street, numa poça de sangue, placenta e muco. Esperei alguns momentos para organizar as ideias e então abri os pulmões pela primeira vez e, com um poderoso bramido, que os homens no pub lá embaixo devem ter ouvido, pois subiram a escada correndo para descobrir a causa de tamanha algazarra, anunciei ao mundo que havia chegado, que havia nascido, que finalmente fazia parte disto tudo.

1. Dáil Éireann, a Câmara Baixa do Parlamento irlandês. [Esta e as demais notas chamadas por asterisco são do tradutor.]

2. Criadas para burlar a proibição das escolas católicas na Irlanda, imposta pelas forças de ocupação britânicas, as *hedgerow schools* (“escolas de cerca viva”)

funcionaram principalmente nos séculos XVIII e XIX em lugares afastados e escondidos das zonas rurais.

3. Ernest Blythe (1889-1975) foi um jornalista, político e diretor de teatro irlandês que, durante décadas, dirigiu o Abbey Theatre de Dublin (também conhecido como National Theatre of Ireland). Nessa função, promoveu a carreira de vários atores e dramaturgos irlandeses.

4. TD: *Teachta Dála*, membro do Parlamento irlandês.

5. Éamon de Valera, o então primeiro-ministro irlandês.

6. Fianna Fáil, partido conservador irlandês fundado por Éamon de Valera em 1926.

7. *Blueshirts* (camisas azuis), partido irlandês de inspiração fascista fundado no início da década de 1930.

8. *Gardaí* (os guardas), nome popular da An Garda Síochána (Guardiões da Paz), a polícia da Irlanda.

1952:

A vulgaridade da popularidade

UMA MENINA DE CASACO ROSA-CLARO

Conheci Julian Woodbead quando o seu pai esteve na casa da Dartmouth Square a fim de discutir maneiras de manter o seu cliente mais valioso fora da prisão. Max Woodbead era um solicitador, um ótimo solicitador segundo a opinião geral, com um desejo insaciável de transitar nos mais altos escalões da sociedade dublinense e com escritório de advocacia no Ormond Quay, perto do Four Courts. Da janela, ele avistava o outro lado do Liffey e da Catedral da Santíssima Trindade e gostava de dizer, sem convencer muito, que quando ouvia os sinos tocarem caía de joelhos e rezava pelo papa Bento XV, que assomou ao trono de São Pedro no mesmo dia de setembro de 1914 em que ele nasceu. O meu pai adotivo o havia contratado depois de uma série de infortúnios relacionados com jogo, mulheres, fraude, evasão fiscal e uma agressão a um jornalista do *Dublin Evening Mail* (mas não só isso). O Bank of Ireland, no qual ele ocupava o importante cargo de diretor de investimentos e portfólios de clientes, não tinha norma que determinasse como os empregados deviam ocupar o tempo em que não estavam às respectivas mesas, mas reprovava a publicidade negativa que o meu pai andava fazendo. Nos últimos meses, havia sido visto apostando milhares de libras no hipódromo de Leopardstown, tinha sido fotografado saindo do Shelbourne Hotel com uma prostituta às quatro horas da madrugada, fora multado por urinar embriagado do alto da ponte Ha'penny e tinha dado uma entrevista à Rádio Éireann em que dissera que as finanças do país estariam em situação melhor se os britânicos tivessem fuzilado o ministro da Fazenda, Seán MacEntee, depois da Revolta da Páscoa, como planejado. Também tinha sido processado por tentar sequestrar um menino de sete anos na Grafton Street, uma acusação falsa, já que ele se limitara a pegar a criança pela mão e a arrastá-la pelo Trinity College, acreditando que o assustado garoto, que infelizmente era mudo e cuja altura e a cor do cabelo coincidiam com as minhas, fosse eu. O *Irish Press* sugeriu que ele tinha um caso com

uma atriz de certa fama e o censurou pelas “travessuras extraconjugais com uma dama do teatro quando a sua esposa, que, como sabem os nossos leitores mais letrados, também tem algum renome, está se recuperando de um preocupante caso de câncer no canal auditivo”. Em consequência, o Departamento da Receita lançou uma investigação formal da renda do meu pai e, sem surpreender ninguém, constatou que fazia anos que ele vinha fraudando o fisco na ordem de 30 mil libras. Seguiu-se o confisco imediato no banco, e o Homem da Receita anunciou que pretendia se valer de todo o poder do sistema judicial para fazer dele um exemplo, ocasião em que só lhe restou telefonar para Max Woodbead.

É claro que, quando eu digo “o meu pai”, não me refiro ao homem que, sete anos antes, deu à minha mãe duas notas de uma libra em frente à igreja de Nossa Senhora, Estrela do Mar, em Goleen, para aliviar a consciência. Não, refiro-me a Charles Avery, que, com a esposa Maude, me acolheu em casa depois de dar um generoso cheque ao convento redentorista em troca da grande ajuda na questão de encontrar uma criança adequada. E eles nunca fingiram ser mais que meus pais adotivos e instruíram-me sobre esse detalhe a partir do momento em que consegui entender pela primeira vez o significado das palavras. Maude alegava que tinha agido assim porque não queria que a verdade viesse à tona posteriormente e eu a acusasse de ter mentido, ao passo que Charles fazia questão de deixar claro que, embora ele estivesse contente por ter enfrentado a maçada da adoção para agradar a esposa, eu não era um Avery de verdade e, quando crescesse, não receberia a assistência financeira que um Avery de verdade receberia.

“Encare isso como uma espécie de locação, Cyril”, disse-me — eles me batizaram Cyril por causa de um cão spaniel que tiveram e do qual gostavam muito —, “uma locação de dezoito anos. Mas, durante esse período, não há motivo para a gente não se dar bem, não acha? Muito embora, se eu tivesse um filho meu mesmo, acho que ele seria mais alto que você. E que mostraria mais habilidade no campo de rúgbi. Mas você não chega a ser o pior. Só Deus sabe quem nós podíamos ter pegado. Sabe que, numa ocasião, chegaram a propor que adotássemos um bebê africano?”

O relacionamento de Charles e Maude era cordial e distante. Eles pouco se falavam na maior parte dos dias, trocando não mais que algumas breves sentenças indispensáveis ao funcionamento da vida doméstica. Charles saía toda manhã às oito horas e quase nunca voltava antes da meia-noite, quando, invariavelmente, passava alguns

minutos no alpendre, tentando enfiar a chave na fechadura, e não ligava a mínima quando estava fedendo a bebida ou a perfume ordinário. Eles não dormiam no mesmo quarto ou sequer no mesmo andar, pelo menos jamais desde a minha chegada. Eu nunca os vi de mãos dadas, nem se beijarem, nem dizerem que se amavam. Mas, em compensação, eles nunca brigavam. Maude lidava com Charles tratando-o como um canapé, inútil para todos mas proveitoso de se ter à mão, ao passo que Charles mostrava escasso interesse pela esposa, embora achasse a sua presença ao mesmo tempo tranquilizadora e inquietante, mais ou menos como o sr. Rochester devia se sentir em relação a Bertha Mason quando ela matraqueava de um lado para outro no sótão do Thornfield Hall,¹ uma relíquia do passado que continuava sendo uma parte inexorável do dia a dia.

Eles não tinham filhos, é claro. Guardo uma lembrança antiga e nítida de Maude confidenciando que uma vez existira uma menina, um ano depois do casamento com Charles, mas ela havia sofrido um trabalho de parto difícil e não só a criança, Lucy, morreu como uma operação subsequente a tornou incapaz de voltar a engravidar.

“Um alívio abençoado em muitos aspectos, Cyril”, comentou ela, acendendo um cigarro e olhando pela janela para o parque cercado no centro da Dartmouth Square, atenta aos intrusos. (Abominava os não residentes que apareciam nos jardins, apesar do fato de estes serem, em rigor, propriedade pública, e era conhecida por bater nas vidraças e enxotá-los feito cães.) “Não existe coisa mais nojenta que o corpo nu de um homem. Todos aqueles pelos e o fedor terrível, porque os homens não sabem se lavar direito, a menos que tenham servido o Exército. E a secreção deles, que jorra daquele apêndice quando ficam excitados, é repelente. Sorte sua nunca ter de aturar a indignidade das relações com o membro masculino. A vagina é um instrumento muito mais puro. Eu tenho pela vagina uma admiração que simplesmente nunca tive pelo pênis.” Se não me falha a memória, eu tinha uns cinco anos quando ela me transmitiu toda essa sabedoria. Talvez tenha sido por isso, pelo fato de Charles e Maude falarem comigo desse modo, aparentemente esquecendo (ou não notando) que eu não passava de um menino, que o meu vocabulário aumentou mais depressa que o das crianças da minha idade.

Maude tinha carreira própria, pois era autora de vários romances publicados por uma pequena editora em Dalkey. A intervalos de poucos anos, aparecia um livro novo, todos eram muito bem acolhidos pela crítica, embora vendessem pouquíssimo, coisa que lhe agradava enormemente, pois ela achava vulgar a popularidade nas livrarias.

Charles apoiava esse empreendimento e até gostava de apresentá-la como “minha esposa, a romancista Maude Avery. Eu mesmo nunca li uma palavra da sua obra, mas, graças a Deus, ela sempre tem alguma coisa saindo do forno”. Maude escrevia o dia todo e todo dia, até mesmo no Natal, e raramente saía do escritório, salvo para palmilhar a casa, envolta numa névoa de fumaça de cigarro, à procura de uma caixa de fósforos.

O que a levou a adotar um filho é um mistério para mim, já que não mostrava o menor interesse pelo meu bem-estar, embora nunca fosse ativamente indelicada ou cruel. No entanto, eu não podia deixar de me sentir privado de afeto e, certa vez, quando voltei para casa chorando e lhe contei que um dos meus amigos do colégio, o garoto que se sentava ao meu lado nas aulas de latim e com o qual eu almoçava quase todos os dias, tinha sido atropelado e morto por um ônibus na Parnell Square, ela simplesmente observou que seria horrível se algo assim acontecesse comigo, mesmo porque eles tiveram muito trabalho para me encontrar.

“Você não foi o primeiro, sabe?”, disse acendendo outro cigarro e dando uma longa tragada ao mesmo tempo que contava os bebês na mão esquerda. “Houve uma mocinha em Wicklow para a qual nós pagamos uma quantia considerável, mas quando a bebê nasceu a cabeça dela tinha uma forma esquisita e eu simplesmente não tive coragem. Depois houve outra em Rathmines, que nós pegamos para testar durante alguns dias, mas a diabinha não parava de chorar e eu não aguentei, e nós a devolvemos. Então Charles disse que não ia aceitar mais meninas, só menino, e foi assim que eu acabei tendo de tomar conta de você, querido.”

Nunca fiquei magoado com esses comentários, porque ela não os fazia com maldade; era simplesmente o seu modo de falar e, como não conhecia coisa diferente, eu aceitava que era apenas uma criatura viva dividindo a casa com dois adultos na maior parte do tempo alheios um ao outro. Davam-me comida, roupa e escola, e queixar-me seria mostrar um nível de ingratidão que decerto desconcertaria os dois.

Só quando eu cheguei a uma idade em que pude compreender plenamente o conceito de pais naturais e pais adotivos foi que, transgredindo uma das regras sagradas da casa, entrei no escritório de Maude sem ser convidado e perguntei a identidade dos meus pais verdadeiros. Quando a localizei naquela atmosfera esfumada e consegui limpar a garganta o suficiente para falar, ela apenas sacudiu a cabeça, perplexa, como se eu lhe tivesse perguntado a exata distância em quilômetros entre a mesquita Jamia, em Nairóbi, e as

gargantas do Todgha, no Marrocos.

“Pelo amor de Deus, Cyril, isso foi há sete anos. Como você quer que eu me lembre? A sua mãe era uma mocinha, é a única coisa que eu sei.”

“E o que aconteceu com ela? Está viva?”

“Como eu vou saber?”

“Você não se lembra nem do nome dela?”

“Provavelmente era Mary. A maioria das irlandesas do campo não se chama Mary?”

“Então ela não era de Dublin?”, perguntei, pegando aquela vaga informação como uma pepita de ouro descoberta no centro de um depósito aluvial.

“Palavra que eu não sei. Nunca a vi, nunca me comuniquei com ela e nunca soube nada a seu respeito a não ser o fato de que teve relações carnavais com um homem, coisa que resultou num filho. Sendo que esse filho é você. Agora olhe, Cyril, não vê que eu estou escrevendo? Você sabe que não pode entrar aqui quando estou trabalhando. Eu perco a linha de raciocínio quando me interrompem.”

Eu sempre os chamei de Charles e Maude, nunca de “pai” e “mãe”, devido à insistência de Charles em que eu não era um Avery de verdade. Isso não me incomodava muito, mas sei que deixava outras pessoas pouco à vontade e, certa vez, no colégio, quando eu me referi a eles assim, um padre me bateu e me repreendeu por querer bancar o moderninho.

Enfrentei dois problemas ainda muito criança, um dos quais deve ter sido o resultado natural do outro. Fui amaldiçoado com uma gagueira que parecia ter vontade própria — aparecia alguns dias e desaparecia em outros — e que era capaz de deixar os meus pais adotivos transtornados. Esse problema me acompanhou até os sete anos de idade e, no dia em que conheci Julian Woodbead, desapareceu para sempre. O vínculo que há entre esses dois fatos é um mistério para mim, mas o dano à minha confiança já estava feito e eu era horivelmente tímido, desconfiava da maior parte dos meus colegas de classe, com exceção daquele garoto que foi esmagado pelas rodas do ônibus número 16, ficava apavorado com a ideia de falar em público e simplesmente era incapaz de conversar com quem quer que fosse de medo de que a minha aflição se manifestasse e as pessoas acabassem rindo de mim. Isso me incomodava muito, porque eu não era um sujeito solitário por natureza e queria muito ter um amigo com quem brincar e compartilhar os meus segredos. Às vezes, Charles e Maude ofereciam um jantar, no qual figuravam como Marido e

Mulher, e, nessas ocasiões, levavam-me para baixo e me faziam circular de um casal a outro feito um ovo Fabergé que eles tivessem comprado de um descendente do último tsar russo.

“A mãe dele era uma mulher perdida”, Charles gostava de dizer. “E nós, num ato de caridade cristã, o acolhemos e lhe demos um lar. Uma freirinha redentorista corcunda o trouxe para cá. Se acaso você quiser um filho, chame as freiras, é o meu conselho. Elas têm muitas crianças. Não sei onde as mantêm e muito menos onde as arranjam, mas nunca houve escassez. Apresente-se aos nossos convidados, Cyril.”

E eu corria os olhos pela sala, via os seis ou sete casais com roupas mais que extraordinárias, cobertos de joias, e todos ficavam me olhando como se esperassem que eu cantasse uma música, dançasse ou tirasse um coelho da orelha. *Divirta-nos*, dizia a expressão daquela gente. *Se não é capaz de nos divertir, para que você serve, afinal?* Mas, na minha ansiedade, eu não conseguia pronunciar uma palavra, simplesmente olhava para o chão e talvez começasse a chorar, e então Charles me enxotava com um gesto e lembrava as visitas que eu não era filho dele, em absoluto.

Quando irrompeu o escândalo, eu tinha sete anos e fiquei sabendo pelos comentários dos meus colegas, vários com pais que trabalhavam em ambientes parecidos com os de Charles e muito prazer em me contar que ele estava encrocado e, com certeza, seria preso antes do fim do ano.

“Ele não é meu pai”, eu retrucava, incapaz de olhá-los nos olhos e entesando e desentesando os punhos de raiva. “É meu pai adotivo.” Eu tinha sido bem treinado.

No entanto, intrigado com o falatório, comecei a esquadrinhar os jornais em busca de informações e, por mais que tivessem o cuidado de não publicar um libelo, todos deixavam claro que Charles, tal como o arcebispo de Dublin, era um homem muito temido, muito admirado e muito malquisto. E, naturalmente, não havia escassez de boatos. Ele costumava andar na companhia tanto da aristocracia anglo-irlandesa quanto da escória da cidade. Em qualquer madrugada, podia ser visto apostando notas de dez libras à mesa de um cassino clandestino. Havia assassinado a primeira esposa, Emily. (*Houve uma primeira mulher?*, perguntei certa vez a Maude. *Oh, sim, já que você tocou no assunto, acho que houve*, respondeu ela.) Ganhara e perdera mais de três vezes a sua fortuna. Era alcoólatra e recebia charutos cubanos enviados pessoalmente por Fidel Castro. Tinha seis dedos no pé esquerdo. Certa vez, andara de caso com a princesa Margaret. Havia um estoque infundável de histórias ligadas a Charles, e é possível que

algumas tivessem um fundo de verdade.

De modo que talvez fosse inevitável um dia solicitar os préstimos de Max Woodbead. Era preciso que as coisas estivessem indo muito mal para que isso acontecesse, e até Maude havia começado a sair do escritório às vezes para vagar pela casa resmungando misteriosas observações sobre o Homem da Receita, como se ele pudesse ser encontrado escondido debaixo da escada ou roubando a sua reserva de emergência de cigarros na caixa de pão da cozinha. No dia em que Max apareceu, fazia uma semana que eu não falava com ninguém. Era o que estava anotado no meu diário. Não levantara a mão na sala de aula, não havia dito, no colégio, uma palavra a quem quer que fosse, almoçava e jantava em silêncio absoluto, o que, em todo caso, era como Maude preferia, e geralmente ficava trancado no quarto, perguntando-me o que eu tinha de errado, pois mesmo naquela tenra idade sabia que *algo* em mim era diferente e não podia ser corrigido.

Não fosse pelo grito, eu teria passado aquele dia no quarto — estava lendo *Sequestrado* de Robert Louis Stevenson. Veio do segundo andar, onde ficava o escritório de Maude, e ecoou de tal maneira na casa que eu imaginei que alguém tivesse morrido. Corri ao patamar da escada, olhei por cima do corrimão e vi uma menina de uns cinco anos, de casaco rosa-claro, parada no andar abaixo do meu, comprimindo as bochechas com as mãos e emitindo os mais horrendos sons. Eu nunca a tinha visto e, segundos depois, ela girou nos calcanhares e disparou escada abaixo como uma atleta olímpica e, sem parar no primeiro andar, desceu ao térreo, seguiu pelo corredor e saiu à rua, batendo a pesada porta de madeira com tanta força que a aldraba martelou várias vezes. Voltei para o quarto e olhei pela janela, e lá estava ela, correndo a toda para o centro da Dartmouth Square, onde a perdi de vista. Com o coração disparado, voltei ao patamar à procura de uma explicação, mas lá não havia ninguém e a casa voltara ao silêncio.

Sem vontade de continuar lendo, percebi que estava com sede e desci à procura do que beber e, para minha surpresa, dei com outra criança — um garoto da minha idade — folheando um gibi numa cadeira no nosso corredor, uma cadeira que existia por motivos ornamentais e não era para ser usada.

“Olá”, disse eu, e ele olhou para mim e sorriu. Era loiro e tinha uns olhos azuis penetrantes que me cativaram imediatamente. Talvez por ter passado mais de uma semana em silêncio, as palavras saíram aos borbotões, como a água que transborda de uma banheira esquecida. “Eu me chamo Cyril Avery e tenho sete anos. Charles e

Maude são meus pais, pais adotivos, não sei ao certo quem são os meus pais verdadeiros, mas sempre morei aqui e meu quarto é no terceiro andar. Ninguém nunca sobe lá, a não ser a empregada para fazer a limpeza, por isso as coisas ficam do jeito que eu quero. Aliás, qual é o seu nome?”

“Julian Woodbead”, respondeu o menino. E, pouco depois, eu me dei conta de que não me sentia nem um pouco tímido na sua companhia. E que a minha gagueira havia desaparecido.

JULIAN

Não se pode negar o privilégio da criação que Julian e eu tivemos. Nossas famílias tinham dinheiro e status. Frequentavam círculos elegantes, eram amigas de gente que exercia funções importantes no governo e se destacava nas artes. Morávamos em casas espaçosas nas quais o trabalho doméstico era feito por mulheres de meia-idade que chegavam no ônibus do início da manhã e iam de cômodo em cômodo sob o peso de espanadores, esfregões e vassouras e não eram estimuladas a nos dirigir a palavra.

A nossa empregada se chamava Brenda, e Maude fazia questão de que ela usasse chinelos em casa, pois o barulho dos seus sapatos no assoalho perturbava-lhe o trabalho de escritora. O seu escritório era o único cômodo da casa que a empregada estava proibida de limpar, o que explicava o fato de lá sempre haver ácaros flutuando no ar com a fumaça de cigarro, criando uma atmosfera pesada que ficava ainda mais avassaladora no fim da tarde, quando o sol poente entrava pelas janelas. Se Brenda sempre foi uma constante na minha infância, a família de Julian empregou uma série de domésticas, nenhuma das quais durava mais que um ano, e eu nunca soube se o que as afugentava era a dificuldade do trabalho ou a grosseria dos Woodbead. No entanto, por mais coisas que tivéssemos e apesar do luxo a que estávamos acostumados, nós dois carecíamos de afeto, e essa falta abrasaria a nossa vida futura como uma tatuagem malfeita gravada na bunda numa noite de bebedeira, levando cada um inevitavelmente ao isolamento e ao desastre.

Estávamos em escolas diferentes. Toda manhã, eu ia a pé a Ranelagh, onde ficava o pequeno colégio particular em que cursava o primário, ao passo que Julian frequentava um estabelecimento parecido, alguns quilômetros ao norte, numa rua tranquila perto do St. Stephen's Green. Nenhum dos dois sabia aonde iria depois da sexta série, mas tanto Charles quanto Max tinham estudado no Belvedere

College na juventude — foi lá que se conheceram e, aliás, ficaram amigos como torcedores do time de rúgbi que havia perdido para o Castleknock College na final da Copa Leinster de Escolas de 1931 —, e achávamos bem provável que também acabássemos lá. Julian não sofria tanto quanto eu no sistema educacional, era muito mais extrovertido e não tinha dificuldade para se enturmar.

Na tarde em que nos conhecemos, conversamos um pouco no corredor e então eu o convidei a subir para ver o meu quarto, como fazem as crianças, ele me acompanhou alegremente e sem fazer perguntas ao último andar da casa. Estava ao lado da minha cama desfeita, examinando os livros na estante e os brinquedos espalhados no chão, quando me ocorreu que, fora eu, Julian era a primeira criança que punha os pés naquele quarto.

“Que sorte a sua de ter tanto espaço”, disse ele, equilibrando-se na ponta dos pés e olhando a praça do outro lado pela janela. “E tudo isso só para você?”

“Sim”, respondi, pois os meus domínios consistiam em três cômodos: um quarto, um pequeno banheiro e uma sala de estar, os quais, suponho, tornavam aquilo mais um apartamento independente que qualquer outra coisa, não o espaço de que dispunha a maioria dos garotos de sete anos. “O primeiro andar é de Charles; o segundo, de Maude, e o térreo é dos três.”

“Quer dizer que os seus pais não dormem juntos?”, estranhou Julian.

“Oh, não. Por quê? Os seus dormem?”

“Claro que sim.”

“Mas por quê? Vocês não têm quartos suficientes?”

“Temos quatro. O meu fica ao lado do da minha irmã”, acrescentou Julian com uma careta.

“É aquela menina que saiu daqui gritando agora há pouco?”

“É.”

“Por que ela gritou? O que a irritou?”

Julian deu de ombros. “Não tenho ideia. Ela sempre fica histérica com alguma coisa. As meninas são criaturas estranhas, não acha?”

“Eu não conheço nenhuma.”

“Eu conheço um monte. Gosto das meninas, apesar de elas serem loucas e desequilibradas mentais, segundo o meu pai. Você já viu um par de seios?”

Eu o encarei com surpresa. Só tinha sete anos; tais ideias ainda não tinham nem me passado pela cabeça, mas, já naquela época, a imaginação sexualmente precoce de Julian estava se voltando para as

mulheres. “Não”, respondi.

“Eu já”, gabou-se ele. “Numa praia do Algarve no verão passado. Todas as moças andavam de topless. Fiquei queimado de tanto tomar sol. Queimaduras de segundo grau! Não vejo a hora de fazer sexo com uma garota, e você?”

Eu franzi a testa. A palavra era nova para mim. “O que é sexo?”

“Você não sabe?”

“Não”, respondi, e ele teve o enorme prazer de descrever minuciosamente atos que me pareceram não só desagradáveis e anti-higiênicos como até criminosos.

“Ah, isso”, disse eu quando Julian terminou, fingindo que já sabia de tudo, pois não queria que ele se sentisse o máximo e me achasse muito inocente para ser amigo dele. “Pensei que você estivesse falando de outra coisa. Disso eu já sabia.”

“Você tem revistas de sacanagem?”, perguntou ele então.

Eu sacudi a cabeça. “Não.”

“Pois eu tenho. Achei uma no escritório do meu pai. Cheia de mulheres peladas. Era uma revista americana, claro, mulher pelada ainda é ilegal na Irlanda.”

“É mesmo?”, perguntei, tentando imaginar como elas faziam para tomar banho.

“É, a Igreja não deixa as moças ficarem nuas antes de casar. Mas as americanas ficam, tiram a roupa o tempo todo e deixam as fotografias aparecerem nas revistas, e então os homens vão às livrarias e compram com exemplares de *História Hoje* ou *Filatelia Mensal* para que ninguém pense que eles são pervertidos.”

“O que é pervertido?”

“É o sujeito maníaco por sexo.”

“Oh.”

“Eu vou ser pervertido quando crescer”, anunciou Julian.

“Eu também”, apressei-me a dizer, ansioso por agradar. “Talvez nós dois possamos ser pervertidos juntos.”

No momento em que as palavras saíram da minha boca eu percebi que havia algo errado nelas, e a expressão de Julian, um misto de desprezo e desconfiança, me deixou sem jeito.

“Nada disso. Não é assim que funciona. Homem só pode ser pervertido com mulher.”

“Oh”, fiz eu, decepcionado.

“O seu negócio é grande?”, perguntou ele depois de pegar as coisas na minha escrivaninha, examiná-las e colocá-las no lugar errado.

“O meu o quê?”

“O seu negócio”, repetiu Julian. “A gente precisa ter o negócio bem grande se quiser ser pervertido. Vamos ver qual é maior? Aposto que é o meu.”

Fiquei boquiaberto e senti um frio curioso na boca do estômago, uma sensação inteiramente nova que eu não conseguia entender bem, mas que tive vontade de estimular.

“Tudo bem.”

“Primeiro você”, propôs Julian.

“Por que eu primeiro?”

“Porque eu mandei, por isso.”

Eu hesitei, mas, temendo que ele mudasse de ideia e inventasse outra brincadeira, desafivelei o cinto e baixei a calça e a cueca até os joelhos e ele se inclinou, olhando com uma expressão interessada. “Acho que é o que chamam de mediano”, constatou depois de algum tempo. “Se bem que até isso pode ser generoso da minha parte.”

“Eu tenho só sete anos”, retruquei, sentindo-me ofendido quando voltei a pôr a calça.

“Eu também tenho só sete anos, mas o meu é maior”, disse ele baixando a calça, e, dessa vez, senti o quarto girar um pouco quando olhei para aquilo. Eu sabia que era perigoso, que ser flagrado naquela situação só podia significar encrenca e desgraça, mas o risco me excitava. O dele era realmente maior e me fascinou, pois era o primeiro pênis que eu via, fora o meu, e o fato de ele ser circuncidado me intrigou.

“Cadê o resto?”, perguntei.

“Como assim?”, disse ele, pondo a calça e afivelando o cinto sem a menor vergonha.

“O resto do seu negócio.”

“Cortaram. Quando eu era bebê.”

Eu senti uma pontada me percorrer o corpo. “Por que fizeram isso?”

“Não sei bem. Acontece com muitos meninos quando são pequenos. É uma coisa judaica.”

“Você é judeu?”

“Não, por quê? Você é?”

“Eu não.”

“Pois então.”

“Isso não vai acontecer comigo”, disse eu, horrorizado com a ideia de passarem uma faca no meu.

“Pode ser. Em todo caso, você já foi à França?”

“À França?”, repeti sem entender o porquê da pergunta. “Não. Por quê?”

“Nós vamos para lá nas férias deste ano, só isso.”

“Oh”, fiz eu, decepcionado por termos parado de falar em sexo, em pervertidos e outras coisas, pois queria continuar discutindo um pouco mais, porém Julian parecia ter perdido o interesse pelo assunto. Resolvi voltar a falar em meninas para ver se ele me dava mais uma colher de chá.

“Você só tem uma irmã?”

“Sim. Alice. Tem cinco anos.”

“E irmãos?”

Julian sacudiu a cabeça. “Não. E você?”

“Sou filho único.” Naquela idade, é claro que não me passava pela cabeça que a minha mãe biológica podia ter tido mais filhos. Ou que o meu pai natural muito provavelmente houvesse engendrado uma boa ninhada antes ou depois da minha concepção.

“Por que você chama os seus pais de Charles e Maude?”, quis saber Julian.

“Eles preferem assim. Eu fui adotado, entende, e é para mostrar que eu não sou um verdadeiro Avery.”

Ele riu, sacudiu a cabeça e disse uma coisa que também me fez rir: “Bizarro”.

Uma batida na porta nos sobressaltou e eu me virei cautelosamente, como um personagem de filme de terror achando que um assassino aguarda do lado de fora. Ninguém nunca subira ao terceiro andar, a não ser Brenda, e mesmo ela só entrava no quarto quando eu estava no colégio.

“Qual é o problema?”, quis saber Julian.

“Nada.”

“Você parece nervoso.”

“Eu não estou nervoso.”

“Eu disse que você *parece* nervoso.”

“É que ninguém nunca vem aqui em cima”, expliquei.

Eu vi a maçaneta girar bem devagar e recuei um passo; contagiado pela minha ansiedade, Julian foi para a janela. Um instante depois, uma nuvem de fumaça entrou no quarto, seguida, como era inevitável, por Maude. Fazia dias que eu não a via e fiquei surpreso ao notar que o seu cabelo não estava tão loiro como de costume e que ela havia emagrecido muito. A sua doença recente lhe tirara o apetite e ela quase não comia. “Eu não consigo engolir nada”, tinha dito na última ocasião em que conversamos. “Quer dizer, nada,

a não ser nicotina.”

“Maude”, murmurei, surpreso por vê-la.

“Cyril”, disse ela, olhando à sua volta, surpresa por ver outro menino no meu quarto. “Você está aí, mas quem é esse?”

“Julian Woodbead”, apresentou-se Julian em tom confiante. “O meu pai é Max Woodbead, o advogado famoso.”

Estendeu a mão, e Maude passou um instante olhando para ela como que desconcertada com a sua aparência. “O que você quer?”, perguntou. “Dinheiro?”

“Não”, riu Julian. “O meu pai diz que é educado apertar a mão da pessoa que a gente acaba de conhecer.”

“Oh, entendo”, disse ela, inclinando-se e examinando-lhe os dedos. “Está limpa? Você foi ao banheiro recentemente? Lavou as mãos depois?”

“Está limpinha, sra. Avery.”

Ela suspirou, estendeu a mão e apertou a dele durante um décimo de segundo. “Você tem a pele muito macia”, disse ronronando um pouco. “Os meninos geralmente têm, é claro. Não estão acostumados a trabalho pesado. Qual é a sua idade, se é que se pode perguntar?”

“Sete anos.”

“Não, Cyril tem sete anos”, replicou ela, sacudindo a cabeça. “Eu perguntei qual é a *sua* idade.”

“Pois eu também tenho sete anos”, sorriu ele. “Nós dois temos.”

“Os dois têm sete”, murmurou Maude. “Não é muita coincidência?”

Julian pensou um pouco antes de responder. “Acho que não. Todos na minha classe têm sete anos. E imagino que na classe de Cyril também. Provavelmente, tem crianças de sete anos em Dublin como tem gente de qualquer idade.”

“Talvez”, respondeu Maude, incrédula. “Posso saber o que você está fazendo no quarto de Cyril? Ele sabia que você vinha? Não está judiando dele, está? Ele parece que atrai garotos violentos.”

“O Julian estava no corredor”, contei. “Sentado na cadeira ornamental que não é para ser usada.”

“Oh, não”, contrariou-se Maude. “Aquele era da minha mãe.”

“Eu não a quebrei”, tranquilizou-a Julian.

“A minha mãe era Eveline Hartford”, prosseguiu Maude como se aquilo significasse alguma coisa para nós. “De modo que, como vocês sabem, ela simplesmente adorava cadeiras.”

“Elas são úteis que só!”, replicou Julian, olhando para mim e piscando. “Quando a gente quer sentar, digo.”

“Sim, são”, disse Maude em tom distante. “Quer dizer, é para isso que elas existem, não?”

“Mas não a cadeira ornamental”, observei eu. “Você me disse para nunca sentar nela.”

“É porque você tem o hábito de se sujar de terra. O Julian, por outro lado, parece bem limpo. Você tomou banho hoje de manhã?”

“Tomei, é verdade. Mas eu tomo banho quase todas as manhãs.”

“Ótimo. Eu acho quase impossível convencer Cyril a se lavar.”

“Não é verdade”, reagi eu, insultado, em parte porque era meticuloso com a minha higiene pessoal, mas também porque, mesmo naquela idade, detestava que me atribuíssem características sem base na verdade.

“Em todo caso, eu lhe peço que não se sente naquela cadeira outra vez, se não se importa”, prosseguiu Maude, alheia à minha interrupção.

“Dou a minha palavra, sra. Avery”, declarou Julian, inclinando o tronco numa medida que a fez sorrir, um acontecimento quase tão raro quanto um eclipse solar. “A senhora escreve romances, não?”, perguntou então.

“É verdade”, respondeu ela. “Como você sabe?”

“O meu pai me contou. Disse que não leu nenhum porque a senhora geralmente escreve sobre mulheres.”

“Escrevo”, admitiu ela.

“Posso saber por quê?”

“Porque os escritores nunca fazem isso. Por falta de talento. Ou de sabedoria.”

“O pai do Julian veio visitar Charles”, disse eu, ansioso por desviar a conversa de cadeiras e livros. “Quando eu o encontrei lá embaixo, achei que ele ia gostar de subir e ver o meu quarto.”

“E você gostou?”, indagou Maude, mostrando-se impressionada com a ideia. “Queria ver o quarto de Cyril?”

“Sim, gostei muito. Ele tem um bocado de espaço aqui em cima. Isso eu invejo. E essa claraboia é uma maravilha. Imagine poder deitar à noite e ficar olhando para as estrelas!”

“Uma vez, uma pessoa morreu aqui, sabe?”, disse Maude farejando o ar já carregado de carcinógenos dos cigarros dela, como se quisesse captar os últimos vestígios olfativos da morte.

“O quê?”, perguntei estupefocado. “Quem?” Era a primeira vez que eu ouvia tal coisa.

“Oh, eu não lembro. Um... homem, acho. Ou talvez uma mulher. Uma pessoa, enfim. Foi há tanto tempo.”

“Foi de causa natural, sra. Avery?”, perguntou Julian.

“Não, acho que não. Se não me falha a memória, a pessoa, ele ou ela, foi assassinada. Não sei se o criminoso chegou a ser capturado. Deu em todos os jornais da época.” Ela agitou a mão no ar e deixou cair um pouco de cinza na minha cabeça. “Não me lembro bem dos detalhes. Havia uma *faca* envolvida? Não sei por quê, eu estou com a palavra *faca* na cabeça.”

“Um esfaqueamento!”, exclamou Julian, esfregando as mãos de deleite.

“Você se importa se eu me sentar, Cyril?”, pediu Maude, apontando para a cama.

“Se for preciso.”

Ela se sentou e alisou a saia, tirando outro cigarro da cigarreira de prata. Tinha dedos longos e ossudos, a pele quase translúcida. Bastava olhar um pouco mais de perto para distinguir as articulações entre as falanges.

“Você tem um isqueiro?”, perguntou-me, segurando o cigarro na minha direção.

“Não, claro que não”, respondi.

“Aposto que você tem”, disse ela, voltando-se para Julian e passando lentamente a ponta da língua pelo lábio superior. Se eu fosse um pouco mais velho, teria percebido que Maude estava flertando com ele e que ele retribuía o flerte. O que não deixa de ser um tanto perturbador, em retrospecto, considerando o fato de que ele era apenas um garotinho e ela tinha 34 anos na época.

“Pode ser que eu tenha fósforo”, respondeu ele, espalhando o conteúdo dos seus bolsos na minha colcha: um pedaço de barbante, um ioiô, um florim, o Ás de Espadas e, de fato, um palito de fósforo. “Eu sabia”, sorriu.

“Você é uma coisinha útil mesmo, não?”, disse ela. “Eu devia prendê-lo aqui para sempre.”

Julian riscou o fósforo na sola do sapato, e, ao vê-lo se acender, eu achei difícil ocultar a minha admiração. Ele o ofereceu a Maude, que se inclinou para a frente, mantendo os olhos presos nos dele enquanto o cigarro começava a se acender, então voltou a se reclinar, a mão esquerda apoiada no colchão atrás dela. Continuou fitando-o antes de virar o rosto para o teto e soltar no ar uma grande baforada branca, como se estivesse se preparando para anunciar a eleição de um novo papa.

“Eu estava escrevendo, sabe?”, declarou depois de algum tempo, a propósito de nada. “Estava escrevendo o meu novo romance e ouvi

vozes aqui em cima. Foi muito perturbador. Minha linha de pensamento se rompeu. Foi assim que eu pensei em subir e ver o porquê de tanta balbúrdia.”

Eu ergui a sobrancelha com incredulidade. Parecia improvável que, do andar de baixo, Maude tivesse nos ouvido conversar, particularmente porque nós não fizemos nenhum barulho, mas talvez a sua audição estivesse mais apurada do que eu imaginava, apesar do seu agora controlado câncer no canal auditivo.

“A senhora gosta de ser escritora, sra. Avery?”, perguntou Julian.

“Não, claro que não. É uma profissão horrível. Praticada por narcisistas que acham que a sua imaginaçãozinha patética interessa a pessoas que eles nem conhecem.”

“Mas a senhora tem sucesso?”

“Depende de como você define a palavra *sucesso*.”

“Ora, a senhora tem muitos leitores?”

“Oh, não. Deus me livre. Há algo terrivelmente ordinário num livro popular, não acha?”

“Não sei”, respondeu Julian. “Acho que eu não leio muito.”

“Nem eu”, disse Maude. “Não lembro quando foi a última vez que li um romance. São todos tão tediosos; e os escritores, tão prolixos. A concisão é a chave, se me perguntarem. Qual foi o último livro que você leu?”

“*Os cinco divertem-se a valer*”, disse Julian.

“Quem o escreveu?”

“Enid Blyton.”

Maude sacudiu a cabeça como se o nome nada significasse para ela.

“Por que você não quer que as pessoas leiam os seus livros?”, disse eu, deixando escapar a pergunta que nunca tinha feito.

“Pelo mesmo motivo pelo qual eu não entro na casa de desconhecidos para contar de quantos movimentos intestinais eu desfrutei desde o café da manhã”, respondeu ela. “Isso não é da conta de ninguém.”

“Então por que publica?”

Ela deu de ombros. “Alguma coisa a gente tem de fazer com os livros, não acha, Cyril? Se não, de que serve escrever?”

Eu enruguei a testa. Para mim, aquilo não tinha sentido, mas preferi não insistir no tema. Queria que ela descesse ao seu andar e deixasse Julian e a mim com a nossa amizade incipiente. Talvez ele pedisse para ver o meu negócio outra vez e me deixasse fazer uma segunda inspeção no dele.

“O seu pai está aqui para salvar a situação, não é?”, perguntou Maude, voltando-se novamente para Julian e dando palmadinhas no espaço da cama ao seu lado.

“Não sei”, respondeu o menino, entendendo o convite e sentando-se. Eu fiquei surpreso e irritado ao vê-lo de olho nas pernas dela. *Todo mundo tem pernas*, pensei. O que havia de tão especial nas de Maude? “A situação precisa ser salva?”

“O Homem da Receita está na nossa cola”, explicou ela, com o tom de voz de quem faz uma confidência a um amigo íntimo. “O meu marido, o pai adotivo de Cyril, nem sempre é tão diligente com as suas finanças como deve, e parece que esse comportamento enfim trouxe consequências. Eu tenho um contador separado, é claro, para cuidar das questões de imposto dos meus livros. Felizmente, como vendo tão pouco, não preciso pagar nada. Não deixa de ser uma bênção. Aliás, eu pago ao contador mais do que dou ao Homem da Receita. Ele esteve na sua casa afinal?”

“Quem?”, perguntou Julian.

“O Homem da Receita. Como você acha que ele é?”

Sem compreender o que Maude queria dizer, ele ergueu as sobrancelhas. Eu também fiquei pensativo e, apesar da minha idade, tive certeza de que o Ministério da Fazenda tinha *muitos* funcionários e talvez até uma ou outra funcionária.

“Eles não são um grupo?”, perguntei. “Cada um cuidando de casos diferentes?”

Maude sacudiu a cabeça. “Oh, não. Não, que eu saiba, é só um. Sujeito ocupado, imagino. Em todo caso, o seu pai está aqui para impedir que o meu marido vá parar na cadeia. Não digo que uma temporada lá dentro não fizesse muito bem a Charles, mas eu seria obrigada a visitá-lo, pelo menos por formalidade, e duvido que possa fazer isso. Imagino que sejam lugares desagradáveis, as prisões. E duvido que deixem a gente fumar lá.”

“Acho que deixam”, disse eu. “Os presidiários não usam cigarros como moeda?”

“E para escapar dos possíveis ataques de homossexuais”, acrescentou Julian.

“Isso também”, concordou Maude sem se mostrar chocada com o vocabulário de Julian. “Mas não creio que Charles precise se preocupar muito com isso. Os melhores dias dele já vão longe.”

“Os homossexuais na cadeia não são exigentes, sra. Avery”, disse Julian. “Se servem como podem.”

“Mas também não são cegos.”

“O que é homossexual?”, perguntei.

“Homem que tem medo de mulher”, respondeu Maude.

“Que eu saiba, todo homem tem medo de mulher”, disse Julian, mostrando uma compreensão do universo muito acima da sua idade.

“É verdade. Mas só porque a maioria dos homens não são inteligentes como as mulheres e, no entanto, eles continuam com todo o poder. E temem uma mudança na ordem do mundo.”

“Charles vai para a cadeia?”, perguntei, e, embora eu não tivesse muito afeto pelo homem, a ideia me incomodou.

“Depende do pai do Julian”, respondeu Maude. “Do trabalho que ele fizer.”

“Eu não sei nada dos negócios do meu pai com o seu marido”, disse Julian. “Ele só me trouxe hoje porque, na semana passada, eu pus fogo numa cortina e não posso mais ficar sozinho em casa.”

“Por que você fez isso?”

“Foi um acidente.”

“Oh.” Aparentemente satisfeita com a resposta, ela se levantou, calçou o cigarro no meu criado-mudo, deixando na madeira uma marca que nunca desapareceu. Olhando ao seu redor, deu a impressão de estar estupefata com a mera existência do quarto, coisa que me levou a me perguntar onde ela pensava que eu havia dormido nos últimos sete anos. “Então é aqui que você se esconde, Cyril?”, indagou em tom sonhador. “Eu sempre quis saber.” Virou-se e apontou para a cama. “E imagino que durma aí.”

“Durmo”, admiti.

“A menos que seja ornamental”, disse Julian. “Como a cadeira da sua mãe.”

Maude nos endereçou um sorriso e foi para a porta. “Procurem fazer menos barulho, meninos, se possível. Agora eu pretendo voltar à minha escrita. Parece que a linha está se refazendo. Se eu tiver sorte, pode ser que consiga escrever algumas centenas de palavras.”

E com isso, para o meu grande alívio, deixou-nos sozinhos.

“Que mulher estranha”, comentou Julian, tirando os sapatos e as meias e, sem nenhum motivo explicável, pondo-se a saltar na minha cama. Olhei para os seus pés e reparei nas unhas muito bem cortadas. “A minha mãe é muito diferente da sua.”

“Ela é a minha mãe adotiva”, lembrei.

“Ah, é. Você conhece a sua mãe verdadeira?”

“Não.”

“Acha que a sua mãe adotiva é secretamente a sua mãe verdadeira?”

“Não. Que sentido isso teria?”

“E o seu pai adotivo então?”

“Não”, repeti. “De jeito nenhum.”

Julian estendeu a mão, pegou o cigarro de Maude no criado-mudo e chupou o filtro com todo o espalhafato, fazendo uma careta enquanto o segurava perigosamente perto da cortina. Agora que eu sabia que ele tinha ficha suja no quesito pôr fogo em cortinas, fiquei observando-o com atenção.

“Você acha que o seu pai vai para a cadeia?”

“O meu pai adotivo”, corrigi. “Sei lá. Acho que sim. Não sei bem o que aconteceu, só sei que está com um probleminha. Pelo menos é o que ele diz.”

“Eu já estive na cadeia”, disse Julian com naturalidade, deixando-se cair na cama e estirando-se como se fosse o dono dela. A camisa fora da calça deixava a barriga e o umbigo à mostra, e eu fiquei olhando fascinado para aquela pele tão clara.

“Duvido.”

“Estive, sim”, disse ele. “Juro.”

“Quando? O que você fez?”

“Eu não fui preso, é claro.”

“Oh”, fiz eu, rindo. “Pensei que você estivesse dizendo isso.”

“Não, seria ridículo. Eu fui com o meu pai. Ele estava defendendo um homem que matou a mulher e então me levou ao ‘Joy.’”

Eu arregalei os olhos, deslumbrado. Naquela idade, tinha uma obsessão peculiar por histórias de assassinato, e uma temporada no ‘Joy, o apelido do presídio Mountjoy, era uma ameaça comum com que as professoras nos disciplinavam. Qualquer malfetoria, desde esquecer o dever de casa até bocejar na sala de aula, resultava no vaticínio de que provavelmente íamos acabar lá, pendurados na forca, muito embora já não houvesse pena de morte na Irlanda.

“Como é lá?”, perguntei.

“Tem cheiro de latrina”, disse ele com uma careta, e eu ri, agradecido. “Tive de sentar no canto de uma cela quando trouxeram o homem e o meu pai começou a lhe fazer perguntas, a tomar nota e a dizer que era preciso esclarecer umas coisas para que ele pudesse explicá-las ao advogado do homem, e o homem perguntou se tinha importância o fato de a mulher dele ser uma biscate imunda que dava para todos os moradores de Ballyfermot, e o meu pai respondeu que eles iam fazer o possível para pôr em dúvida o caráter da vítima, pois havia uma boa chance de o júri perdoar um homicídio se a vítima fosse puta.”

Suspirei. Nunca tinha ouvido aquelas palavras ditas em voz alta, e elas me encheram de pavor e entusiasmo. Podia passar a tarde toda ali, ouvindo Julian, pois ele me impressionava muito, e teria feito mais perguntas sobre a sua experiência no presídio, só que, naquele momento, a porta se abriu e um homem alto de sobrancelhas ridiculamente espessas pôs a cabeça para dentro.

“Nós já vamos”, disse, e Julian se levantou de um salto. “Por que você está sem sapatos e sem meias?”

“Eu estava brincando de pula-pula na cama do Cyril.”

“Quem é Cyril?”

“Sou eu”, apresentei-me, e o homem me mediu da cabeça aos pés como se eu fosse um móvel que ele estava pensando em comprar.

“Ah, você é o caso da obra de caridade”, disse com desinteresse. Eu não soube o que responder e, quando me ocorreu algo inteligente para dizer, os dois haviam saído do quarto e estavam descendo a escada.

UM GRANDE CASO DE AMOR

Saber como Charles e Maude se conheceram, se apaixonaram e se casaram foi coisa que me fascinou durante toda a infância. Duas pessoas que não podiam ser mais incompatíveis haviam conseguido, sabe-se lá como, se encontrar e manter algo parecido com um relacionamento apesar de, ao que parecia, uma não ter o menor interesse ou afeto pela outra. Sempre fora assim, eu me perguntava? Tinha havido um tempo em que eles se olhavam e sentiam desejo, respeito ou amor? Tinha havido um momento em que perceberam que aquela era a pessoa com quem queriam ficar mais do que com qualquer outra? E, se não era assim, por que cargas-d’água decidiram passar a vida juntos? Essa foi a pergunta que fiz a cada um deles em épocas diferentes durante a nossa convivência, e as respostas que recebi não podiam ser mais díspares:

Charles:

“Eu tinha 26 anos quando conheci Maude e não havia nada em mim que estivesse à procura de namorada ou esposa. Já tinha trilhado aquele caminho e a experiência se mostrara insuportável. Você provavelmente não sabe, Cyril, mas eu me casei com apenas 22 anos de idade e enviei alguns anos depois. Oh, você sabia? Bem, circula

todo tipo de boato sobre a morte de Emily, mas quero deixar clara uma coisa: eu *não* a matei. E nunca fizeram acusações que sugerissem que a matei, apesar do grande esforço de um tal sargento Henry O'Flynn, da delegacia da Pearse Street. Não acharam o menor indício de alguma coisa inapropriada, mas é esse tipo de calúnia que move as engrenagens de Dublin, e a reputação de um homem pode ser destruída de uma hora para outra se ele não estiver disposto a resistir. A verdade é que Emily era uma moça adorável, muito bonita, se você gosta desse tipo de coisa, mas também foi a minha primeira namorada, a mulher com quem eu perdi a virgindade, e nenhum homem com um pouco de juízo deve se casar com a mulher com a qual perdeu a virgindade. É como aprender a dirigir com um calhambeque caindo aos pedaços e então se agarrar a ele o resto da vida embora já tenha capacidade para pilotar um BMW no tráfego da hora do rush numa *Autobahn* congestionada. Alguns meses depois do casamento, eu percebi que não podia ficar satisfeito com uma mulher o resto da vida e comecei a jogar a minha rede um pouco mais longe. Olhe para mim, Cyril; ainda sou um homem ridiculamente bem-apeado, de modo que você pode imaginar como eu era com vinte e poucos anos. As mulheres se atropelavam para ficar comigo. E eu era bastante generoso para deixá-las se insinuarem. Mas Emily ouviu falar nas minhas travessuras extraconjugais e teve uma reação completamente exagerada, ameaçando chamar o pároco, como se isso me preocupasse muito, e eu disse: *Querida, arranje um amante se quiser, não faz diferença para mim. Se é de pinto que você precisa, há aos montes por aí. Grandes, pequenos, perfeitos, deformados. Tortos, curvos, retos. Os jovens são verdadeiras ereções ambulantes e qualquer um gostaria de enfiar o dele numa moça bonita como você. Experimente um adolescente, se tiver vontade. Eles vão adorar e, você sabe, são capazes de dar cinco ou seis numa noite sem parar nem para tomar fôlego.* Disse isso para elogiá-la, mas, sei lá por que diabo, ela não entendeu assim e entrou numa espiral de recriminação e depressão. Talvez sempre tivesse sofrido de uma espécie de distúrbio psicológico, tantas mulheres sofrem, mas, em questão de meses, estava tomando remédio para não enlouquecer completamente. E, um dia, tomou comprimidos demais antes de entrar no banho, perdeu os sentidos e afundou na água, glu-glu, boa noite e boa sorte a todos. E, sim, é verdade que eu herdei muito dinheiro dela, motivo pelo qual começou todo o mexerico, mas eu garanto que não tive *nada* a ver com o que aconteceu naquele dia, e a morte dela me entristeceu muito. Fiquei quase duas semanas sem ter relações sexuais por respeito à sua memória. Entende, essa é a questão, Cyril, e se eu

tivesse um filho de verdade, faria o possível para que ele entendesse isso: a monogamia simplesmente não é o estado normal do homem, e, quando eu digo homem, quero dizer homem ou mulher. Apenas não tem sentido você se algemar sexualmente à mesma pessoa durante cinquenta ou sessenta anos quando a sua relação com essa pessoa pode ser muito melhor se vocês se derem a liberdade de penetrar e ser penetrada por pessoas do sexo oposto que acharem atraentes. O casamento devia ser questão de amizade e companheirismo, não de sexo. Quer dizer, que homem em sã consciência quer sexo com a própria esposa? No entanto, apesar de tudo isso, quando pus os olhos na sua mãe adotiva pela primeira vez, soube logo de cara que queria que ela fosse a segunda sra. Avery. Quando eu a vi, Maude estava na seção de lingerie da loja de departamentos Switzer's, deslizando a mão num cabide de sutiãs e calcinhas, o cigarro quase roçando a seda, e me aproximei e me ofereci para ajudá-la a escolher o par certo. Santo Deus, aquela mulher tinha tetas perfeitas! Ainda tem. Você já olhou bem para as tetas da sua mãe adotiva, Cyril? Não? Não fique com essa cara; é a coisa mais natural do mundo. A gente as chupa quando é bebê e deseja chupá-las quando adulto. Ela me esbofeteou quando eu disse isso, mas essa bofetada continua sendo um dos momentos mais eróticos da minha vida. Eu lhe agarrei a mão e beijei-lhe o pulso. Cheirava a Chanel nº 5 e molho rosê. Devia ter acabado de almoçar e, como você sabe, Maude sempre gostou de coquetel de camarão. Eu lhe disse que, se naquela tarde ela não fosse tomar uma taça de champanhe comigo no Gresham Hotel, eu me atiraria no Liffey e ela respondeu: *Afogue-se à vontade*, e acrescentou que não tinha intenção de passar uma tarde de quarta-feira embebedando-se com um desconhecido num bar de hotel. E, no entanto, eu consegui convencê-la e nós acabamos indo de táxi à O'Connell Street e tomando não uma, mas seis garrafas de champanhe não em uma, mas em seis horas. Você acredita? Estávamos praticamente paráliticos quando terminamos. Mas não tanto que não pudéssemos nos enfiar num quarto do hotel e passar quarenta e oito horas fazendo amor quase sem parar. Meu Deus, aquela mulher fez coisas comigo que nenhuma outra fez antes nem depois. Enquanto a tua mãe adotiva não te der uma chupada, Cyril, você não vai saber o que é uma felação de altíssima qualidade. Nós nos casamos em questão de meses. Porém, uma vez mais, o tempo estragou tudo. Maude ficou mais obcecada pela escrita; e eu, pela minha carreira. Enjoei do corpo dela e acho que ela enjoou do meu. Mas, enquanto eu procurava consolo em outro lugar, parece que Maude não se interessou por arranjar um amante e, por isso, há anos

que é abstinente, o que provavelmente explica aquele humor sombrio dela. É verdade que nós não somos o casal ideal, mas eu a amei um dia e ela me amou e, em algum lugar dentro de nós, ainda existe a sombra de dois seres sexuais de vinte e poucos anos tomando Veuve Clicquot no Gresham, morrendo de rir e se perguntando se podiam pedir a chave de um quarto ao recepcionista ou se alguém chamaria a polícia ou o arcebispo de Dublin se fizessem isso.”

Maude:

“Francamente, eu não me lembro. Pode ter sido numa quarta-feira, se lhe interessa saber. Ou talvez numa quinta.”

QUANDO OS MEUS INIMIGOS ME PERSEGUEM

O relacionamento dos meus pais adotivos simplesmente não era palpável o bastante para gerar o tipo de paixão necessária a uma briga, o que significava que a Dartmouth Square era, a maior parte do tempo, um lugar harmonioso. Aliás, a única briga séria deles que eu presenciei foi na noite em que os jurados vieram jantar, um plano tão desastrado que até hoje eu não entendo.

Foi numa das raras noites em que Charles voltou cedo do trabalho. Eu acabava de sair da cozinha com um copo de leite na mão e me surpreendi ao vê-lo entrar, a gravata não afrouxada, o cabelo não despenteado, o andar não instável, uma série de *nãos* que sugeria que algo terrível havia acontecido.

“Charles”, disse eu. “Tudo bem com você?”

“Sim, tudo bem. Por que não havia de estar?”

Eu olhei para o carrilhão no canto do hall e, como se estivesse mancomunado comigo, ele marcou as dezoito horas com meia dúzia de badaladas longas e ressoantes. Esperando que terminasse, Charles e eu ficamos exatamente onde estávamos, sem dizer uma palavra, embora sorrindo sem jeito e cada qual acusando a presença do outro com um ocasional aceno da cabeça. Finalmente, o repique cessou.

“É que você nunca chega a essa hora”, expliquei, retomando a conversa interrompida. “Não vê que ainda está claro e os pubs ainda estão abertos?”

“Não seja insolente.”

“Eu não estou sendo insolente. Estou preocupado, só isso.”

“Oh. Neste caso, obrigado. A sua preocupação é bem-vinda. Sabe,

é impressionante como fica mais fácil destrancar a porta quando está claro lá fora”, acrescentou ele. “Geralmente, eu passo um bom tempo no alpendre até conseguir entrar. Sempre achei que fosse um problema com a chave, mas vai ver o problema era comigo mesmo.”

“Charles”, eu pus o copo na mesa e me aproximei dele. “Você está completamente sóbrio, não está?”

“Estou, Cyril. Não tomei um só drinque o dia todo.”

“Mas por quê? Está doente?”

“Eu sou conhecido por passar o dia inteiro sem lubrificante, sabe? Não sou um alcoólatra completo.”

“Não, completo não. Mas você é muito bom nisso.”

Ele sorriu e, por um instante, tive a impressão de ver algo parecido com ternura nos seus olhos. “É gentil da sua parte se preocupar”, disse. “Mas eu estou perfeitamente bem.”

Eu não tinha tanta certeza. Nas últimas semanas, a sua exuberância habitual havia diminuído visivelmente e, quando eu passava pelo seu escritório, em geral ele estava sentado à escrivaninha, com uma expressão distante, como se não conseguisse entender como as coisas chegaram aonde chegaram. Havia comprado um exemplar de *Um dia na vida de Ivan Denisovich* na livraria Hodges Figgis e a cada momento livre lá estava ele absorto na leitura, mostrando mais interesse pelo romance de Soljenitsin do que jamais havia mostrado pelos de Maude, nem mesmo por *Como a cotovia*, que ela praticamente renegara quando as vendas chegaram a três dígitos. Que Charles comparasse o seu sofrimento com o de um prisioneiro num campo de trabalho soviético revela um pouco do seu senso de injustiça pessoal. Naturalmente, não esperava que o caso fosse a julgamento, imaginando que um homem na sua posição e com uma vasta rede de contatos influentes conseguiria evitar tamanha injustiça. E, mesmo quando ficou claro que nada se podia fazer para impedir que o julgamento fosse até o fim, ele teve certeza de que seria absolvido, apesar da sua culpa óbvia. Acreditava que prisão era coisa que só acontecia aos outros.

Durante essas semanas, Max Woodbead foi um visitante assíduo na Dartmouth Square, e Charles e ele trocaram as cantorias de bêbados pelas velhas canções do Belvedere College — *Só em Deus encontro segurança quando os inimigos me perseguem/ Só em Deus encontro a glória quando me acham manso e humilde* —, ou então um se punha a urrar com o outro em furiosos ataques de cólera, borrascas que ecoavam pela casa e faziam com que até Maude abrisse a porta e, saindo da penumbra pútrida do escritório, olhasse para fora, perplexa.

“É você, Brenda?”, perguntou-me numa dessas ocasiões em que, sei lá por quê, eu estava para lá e para cá no segundo andar.

“Não, sou eu, o Cyril.”

“Oh, Cyril, sim. Claro, o menino. Que diabo está acontecendo lá embaixo? Um assalto?”

“O sr. Woodbead está aqui. Veio discutir o caso de Charles. Acho que eles estão assaltando o bar.”

“Claro que não vai adiantar nada. Ele vai para a prisão. Qualquer um sabe. Nem todo o uísque do mundo é capaz de mudar isso.”

“E o que será de nós?”, perguntei eu, ansioso. Tinha só sete anos; não estava preparado para uma vida nas ruas.

“Nós vamos ficar bem. Eu tenho um pouco de dinheiro.”

“Mas e eu?”

“Por que eles precisam gritar tanto?”, indagou ela, alheia à minha pergunta. “Francamente, é demais. Como uma pessoa pode trabalhar? Aliás, já que você está aqui, conhece algum sinônimo de *fluorescente*?”

“Brilhante?”, sugeri. “Luminoso? Incandescente?”

“Incandescente, essa é a palavra”, alegrou-se ela. “Até que você é inteligente para um garoto de onze anos.”

“Sete anos”, disse eu, perguntando-me uma vez mais se os meus pais adotivos percebiam que eu era uma criança, não uma espécie de adulto em miniatura que o mundo lhes havia empurrado.

“Ótimo. Mais impressionante ainda”, disse ela, fechando a porta e voltando a se internar na sua cova esfumacada.

“O caso” foram as duas palavras que mais ecoaram na casa durante grande parte de 1952. Estavam sempre na ponta da língua de Charles e nunca longe do nosso pensamento. Ele parecia genuinamente insultado por sofrer semelhante humilhação pública e detestava ver o seu nome no jornal se a notícia não tivesse o potencial de aumentar a sua glória. Tanto que, quando o *Evening Post* publicou um artigo afirmando que a sua fortuna tinha sido muito exagerada ao longo dos anos e que se ele perdesse o processo e enfrentasse não só um período de reclusão como também uma pesada punição pecuniária provavelmente iria à falência e seria obrigado a vender a casa da Darmouth Square, Charles mergulhou num violento turbilhão de fúria, como o rei Lear nas terras baldias, invocando os ventos, as cataratas e o trovão que tudo sacudia para que inundassem os campanários, afogassem os galos e chamuscassem a sua bela cabeça de cabelos escuros até que a espessa redondez da Terra se achatasse. Instruído para entrar com ação contra o jornal, Max sabiamente se esquivou.

O jantar ficou marcado para a noite de quinta-feira, quatro dias

antes do início do julgamento, que devia durar duas semanas. Max havia escolhido um jurado que lhe parecia particularmente suscetível a sugestões e, numa noite em que ia pelo Aston Quay, trombou com ele acidentalmente de propósito e o convidou a tomar um aperitivo num pub. Lá informou o homem, um tal Denis Wilbert, da Dorset Street, professor de matemática, latim e geografia numa escola próxima da Clanbrassil Street, de que a relação íntima que ele havia formado com Conor Llewellyn, o seu aluno perfeito de doze anos que tirava notas altas em todos os exames apesar da cabecinha oca, mas linda, podia ser interpretada de maneira bastante maliciosa tanto pela imprensa quanto pelos *gardaí*, de modo que, se ele não quisesse que essa informação viesse a público, convinha-lhe pensar seriamente no seu veredicto no caso *Ministério da Fazenda versus Avery*.

“E é claro”, acrescentou, “tudo que o senhor fizer para persuadir os outros jurados também será muito bem-vindo.”

Com um jurado no bolso, Max contratou o seu *garda* exonerado predileto e o incumbiu de descobrir os podres do resto do júri. Para sua decepção, o ex-superintendente Lavery apurou pouca coisa. Soube que três tinham segredos: um homem fora acusado de se exhibir a uma menina na Milltown Road, mas a acusação havia sido descartada pelo fato de a garota ser protestante; outro era assinante de uma agência parisiense que lhe enviava mensalmente uma coleção de cartões-postais com mulheres nuas calçando botas de equitação; e uma terceira (uma das duas únicas juradas mulheres) tivera um filho fora do casamento, mas não havia informado os seus empregadores, que, sem dúvida, a teriam demitido, pois eram os guardiões da moralidade pública: o Parlamento da Irlanda, a Dáil Éireann.

Em vez de localizar cada pessoa e ameaçá-la veladamente de trazer à tona aqueles segredos, Max fez coisa muito mais cavalheiresca: convidou-as para um jantar. Por intermédio do sr. Wilbert, o professor pedófilo, deixou claro que, se os jurados recusassem o convite, as informações que ele havia colhido vazariam para a imprensa. O que não contou, naturalmente, é que ele não seria o anfitrião nem um dos comensais; essa honra caberia ao réu no processo, o meu pai adotivo, Charles Avery.

Naquele fim de tarde, pouco antes da chegada dos convidados, Charles chamou Maude e a mim ao escritório e, instalados nas bergères em frente à escrivaninha, nós o ouvimos expor os seus planos para a noite.

“A coisa mais importante”, alertou, “é simularmos uma frente

unida. Precisamos dar a impressão de que somos uma família feliz e amorosa.”

“Nós *somos* uma família feliz e amorosa”, disse Maude, mostrando-se ofendida com a sugestão do contrário.

“Esse é o espírito”, concordou Charles. “Embora eles não tenham interesse em pronunciar um veredicto que me condene, nós precisamos aliviar a consciência deles fazendo-os acreditar que nos separar seria um ato censurável equivalente a introduzir o divórcio na Irlanda.”

“Quem são eles, afinal?”, perguntou Maude, acendendo um cigarro novo, pois o que estava fumando estava temerariamente perto do fim. “Gente como nós?”

“Infelizmente, não”, respondeu Charles. “Um professorzinho, um estivador, um motorista de ônibus e uma mulher que trabalha no salão de chá da Dáil Éilreann.”

“Santo Deus. Hoje em dia, deixam qualquer um participar do júri?”

“Acho que sempre foi assim, meu amor.”

“Mas era realmente imprescindível recebê-los aqui em casa? Não podíamos apenas levá-los ao centro da cidade? Lá não faltam restaurantes em que esse tipo de gente nunca teve oportunidade de pôr os pés.”

“Querida”, sorriu Charles. “Oh, minha dulcíssima esposa, não esqueça que esse jantar é secreto. Se nós saíssemos, bem, isso naturalmente causaria muitos problemas. Ninguém pode saber.”

“Claro, mas eles me parecem tão ordinários”, disse Maude, esfregando o braço como se um vento frio tivesse entrado no escritório. “Será que eles vão tomar banho?”

“No tribunal, eles parecem limpinhos. Aliás, até exageram. A melhor roupa etc. Como se estivessem na missa.”

Maude abriu a boca, horrorizada. “Eles são papistas?”

“Sei lá”, irritou-se Charles. “Que importância tem isso?”

“Só espero que não inventem de rezar antes de comer”, resmungou Maude, examinando o escritório, um cômodo da casa em que quase nunca entrava. “Oh, veja só”, disse, apontando para um exemplar das *Meditações* de Marco Aurélio que estava numa mesa lateral. “Eu tenho a mesma edição lá em cima. Que engraçado.”

“Quanto a você, Cyril”, disse o meu pai adotivo, voltando-se para mim. “Hoje estão em vigor as regras mais rigorosas da casa, entende? Só fale quando lhe dirigirem a palavra. Não faça piadas. Não solte pum. Olhe para mim com o máximo de adoração nos olhos de que

você for capaz. Eu deixei na sua cama uma lista das coisas que nós dois fazemos como pai e filho. Você a decorou?”

“Decorei.”

“Repita-as para mim.”

“Vamos pescar juntos nos grandes lagos de Connemara. Assistimos às partidas da Associação Atlética Gaélica no Croke Park. Temos um jogo de xadrez em curso no qual só fazemos uma jogada por dia. Um faz trança no cabelo do outro.”

“Eu já disse: nada de piadas.”

“Desculpe.”

“E não nos chame de ‘Charles’ e ‘Maude’, está bem? Hoje você tem de se dirigir a nós como ‘papai’ e ‘mamãe’. Os nossos convidados vão estranhar se você nos der outro tratamento.”

Franzi a testa. Não tinha certeza de que conseguiria dizer aquelas palavras, assim como outra criança dificilmente conseguiria chamar os pais pelo nome de batismo.

“Vou me esforçar... papai.”

“Não precisa começar agora”, instruiu Charles. “Espere os convidados chegarem.”

“Sim, Charles.”

“Mesmo porque você não é um Avery de verdade.”

“Mas qual é o objetivo disso tudo, afinal?”, quis saber Maude. “Por que nós temos de nos degradar assim diante dessa gente?”

“Para eu não ir para a cadeia, minha idolatrada”, respondeu Charles alegremente. “Nós temos de adular, lisonjear e, se tudo falhar, eu os trago aqui ao escritório e preencho um cheque para cada um. Em todo caso, pretendo terminar esta noite confiante no veredicto *inocente*.”

“O sr. Woodbead também vem?”, perguntei.

Charles sacudiu a cabeça. “Não. Se a coisa aqui descambar em merda, ele não pode dar a impressão de que teve envolvimento com a história.”

“Charles, o vocabulário, por favor”, disse Maude com um suspiro.

“Então o Julian também não vem?”, perguntei.

“Que Julian?”, surpreendeu-se Charles.

“O filho do sr. Woodbead.”

“Por que diabo ele viria?”

Chateado, olhei para o tapete. Só tinha estado com Julian uma única vez depois da visita dele à minha casa, e isso já fazia quase um mês; esse segundo encontro tinha sido até melhor que o primeiro, embora, para a minha grande decepção, a gente não tenha tido

oportunidade de baixar a calça e se exibir. Eu estava empolgadíssimo com a ideia de ser amigo do Julian, e o fato de ele dar a impressão de também gostar da minha companhia era uma coisa tão deslumbrante que começou a dominar o meu pensamento. Mas, como não estávamos na mesma escola, era improvável que voltássemos a nos ver, a menos que Max o levasse à Dartmouth Square. Para mim, aquilo foi uma fonte de profunda frustração.

“Só pensei que talvez ele viesse”, expliquei.

“Lamento decepcioná-lo”, disse Charles. “Eu até havia pensado em convidar um bando de garotos de sete anos para jantar, mas depois lembrei que a noite de hoje era realmente importantíssima e que a nossa felicidade futura podia depender do resultado.”

“Quer dizer que ele não vem?”, repeti só para ter certeza.

“Não. Não vem.”

“Então a Elizabeth também não vem?”, indagou Maude.

“A Elizabeth?”, perguntou Charles, endireitando o corpo na cadeira como que assustado, corando até.

“A mulher do Max.”

“Eu não sabia que você conhecia a Elizabeth.”

“Não conheço. Pelo menos, não muito bem. Mas nós nos encontramos num ou noutro evento beneficente. Ela é amável de um modo muito ostensivo.”

“Não, a Elizabeth não vem”, disse Charles, olhando novamente para a escrivanhinha, tamborilando os dedos no mata-borrão.

“Só os representantes da classe trabalhadora”, murmurou Maude.

“É, só eles.”

“Que divertido.”

“São apenas algumas horas, querida. Tenho certeza de que você aguenta.”

“Eles vão saber quais facas e garfos usar?”

“Tenha a santa paciência”, disse Charles, sacudindo a cabeça. “Eles não são animais. O que você acha que vão fazer? Espetar o bife com o palito de dentes, segurá-lo no ar e mastigá-lo pelas bordas?”

“Vai ter bife? Eu estava com vontade de comer peixe esta noite.”

“Haverá frutos do mar de entrada.”

“Vieiras”, anunciei. “Eu vi na cozinha.”

“Eu não estou sendo esnobe”, disse Maude com firmeza. “Só pergunto porque, se esses seus convidados não estiverem habituados a um jantar refinado, podem ficar inibidos. Diante de talheres diferentes, são capazes de pensar que estamos zombando deles e de reagir a essa humilhação desprezando você mais ainda. Não esqueça

que eu sou romancista, Charles. Tenho uma compreensão agudíssima da natureza humana.”

O meu pai adotivo empurrou a bochecha com a língua, refletindo sobre o que acabava de ouvir. Ela tinha razão. “Ora, o que você quer que eu faça?”, perguntou, enfim. “É um jantar de cinco pratos. Com uma dúzia de talheres por serviço. Quer que eu pregue uma etiqueta em cada um, dizendo: *esta é a faca de peixe, esta é a faca de pão, este é o garfo de pudim?*”

“Não. Mesmo porque é impossível achar etiquetas tão pequenas. Principalmente em tão pouco tempo. Teríamos de encomendá-las.”

Charles a encarou e parecia estar prestes a soltar uma gargalhada, coisa que nos teria chocado, pois não estávamos acostumados com esse som.

“Mais alguma coisa que precisemos saber?”, perguntou Maude, consultando de relance o relógio. “Ou já podemos ir?”

“Eu estou retendo você?”, perguntou Charles. “Precisa ir a algum lugar? Por acaso tem alguma liquidação de cigarros na tabacaria do bairro?”

“Você sabe que gracejos não fazem o meu gênero”, disse ela, levantando-se e alisando a saia. Eu olhei rapidamente para Charles e me surpreendi ao ver a maneira como ele a olhava, correndo os olhos pelo corpo dela com indisfarçado desejo, pois Maude ainda era uma mulher muito bonita. E também sabia se vestir. “Aliás, a que horas eles vão chegar? Eu ainda não me maquiei.”

“Daqui a meia hora”, informou Charles, e ela fez que sim e saiu do escritório.

“O juiz não vai se zangar se descobrir?”, perguntei pouco depois, quando Charles voltou a se ocupar dos seus papéis, parecendo ter esquecido a minha presença. De fato, ele se sobressaltou um pouco quando eu falei.

“Zangar-se por quê?”

“Com o fato de você convidar quatro dos jurados para jantar. Ele não vai pensar que há alguma coisa desonesta nisso?”

Charles sorriu e me encarou com algo parecido com ternura nos olhos. “Oh, meu menino querido”, disse. “Você realmente não é um Avery. A ideia foi do juiz.”

A FAMÍLIA PERFEITA

“Eu posso dizer, sr. Avery...”

“Por favor, nada de cerimônia. Pode me chamar de Charles.”

“Eu posso dizer, Charles, que passei muito tempo interessado em direito”, disse Denis Wilbert, o professor pedófilo da Dorset Street, que, ao chegar, me apertou a mão e não a largou, ensanduichou-a entre as patas suadas durante muito mais tempo que o necessário, fazendo-me correr imediatamente ao banheiro para lavá-la. “Acompanho-o nos jornais, entende? O trabalho da An Garda Síochána. Os vários julgamentos, os advogados, os procuradores e assim por diante. Os apelos na Alta Corte e as contestações constitucionais. Aliás, cogitei estudar direito na universidade, mas enfim me dei conta de que a minha verdadeira vocação são as crianças. Eu nunca fico verdadeiramente feliz se não estiver na companhia de um menino. Na verdade, de tantos meninos quanto possível! Mas tenho vergonha de dizer que houve ocasiões em que acreditei que, se um homem está no banco dos réus, é provável que seja culpado do crime...”

“Ou a mulher”, interrompeu-o Jacob Turpin, o estivador pervertido que costumava vagar pela Milltown Road à noite, esperando menininhas que cruzassem o seu caminho para lhes oferecer um rápido lampejo dos seus dotes.

“Por favor, sr. Turpin”, disse Wilbert, que parecia ter-se em mais alta conta que os outros por causa de sua instrução superior. “Deixe-me concluir o que estava dizendo ao Charles e, então, se o senhor tiver algo pertinente a acrescentar, pode...”

“Só quis dizer que a gente também vê mulheres no banco dos réus”, atalhou Turpin, cujo cabelo ruivo de tonalidade quase luminosa era de um estranho hipnotismo. “Aquela garota que trabalhava no escritório do CIÉ e andava fraudando as faturas e pegou cinco anos por isso.2 Claro que você não ia se encarregar delas, ia? Quer dizer, das mulheres.”

“Eu estava dizendo”, prosseguiu Wilbert, falando mais alto para não ser interrompido novamente, “que achava que, quando um homem está no banco dos réus, era provável que ele fosse não só culpado como também um tipo desprezível, daqueles que a sociedade devia banir, mandar para o deserto, como um leproso ou um australiano. Mas hoje, nesta casa maravilhosa, saboreando este jantar excelente na companhia de uma família tão respeitável, essa ideia se mostrou falsa e eu a renego. Renego-a sincera e definitivamente! E, se me for permitido, gostaria de fazer um brinde a você, Charles, e lhe desejar boa sorte nos próximos dias, nos quais vai enfrentar uma provação difícil e injusta.”

“Um brinde”, proclamou Joe Masterson, o motorista de ônibus de

Templeogue com lúbrico interesse por pornografia no estilo trajes de equitação, o qual praticamente não parara de beber desde sua chegada à Darmouth Square. Terminou o seu cálice de vinho e olhou cheio de expectativa para a garrafa no centro da mesa; como ninguém lhe ofereceu mais bebida, ele se serviu, coisa que até eu sabia que contrariava a etiqueta de um jantar.

“Vocês são muito gentis”, Charles sorriu para os convidados com benevolência. “Todos vocês. No entanto, espero que não pensem nem um instante que os convidei para jantar comigo e com Maude por qualquer outro motivo que não o meu desejo de conhecê-los melhor.”

“Mas claro que não foi o senhor que nos convidou, não?”, interpelou Charlotte Hennessy, o quarto jurado presente e a única mulher. “Foi o sr. Woodbead. E nenhum de nós sabia que o jantar seria na sua casa. Tivemos a impressão de que era na casa dele.”

“Como eu expliquei, cara senhora”, disse Charles, “Max teve de se ausentar para cuidar de um caso urgente e, não tendo como entrar em contato com vocês, pediu-me que o substituísse no papel de anfitrião.”

“O senhor é um cavalheiro e um sábio”, elogiou Masterson.

“Mas, nesse caso, por que ele nos deu o seu endereço?”, insistiu a sra. Hennessy.

“A casa dele está em reforma”, esclareceu Charles. “E, enquanto isso, ele fica hospedado aqui. Naturalmente, eu não planejava estar presente hoje. É a minha noite regular com o cabido local da São Vicente de Paulo. E, para ser franco, achei que a minha presença podia ser mal interpretada. Mas eu não podia deixar vocês virem até aqui e voltarem para casa sem jantar. Não é assim que se faz na Dartmouth Square.”

“Tantas circunstâncias inusitadas”, replicou a sra. Hennessy. “E tantas coincidências. É quase inacreditável.”

“Às vezes a verdade é inacreditável”, filosofou Charles diplomaticamente. “Mas que bom que as coisas se resolveram assim. Sentado todos os dias no banco dos réus e olhando para o rosto honesto de vocês, às vezes eu ficava impressionado com o muito que gostaria de conhecê-los na vida privada, longe da atmosfera rançosa do tribunal.”

“Eu sempre disse”, anunciou Turpin, baixando a mão para se coçar e executando a tarefa com esmero, “que o homem de mais classe é aquele que não reconhece o sistema de classes. Muitos cavalheiros na sua posição não gostariam de receber gente como nós em casa.”

“Com todo o respeito, sr. Turpin”, disse Wilbert, tirando os óculos, e eu notei que fazia isso toda vez que queria parecer sério. “Eu sou

professor num internato muito prestigioso. Tenho licenciatura em matemática. O meu pai era farmacêutico e a minha mãe, certa vez, deu entrevista à Rádio Éireann sobre o melhor tipo de farinha com que preparar o tradicional *barmbrack* irlandês. Eu me consideraria igual a qualquer homem.”

“Oh, sem sombra de dúvida”, irritou-se Turpin. “Onde é que você mora então, Denis? Num casarão como este?”

“Acontece que eu moro com a minha mãe”, respondeu Wilbert, endireitando o corpo na cadeira, disposto a repelir quaisquer ataques ao seu caráter. “Ela não é mais nenhuma juvenzinha e precisa dos meus cuidados. É claro”, acrescentou olhando diretamente para mim e falando de modo deliberadíssimo, “eu tenho o meu quarto e, como ela vai ao bingo várias noites por semana, posso fazer o que me der na telha.”

“O senhor não é casado, sr. Wilbert?”, indagou Maude na outra extremidade da mesa, a voz tão virulenta que me sobressaltou. “Não existe uma sra. Wilbert à espreita em algum lugar?”

Ele corou um pouco. “Infelizmente não. A sorte não me sorriu nesse departamento.”

“O dia mais feliz da minha vida”, observou Charles, pousando a faca e o garfo, e juro que cheguei a ver lágrimas se formando nos seus olhos enquanto ele falava, “foi quando Maude aceitou o meu pedido de casamento. Eu achava que não tinha a menor chance. Mas também sabia que era capaz de qualquer proeza com ela ao meu lado e que o nosso amor, de algum modo, nos sustentaria nos tempos bons e nos ruins.”

Nós todos nos voltamos simultaneamente para Maude, interessadíssimos na sua reação; se naquele tempo eu soubesse quem era Joan Crawford, teria dito que a minha mãe adotiva tinha atingido o ápice de seu desempenho como Joan Crawford, fazendo uma expressão de desprezo mesclado com vulnerabilidade enquanto dava uma longa tragada no cigarro e soprava a fumaça ininterruptamente até formar uma névoa atrás da qual podia esconder os seus sentimentos reais.

“Eu estou no segundo casamento”, disse Masterson. “A minha primeira mulher morreu quando caiu do cavalo. Era amazona, sabem? Cavalos de hipismo de quatro anos. Ainda tenho a roupa dela guardada no guarda-roupa do quarto de hóspedes e, às vezes, gosto de entrar lá e simplesmente passar a mão no veludo ou cheirá-lo para me lembrar dela. Pedi à minha mulher atual que a vestisse para mim, mas com coisas assim ela é esquisita que dói. Sendo muito franco, e só digo

isso porque sinto que estou entre amigos, eu me arrependo muito de ter casado outra vez. A minha primeira era uma mulher adorável. A nova... ora bolas, é uma bocuda, isso é o que ela é.”

“Bocuda?”, perguntou a sra. Hennessy. “Queria que ela não tivesse boca? Como a coitada ia comer sem boca?”

“Ah, a senhora entendeu o que eu quis dizer”, riu Masterson, olhando para os outros homens e balançando o polegar em direção a ela como quem diz: *E essa aí é mais uma, não?* “Ela é muito respondona. Eu já disse que, se ela não tomar jeito, um dia desses eu chamo o padre para lhe dar a extrema-unção.”

“Que mulher de sorte”, disse a sra. Hennessy, desviando a vista e se voltando para Charles. “Tenho a impressão de que li em algum lugar que o senhor também já foi casado uma vez antes desta, sr. Avery.”

“É mesmo?”, sorriu ele. “Leu?”

“Fale de você, Cyril”, convidou Wilbert, piscando para mim de um modo tão lascivo que eu estremeci na cadeira. “Gosta do colégio? É estudioso?”

“Mais ou menos.”

“E qual é a sua matéria preferida?”

Tive de pensar um pouco. “Acho que história”, respondi.

“Matemática não?”

“Não, não sou muito bom em matemática.”

“Eu já contei que sou licenciado em matemática?”

“Já”, dissemos Charles, Maude, a sra. Hennessy, Turpin, Masterson e eu em uníssono.

“Talvez eu possa ajudá-lo”, ofereceu-se ele. “Uma aulinha particular ajuda muito. Você pode ir lá em casa numa noite em que a minha mãe estiver no bingo e...”

“Não, obrigado”, disse eu, comendo um pedaço de bife e esperando que alguma outra coisa lhe chamasse a atenção.

“E a senhora é dona de um salão de chá, sra. Hennessy?”, rugiu Maude inesperadamente, e Masterson pôs a mão no peito, assustado, como se estivesse à beira de um ataque cardíaco. “É verdade?”

“Não”, respondeu ela. “Eu sou gerente do salão de chá da Dáil Éireann.”

“Que interessante. Faz tempo que trabalha lá?”

“Desde 1922, quando o Oireachtas teve a sua primeira sessão na Leinster House.”³

“Fascinante”, disse Charles, justiça seja feita, parecendo genuinamente interessado. “Quer dizer que a senhora presenciou a

fundação do Estado?”

“Sim, presenciei.”

“Deve ter sido um dia e tanto.”

“Foi”, confirmou a sra. Hennessy, suavizando um pouco a voz. “Foi muito empolgante. Nunca vou esquecer como fiquei feliz. E o sr. Cosgrave, é claro, foi muito aplaudido quando se levantou para fazer o seu primeiro discurso na qualidade de presidente do Conselho Executivo.”

“Caramba, isso foi há trinta anos”, disse Turpin, sacudindo a cabeça. “Qual é a sua idade, afinal? Pelo jeito, a senhora deve estar ficando meio velha.”

“Eu tenho sessenta e quatro anos, sr. Turpin”, respondeu ela com doçura. “Obrigada por perguntar.”

“É o que eu imaginava”, disse ele, balançando a cabeça. “A senhora está mesmo com a cara das mulheres dessa idade. As bochechas flácidas, sabe o que eu quero dizer? As bolsinhas escuras sob os olhos. E, quanto às varizes nas pernas, isso deve ser por passar o dia inteiro em pé no salão de chá. Sem querer ofendê-la, é claro.”

Ela sorriu. “Como eu poderia me ofender com um discurso tão galante?”

“Em todo caso, um lugar interessantíssimo onde trabalhar, não acha?”, disse Charles. “Aqueles homens importantes indo e vindo todos os dias. A senhora deve ouvir muitos segredos lá dentro. Estou certo?”

“Se os ouvisse, sr. Avery, acha que os deixaria escapar dos meus lábios? Não é por ser indiscreta que eu mantenho o meu emprego há três décadas.”

“Mas eu ouvi dizer que a senhora vai se aposentar em breve. E, por favor, nada de sr. Avery. Eu sou o Charles.”

“De fato, eu tenho planos de me aposentar no fim do ano”, admitiu ela, estreitando os olhos. “Posso perguntar como o senhor soube disso?”

“Ora, ora, não foi por ser indiscreto que eu construí esta casa”, disse ele, piscando para a sra. Hennessy. “Digamos que um passarinho me contou. Aliás, como está o fundo de pensão? Espero que a senhora tenha tido cuidado. Ainda tem muitos anos pela frente e quer ser bem atendida.”

“Eu acredito que tenho sido prudente”, disse ela com frieza.

“Ouvir isso me alegra. O dinheiro é importante na velhice. Nunca se sabe quando a gente pode adoecer. Dizem coisas terríveis sobre o que acontece nos hospitais. Se a senhora precisar de conselho, fique à

vontade para me procurar.”

“É melhor a gente esperar o resultado do julgamento, não é?”, ela disse. “Antes de eu pensar em solicitar suas orientações financeiras.”

“Você também vai ser banqueiro, Cyril?”, perguntou Masterson. “Como o papai?”

Olhei para Charles, esperando que ele explicasse que não sou um verdadeiro Avery, apenas um filho adotivo, mas ele não disse nada, simplesmente mastigou sem muita vontade e me endereçou um olhar que dizia: *pode responder*.

“Acho que não”, disse eu, olhando para o meu prato e afastando o pé quando senti o de Wilbert me tocando por baixo da mesa. “Ainda não pensei nisso. Tenho só sete anos.”

“Uma idade maravilhosa”, sorriu Wilbert. “A minha favorita de todas as idades entre os seis e os dez anos.”

“Em todo caso ele é um garoto muito bonito”, disse Turpin, voltando-se para Maude. “Parecidíssimo com a senhora.”

“Cyril não tem nada parecido comigo”, disse ela, coisa bastante razoável.

“Ah, tem, sim”, teimou Turpin. “Veja os olhos dele. E o nariz. É o filhinho da mamãe sem tirar nem pôr.”

“O senhor é um homem muito perceptivo, sr. Turpin”, respondeu Maude, acendendo outro cigarro, enquanto o cinzeiro ao seu lado começava a transbordar sobre a toalha. “O sistema judiciário vai se beneficiar com a sua presença no júri.”

“Não sei se vocês sabem”, disse Charles, “mas a minha querida esposa é uma das principais romancistas da Irlanda.”

“Oh, Charles, por favor, não”, protestou ela, acenando a mão para calá-lo, mas só conseguiu soprar mais fumaça no ar, o que fez com que a sra. Hennessy virasse a cara, engasgada.

“Lamento, querida, mas preciso contar para os nossos convidados. Eu me orgulho tanto de Maude, sabem? Quantos romances você escreveu até agora, meu bem?”

Uma longa pausa. Comecei a contar mentalmente os segundos e cheguei a vinte e dois quando ela se dispôs a falar.

“Seis. E estou trabalhando no sétimo.”

“Não é ótimo, gente?”, alegrou-se Turpin. “É maravilhoso ter um hobby. A minha mulher faz tricô.”

“A minha toca acordeão”, disse Masterson. “Uma barulheira horrorosa. Mas a minha primeira mulher sabia cavalgar que nem a Elizabeth Taylor em *A mocidade é assim mesmo*. E também era a cara dela, todo mundo dizia.”

“Um dia desses a senhora vai aparecer no pano de prato”, profetizou Turpin.

“No pano de prato?”

“Sabe, esse que os turistas compam. Com o retrato dos escritores irlandeses.”

“Isso nunca vai acontecer”, disse Maude. “Não estampam mulheres neles. Só homens. Embora nos deixem usá-los para enxugar os pratos.”

“Quem era a escritora que fingia ser homem?”, quis saber Turpin.

“George Eliot”, arriscou Wilbert, tirando os óculos e limpando-os com o lenço.

“Não, ele *era* homem”, garantiu Masterson. “Mas houve uma que era realmente mulher, mas dizia que era homem.”

“Pois é, George Eliot”, insistiu o outro.

“Quem já ouviu falar numa moça chamada George?”

“George Eliot era o pseudônimo dela”, explicou Wilbert com paciência, como se estivesse na sala de aula, conversando com um aluno um pouco lento, mas atraente.

“Então qual era o nome verdadeiro dela?”

Wilbert abriu a boca, mas não pronunciou nenhuma palavra.

“Mary Ann Evans”, disse a sra. Hennessy antes que as coisas ficassem demasiado embaraçosas. “Aliás, eu li um dos seus romances, sra. Avery”, acrescentou. “Por acaso. Nada relacionado com o processo do seu marido. Presente de aniversário de uma das garotas do salão de chá no ano passado.”

“Puxa”, replicou Maude como se estivesse ficando doente. “Espero que a senhora não o tenha lido.”

“Claro que li. Que mais eu ia fazer com ele, usá-lo como porta-copo? E o achei muito bem escrito.”

“Qual era?”

“*A qualidade da luz.*”

Maude fez cara de nojo e sacudiu a cabeça com desdém. “Eu devia ter queimado o manuscrito desse livro. Nem sei onde estava com a cabeça quando o escrevi.”

“Pois eu gostei”, insistiu a sra. Hennessy. “Mas a autora é a senhora e, se diz que ele é terrível, imagino que preciso aceitar a sua opinião. Vai ver que eu entendi mal.”

“A senhora devia demitir a moça que deu esse livro de presente”, observou Maude. “Ela obviamente tem péssimo gosto.”

“Oh, não, essa menina é o meu braço direito. Eu estaria perdida sem ela. Há sete anos que está comigo. Aliás, vai assumir a gerência

do salão de chá no fim do ano, quando eu me aposentar, como tão bem observou o sr. Avery.”

“Bom, pelo que eu estou vendo, antes num salão de chá do que numa biblioteca”, disse Maude. “Agora olhem, nós vamos passar a noite nesta conversa mole ou vamos tratar do que realmente importa?”

Surpresos, nós todos olhamos para ela, e eu vi Charles abrir os olhos com receio, esperando que ela não destruísse os seus planos dizendo algo inconveniente.

“E o que é que realmente importa?”, indagou Wilbert.

Maude apagou o cigarro, embora não tivesse outro para fumar naquele momento, tomou um longo trago de vinho, olhou com demora para os convidados e então fez uma expressão de pura tristeza. “Eu sei que não devia dizer isto”, começou, com um tom de voz que eu nunca a tinha visto empregar, “sei que não devia tocar no assunto agora que estamos reunidos aqui, desfrutando deste jantar maravilhoso e desta conversa fantasticamente animada, mas tenho de falar. Tenho! Preciso informá-los, senhora e senhores do júri, que o meu marido Charles é inteiramente inocente de todos os delitos de que o acusam...”

“Maude, querida...”, balbuciou Charles, mas ela o silenciou com um gesto.

“Não, Charles, eu vou falar. Ele está sendo acusado equivocadamente e o que eu mais temo é que seja considerado culpado e levado para a prisão... O que será de nós, então? Cada dia e cada momento da minha vida são enriquecidos pelo amor que temos um pelo outro, e quanto ao nosso filho, o nosso pobre e querido Cyril...”

Ergui a vista e engoli em seco, desejando ardentemente que ela não me metesse naquilo.

“Cyril deu para ir toda noite ao nosso quarto, consternado, chorando inconsolável, receando o destino que pode estar reservado ao seu pai adorado. Ele já sujou os lençóis duas vezes, mas nós não o consideramos responsável, embora estejamos gastando uma fortuna com a tinturaria. É muito doloroso para uma mãe ver tanta dor numa criança tão pequena. Justo agora que ele está tão doente.”

Todos se voltaram para mim, e eu enruguei a testa. Estava doente? Não havia percebido. Era verdade que por aqueles dias eu andava com o nariz escorrendo, mas isso estava longe de me derrubar.

“Sei que isso não importa a ninguém”, prosseguiu Maude, “e vocês todos têm família em que pensar, mas o que me admira é a

coragem com que Cyril está lidando com o seu câncer, sem uma queixa sequer, ao mesmo tempo que essa situação desagradável vem se formando ao nosso redor.”

“Santo Deus”, gritou a sra. Hennessy.

“Câncer, é?”, perguntou Turpin, olhando para mim com deleite.

“Oh”, fez Wilbert, recuando um pouco na cadeira como se a doença fosse contagiosa.

“Terminal, receio eu”, disse Maude. “Só com muita sorte ele ainda estará aqui no Natal. Para ser realista, acho mais provável que já tenha partido no Halloween. E se Cyril tiver de morrer sem o querido pai ao seu lado e se eu ficar sozinha nesta casa, sem as duas pessoas que mais amo no mundo...” Sacudiu a cabeça, e as lágrimas lhe escorreram pela face, abrindo trilhas na maquiagem. A sua mão esquerda começou a tremer, mas deve ter sido porque ela não estava acostumada a ficar tanto tempo sem um cigarro preso entre o dedo indicador e o médio. “Bem, eu já sei o que fazer nessa eventualidade”, disse em voz mais baixa. “No entanto, não vou dizer as palavras em voz alta, pois o ato em si é um pecado mortal, mas creio que é o único recurso à minha disposição.”

A sala mergulhou num silêncio absoluto. Charles era um pai de família adorável, Maude planejava suicidar-se e eu tinha apenas alguns meses de vida. Tudo isso era novidade para mim. Por um instante, eu me perguntei se ao menos uma parte podia ser verdade, mas logo me lembrei de que fazia muito tempo que não ia ao médico e era improvável que fizessem um diagnóstico tão fatal sem medir a temperatura ou a pressão arterial do doente.

“Ninguém resiste a tamanha solidão”, disse Turpin.

“O homem precisa da família num transe tão doloroso”, concordou Masterson.

“Quer um abraço, Cyril?”, perguntou Wilbert.

A sra. Hennessy se dirigiu a mim. “Mas que tipo de câncer você tem? Porque, francamente, você parece estar com ótima saúde.”

Eu abri a boca, tentando conceber uma resposta. Não sabia nada de câncer, a não ser que era uma palavra medonha que os adultos empregavam para sugerir a morte iminente de amigos e inimigos, e espremi o cérebro à procura da melhor resposta. Câncer de unha? Dos cílios? Dos pés? Será que existia câncer do pé? Ou quem sabe eu podia me apropriar da doença recente da própria Maude e afirmar que tinha câncer do canal auditivo? Para minha felicidade, não precisei dizer nada, pois antes que pudesse escolher uma parte do corpo acometida por um tumor, a campainha tocou insistentemente e nós ouvimos

Brenda atravessar o corredor para abrir a porta. Pouco depois, soaram os berros do recém-chegado e o esforço da nossa empregada para impedi-lo de entrar na sala, mas eis que a porta se escancarou com violência e Max Woodbead apareceu, desgrenhado, rubicundo de ódio, e olhou para cada um de nós até dar com Charles. Encarou-o com toda a fúria do mundo, mas, preferindo não falar, atravessou rápido a sala, derrubou-o da cadeira e se pôs a esmurrá-lo com uma ferocidade que teria sido motivo de orgulho para um homem com a metade da sua idade. E, mesmo no caos do momento, não pude deixar de olhar para o hall na esperança de que Julian tivesse vindo com o pai, mas não vi ninguém a não ser Brenda, que observava a pancadaria com um brilho de prazer nos olhos.

A ILHA DE LESBOS

“Com tanta mulher na Irlanda, você teve de comer justo a esposa do solicitador que está tentando livrá-lo da prisão”, disse Maude quando os convidados se foram, uma tóxica mistura de raiva, incredulidade e exasperação na voz. Estava tomando uísque com Charles, no salão da frente, e eu espreitava escondido no corredor, sentado na escada. Desse observatório, vi o meu pai adotivo tocando de leve a ponta do dedo na contusão que lhe inchava a bochecha, pondo de quando em quando a língua para fora, feito um lagarto, para inspecionar o lábio partido e o dente da frente quebrado que lhe ensanguentara o queixo. Nuvens de fumaça avançavam agressivas na sua direção, e, quando ele afastou a cabeça para fugir delas, avistou-me e acenou amigavelmente para mim, quatro dedos a dançarem desanimados no ar como um pianista preso obrigado a tocar de memória uma das sonatas mais deprimentes de Chopin. Não se mostrou perturbado com a minha presença nem incomodado demais com os deploráveis acontecimentos da noite. “Max podia tê-lo salvado”, continuou Maude em voz mais alta. “E, coisa mais importante, podia ter salvado esta casa. O que vai nos acontecer agora?”

“Não há o menor motivo de preocupação”, disse Charles. “O meu advogado vai cuidar de tudo. Deixando de lado o espetacular show de cabaré, eu senti que a noite correu muito bem.”

“Então você é um perfeito idiota.”

“Não vamos nos rebaixar a ponto de trocar insultos.”

“Se nós perdermos a Dartmouth Square...”

“Isso não vai acontecer. Deixe tudo nas mãos do Godfrey, está

bem? Você não o viu em ação. O júri engole cada palavra que ele diz.”

“Pode ser que ele mude de opinião a seu respeito quando souber que você seduziu Elizabeth Woodbead. Afinal, ele não é amigo íntimo do Max?”

“Não seja ridícula, Maude. Onde já se viu um advogado e um solicitador sentirem algo além de aversão mútua? E a Elizabeth nunca precisou ser seduzida. Pelo contrário, a predadora foi ela no nosso pequeno *affaire de coeur*. Perseguiu-me como uma leoa no encalço de um impala.”

“Coisa difícil de acreditar.”

“Eu sou um homem bonito e poderoso com uma bela reputação de amante formidável nesta cidade. As mulheres adoram esse tipo de coisa.”

“Tudo quanto você sabe de mulher”, retrucou Maude, “pode ser escrito em letras grandes no verso de um selo postal e ainda sobra espaço para o pai-nosso de cabo a rabo. Apesar dos seus grandes flertes e seduções, apesar das suas vadias, prostitutas, namoradas e esposas, você não aprendeu absolutamente nada sobre as mulheres ao longo dos anos, nada!”

“Aprender o quê?”, perguntou ele, no provável intuito de irritá-la agora que ela estava destilando desprezo pela sua masculinidade. “Até parece que estamos falando em criaturas particularmente complexas. Diferentes dos golfinhos, por exemplo. Ou dos cães são-bernardo.”

“Meu Deus, você é insuportável.”

“Mesmo assim, você se casou comigo e há longos anos continua sendo a minha perseverante companheira e ajudante”, respondeu ele, um raro toque de irritação na voz. Geralmente ria de qualquer comentário ofensivo que lhe dirigissem, tão convencido estava do seu status superior, mas não naquela noite. Talvez também estivesse apreensivo diante do destino que o aguardava. “As qualidades que você chama de insuportáveis são as mesmas que a mantiveram dez anos comigo.”

“Max agora deve estar na casa do Godfrey”, disse ela, preferindo desconsiderar essa observação, “contando toda a história. E, se ele tiver esposa, é muito provável que tome o partido do Max.”

“O Godfrey não tem esposa”, disse ele, sacudindo a cabeça. “Não é do tipo casamenteiro.”

“Como assim?”

“Ora, ele é um desses..., sabe?”, respondeu Charles. “Um pederasta. Um invertido. Mas, mesmo assim, é um ótimo profissional, apesar de tudo. A gente pensa que esses caras só servem para ser

cabeleireiros ou bailarinos, mas eu nunca vi um advogado mais dedicado e duro que o Godfrey. Quase nunca perde, e aliás foi por isso que eu o contratei.”

Houve um prolongado silêncio antes que Maude voltasse a falar. “Alguém sabe?”

“Sabe o quê?”

“Do Godfrey. Que ele é homossexual?”

“É um segredo de polichinelo entre os juristas. Obviamente, ele não pode fazer nada, coitado. Afinal, isso é crime.”

“Que asco”, disse Maude.

“Asco do quê?”

“Da própria ideia.”

Charles riu. “Não seja tão pudica.”

“Não é ser pudica saber o que é natural e o que não é.”

“Natural? Você não me contou uma vez que havia desenvolvido sentimentos parecidos por uma garota que frequentava uma das suas sociedades literárias?”

“Absurdo”, disse Maude. “Isso é invenção sua.”

“Não, não é. Eu me lembro perfeitamente. Você disse que sonhou com ela, as duas estavam fazendo piquenique à beira de um rio, era um dia de sol e ela propôs que tirassem a roupa e fossem nadar, e depois, quando estavam nuas, deitadas na margem, você se virou para ela e...”

“Oh, cale a boca, Charles!”

“Amor sáfico”, disse ele sem se abater.

“Absolutamente ridículo.”

“Uma viagem de barco até a ilha de Lesbos.”

“Você está inventando”, gritou ela.

“Não estou. E você sabe muito bem.”

“Aliás, o que significam os sonhos? Não passam de um monte de disparates.”

“Ou da satisfação de desejos. A representação subconsciente dos nossos verdadeiros desejos.”

“Você é louco de dizer isso.”

“Não fui eu que disse isso. Foi Sigmund Freud.”

“Sim, mas ele também disse que os irlandeses eram uma raça de gente para a qual a psicanálise era absolutamente inútil. Portanto, por favor, não tente descobrir os meus pensamentos íntimos. Você não é capaz. O que está tentando sugerir, afinal?”

“Nada, minha querida. Só que, se eu saí por aí à procura de prazer físico, você não pode me condenar. Não é uma coisa pela qual você

mostrasse grande interesse desde aquela tarde no Gresham há tantos anos.”

“Se eu não mostrei interesse, talvez seja porque sei quem você é. Sempre teve afinidade com pervertidos. Refiro-me àquela coisa que você queria fazer com os pneus e o esguicho do jardim naquela vez. Ainda estremeço quando penso nisso.”

“Talvez você tivesse gostado se experimentasse. Em todo caso, eu acho meio hipócrita da parte do Max ficar tão indignado. Como se ele próprio fosse fiel à Elizabeth. O sujeito é pior que eu. A única diferença é que ele fica com ciúme, ao passo que essa é uma emoção que não me desperta o menor interesse. No que lhe diz respeito, ele pode trepar com quem lhe der na telha, mas Deus o livre que a Elizabeth procure um pouco de variedade.”

“Não se trata disso”, disse Maude. “A Elizabeth é minha amiga.”

“Querida, não seja ridícula. Você não tem amiga nenhuma.”

“Uma conhecida, então.”

“Você está se preocupando com uma besteira, palavra. Amanhã, o Max vai acordar se sentindo um idiota por ter se comportado de maneira tão tosca. Vai aparecer aqui de manhã cedinho, pedindo desculpas antes que o tribunal abra.”

“Se você acredita nisso, é mais burro do que eu imaginava.”

Não aguentei mais ouvir a discussão e subi ao meu quarto, no último andar, fechei a porta e escancarei a boca ao máximo diante do espelho, iluminando a garganta com uma lanterna para me convencer de que não estava com câncer. Não achei nada diferente.

Era difícil saber como os quatro jurados reagiriam à cena que presenciaram. Quando a pancadaria começou, Masterson e Turpin se levantaram de um salto e se puseram a estimular Charles e Max, feito crianças entusiasmadas com uma briga no parque infantil, instruindo os combatentes aos berros sobre como derrubar o adversário. Wilbert tirou os óculos e fez uma tímida tentativa de separar os dois briguentos, mas saiu com o nariz sangrando e se recolheu num canto da sala, onde ficou sentado com a cabeça nas mãos, declarando que a sua mãe *não* ia gostar nem um pouco quando ele voltasse para casa. A sra. Hennessy levantou-se da mesa e saiu da sala com silenciosa dignidade. Eu disparei atrás dela, achando que ia chamar a polícia, mas ela simplesmente tirou o chapéu e o casaco da chapeleira, voltou-se e me viu.

“Você não devia presenciar uma cena dessas, Cyril”, disse com preocupação. No outro cômodo, eu ouvi o barulho das cadeiras derrubadas e Maude pedindo a todos que tivessem cuidado com uma

cigarreira de mesa que viera da longínqua São Petersburgo. “É uma vergonha homens adultos armarem um escândalo desses na sua frente.”

“Charles vai ser preso?”, perguntei. Ela olhou em direção à sala de jantar para se certificar de que a luta não ia se deslocar para o hall.

“Isso ainda não foi decidido”, disse, ajoelhando-se diante de mim e afastando o meu cabelo da testa como os adultos costumam fazer com as crianças. “Nós somos doze jurados. Precisamos ouvir as provas antes de chegar ao veredicto. Eu não sei por que o sr. Woodbead nos convidou a vir aqui esta noite para esta ópera-bufa. Como se já não bastasse ter de ouvir esses idiotas todo dia no Four Courts, ainda é preciso jantar com eles! A verdade é que eu só vim porque ele deu a entender que... ora, pouco importa o que ele deu a entender. Tenho certeza de que nenhuma das ameaças dele era séria. Eu apenas devia ter falado para ele ir em frente e fazer o que bem entendesse. Agora suba e vá para a cama, você é um bom menino.” Inclinou a cabeça um pouco para o lado e sorriu, agora com ar pensativo. “É estranhíssimo”, disse. “Você me lembra uma pessoa, mas não consigo saber quem.” Refletiu alguns instantes e deu de ombros. “Não. Não sei. Em todo caso, é melhor ir embora. Preciso estar no tribunal às nove da manhã. Boa noite, Cyril.”

E, com isso, apertou a minha mão, nela deixou uma moedinha de seis centavos e saiu à escuridão da Dartmouth Square, na qual por sorte ia passando um táxi. Ele parou e ela desapareceu na noite, e eu fiquei à porta, olhei em direção ao centro e me perguntei se alguém notaria se eu sumisse.

O HOMEM DA RECEITA

Os dias seguintes foram um turbilhão de atividade e talvez o desfecho do caso fosse inevitável. O meu pai adotivo, com o otimismo de um autor empenhado em trabalhar no sexto volume de uma série que aparentemente ninguém lê, acreditava que a sua amizade com Max Woodbead sobreviveria a uma pequena desavença, mas não podia estar mais equivocado, e, meses depois, quando Max se vingou, o golpe foi rápido e certo. No meio-tempo, porém, continuou agindo como solicitador de Charles, sempre deixando claro que iria se comportar profissionalmente até o fim do julgamento, mas depois disso, a relação deles estava acabada para sempre.

Maude e eu fomos juntos ao Four Courts no último dia para ouvir o veredicto, e, como eu não tinha podido acompanhar o processo,

fiquei fascinado e um pouco assustado com a majestade do Round Hall, no qual as famílias tanto de vítimas como de criminosos se misturavam numa curiosa miscelânea de presa e malfeitor enquanto os juristas iam e vinham de toga preta e peruca branca, carregados de pastas e seguidos de estagiários de aparência ansiosa. A minha mãe adotiva estava furiosa, porque o caso havia recebido tanta publicidade nas últimas semanas que o seu último romance, *Entre anjos*, tinha ido parar na mesa logo à entrada da Hodges Figgis, na Dowson Street, lugar do qual nenhum dos seus livros anteriores tinha chegado perto. Advertida do fato ainda no café da manhã por Brenda, que fizera compras no centro na tarde anterior, ela apagou o cigarro numa gema de ovo e começou a tremer de cólera, pálida de humilhação.

“Quanta vulgaridade, meu Deus”, disse. “Popularidade. Leitores. Eu não tolero isso. Sabia que Charles ia acabar destruindo a minha carreira.”

Mas o pior estava por vir quando, pouco depois que nos sentamos, uma senhora que estava algumas filas atrás de nós se aproximou com um exemplar do mesmo livro e se postou junto ao nosso banco, sorrindo ávida para ser notada.

“Pois não?”, rosnou Maude, virando-se para ela com a ternura com que Lizzie Borden deve ter ido dar boa-noite aos pais.⁴

“A senhora é Maude Avery, não?”, perguntou a mulher, que aparentava uns sessenta e poucos anos e tinha um verdadeiro capacete de cabelo azul cujo tom não era encontrável na natureza. Se fosse um pouco mais velho, eu a teria reconhecido como um daqueles habitués do tribunal — o prédio era bem aquecido e o entretenimento, gratuito — que conheciam pelo nome todos os advogados, juízes e oficiais de justiça e, provavelmente, entendiam mais de direito que a maioria deles.

“Sou.”

“Eu esperava mesmo que a senhora estivesse aqui hoje”, sorriu a mulher com entusiasmo. “Procurei-a durante todo o processo, mas nunca a encontrei. Imagino que estivesse escrevendo. Aliás, de onde a senhora tira as ideias? Que imaginação fértil! E escreve à mão ou com máquina? Eu tenho uma história que venderia milhões, mas me falta talento para escrevê-la. Podia contá-la e então a senhora a escreveria por mim e nós podíamos dividir o dinheiro. É sobre os velhos tempos, claro. As pessoas adoram histórias de antigamente. E há um cachorro no enredo. E não é que o pobre cachorro morre?”

“Quer fazer o favor de me deixar em paz?”, pediu Maude, esforçando-se muito para não se descontrolar.

“Oh”, fez a mulher com um sorriso um pouco menos enfático. “A senhora está aborrecida, eu sei. Preocupada com o marido. Eu venho aqui diariamente e posso dizer que a senhora tem razão em se preocupar. Ele não tem esperança. Mesmo assim, é um homem muito bonito, não acha? Bem, se a senhora autografar o livro para mim, eu a deixo em paz. Tome a caneta. Quero que escreva: *À Mary-Ann, boa sorte na operação das varizes, com todo o afeto.* E depois a assinatura e a data.”

Maude olhou para o livro como se nunca tivesse visto coisa mais repulsiva na vida e por um instante eu pensei que fosse tomá-lo da mulher e atirá-lo no meio da sala de audiência, mas antes que chegasse a tanto, o oficial de justiça abriu uma das portas laterais, o júri e os funcionários do tribunal entraram e ela enxotou a mulher com um gesto, como os turistas fazem com as pombas na Trafalgar Square.

Fiquei observando quando Charles se instalou no banco dos réus e, pela primeira vez, vi genuína ansiedade estampada no seu rosto. Duvido que alguma vez tivesse acreditado que as coisas chegassem tão longe e, no entanto, lá estava ele, o seu futuro prestes a ser decidido por doze desconhecidos, nenhum dos quais, na sua opinião, tinha motivo para julgá-lo.

Procurei Turpin, o estivador, e o achei na segunda fila, com o mesmo terno da noite em que estive na Dartmouth Square. Quando me viu, ele corou e desviou a vista, coisa que me pareceu um mau sinal. Masterson estava ao seu lado, agitando os punhos como um pugilista. Wilbert se achava na fila da frente e parecia um tanto irritado por não ter sido nomeado presidente do júri; algo me dizia que provavelmente trouxera consigo o diploma de professor de matemática na tentativa de garantir o cargo. Mas não tinha dado certo, pois a presidência coube não a um homem, mas a uma mulher, e Wilbert fez cara de quem estava engolindo uma vespa quando o oficial de justiça pediu a ela que se levantasse.

Pouco antes que a sra. Hennessy abrisse a boca para falar, percebi que eu não tinha ideia do que queria que ela dissesse. Outros meninos na minha situação teriam pedido aos céus que o pai fosse absolvido, pois, na atmosfera ainda trevosa daquele começo da década de 1950, a ideia da prisão e a perspectiva de uma família dilacerada eram vergonhosas. Que seria de mim e de Maude se ficássemos sozinhos, eu me perguntei. Como enfrentar um dia no colégio com semelhante escândalo pairando sobre a minha cabeça? E, entretanto, não sei por que e para minha surpresa, descobri que eu não ligava muito para o

desfecho do processo. Maude riscou ruidosamente um fósforo para acender mais um cigarro, o barulho sobressaltou a sala em silêncio, e todos, inclusive o meu pai adotivo, se voltaram e lhe dirigiram um olhar de reprovação. Ela os encarou com desfaçatez, pondo o cigarro entre os lábios de modo provocador e tragando fundo antes de soltar uma nuvem de fumaça no centro da sala de audiência, usando o dedo indicador para jogar a cinza no piso entre nós. Notei a sombra de um sorriso nos lábios de Charles, certo elemento de adoração fascinada que talvez explicasse como aquelas duas pessoas incompatíveis tinham ficado tanto tempo juntas, e acaso foi uma piscadela o que Maude lhe endereçou instantes antes que a sra. Hennessy o declarasse culpado? Foi. Certamente foi.

Mas e Max Woodbead? Sorrii no momento da condenação? Estava de costas para mim, eu não pude ver, mas reparei que se debruçou sobre os seus papéis e tapou a boca com a mão, de modo que ou estava encobrindo o prazer, ou mais um dente tinha se soltado graças à troca de socos de dias antes.

A galeria da imprensa se esvaziou rapidamente quando os seus ocupantes saíram correndo da sala de audiência rumo às cabines telefônicas que se enfileiram como sentinelas ao longo dos cais do Liffey para comunicar o resultado aos editores. O juiz fez alguns comentários explicando que Charles podia contar com uma sentença de reclusão, e o meu pai adotivo se levantou imediatamente e, com orgulho na voz, perguntou se podia se dirigir ao tribunal.

“Se for necessário”, disse o juiz com um suspiro.

“Seria possível”, perguntou Charles, “eu começar a cumprir pena hoje mesmo? Assim que sair do banco dos réus?”

“Mas eu ainda não decidi a duração da pena”, respondeu o magistrado. “E o senhor tem direito a fiança até a data da sentença. Pode passar duas semanas em casa, sr. Avery, pondo os seus negócios em ordem.”

“Acontece que foram os meus negócios que me meteram nesta encrenca, meritíssimo. Prefiro descansar deles o mais depressa possível. Não, se é para ver o sol nascer quadrado, prefiro começar já”, disse Charles, pragmático até o fim. “Quanto mais cedo eu entrar, mais cedo saio, não estou certo?”

“Acho que sim”, respondeu o magistrado.

“Ótimo. Então vou começar hoje, se o senhor permitir.”

O juiz rabiscou alguma coisa no bloco de papel à sua frente e olhou para Godfrey, o advogado de Charles, que sacudiu os ombros como a dizer que respeitava os desejos do cliente e não pretendia

recorrer.

“O senhor ainda quer dizer alguma coisa”, indagou o juiz, “antes de ser levado?”

“Apenas que aceito humildemente a decisão do tribunal. E que cumprirei a pena sem reclamação. Ainda bem que não tenho filhos para presenciarem este momento de degradação. Pelo menos isso é uma clemência.” Tal declaração deixou pelo menos quatro jurados com expressão de total perplexidade.

Quando saímos da sala de audiência e demos com um bando de jornalistas e fotógrafos ávidos, Maude ignorou as perguntas e os flashes, avançando resolutamente sem nem mesmo um cigarro como armadura, e eu me esforcei muito para acompanhá-la de perto, sabendo que, ao menor tropeção, seria esmagado pelas botinas da imprensa.

“É ele!”, gritou Maude inesperadamente, a voz a ecoar em todo o Four Courts, e parou de súbito; a imprensa também se deteve, aglomerando-se ao nosso redor. Tal como dentro do tribunal quando ela riscou o fósforo, todos os olhares se voltaram para nós. “Que descarado!”

Acompanhei o seu olhar e vi um homem de meia-idade e aparência comum, de terno escuro e ostentando um bigodinho que, para mim, tinha uma desagradável semelhança com o de Hitler. Estava postado no centro de um grupo de homens de indumentária parecida, recebendo felicitações.

“Quem é ele?”, perguntei. “Você o conhece?”

“É o Homem da Receita”, declarou Maude, caminhando a passos largos em direção ao sujeito ao mesmo tempo que enfiava a mão na bolsa. O auditor se virou e, ao vê-la se aproximar, olhou com pavor para aquela mão que agora saía da bolsa. Talvez naquele momento tenha pensado que ela ia apontar uma arma e meter-lhe uma bala no coração; talvez tenha se perguntado por que ele dedicara a vida à investigação e denúncia das transações financeiras desonestas no setor bancário irlandês se o seu primeiro amor sempre fora as artes performáticas. Ou talvez não tivesse a menor ideia de quem era aquela mulher. Em todo caso, não disse uma palavra e, quando Maude parou na sua frente, vermelha de raiva, sem dúvida se espantou quando ela se pôs a brandir um exemplar de *Entre anjos* diante do seu nariz, objeto com o qual ela não demorou a golpeá-lo na cabeça.

“Está contente agora?”, ela gritou. “Está orgulhoso? Seu maldito, por sua causa agora eu sou popular!”

1. Atormentada personagem do romance *Jane Eyre* de Charlotte Brontë (1816-55), que é trancafiada pelo marido em razão de seu comportamento violento.
2. CIÉ (Córas Iompair Éireann): o sistema de transporte irlandês, responsável pela maior parte do transporte público do país.
3. Oireachtas: o Parlamento irlandês, composto pelo presidente da República, a Câmara Alta e a Câmara Baixa. Eles se reúnem na Leinster House, antigo palácio do duque de Leinster, em Dublin.
4. Lizzie Borden (1860-1927), filha de uma abastada família americana, tornou-se a principal suspeita do brutal assassinato dos pais, mortos a machadadas.

1959:

O sigilo do confessorário

UM NOVO COMPANHEIRO DE QUARTO

Embora eu ainda tivesse de esperar sete anos para voltar a pôr os olhos em Julian Woodbead, ele continuou sendo uma constante na minha mente durante todo esse tempo, uma figura quase mitológica que um dia entrara na minha vida para me engolfar em autoconfiança e encanto antes de desaparecer com igual rapidez. De manhã, quando acordava, muitas vezes eu pensava nele acordando também, na sua mão, como a minha, a deslizar para dentro do pijama a fim de estimular a cascata de infinito prazer que a nossa intumescência juvenil começava a oferecer. Durante o dia, ele estava presente de uma forma ou de outra, comentando os meus atos, como um irmão gêmeo mais inteligente, mais seguro de si, que sabia melhor do que eu como me convinha agir, quando me convinha falar e o que me convinha dizer. Apesar do fato de termos estado juntos só duas vezes e por bem pouco tempo, eu nunca perguntei por que ele se tornara uma figura tão importante para mim. Naturalmente, ainda era muito novo para reconhecer esse fascínio como aquilo que ele de fato era, de modo que eu o classificava como uma espécie de adoração do herói, do tipo que eu costumava encontrar nos livros, e aquele assombro parecia característico dos garotos como eu, garotos calados que passavam muito tempo sozinhos e não se sentiam bem na presença de gente da mesma idade. Assim, quando fomos nova e inesperadamente lançados na companhia um do outro, eu fiquei tão inquieto quanto encantado, mas queria com muita determinação que nos tornássemos grandes amigos. É claro que eu não esperava que, no fim do ano, Julian se tornasse o adolescente mais famoso do país, mas quem podia ter previsto que os acontecimentos tomariam um rumo tão extraordinário? A violência e a agitação política não faziam parte da rotina dos garotos de catorze anos em 1959; como a maioria das gerações, nós nos preocupávamos exclusivamente com quando íamos comer, como podíamos melhorar nosso status social entre os nossos pares e se alguém podia fazer em nós as coisas que nos

encarregávamos de fazer a nós mesmos várias vezes por dia.

Um ano antes, eu tinha ido estudar em regime de internato no Belvedere College e, para minha surpresa, não o detestei tanto quanto esperava. A ansiedade que marcara a minha infância começava a diminuir e, embora ainda não fosse o mais extrovertido dos alunos, não passava pelos corredores lotados com medo de uma agressão ou de um insulto. Era um desses rapazes afortunados que, em geral, são deixados por sua própria conta, nem populares nem detestados, não interessantes a ponto de fazer amigos nem frágeis a ponto de serem molestados.

O alojamento continha os chamados “quartos duplos”, mobiliados com duas camas, um guarda-roupa grande e uma cômoda. No primeiro ano, o meu companheiro de quarto foi um garoto chamado Dennis Caine, cujo pai era uma criatura raríssima nos anos 1950: um crítico da Igreja católica que escrevia artigos incendiários nos jornais e era regularmente convidado a falar por produtores novidadeiros da Rádio Éireann. Companheiro de Noël Browne, cujo Projeto Mãe e Filho derrubara o governo quando o arcebispo McQuaid se deu conta de que a proposta significava que as irlandesas teriam direito a opinião própria sem necessidade de consultar o marido, diziam que ele se propunha a eliminar o veneno clerical do corpo secular e os cartuns dos jornais pró-católicos costumavam retratá-lo como uma serpente, coisa absolutamente sem sentido considerando a analogia. Dennis, que tinha sido admitido no colégio antes que os jesuítas descobrissem quem era o seu pai, foi acusado de colar no exame, sem nenhuma prova que sustentasse a alegação, expulso depois de uma investigação ridícula e relegado a uma educação não confessional.

Naturalmente, não havia quem não soubesse que a história toda era uma armação e que os padres, agindo sob as ordens de um poder superior, apenas haviam plantado indícios para mostrar ao pai dele o que acontecia aos adversários da autoridade da Igreja. Dennis se declarou inocente, mas talvez não se importasse muito, porque ser considerado culpado significava ficar livre para sempre do Belvedere e do meigo abraço da escola. Ele desapareceu praticamente sem se despedir.

E então Julian chegou.

Havia circulado um boato segundo o qual um aluno novo ia ingressar no Belvedere, coisa bastante inusitada uma vez que já estávamos na metade do ano letivo. O rumor logo se transformou em especulação; passaram a dizer que se tratava do filho do ocupante de um importante cargo público, um rapazinho que, como Dennis, tinha

sido expulso do seu colégio anterior devido a um crime odioso. Também mencionaram Michael, o filho de Charlie Chaplin, assim como um dos rebentos de Gregory Peck. Durante algumas horas, correu o estranho rumor de que o ex-presidente Georges Pompidou escolhera o Belvedere para o seu filho Alain, isso porque um dos monitores do curso colegial jurou ter ouvido os professores de geografia e de história discutirem medidas de segurança. E assim, na véspera da chegada de Julian, quando o diretor, o padre Squires, se levantou na reunião para anunciar o nome do aluno novo, a maioria dos meus colegas ficou decepcionada porque o sobrenome não sugeria uma ascendência tão ilustre assim.

“Woodbead?”, perguntou Matthew Willoughby, o detestável capitão da equipe de rúgbi. “Ele é um de nós?”

“Um de nós em quê?”, disparou o padre Squires. “Ele é um ser humano, se é isso que você quer saber.”

“Por acaso é bolsista? Nós já temos dois bolsistas.”

“Na verdade, o pai dele é um dos solicitadores mais famosos da Irlanda e ex-aluno do Belvedere. Quem lê jornal conhece o nome de Max Woodbead. Nos últimos anos, defendeu a maioria dos criminosos importantes da Irlanda, inclusive muitos pais de alunos nossos. Vocês devem dar as boas-vindas a Julian e tratá-lo com cortesia. Cyril Avery, você vai ser o companheiro de quarto dele, já que há uma cama disponível no seu, e tomara que ele não se revele tão desonesto quanto o seu predecessor.”

É claro que eu sabia mais que os meus colegas acerca de Max Woodbead, mas dos nossos encontros anteriores eu não contei nada a ninguém. O meu interesse por Julian me levava a acompanhar a carreira e a celebridade cada vez maior do seu pai nos sete anos que se seguiram ao julgamento de Charles, e eu havia observado que o seu escritório crescera consideravelmente, tanto que só os réus riquíssimos podiam se dar ao luxo de contratá-lo. Diziam que ele valia mais de 1 milhão de libras, uma quantia enorme naquele tempo. Possuía uma casa de campo na península Dingle, um apartamento na Knightsbridge, no qual morava a sua amante, uma atriz famosa, mas a sua residência principal era uma casa na Dartmouth Square, em Dublin, na qual vivia com a esposa Elizabeth e os filhos Julian e Alice, a mesma casa que antes pertencera a Charles e Maude e que ele havia comprado num ato de vingança seis meses depois do encarceramento do meu pai adotivo no presídio de Mountjoy. Mudar-se para lá com a família e obrigar Elizabeth a dormir ao seu lado no quarto que outrora tinha sido de Charles foi o castigo que ele concebeu.

A fama de Max também se devia ao seu reconhecimento público crescente. Aparecia com frequência nos jornais e no rádio criticando o governo, independentemente das suas colorações, e exortando à restauração do lugar da Irlanda no império. Estava envolvido num rapsódico caso amoroso com a jovem rainha, que ele adorava, e considerava Harold Macmillan simplesmente o melhor político que já havia existido. Desejava muito o retorno do tempo da aristocracia anglo-irlandesa com um governador-geral na Kildare Street e o príncipe Philip vagando pelo Phoenix Park, abatendo todo infeliz animal que tivesse a temeridade de cruzar o seu caminho. Tais opiniões antirrepublicanas não podiam deixar de render a ele a hostilidade de toda a nação, mas isso o tornava ainda mais popular na imprensa, que propagava todas as suas declarações apaixonadas e esfregava as mãos de alegria, esperando que a balbúrdia começasse. Max era a prova viva de que pouco importa que as pessoas amem ou detestem a gente; contanto que elas saibam quem a gente é, dá para viver muito bem.

E, assim, quando eu voltei da aula de latim na tarde seguinte, vi a porta do meu quarto entreaberta e ouvi o barulho de alguém andando lá dentro, senti um misto de entusiasmo e mal-estar, adivinhando que Julian havia chegado. Dei meia-volta e fui correndo ao banheiro, onde havia um espelho de corpo inteiro pregado na parede com a intenção expressa de nos intimidar após o banho de chuveiro matinal, e me examinei rapidamente, tirando um pente do bolso e penteando o cabelo antes de averiguar se não havia nenhum resto do almoço preso entre os dentes. Estava louco por causar uma boa primeira impressão, mas me sentia tão nervoso que temi acabar passando vergonha.

Bati na porta e, como não houve resposta, abri-a e entrei. Julian estava junto à antiga cama de Dennis, tirando as roupas da mala e guardando-as na parte de baixo da nossa cômoda. Virando-se, olhou para mim sem muito interesse e, embora fizesse muito tempo que não nos víamos, eu o teria reconhecido em qualquer lugar. Ele era mais ou menos da mesma altura que eu, mas tinha musculatura mais desenvolvida, o cabelo loiro lhe caía na testa com tanta languidez como na infância. E era ridiculamente bonito, de cristalinos olhos azuis e uma pele que, ao contrário da maior parte dos nossos colegas, não tinha manchas de acne.

“Olá”, disse, desdobrando um casaco e escovando-o cuidadosamente com uma escova de roupa antes de pendurá-lo no guarda-roupa. “E você quem é?”

“Cyril Avery”, respondi, estendendo a mão, para a qual ele passou

algum tempo olhando antes de apertá-la. “Este é o meu quarto. Bem, nosso quarto agora, imagino. Era do Dennis Caine e meu até há algumas semanas. Mas ele foi expulso por colar no exame, se bem que todo mundo sabe que não fez isso. Agora é o nosso quarto. Seu e meu.”

“Se este é o seu quarto, por que você bateu na porta?”

“Para não assustar você.”

“Eu não me assusto facilmente.” Julian fechou as gavetas, olhou-me da cabeça aos pés e então ergueu a mão direita e, simulando uma pistola, apontou o dedo indicador para um lugar bem à direita do meu coração. “Caiu um botão da sua camisa”, disse.

Olhei para baixo e, de fato, havia caído um botão, os dois lados da minha camisa abertos feito o bico de um filhote de passarinho, expondo a pele clara por baixo. Como eu não percebera aquilo durante os meus rigorosos preparativos? “Desculpe”, disse, fechando logo a camisa.

“Cyril Avery”, disse ele, enrugando um pouco a testa. “Já ouvi esse nome em algum lugar.”

“Nós já nos conhecemos.”

“Quando?”

“Quando éramos pequenos. Na casa do meu pai adotivo na Dartmouth Square.”

“Oh”, fez Julian. “Nós somos vizinhos? O meu pai também tem casa na Dartmouth Square.”

“Na verdade, é a mesma casa”, disse eu. “Ele comprou do meu pai.”

“Entendi.” Algumas lembranças se reavivaram na sua consciência e ele estalou os dedos quando se recordou, apontando o dedo para mim. “O seu pai não foi preso?”, perguntou.

“Foi. Mas só dois anos. Já está solto.”

“Onde ele ficou?”

“No ‘Joy.’”

“Interessante. Você o visitava?”

“Não muito, não. Não é lugar para criança, ou pelo menos era isso que ele sempre dizia.”

“Eu estive lá uma vez”, contou Julian. “Quando era menino. O meu pai estava defendendo um homem que matou a esposa. O lugar tinha cheiro de...”

“Latrina”, interrompi. “Eu lembro. Você já me contou.”

“Contei?”

“Sim.”

“E você lembrou? Mesmo depois de tantos anos?”

“Bem”, disse eu, sentindo o rubor me subir ao rosto, não querendo que o meu fascínio por ele se revelasse tão depressa. “Eu também estive lá, como já disse, e pensei a mesma coisa.”

“Que coincidência. Mas o que aconteceu quando ele foi solto, saiu do país?”

“Não, o banco o chamou de volta.”

“É mesmo?”, disse Julian com uma gargalhada.

“Aliás, ele está muito bem outra vez. Mas mudaram o nome do cargo dele. Antes era diretor de investimentos e portfólios de clientes.”

“E agora?”

“Diretor de investimentos de clientes e portfólios.”

“Quanta clemência a desses caras, não? Aliás, uma temporada na cadeia provavelmente é um emblema de honra para o pessoal desse ramo.”

Olhei para os seus pés e notei que ele estava de tênis, coisa que começava a entrar na moda na Irlanda.

“O meu pai trouxe esses aqui de Londres”, disse Julian, acompanhando o meu olhar. “Aliás, esse é o meu segundo par. O outro era número 38, mas os meus pés cresceram. Agora eu calço 40.”

“Não deixe os padres verem”, alertei. “Eles dizem que só protestante e socialista usa tênis. Vão confiscar os seus.”

“Vão ter muito trabalho”, sorriu Julian, mas, mesmo assim, pressionou a ponta do pé direito no calcanhar do tênis esquerdo para tirá-lo, em seguida usou os dedos do pé esquerdo para tirar o outro e escondeu o par debaixo da cama. “Por acaso você ronca?”

“Que eu saiba, não.”

“Ótimo. Eu ronco, dizem. Espero não te acordar.”

“Eu não ligo. Tenho sono pesado. Provavelmente não vou nem ouvir.”

“Pode ser que ouça. A minha irmã diz que, quando eu começo, pareço uma sirene de neblina.”

Eu sorri; já ansiava pela hora de ir para a cama. Acaso Julian era daqueles que se trocavam no banheiro ou se despia no quarto mesmo? Achava a segunda hipótese mais provável. Duvidava que ele sentisse alguma vergonha.

“Como é isto aqui, afinal?”, perguntou.

“É bom”, respondi. “Os garotos são legais; os padres, malvados, é claro, mas...”

“Ora, que mais se pode esperar? Já viu um padre que não quisesse acabar com você? Está na cara que eles curtem isso.”

Eu fiquei boquiaberto e arregalei os olhos de escandalizado prazer. “Não”, admiti. “Pelo menos, até agora não. Deve ser alguma coisa que ensinam a eles no seminário.”

“É porque eles são frustrados sexualmente, é claro. Não podem trepar, entende, e então eles batem nos meninos e ficam de pau duro quando fazem isso. É o mais perto que podem chegar do orgasmo durante o dia. Coisa ridícula. Quer dizer, *eu sou* frustrado sexualmente, mas não acho que bater em crianças resolva o problema.”

“O que resolve?”

“Ora, trepar, é claro”, respondeu Julian como se fosse a coisa mais natural do mundo.

“Certo.”

“Você nunca reparou? Na próxima vez que um padre te bater, dê uma olhada no andar de baixo e vai ver que ele está de vara dura. E depois volta para o quarto e bate uma bronha pensando em você. Eles entram nos nossos banheiros?”

“Entram”, respondi. “Para ver se todo mundo está se lavando direito.”

“Ai que coraçãozinho puro o seu”, disse ele, olhando para mim como se eu fosse uma criança inocente. “Não é na nossa higiene pessoal que eles estão interessados, Cyril. No meu outro colégio, havia um tal padre Cremins que tentou me beijar e eu dei um murro no nariz dele. Quebrou. Uma sangueira que não tinha fim. Mas é claro que ele não pôde fazer nada; se me denunciasse, eu podia contar o que havia provocado a agressão. Ele preferiu dizer a todo mundo que tinha trombado com uma porta.”

“Homem beijando homem!”, exclamei nervoso, coçando a cabeça. “Eu não sabia que... Quer dizer, parece esquisito... enfim, quando há...”

“Tudo bem com você, Cyril? Por que de repente você ficou tão vermelho e não consegue dizer coisa com coisa?”

“Acho que estou ficando resfriado”, menti, e a minha voz escolheu aquele exato momento para desafinar. “Acho que estou ficando resfriado”, repeti, agora adotando o meu tom mais grave.

“Bom, nem pense em me contaminar”, disse ele, virando-se para colocar a escova de dentes e a toalha de rosto no criado-mudo juntamente com um exemplar de *Howards End*. “Eu detesto ficar doente.”

“Onde você estudava antes de vir para cá?”, perguntei depois de uma longa pausa, quando já estava com a impressão de que ele havia

esquecido da minha presença no quarto.

“No Blackrock College.”

“Eu pensei que o seu pai fosse ex-aluno do Belvedere.”

“E é”, respondeu ele. “Mas do tipo que gosta de se deleitar com as lembranças dos tempos de glória no campo de rúgbi, mas provavelmente tem tantas recordações ruins do colégio que prefere pôr o filho em outro. Ele só me tirou do Blackrock porque descobriu que o professor de língua irlandesa tinha escrito e publicado no *Irish Times* um poema que punha em dúvida a virtude da princesa Margaret. Ele não tolera ouvir uma palavra contra a família real, entende? Embora digam que a princesa Margaret é meio galinha mesmo. Parece que trepa com a metade dos homens de Londres e também com algumas mulheres. Mas eu não diria não, e você? Ela é boazuda. Muito mais divertida que a rainha, imagino. Você pode imaginar a rainha chupando o pau do príncipe Philip? É o tipo de imagem que daria pesadelo na gente.”

“Eu me lembro do seu pai”, disse eu, espantado com a franqueza da conversa de Julian e desejando conduzi-la a território mais seguro. “Ele invadiu um jantar na minha casa para bater no meu pai adotivo.”

“O seu velho revidou?”

“Revidou. Mas não adiantou. Levou uma surra.”

“Ora, o velho Max foi pugilista profissional na juventude”, disse Julian com orgulho. “Aliás, ainda é muito bom de briga”, acrescentou. “É mesmo.”

“Se lembra de quando nós nos conhecemos?”, perguntei.

“Alguma coisa me diz que sim”, disse Julian. “Talvez tenha uma vaga lembrança.”

“O meu quarto era o que ficava no último andar da casa.”

“Agora é o quarto da Alice, a minha irmã. Eu nunca subo lá. Fede a perfume.”

“E você?”, perguntei, sentindo um pouco de tristeza por ele não usar o meu antigo quarto; tinha gostado muito da ideia de termos isso em comum. “Onde dorme?”

“Num quarto do segundo andar. Por quê? Que importância tem isso?”

“É o quarto que dá para a praça ou para o quintal da casa?”

“Para a praça.”

“Esse era o escritório da minha mãe adotiva. O primeiro andar era de Charles e o segundo de Maude.”

“Claro”, disse ele, animando-se. “A sua mãe era Maude Avery, não era?”

“Isso mesmo. Quer dizer, a minha mãe adotiva.”

“Por que você não para de dizer isso?”

“Eu fui criado assim. Não sou um Avery de verdade, entende?”

“Que coisa esquisita de se dizer.”

“O meu pai adotivo faz questão de que eu deixe isso bem claro para as pessoas.”

“Quer dizer que eu durmo no quarto em que Maude Avery escreveu todos os livros dela?”

“Se é o quarto que dá para a praça, sim.”

“Caramba”, disse ele, impressionado. “Fantástico. Posso dizer que estou dormindo num ponto turístico, hein?”

“Você acha?”

“Claro que sim. O escritório de Maude Avery! De ninguém menos que Maude Avery! O seu pai deve estar ganhando os tubos”, acrescentou ele. “Não teve uma vez, no ano passado, em que ela estava com seis livros na lista dos dez mais vendidos? Eu li que era a primeira vez que isso acontecia.”

“Acho que eram sete”, disse eu. “Mas, sim, ele está. Ganha mais dinheiro com o trabalho dela do que com o dele.”

“E para quantas línguas ela já foi traduzida?”

“Não sei. Para muitas. Parece que esse número não para de aumentar.”

“Pena que morreu sem ter conhecido o sucesso real”, lamentou Julian. “Teria ficado satisfeitíssima em saber que passou a ser respeitada. Muitos artistas só são valorizados depois de mortos. Sabe o Van Gogh? Só vendeu um quadro na vida. E o tal Herman Melville era absolutamente desconhecido quando estava vivo e só foi descoberto, digamos, depois de morto e enterrado. Já tinha virado comida de vermes quando deram uma olhada no *Moby Dick* pela primeira vez. Ele tinha adoração por Hawthorne, é claro, e sempre aparecia lá para tomar chá com ele, mas quem se lembra do nome de um romance de Hawthorne hoje em dia?”

“A letra *escarlate*”, disse eu.

“Oh, sim. O da mulher que dá enquanto o marido está navegando. Eu não li. É de sacanagem? Eu adoro livro de sacanagem. Você já leu *O amante de Lady Chatterley*? O meu pai comprou um exemplar na Inglaterra e eu peguei escondido na biblioteca dele e li. É sacanagem pura. Tem um pedaço maravilhoso em que...”

“Não era a fama que Maude procurava”, disse eu, interrompendo-o. “Na verdade, acho que a ideia de sucesso literário a teria horrorizado.”

“Por quê? Para que escrever se ninguém lê a gente?”

“Bem, se a obra tem certo valor, o mérito está nisso, não acha?”

“Não seja ridículo. É como ter uma linda voz, mas só cantar para um público de surdos.”

“Duvido que ela encarasse a arte assim”, disse eu. “A popularidade não lhe interessava. Maude não desejava que lessem os seus romances. Amava a língua, entende? Amava as palavras. Acho que só se sentia verdadeiramente feliz quando passava horas olhando para um parágrafo, tentando melhorá-lo até que ele se tornasse um objeto dotado de beleza. Ela só publicava os livros porque não gostava da ideia de jogar fora todo aquele trabalho.”

“Quanta besteira”, disparou Julian, com o tom de quem acabou de ouvir algo que nem merece atenção. “Se eu fosse escritor, ia querer que lessem os meus livros. E, se ninguém os lesse, me sentiria um fracasso.”

“Não sei se concordo”, disse eu, surpreso por ousar contradizê-lo, mas queria defender as convicções de Maude. “Para ser franco, acho que a literatura não é coisa tão simples.”

“Você leu algum deles? Quer dizer, um dos romances da sua mãe?”

“Da minha mãe adotiva. Ah, não, não li. Ainda não.”

“Nenhum?”

“Nenhum.”

Ele riu e sacudiu a cabeça. “Mas isso é horrível. Afinal, ela era sua mãe.”

“Adotiva.”

“Pare de repetir isso. Você devia tentar *Como a cotovia*. É maravilhoso. Ou *O codicilo de Agnès Fontaine*. Esse livro tem uma cena extraordinária em que duas garotas tomam banho num lago e estão totalmente nuas e há tanta tensão sexual entre elas que eu garanto que você não chega ao fim do capítulo sem descabelar o palhaço. Eu adoro lésbicas, e você? Se eu fosse mulher, ia ser lésbica, sem dúvida. Ouvi dizer que Londres está assim de lésbicas. E Nova York também. Quando eu for mais velho vou para lá, fazer amizade com algumas e pedir para ver quando elas treparem. O que você acha que elas fazem na cama? Eu nunca soube bem.”

Eu olhei para ele e senti as pernas meio bambas. Não sabia o que responder; na verdade, não tinha muita certeza de que sabia o que era uma lésbica. Por animado que estivesse com a chegada de Julian a Belvedere, comecei a pensar que talvez nós funcionássemos em níveis de consciência completamente diferentes. O último livro que eu havia

lido era um da série *O clube dos sete*.

“Você sente falta dela?”, perguntou-me ele, fechando a mala agora vazia e guardando-a embaixo da cama perto dos tênis.

“O quê?”, perguntei, pensando em outras coisas.

“Da sua mãe. Da sua mãe *adotiva*. Sente falta dela?”

“Um pouco, acho. Sinceramente, nós não éramos muito ligados. E ela morreu poucas semanas antes que Charles saísse da cadeia, e isso foi há cinco anos. Já não penso muito nela.”

“E a sua mãe verdadeira?”

“Não sei nada dela”, respondi. “Charles e Maude disseram que não tinham ideia de quem era. Quem me entregou a eles, com poucos dias de vida, foi uma freira redentorista corcunda.”

“Do que ela morreu? Refiro-me a Maude.”

“De câncer. Anos antes tinha tido um tumor no canal auditivo. Mas depois recomeçou na garganta e na língua. Ela fumava feito uma locomotiva. Eu praticamente nunca a vi sem um cigarro na mão.”

“É, deve ter sido isso. Você fuma, Cyril?”

“Não.”

“Eu não gosto da ideia de fumar. Você já beijou uma garota fumante?”

Abri a boca para responder, mas me faltaram palavras e, para o meu horror, senti o sangue fluir para o pênis em reação àquela conversa sem rodeios. Juntei as mãos na frente do corpo, esperando que Julian não reparasse na minha ereção como reparava na dos padres que batiam nele no Blackrock.

“Não.”

“É horrível”, disse ele, fazendo cara de nojo. “A gente não sente o gosto da menina, só o fedor da nicotina.” Ficou algum tempo calado e me olhou fixamente, meio jocoso. “Mas você já beijou uma garota?”

“Claro”, respondi, rindo com despreocupação, como se tivessem me perguntado se já vi o oceano ou viajei de avião. “Dezenas.”

“Dezenas?” Julian enrugou a testa. “Puxa, é muito. Eu só beijei três até agora. Mas uma delas me deixou pegar nas tetas dela. Dezenas, você diz! É mesmo?”

“Bom, talvez não tantas”, disse eu, desviando a vista.

“Aposto que nunca beijou nenhuma.”

“Beijei.”

“Beijou nada. Mas não faz mal. Afinal, nós só temos catorze anos. Temos a vida inteira pela frente. Eu pretendo ter uma vida longa e sadia e trepar com todas as garotas que puder. Quero morrer na minha cama, com 105 anos, com uma mulher de 22 por cima de mim,

cavalgando. E, em todo caso, quais são as chances de beijar alguém aqui? Só tem marmanjo. Prefiro beijar a minha avó, e olhe que já faz nove anos que ela morreu. Mas, escute, você me ajuda a descarregar os meus livros? Estão naquela caixa ali. Posso misturar com os seus ou prefere que eu ponha numa prateleira separada?”

“Melhor misturar.”

“Está bem.” Ele recuou um passo e tornou a me medir da cabeça aos pés e eu me perguntei se acaso havia perdido mais algum botão. “Sabe, agora eu acho que me lembro de você”, disse. “Não foi você que pediu para ver o meu negócio?”

“Não!”, exclamei, horrorizado com a acusação, que, afinal, era inteiramente falsa, já que foi ele que pediu para ver o meu. “Não, não pedi.”

“Tem certeza?”

“Absoluta. Por que eu ia querer ver o teu negócio? Afinal de contas, eu já tenho o meu. Posso ver quando me dá na telha.”

“Ora, eu lembro que, mais ou menos naquela época, um moleque me pediu. Tenho certeza de que foi você. Me lembro do quarto, o que agora é da Alice.”

“Você está redondamente enganado”, insisti. “Não tenho e nunca tive absolutamente nenhum interesse pelo teu negócio.”

“Se é o que você diz. Em todo caso, é um negócio bem respeitável. Não vejo a hora de começar a usá-lo como Deus manda, e você, Cyril?”, acrescentou. “Caramba, você ficou vermelho como um pimentão. Será que tem medo de garotas?”

“Não, não tenho medo nenhum. Aliás, elas é que deviam ter medo de mim. Porque eu quero, sabe... fazer muito sexo com elas. Fora tudo o mais.”

“Que bom. Porque acho que nós vamos ter de ser amigos, você e eu, já que dividimos um quarto. Podemos sair para pegar mulher juntos, quem sabe. Afinal, você não é tão feio assim. É bem possível que a gente consiga convencer algumas garotas a darem para você. E, é claro, todas são loucas por mim.”

O TD DO DUBLIN CENTRAL

Os professores também eram loucos por Julian e o condecoraram com a medalha de ouro de Melhor Desempenho na cerimônia de entrega de prêmios da Páscoa, fato recebido com escárnio pelos estudantes que não o admiravam como eu. Já que ele não havia frequentado o Belvedere College no trimestre anterior, era um

mistério como conseguiu se aperfeiçoar, e, segundo os boatos, Max havia concedido o financiamento de uma bolsa de estudos ao colégio contanto que o currículo do seu filho fosse revestido de glória nos anos seguintes. Eu fiquei contentíssimo, é claro, pois aquilo significava que, como parte do seu prêmio, ele participaria comigo e com quatro outros alunos — os contemplados com a medalha de ouro de inglês, irlandês, matemática, história e arte — de uma visita à Dáil Éireann para assistir ao funcionamento do Parlamento irlandês.

Eu havia ganhado o prêmio de inglês graças a um ensaio intitulado “Sete maneiras de me aprimorar”, no qual listava várias qualidades que certamente impressionariam os padres, mas que eu não tinha a menor intenção de praticar na vida real (salvo a última, cujo apêndice estava longe de ser um problema para mim). Eram as seguintes e nesta ordem:

1. Estudar a vida de São Francisco Xavier e fazer o levantamento dos aspectos do seu comportamento cristão que eu possa imitar.
2. Identificar os colegas de classe que tenham dificuldade com matérias em que sou bom e lhes oferecer ajuda.
3. Aprender um instrumento musical, de preferência o piano, mas em hipótese alguma o violão.
4. Ler os romances de Walter Macken.
5. Iniciar uma novena dedicada ao repouso da alma do papa Pio XII.
6. Encontrar um protestante e explicar-lhe os erros da sua religião.
7. Expulsar da mente todos os pensamentos impuros, em particular aqueles concentrados nas partes íntimas das pessoas do sexo oposto.

O que eu mais ansiava não era a medalha de ouro, e sim o passeio, cujo destino mudava todo ano e já incluía lugares como o zoológico de Dublin, o cabo de Howth e o píer de Dun Laoghaire. Naquele ano, porém, a coisa ficara bem mais interessante com o anúncio de uma excursão ao centro da cidade, lugar que, apesar de próximo do nosso colégio, era, segundo o manual do estudante, permanentemente inacessível para nós, sem exceções. Os internos podiam sair do Belvedere nos fins de semana, desde que sob a custódia dos pais, de um responsável ou de um padre, coisa que não atraía ninguém. Entretanto, em qualquer ocasião, estávamos terminantemente proibidos de ir à O’Connell Street ou à Henry Street, que, segundo diziam, eram antros do vício e da iniquidade, sem falar

na Grafton Street e imediações, domínio de escritores, artistas e outros depravados.

“Eu conheço bem o centro da cidade”, contou-me Julian na breve viagem de ônibus da Parnell Square à Kildare Street. “O meu pai às vezes me leva com a Alice para almoçar lá, mas sempre se recusa a me levar aos lugares que eu realmente quero conhecer.”

“Quais são?”

“A Harcourt Street”, respondeu ele, informadíssimo. “É onde fica a mulherada. E as boates da Leeson Street. Mas é claro que só abrem à noite. Ouvi dizer que lá as mulheres dão para qualquer um que pagar um *snowball* para elas.”

Não disse nada e olhei para fora, para os cartazes anunciando *Ben-Hur* na fachada do cine Savoy. Seduzido por Julian como eu estava, achava frustrante a sua tendência para falar em mulher sem parar. Era uma obsessão para ele, assim como para a maioria dos garotos de catorze anos, imagino, mas Julian se mostrava excessivamente preocupado com sexo e não tinha o menor pudor em contar as coisas que faria com qualquer menina que topasse transar com ele, fantasias que me excitavam e ao mesmo tempo me angustiavam com a certeza de que ele jamais faria aquelas coisas comigo.

Será que naqueles dias eu passei muito tempo examinando os meus sentimentos por Julian? Acho que não. Pelo contrário, foi de caso pensado que evitei analisá-los. Afinal de contas, era 1959. Eu não sabia quase nada de homossexualidade, salvo que, na Irlanda, ceder a tais impulsos era crime punível com pena de reclusão, a menos, é claro, que o interessado fosse padre, caso em que ser homossexual era uma prerrogativa do ofício. Eu tinha paixão por Julian e pelo menos reconhecia isso, mas não acreditava que aquele sentimento pudesse causar dano e presumia que, com o tempo, ele passaria e eu transferiria a minha atenção para as garotas. Achava apenas que o meu desenvolvimento era mais lento; a ideia de eu sofrer do que então se considerava um distúrbio mental teria me horrorizado.

“A sede do governo”, anunciou o padre Squires, esfregando as mãos de alegria quando desembarcamos na Kildare Street e passamos pelos dois *gardai* postados a cada lado do portão, que, sem dizer uma palavra, fizeram sinal para que entrássemos quando viram o colarinho clerical no pescoço do nosso diretor. “Pensem, meninos, nos grandes homens que passaram por estas portas. Éamon de Valera, Seán Lemass, Seán T. O’Kelly. A condessa Markievicz, que, em rigor, não era homem, mas tinha coração e valentia de homem. Não vamos falar em Michael Collins e nos *blueshirts*. Se virem um desses renegados lá

dentro, olhem para o outro lado como fariam diante da Medusa. São uns *West Brit* inúteis que o seu pai ia adorar, não é mesmo, Julian Woodbead?”¹

Todos se voltaram para Julian e ele deu de ombros. É claro que os jesuítas se opunham ideologicamente à veneração de Max Woodbead pelo Império britânico e considerariam o seu caso de amor com a rainha Elizabeth II herético, embora isso não os impedisse de aceitar o dinheiro dele.

“Provavelmente”, disse Julian, que acreditava que se ofender com qualquer coisa dita por um padre estava abaixo da sua dignidade. “Nós recebemos James Dillon em casa para o jantar, se é a isso que o senhor se refere. Um sujeito muito simpático, achei. Algumas dicas de higiene pessoal lhe fariam bem, é claro.”

O padre Squires sacudiu a cabeça com desdém e nos conduziu porta adentro, onde fomos recebidos por um porteiro que fez mensura e menção de se ajoelhar diante do sacerdote e depois nos levou para dar uma volta no andar térreo da Casa, e em seguida nos fez subir uma escada estreita que dava na Galeria dos Visitantes, em cuja colunata nos sentamos. A câmara, a ferradura verde da independência que representava todas as coisas pelas quais o povo irlandês havia lutado durante anos e anos, se estendiam à nossa frente e lá estava nada menos que o *taoiseach*,² o grande Éamon de Valera em pessoa, o qual nós mal acreditávamos que existisse fora dos artigos de jornal ou das aulas de história, falando longamente sobre um tema que tinha a ver com tributação e agricultura, e não houve um garoto do nosso grupo que não se sentisse na presença da grandeza. Quantas vezes havíamos lido sobre o seu papel no Boland’s Mill durante a Revolta da Páscoa de 1916 e sobre os milhões de dólares americanos que ele arrecadara para auxiliar o estabelecimento de uma república irlandesa três anos depois. De Valera era a própria lenda e, no entanto, lá estava, bem à nossa frente, lendo um maço de papéis com voz desinteressada como se nenhum daqueles grandes acontecimentos tivesse a ver com ele.

“Agora fiquem quietos, meninos”, ordenou o padre Squires, os olhos já úmidos de adoração. “Ouçam o grande homem falar.”

Obedeci, mas não demorou muito para que me entediasse. Ele podia muito bem ser um grande homem, mas parecia não saber quando concluir e voltar a se sentar. Debruçando-me na balaustrada, fiquei olhando para os assentos semivazios da câmara e contei quantos *TD* estavam dormindo. Nada menos que dezessete. Procurei *TDs* mulheres, mas não achei nenhuma. Matthew Willoughby, o que havia ganhado a medalha de história, trouxera um caderno de anotações e

tratava de anotar cada palavra dita, e, quando o tempo passou e o padre Squires não deu sinal de querer ir embora, as minhas pálpebras começaram a pesar e foi só quando Julian bateu no meu braço e fez um sinal em direção à porta atrás de nós que eu despertei.

“O quê?”, disse, reprimindo um bocejo.

“Vamos dar uma volta por aí.”

“Isso vai nos encrencar.”

“E daí? Que importa?”

Olhei para o padre Squires. Estava sentado na fila da frente, praticamente babando de ardor republicano. As chances de ele notar que havíamos abandonado o nosso posto eram nulas.

“Vamos”, disse eu.

Levantamo-nos e saímos às escondidas pelo mesmo caminho por onde havíamos chegado, alheios aos porteiros postados às entradas da galeria, que podiam nos deter ao sair, e descemos a escada, ao pé da qual outro *garda* lia o jornal sentado numa cadeira ornamental: verdadeira réplica da que ficava no rés do chão da casa da Dartmouth Square.

“Aonde pensam que vão, rapazes?”, perguntou como se não estivesse muito interessado na resposta mas, mesmo assim, tivesse o dever de perguntar.

“Ao banheiro”, respondeu Julian, segurando a virilha e executando uma espécie de bailado sem sair do lugar enquanto o homem olhava para o céu.

“Ali pelo corredor”, disse, apontando para o caminho e esquecendo-se de nós.

Passamos por ele e também pelo banheiro, olhando para os retratos a óleo dos dignitários desconhecidos que nos observavam das paredes como se soubessem que estávamos fazendo coisa errada, e sentimos o entusiasmo de ser jovem e estar vivo e longe da vigilância dos adultos. Eu não tinha a menor ideia de nossos destinos, nenhum dos dois tinha, mas achei delicioso estarmos sozinhos e vivendo uma aventura.

“Você tem dinheiro, Cyril?”, perguntou Julian quando acabaram os corredores a ser explorados.

“Um pouco”, respondi. “Não muito, por quê?”

“Ali tem um salão de chá. A gente podia tomar umas e outras.”

“Tudo bem”, concordei, e entramos de cabeça erguida como se tivéssemos todo o direito de estar lá. Era um salão enorme de uns dez metros de largura e umas quatro vezes isso de comprimento, e havia uma mulher sentada a uma mesa na parede mais próxima, uma caixa

registradora ao seu lado, observando as pessoas que iam e vinham enquanto contava as faturas. Para minha surpresa, em ambos os lados da mesa havia uma cabine telefônica amarela daquelas que eu só via nas esquinas. Uma estava ocupada por um *TD* cuja fotografia eu vira no jornal, mas a outra estava vazia. As mesas estavam dispostas em três longas fileiras e, embora houvesse muitos lugares vazios, os homens se aglomeravam feito mariposas em volta de algumas delas em que ardia a clara chama da antiguidade. Reconheci um grupo de *TDs* do Fianna Fáil sentados no chão perto de um par de ministros, aguardando um lugar à mesa principal e fazendo o possível para fingir que não viam a indignidade da sua postura.

Naturalmente, Julian e eu evitamos as mesas ocupadas e fomos a uma vazia junto à janela, na qual nos sentamos tão autoconfiantes quanto dois príncipes, até que uma jovem garçonne, não muito mais velha que nós, notou a nossa presença e se aproximou. Vestia um uniforme preto e branco bem justo no corpo com os dois botões de cima da blusa abertos e eu vi Julian olhando fixamente para ela, ávido, as pupilas dilatadas. A garota era bonita, não se podia negar, de cabelo loiro até os ombros e pele muito clara.

“Deixem eu limpar isso para vocês”, disse, inclinando-se e passando um pano úmido no tampo da mesa ao mesmo tempo que nos olhava de relance. Reparei no seu olhar preso em Julian, que era muito mais bonito que eu, e invejei a facilidade com que ela podia encará-lo e apreciar a sua beleza. Quando a garçonne se virou para retirar os guardanapos dos ocupantes anteriores, Julian endireitou o corpo, esticou o pescoço e ficou óbvio que estava fazendo o possível para espiar-lhe por dentro da blusa aberta, para saborear cada centímetro quadrado de seio à mostra, para registrá-lo como uma fotografia e revelá-la quando sentisse vontade. “O que desejam?”, perguntou ela enfim, apurando-se novamente.

“Dois canecos de Guinness”, pediu Julian com toda a naturalidade. “E vocês ainda têm aquele bolo de nozes da terça-feira?”

A moça o encarou com uma expressão entre divertida e encantada. Embora só tivesse catorze anos, Julian se comportava de modo tão adulto e confiante que eu vi que ela não queria dispensá-lo sem mais nem menos.

“Bolo de nozes está em falta”, disse. “Houve muita procura hoje. Mas ainda temos um pouco do de amêndoa, se quiserem.”

“Oh, não, pelo amor de Deus”, disse Julian, sacudindo a cabeça. “Amêndoa me provoca muitos gases. Hoje vou receber um grupo de eleitores e a última coisa que eu quero é arrotar na frente deles. Nunca

mais votam em mim e eu fico desempregado. Vou ter de voltar a dar aula. Aliás, como você se chama, querida?”, perguntou, e eu olhei para os meus dedos, contando-os um a um e desejando que ela nos servisse um bule de chá e nos deixasse em paz. “Tenho a impressão de nunca ter visto você.”

“Bridget”, disse a garçonete. “Eu sou nova.”

“Desde quando trabalha aqui?”

“Hoje é o meu quarto dia.”

“A garçonete virgem”, disse Julian, abrindo um sorriso largo, e eu o encarei, escandalizado com o seu vocabulário, mas Bridget deu a impressão de gostar do flerte e pagou com a mesma moeda.

“O que é que você sabe?”, sorriu ela. “Dizem que a Elizabeth I era a Rainha Virgem, mas transava com todos os homens da esquerda, da direita e do centro. Eu assisti a um filme sobre ela com Bette Davis.”

“A Rita Hayworth é mais o meu tipo”, disse ele. “Você viu *Gilda*? Vai muito ao cinema?”

“Não me leve a mal”, disse ela, indiferente à pergunta. “Não julgue um livro pela capa. Aliás, quem é você? Tem nome?”

“Julian. Julian Woodbead. *TD* pelo Dublin Central. Em algumas semanas aqui, você vai saber todos os nomes. As outras garotas sabem.”

Bridget o encarou e eu percebi que estava avaliando mentalmente a impossibilidade de um garoto daquela idade ser eleito deputado e, ao mesmo tempo, considerando o ridículo que seria para Julian inventar semelhante história. Ele até podia passar por um pouco mais velho, não a ponto de levar uma pessoa sensata a acreditar que fosse *TD*, mas o suficiente para que uma garota nova no salão de chá ficasse com vontade de contestá-lo.

“Verdade?”, perguntou, desconfiada.

“Por enquanto, sim”, respondeu Julian. “Mas haverá eleições daqui a um ou dois anos e eu acho que os meus dias estão contados. Os *blueshirts* estão me atacando muito por causa da minha posição a favor do bem-estar social. Você não é *blueshirt*, Bridget, é?”

“Não”, disparou ela. “Quer saber de uma coisa? A minha família sempre apoiou o Dev.³ O meu avô estava no GPO no domingo de Páscoa e dois tios meus combateram na Guerra da Independência.”⁴

“O GPO devia estar movimentadíssimo naquele dia”, disse eu, erguendo a vista e falando pela primeira vez. “Quase não há um homem, uma mulher ou uma criança na Irlanda que não jure que o pai ou o avô estava de plantão numa das janelas. Devia ser impossível comprar um selo.”

“Quem é esse aí?”, perguntou Bridget a Julian, olhando para mim como se eu fosse um inseto.

“O filho mais velho da minha irmã”, respondeu Julian. “Não ligue para ele, não sabe o que diz. No momento, os seus hormônios estão a todo o vapor. Mas e as tais canecas de Guinness, meu bem, alguma chance de você providenciar as benditas antes que eu morra de sede?”

Com ar desorientado, Bridget olhou à sua volta. “Não sei o que a sra. Goggin vai achar.”

“E quem é a sra. Goggin?”

“A gerente. A minha chefe. Ela diz que eu estou em período de experiência de seis semanas, depois a gente vê.”

“Parece que ela não é fácil.”

“Não, ela é um amor de pessoa”, disse Bridget, sacudindo a cabeça. “Me deu uma oportunidade aqui que ninguém daria.”

“Ora, se ela é tão legal assim, duvido que não deixe você servir um *TD* eleito pelo Dublin South, não acha?”

“Você não disse que era do Dublin Central?”

“Você está confundindo. Eu sou do Dublin South.”

“Você é engraçado, mas eu não acredito em nenhuma palavra que diz.”

“Ah, Bridget”, disse Julian, olhando para ela com tristeza. “Não seja assim. Se você me acha engraçado agora, prometo ser muito mais divertido depois de tomar uns goles. A única coisa que a gente quer são duas canecas de Guinness. Ande, nós dois estamos com mais sede que o Lawrence da Arábia.”

Ela exalou um suspiro como se já não aguentasse continuar discutindo, afastou-se e, para o meu assombro, voltou minutos depois com duas canecas de cerveja preta Guinness, as quais colocou diante de nós, a espuma amarelada a transbordar vagarosamente, deixando um rastro na superfície de vidro.

“Saúde, sr. *TD* sei lá de onde.”

“Saúde”, sorriu Julian. Ergueu a caneca e tomou um longo trago; eu reparei na careta que fez quando tentou engolir. Fechou brevemente os olhos enquanto reprimia a vontade de cuspir o líquido. “Puxa, como é gostosa”, disse com a credibilidade de um parisiense elogiando um prato no centro de Londres. “Era disso que eu estava precisando.”

Tomei um gole da minha e, por coincidência, não estranhei o gosto. Estava mais quente do que eu esperava e tinha sabor amargo, mas não me deu náusea. Cheirei-a, sorvi de novo e expirei pelo nariz. *Que delícia, pensei. Eu bem que me acostumaria a isto aqui.*

“O que você acha, Cyril? Eu tenho alguma chance?”

“Alguma chance de quê?”

“Alguma chance com a Bridget.”

“Ela é velha”, disse eu.

“Não seja ridículo. Ela tem no máximo dezessete. Três anos a mais que eu. É uma ótima idade para uma mulher.”

Sacudi a cabeça, sentindo uma inusitada irritação com ele. “Aliás, o que você sabe de mulher?”, perguntei. “Você fala, fala e não faz nada.”

“Eu sei que, se a gente fizer as coisas certas com uma garota, ela acaba fazendo tudo que a gente quiser.”

“O quê, por exemplo?”

“Ora, a maioria não deixa o cara ir aos finais de semana, mas faz uma chupeta se ele pedir com jeito.”

Eu me calei e fiquei pensando. Não queria mostrar a minha ignorância, mas estava curioso por saber. “O que é chupeta?”, perguntei.

“Ora essa, Cyril. Não é possível alguém ser tão inocente.”

“Eu estou *brincando*.”

“Não, não está. Você não sabe.”

“Sei.”

“Tudo bem, então diga. O que é?”

“É quando uma garota te beija”, respondi. “E chupa a tua língua.”

Ele me olhou com perplexidade antes de começar a rir. “Por que uma pessoa em sã consciência faria isso?”, perguntou. “A menos que ela esteja com fome ou sei lá. Chupeta, Cyril, é quando ela enfia o teu negócio na boca e dá uma chupada.”

Arregalei os olhos e senti a costumeira excitação sob a braguilha, atacando-me mais depressa que de costume, todo o meu corpo entregue à ideia de alguém fazendo isso comigo. Ou eu fazendo isso com alguém.

“Não é verdade”, disse, corando um pouco, pois, por excitante que parecesse, eu achava difícil imaginar alguém fazendo uma coisa tão bizarra.

“Claro que é”, teimou Julian. “Você é tão ingênuo, Cyril. A gente precisa dar um jeito em você um dia. Você precisa de uma mulher, é disso que precisa.”

Desviei a vista e num lampejo me veio a imagem de Julian no nosso quarto à noite, tirando a roupa para se deitar. A naturalidade com que se despia, a falta total de inibição que mostrava ao se desnudar e pôr o pijama de maneira lenta, distraída, provocadora,

enquanto eu fingia ler e tentava não o deixar perceber que estava espiando por cima do livro para gravar na memória mais uma parte do seu corpo. A visão de Julian se aproximando da minha cama para me fazer uma chupeta inundou a minha mente, e foi com muito esforço que reprimi um gemido de desejo.

“Com licença”, disse uma voz, e eu me virei e dei com uma mulher de cerca de trinta anos vindo em nossa direção. Estava de cabelo preso e usava um uniforme diferente do da garçonete, um traje mais profissional. Olhei rapidamente para o crachá preso acima do seu seio direito, no qual se lia: *Catherine Goggin, gerente*. “Por acaso vocês estão bebendo cerveja Guinness, meninos?”

“Eles estão”, disse Julian quase sem olhar para ela. O seu interesse pelas mulheres não chegava àquela altura da escala etária. O nível de excitação dele era o de quem estava diante da própria bisavó.

“E quantos anos vocês têm?”

“Desculpe”, disse Julian, levantando-se e pegando o paletó no respaldo da cadeira. “Sem tempo para bater papo. Tenho de ir a uma reunião do partido parlamentar. Você vem, Cyril?”

Eu também me levantei, mas a mulher pressionou o nosso ombro com mão firme, obrigando-nos a nos sentar.

“Quem serviu essa bebida? Vocês ainda são crianças.”

“A senhora deve saber que eu sou o *TD* de Wicklow”, disse Julian, que parecia estar aos poucos descendo pela costa leste do país.

“E eu sou Eleanor Roosevelt.”

“Então por que o seu crachá diz Catherine Goggin?”

“Vocês não são do grupo de escolares que chegou de manhã?”, perguntou ela, indiferente à pergunta dele. “Onde está o professor de vocês? Vocês não podem ficar zanzando sozinhos nos corredores da Dáil Éireann, e muito menos tomar bebida alcoólica.”

Antes que pudéssemos responder, eu vi Bridget correr para a nossa mesa, o rosto vermelho e confuso, e, logo atrás dela, a cara furibunda do padre Squires, seguido pelos nossos quatro colegas premiados.

“Desculpe, sra. Goggin”, apressou-se a dizer Bridget. “Ele disse que era *TD*.”

“E como é possível que você tenha acreditado?”, perguntou a sra. Goggin. “Não olhou para eles? Não viu que são duas crianças? Você não tem juízo nenhum. Na semana que vem, eu estarei de férias em Amsterdam, Bridget; será que vou ter de me preocupar o tempo todo, sem saber se você está servindo álcool a menores de idade?”

“Levantem-se os dois”, ordenou o padre Squires, passando entre

as duas mulheres. “Levantem-se e não me envergonhem mais. Vamos ter uma conversa sobre isso quando voltarmos ao Belvedere, ora se vamos.”

Tornamos a nos levantar, ambos um tanto constrangidos com o desfecho do passeio, e a gerente, furiosa, se voltou para o padre. “A culpa não é deles”, gritou. “Por acaso não estão fazendo uma travessura que qualquer criança faz? O senhor é que devia cuidar deles. Deixá-los à solta na Leinster House”, acrescentou, sacudindo a cabeça com indignação, “o lugar onde são debatidas as questões do país! Duvido que os pais deles ficarão contentes quando souberem que eles vieram tomar cerveja Guinness quando deviam estar lá em cima, aprendendo alguma coisa. O que o senhor acha, padre?”

O padre Squires a encarou com muito assombro, como todos nós. É improvável que alguém tivesse se dirigido a ele daquele modo desde o dia em que pôs pela primeira vez o colarinho clerical no pescoço, e o fato de a sua acusadora ser mulher era o pior insulto. Cheguei a ouvir Julian rir baixinho ao meu lado e percebi que estava impressionado com a audácia da mulher. Eu também estava.

“Tenha mais educação, mocinha”, disse o padre Squires, espetando o dedo no ombro esquerdo dela. “A senhora está falando com um sacerdote, não com um dos seus namoradinhos de botequim.”

“Se eu tivesse namoradinhos, com certeza não seriam insensatos a ponto de deixar dois meninos passearem sem vigilância pelos corredores do Parlamento irlandês”, retrucou ela sem se deixar intimidar. “E eu não costumo deixar padrecos nenhum me cutucar, está ouvindo? Faz muito tempo que não. Portanto não se atreva a encostar a mão em mim outra vez. Este aqui é o meu salão de chá e eu sou a responsável por ele, portanto, leve esses dois para fora daqui imediatamente e deixe-nos trabalhar em paz.”

Com cara de quem estava prestes a ter uma série de ataques cardíacos, um colapso nervoso e um derrame, tudo ao mesmo tempo, o padre Squires deu meia-volta e foi embora, fulo da vida. O coitado mal conseguia falar, e eu creio que não abriu a boca até que todo mundo chegou são e salvo ao Belvedere College, quando ele, sem perda de tempo, passou um sermão monstruoso em Julian e em mim. No entanto, ao sair do salão de chá, olhei de relance para Catherine Goggin e não pude deixar de sorrir para ela. Nunca tinha visto ninguém pôr um padre no devido lugar daquela maneira e achei aquilo tudo simplesmente maravilhoso.

“Por maior que seja o meu castigo”, cochichei, “vai valer a pena por ter visto o que eu vi.”

Ela me olhou nos olhos e caiu na gargalhada.

“Dá o fora, diabinho”, disse e, estendendo a mão, desmanchou o meu cabelo.

“Você tem chance com ela”, sussurrou Julian ao meu ouvido quando saímos do salão de chá. “E não há nada melhor que uma velhota para ensinar sacanagens para um garotinho.”

A ORELHA DIREITA DE MAX

No início do outono de 1959, Max Woodbead escreveu um artigo no *Irish Times* condenando Éamon de Valera — homem que ele desprezava — e o seu governo por relaxarem a política de prisão sem julgamento de suspeitos de participação no IRA. *Ponham fim à sua prisão por todos os meios*, escreveu, as palavras estampadas ao lado de um retrato particularmente desagradável no jardim daquela que tinha sido a minha casa, de terno com colete e uma pomposa rosa branca na lapela, examinando um prato de sanduíches de pepino colocado à sua frente, *mas, em vez de deixar um bando de patriotas equivocados e de valentões ignorantes à solta nas ruas para provocar uma carnificina com as suas armas e bombas, talvez fosse mais benéfico simplesmente enfileirá-los diante de um muro e fuzilá-los tal como os nossos supervisores de antanho fizeram com os líderes da Revolta da Páscoa que ousaram desafiar a divina autoridade de Sua Majestade Imperial, o rei Jorge V.* O artigo teve ampla ressonância na imprensa e, quando os níveis de indignação cresceram, ele foi convidado a defender a sua posição na Rádio Éireann. Discutindo com um entrevistador raivosamente republicano, afirmou que foi um dia funesto para a Irlanda aquele em que ela rompeu os vínculos com a Inglaterra. Os cérebros mais brilhantes da Dáil Éireann, disse, nunca seriam tão sagazes quanto os intelectuais mais obscuros de Westminster. Chamou de covardes e assassinos os participantes da Campanha das Fronteiras e, num dos seus momentos mais afetados (o qual ele certamente havia ensaiado para garantir o máximo de provocação), sugeriu que uma bela blitzkrieg ao estilo da Luftwaffe na fronteira, ao longo dos condados de Armagh, Tyrone e Fermanagh, poria fim de uma vez por todas às atividades terroristas do povo irlandês. Quando lhe perguntaram o porquê da sua opinião tão fervorosamente pró-inglesa, uma vez que ele nascera em Rathmines, Max só faltou cantar para sublinhar que a sua família tinha sido uma das mais proeminentes de Oxford durante séculos. Mostrou-se todo orgulhoso quando admitiu que dois ancestrais seus foram decapitados por Henrique VIII por se opor ao

casamento do rei com Ana Bolena e que outro havia sido queimado na fogueira pela própria rainha Maria (improvável) por ter destruído sinais de idolatria católica na catedral de Oxford.

“Eu fui o primeiro da família a nascer na Irlanda”, disse, “e isso porque o meu pai se mudou para cá, depois da Grande Guerra, a fim de abrir escritório de advocacia. E, como disse o duque de Wellington, que eu creio que todos concordamos que foi um homem magnífico: *O fato de um homem nascer num estábulo não o torna um cavalo.*”

“Talvez não um cavalo, mas com certeza um asno”, declarou o padre Squires no dia seguinte na sala de aula, atacando Julian por causa dos sentimentos pérfidos de Max. “O que faz de você um burro ou uma mula.”

“Já me chamaram de coisa pior”, disse Julian sem mostrar o mais ligeiro abalo. “Acontece que não tem sentido tentar igualar as opiniões políticas do meu pai com as minhas. Ele tem muitas, sabe, ao passo que eu não tenho absolutamente nenhuma.”

“Isso porque você é um cabeça-oca.”

“Oh, não sei”, murmurou ele baixinho. “Há uma ou outra ideia preguiçosa num canto qualquer aqui dentro.”

“Você, como um irlandês orgulhoso, pelo menos condenaria o seu pai pelas coisas que disse?”

“Não”, respondeu Julian. “Eu nem sei por que o senhor está tão indignado. Não leio jornal e não tenho rádio, então não faço ideia do que ele andou dizendo para causar tanto escândalo. Tinha algo a ver com senhoras poderem nadar no Forty Foot? Ele se enfurece quando tocam nesse tema.”

“Senhoras poderem...”, o padre Squires olhou para ele com incredulidade, e eu me perguntei quanto demoraria para que fizesse picadinho do meu amigo com a vara. “Não tem nada a ver com deixar senhoras nadarem no Forty Foot!”, rosou. “Embora seja mais fácil fazer frio no inferno do que acontecer uma coisa dessas. Isso não passa de um bando de assanhadas que gostam de se exibir seminuas.”

“Não vejo nenhum mal nisso”, sorriu Julian.

“Você não escutou uma palavra do que eu disse? O seu pai é um traidor do povo! Você não sente vergonha?”

“Eu não. A Bíblia não diz nada sobre os filhos não serem condenados por causa dos pecados dos pais?”

“Não venha citar a Bíblia para mim, seu pirralho *West Brit*”, gritou o padre Squires, avançando para as nossas carteiras e chegando tão perto que eu senti o cheiro de suor que o acompanhava como um segredo vergonhoso. “E o que ela diz é que *ambos* serão condenados

cada um pelos seus *próprios* pecados.”

“Quanta severidade. E, em todo caso, eu não citei. Eu parafraseei. E, evidentemente, errei tudo.”

Esse era o tipo de arranca-rabo que parecia irritar a maioria dos nossos colegas, tornando Julian uma figura um tanto impopular, mas eu adorava vê-lo desafiar o padre Squires. Ele era arrogante, sem dúvida, e insolente no mais alto grau, mas fazia as suas declarações com tanta naturalidade que eu achava impossível não ficar encantado.

No entanto, Max era tão eloquente na sua condenação do IRA que talvez ninguém tenha se surpreendido semanas depois, quando sofreu um atentado de manhã ao sair da Dartmouth Square para um encontro no Four Courts. Um atirador escondido no centro dos jardins — Maude *não* teria gostado disso — disparou duas vezes na sua direção, sendo que uma bala se alojou na madeira da porta e a outra passou raspando o lado direito da sua cabeça, dilacerando-lhe a orelha e se aproximando perigosamente daquilo que, suponho eu, seria considerado o cérebro. Max voltou correndo para dentro, aos berros, o sangue a escorrer pela face, e se entrincheirou no escritório até que os *gardai* e a ambulância chegassem. No hospital, ficou bem claro que absolutamente ninguém tinha simpatia por ele e ainda menos interesse em procurar o seu assassino potencial e, assim, quando teve alta, meio surdo e com uma inflamada cicatriz vermelha no lugar em que ficava a orelha direita, Max contratou um guarda-costas, um grandalhão que parecia um Charles Laughton mais musculoso e que atendia por Ruairí O'Shaughnessy, um nome surpreendentemente gaélico para alguém a quem Max confiaria a própria vida.

Aonde quer que o pai de Julian fosse, O'Shaughnessy ia também, e eles se tornaram uma dupla bastante conhecida nas imediações do Inn's Quay. O que ninguém sabia, porém, é que, não tendo conseguido matá-lo pelos seus insultos verbais, o IRA havia decidido experimentar um modo mais imaginativo de puni-lo. Um projeto bem mais audacioso estava sendo preparado, no qual o alvo não era propriamente Max.

O MENINO DO REFORMATÓRIO

Como tínhamos gostado muito da breve escapada das garras do Belvedere College durante a fugaz carreira de *TD* de Julian, decidimos tentar a sorte na rua com mais frequência. Não tardamos a começar a frequentar a *matinê* dos cinemas do centro da cidade ou a passear no Trinity College para ver os protestantes, que pareciam ter sido

descornados por um tosquiador benevolente ao entrar na faculdade. Éramos atraídos pelas lojas de roupas e de discos na Henry Street, muito embora quase não pudéssemos comprar nada, e, quando Julian roubou de uma banca um exemplar de *Songs for Swingin' Lovers!*, de Frank Sinatra, fizemos todo o caminho de volta ao colégio correndo, delirantes com a euforia da juventude.

Algumas semanas depois da nossa visita à Dáil, íamos pela O'Connell Street, tendo fugido da Parnell Square depois de uma aula de geografia particularmente enfadonha, e eu senti uma irrupção espontânea de alegria que nunca tinha tido até então. A tarde estava ensolarada, Julian vestia uma camisa de mangas curtas que acentuavam os bíceps e os meus pelos pubianos finalmente haviam nascido. A nossa amizade nunca tinha sido tão íntima e passávamos horas conversando e trocando confidências, excluindo do nosso pequenino universo qualquer um e qualquer coisa que não nos interessassem. Naquele instante, pelo menos, o mundo parecia ser um lugar repleto de possibilidades.

“O que a gente vai fazer hoje?”, perguntei, parando junto à Coluna de Nelson e usando a sombra do pedestal para proteger a vista contra o sol.

“Bom, na verdade... espere aí”, disse Julian, parando abruptamente diante de uma escada que levava a um mictório público subterrâneo. “Dois minutos. Chamado da natureza.”

Fiquei esperando ali mesmo, batendo os calcanhares na base da estátua e olhando ao meu redor. À direita, avistava o Correio Central, no qual os arqui-inimigos de Max Woodbead, os líderes do levante de 1916, exortaram os irlandeses e as irlandesas, em nome de Deus e das gerações mortas, a atenderem ao chamado à bandeira e à luta pela liberdade.

“*Você é uma graça de garoto*”, grunhiu uma voz às minhas costas; eu me virei e dei com Julian sorrindo e já começando a rir da minha expressão. “Eu estava lá embaixo no banheiro”, disse, apontando com o beijo para a Coluna, “e um homem se aproxima enquanto eu estou mijando e me diz isso.”

“Oh”, fiz eu.

“Eu esqueci que é lá que os veados ficam”, disse ele, estremecendo. “Nos mictórios do subsolo à espreita de rapazinhos inocentes como eu.”

“Você está longe de ser um rapazinho inocente”, disse eu, olhando para a escada, indagando quem ou o que podia subir para arrastar Julian e a mim para baixo, para a escuridão do submundo.

“É verdade, mas é isso que eles procuram. Sabe o que eu fiz?”

“O quê?”

“Virei e mijei na calça dele. Ele teve tempo de dar uma boa olhada no meu negócio, mas valeu a pena. A calça vai demorar tanto para secar que ele só vai poder subir outra vez daqui a horas. Você precisava ver como ele me xingou! Imagine, Cyril! Um veado imundo gritando palavrões para *mim*!”

“Você devia ter batido nele.”

“Para quê?”, replicou Julian com uma careta. “A violência nunca resolveu coisa nenhuma.”

Preferi não responder. Quando eu tentava concordar com Julian em assuntos dessa natureza, ele sempre parecia mudar de opinião, deixando-me desconcertado por ter entendido tão mal as coisas.

“Bom”, disse, e nós continuamos o passeio, ansiosos por nos afastar ao máximo do banheiro público e procurando não pensar em como seria horrível ter de ir a tais lugares para encontrar alguma coisa parecida com afeto. “O que a gente vai fazer hoje?”

“Vamos pensar”, disse ele alegremente. “Alguma sugestão?”

“Que você acha de ir dar uma olhada nos patos do St. Stephen’s Green?”, propus. “É só arranjar uma fatia de pão, e a gente pode dar de comer a eles.”

Julian riu e sacudiu a cabeça. “Isso nós não vamos fazer”, disse.

“E se a gente for para a ponte Ha’penny? Dizem que se você ficar pulando lá em cima, ela começa a balançar. A gente pode pregar um baita susto nas velhinhas que estiverem atravessando.”

“Não”, disse Julian. “Isso também não.”

“Ora, o que então? Proponha alguma coisa você.”

“Já ouviu falar no Palace Bar?”, perguntou ele, e eu logo percebi que ele já havia planejado a nossa tarde e que só me restava obedecer.

“Não.”

“Fica pertinho da Westmoreland Street. Os alunos do Trinity College não saem de lá. E os velhos também não, porque servem a melhor pórter. Vamos.”

“Um pub?”, perguntei, desconfiado.

“Isso mesmo, Cyril, um pub”, sorriu ele, afastando o cabelo da testa. “A gente quer é aventura, não é? E nunca se sabe com quem pode acabar topando. Quanto dinheiro você tem aí?”

Vasculhei os bolsos e tirei os meus caraminguás. Embora eu quase nunca o visse, Charles era bastante generoso com a minha mesada e, toda manhã de segunda-feira, chegavam sem falta cinquenta centavos à minha conta bancária escolar. Claro que um Avery de verdade

provavelmente ganharia uma libra.

“Nada mau”, disse Julian, somando de cabeça. “Eu tenho mais ou menos a mesma coisa. Podemos passar uma tarde e tanto se a gente souber usar essa graninha.”

“Não vão servir bebida para a gente.”

“Claro que vão. Parecemos mais velhos. Quer dizer, eu em todo caso pareço. E temos grana, que é a única coisa que interessa nesses lugares. Vai dar certo.”

“Vamos ver os patos primeiro?”

“Não, Cyril”, disse ele, dividido entre a frustração e a vontade de rir. “Fodam-se os patos. Vamos ao pub.”

Eu não disse nada: era raro um de nós usar a palavra iniciada com F e, quando era usada, ela indicava autoridade absoluta. Simplesmente não havia como se opor à palavra.

Pouco antes de entrarmos no pub, Julian parou na frente de uma farmácia e tirou do bolso um pedaço de papel. “Um minuto só”, disse. “Preciso comprar um negócio.”

“O quê?”

“Vou aviar uma receita.”

“Receita para quê? Você está doente?”

“Não, eu estou bem. Precisei ir ao médico outro dia, só isso. Nada de grave.”

Franzi a testa e o observei quando entrou e, pouco depois, fui atrás.

“Eu mandei você me esperar lá fora”, disse ele ao me ver.

“Não, não mandou. Qual é o seu problema afinal?”

Ele revirou os olhos. “Não é nada. Só uma irritação.”

“Que tipo de irritação? Onde?”

“Não é da sua conta.”

O farmacêutico saiu do dispensário e lhe entregou algo. “Use-o generosamente na região afetada duas vezes por dia”, disse, pegando o dinheiro de Julian.

“Isso arde?”

“Arde mais se você não usar.”

Julian agradeceu, pôs o pacote no bolso, pegou o troco e saiu, comigo atrás dele.

“Julian”, disse eu quando estávamos na rua. “O que isso tudo...”

“Cyril, não te interessa, entendeu? Não se meta. Venha, o pub fica logo ali.”

Não querendo deixá-lo enraivecido, eu não disse mais nada, mas fiquei magoado e decepcionado com o fato de ele ter segredos para

mim. À entrada, havia duas portas dispostas na rua como dois lados de um triângulo equilátero, e Julian escolheu a da esquerda, mantendo-a aberta o tempo suficiente para que eu entrasse atrás dele. Um corredor estreito acompanhava um balcão comprido e colorido, diante do qual meia dúzia de homens sentados em tamboretes fumavam e olhavam fixamente para os canecos de Guinness como se fosse possível descobrir o sentido da vida naquele líquido escuro. Depois do bar, havia algumas mesas vazias e, mais adiante, um pequeno salão. O barman, um sujeito de ar intratável, cabelo e sobrancelhas cor de abóbora, jogou um pano de prato no ombro e nos observou com atenção quando nos instalamos à mesa mais próxima.

“O salãozinho é para mulheres e crianças”, cochichou Julian. “Ou para os caras que têm que se esconder da esposa. A gente fica aqui. Eu estou morrendo de sede!”, urrou, sobressaltando-me quando todos os presentes se viraram para nós. “Mas, depois de um longo dia de trabalho nas docas, não há nada mais gostoso que um bom caneco. Não acha, Cyril? Patrão, me traz dois canecos da preta?”, gritou, sorrindo para o ruivo atrás do balcão.

“Nem pensar”, disse ele. “Quantos anos vocês têm? São muito pirralhos.”

“Eu tenho dezenove”, disse Julian. “E o meu amigo tem dezoito.” Tirou todo o dinheiro do bolso e fez sinal para que eu o imitasse de modo que o homem visse que podíamos pagar. “Por que a pergunta?”

“Para puxar conversa”, disse ele, abrindo uma das torneiras. “Sabem que de garotos como vocês eu posso cobrar um pouco mais que de costume? É a ‘taxa da juventude’.”

“O preço que você achar justo”, concordou Julian.

“Ah, puta que pariu”, disse o barman, antes divertido que furioso. Minutos depois, trouxe a bebida, colocou-a diante de nós e voltou ao seu posto.

“Que horas são agora?”, quis saber Julian, e eu apontei para o relógio na parede.

“Quase seis.”

“Ótimo. Como eu estou?”

“Parece um deus grego que o imortal Zeus enviou do monte Olimpo para zombar de todos nós, seres inferiores, com a sua beleza assombrosa”, respondi, coisa que, traduzida, equivalia a “Você está ótimo, por quê?”.

“Por nada”, disse ele. “Só conferindo. Você é um cara legal, Cyril”, acrescentou, estendendo a mão e pousando-a um momento na minha, e uma corrente elétrica me percorreu, tão excitante como eu

imaginava que seria se ele se inclinasse e pressionasse os lábios nos meus. Julian me olhou nos olhos e logo franziu a testa; talvez tivesse percebido uma emoção que nem mesmo ele tinha maturidade para entender.

“Você também é, Julian”, retribuí, e, no calor do momento, talvez eu estivesse pronto para me deixar arrebatado e entregar o jogo, mas antes que eu pudesse continuar, a porta do pub se abriu e duas moças entraram, uma das quais, para minha surpresa, eu já conhecia de algum lugar. Olharam nervosamente para os lados, pois eram as únicas mulheres no lugar, e então nos avistaram, e a garota da frente sorriu e veio na nossa direção.

“Bridget”, disse Julian, voltando-se, tirando depressa a mão de cima da minha e abrindo um largo sorriso. “Você veio. Eu sabia que ia vir.”

“Sabia nada”, riu ela, piscando para ele. “Mas aposto que rezou um bocado de novenas para que os seus desejos se realizassem.”

Ora, percebi então, era a garçonete do salão de chá da Dáil, emperiquetadíssima com um vestido vermelho bem justo que chamava atenção para os seus seios, o rosto borrado de maquiagem. Vinha acompanhada de outra mocinha, talvez um ano mais nova, mais baixa, sem maquiagem, o próprio retrato da timidez, cabelo castanho, óculos fundo de garrafa e ar de quem comeu e não gostou. Ela era o Cyril da Bridget, por assim dizer. Fiquei desanimado quando percebi que era exatamente por isso que ela estava lá e me virei para encarar Julian até que ele sentisse vergonha suficiente para desviar a vista.

“O que as damas vão tomar?”, perguntou ele, vibrando uma palma na outra quando elas se sentaram.

“Estas cadeiras estão limpas?”, indagou a segunda garota, tirando um lenço da manga para esfregar o assento.

“Alguns dos melhores homens e mulheres de Dublin sentaram a bunda nessa cadeira”, disse Julian. “Senta aí, querida, e, se você pegar uma doença, eu pago a conta do veterinário, prometo.”

“Encantador. Você é um perfeito cavalheiro.”

“Vamos tomar dois *snowballs*”, disse Bridget. “Esta aqui é a minha amiga Mary-Margaret.”

“Você se lembra do Cyril?”

“Como eu ia esquecer? Cyril dos longos cílios.”

“Cyril dos longos cílios!”, repetiu Julian, rindo escandalosamente daquela piada engraçadíssima.

“Você tem um ar tão angelical, já te contaram?”, perguntou ela, inclinando-se para a frente e me examinando a fisionomia. “Ele tem

cara de quem nunca beijou”, acrescentou, dirigindo-se a Julian, e eu me senti como um espécime no microscópio, estudado atentamente por dois médicos.

“Eu quero só um suco de laranja”, disse Mary-Margaret, falando um pouco mais alto.

“Dois *snowballs*”, repetiu Bridget.

“Dois *snowballs*!”, gritou Julian para o barman, apontando para os nossos copos, que estavam quase vazios. “E mais dois canecos de cerveja preta!”

“Eu vou ficar bêbada”, protestou Mary-Margaret. “E tenho de acordar cedo para a missa das seis. Amanhã é o padre Dwyer que vai celebrar, e as missas dele são adoráveis.”

“Você ainda não bebeu uma gota”, sorriu Bridget. “Um só não vai te condenar ao alcoolismo.”

“Um só. Vou tomar um só. Não sou uma bêbada, Bridget, você sabe muito bem.”

“Olá, Mary-Margaret!”, exclamou Julian, piscando para ela e apontando para mim com o queixo. “Este é o meu amigo Cyril.”

“Você já disse isso. Pensa que eu tenho memória de peixe?”

“O que você achou?”

“O que eu achei do quê?”

“Do Cyril. Do Cyril dos longos cílios.”

“O que você quer que eu ache dele?”, perguntou a garota, medindo-me da cabeça aos pés como se eu fosse uma criatura da lagoa negra e ela tivesse tido o azar de estar perto da água quando assomei à margem.

“Agora há pouco, num banheiro público, um veado pediu para fazer uma chupeta nele.”

Nós três ficamos boquiabertos: eu horrorizado; Mary-Margaret incrédula; e Bridget deliciada.

“É mentira”, disse eu, e as minhas cordas vocais escolheram justo aquele instante infeliz para falhar um pouco. “Invenção dele.”

“Esse, definitivamente, não é o meu padrão de conversa”, disse Mary-Margaret, voltando-se para Bridget. Os *snowballs* chegaram naquele momento, e ela cheirou o dela antes de tomar quase tudo de um trago sem mostrar nenhuma reação particular. “Esses aí são garotos vulgares? Porque eu não gosto de garotos vulgares, você sabe. Se for assim, vou tomar mais um.”

“Mais dois *snowballs*!”, gritou Julian.

No silêncio que se seguiu, Mary-Margaret se virou para olhar para mim de novo e, ao que parece, desta vez se mostrou ainda menos

impressionada do que antes, coisa que eu considerava impossível.

“Cecil, não?”, perguntou.

“Cyril”, corrigi.

“Cyril o quê?”

“Cyril Avery.”

“Ora”, sorriu ela, fungando um pouco. “Não chega a ser o pior nome que eu já ouvi na vida.”

“Obrigado.”

“Eu só vim porque a Bridget pediu. Não sabia que íamos formar dois casais.”

“Nem eu.”

“Este não é o meu padrão, definitivamente.”

“Como estava o salão de chá hoje?”, perguntou Julian. “O presidente Eisenhower passou por lá para dizer oi?”

“O Eisenhower é presidente dos Estados Unidos”, ensinou Mary-Margaret, endereçando-lhe um olhar de desprezo. “O nosso é o O’Kelly. Não é possível que você seja tão ignorante.”

“Eu estava brincando, Mary-Margaret”, disse Julian, rolando os olhos. “Você nunca ouviu uma brincadeira?”

“Não gosto de brincadeira.”

“Eu nunca nem ouvi falar no presidente Eisaflower”, declarou Bridget, dando de ombros.

“Eisenhower.”

“Eisaflower”, teimou ela.

“Certo”, disse eu.

“Você também trabalha no salão de chá, Mary-Margaret?”, quis saber Julian.

“Não”, respondeu ela, insultada com a mera ideia, muito embora a amiga estivesse ao seu lado. “Eu sou assistente de caixa júnior no setor de câmbio do Bank of Ireland, na praça College Green.”

“Não!”, exclamou Julian.

“Sou.”

“Não. É mentira.”

“Por que eu estaria mentindo?”, perguntou ela.

“Está bem, então diga uma coisa em norueguês.”

Mary-Margaret o encarou como se não tivesse entendido aonde ele queria chegar, depois se virou para Bridget, que se inclinou, deu uma palmadinha no antebraço de Julian e esqueceu a mão ali, me deixando com vontade de pegar uma faca na mesa vizinha e decepar aquela manopla.

“Não ligue”, disse, divertida, “ele se acha o rei da cocada preta.”

“E o dono do pedaço”, acrescentou Julian com uma piscadela.

“Um partidaço.”

“Isso nem faz mais sentido”, disse eu em voz baixa.

“Os noruegueses usam a coroa norueguesa”, professorou Mary-Margaret, fazendo uma careta e desviando a vista. “Para ser honesta, eu não gosto desse dinheiro. Deixa manchas de tinta nas mãos quando a gente conta, e esse, definitivamente, não é o meu padrão. Prefiro moeda internacional que não deixa resíduos. As notas Australianas são limpinhas. Assim como as dos seus vizinhos mais próximos, os neozelandeses.”

“Minha nossa, você é uma criatura fascinante!”, exclamou Julian e, a essa altura, havíamos terminado mais uma rodada e uma nova acabava de chegar, a pedido meu, pois ele havia olhado para os copos quase vazios e me fizera um sinal.

“Na verdade, esse é um erro comum”, disse eu. “A Nova Zelândia não é o vizinho mais próximo da Austrália.”

“Claro que é”, indignou-se Mary-Margaret. “Não seja ridículo.”

“Não estou sendo ridículo. Papua-Nova Guiné fica mais perto. Nós estudamos isso na aula de geografia.”

“Esse lugar não existe.”

“Ora”, disse eu, sem saber como provar o que eu estava dizendo, “é claro que existe.”

“Pare de flertar com a coitadinha, Cyril”, sorriu Julian. “Ela vai grudar em você que nem carrapato se você insistir nessa conversa pornográfica.”

“Eu trabalho no setor de câmbio do Bank of Ireland, College Green”, repetiu a garota, caso tivéssemos esquecido o que dissera minutos antes. “Acho que sei um pouco mais de geografia do que vocês.”

“Se você nunca ouviu falar em Papua-Nova Guiné, não sabe”, resmunguei, concentrando-me no meu caneco.

“Eu comprei um par de meias”, anunciou Bridget sem motivo aparente. “Vou estreá-las hoje à noite. O que vocês acham?” E girou para a esquerda na cadeira a fim de esticar as pernas na nossa frente. Eu não tinha com que compará-las, mas vi que eram bem impressionantes para quem gostava daquele tipo de coisa. Do cocuruto à sola dos pés, Bridget era um espetáculo, não dava para negar. Bastava olhar para Julian para ver o quanto estava derretido. Reconheci perfeitamente a expressão, pois era a mesma que eu fazia a maior parte do tempo.

“São absolutamente deslumbrantes”, disse Julian, piscando para

ela. “Mas aposto que eu te convenço a tirá-las.”

“Olha o respeito”, riu ela, dando outro tapa no braço dele antes de voltar a atenção para mim. “E aí, Cyril? Alguma novidade?”

“Pouca coisa. Ganhei menção honrosa pela dissertação sobre o papa Bento XV e o esforço dele para conseguir um acordo de paz durante a Primeira Guerra Mundial.”

“E só agora você me conta isso?”

“Você nunca perguntou.”

“Caramba, eles formam um lindo casal”, disse Julian, olhando ora para Mary-Margaret ora para mim.

“Sou só eu ou este lugar está fedendo?”, perguntou Mary-Margaret, fazendo uma careta.

“Deve ser só você”, respondeu Julian. “Não tomou banho esta semana?”

“Eu quis dizer: sou só eu que estou sentindo o cheiro ruim?”, rosnou ela.

“Tem um pouco de cheiro de mijo”, disse Bridget.

“Bridget!”, escandalizou-se Mary-Margaret.

“É porque a gente está perto da escada”, explicou Julian. “E o banheiro dos homens fica lá embaixo. Mary-Magdalén, basta você dar uma espiada atrás daquela parede para ver os caras com o negócio de fora.”

“Eu me chamo Mary-Margaret”, disse Mary-Margaret. “Não Mary-Magdalén.”

“Eu me enganei.”

“E prefiro que você não fique falando em negócios, por favor.”

“Não tem nada de errado com os negócios”, disse Julian. “Nenhum de nós estaria aqui sem eles. Eu estaria perdido sem o meu negócio. É o meu melhor amigo depois do Cyril. Mas adivinhem com qual dos dois eu me divirto mais.”

Eu sorri, a bebida já começando a me afetar um pouco, considerando um grande elogio ser colocado um pouco acima do pênis dele.

“Bridget”, disse Mary-Margaret, virando-se para a amiga. “Não gosto desse tipo de conversa imunda. Não é o meu padrão.”

“É que os homens têm obsessão pelo negócio deles”, riu Bridget, sacudindo a cabeça. “Não falam noutra coisa.”

“Mentira”, interferiu Julian. “Na semana passada, eu tive uma conversa com um colega de classe sobre equação do segundo grau. Se bem que agora me lembro que estávamos mijando lado a lado quando tivemos essa conversa, e preciso admitir que dei uma olhada rápida no

dele para ver se o meu era maior.”

“Quem era?”, perguntei, sentindo uma agitação entre as pernas só de pensar na situação.

“Peter Trefontaine.”

“E como era?”

“Pequeno”, disse Julian. “E meio entortado para a esquerda, coisa esquisita.”

“Vocês querem parar?”, pediu Mary-Margaret. “Eu tenho missa amanhã cedo.”

“Eu sei, do padre Dwyer, você já contou. Aposto que o negócio dele é minúsculo.”

“Bridget, eu vou embora se esse garoto continuar...”

“Pare com isso, Julian”, pediu Bridget. “Você está constrangendo a Mary-Margaret.”

“Ele não me constrange. Ele me enoja. É muito diferente.”

“Não vamos falar mais nessas coisas”, disse Julian tomando um longo trago do seu caneco. “Se bem que talvez lhes interesse saber que, há muitos anos, quando Cyril e eu éramos pequenos, ele pediu para ver o meu negócio.”

“Mentira!”, gritei, horrorizado. “Ele que pediu para ver o meu!”

“Não precisa ficar com vergonha, Cyril”, sorriu Julian. “Foi só uma travessura infantil, mais nada. Não quer dizer que você seja veado ou coisa assim.”

“Eu não pedi para ver o negócio dele”, repeti, e Bridget, num ataque de riso, cuspiu um pouco do seu *snowball* na mesa.

“Se é esse o tipo de conversa que vamos ter...”, disse Mary-Margaret.

“Eu não pedi!”, insisti.

“A bem da verdade, o meu negócio é bem bonito”, disse Julian. “Cyril é testemunha.”

“Como eu vou saber?”, perguntei, corando furiosamente.

“Porque nós dividimos o quarto. Não finja que nunca olhou. Eu olhei o seu. E também é bonito. Pode não ser grande como o meu, mas é maior que o do Peter Trefontaine, mesmo quando não está duro, e, aliás, o seu não fica duro com muita frequência. Você seria o primeiro a admitir isso, não, Cyril?”

“Oh, Deus de misericórdia”, rogou Mary-Margaret, dando a impressão de que estava prestes a desmaiar. “Bridget, eu quero ir embora.”

“Na verdade, Mary-Margaret, você é a única aqui que nunca viu o meu negócio”, disse Julian. “Coisa que eu acho que faz de você a

esquisitona.”

Fez-se silêncio enquanto nós todos assimilávamos o que ele acabava de dizer. Senti um frio no estômago e me dei conta de que, além das muitas ocasiões em que fugíamos juntos do Belvedere College, às vezes Julian fugia sozinho ou — muito pior — com algum confrade de aventuras sexuais, com o qual ia atrás de garotas. A ideia de ele ter uma vida fora da nossa vida, fora da nossa amizade, me magoou muito. E a percepção, que despontou aos poucos, de que Bridget tinha visto o negócio dele, não importando se ela tinha simplesmente tocado ou dado uma olhada, ou se tinha feito uma chupeta ou ido aos finais, ia além do que eu era capaz de aguentar. Pela primeira vez desde que era criança, eu me senti criança.

“Você é muito bocudo”, disse Bridget, meio embaraçada, meio excitada com as palavras dele.

“E a sua boca é linda”, retrucou ele, inclinando-se para a frente e sorrindo, e, antes que qualquer um de nós entendesse o que estava se passando, os dois começaram a se beijar. Olhei para a minha bebida, tremendo um pouco antes de levá-la à boca e terminá-la de um gole, então me pus a examinar o pub à minha volta como se não estivesse acontecendo nada.

“Não acha a ornamentação do teto meio intrincada?”, perguntei, olhando para cima para não ter de ver a bolinação dos dois.

“A minha mãe é da Legião de Maria”, declarou Mary-Margaret. “Não sei o que ela ia achar dessa pouca-vergonha.”

“Calma”, disse Julian, afastando-se de Bridget e recostando-se na cadeira com ar satisfeíssimo. Ar que dizia *Eu sou jovem, bonito, gosto das garotas e elas gostam de mim; vocês não imaginam o quanto vou me divertir quando tiver me livrado dos grilhões do colegial.*

“Você gosta do salão de chá, Bridget?”, perguntei, louco por mudar de assunto.

“O quê?”, surpreendeu-se ela, olhando-me com perplexidade. Parecia agitada pelo beijo apaixonado e a sua expressão sugeria que a única coisa que queria era que Mary-Margaret e eu a deixássemos a sós com Julian para que pudessem ir aonde tinham ido antes e fazer o que fizeram. “Que salão de chá?”

“O salão de chá em que você trabalha. Qual outro? O salão de chá da Dáil Éireann.”

“Ah, bom”, disse Bridget. “Aquilo é tão divertido que a gente não para de rir o dia inteiro. Ah, não, eu estou brincando, é um lugar muito bom. Os TDs são um bando de puxa-sacos e a maioria não

resiste à tentação de dar um tapinha na nossa bunda quando a gente passa por eles, mas dão boa gorjeta porque sabem que, se não derem, no dia seguinte a sra. Goggin os coloca numa mesa de merda e aí eles não têm a menor chance de bajular um ministro.”

“É aquela que passou pito na gente na Dáil naquele dia?”, perguntou Julian.

“A própria.”

“Puxa, ela é osso duro de roer.”

“Ah, não”, discordou Bridget, sacudindo a cabeça. “A sra. Goggin é uma das melhores. Exige muito de todo mundo, mas, ao mesmo tempo, trabalha mais que qualquer uma de nós. E nunca manda ninguém fazer uma coisa que ela mesma não faça. Não é metida a besta, ao contrário de muita gente lá. Não, eu não admito que falem mal dela.”

“Tudo bem”, rendeu-se Julian. “À sra. Goggin”, acrescentou, erguendo o caneco.

“À sra. Goggin”, repetiu Bridget, erguendo o dela, e Mary-Margaret e eu não tivemos alternativa senão brindar também.

“Você tem uma sra. Goggin no Bank of Ireland?”, perguntou Julian.

“Não, nós temos o sr. Fellowes.”

“E você gosta dele?”

“Não me cabe ter opinião sobre os meus superiores.”

“Ela é sempre alegre assim?”, perguntou Julian a respeito de Bridget.

“O cheiro de mijo aqui está piorando”, foi a resposta de Mary-Margaret. “O que vocês acham da gente mudar de lugar?”

Demos uma olhada em volta, mas o Palace já estava lotado e era uma sorte ter onde sentar.

“Não tem lugar”, disse Julian, bocejando um pouco antes de atacar o caneco seguinte. “Santo Deus, é uma sorte a gente estar nesta mesa há tanto tempo. Os fregueses habituais têm todo o direito de nos tirar daqui.”

“Você faz o favor?”, perguntou Mary-Margaret.

“Que favor?”

“De não tomar o nome de Deus nosso Senhor em vão.”

“Não. Por quê? Por acaso ele foi até o seu guichê no setor de câmbio do Bank of Ireland, College Green, depois do almoço, para dizer que não gosta que façam isso?”

“Você nunca leu os dez mandamentos?”, perguntou ela.

“Não, mas vi o filme.”

“Bridget, agora já é demais. Será que nós vamos ficar aqui a noite toda escutando essa patacoada?”

“Caso interesse saber”, disse eu, sentindo a sala começar a girar um pouco, “a capital de Papua-Nova Guiné é Porto Moresby.”

“O quê?”, surpreendeu-se Mary-Margaret, olhando para mim como se eu fosse um imbecil e, então, voltando-se para Julian, perguntou: “Esse sujeito por acaso não regula bem?”

“Você acha que Yul Brynner é careca ou raspa a cabeça antes de filmar?”, ele disparou de volta.

“Bridget!”

“Ele só está tirando uma com a sua cara, Mary-Margaret”, explicou Bridget. “Não ligue.”

“Eu não gosto de brincadeiras com Yul Brynner”, disse Mary-Margaret. “Mesmo porque ele teve uma atuação maravilhosa como o faraó Ramsés. Prefiro que mostremos um pouco mais de respeito, se vocês não se importam.”

“Então ele é seu amigo?”, perguntou Julian. “Pelo jeito, você tem amigos importantes: Deus, Yul Brynner, o sr. Fellowes.”

“O Senhor dá e o Senhor tira”, disse Mary-Margaret, coisa que, para mim, não tinha nada a ver com a nossa conversa.

“Mas eu sou o Senhor”, disse Julian.

“O quê?”, perguntou ela, agora confusa.

“Eu disse que sou o Senhor. Fui enviado pelo meu pai, que também é o Senhor, para pôr as pessoas no caminho certo. O que nós queremos, o papai e eu, é que todos tirem a roupa e pulem uns sobre os outros que nem cadelas no cio. Adão e Eva estavam nus, como você deve saber se leu o Livro do Princípio de Tudo, capítulo 1, versículo 1: *E eis que havia o homem e eis que havia a mulher, e nenhum deles tinha um trapo no corpo, e eis que a mulher se deitou, e eis que o homem fez todo tipo de loucuras com a mulher, que tinha enormes tetas e estava morrendo de tesão.*”

“Isso não está na Bíblia”, disse Mary-Margaret com firmeza, debruçando-se na mesa, os punhos cerrados como se estivesse disposta a degolar Julian.

“Bom, talvez não a parte das tetas enormes, mas o resto está exatamente desse jeito, acho.”

“Cílios”, disse ela, dirigindo-se a mim. “Você é mesmo amigo desse sujeito? Ele está desencaminhando você?”

“O meu nome é Cyril”, resmunguei.

“Com licença, do que nós estamos falando?”, perguntou Bridget, que começava a sentir o efeito dos *snowballs*. “Eu estava distraída num

mundo só meu. Pensando em Cary Grant. Sou só eu ou Cary Grant é o homem mais lindo do mundo?”

“Com exceção dos cavalheiros presentes”, disse Julian. “Só um cego pode negar o charme de Cyril Cílios. Mas, já que estamos falando em homens ridiculamente bonitos, vocês viram quem está lá no balcão?”

Todos viramos a cabeça para ver, e eu percorri com os olhos as seis ou sete estátuas sentadas nos tamboretas, todas olhando fixamente para o próprio reflexo no espelho atrás do balcão.

“Quem?”, indagou Bridget, segurando a mão de Julian. “Quem é? Eu ouvi dizer que o Bing Crosby está aqui para um campeonato de golfe. É ele?”

“Olhem ali, quase no fim”, disse Julian, apontando com a cabeça para um homem corpulento, de bochechas caídas e cabelo escuro, sentado na última cadeira antes da divisória de vidro. “Não o reconhecem?”

“É parecido com o padre Dwyer”, disse Mary-Margaret. “Mas um homem como aquele jamais poria os pés aqui.”

“Ele me lembra um pouco o meu tio Diarmuid”, disse Bridget. “Mas meu tio morreu há dois anos, então não pode ser ele.”

“É Brendan Behan”, disse Julian, mostrando-se surpreso por não o termos reconhecido.

“Quem?”, perguntou Bridget.

“Brendan Behan.”

“O escritor?”, perguntei, falando pela primeira vez depois de muito tempo, e Julian olhou para mim como se tivesse esquecido da minha existência.

“O escritor, é claro. Quem mais podia ser, o leiteiro Brendan Behan?”

“É o sujeito que escreveu *O menino do reformatório*?”, quis saber Mary-Margaret.

“E da peça *O sujeito estranho*”, disse Julian. “Um grande dublinense.”

“Ele não é um bêbado horroroso?”, perguntou ela.

“É o que diz a donzela que já está no quarto *snowball*.”

“O padre Dwyer disse que é uma peça horrível. E os livros que ele escreveu sobre a prisão, papai não quer ter nenhum em casa.”

“Sr. Behan! Sr. Behan!”, gritou Julian, virando-se e agitando os braços no ar, e, como era de esperar, o homem se voltou e olhou para nós, com uma expressão desdenhosa que logo ficou mais descontrainda, talvez por conta da nossa juventude.

“Anseo”,⁶ disse ele. “Eu conheço vocês?”

“Não, mas nós conhecemos o senhor”, disse Julian. “O meu colega e eu somos do Belvedere e adoramos a palavra escrita, por mais que os jesuítas a detestem. Não quer ficar com a gente? Seria uma honra oferecer uma cerveja ao senhor. Cyril, peça um caneco para o sr. Behan.”

“Fechado”, disse Behan, que se levantou e veio até nós, pegou uma cadeira menor da mesa vizinha para se sentar conosco e se instalou entre Mary-Margaret e mim, deixando Julian e Bridget lado a lado. Assim que se sentou, voltou-se para Mary-Margaret e a fitou nos olhos antes de baixar a vista e se concentrar nos seus seios.

“Que lindo par”, disse, examinando os demais presentes à mesa enquanto chegava uma nova rodada e Julian tirava o dinheiro da minha mão e o entregava ao barman. “Pequenos na medida certa. Bem do tamanho da palma da mão de um homem. Eu sempre acreditei que há uma correlação direta entre o tamanho da mão do homem, a circunferência das tetas da mulher e a felicidade conjugal dos dois.”

“Nossa Mãe!”, exclamou Mary-Margaret, dando a impressão de que ia desfalecer.

“Eu li o seu livro, sr. Behan”, proclamou Julian antes que ela o esbofeteasse.

“Por favor”, disse Behan, erguendo a mão e sorrindo beatificamente para todos nós. “Nada de formalidades, por favor. Podem me chamar de sr. Behan.”

“Então será sr. Behan mesmo”, disse Julian, rindo um pouquinho.

“E por que leu meu livro? Não tem coisa melhor para fazer com o seu tempo? Quantos anos você tem afinal?”

“Quinze.”

“Quinze?”, perguntou Bridget, fingindo espanto. “Você me disse que tinha dezenove.”

“Eu tenho dezenove”, afirmou Julian, olímpico.

“Quando eu tinha quinze anos”, disse Behan, “estava ocupado demais com a minha pica para ler livros. Muito bem, amiguinho.”

“Esse não é o meu padrão”, protestou Mary-Margaret, liquidando o seu quinto *snowball* e ficando tão horrorizada com o rumo da conversa que não teve escolha senão pedir mais um.

“O meu pai fez o que pôde para proibirem esse livro”, prosseguiu Julian. “Ele detesta tudo que tenha a ver com o republicanismo, então eu quis entender o porquê desse rolo todo.”

“Quem é o seu pai?”

“Max Woodbead.”

“O solicitador?”

“O próprio.”

“Aquele que perdeu a orelha com um tiro do IRA?”

Julian fez que sim. “É.”

“Caramba”, disse Behan, sacudindo a cabeça e rindo ao mesmo tempo que pegava a bebida que Mary-Margaret havia pedido e sorvia quase um quarto dela sem se importar com nada. “Você deve ter grana. Vai ter de ficar de plantão aqui a noite toda.”

“Posso perguntar uma coisa, sr. Behan?”, indagou Bridget, inclinando-se para a frente com uma expressão que sugeria que ia perguntar de onde ele tirava as suas ideias ou se escrevia à mão ou à máquina.

“Se for ‘casa comigo’, a resposta é não, mas se for ‘me leva ao beco sem saída para uma rapidinha’, então é sim”, disse Behan, e houve um prolongado silêncio até que ele comesse a rir e tomasse outro gole da sua Guinness. “Eu só estou pegando no seu pé, querida. Falando nisso, vamos dar uma olhada nas suas pernas. Mostra pra mim. Vamos, dá uma giradinha na cadeira; deixa eu ver o que me aguarda. Caramba, e não são nada feias mesmo. E você tem duas, o que sempre é uma vantagem. E elas sobem que é uma beleza.”

“E também se juntam no meio”, disse Bridget, frase que fez com que Julian, Mary-Margaret e eu nos encostássemos na cadeira num misto de admiração e incredulidade. Julian parecia prestes a saltar, excitado pela mera ideia daquilo.

“Esse aí é o seu namorado?”, perguntou Behan, apontando para Julian com o beijo.

“Ainda não sei”, respondeu Bridget, olhando de esguelha para Julian. “Ainda não decidi.”

“Eu estou paquerando ela”, disse Julian. “Estou jogando para ela o velho charme Woodbead.”

“Ela vai ficar com o velho charme Behan se você não tomar cuidado. E você, meu jovem?”, perguntou, virando-se para mim. “Está com cara de que preferia estar em qualquer outro lugar menos aqui.”

“De jeito nenhum”, disse eu para não decepcionar Julian. “Estou me divertindo muito.”

“Não está.”

“Estou.”

“Está o quê?”

“Estou, sr. Behan”, afirmei eu, sem saber ao certo o que ele queria dizer.

“Eu enxergo você por dentro”, disse ele, inclinando-se e me

olhando diretamente nos olhos. “Você é como uma parede de vidro. Eu consigo enxergar as profundezas da sua alma, e ela é uma caverna escura cheia de ideias indecentes e de fantasias imorais. Muito bem.”

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual todos à mesa, com exceção do próprio Behan, se sentiram constrangidos.

“Bridget”, disse Mary-Margaret enfim, quebrando o silêncio, mas arrastando as palavras. “Acho que está na hora de ir para casa. Não quero mais ficar aqui.”

“Tome outro *snowball*”, sugeriu Bridget, que estava ficando tão bêbada quanto qualquer um de nós e ergueu o dedo sem nem mesmo olhar à sua volta e, para a minha surpresa, em mais ou menos dois minutos, chegou uma nova rodada.

“Tudo que o senhor disse no seu livro era verdade?”, perguntou Julian. “Digo, no *Menino do reformatório*?”

“Caramba, eu espero que não”, disse Behan, sacudindo a cabeça ao erguer o caneco seguinte. “Um livro seria terrivelmente chato se tudo nele fosse verdade, não acha? Ainda mais uma autobiografia. Em todo caso, eu não me lembro nem da metade dele, de modo que imagino que tenha caluniado algumas pessoas. É por isso que o seu pai queria que proibissem o livro?”

“Ele não aprova o seu passado.”

“O senhor tem um passado sensacional, sr. Behan?”, quis saber Bridget.

“Tenho alguns. De que parte ele não gostou?”

“De quando o senhor tentou explodir as docas de Liverpool”, disse Julian. “A parte que fez o senhor parar no reformatório.”

“Então o seu pai não é simpatizante?”

“Ele quer que os britânicos voltem e tomem o controle”, disse Julian. “Nasceu e foi criado em Dublin, mas se envergonha disso.”

“Ora, é preciso todo tipo de gente para fazer um mundo. E você, amiguinho?”, perguntou ele, voltando a atenção para mim.

“Não ligo”, disse eu. “Não me interessa por política.”

“Conte a ele quem é a sua mãe”, disse Julian, cutucando-me o braço.

“Eu não sei quem é a minha mãe.”

“Como você pode não saber quem é a sua mãe?”, perguntou Behan.

“Ele é adotado”, explicou Julian.

“E não sabe quem é a mãe dele?”

“Não”, disse eu.

“Então por que ele...”

“Conte quem é a sua mãe *adotiva*”, pediu Julian, e eu olhei para o tampo da mesa, concentrando-me numa mancha que eu estava tentando limpar com o polegar.

“Maude Avery”, disse em voz baixa.

“Maude Avery?”, perguntou Behan, pondo o caneco na mesa e me encarando com um misto de incredulidade e humor. “Maude Avery de *Como a cotovia?*”

“Essa mesma.”

“Uma das melhores escritoras que a Irlanda já produziu”, disse ele, batendo na mesa algumas vezes. “Sabe, eu acho que agora me lembro de você. Você estava no enterro. Eu também.”

“Claro que eu estava no enterro”, disse eu. “Ela era minha mãe adotiva.”

“Ela está na paz do Senhor”, disse Mary-Margaret num tom evangélico que me fez olhar para ela com desprezo.

“Ainda vejo você na primeira fila com um terninho escuro”, prosseguiu Behan. “Sentado ao lado do seu pai.”

“Do pai adotivo dele”, corrigiu Julian.

“Cale a boca, Julian”, disse eu num raro momento de irritação com ele.

“Você fez uma das leituras.”

“Fiz”, confirmei.

“E cantou uma canção.”

“Não, não fui eu.”

“Uma bela melodia. Você nos fez chorar.”

“Não fui eu, repito. Eu não sei cantar.”

“Yeats disse que foi como ouvir um coro de anjos. O’Casey disse que foi a primeira vez que ele chorou em toda a vida.”

“Eu não cantei coisa nenhuma.”

“Você sabe o quanto nós todos estimávamos a sua mãe?”

“Eu não a conhecia muito bem”, disse eu, desejando que Julian não tivesse tocado naquele assunto.

“Como você podia não conhecer?”, perguntou Behan. “Se ela era a sua mãe...”

“Minha mãe adotiva”, repeti pela enésima vez.

“Quando ela te adotou?”

“Quando eu tinha três dias.”

“Três anos de idade?”

“Três *dias*.”

“Três dias de idade? Então ela era a sua mãe verdadeira para todos os efeitos.”

“Nós não éramos muito próximos”, disse eu.

“Já leu os livros dela?”

“Não.”

“Nenhum deles?”

“Nenhum deles.”

“Pois é”, interferiu Julian, talvez se sentindo um pouco excluído da conversa.

“Nem mesmo *Como a cotovia*?”

“Por que todo mundo vive me mandando ler esse? Não, nem mesmo *Como a cotovia*.”

“Tudo bem”, disse Behan. “Pois devia, se tiver um mínimo de interesse pela literatura irlandesa.”

“Meu interesse é exatamente esse.”

“Caramba”, sorriu ele, olhando alternadamente para mim e para Julian. “O seu pai é Max Woodbead, a sua mãe é Maude Avery. E vocês, meninas? Quem são os seus pais? O papa? Alma Cogan? Doris Day?”

“Eu vou ao banheiro”, anunciei, levantando-me e olhando para todos à mesa. “Quero dar uma mijada.”

“Nós não precisamos saber disso”, resmungou Mary-Margaret.

“Vá se foder”, rosnei e depois caí numa risada boba.

“Sabe de uma coisa?”, disse Behan, sorrindo para ela com doçura. “Se você quiser se soltar um pouco, talvez seja bom descer com ele. Aposto que esse garoto dá um jeito em você. Descabaçar, você vai descabaçar cedo ou tarde, senhorita, e ele também. Já este caszinho aqui...”, acrescentou, referindo-se a Julian e Bridget. “Eu diria que eles já estão bem adiantadinhos nisso. Claro, só falta ele arrastar a menina para debaixo da mesa e traçar a danada aqui mesmo.”

Contornei as cadeiras antes de ouvir a reação dela e desci trançando as pernas; urinei longa e furiosamente na parede atrás do vaso desejando nunca ter ido ao Palace Bar. Quanto tempo Behan ia ficar à nossa mesa? E por que Julian não tinha me contado que ele planejava formar dois casais para a noite? Será que ele achava que eu não teria vindo se soubesse de tudo antes? O fato é que eu teria vindo, fosse como fosse. Era mais fácil estar diante dele, vendo-o fazer todo tipo de estripulia, do que ficar sozinho no nosso quarto no Belvedere College, imaginando o que ele estaria fazendo.

Quando tornei a subir, Behan estava de volta ao seu tamborete e Bridget esfregava o braço de Mary-Magdalen, que, por sua vez, enxugava os olhos com um lenço.

“É simplesmente uma pergunta tão vulgar”, dizia. “Que tipo de

mulher faria uma coisa dessas?”

“Não fique chateada, Mary-Margaret”, consolou-a Bridget. “É coisa de americano, só isso. Provavelmente ele aprendeu isso lá nos Estados Unidos.”

“Cyril, acho que é a sua rodada”, disse Julian, acenando a cabeça em direção às garotas e revirando os olhos.

“Nós não vamos ficar a noite inteira aqui, vamos?”, protestou Bridget.

“Eu não fico nem mais um minuto”, disse Mary-Margaret. “Ouvir um homem como ele falar assim comigo em público... As minhas partes íntimas são assunto meu e de mais ninguém!” Deu meia-volta e, mostrando um pouco de ânimo pela primeira vez desde que chegou, urrou na direção do balcão. “Deviam mandar você de volta ao reformatório para apodrecer lá, seu encardido!”

O riso sacudiu os ombros de Behan, que ergueu o caneco num brinde enquanto o resto dos homens ria e gritava frases como *Toma essa, Brendan* e *A filha da mãe mandou bem* e Mary-Margaret parecia a ponto de desatar a chorar de novo ou simplesmente arregaçar as mangas e demolir o Palace Bar até o último tijolo.

“Dublin é um lugar ótimo”, disse Julian, tentando impedir que a noite fosse por água abaixo. “A gente podia ir se sentar na grama do Trinity College e ver os boiolas jogarem críquete.”

“Boa ideia”, animou-se Bridget. “Afinal, a noite lá fora está gostosa. E eles ficam tão bonitos naquela roupa inteira branca.”

“Se a grama estiver muito fria, pode contar comigo para aquecer você”, ofereceu-se ele, e ela tornou a rir quando todos nos levantamos.

Tendo terminado as nossas bebidas e já a caminho da porta, corri para perto de Julian, ansioso por lhe perguntar se podíamos ir a algum lugar, só nós dois, mas, ao avançar, esbarrei no braço de Mary-Margaret sem querer.

“Quer fazer o favor?”, disparou ela. “Um pouco de educação não custa nada.”

“Desculpe”, disse eu, com medo de olhar para ela e me transformar numa estátua de pedra.

Paramos na rua, Mary-Margaret e eu de cara amarrada e baixíssimo astral, Julian e Bridget praticamente subindo um no outro.

“O que foi que você disse, Cyril?”, perguntou Julian, olhando para mim, enquanto Bridget mergulhava no pescoço dele e, inexplicavelmente, até onde eu pude ver, lhe dava umas mordidas como uma espécie de vampira bêbada.

“Eu não disse nada.”

“Ah, bom. Eu pensei que tinha falado em acompanhar Mary-Margaret até a parada de ônibus e depois voltar ao colégio também de ônibus e amanhã a gente se vê.”

“Não”, disse eu, sacudindo a cabeça, desnorteado. “Nem abri a boca.”

“Acho que você está querendo me tentar”, ronronou Bridget com uma piscadela e colando o corpo no dele; bem nesse momento, eu me virei e vi um carro virando a esquina da Dame Street em alta velocidade e vindo na nossa direção, avançando ao longo da Westmoreland Street e freando ruidosamente perto de nós ao mesmo tempo que as portas traseiras se abriam.

“O que é isso?”, perguntou Julian quando dois homens mascarados saltaram do banco traseiro, agarraram-no com brutalidade e o arrastaram para o porta-malas do automóvel, que um terceiro homem já havia aberto. Antes que pudéssemos protestar, eles o jogaram lá dentro, fecharam-no e entraram no carro, que partiu cantando os pneus. Tudo aconteceu em não mais que meio minuto e, quando o automóvel se afastou pela O’Connell Street, a única coisa que pude fazer foi ficar olhando petrificado, vendo-o desaparecer na distância, sem entender a loucura que acabava de acontecer diante dos meus olhos. Foi a minha rapidez de pensamento que me fez agarrar Mary-Margaret quando ela se curvou e começou a vomitar na calçada, meia dúzia de *snowballs* tratando de voltar para o mundo, mas então ela me arrastou para o chão por cima dela, e nós dois ficamos estendidos numa posição suspeita até que uma velha que ia passando me golpeou com um guarda-chuva, dizendo que não éramos bichos e que se não parássemos imediatamente de fazer aquilo ela ia chamar os *gardai* para nos levar presos por atentado ao pudor.

O RESGATE

Embora o número de erros de ortografia e pontuação no bilhete de resgate sugerisse certo grau de analfabetismo por parte dos sequestradores de Julian, não havia dúvida de que a mensagem era impecavelmente elegante:

*Olá. Nós tamos com o garoto. E sabemos que o pai dele é
podre de rico e um traidor da cauza da Irlanda unida de
modo que queremos £100 000 do contrário metemos uma
bala na cabeça dele. Esperem novas instrusões.*

Obrigado & um abraço afetuoso.

Em questão de horas, todos os órgãos de imprensa do país estamparam o sequestro nas manchetes, e uma fotografia terrível de Julian, de uniforme escolar e rosto angélico, passou a circular nos meios de comunicação. Por instrução da Inspetoria da Garda, as informações prestadas eram escassas, limitavam-se a confirmar a identidade do menino de quinze anos, a admitir que ele era filho de um dos solicitadores mais conhecidos da Irlanda e a confirmar que tinha sido sequestrado em plena luz do dia no centro da cidade. Numa coletiva de imprensa organizada às pressas, o inspetor evitou todas as perguntas referentes ao Exército Republicano Irlandês ou à Campanha das Fronteiras e simplesmente disse que nenhum membro da Garda descansaria enquanto o rapazinho não fosse encontrado, se bem que, como já era muito tarde, as buscas sérias só se iniciariam às nove horas da manhã seguinte.

Bridget, Mary-Margaret e eu fomos levados à delegacia da Pearse Street e, quando perguntei por que as duas ficaram sentadas no corredor e eu fui levado a uma sala separada, disseram que era para evitar que eu as molestasse no recinto da Garda. Não sei ao certo o que na minha aparência fez com que me confundissem com um estuprador adolescente, mas por algum motivo peculiar, eu tomei aquilo como um elogio. Deram-me uma xícara de chá quente muito açucarado e meio pacote de biscoitos Marietta, e só quando o meu tremor começou a diminuir foi que me dei conta de que eu estava descontrolado desde que o automóvel arrancara, na Westmoreland Street, com Julian no porta-malas. Fiquei sozinho quase uma hora, e, quando a porta finalmente se abriu, para o meu espanto, quem entrou foi o meu pai adotivo.

“Charles”, disse eu, levantando-me e estendendo a mão, que era a sua forma preferida de cumprimento. Só uma vez eu havia tentado abraçá-lo, no velório de Maude, e ele se afastara de mim como de um leproso. Fazia vários meses que eu não o via, e a sua pele estava mais escura, como se tivesse acabado de tirar uns dias de férias. Também o seu cabelo, que vinha adquirindo um tom cinzento bastante digno, passara por uma estranha mudança e estava totalmente preto outra vez. “O que você está fazendo aqui?”

“Não sei bem”, respondeu ele, examinando a sala com a curiosidade de quem nunca tivesse visto uma cela da polícia, muito embora houvesse passado alguns anos no ‘Joy ruminando as suas atividades fiscais fraudulentas. “Eu estava no banco quando os *gardaí* chegaram e, devo admitir, quando entraram no meu escritório eu fiquei com um pouco de medo. Pensei que estava encrencado outra

vez! Mas, não, era só para me contar que você estava detido aqui e que eles precisavam da presença do pai ou responsável durante o seu interrogatório, e eu acho que sou a coisa mais parecida com isso. Mas como vai você, Cyril?”

“Não muito bem”, contei. “O meu melhor amigo foi sequestrado pelo IRA há algumas horas e só Deus sabe aonde o levaram. Nem sei se está vivo ou morto.”

“Isso é desesperador”, disse ele, sacudindo a cabeça. “E você soube que Seán Lemass é o novo *taoiseach*? Aliás, o que você acha dele? Eu não gosto da quantidade de óleo que passa no cabelo. Isso lhe dá um ar malevolente.” Virou-se quando a porta se abriu e um *garda* mais velho entrou, trazendo uma pasta e uma xícara de chá, e se apresentou como sargento Cunnane.

“O senhor é o pai do garoto?”, perguntou a Charles quando todos nos sentamos.

“Pai adotivo. Cyril não é um verdadeiro Avery, como o senhor provavelmente é capaz de saber só de olhar para ele. A minha esposa e eu, num ato de caridade cristã, o acolhemos em casa quando ainda era bebê.”

“E a sua esposa vem para cá?”

“Eu ficaria chocado se viesse. Maude morreu há alguns anos. Câncer. Ela venceu a doença quando apareceu no canal auditivo, mas, quando o câncer se espalhou para a garganta e a língua, foi o fim. Tchau e bênção.”

“Lamento muito”, disse o sargento, mas Charles dispensou as condolências com um gesto.

“Não lamente, não lamente. O tempo cura tudo. E não que eu não tivesse outras opções. Agora conte, sargento, o que está acontecendo exatamente? Eu ouvi alguma coisa no rádio quando vinha para cá, mas continuo no escuro.”

“Parece que o seu...”

“Filho adotivo.”

“Parece que hoje Cyril e o colega Julian saíram mais cedo das dependências do Belvedere College, transgredindo as normas da instituição, para se encontrar com duas moças mais velhas no Palace Bar, na Westmoreland Street.”

“São as duas mocinhas que eu vi no corredor? Uma abrindo um berreiro e a outra louca para levantar a bunda daquela cadeira?”

“Sim, são elas”, disse o sargento Cunnane enquanto eu desviava a vista, muito sem jeito.

“Qual era a sua, Cyril?”, perguntou Charles, olhando para mim.

“Berreiro ou bunda?”

Mordi o lábio, sem saber o que responder. Em rigor, nenhuma das duas era minha, mas, já que tínhamos de nos emparelhar de algum modo, só havia uma resposta exata.

“Berreiro”, eu disse.

Ele fez um *tsc* com a língua, com cara de decepção. “Sabe”, disse, voltando-se para o sargento, “se eu tivesse de apostar, o meu palpite seria *berreiro*, mas eu realmente esperava, para o bem dele, que ele dissesse *bunda*. Às vezes eu me pergunto onde foi que eu errei. Não é como se eu o tivesse educado para *respeitar* as mulheres.”

“Sr. Avery”, disse o sargento, tratando de manter a compostura. “Nós precisamos fazer algumas perguntas ao seu filho... ao seu Cyril... Cyril. O senhor faz o favor de ficar em silêncio durante o interrogatório?”

“Claro, claro. Que coisa terrível afinal. Aliás, quem é esse tal Julian? O que foi sequestrado.”

“O meu companheiro de quarto”, respondi. “Julian Woodbead.”

Charles saltou na cadeira como impulsionado por uma mola. “Você não está querendo dizer o filho de Max Woodbead?”

“Exatamente ele, *sir*”, disse o sargento.

“Ah!”, gritou Charles, irrompendo numa inesperada salva de palmas. “Que história engraçada, sargento. Acontece que esse sujeito foi meu solicitador anos atrás. Naturalmente, não era famoso como é hoje. Ele fez nome às minhas custas, pode-se dizer. Houve um tempo em que éramos muito amigos, mas eu confesso que tomei algumas decisões erradas no âmbito conjugal e, para falar sem rodeios, eu larguei a velha mangueira no jardim de outrem, no jardim de Max para ser preciso, e ele me deu uma surra quando descobriu.” Charles esmurrou a mesa, sobressaltando-nos e fazendo com que o chá do sargento transbordasse da xícara. “E sabe de uma coisa? Eu não fiquei magoado com Max. Nem um segundo. Ele tinha razão. Mas depois, quando eu fui preso, ele comprou a minha casa a preço de banana e jogou a minha mulher e o meu filho adotivo no olho da rua, e Maude não estava nada bem de saúde. Isso não se faz com ninguém e eu não o perdoo. Mas, dito isso, é uma coisa horrorosa perder um filho. Um pai nunca devia ter de enterrar um filho. Eu tive uma filha, mas ela só viveu alguns dias e...”

“Sr. Avery, por favor”, interrompeu o sargento, esfregando as têmporas como se estivesse ficando com dor de cabeça. “Ninguém perdeu ninguém por enquanto.”

“Ora, um filho extraviado então, se o senhor preferir. Estou me

lembrando de uma citação. Acho que de Oscar Wilde. O senhor não conhece?”

“O senhor poderia ficar em silêncio, *sir*, enquanto eu converso com Cyril?”

Charles se mostrou confuso como se não conseguisse entender qual era o problema. “Mas é claro, ele está sentado aí.” Apontou para mim. “Pergunte o que quiser; eu não estou impedindo.”

“Obrigado”, disse o sargento Cunnane. “Muito bem, Cyril, você não está encrencado. Mas eu preciso que seja franco comigo, está bem?”

“Sim, senhor”, respondi, ansioso por agradar. “Mas, posso perguntar se o senhor acha que Julian morreu?”

“Não, não acho. Ainda é cedo e nós nem sabemos onde os sequestradores querem que o dinheiro seja entregue. Eles ainda vão mantê-lo algum tempo preso. Julian é a garantia deles, entende? Não têm nenhum motivo para lhe fazer mal.”

Suspirei aliviado. A ideia de Julian assassinado me deixava tonto de pavor; eu não sabia se conseguiria sobreviver a um desenlace desses.

“Agora, Cyril, conte por que vocês foram à cidade hoje à tarde.”

“Foi ideia do Julian”, disse eu. “Pensei que íamos ver as lojas ou talvez ao cinema, mas a verdade é que ele havia combinado um encontro com Bridget e queria que eu fosse porque ela ia levar outra garota para formar dois casais. Eu preferia ter ido dar comida aos patos no Stephen’s Green.”

“Oh, pelo amor de Deus”, resmungou Charles, revirando os olhos.

O sargento ignorou o comentário e se limitou a anotar as minhas palavras. “E como ele conheceu a srta. Simpson?”, perguntou-me.

“Quem é a srta. Simpson?”

“Bridget.”

“Oh.”

“Onde eles se conheceram?”

“No salão de chá da Leinster House”, respondi. “Nós estivemos lá numa excursão do colégio há algumas semanas.”

“E os dois logo se deram bem?”

Encolhi os ombros. Não sabia ao certo como responder.

“Alguma vez essa tal Bridget foi ao colégio de vocês?”

“Não”, respondi, corando. “Eu nem sabia que Julian tinha ficado em contato com ela. Os dois devem ter trocado cartas, mas ele nunca me disse nada.”

“Disso nós saberemos em breve”, disse o sargento Cunnane.

“Temos um policial dando uma busca lá. Deve estar para chegar.”

Arregalei os olhos, em pânico, e senti um frio na barriga. “Uma busca onde?”, perguntei.

“No seu quarto. Para ver se lá tem alguma coisa que nos ajude a localizar Julian.”

“Vocês vão revistar só o lado dele do quarto?”

“Não”, respondeu o sargento, enrugando a testa. “É claro que nós não sabemos qual lado é o dele. Além do mais, as coisas de vocês podem estar misturadas. Sinto muito, Cyril, mas nós também vamos revistar as suas coisas. Você não tem nada a esconder, tem?”

Olhei rapidamente à minha volta em busca de uma lata de lixo; era possível que eu passasse mal.

“Você está bem?”, perguntou ele. “Empalideceu um pouco.”

“Eu estou ótimo”, respondi com a voz meio presa na garganta. “Estou preocupado com ele, só isso. É o meu melhor amigo.”

“Santo Deus, Cyril”, interferiu Charles com ar algo enojado. “Quer parar de falar assim? Está parecendo uma bicha-louca.”

“Você já viu Julian se relacionar com estranhos?”, perguntou-me o sargento, desconsiderando a interrupção do meu pai adotivo.

“Não.”

“Algum homem desconhecido nas dependências do colégio?”

“Só os padres.”

“Não minta para mim, Cyril”, disse ele, me ameaçando com o dedo. “Por que eu vou saber se você estiver mentindo.”

“Se isso é verdade, o senhor deve saber que eu não estou mentindo. Não vi ninguém.”

“Está bem. Acontece que nós temos motivos para acreditar que os homens que sequestraram Julian passaram algum tempo planejando isso. O pai dele recebeu ameaças de morte do IRA depois que escreveu um artigo no *Sunday Press* há alguns meses, dizendo que a maior composição musical de todos os tempos é ‘God Save the Queen’.”

“Eu tenho de admitir uma coisa”, disse Charles, inclinando-se para a frente, a expressão muito séria.

“O que é, sr. Avery?”, perguntou o sargento Cunnane, voltando-se para ele de má vontade.

“É algo que eu nunca contei a ninguém, mas nesta sala, que acho que é uma espécie de confessionário, sinto que posso contar, particularmente porque estou entre amigos. Acontece que eu acho a rainha uma mulher muito atraente. Quer dizer, agora ela tem trinta e três anos, creio, é cinco anos mais velha do que as mulheres que eu costumo conquistar, mas, no caso dela, eu faria uma exceção. Ela tem

qualquer coisa de travessa, não acha? Eu diria que precisa de um pouco de aquecimento, mas depois que a gente já conseguiu soltar aquele corpete...”

“Sr. Avery”, interrompeu-o o sargento. “Isto aqui é muito sério. Posso lhe pedir que pare de falar, por favor?”

“Oh, fique à vontade”, disse Charles, voltando a se encostar na cadeira e cruzando os braços. “Cyril, responda ao homem antes que ele nos trancafie.”

“Mas ele não me perguntou nada”, protestei.

“Pouco importa. Responda.”

Com ar perplexo, eu olhei para o sargento.

“Cyril, alguma vez alguém se aproximou de você para perguntar onde você e Julian podiam ser encontrados a uma hora determinada?”

“Não, sargento.”

“E quem sabia que hoje vocês iam ao Palace Bar?”

“Nem eu mesmo sabia antes de chegar lá.”

“Mas Julian sabia?”

“Sim, ele planejou tudo.”

“Talvez tenha avisado o IRA”, sugeriu Charles.

“Por que ele faria isso?”, indagou o sargento Cunnane, olhando-o como se ele fosse um perfeito idiota.

“Tem razão. Não tem sentido. Continue.”

“E a srta. Simpson, Bridget?”, prosseguiu o sargento. “Ela também sabia?”

“Imagino que sim.”

“E a amiga dela, a srta. Muffet?”

“A srta. Muffet?”, disse eu olhando fixamente para ele. “O sobrenome de Mary-Margaret é Muffet?”

“É.”

Eu tentei não rir. Decididamente, não parecia ser o padrão dela. “Eu não sei se ela sabia ou não”, respondi.

Ouviu-se uma batida na porta, um jovem *garda* olhou para dentro e o sargento pediu licença, deixando Charles e eu sozinhos.

“Então”, disse ele, quebrando o silêncio depois de um ou dois minutos. “Como vão indo as coisas?”

“Bem”, respondi.

“Está indo bem no colégio?”

“Estou.”

“O trabalho é um inferno. Fico lá o dia inteiro e a metade da noite. Já te contei que vou casar outra vez?”

“Não”, disse eu, surpreso. “Quando?”

“Na semana que vem. Com uma moça linda chamada Angela Maningtree. Uns peitos deste tamanho e umas pernas que são uma verdadeira escultura. Vinte e seis anos, funcionária pública, trabalha no Ministério da Educação, ou vai trabalhar até o casamento. Muito inteligente também, coisa que eu gosto nas mulheres. Você precisa conhecê-la qualquer dia.”

“Vou ser convidado para o casamento?”

“Oh, não”, disse ele sacudindo a cabeça. “Vai ser uma cerimônia íntima. Só amigos e parentes. Mas vou te apresentar a ela quando você estiver de férias. Não sei bem como vai ser a relação da Angela com você. Ela não será sua madrasta nem sua madrasta adotiva. É um mistério. Vou consultar um jurista para saber o nome disso. Max é o melhor advogado que eu conheço, mas acho que agora não seria o momento apropriado. A propósito, você está com um corte acima do olho. Sabia disso?”

“Sim, sabia.”

“Um dos sequestradores fez isso quando você lutou valentemente para salvar o seu amigo das garras deles?”

“Não. Uma velha me tascou uma guarda-chuvada.”

“Só podia ser.”

A porta voltou a se abrir e o sargento Cunnane retornou, folheando uns papéis.

“Cyril”, disse. “Julian tinha uma amásia além da tal Bridget?”

“Uma o quê?”

“Namorada.”

“Não”, disse eu. “Pelo menos, não que eu saiba.”

“Acontece que nós encontramos várias cartas no quarto de vocês, endereçadas a Julian. São bastante... sugestivas, por assim dizer. Eróticas, sabe? Pornográficas. Sobre o que a menina sente e as coisas que quer fazer com ele. O problema é que não estão assinadas.”

Fiquei olhando fixamente para a mesa, tentando pensar num meio de fazer com que o meu rosto parasse de pegar fogo. “Não sei de nada disso.”

“Vou te contar uma coisa”, disse ele. “Se a sra. Cunnane tivesse a metade da imaginação dessa garota, eu já estaria aposentado por invalidez.”

Tanto ele como Charles caíram na gargalhada e eu fiquei olhando para os meus sapatos, rezando para que a entrevista terminasse logo.

“Em todo caso, isso parece ser inócuo”, continuou o sargento. “Provavelmente, não tem nada a ver com o sequestro. Mas nós temos de investigar todos os indícios.” Virou as páginas e leu mais um

pouco, movendo os lábios enquanto os olhos iam passando pelas palavras e, enfim, fez uma careta ao dar com algo que não entendeu.

“O que você acha que isto significa?”, perguntou, mostrando a carta a Charles e apontando uma palavra. Meu pai adotivo cochichou a resposta no seu ouvido. “Nossa Senhora!”, exclamou o sargento. “Eu nunca ouvi falar nisso. Que espécie de mulher faria uma coisa dessas?”

“A melhor espécie de todas”, riu Charles.

“A sra. Cunnane certamente não faria, mas ela é de Roscommon. Já essa garota, seja ela quem for, quer fazer de tudo com o Julian Woodbead.”

“Ah, quem me dera voltar a ser jovem”, suspirou Charles.

“Eu já posso ir embora?”, perguntei.

“Pode”, respondeu o sargento Cunnane, juntando os seus papéis. “Volto a entrar em contato se tiver outras perguntas. E não se preocupe, meu jovem Cyril, nós vamos fazer tudo que pudermos para achar o seu amigo.”

Saí da sala e olhei para o corredor em busca de Bridget e Mary-Margaret, mas elas tinham desaparecido; fiquei esperando Charles, que se mostrou surpreso ao me ver ali parado; saímos juntos à Pearse Street.

“Bom, até logo”, disse ele, apertando-me a mão. “Até a próxima!”

“Bom casamento”, respondi.

“Muito gentil da sua parte! E tomara que eles achem o seu amigo. Lamento por Max, palavra. Se eu tivesse um filho e o IRA o sequestrasse, ficaria desesperadamente aborrecido. Adeusinho por ora, Cyril.”

“Tchau, Charles.”

E, com isso, virei para a direita, atravessei a rua e, depois, a ponte da O’Connell Street e segui em direção ao Belvedere College, onde tinha certeza de que me aguardavam outras punições.

PECADILHOS INOCENTES

Tendo dado instruções sobre onde deixar as 100 mil libras, os sequestradores exprimiram a sua contrariedade por não terem recebido a quantia enviando o dedinho do pé esquerdo de Julian à casa da Dartmouth Square na terça-feira seguinte. Num gesto desnecessariamente cruel, endereçaram o pacote a Alice, a irmã caçula, que, ao abrir o embrulho ensopado de sangue, deve ter saído da casa correndo e berrando, com o mesmo grau de histeria

demonstrado no incidente inexplicável de sete anos antes.

*Nóis queremos a nossa grana,
do contrário da próxima vez vai ser pior.
Atenciosamente.*

Max reagiu declarando que não tinha condições de levantar a quantia exigida em tão pouco tempo, afirmação rotundamente negada pelo *Dublin Evening Mail*, que garantiu que ele possuía ativos líquidos no valor de mais de meio milhão de libras que podiam ser resgatados em meras vinte e quatro horas. Elizabeth Woodbead, a mãe de Julian e ex-amante do meu pai adotivo, apareceu no telejornal com o rosto banhado de lágrimas, implorando que soltassem o seu filho. Estava com um volumoso medalhão no pescoço e alguns garotos da minha classe especularam que ele continha o dedo cortado de Julian, uma possibilidade que parecia nojenta demais para ser levada a sério.

Três dias depois, chegou outro pacote, deixado à porta da casa dos Woodbead durante a noite, e, dessa vez, a família esperou a polícia chegar antes de abri-lo. Trazia o polegar da mão direita de Julian. Max continuou recusando-se a pagar e, no Belvedere College, um grupo de alunos se reuniu no meu quarto, o ponto oficial de peregrinação para os interessados no caso, a fim de discutir por que ele estava sendo tão desalmado.

“Está na cara que esse homem é um sovina”, disse James Hogan, um rapaz insolitamente alto e conhecido pela paixão enorme que tinha pela atriz Joanne Woodward, com a qual fazia mais de um ano mantinha um relacionamento unilateral pelo correio. “Imagine não se incomodar com o fato de o próprio filho ter sido mutilado!”

“Não chega a ser mutilação”, retrucou Jasper Timson, um ótimo acordeonista que morava no quarto contíguo ao nosso e não parava de me incomodar arranjando motivos para conversar com Julian a sós. Certa ocasião, ao entrar no quarto, eu dera com os dois sentados lado a lado na cama de Julian com uma garrafa de vodca entre eles, rindo tão ruidosamente que o meu ciúme quase explodiu numa briga. “E eu acho que Julian consegue sobreviver com nove dedos nas mãos e nove nos pés.”

“A questão não é se ele pode sobreviver ou não, Jasper”, disse eu, disposto a agredi-lo se ele continuasse a falar com tanta desconsideração. “Deve ter sido aterrorizante para ele. Para não falar na dor que sentiu.”

“Julian é um cara durão.”

“Você nem o conhece direito.”

“Pelo contrário, eu conheço muito bem.”

“Não, não conhece. Você não é colega de quarto dele.”

“Eu sei que ele é o tipo do cara que, se fizer respiração boca a boca em alguém, vai usar a língua.”

“Retire o que disse, Timson!”

“Ah, cale a boca, Cyril! Você não é a mulher dele, porra, pare de fazer de conta que é.”

“Vocês notaram que estão cortando partes cada vez maiores?”, perguntou James. “Será que o negócio dele é maior que o polegar?”

“É *muito* maior”, disse eu impensadamente, e todos ficaram olhando para mim sem saber como reagir a esse anúncio íntimo. “Ora, nós dividimos um quarto”, expliquei, corando um pouco. “E, seja como for, o negócio da gente sempre é maior que o polegar.”

“O do Peter não”, disse Jasper, referindo-se ao seu companheiro de quarto, Peter Trefontaine, cujo negócio, curvado de um jeito muito curioso, tinha sido alvo dos comentários de Julian naquela tarde fatal no Palace Bar. “É pequeno. Mesmo assim ele vive com o troço ao vento no quarto como se fosse motivo de orgulho.”

O terceiro pacote chegou exatamente uma semana depois do sequestro e, numa atitude ainda mais cruel, a caixa continha a orelha direita de Julian.

Agora ele está a cara do pai.

Era o que dizia o bilhete escrito no verso de um cartão-postal com arte de John Hinde, aquela em que duas crianças ruivas aparecem a cada lado de um burrinho carregado de turfa nas terras pantanosas de Connemara.

Mas este é o último aviso.

Se a gente não receber a grana, da próxima vez é a cabeça dele que vai. Portanto agora prestem atenção em nós e tenham um bom fim de semana.

Houve uma segunda coletiva de imprensa, desta vez no Shelbourne Hotel, e qualquer simpatia que os jornalistas ali reunidos algum dia tivessem sentido por Max havia desaparecido claramente agora que Julian fora privado de três partes do corpo. O sentimento geral, refletido em todo o país, era de que aquele homem valorizava mais o dinheiro que o próprio filho, e a nação estava com tanta raiva que tinha chegado a abrir uma conta no Bank of Ireland na qual as

pessoas podiam depositar dinheiro do próprio bolso para ajudar a pagar o resgate. Pelo que diziam, já haviam arrecadado quase a metade da quantia exigida. Eu só esperava que não incumbissem Charles de cuidar dessa conta.

“Ultimamente, eu tenho ouvido muitas críticas aos meus atos neste caso”, declarou Max na coletiva, sentado com o corpo empinado e usando uma gravata com a bandeira da Grã-Bretanha para intensificar a provocação. “Mas é mais fácil fazer frio no inferno do que eu dar um centavo do meu dinheiro ganho com muito trabalho a um grupo de republicanos sanguinários que se acreditam capazes de promover a sua causa com o sequestro e a tortura de um adolescente. Se eu lhes desse o que querem, esse dinheiro seria usado para comprar armas e bombas que, por sua vez, seriam empregadas contra as forças britânicas que, com razão, ocupam a terra ao norte da fronteira e deviam se restabelecer aqui no Sul também. Vocês podem fazer picadinho do meu filho”, acrescentou com alguma imprudência, “e devolvê-lo numa centena de envelopes, mesmo assim, eu não cederei a essa extorsão.” Houve uma longa pausa enquanto ele mexia em uns papéis na mesa diante dele — tinha obviamente se desviado do texto preparado — antes de voltar a falar. “Claro que eu não quero que vocês façam isso”, disse. “Eu estava falando metaforicamente.”

Enquanto tudo isso acontecia, a maior caçada humana da história do Estado estava sendo levada a cabo pelo sargento Cunnane, e, no espaço de uma semana, Julian havia se tornado talvez a pessoa mais famosa da Irlanda. A Garda de todos os condados estava seguindo indícios, revistando propriedades rurais e celeiros abandonados em busca de qualquer coisa que lhe desse uma pista do paradeiro dos sequestradores, mas sem sucesso.

O colégio continuou funcionando normalmente e os padres faziam questão de que rezássemos pelo nosso colega desaparecido antes de cada aula, o que significava oito orações por dia, sem contar as nossas bênçãos matutinas e vespertinas regulares, mas parecia que Deus não nos escutava ou estava do lado do IRA. Bridget deu uma entrevista ao *Evening Press* na qual dizia que tinha *uma relação muito íntima* com Julian e que ela nunca tivera um namorado tão educado e respeitoso como ele. *Julian jamais tentou se aproveitar de mim*, disse entre soluços, e eu achei que o nariz dela fosse começar a crescer, porque ela estava mentindo descaradamente. *E duvido que tais pensamentos impuros tenham passado pela cabeça dele.*

Nas noites em que eu ficava sozinho no nosso quarto, uma mão na nuca, a outra nos botões da frente do pijama, deitado na cama de

Julian, olhando para o teto, comecei a aceitar quem eu era. Tanto quanto podia me lembrar, sempre fora diferente dos outros meninos. Havia algo dentro de mim que ansiava pela amizade íntima e a aprovação dos meus pares num grau que a maioria dos outros devia desconhecer. Tratava-se da doença a que os padres se referiam de vez em quando como o mais mortal dos pecados; eles nos diziam que um garoto perverso a ponto de ter ideias libidinosas relacionadas a outros garotos na certa ia direto para o inferno e lá passaria a eternidade, ardendo no fogo atroz enquanto o diabo, sentado ao seu lado, ria e o cutucava com o tridente. Tantas vezes eu adormecera naquele quarto, a mente repleta de fantasias indecorosas com Julian, cuja cabeça repousava num travesseiro a menos de três metros do meu, os lábios entreabertos enquanto sonhava, mas agora as minhas fantasias não eram sexuais, e sim horripilantes. Eu pensava no que os sequestradores podiam estar fazendo com ele naquele momento, que parte do corpo cortariam agora e em como devia ser horrível para ele cada vez que aproximavam um serrote ou um alicate do seu corpo. Eu sempre havia considerado Julian uma alma destemida, um camarada despreocupado que nunca deixava o mundo pesar sobre os ombros dele, mas que garoto de quinze anos podia passar por tanto sofrimento e continuar sendo a mesma pessoa?

Depois de muito exame de consciência, decidi me confessar. Pensei que, se rezasse pela sua libertação e confessasse os meus pecados, talvez Deus decidisse ter pena do meu amigo. Não fui à capela do Belvedere, onde os padres me reconheceriam e provavelmente quebrariam o sigilo confessional para me expulsar. Em vez disso, esperei o fim de semana e fui sozinho à cidade, em direção à Pearse Street e à igreja grande que ficava perto da estação ferroviária.

Nunca tinha estado lá e me senti um pouco intimidado pela grandiosidade do lugar. No altar já arrumado para as missas do dia seguinte, as velas acesas em castiçais de latão estavam dispostas em fileiras de dez ou mais. Custava um centavo acender uma e eu joguei duas moedas de meio centavo na caixa antes de escolher uma delas e colocá-la no centro da primeira fileira, vendo a chama tremeluzir alguns instantes antes de se estabilizar. Rezei ajoelhado no chão duro, coisa que nunca tinha feito com tanta solenidade. *Por favor, não deixeis o Julian morrer*, pedi a Deus. *E, por favor, fazei com que eu pare de ser homossexual*. Só quando me levantei e me afastei foi que me dei conta de que tinham sido duas orações, de modo que retornei e acendi uma segunda vela, que me custou mais um centavo.

Cerca de duas dezenas de pessoas, todas velhas, ocupavam os bancos aqui e ali e olhavam fixamente para o espaço, e passei por elas quando procurava um confessorário com a luz acesa. Ao encontrar um, entrei, fechei a porta e esperei, no escuro, a treliça se abrir.

“Abençoe-me, padre, porque eu pequei”, disse em voz baixa quando ela se abriu e uma rajada de cheiro de corpo me atingiu com tanta força que eu recuei e bati a cabeça na parede. “A minha última confissão foi há três semanas.”

“Qual é a sua idade, meu filho?”, perguntou a voz do outro lado, que parecia de um idoso.

“Catorze. Faço quinze no mês que vem.”

“Os garotos de catorze anos precisam se confessar mais que uma vez em três semanas”, disse o sacerdote. “Eu sei como vocês são. Fazem coisa ruim a cada minuto do dia. Promete se confessar com mais frequência daqui por diante?”

“Prometo, padre.”

“Bom menino. Agora, que pecados você tem de confessar ao Senhor?”

Engoli em seco. Confessava regularmente desde a minha primeira comunhão, sete anos antes, mas nunca havia contado a verdade. Como todo mundo, simplesmente fazia uma lista de pecadinhos inocentes e os recitava de uma vez e sem pensar muito, depois aceitava a penitência obrigatória de dez ave-marias e um pai-nosso. Naquele dia, porém, havia prometido a mim mesmo ser sincero. Confessaria tudo e, se Deus estivesse do meu lado, se Deus existisse mesmo e perdoasse quem estava contrito no fundo da alma, reconheceria a minha culpa e libertaria Julian sem mais nenhum ferimento.

“Padre, no mês passado, eu roubei doces de uma loja em seis ocasiões.”

“Santo Deus!”, exclamou o homem, horrorizado. “Por que fez isso?”

“Porque eu gosto de doce”, respondi. “E não tenho dinheiro para comprar.”

“Bom, há certa lógica nisso, suponho. E me conte como foi que você roubou.”

“Tem uma velha que fica sentada atrás do balcão. E lê jornal o tempo todo. É fácil pegar as coisas sem que ela perceba.”

“Esse é um pecado terrível”, disse o padre. “Você sabe que esse provavelmente é o ganha-pão da pobre mulher?”

“Sei, padre.”

“Promete nunca mais fazer isso?”

“Prometo, padre.”

“Então está bem. Bom menino. Mais alguma coisa?”

“Sim, padre”, disse eu. “Não gosto muito de um padre lá do meu colégio e, na minha cabeça, eu chamo ele de A Pica.”

“A o quê?”

“A Pica.”

“E, em nome de Deus, o que significa isso?”

“O senhor não sabe, padre?”

“E eu perguntaria se soubesse?”

Engoli em seco. “É a mesma coisa que... sabe, que o negócio.”

“O negócio? Como assim, o negócio? Que tipo de negócio?”

“O negócio, padre”, disse eu.

“Não sei do que você está falando.”

Aproximei o rosto da treliça e cochichei. “O pênis, padre.”

“Santo Deus!”, repetiu ele. “Eu ouvi direito?”

“Se o senhor pensou que eu disse pênis, sim, ouviu direito, padre.”

“Pois foi isso que eu pensei que você disse. Por que, em nome de Deus, você resolveu chamar um padre do seu colégio de pênis? Como ele poderia ser um pênis? Um homem não pode ser um pênis; só pode ser um homem. Isso não faz nenhum sentido para mim.”

“Lamento, padre. É por isso que estou confessando.”

“Bom, seja lá o que for, simplesmente pare de fazer isso. Chame-o pelo nome e mostre um pouco de respeito pelo homem. Tenho certeza de que ele trata bem todos os meninos do colégio.”

“Não, padre. Ele é mau e vive batendo na gente. No ano passado, mandou um menino para o hospital por espirrar muito alto na sala de aula.”

“Não importa. Chame-o pelo nome, do contrário não haverá perdão para você, entendeu?”

“Entendi, padre.”

“Ótimo. Estou quase com medo de perguntar, mas tem mais alguma coisa?”

“Tem, padre.”

“Então continue. Vou me segurar aqui na minha cadeira.”

“É um pouco delicado, padre.”

“É para isso que serve o confessionário, meu filho”, disse o sacerdote. “Não se preocupe, você não está conversando comigo, está conversando com Deus. Ele vê e ouve tudo. Você não pode ter segredos para ele.”

“Nesse caso, eu tenho de dizer, padre? Ele já não sabe de tudo?”

“Sabe. Mas ele quer que você diga em voz alta. Para fins de esclarecimento.”

Respirei fundo. Depois de tanto tempo, tinha chegado a hora. “Acho que sou meio esquisito”, contei. “Os outros garotos na minha classe vivem falando em meninas, mas eu nunca penso em menina nenhuma, penso só em meninos, e penso em fazer todo tipo de sacanagem com eles, como tirar a roupa deles e beijá-los em toda parte e em brincar com o negócio deles, e tem um garoto, é o meu melhor amigo e dorme na cama ao lado da minha, e eu não paro de pensar nele o tempo todo e, às vezes, quando ele está dormindo, baixo o meu pijama e faço um monte de coisa sozinho e a minha cama fica toda emporcalhada, e mesmo depois de fazer isso, quando eu até acho que vou conseguir dormir, começo a pensar em outros garotos e nas coisas que quero fazer com eles, e o senhor sabe o que é chupeta, padre?, porque eu comecei a escrever histórias sobre os garotos que eu gosto e particularmente sobre o meu amigo Julian e comecei usando palavras como essa e...”

Ouvi um baque fortíssimo, uma batida violenta à minha frente, e ergui os olhos, sobressaltado. A sombra do padre no escuro havia desaparecido e, no seu lugar, um raio de luz descia do alto.

“Sois vós, Deus?”, disse eu, olhando para o clarão. “Sou eu, Cyril.”

Ouvindo gritos fora do confessionário, abri a porta para espiar. O padre havia caído do seu lugar e estava estendido no chão, agarrando o próprio peito. Devia ter pelo menos oitenta anos e os paroquianos estavam acudindo o velho e pedindo socorro e, enquanto isso, o rosto dele começava a ficar roxo. Um dos ladrilhos do piso estava partido ao meio, perto da sua cabeça.

“Fui perdoado, padre?”, perguntei, debruçando-me sobre ele, tentando não me importar com o fedor do seu hálito. “Os meus pecados estão perdoados?”

Todo o seu corpo sofreu uma grande convulsão, ele revirou os olhos, soltou um rugido e pronto, estava morto.

“Deus nos abençoe, o padre expirou”, disse um velhote que estava ajoelhado no chão, segurando a cabeça do sacerdote.

“O senhor acha que ele me perdoou?”, perguntei. “Quer dizer, antes de bater as botas?”

“Perdoou, tenho certeza”, disse o homem, segurando a minha mão e deixando a cabeça do padre cair com força no piso de mármore, fazendo com que um barulhinho ecoasse na igreja. “E ele há de estar contente em saber que o seu último ato neste mundo foi o de propagar o perdão de Deus.”

“Obrigado”, disse eu, animando-me com o que acabava de ouvir. Saí da igreja quando os homens da ambulância estavam entrando. Era um dia inusitadamente ensolarado e, para dizer a verdade, eu me senti absolvido, mesmo sabendo que os sentimentos que trazia escondidos em meu âmago não desapareceriam tão cedo.

Na manhã seguinte, acordei com a notícia de que haviam encontrado Julian. Os policiais de um grupo da Divisão Especial seguiram pistas que os levaram a uma propriedade rural em Cavan, onde o encontraram trancado num banheiro enquanto seus três captores dormiam do lado de fora. Um deles morreu no confronto que se seguiu e os outros dois foram presos. Apesar de ter perdido um dedo do pé, um dedo da mão e uma orelha, o resto de Julian continuava intacto e ele foi internado num hospital para se recuperar.

Se eu fosse uma pessoa de mais escrúpulo religioso, podia ter acreditado que Deus havia atendido as minhas preces, mas o fato era que, antes de ir dormir naquela noite, eu já cometera mais alguns pecados, de modo que preferi atribuir a salvação de Julian ao bom trabalho de investigação da An Garda Síochána. Foi a explicação que pareceu mais conveniente para mim.

1. *West Brit* ou *West Briton*, termo pejorativo com que se designam os irlandeses considerados excessivamente anglófilos em questões culturais ou políticas.
2. *Taoiseach*, em gaélico, o chefe do governo (primeiro-ministro) da República da Irlanda.
3. Dev: apelido do político Éamon de Valera.
4. GPO (General Post Office) é o correio central. Durante a Revolta da Páscoa (1916), o seu prédio serviu de quartel-general dos rebeldes.
5. Campanha das Fronteiras (Border Campaign), também denominada Operação Colheita (Operation Harvest), foi uma campanha guerrilheira empreendida pelo IRA, entre 1956 e 1962, contra alvos na Irlanda do Norte para acabar com o domínio inglês e criar uma Irlanda unida.
6. *Anseo*: “aqui” em gaélico.

1966:
Na casa dos répteis

COMO TRAVESSEIROS MACIOS

Embora a rotina rigorosa às vezes fosse repetitiva ao extremo, eu achava essa familiaridade estranhamente reconfortante. Toda manhã, o meu despertador tocava às seis horas em ponto e eu me entregava a um pouco de onanismo antes de me levantar às seis e quinze. Ser o primeiro na fila do banheiro comum significava não correr o risco de a água ficar fria e, quando eu saía, de peito nu e com uma toalha enrolada na cintura, dava com Albert Thatcher, o jovem contador que ocupava o quarto vizinho, de cueca e com expressão sonolenta, o que não era uma maneira tão desagradável de iniciar o dia. Fazia mais de um ano que Albert e eu éramos inquilinos na casa de uma viúva idosa, a sra. Hogan, na Chatham Street, para a qual nos mudamos com poucas semanas de diferença, e em geral nos dávamos muito bem. A casa tinha um design meio estranho. Uns trinta anos antes, o falecido marido da sra. Hogan havia comprado um apartamento para alugar e, após a sua morte, removeram uma parede divisória para criar dois quartos no primeiro andar. No entanto, a sra. Hogan e o filho Henry moravam na casa ao lado — ela completamente muda, ele inteiramente cego — e os dois juntos monitoravam as nossas idas e vindas com a eficácia de uma agência de inteligência governamental. Qual gêmeos siameses, eles nunca eram vistos separados, o braço de Henry permanentemente preso ao da mãe tanto de manhã, quando ela o levava à missa, quanto na rua, quando os dois faziam o passeio do fim da tarde.

Nas raras ocasiões em que se aventuravam no primeiro andar para cobrar um aluguel atrasado ou, talvez, para entregar as camisas que a sra. Hogan havia passado cobrando dois centavos por lote de cinco, ouvíamos os quatro pés subindo a escada, a muda conduzindo o cego, e Henry, que parecia não ter interesse por nada, fazia as perguntas para as quais a mãe, uma intrometida inveterada, queria resposta.

“Mamãe disse que ouviu barulhos esquisitos aqui em cima na terça-feira da semana passada”, disse certa vez numa conversa típica,

enquanto a sra. Hogan fazia que sim furiosamente, esticando o pescoço para ver se tínhamos uma pequena plantação de maconha na sala de estar ou prostitutas dormindo numa das camas. “Mamãe não gosta de barulhos esquisitos. Ela se incomoda demais.”

“Não fomos nós”, respondi. “Na terça-feira passada, eu fui ao cinema assistir ao *Canhoneiro do Yang-Tsé*, com Steve McQueen, e Albert foi dançar no salão Astor, em Dundrum.”

“Mamãe diz que o barulho não a deixou dormir”, insistiu Henry, revirando os olhos na tentativa de se agarrar a alguma coisa que lhe restaurasse a visão do mundo. “Mamãe não gosta que não a deixem dormir. Mamãe precisa descansar.”

“Você também não conseguiu dormir, Henry?”, perguntou Albert do sofá em que estava deitado, lendo *Um estranho no ninho*, e o infeliz rapaz se sobressaltou, surpreso, virando a cabeça em direção à voz. Talvez não soubesse que havia mais uma pessoa na sala.

“Quando mamãe não consegue dormir, eu também não consigo”, respondeu ele, agora ofendido, como se o tivéssemos acusado de ser um mau filho. “Mamãe é uma mártir das hemorroidas; quando elas atacam, nenhum de nós consegue dormir.”

Muito provavelmente, o barulho em questão nada tinha a ver comigo, e sim com Albert, que era bem mulherengo e não costumava passar uma semana sem levar uma garota para casa para fazer aquilo que ele chamava de “afogar o ganso”, “molhar o biscoito” ou “rala e rola”, o que era uma tortura para mim porque a cabeceira da sua cama estava meio solta do outro lado da parede e isso significava que, quando Albert estava transando, as batidas infundáveis não me deixavam dormir, assim como as hemorroidas proporcionavam à sra. Hagan infundáveis noites em claro. Eu também tinha uma queda por Albert, o que não ajudava, mas isso era mais consequência da nossa proximidade cotidiana que qualquer outra coisa, pois ele não era particularmente encantador.

Eu saía do apartamento toda manhã às sete e meia e ia para o Ministério da Educação, na Marlborough Street, parando no caminho só para uma xícara de chá e um bolinho, e geralmente estava à minha mesa no primeiro andar às oito e quinze. Àquela altura, fazia quase três anos que trabalhava lá — desde que saíra do Belvedere College esbanjando mediocridade —, graças em parte ao empenho da terceira mulher e agora ex-esposa do meu pai adotivo — foi assim que ficou decidido que eu me referiria a ela —, Angela, que tinha sido uma figura popular no ministério até se casar com Charles, ocasião em que, como mandava a lei, foi obrigada a se aposentar.

O casamento degradingou menos de um ano depois de celebrado, quando, num ato de generosidade incomum, Charles me convidou a acompanhá-los ao sul da França numa viagem de férias de duas semanas. Antes da viagem, eu havia estado apenas uma vez com Angela, mas, desde o momento em que chegamos a Nice, nós nos demos maravilhosamente bem; tão bem, aliás, que certa manhã acordei com ela se enfiando na minha cama, nua como no dia em que nasceu, e, como eu também estava pelado, a cena se transformou numa espécie de teatro burlesco. Eu soltei um grito de surpresa e, ao ouvir a porta se abrir, me precipitei para o conforto do guarda-roupa até que Charles escancarou as portas com violência e me encontrou todo encolhido lá dentro.

“O engraçado, Cyril”, disse ele no seu tom mais fulminante, vendo-me em posição fetal no canto, tapando modestamente o sexo com as mãos, “é que eu teria muito mais respeito por você se entrasse aqui e te encontrasse dando uma enrabada nela. Mas não, que esperança. Você foge. Um verdadeiro Avery nunca faria isso.”

Eu não disse nada, coisa que parece tê-lo decepcionado ainda mais, e ele voltou a sua fúria para Angela, que continuava deitada na cama, o lençol caído na altura da cintura, os seios à mostra. Parecia entediada com a situação e girava despreocupadamente o dedo em volta do mamilo esquerdo ao mesmo tempo que assobiava “You’ve Got To Hide Your Love Away”* fora do tom. Seguiu-se uma discussão, enfadonha demais para que valha a pena contá-la, e o resultado foi que, ao retornar a Dublin, eles tomaram rumos diferentes e solicitaram um divórcio acelerado nos tribunais de Londres. (Prevendo semelhante eventualidade, Charles havia tomado o cuidado de se casar na Inglaterra. Afinal de contas, o seu histórico matrimonial não era dos mais exemplares.) Entretanto, nesse meio-tempo, enquanto eu vadiava sem ter muito que fazer com o meu tempo, Angela tentou compensar a encrenca em que tinha me metido recomendando-me aos seus ex-empregadores. Por telefone eu recebi um convite para uma entrevista, coisa que muito me surpreendeu, pois ela não tinha me contado nada, e, sem nunca ter considerado a hipótese de ser funcionário público, um dia eu acordei e era isso que eu era.

O trabalho era incrivelmente chato; e os meus colegas, um pouco irritantes; seus dias eram movidos a futricas pessoais e políticas. O escritório em que eu trabalhava era amplo e tinha pé-direito alto, uma antiga lareira de pedra no centro de uma parede e um retrato do ministro, com dois dos seus queixos devidamente eliminados, na parede acima. Havia uma mesa posicionada em cada um dos quatro

cantos, os seus ocupantes ficavam de frente para o centro do cômodo, onde se via uma mesa supostamente destinada às reuniões ministeriais, mas na verdade bem pouco usada.

A nossa suposta chefe era a srta. Joyce, funcionária do ministério desde a sua fundação quarenta e cinco anos antes, em 1921. Tinha sessenta e três anos e, como a minha falecida mãe adotiva Maude, era uma fumante inveterada e tinha preferência pelos Chesterfield Regulars (Red), que importava dos Estados Unidos em pacotes de cem e deixava sobre a mesa dentro de uma caixa de madeira cuja tampa era elegantemente entalhada com uma ilustração do rei de Sião. Embora o nosso escritório não fosse muito afeito a lembranças pessoais, ela conservava dois cartazes pregados na parede ao seu lado em defesa do seu vício. No primeiro, aparecia Rita Hayworth de blazer risca de giz e blusa branca, a volumosa cabeleira ruiva descendo-lhe pelos ombros, a professar que “TODOS OS MEUS AMIGOS SABEM QUE CHESTERFIELD É A MINHA MARCA” ao mesmo tempo que segurava um cigarro apagado com a mão esquerda e olhava fixamente para a distância, onde Frank Sinatra ou Dean Martin antegozavam as aventuras eróticas que estavam por vir. O segundo, levemente descascado nas bordas e com uma notória mancha de batom no rosto do personagem, apresentava Ronald Reagan diante de uma mesa repleta de maços de cigarros, um Chesterfield garbosamente preso entre os lábios. Dizia “ESTOU ENVIANDO CIGARROS CHESTERFIELD A TODOS OS MEUS AMIGOS. ESTE É O NATAL MAIS FELIZ QUE UM FUMANTE PODE TER: A SUAVIDADE DO CHESTERFIELD SEM NENHUM RETROGOSTO DESAGRADÁVEL” e, de fato, o Gipper parecia embrulhar os cigarros em alegre papel de presente para amigos como Barry Goldwater e Richard Nixon, que, tenho certeza, ficaram encantados ao recebê-los.

A srta. Joyce ficava no canto à minha direita, a parte da sala que recebia a melhor luz, ao passo que o canto à minha esquerda era ocupado pela srta. Ambrosia, moça de uns vinte e cinco anos, incredivelmente frívola e muito dispersa, que adorava me chocar flertando escandalosamente e descrevendo as suas copiosíssimas façanhas sexuais. Em geral, contava com os favores de pelo menos cinco homens, fossem quem fossem, de barmen a donos de salão de baile, de hipistas a pretendentes ao trono russo, e não tinha a menor vergonha de fazer malabarismo com eles como em um número de circo ninfomaniaco. Todo mês, sem falta, havia um dia em que a encontrávamos chorando à mesa, dizendo que havia “arruinado a si própria” e que agora nenhum homem ia querê-la, mas, geralmente à hora do chá, endireitava o corpo de repente, levantava-se, corria ao

toalete feminino e retornava com uma expressão aliviada, informando que a sua tia Jemima viera passar uns dias com ela e que estava felicíssima por vê-la. Isso me desconcertava e, numa ocasião, eu perguntei onde a tal tia Jemima morava, pois parecia empenhada em todo mês passar uns dias em Dublin. Os meus colegas caíram na gargalhada e a srta. Joyce contou que também tinha tido uma tia Jemima, mas que recebera uma visita dela pela última vez durante a Segunda Guerra Mundial e não sentia nenhuma saudade.

O último membro do nosso grupo, o sr. Denby-Denby, ficava bem em frente a mim e, com frequência, quando eu erguia os olhos, dava com ele me observando com a intensidade de um serial killer pensando na melhor maneira de estripar a vítima. Era um sujeito extravagante de cinquenta e poucos anos, que usava coletes coloridos e gravatas-borboleta combinando, o próprio estereótipo do homossexual, embora, naturalmente, jamais fosse admitir ter tal orientação. Penteava-se num estilo bufante e tinha um cabelo curiosa e doentiamente amarelado, mais verde-amarelo que qualquer outra coisa, embora as suas sobrançelas fossem cor de milho. De vez em quando, com a mesma regularidade das visitas da tia Jemima à srta. Ambrosia, ele entrava no escritório com o cabelo mais claro que nunca, praticamente luminescente, e nós três ficávamos olhando, tentando não rir, e ele nos encarava com toda a empáfia, nos desafiando a dizer uma palavra. Eu quase caí da cadeira de espanto na tarde em que mencionou a existência de uma sra. Denby-Denby, em Blackrock, e de um bando de pequenos Denby-Denby — nada menos que nove! *Nove!* — os quais ele e a esposa produziram com assombrosa regularidade entre meados da década de 1930 e o fim da de 1940. A possibilidade de o sr. Denby-Denby copular com uma mulher me pegou de surpresa, mas o fato de ter feito isso pelo menos nove vezes — *nove!* — foi quase impossível de assimilar. Fiquei esperançoso quanto ao meu próprio futuro.

“Lá vem ele”, anunciou o sr. Denby-Denby, aprumando-se na cadeira quando eu entrei naquela bela manhã de primavera estreando um paletó novo que havia comprado recentemente na expectativa de bom tempo. “Vinte e um anos e nunca beijou. Sabe quem o senhor me lembra, sr. Avery? O *São Sebastião* de Botticelli, ele mesmo. Já viu? Deve ter visto. A senhora viu, srta. Joyce? Está no Museu Estatal de Berlim. Seminu, só de cueca e com meia dúzia de flechas espetadas no corpo. Absolutamente divino. Há uma versão inferior pintada por Il Sodoma, mas deixemos isso pra lá.”

Eu lhe enderecei um olhar irritado, o meu primeiro do dia, e me

sentei à mesa, desenrolando o exemplar do *Irish Times* que me aguardava toda manhã e eu folheava em busca de alguma coisa que tivesse relevância para o nosso trabalho. Desde o primeiro dia em que pisei no ministério, me incomodei com a presença do sr. Denby-Denby, pois embora ele fosse até mais profundamente enfiado no armário do que eu, a sua disposição para deixar transparecer a sua verdadeira orientação sexual me constrangia e confundia ao mesmo tempo.

“Olhe para esses lábios, srta. Joyce”, prosseguiu ele, levando a mão ao coração e fazendo-a palpitar por cima do colete magenta, como se estivesse a ponto de desmaiar nos espasmos do desejo. “Como travesseiros macios. Do tipo que a srta. Ambrosia provavelmente sonha comprar na Switzer’s se conseguir economizar dinheiro suficiente.”

“Por que eu precisaria comprar travesseiros, sr. Denby-Denby?”, perguntou a srta. Ambrosia. “Geralmente descanso a cabeça no travesseiro de alguém.”

“Oh, vejam só!”, exclamou o sr. Denby-Denby, e eu revirei os olhos. No escritório contíguo havia três cavalheiros tranquilos, o sr. Westlicott pai, o sr. Westlicott filho e o sr. Westlicott neto, um triunvirato familiar que observava a mesma formalidade de tratamento que nós, chamando-se mutuamente de “sr. Westlicott” em todas as ocasiões, e eu tinha esperança de que um deles se aposentasse ou fosse atropelado por um ônibus para que eu pudesse me juntar a eles. Talvez um deles me adotasse e, nesse caso, eu também passaria a ser um sr. Westlicott; tinha certeza de que me sairia melhor numa segunda experiência de adoção.

“Menos falatório, por favor, e mais trabalho”, disse a srta. Joyce, acendendo um Chesterfield (Red), mas ninguém lhe deu atenção.

“Conte-nos, sr. Avery”, pediu o sr. Denby-Denby, apoiando os cotovelos na mesa e equilibrando a cabeça nas mãos. “Que travessura o senhor aprontou no fim de semana? Hoje em dia, aonde vai um rapaz bonito quando resolve cair na gandaia?”

“Na verdade, eu fui a um jogo de rúgbi com o meu amigo Julian”, respondi, esforçando-me para afirmar a minha robusta masculinidade. “E, no domingo, fiquei em casa lendo *Um retrato do artista quando jovem*.”

“Oh, eu não leio livros”, resmungou o sr. Denby-Denby, acrescentando a essa observação um gesto de repúdio como se eu tivesse manifestado um interesse excêntrico pelo simbolismo do Oriente Médio ou pela origem da trigonometria.

“Eu estou lendo Edna O’Brien”, contou a srta. Ambrosia, baixando a voz para que nenhum dos senhores Westlicott a ouvisse e a denunciasses por vulgaridade. “É pura imundície.”

“Deixe só o ministro ouvir você dizendo isso”, alertou a srta. Joyce, soltando um círculo de fumaça perfeito. Foi impossível não acompanhar a sua trajetória em direção ao lustre e vê-lo evaporar no ar antes de entrar furtivamente nos nossos pulmões e poluí-los. “A senhora sabe que ele não gosta de mulheres que escrevem. Não as quer no currículo.”

“Ele também não gosta de mulher que lê”, acrescentou a srta. Ambrosia. “Diz que a leitura dá ideias às mulheres.”

“E dá mesmo”, confirmou a srta. Joyce, balançando a cabeça com veemência. “Nisso eu concordo plenamente com o ministro. A minha vida seria muito mais fácil se tivessem me deixado permanecer analfabeta, mas o meu pai fez questão de que eu aprendesse a ler. Ele era um homem muito moderno, o papai.”

“Eu tenho verdadeira *adoração* pela Edna O’Brien”, declarou o sr. Denby-Denby, erguendo as mãos de entusiasmo. “Se não fosse um homem feliz no casamento, eu me perderia durante anos no corpo dessa mulher. Declaro perante Deus e tudo quanto é bom e sagrado que nunca ninguém pariu uma mulher mais bonita nestas paragens.”

“Ela abandonou o marido, sabe?”, lembrou a srta. Joyce, fazendo uma careta. “Que tipo de pessoa faz uma coisa dessas?”

“Pior para ele”, riu a srta. Ambrosia. “Um dia, eu também vou abandonar um marido. Sempre senti que o meu segundo casamento vai ser muito melhor que o primeiro.”

“Pois eu acho isso chocante”, disse a srta. Joyce. “E ela com dois filhos para criar.”

“Quando eu olho para Edna O’Brien”, continuou o sr. Denby-Denby, “tenho a impressão de que ela quer pôr todos os homens que conhece deitados no colo e surrá-los até que eles mostrem o devido respeito. Oh, ser o bumbum nu sob aquela mão de alabastro!”

A srta. Ambrosia cuspiu um pouco do seu chá e até a srta. Joyce se permitiu esboçar um sorriso.

“Mas, *enfim*”, disse ele um instante depois, sacudindo a cabeça para se livrar de tais ideias. “O senhor estava contando como foi o seu fim de semana, sr. Avery. Por favor, diga que não se resumiu a rúgbi e James Joyce.”

“Posso inventar alguma coisa se o senhor quiser”, ofereci, pondo o jornal na mesa e olhando para ele.

“Vá em frente. Eu adoraria saber que fantasias sórdidas pululam

na sua cabecinha. Aposto que fazem até um cigano ficar vermelho.”

Fiquei sem saber o que dizer. Se realmente lhe contasse uma das fantasias que me mantinham desperto à noite, as duas mulheres eram capazes de desmaiar e ele na certa pularia em cima de mim, morrendo de tesão. Afinal, eu havia matado um padre na última vez que contara as coisas que tinha vontade de fazer, e não queria mais sangue nas mãos.

“Quando eu tinha vinte e um anos”, prosseguiu o pavão ridículo, olhando para a lareira e tentando aquilo que se pode chamar de olhar distante, “ia toda noite ao centro da cidade. Não havia uma garota em Dublin que estivesse a salvo quando eu andava por perto.”

“É mesmo?”, perguntou a srta. Ambrosia, voltando-se para ele com uma expressão que espelhava a minha.

“Ora, eu sei o que a senhora está pensando, moça”, disse o sr. Denby-Denby. “Olha para mim agora e se pergunta como é possível que esse homem ligeiramente gorducho, no outono da vida, apesar da magnífica cabeleira loira, tenha sido atraente para garotas da minha idade, pois eu garanto que, se a senhora tivesse me visto na juventude, me acharia bem galante. O que não faltava era moça arrastando a asa para mim. *Tranquem as suas filhas em casa*, era o que as pessoas diziam em Dublin quando viam Desmond Denby-Denby chegar. Mas isso é coisa do passado, é claro. Para cada borboleta velha há uma lagarta jovem. O senhor, sr. Avery, é a lagarta jovem. E deve aproveitar o seu período larvário, pois ele não tarda a chegar ao fim.”

“A que horas o ministro tem de estar na Dáil hoje?”, perguntei à srta. Joyce, esperando pôr fim àquela conversa, e ela abriu a agenda, correndo o dedo na página do lado esquerdo ao mesmo tempo que jogava a cinza do cigarro no cinzeiro com o retrato da princesa Grace de Mônaco.

“Às onze horas”, disse. “Mas quero que a srta. Ambrosia desça para acompanhá-lo hoje.”

“Não posso”, anunciou a srta. Ambrosia, sacudindo a cabeça.

“Ora, por que não?”

“A tia Jemima.”

“Ah”, fez a srta. Joyce, e o sr. Denby-Denby revirou os olhos.

“Eu vou”, disse. “Num dia bonito como hoje, sair do escritório só pode fazer bem.”

Ela deu de ombros. “Ora, se o senhor tem certeza”, disse. “Eu mesma iria, só que não quero.”

“Ótimo”, sorri. A vantagem de acompanhar o ministro à Dáil era a viagem no carro ministerial à Leinster House, onde podia deixá-lo a

sós com os seus colegas e esperar até o momento em que ele entrasse no seu gabinete para a sesta, quando eu podia sair e escapular para o cinema e, depois, tomar um ou dois canecos com Julian no Palace Bar ou no Kehoe's. Um dia perfeito.

“Devo dizer”, disse a srta. Ambrosia depois de alguns raros minutos de silêncio, quando se trabalhou um pouco, “que estou pensando seriamente em ter relações com um judeu.”

Quando ela disse isso, eu quase cuspi na mesa o chá que estava tomando. A srta. Joyce olhou para o alto, sacudiu a cabeça e suplicou: “Que os santos nos perdoem”, ao passo que o sr. Denby-Denby simplesmente bateu palmas e disse: “Ótima notícia, srta. Ambrosia, não há nada mais delicioso do que um judeuzinho. Aliás, como ele se chama? Anshel? Daniel? Eli?”

“Peadar”, respondeu a srta. Ambrosia. “Peadar O'Múrchú.”

“Cruzes!”, retrucou o sr. Denby-Denby. “Esse aí é tão judeu quanto Adolf Hitler.”

“Oh, pelo amor de Deus!”, exclamou a srta. Joyce, batendo a palma da mão na mesa. “Tenha a santa paciência, sr. Denby-Denby!”

“Ora, e não é verdade?”, disse ele, sem se mostrar nada culpado. Voltou-se para a srta. Ambrosia. “Conte, querida. O que ele faz, onde mora, que aparência tem, qual é a família dele?”

“Ele é contador.”

“Ora essa, só podia”, disse o sr. Denby-Denby com um gesto de desdém. “Isso eu podia ter adivinhado. *Todos* eles são contadores. Ou joalheiros. Ou penhoristas.”

“Mora com a mãe na Dorset Street. Não é alto nem baixo, mas tem uma linda cabeleira crespa e preta, e beija que é uma maravilha.”

“Parece divino. Acho que você devia ir em frente, srta. Ambrosia. E acho que devia tirar fotografias e trazê-las para a gente ver. A senhorita acha que ele é grande no andar de baixo? Retalhado, é claro, mas não tem culpa disso. São os pais que mutilam os meninos antes que eles possam opinar.”

“Ah, não, isso já foi além dos limites”, disse a srta. Joyce, erguendo a voz. “Nós precisamos disciplinar a conversa neste escritório, precisamos mesmo. Se o ministro entrar e ouvir...”

“Verá que nós simplesmente estamos preocupados com a srta. Ambrosia e esperamos conduzi-la pelo bom caminho”, interrompeu o sr. Denby-Denby. “O que o senhor acha, sr. Avery? A srta. Ambrosia deve ter relações carnavais com o tal judeu de cabelo crespo? Ter pau grande faz toda a diferença, não acha?”

“Não tenho nada a ver com isso”, disse eu, levantando-me e indo

para a porta para que ninguém visse como eu estava vermelho. “Agora, com licença, já volto.”

“Aonde o senhor pensa que vai?”, perguntou a srta. Joyce. “Faz só dez minutos que chegou.”

“Chamado da natureza”, disse eu, desaparecendo pelo corredor direto para o toalete, que, por sorte, estava vazio, e me trancando num cubículo para baixar a calça e me examinar com cuidado. Ainda bem que a erupção quase desaparecera. O vermelho havia sumido e a coceira enfim passara. A pomada receitada pelo médico era ótima. (*Você precisa tomar cuidado com as garotas sujas*, dissera ele com a cabeça metida entre as minhas pernas, usando um lápis para levantar o meu flácido pênis do lugar em que pendia em desgraça. *Dublin está repleta de garotas sujas. Se você não consegue controlar o seu desejo, é melhor arranjar uma bela esposa limpa e católica.*) Dei descarga e saí para lavar as mãos e topei com o sr. Denby-Denby postado junto a uma das pias, os braços cruzados, endereçando-me um daqueles sorrisos que sugeriam que ele era capaz de enxergar as profundezas da minha alma, lugar que nem mesmo eu gostava de visitar com frequência. Eu o olhei de relance, não disse nada e abri uma das torneiras com tanta violência que nós dois ficamos salpicados.

“Eu vi você por aí sábado à noite?”, ele me perguntou sem preâmbulo.

“Como?”

“Sábado à noite. Eu ia indo pela margem do Grand Canal e, por acaso, passei por um pequeno estabelecimento a respeito do qual há anos que ouço boatos. Boatos de que se trata de um lugar frequentado por cavalheiros com certas inclinações pervertidas.”

“Não sei o que o senhor quer dizer com isso”, disse eu sem erguer a vista nem olhar para o espelho.

“A irmã mais velha da sra. Denby-Denby mora na Baggot Street, sabe? E eu fui levar a pensão para ela. A coitada não pode mais sair de casa. *Artrite*”, acrescentou, articulando a palavra sem emitir nenhum som, sei lá por quê. “Não diremos nada.”

“Ora, não sei quem o senhor pensa que viu, mas certamente não era eu. Já disse que, no sábado à noite, saí com o meu amigo Julian.”

“Não, o senhor disse que foi assistir a um jogo de rúgbi com ele à tarde, mas que passou a noite em casa, lendo. Eu não entendo quase nada de eventos esportivos, mas sei que não costumam ocorrer na escuridão. É outro tipo de coisa que certas pessoas fazem no escuro.”

“Pois é”, disse eu, agora nervoso. “Foi o que eu quis dizer. Estava em casa lendo *Finnegans Wake*.”

“Antes era *Retrato do artista*. Se você quiser inventar um livro, Cyril, não invente um que ninguém que tenha um pinga de juízo se dá ao trabalho de ler. Não, era quase meia-noite e...”

“E o senhor foi levar a pensão da sua cunhada à meia-noite?”

“Ela dorme muito tarde. Sofre de insônia.”

“Ora, o senhor deve ter me confundido com outra pessoa”, disse eu, tentando passar por ele, mas o sr. Denby-Denby se pôs a oscilar da esquerda para a direita, feito Fred Astaire, para impedir a minha passagem.

“O que o senhor quer de mim?”, perguntei. “Julian e eu fomos ao jogo à tarde, a seguir, fomos tomar uns tragos. Depois, eu fui para casa e passei uma ou duas horas lendo.” Hesitei sem saber se conseguiria proferir a frase seguinte. Nunca tinha dito nada parecido em voz alta. “E depois disso, se o senhor faz questão de saber, fui jantar fora com a minha namorada.”

“A sua o quê?”, perguntou ele erguendo uma sobrancelha, divertido. “Namorada? É a primeira vez que ouvimos falar nisso.”

“Não gosto de misturar a minha vida privada com o trabalho”, respondi.

“E qual é o nome dessa namorada?”

“Mary-Margaret Muffet.”

“Ela é freira?”

“Como eu ia namorar uma freira?”, perguntei, perplexo.

“Estou brincando”, disse ele, erguendo as mãos diante de mim, e o cheiro de lavanda me bafejou o rosto. “E por acaso eu posso perguntar o que faz a srta. Muffet? Quando não está sentada no pufe dela. Ou no seu.”

“É assistente no setor de câmbio do Bank of Ireland, College Green.”

“Oh, quanto glamour. A sra. Denby-Denby trabalhava no escritório da loja de departamentos Arnott quando eu a conheci. Achei que era o máximo, mas parece que você está mais interessado no setor bancário que no comercial. Você é como as solteironas dos livros da sra. Gaskell. Mas isso não vai facilitar, sabe?”

“Não vai facilitar *o quê?*”, perguntei.

“A vida”, disse ele com um dar de ombros. “A sua vida.”

“Quer me deixar passar?”, pedi, agora olhando-o nos olhos.

“Só digo isso porque, creia ou não, eu me preocupo com o seu bem-estar”, disse ele, abrindo caminho e me acompanhando até o lado de fora. “Tenho certeza de que foi você que eu vi, Cyril. Você tem um jeito de andar inconfundível. E estou dizendo que precisa tomar muito

cuidado, só isso. Os *gardai* costumam dar batidas naquele estabelecimento quando ficam com vontade de uma perseguiçãozinha qualquer e, se você se meter em encrenca, bem, não preciso dizer que a sua situação aqui no ministério vai ficar seriamente ameaçada. E pense no que diria a sua mãe!”

“Eu não tenho mãe”, retruquei, escapando pela porta lateral, que dava na garagem, onde avistei o ministro se aproximando e ergui a mão para cumprimentá-lo. Quando partimos, olhei para trás, para a porta principal do prédio, e vi o sr. Denby-Denby me observando com expressão condoída. De longe, o seu cabelo parecia mais claro do que nunca, como um farol a conduzir à segurança um navio prestes a ir a pique.

UMA BROCHADA MONUMENTAL

As circunstâncias do meu reencontro com Mary-Margaret Muffet não foram românticas nem favoráveis. Um jornalista do *Sunday Press* chamado Terwilliger estava escrevendo uma série semanal sobre os crimes que mais haviam chocado a Irlanda desde a fundação do Estado e queria incluir um artigo acerca do sequestro e da mutilação de Julian Woodbead, talvez o mais infame dos delitos perpetrados nos últimos anos, já que envolvia um menor de idade. Ele conseguiu entrar em contato com os quatro principais participantes do drama, excluídos os dois sequestradores sobreviventes, é claro, que estavam encarcerados no ‘Joy desde 1959, mas somente Mary-Margaret e eu estávamos disponíveis para conversar com ele.

Na época, Julian estava percorrendo a Europa com a mais recente namorada, Suzi, uma horrenda peça de ornamentação de alta classe que ele havia arranjado na Carnaby Street quando andava à procura de um chapéu de feltro parecido com os usados por Al Capone. Eu estivera com ela só uma vez, quando os dois voltaram a Dublin para passar um fim de semana com Max e Elizabeth. A garota roía as unhas sem parar, mastigava fatias de rosbife e cuspiu os restos retorcidos num saquinho transparente que carregava com essa finalidade específica. Contou-me que não engolia por estar demasiado comprometida com a carreira de modelo para deixar alguma coisa entrar no seu estômago.

“Em rigor, isso não é verdade”, disse Julian com um previsível sorriso de soberba, e eu fingi que não ouvi. Preferi perguntar a Suzi se conhecia Twiggy, e ela revirou os olhos.

“O nome dela”, disse, como se eu fosse a criatura mais ignorante

da face da terra, “é Lesley.”

“Mas você a conhece?”

“Claro que conheço. Trabalhamos juntas muitas vezes.”

“Como ela é?”

“Muito simpática, acho. Amável demais para ter uma longa carreira nesta indústria. Acredite, Cecil, a esta altura do ano que vem, ninguém vai se lembrar do nome dela.”

“O meu nome é Cyril. E os Beatles? Você conhece?”

“Sou amiga do John”, respondeu ela, sacudindo os ombros. “Do Paul não, não mais, e ele sabe por quê. O George foi o meu último antes do Julian.”

“O seu último o quê?”, perguntei.

“O último pinto dela”, interferiu Julian, pegando o resto cinzento do jantar da namorada e colocando-o na mesa atrás de nós. “Dá para acreditar? George Harrison esteve lá dentro pouco antes de mim!”

Tentei não vomitar.

“Não, não”, disse Suzi com indiferença. “Houve outra pessoa.”

“O quê? Quem? Eu pensei que tinha sido o seguinte.”

“Não, você não podia, lembra?”

“Ah, é”, reconheceu ele, esboçando um sorriso. “Tinha esquecido.”

“Não podia?”, perguntei, intrigado. “Por que não?”

“Peguei chato”, disse ele, dando de ombros. “Sei lá de quem. Suzi não me deixou chegar perto dela enquanto eu não apresentei um certificado de saúde perfeita.”

“Ora, claro que não”, protestou ela. “Quem você acha que eu sou?”

“E o Ringo?”, perguntei, querendo esquecer o chato de Julian. “O que você acha dele?”

“Não acho nada”, respondeu Suzi com um gesto de desprezo. “Sei lá se o Ringo merece que achem alguma coisa dele. A única coisa que faz é tocar bateria. Qualquer macaco treinado é capaz de fazer isso.”

A conversa seguiu por esse rumo durante algum tempo — Suzi tinha opiniões muito claras sobre Cilla Black, Mick Jagger, Terence Stamp, Kingsley Amis e o arcebispo de Canterbury, quatro dos quais eram seus ex-amantes — e, no fim da nossa noite, eu tinha mais antipatia por ela do que tivera pela imagem que tinha dela, coisa que, até aquela noite, eu não julgava ser possível.

Naturalmente, não contei nada disso ao sr. Terwilliger quando ele telefonou, limitando-me a dizer que Julian estava fora do país e incomunicável. Ele ficou decepcionadíssimo — afinal de contas, Julian

era o personagem principal — e disse que aquela era a segunda má notícia que recebia, pois a ex-amante de Julian, Bridget Simpson, tampouco ia comparecer.

“Provavelmente ela já esqueceu dele”, disse eu. “Deve ter passado por vários Julians de lá para cá.”

“Na verdade, não”, informou o jornalista. “A srta. Simpson faleceu.”

“Faleceu?”, repeti, me endireitando abruptamente na cadeira do escritório, assim como a srta. Ambrosia fazia quando percebia que a tia Jemima acabava de chegar. “Como assim? Quer dizer, ela morreu do quê?”

“Assassinada pelo instrutor de trânsito. Ao que parece, ela não quis brincar com a alavanca de câmbio dele, por isso o cara se jogou num muro perto de Clontarf. Ela morreu na hora.”

“Meu Deus!”, exclamei sem saber como reagir. Eu não tinha gostado muito da Bridget, mas muitos anos haviam se passado. Parecia um fim horrendo.

“De modo que só restam o senhor e a srta. Muffet”, disse o jornalista.

“Quem?”

“Mary-Margaret Muffet”, respondeu ele, e eu percebi que estava lendo o nome num papel. “Era a sua namorada na época, não é isso?”

“Não!”, gritei, mais chocado com essa insinuação do que com a notícia da morte de Bridget. “Eu nem conhecia a garota. Era amiga de Bridget, só isso. Nem sei como as duas se conheciam. Ela veio junto para completar dois casais.”

“Tudo bem. Olhe, ela concordou em se encontrar comigo. O senhor acha que pode vir no mesmo horário? Seria bom vocês conversarem um pouco, uma reminiscência do que aconteceu no dia em questão, sabe como é. Do contrário, ela diz uma coisa quando estiver conversando comigo, o senhor diz outra completamente diferente e o leitor fica sem saber em quem acreditar.”

Eu não sabia ao certo se queria participar daquilo, mas não gostava da ideia de deixar Mary-Margaret, de quem tinha uma vaga lembrança, ser o foco exclusivo de atenção e fazer comentários potencialmente difamatórios a respeito de Julian para a imprensa nacional, de modo que concordei em me encontrar com eles. Quando cheguei na tarde marcada, apertei a mão dela meio reticente, mas, para o meu alívio, as nossas lembranças daquele dia de 1959 não diferiram muito. Contamos a Terwilliger tudo que recordávamos, embora Mary-Margaret tivesse deixado claro que não estava disposta a

discutir o envolvimento-surpresa de Brendan Behan no incidente pelo simples fato de o homem ser muito vulgar, e ela não queria que as palavras que ele teve a coragem de dizer aparecessem num jornal que crianças impressionáveis podiam acabar lendo.

Depois, achei educado convidá-la para tomar um café, e nós fomos ao Bewley's, na Grafton Street, escolhemos uma mesa da parede e fizemos o possível para ter uma conversa civilizada.

“Geralmente eu não gosto do Bewley's”, informou Mary-Margaret, pegando um punhado de guardanapos na mesa e colocando-os no assento sob o seu traseiro para evitar contaminação. Levava o cabelo preso num coque e, embora estivesse vestida como uma representante da Legião de Maria, era inegavelmente bem bonita para quem gostava desse tipo de coisa. “Os assentos são terrivelmente pegajosos. Duvido que as meninas limpem quando o pessoal derruba migalhas. Este está longe de ser o meu padrão.”

“Mas o café aqui é muito bom.”

“Eu não gosto de café”, disse ela, tomando um gole de chá. “Café é coisa de americano e protestante. Irlandês toma chá. Afinal, é assim que somos criados. Uma boa xícara de Lyons me deixa feliz da vida.”

“Eu até que gosto de uma xícara de Barry's de vez em quando.”

“Não, esse é de Cork. Eu só tomo chá de Dublin. Não arrisco tomar uma coisa que veio de trem até aqui. Servem um chá delicioso no café Switzer's. Já estive lá, Cyril?”

“Não”, admiti. “Por quê? Você vai muito lá?”

“Todo dia”, sorriu ela com orgulho. “É muito conveniente para quem trabalha no Bank of Ireland da College Green e tem uma clientela mais seleta, coisa que me parece certa e adequada. Acho que os diretores do banco não ficariam contentes se me vissem num velho café de rua.”

“Certo”, disse eu. “Bom, você está com ótima aparência. Mesmo assim, aquele foi um dia louco, não acha? O dia em que sequestraram Julian.”

“Foi de arrasar”, respondeu ela, estremecendo um pouco como se estivesse revivendo a experiência. “Depois, eu passei meses tendo pesadelos. E quando começaram a entregar partes do corpo dele...”

“Foi terrível”, concordei.

“Aliás, como ele está?”, perguntou ela. “Vocês ainda têm contato?”

“Temos, sim”, apressei-me a dizer para afirmar a nossa aliança duradoura. “Ele continua sendo o meu melhor amigo. E vai indo muito bem, obrigado por perguntar. No momento, está na Europa,

mas às vezes manda um cartão-postal. Vou dar uma passada na casa dele quando ele voltar. Também nos falamos por telefone de vez em quando. Estou com o número dos pais dele aqui, olhe.” Tirei a minha caderneta de endereços e a folheei até a letra W, mostrando o endereço de Dartmouth Square que antes tinha sido o meu. “Ele também tem o meu número. E, quando eu não estou, sempre deixa recado com o rapaz com quem eu divido o apartamento.”

“Calma, Cyril”, disse ela, enrugando um pouco a testa. “Foi só uma pergunta.”

“Desculpe”, respondi, sentindo-me um pouco constrangido com o meu entusiasmo.

“Quer dizer que ele superou?”, perguntou ela.

“Superou o quê?”

“O sequestro, é claro.”

“Oh, sim. O Julian nunca foi de se deixar derrubar por essas coisas.”

“E a perda do dedo do pé e da mão e da orelha?”

“Ele ainda tem nove de cada. Bom, não nove orelhas, obviamente. Só sobrou uma, mas isso é mais do que algumas pessoas têm, imagino.”

“Quem?”, perguntou Mary-Margaret, franzindo a testa. “Quem tem menos orelhas que ele?”

Eu pensei um pouco. Não me ocorreu ninguém. “O pai dele também só tem uma orelha”, disse. “Pelo menos isso eles têm em comum. O IRA lhe arrancou uma com um tiro, meses antes do sequestro.”

“Eles são horrendos, o IRA”, disse ela. “Espero que você não tenha nada a ver com eles, Cyril Avery.”

“Não tenho mesmo”, disse eu, sacudindo a cabeça rapidamente. “Não me interessa por coisas assim. Não sou nem um pouco político.”

“Imagino que ele anda mancando, não?”

“Quem?”

“Julian. Tendo só nove dedos nos pés, imagino que manque um pouco.”

“Acho que não”, respondi, sem saber ao certo se ele mancava ou não. “Se manca, eu nunca reparei. Para ser franco, a única coisa que realmente o incomoda é a orelha. É óbvio, ele perdeu a metade da audição e é meio esquisito olhar e ver que ele não tem uma orelha, mas deixou o cabelo crescer e fica com o lado direito da cabeça coberto, de modo que ninguém nota. Continua com uma aparência incrível.”

Mary-Margaret teve um leve estremecimento. “Os diretores do Bank of Ireland não deixam os empregados homens terem cabelo comprido”, disse. “E estão cobertos de razão. Para mim, isso é coisa de maricas. E eu prefiro homem com duas orelhas. Uma só não seria o meu padrão, de jeito nenhum.”

Eu fiz que sim e olhei à minha volta em busca da saída de emergência mais próxima e, para o meu horror, vi um seminarista com dois padres mais velhos a algumas mesas da nossa, tomando coca-cola e comendo bolinhos de Eccles. Era o mesmo seminarista do cine Metropole, onde, algumas noites antes, estivéramos sentados lado a lado, na última fileira, durante uma exibição de *O homem que não vendeu sua alma*. Ele pôs o sobretudo no colo para eu bater uma para ele no escuro. Quando ele gozou, o cheiro rançoso nos denunciou e as pessoas começaram a se virar e a olhar para nós, de modo que só nos restou sair correndo bem quando Richard Rich estava no banco das testemunhas para trair Thomas More. Nós dois ficamos vermelhos quando um viu a cara do outro, e desviamos a vista.

“O que há com você?”, perguntou Mary-Margaret. “Ficou pálido como um lençol.”

“Estou um pouco resfriado. A febre vai e volta.”

“Não me passe nenhum dos seus micróbios. Não quero adoecer. Tenho de pensar no meu trabalho.”

“Duvido que seja contagioso”, disse eu, tomando um gole de café. “A propósito, fiquei muito chateado quando soube da Bridget. Você deve ter ficado tristíssima.”

“Bem”, disse ela com voz firme, pondo a xícara no pires e olhando fixo para mim. “Naturalmente, eu lamentei muito saber que ela tinha morrido, e é claro que as circunstâncias foram horríveis, mas a verdade é que eu havia cortado os meus vínculos com ela algum tempo antes.”

“Ah, entendi. Vocês brigaram?”

“Digamos que nós éramos tipos muito diferentes.” Mary-Margaret hesitou um momento, mas logo resolveu deixar a cautela de lado. “A verdade, Cyril, é que Bridget Simpson era uma galinha e eu não queria mais andar com esse tipo de gente. Perdi a conta dos homens com quem ela teve relações. Eu bem que disse: *Bridget, se você não melhorar o seu comportamento, vai ter um fim terrível*, mas ela não me deu ouvidos. Disse que a vida era para ser vivida e que eu era muito contida. Eu! Contida! Você pode imaginar? Claro, como se eu vivesse só para me divertir. De toda maneira, quando Bridget começou a se envolver com homens casados, eu disse *agora chega*. Decidi e disse que

não queria mais ter nada a ver com ela se continuasse com aquele tipo de bobagem. A notícia seguinte que recebi foi que tinha se arrebitado num acidente de carro em Clonmel.”

“Me disseram que foi em Clontarf.”

“Bom, num dos Clons. Eu fui ao enterro, é claro, e acendi uma vela para ela. Disse à coitada da mãe dela que ela podia se sentir consolada porque Bridget tinha nos deixado uma grande lição: quem leva uma vida dissoluta deve esperar uma morte horrível.”

“E o que ela achou disso?”

“A pobre estava tão abalada que não disse uma palavra. Ficou olhando para mim, chocada. Provavelmente estava arrependida de ter criado a filha sem o menor senso de decência.”

“Ou talvez tenha te achado um pouco insensível...”, sugeri.

“Não, não acredito”, disse Mary-Margaret, mostrando-se desconcertada com a minha observação. “Leia a sua Bíblia, Cyril Avery. Está tudo escrito lá.”

Ficamos alguns minutos em silêncio e eu vi o seminarista se levantar e ir para a porta, olhando nervoso na minha direção ao fugir. Por instantes, senti certa simpatia por ele, além de uma igualmente fugaz simpatia por mim mesmo. Depois me perguntei se ele não estava dando a entender que estava a caminho do cinema e, caso estivesse, se daria tempo de fugir do Bewley’s e alcançá-lo.

“Posso perguntar uma coisa, Cyril?”, disse Mary-Margaret, e eu olhei para ela, tentando reprimir um bocejo. Estava arrependidíssimo de não ter voltado ao escritório logo depois da entrevista para evitar tudo aquilo.

“Pode.”

“Onde você assiste à missa?”

“Onde eu assisto à missa?”

“Bom, você tem duas orelhas, ainda que o seu amigo só tenha uma. Isso mesmo, onde você assiste à missa?”

Surpreso, abri a boca, procurei uma resposta, não a encontrei e tornei a fechá-la. A verdade era que nunca ia à missa. A última vez que estivera na igreja, sete anos antes, havia matado um padre contando-lhe as ideias pervertidas que me povoavam a cabeça.

“À missa?”, repeti, tentando ganhar tempo. “Quer dizer então que você vai muito à missa?”

“Claro que vou”, disse ela, enrugando a testa a ponto de formar cinco nítidas linhas como numa pauta musical. “Quem você pensa que eu sou? Vou diariamente à Baggot Street. A missa de lá é adorável. Já estive na igreja da Baggot Street?”

“Não. Não que eu me lembre.”

“Precisa ir um dia. Para começar, tem uma atmosfera maravilhosa. O aroma do incenso misturado ao cheiro dos corpos mortos é simplesmente impressionante.”

“Deve ser ótimo.”

“E é. E o padre faz um sermão maravilhoso, bem do tipo apocalíptico, que, na minha opinião, é justamente o que a Irlanda precisa agora. Há de tudo por aí hoje em dia. Eu vejo cada coisa no banco... Estudantes do Trinity College quase sem roupa nenhuma no corpo, a mão na parte de trás da calça jeans do namorado. Você não tem calça jeans, tem, Cyril?”

“Tenho uma”, respondi. “Mas é um pouco comprida para mim. Não uso muito.”

“Jogue no lixo. Nenhum homem devia usar jeans. Claro, eu vejo o mundo inteiro no meu balcão no setor de câmbio do Bank of Ireland, College Green. Na semana passada, atendi uma inglesa divorciada, dá para acreditar? Deixei bem clara a minha reprovação, não me importo de contar para você. E, ontem, apareceu um rapaz que parecia mais mulher que homem. Ah, o jeito de falar! Era um desses, é claro”, acrescentou ela desmunhecando a mão direita. “Eu me recusei a atendê-lo. Ele que fosse ao Allied Irish Bank se quisesse trocar dinheiro. O pessoal de lá adora atender esse tipo de gente. O sujeitinho armou um escândalo tremendo. Sabe do que ele me chamou?”

“Não.”

“De *p-u-t-a*”, disse ela, inclinando-se para a frente e pronunciando a palavra em voz inaudível. Sacudiu a cabeça e desviou a vista. “Eu ainda não me recuperei disso”, acrescentou pouco depois. “Em todo caso, mandei o segurança jogá-lo na rua. E sabe o que ele fez então?”

“Não. Eu não estava lá.”

“Começou a chorar! Disse que o dinheiro dele era tão bom quanto o de qualquer um e que estava farto de ser tratado como um cidadão de segunda classe. Eu retruquei que, se dependesse de mim, ele nem cidadão seria. Claro, nós todos começamos a rir, os clientes também, e ele se sentou num banco, com cara de mártir, como se *nós* é que estivéssemos errados! Por mim, deviam trancafiar todos os mariquinhas. Mandá-los para as ilhas da costa oeste, onde eles não podem prejudicar ninguém, só uns aos outros. Mas, em todo caso, Cyril, no que nós estávamos falando? Ah, sim, onde você assiste à missa?”

“Westland Row”, disse eu, na falta de resposta melhor. Era mais

do que difícil acompanhar a sua lista de preconceitos sem tentar pensar numa igreja de Dublin que ela aprovasse.

“Oh, é um prédio bonito”, disse ela, e eu me surpreendi por ela não achar a igreja alta demais, ampla demais ou com letras demais no nome. “Uma bela obra de cantaria aquela. Está na minha lista todo ano na Quinta-Feira Santa quando faço a minha *Visita Iglesia*. Será que eu já te vi lá?”

“Tudo é possível”, disse eu. “Mas a maioria das coisas são improváveis.”

“E conte-me só mais uma”, acrescentou Mary-Margaret, tomando outro gole de chá e fazendo uma careta. Tudo indicava agora que até o chá estava conspirando contra ela. “O que você faz?”

“Como?”

“Imagino que você tenha um bom emprego em algum lugar.”

“Ah, sim, tenho”, disse eu e lhe falei no meu trabalho no Ministério da Educação. Os olhos dela brilharam imediatamente.

“Puxa, essa é uma carreira e tanto”, aprovou Mary-Margaret. “Quase tão boa quanto num banco. Nada pode dar errado para você no funcionalismo. Para começar, não podem demiti-lo, mesmo que a situação esteja difícil e que você seja um incompetente. O papai sempre quis que eu fosse funcionária pública, mas eu disse: *Papai, eu sou uma moça independente e vou encontrar o meu lugar*, e encontrei no setor de câmbio do Bank of Ireland, College Green. Mas sempre achei que o melhor do funcionalismo é a gente poder entrar aos vinte anos de idade, passar todos os dias da vida atrás de uma mesa e, sem que a gente perceba, envelhecer e deixar tudo para trás e a única coisa que falta é morrer. Isso deve dar muita segurança.”

“Não é bem assim que eu penso”, disse eu, e aquela ideia despertava em mim uma curiosa mistura de mortalidade e desânimo. “Mas acho que você tem razão.”

“Já te contei que o meu tio Martin era funcionário público?”

“Não”, disse eu. “É que a gente acabou de se reencontrar.”

“Era um funcionário maravilhoso. E um homem adorável. Se bem que tinha um tique na bochecha e eu não gosto de homem com tique. Me incomoda.”

“Ele continua trabalhando?”, perguntei. “Talvez eu o conheça.”

“Não”, disse ela, girando o indicador junto à tampa. “Ficou demente”, sussurrou. “Passa a metade do tempo sem lembrar quem ele é. Na última vez que o visitei, pensou que eu fosse Dorothy Lamour!” Soltou uma risadinha histérica e olhou à sua volta, sacudindo a cabeça com prazer, mas logo o seu rosto voltou a endurecer de asco. “Dá uma

olhada nisso aí”, disse.

Eu me virei, acompanhando o seu olhar, e vi uma moça a caminho do corredor central do Bewley’s, um mulherão que desafiava a previsão do tempo vestindo o mínimo de roupa possível. Os olhos de todos os homens presentes estavam grudados no seu traseiro. Quer dizer, de quase todos.

“Ela se veste como se fosse muito mais jovem”, disse Mary-Margaret, torcendo o beijo. “Esse não seria absolutamente o meu padrão.”

“Quer um pedaço de bolo de creme para acompanhar o chá?”, ofereci.

“Não, obrigada, Cyril. Eu não me dou bem com creme.”

“Certo.” Consultei o relógio e vi que já fazia sete minutos que estávamos no café, tempo que me pareceu suficiente. “Bem, acho melhor eu voltar”, disse.

“Voltar para onde?”

“Para o trabalho.”

“Olha só que cara metido”, disse ela. “O esnobismo em pessoa.”

Não entendi o que Mary-Margaret quis dizer com isso. Não me pareceu uma ideia tão estapafúrdia voltar ao trabalho, já que ainda eram três horas da tarde.

“Foi bom voltar a te ver”, eu disse a ela, apertando-lhe a mão.

“Espere um pouco, vou te dar o número do meu telefone”, pediu ela, procurando papel e caneta na bolsa.

“Por quê?”

“Ora essa, como você vai me telefonar se eu não te der o número do telefone?”

Franzi a testa sem entender o que ela pretendia. “Desculpe”, disse. “Você quer que eu te telefone? Quer me perguntar alguma coisa? Neste caso eu posso ficar um pouco mais.”

“Não, o resto a gente guarda para conversar da próxima vez.” Escreveu o número e me entregou o papel. “Acho melhor você me telefonar do que eu ligar para você. Não sou do tipo que telefona para homem. Mas também não vou ficar grudada no telefone esperando você ligar, portanto não fique imaginando coisas. E, se o papai atender, conte que é funcionário do Ministério da Educação, pois ele vai gostar disso. Do contrário, vai te tratar com indiferença.”

Fiquei olhando para o papel na minha mão, sem saber o que dizer. Aquilo era totalmente estranho à minha esfera de experiência.

“Telefone no sábado à tarde”, propôs ela. “E a gente faz planos para o sábado à noite.”

“Está bem”, disse eu, sem saber no que estava me metendo, mas convicto de que não tinha escolha.

“Tem um filme que eu ando querendo ver. Está passando no Metropole. *O homem que não vendeu sua alma.*”

“Eu já assisti”, disse eu, sem acrescentar que tive de sair bem quando Richard Rich estava traindo o seu mentor, pois eu precisava lavar as mãos para tirar o cheiro de ejaculação.

“Pois eu não assisti. E quero ir.”

“Tem um monte de outros filmes em cartaz. Mais tarde, vou ver no jornal quais são.”

“Eu quero ver *O homem que não vendeu sua alma*”, insistiu Mary-Margaret, inclinando-se para a frente e me encarando.

“Está bem”, disse eu, levantando-me antes que ela pegasse uma faca e fizesse comigo o que o IRA fez com Julian. “Eu te telefono no sábado.”

“Às quatro horas. Nem um minuto antes.”

“Às quatro horas”, confirmei, dando meia-volta e tratando de sair do café, a camisa grudando nas minhas costas, tamanha era minha transpiração. Voltando a pé para o trabalho, debaixo do sol, procurei avaliar a situação. Sem jamais ter pretendido, nem ao menos desejado tal coisa, tudo indicava que agora eu tinha namorada. E a minha namorada era nada menos que Mary-Margaret Muffet. Pelo jeito, eu era o padrão dela. Por um lado, a ideia me apavorava, pois não tinha a menor ideia de como me comportar com uma garota e menos interesse ainda em descobrir, mas, por outro, aquela era uma excelente oportunidade na minha vida, porque significava que havia uma chance de eu ser exatamente como todos os outros rapazes e de ninguém suspeitar de mim. E, graças a Deus, não teria de entrar num seminário, coisa em que fazia um ano andava pensando, sem muita determinação, como resposta para todos os meus problemas.

De volta ao escritório, não dei atenção a uma interminável conversa que os meus colegas estavam tendo sobre Jacqueline Kennedy e me sentei para escrever uma longa carta a Julian, contando-lhe que havia me apaixonado por uma moça linda no Bewley's Café. Descrevi-a da maneira mais elogiosa possível e dei a entender que, nos últimos meses, nós vínhamos tendo relações de todas as maneiras concebíveis. Fiz o que pude para parecer tão promíscuo sexualmente quanto ele e terminei dizendo que o único problema de ter namorada era não poder traçar todas as outras garotas que andavam por aí. *Eu não teria coragem*, escrevi. *Amo-a demais. Mas, acrescentei, não é porque estou fazendo dieta que não posso*

dar uma olhada no cardápio. Enviei a carta aos cuidados do escritório da Western Union em Salzburgo, onde ele e a execrável Suzi estavam esquindo, na esperança de que a curiosidade logo o trouxesse de volta a Dublin para que nós quatro pudéssemos sair juntos e, depois, talvez as garotas fizessem amizade e nos mandassem ir tomar uns tragos sozinhos para que elas pudessem ficar conversando sobre tricô, receitas etc., e Julian e eu ficássemos juntos e em paz, como convinha.

Em poucas semanas, Mary-Margaret e eu passamos a ser um caszinho estabelecido e, todo domingo, ela me dava a lista das coisas que íamos fazer na semana seguinte. Eu tinha as terças e as quintas-feiras livres, mas era obrigado a ficar com ela todas as outras noites, a maior parte das quais passávamos sentados no sofá da sala de visitas enquanto o pai dela assistia à televisão e comia castanhas brasileiras cobertas com chocolate, proclamando o tempo todo que estava farto de castanhas brasileiras cobertas com chocolate.

Aproximadamente um mês depois, eu me dei conta de que ainda não houvera nenhum episódio sensual entre nós e decidi que talvez valesse a pena tentar. Afinal, eu nunca tinha tido intimidade com uma garota e sempre havia a possibilidade de acabar gostando se experimentasse. E, assim, numa noite, quando o pai dela foi dormir, inclinei-me e, sem aviso prévio, coleí os lábios nos dela.

“O que é isso?”, indagou ela, recuando no sofá e fazendo uma expressão horrorizada. “Que diabo você pensa que está fazendo, Cyril Avery?”

“Tentando te beijar.”

Mary-Margaret sacudiu lentamente a cabeça como se eu acabasse de confessar que era Jack, o Estripador, ou um militante do Partido Trabalhista. “Pensei que você tivesse um pouco mais de respeito por mim”, disse. “Não imaginava que, durante todo esse tempo, eu estava saindo com um tarado.”

“Acho que você está exagerando.”

“Ora, de que outra coisa eu posso te chamar? Estou aqui tentando assistir ao *Perry Mason*, sem saber que, o tempo todo, você tinha planos de me estuprar.”

“Eu não tinha planos de estuprar ninguém”, protestei. “Foi só um beijinho, nem mais, nem menos. Um casal de namorados pode se beijar, não pode? Que mal há nisso, Mary-Margaret?”

“Bom, talvez”, murmurou ela, pensativa. “Mas, daqui por diante, você pode pelo menos ter a decência de pedir licença? Não existe nada menos romântico que a espontaneidade.”

“Tudo bem. Me dá licença de te beijar então?”

Mary-Margaret se permitiu refletir um pouco. “Dou. Mas fique de olhos fechados e principalmente de boca fechada. E não quero as suas mãos perto de mim. Não suporto que me toquem.”

Obediente, colei os lábios nos dela e murmurei o seu nome como se estivesse perdido na paixão de um grande amor. Mary-Margaret ficou tesa no sofá e eu percebi que continuava assistindo à televisão enquanto Perry Mason interrogava um homem no banco das testemunhas. Depois de uns trinta segundos desse erotismo incontrolável, eu me afastei.

“Você beija divinamente”, disse.

“Espero que você não esteja sugerindo que eu tenho um passado”, assustou-se ela.

“Não, só quis dizer que você tem lábios deliciosos.”

Mary-Margaret me olhou com desconfiança, talvez se perguntando se aquilo era coisa que um tarado diria. “Bom, acho que por hoje chega”, decidi. “A gente não quer sair do controle, não é mesmo?”

“Tudo bem.” Olhei para a minha braguilha. Não tinha havido o menor movimento nas imediações. Pelo contrário, a única coisa ali presente era o que se podia chamar de uma brochada monumental.

“E não pense que uma coisa vai levar a outra, Cyril Avery”, advertiu ela. “Eu sei muito bem que por aí não faltam moças dispostas a fazer de tudo para prender um homem, mas esse não é o meu padrão. Absolutamente não é o meu padrão.”

“Sem problema”, disse eu, sincero até a última sílaba.

EM TODA PARTE, AS PESSOAS OLHAM

Era uma época difícil para ser irlandês, ter vinte e um anos e ser um homem que sentia atração por outros homens. Ser as três coisas simultaneamente exigia um nível de subterfúgio e astúcia incompatível com a minha natureza. Eu nunca havia me considerado uma pessoa falsa, detestava me imaginar capaz de tanta mendacidade e hipocrisia, porém, quanto mais examinava a arquitetura da minha vida, mais me dava conta do quanto os seus alicerces eram fraudulentos. A certeza de que passaria o resto do meu tempo na terra mentindo para as pessoas pesava muito sobre mim e, nessas ocasiões, eu pensava seriamente em acabar com a vida. As facas me assustavam, as cordas me horrorizavam e as armas de fogo me alarmavam, mas eu sabia que não era bom nadador. Se, por exemplo, fosse a Howth e me jogasse no mar, a correnteza me puxaria depressa para o fundo, e eu

não poderia fazer nada para me salvar. Essa era uma opção sempre presente num desvão da minha mente.

Eu tinha poucos amigos e, mesmo quando considerava a minha relação com Julian, era obrigado a admitir que o nosso vínculo tinha por base pouco mais que o meu amor obsessivo e secreto. Durante anos eu conservara e alimentara com todo o zelo ciumento aquela aliança, indiferente ao fato de que, não fosse a minha determinação de manter o contato, ele teria se afastado anos antes. Eu não tinha família de que falar, não tinha irmãos, nem primos, nem ideia da identidade dos meus pais biológicos. Tinha muito pouco dinheiro e agora detestava o apartamento da Chatham Street, pois Albert Thatcher arranjava uma namorada firme e, quando ela dormia lá, o barulho dos dois fazendo amor era tão abominável quanto excitante. Eu desejava ardentemente um lugar só meu, uma porta com só uma chave.

Desesperado, recorri a Charles, pedindo-lhe cem libras emprestadas para poder me instalar numa situação melhor. Tinha visto um apartamento em cima de uma loja na Nassau Street, com vista do relvado do Trinity College, mas não podia me dar a semelhante luxo com o mísero salário que recebia. O empréstimo, eu lhe disse, me permitiria morar dois anos lá enquanto economizava e tentava construir uma vida melhor para mim. Estávamos no iate clube de Dun Laoghaire quando expus a ideia, comendo lagosta e tomando Moët & Chandon, mas ele recusou imediatamente, declarando que não emprestava dinheiro a amigos, pois tais atos de filantropia sempre acabavam mal.

“Mas nós somos mais do que amigos”, disse eu, suplicando misericórdia. “Afinal de contas, você é o meu pai adotivo.”

“Ora, vamos, Cyril”, replicou ele, rindo como se eu tivesse contado uma piada. “Você já está com vinte e cinco anos...”

“Eu tenho vinte e um.”

“Tudo bem, vinte e um então. É natural que eu me preocupe com você, nós nos conhecemos há muito tempo, mas você não é...”

“Eu sei”, interrompi, erguendo a mão antes que ele concluísse a frase. “Isso não importa.”

No entanto, o que mais me preocupava era a minha lascívia irresistível, insaciável e incontrollável, um desejo tão intenso quanto a minha necessidade de comida e água, mas que, ao contrário dessas outras necessidades humanas, sempre era assombrado pelo medo de ser flagrado. Havia as excursões noturnas às margens do Grand Canal ou às florestas cerradas no centro do Phoenix Park, as furtivas

explorações dos becos da Baggot Street e das passagens ocultas que ziguezagueavam da ponte Ha'penny à Catedral da Santíssima Trindade. A escuridão escondia os meus crimes, mas me convencia de que eu era um degenerado, um pervertido, um sr. Hyde que deixava a pele benevolente do dr. Jekyll guardada na Chatham Street assim que o sol se punha e as nuvens lentas vinham encobrir a lua.

Satisfazer a minha luxúria não era o problema: nada mais fácil do que encontrar um rapaz com predileções parecidas no centro da cidade, e uma simples troca de olhares bastava para criar um contrato instantâneo enquanto, calados, íamos a um esconderijo difícil de ser descoberto, apalpando-nos atrás de moitas, tendo o cuidado de não nos mirar nos olhos enquanto as nossas mãos puxavam e acariciavam e os nossos lábios avançavam sofregamente, os dois de pé encostados em árvores ou estendidos na grama ou ajoelhados, um diante do outro, em atitudes de súplica. E nos bolínávamos até que um de nós não aguentasse mais, então explodíamos na terra sob os nossos pés, e, embora depois a ânsia sempre fosse a de dar o fora o mais depressa possível, a boa etiqueta dizia que a gente não podia ir embora enquanto o outro garoto não tivesse chegado ao clímax também. Um apressado *obrigado*, e cada qual tomava um rumo oposto e se afastava rapidamente a caminho de casa, rezando para que a Garda não estivesse nos seguindo e, ao mesmo tempo, jurando que aquela era a última vez, que nunca mais voltaríamos a fazer aquilo, que havíamos desistido para sempre, mas eis que as horas passavam, os loucos desejos voltavam e, na noite seguinte, a nossa cortina se agitava enquanto olhávamos para fora para ver se o tempo estava bom.

Eu não gostava de ir aos parques porque geralmente eram povoados por homens mais velhos, de carro, à procura de um jovem para comer no banco traseiro, o fedor de Guinness e suor era suficiente para acabar com qualquer desejo que eu porventura sentisse. Mas ia quando estava desesperado, temendo o dia em que eu também me visse de carro, passando por Áras an Uachtaráin à procura de carne jovem. Deixei de ir quando os coroas começaram a me oferecer dinheiro. Paravam perto de mim e, quando eu recusava, diziam ter uma nota de uma libra para mim se fizesse o que me pediam. E, uma ou duas vezes, quando a situação estava difícil, cheguei a aceitar a libra oferecida, mas sexo sem desejo não me agradava. Eu não conseguia transar por dinheiro. Precisava ter vontade.

Só uma vez me atrevi a levar uma pessoa ao apartamento da Chatham Street e isso porque estava bêbado, morrendo de tesão, e o

rapaz que havia encontrado, alguns anos mais velho que eu, de vinte e três ou vinte e quatro, me lembrava tanto Julian que achei que podia passar a noite com ele e imaginar que o meu amigo, sei lá como, havia sucumbido aos meus desejos. O nome dele era Ciarán, ou pelo menos foi assim que se apresentou, e nós nos conhecemos em um bar perto da Harcourt Street, estabelecimento cujas janelas vedadas incentivavam os clientes a sentirem que eles, tal como os Beatles, tinham de esconder o seu amor. Eu ia lá às vezes, pois era um bom lugar para conhecer gente tímida e ansiosa como eu fingindo que entrara simplesmente para tomar um drinque. Vi-o quando voltou do banheiro e nós dois trocamos um olhar de admiração mútua. Minutos depois, ele se aproximou e perguntou se podia ficar comigo.

“Claro que sim”, respondi, indicando a cadeira vazia. “Eu estou sozinho.”

“Nós todos estamos sozinhos”, observou ele com um sorriso irônico. “Como você se chama?”

“Julian”, disse eu antes mesmo de pensar na conveniência da escolha. “E você?”

“Ciarán.”

Balancei a cabeça e tomei um gole da minha Smithwick’s, tentando não olhar para ele com excessiva intensidade. Era um rapaz muito bonito, muito mais que o tipo com que eu costumava ficar, e, naturalmente, ele é que havia tomado a decisão de me abordar, o que significava que estava interessado. Passamos algum tempo sem dizer nada. Quebrei a cabeça em busca de um assunto razoável para conversar, mas não encontrei nenhum e fiquei aliviado quando Ciarán tomou a iniciativa.

“Eu nunca estive aqui antes”, disse, olhando à sua volta, e o modo familiar como cumprimentou o barman com um gesto denunciou que estava mentindo. “Ouvi dizer que este lugar é um bocado divertido.”

“Nem eu. Ia passando e resolvi entrar para tomar uma cerveja. Nem sabia que havia um bar aqui.”

“Posso saber o que você faz?”, perguntou ele.

“Trabalho no Zoológico de Dublin”, disse eu, dando a minha resposta padrão a essa pergunta. “Na casa dos répteis.”

“Eu tenho medo de aranha.”

“Na verdade, aranha é um aracnídeo”, expliquei como se soubesse o que estava dizendo. “Répteis são os lagartos, as iguanas etc.”

“Ah, é”, sorriu Ciarán. Olhei atrás dele, para um velhote com a barriga caindo por cima da cinta que estava sentado ao balcão olhando avidamente na nossa direção. Pela cara dele dava para

adivinhar que queria se juntar a nós, queria ter um lugar natural em nossa companhia, mas éramos quarenta anos mais jovens que ele, de modo que obviamente não o queríamos por perto e ele ficou onde estava, talvez contemplando a crueldade aleatória do universo.

“Eu não posso demorar muito”, disse Ciarán enfim.

“Nem eu. Tenho de trabalhar amanhã cedo.”

“Você mora aqui perto?”

Hesitei, nunca havia levado ninguém para casa na Chatham Street. Mas agora era diferente. Ele era bom demais para eu deixar escapar. E, além disso, tinha aquela coisa de ser parecido com o Julian. Eu sabia que queria mais do que umas apalpadelas ilícitas num beco com cheiro de urina, de batatas fritas e do vômito lavado da noite anterior. Queria saber como era abraçá-lo, agarrá-lo de verdade e ser abraçado por ele, abraçado de verdade.

“Não muito longe”, disse devagar. “Perto da Grafton Street. Mas lá é um pouco difícil. E você?”

“Não é possível, lamento”, respondeu ele. Reparei na rapidez com que nos entendíamos, na pouquíssima discussão necessária para que ficasse claro que nós queríamos ir para a cama juntos. Pelo que eles diziam, tive certeza de que os garotos heterossexuais adorariam se as mulheres se comportassem como nós.

“Bom, vamos dar uma volta”, propus, disposto a me conformar com o costumeiro se essa fosse a única escolha. “A noite não está ruim.”

Ciarán pensou um pouco antes de sacudir a cabeça. “Sinto muito”, disse, pondo a mão no meu joelho por baixo da mesa, coisa que fez meu corpo soltar chispas de eletricidade. “Francamente, eu não sou do tipo de ficar ao ar livre. Ora, deixa pra lá. Quem não arrisca não petisca, não acha? Quem sabe uma outra vez.”

Ele se levantou e eu compreendi que estava prestes a perdê-lo e tomei uma rápida decisão. “A gente pode tentar o meu”, disse. “Mas sem fazer barulho.”

“Tem certeza?”, perguntou ele com ar esperançoso.

“Desde que seja sem fazer *nenhum* barulho”, repeti. “Eu tenho um companheiro de apartamento e a proprietária e o filho moram no andar de baixo. Não sei o que pode acontecer se nos descobrirem.”

“Eu não faço barulho”, disse ele. “Ou melhor, vou tentar não fazer”, acrescentou com um sorriso, coisa que me fez rir apesar do desconforto.

Saímos do bar e tomamos o caminho do St. Stephen’s Green. Não faltavam motivos para não o deixar entrar em casa, mas nenhum

podia medir forças com o fato de que cada átomo do meu corpo ansiava pelo dele e, pouco depois, estávamos parados diante da porta vermelha e a única coisa que me restou foi introduzir a chave na fechadura. Na minha ansiedade, me atrapalhei um pouco.

“Espere aqui um instante”, cochichei, aproximando tanto o rosto do dele que os nossos lábios quase se tocaram. “Vou ver se o caminho está livre.”

A luz do corredor estava apagada, e a porta do quarto de Albert, fechada, o que significava que ele provavelmente estava dormindo. Virei-me e fiz sinal para que Ciarán entrasse, e nós subimos. Quando abri a minha porta, empurrei-o para dentro, tranquei-a e, no espaço de um minuto, estávamos na cama, um tirando a roupa do outro como dois adolescentes, e a ideia de ficar em silêncio fugiu inteiramente da minha cabeça quando fizemos o que estávamos lá para fazer, o que havíamos nascido para fazer.

Foi uma experiência totalmente nova para mim. Em geral, a tentação era acabar o mais depressa possível e dar o fora, mas, por uma vez que fosse, eu quis fazer tudo devagar. Nunca havia transado numa cama e o contato dos lençóis na minha pele nua foi incrivelmente excitante. Nunca passara as mãos na perna de um homem, nunca havia sentido a ondulação dos pelos sob a minha palma, não sabia como era sentir os meus pés roçarem os dele ou virá-lo e percorrer a sua espinha com a língua fazendo-o arquear as costas de prazer. À fraca luz da rua que se escoava pela cortina, sentimos a sinceridade do que estávamos fazendo e logo eu esqueci Julian e pensei só em Ciarán.

Quando o dia começou a amanhecer, senti algo que nunca havia sentido durante o sexo. Algo mais do que desejo ou a frenética urgência do orgasmo. Senti ternura, amizade e felicidade, e tudo isso por um estranho, tudo por um homem cujo nome verdadeiro eu decerto não sabia.

Por fim, ele olhou para mim e sorriu, sacudindo a cabeça com aquela conhecida expressão de pesar. “Melhor eu ir”, disse.

“Pode ficar”, sugeri, surpreso ao ouvir as palavras saírem da minha boca. “Deixe para ir embora de manhã, quando o meu companheiro de apartamento estiver tomando banho. Ninguém vai perceber.”

“Não posso”, disse ele, saindo da cama, e eu fiquei ali vendo-o recolher a roupa espalhada no chão e misturada com a minha. “Logo a minha mulher vai estar à minha espera. Pensa que eu estou no turno da noite.”

Com uma dor no coração, eu me lembrei que havia sentido a aliança de ouro na sua mão esquerda nas minhas costas quando Ciarán me abraçou e não dera a mínima para isso. Ele era casado. Claro que era. E, vendo-o abotoar a camisa e procurar os sapatos, percebi que a revelação nada significava para ele.

“Faz tempo que você mora aqui?”, perguntou enquanto se vestia, pois o silêncio era pior que qualquer outra coisa.

“Mais ou menos.”

“É bem legal”, disse ele antes de parar e olhar para as paredes. “É impressão minha ou essa rachadura parece o curso do rio Shannon nas Midlands?”

“É o que eu sempre achei. Pedi à proprietária que consertasse, mas ela diz que é muito caro e que está aí desde sempre e não faz mal a ninguém.”

Voltei a me deitar, puxando os lençóis até o pescoço para esconder a minha nudez, e quis que ele parasse de falar e fosse embora.

“Escute, a gente pode repetir a dose um dia desses se você quiser”, sugeriu Ciarán já a caminho da porta.

“Não posso”, disse eu, repetindo uma frase dele. “Lamento.”

“Sem problema”, respondeu com um dar de ombros. Não tinha sido mais que uma trepada para ele, provavelmente uma de muitas. Haveria outra na noite seguinte, e outra no fim de semana, e mais outra na outra semana. Pouco depois ele se foi e uma parte de mim estava se lixando caso Albert, a sra. Hogan ou o seu filho cego abrissem as respectivas portas e dessem com Ciarán saindo, mas não houve nenhum tumulto lá embaixo e, ao que tudo indicava, ele escapara despercebido.

NÃO HÁ HOMOSSEXUAIS NA IRLANDA

Alguns dias depois, marquei consulta com um médico. Chamava-se dr. Dourish e tinha consultório em uma fileira de casas de tijolo em Dundrum, uma parte da cidade que eu não conhecia bem. Havia vários médicos de algum modo ligados ao funcionalismo público e cujos honorários eram módicos, mas, desconfiado da solidez das regras da profissão na Irlanda católica, eu estava nervoso com a ideia de me expor — literal e metaforicamente — a alguém que pudesse revelar o meu segredo para os meus empregadores. Esperava que ele fosse jovem e solidário com a minha situação e fiquei decepcionado ao ver que tinha mais de sessenta anos, estava prestes a se aposentar e

era tão amável quanto um adolescente quando é acordado para ir à escola numa manhã de segunda-feira. Fumou cachimbo durante toda a consulta, tirando fragmentos de fumo dos dentes amarelados e depositando-os no cinzeiro da mesa, o qual, aparentemente, fazia tempo que ninguém esvaziava. A cruz de santa Brígida na parede me desanimou um pouco, para não falar na imagem do Sagrado Coração atrás da mesa, com uma lâmpada tremeluzente que lhe dava um aspecto meio fantasmagórico.

“Sr. Sadler, certo?”, perguntou ele, pegando a ficha que a sua secretária havia separado e para a qual, naturalmente, eu dera um nome falso.

“Certo”, disse eu. “Tristan Sadler. É o meu nome. Sempre foi, desde o dia em que nasci.”

“E o que eu posso fazer pelo senhor hoje?”

Desviei a vista, olhando para a maca junto a uma das paredes, na qual desejei me deitar, como um paciente psiquiátrico, enquanto ele ficava atrás de mim. Queria contar os meus infortúnios sem ter de ver as suas expressões faciais. O asco inevitável.

“Será que eu posso me deitar?”, perguntei.

“Por quê?”

“Eu prefiro.”

“Não”, disse ele, sacudindo a cabeça. “Essa maca não é para os pacientes. É para a minha soneca da tarde.”

“Certo. Então eu fico aqui mesmo.”

“Faça o favor.”

“Quero conversar com o senhor”, disse eu. “Acho que há algo errado comigo.”

“Ora essa, claro que há. Do contrário o senhor não estaria aqui. Do que se trata?”

“É um pouco delicado.”

“Ah”, fez ele, sorrindo e balançando a cabeça. “Qual é a sua idade, Tristan?”

“Vinte e um.”

“Por acaso é um problema de natureza íntima?”

“É.”

“Eu já imaginava. Pegou uma doença, não é? As mulheres desta cidade são um inferno, caso você queira saber. Umas cadelinhas imundas, todas elas. Nós não devíamos ter dado para elas o direito de voto, não devíamos. Isso meteu umas ideias na cabeça delas.”

“Não”, respondi. É claro que eu havia pegado uma ou duas doenças ultimamente, mas tinha outro médico, no Northside, que eu

consultava nessas ocasiões e que sempre prescrevia algo que resolvia logo o problema. “Não, não é bem isso.”

“Muito bem”, suspirou ele. “Então o que é? Desembuche, rapaz.”

“Eu acho... Acontece, doutor, que eu não me desenvolvi da maneira como devia.”

“Não estou entendendo.”

“Acho que eu quero dizer que não me interesso pelas garotas como devia. Como os outros rapazes da minha idade se interessam.”

“Compreendi”, disse ele, deixando de sorrir. “Ora, isso também não é tão anormal como você talvez pense. Alguns rapazes se desenvolvem mais devagar. Quer dizer então que não é uma grande prioridade para você? Eu me refiro ao bom e velho sexo.”

“É uma prioridade enorme. Provavelmente a maior de todas. Eu penso em sexo o dia inteiro, desde o minuto em que acordo de manhã até o minuto em que vou para a cama. E, quando durmo, sonho com sexo. Às vezes, sonho que estou dormindo e sonhando com sexo dentro do meu sonho.”

“Então qual é o problema?”, perguntou ele, e eu vi que estava ficando frustrado com a minha confusão. “Não consegue arranjar namorada, é isso? Você não é tão feio assim. Tenho certeza de que há um monte de garotas querendo namorar com você. Você é tímido, é isso? Não sabe conversar com elas?”

“Eu não sou tímido”, disse eu, agora já dominando a voz e decidido a contar tudo: as consequências que se danassem.

“Acontece que eu tenho namorada, caso lhe interesse saber. Mas o problema é que não quero namorada nenhuma. Não é de garotas que eu gosto, entende? Eu gosto é de garotos.”

Seguiu-se um longo silêncio durante o qual não tive coragem de olhar para ele, preferindo contemplar o tapete sob os meus pés e os lugares em que estava desgastado pela quantidade de pessoas que se sentaram no mesmo lugar durante anos, arrastando os sapatos para a frente e para trás na ansiedade, na tristeza ou na depressão. O silêncio se prolongou tanto que eu receei que o dr. Dourish tivesse morrido de choque e que agora eu fosse carregar mais um cadáver na consciência. Mas, enfim, ouvi-o empurrar a cadeira para trás e ergui a vista quando ele foi até um armário, destrancou-o e tirou um pacotinho da prateleira superior. Tornou a fechar e a trancar a porta e se sentou, colocando o misterioso objeto na mesa entre nós.

“Em primeiro lugar”, disse o dr. Dourish, “não pense que você está sozinho na sua aflição. Sempre houve muitos rapazes com sentimentos parecidos ao longo dos anos, desde a Grécia Antiga até

hoje. Perversos, degenerados e tarados existem desde a aurora dos tempos, portanto não pense nem um instante que você seja especial. Existem até lugares em que é possível se entregar a esses vícios sem que ninguém dê a mínima. Mas de uma coisa importante você precisa se lembrar, Tristan: nada te obriga a ceder a esses desejos nojentos. Você é um irlandês católico bom, decente e... você é católico, não?”

“Sou”, disse eu, embora não praticasse religião nenhuma.

“Ótimo. Pois é, infelizmente, você sofre de uma doença terrível. Coisa que acontece com qualquer um, por acaso, sem nenhum motivo evidente. Mas não pense nem um instante que você seja homossexual, porque não é.”

Corei um pouco ao ouvir essa palavra temível e proibida, praticamente nunca pronunciada na sociedade educada.

“Sim”, prosseguiu ele, “é verdade que há homossexuais no mundo inteiro. A Inglaterra tem muitos. A França está cheia deles. Eu nunca estive nos Estados Unidos, mas imagino que lá sejam muito mais do que se calcula. Parece que isso não é tão comum na Rússia ou na Austrália, mas é bem provável que eles tenham outra tara repulsiva para compensar. Mas de uma coisa você precisa se lembrar: *não há homossexuais na Irlanda*. Você pode ter posto na cabeça que é, mas está enganado, nada mais simples. Você está redondamente enganado.”

“As coisas não são tão simples, doutor”, murmurei com cuidado. “Eu realmente acho que sou.”

“Mas será que você não ouviu o que eu disse?”, perguntou ele, sorrindo para mim como se eu fosse um boçal. “Não acabei de falar que não há homossexuais na Irlanda? E, se não há homossexuais na Irlanda, como é que você pode ser homossexual?”

Refleti um pouco, fazendo o possível para entender a lógica do seu argumento.

“Diga”, continuou ele. “Afinal, o que o leva a pensar que é um deles? Quer dizer, um desses veados imundos.”

“Muito simples”, respondi. “Eu sinto atração tanto física quanto sexual por homens.”

“Ora, é claro que isso não faz de você um homossexual”, disse ele, abrindo largamente as mãos num gesto de aceitação.

“Não?”, perguntei, um tanto perplexo. “Pensei que fizesse.”

“De jeito nenhum, de jeito nenhum”, insistiu ele, sacudindo a cabeça. “Você simplesmente anda vendo muita televisão, só isso.”

“Mas eu não tenho televisor.”

“Vai ao cinema?”

“Vou.”

“Com que frequência?”

“Uma vez por semana, por aí.”

“Pois é quase a mesma coisa. Qual foi o último filme que você viu?”

“*Alfie*.”

“Esse eu não conheço. É bom?”

“Eu gostei”, respondi. “Mary-Margaret disse que era asqueroso e que Michael Caine devia ter vergonha de si próprio. Disse que ele era um encardido sem amor-próprio.”

“Quem é Mary-Margaret?”

“A minha namorada.”

Ele riu de novo e, inclinando-se, tornou a encher o cachimbo e o acendeu com uma série de pequenas baforadas enquanto o fumo ia do rubro ao preto e então ao rubro outra vez. “Você não ouve a si mesmo, Tristan?”, disse. “Se tem namorada, definitivamente não é homossexual.”

“Mas eu não gosto da minha namorada”, frisei. “Ela é muito crítica e fala mal de tudo e de todos. Vive dizendo o que eu devo fazer e manda em mim como se eu fosse um cachorro. E, quando olho para ela, nunca a acho bonita. Não posso nem imaginá-la sem roupa. Quando a beijo, fico com vontade de vomitar. E, às vezes, olho para ela e desejo que arranje outro cara e me dê um pé na bunda para que não tenha de ser eu. Além disso, ela tem cheiro ruim. Diz que se lavar com muita frequência é sinal de orgulho.”

“Mas todos nós sentimos esse tipo de coisa pelas mulheres”, disse o dr. Dourish, dando de ombros. “Já perdi a conta das vezes que tive vontade de pôr uma coisa no chocolate quente da sra. Dourish à noite para que ela não acordasse de manhã. E eu tenho acesso a todo o necessário. Posso escrever uma receita de veneno e nenhum júri deste país a questionaria. Mas isso não faz *de mim* um homossexual, faz? Como seria possível? Eu adoro Judy Garland, Joan Crawford e Bette Davis. Nunca perco um filme delas.”

“Eu só quero que isso acabe”, disse eu, elevando a voz de frustração. “Quero parar de pensar em homens, e ser como todos os outros rapazes.”

“Motivo pelo qual você veio me consultar. E eu tenho o prazer de dizer que você veio ao lugar certo, porque eu posso te ajudar.”

Um pouco mais animado, eu o encarei cheio de esperança. “Pode mesmo?”, perguntei.

“Claro que posso”, respondeu ele, apontando com o queixo para o

pacotinho que havia colocado na mesa entre nós. “Seja um homem bom e abra essa caixa.”

Eu obedeci e dei com uma seringa pequena com uma agulha mais ou menos do tamanho do meu dedo indicador.

“Sabe o que é isso?”, perguntou o dr. Dourish.

“Sei. Uma seringa.”

“Isso mesmo. Agora eu quero que você confie em mim, está bem? Me passe aqui.” Eu a entreguei e ele apontou para a maca. “Vá até lá e sente na beirada.”

“O senhor não disse que ela não é para os pacientes?”

“Eu abro uma exceção para os degenerados. Mas tire a calça antes.”

Fiquei ansioso com o que estava por acontecer, mas obedeci, descendo a calça até os tornozelos e me sentando no lugar que ele tinha indicado. O dr. Dourish se aproximou, segurando a seringa com a mão direita de modo um tanto ameaçador.

“Agora tire a cueca.”

“Melhor não”, disse eu.

“Faça o que eu mando, do contrário não posso te ajudar.”

Vacilei, constrangido e nervoso, mas enfim obedeci e tentei não olhar para ele, ali sentado, nu da cintura para baixo.

“Agora”, disse o médico, “eu vou dizer alguns nomes e quero que você reaja a eles da maneira que te parecer natural, está bem?”

“Está bem.”

“Bing Crosby”, disse ele, e eu não me mexi, fiquei olhando para a parede em frente, pensando na noite em que tinha ido assistir a uma reprise de *Alta sociedade* com Mary-Margaret no cine Adelphi, na Abbey Street. Ela o detestou do começo ao fim, perguntando que vadia imunda se divorciava de um homem por causa de outro e depois voltava para o primeiro no dia do seu segundo casamento. Aquilo era falta de convicção moral, afirmou. Coisa absolutamente fora do seu padrão.

“Richard Nixon”, disse então o dr. Dourish, e eu fiz uma careta. Diziam que Nixon ia de novo se candidatar à presidência em 1968 e eu esperava que não fosse verdade. Ver a cara dele no jornal toda manhã me faria perder a vontade de tomar o café.

“Warren Beatty”, disse ele, e desta vez o meu rosto se iluminou. Eu adorava Warren Beatty desde o dia em que o vi contracenar com Natalie Wood em *Clamor do sexo*, alguns anos antes, e fui o primeiro da fila quando *A deliciosa viúvinha* estreou no Carlton no ano anterior. No entanto, antes que eu pudesse contemplar um pouco mais a sua

beleza, dei comigo pulando da maca numa agonia inesperada, tropeçando nos meus próprios pés já que a calça arriada conspirava para me derrubar, e caí no chão, retorcendo-me de dor e agarrando o meu saco. Quando finalmente me atrevi a tirar as mãos de lá, vi nele uma pequena mancha vermelha que não existia segundos antes.

“O senhor me espetou!”, gritei, olhando para o dr. Dourish como se ele fosse maluco. “Espetou as minhas bolas com essa seringa!”

“Espetei, de fato”, reconheceu ele, curvando-se um pouco como para aceitar palavras de gratidão. “Agora levante, Tristan, para que eu repita a dose.”

“Isso eu não faço”, disse eu, levantando-me com dificuldade e tentando decidir se era melhor dar um murro na cara dele ou simplesmente sair correndo. Devia estar engraçadíssimo de pé no centro do consultório, o pinto de fora, a calça baixada e a cara vermelha de cólera.

“Você não quer que eu te cure?”, perguntou ele num tom benevolente, paternalista, alheio à minha óbvia aflição.

“Quero. Mas não assim. Isso dói muito!”

“Mas é a *única* maneira. Nós vamos treinar o seu cérebro para que associe o seu tesão por homem a uma dor muito intensa. Assim você não se permitirá ter essas ideias repugnantes. Pense no cachorro de Pavlov. É o mesmo princípio.”

“Não conheço esse Pavlov e muito menos o cachorro dele, mas, a não ser que um dos dois tenha levado uma agulhada no saco, duvido que imaginem o que eu estou sentindo.”

“Tudo bem”, disse o dr. Dourish, encolhendo os ombros. “Continue com as suas fantasias sórdidas. Leve uma vida dominada por ideias nojentas e imorais. Seja um pária até o fim da vida. A escolha é sua. Mas não esqueça, você veio pedir ajuda e eu a estou oferecendo. Cabe a você aceitá-la ou não.”

Fiquei pensativo e, à medida que a dor diminuía, fui voltando devagar — muito devagar — à maca e me sentei, tremendo e quase chorando. Agarrei a borda da maca e fechei os olhos.

“Muito bem”, disse o médico. “Vamos tentar outra vez. O papa Paulo VI.”

Nada.

“Charles Laughton.”

Nada.

“George Harrison.”

E, se havia clientes esperando a vez na sala de espera, tenho certeza de que saíram correndo quando ouviram os meus gritos

perfurarem a argamassa e ameaçarem derrubar as paredes. Meia hora depois, quando saí tropeçadamente, quase sem poder andar e com as bochechas banhadas de lágrimas, o consultório estava deserto. A única pessoa presente era a secretária do dr. Dourish, que estava escrevendo um recibo.

“São quinze centavos”, disse, entregando-me o papel, e eu, cuidadosamente — mas muito mesmo —, enfiei a mão no bolso para pegar o dinheiro. Porém, no mesmo instante a porta do consultório se abriu e, com medo de que o médico saísse gritando para mim “Harold Macmillan! Adolf Hitler! Tony Curtis!”, eu me perguntei se não era melhor fugir.

“Três centavos extras pela seringa, Annie”, disse o dr. Dourish. “O sr. Sadler vai levar uma.”

“Dezoito centavos então”, cobrou a moça, e eu pus o dinheiro na mesa e saí, mancando, contente por respirar o ar fresco de Dundrum. A caminho do shopping, vi um banco na rua e me sentei, tentando encontrar uma posição confortável e mergulhando a cabeça nas mãos. Um jovem casal, a mulher apresentando os primeiros sinais de gravidez, parou ao me ver e perguntou se eu estava passando mal, se precisava de alguma coisa.

“Eu estou bem. Obrigado.”

“Você não parece nada bem”, insistiu a moça.

“É que não estou mesmo. Um homem espetou uma agulha no meu saco umas vinte vezes no espaço de uma hora. E dói como o diabo.”

“Eu imagino”, disse o marido com indiferença. “Espero que você não tenha pagado esse tipo de tratamento.”

“Paguei dezoito centavos.”

“Com esse dinheiro, você podia ter tido uma noite bem divertida se tomasse cuidado”, disse a mulher. “Precisa de um médico? Ali adiante tem um, caso...”

“Foi um médico que me espetou a agulha”, expliquei. “Eu preciso é de um táxi, só isso. Quero ir para casa.”

“Helen”, pediu o homem. “Fique de olho num táxi. O coitado mal pode ficar de pé.” E, assim que ela se virou e ergueu a mão, um carro se aproximou e parou.

“Ninguém merece passar por isso”, disse a mulher quando me sentei no banco traseiro. Tinha uma cara boa e, no íntimo, fiquei com vontade de chorar no seu ombro e de falar no meu sofrimento. “Seja o que for que você tenha, não se preocupe. No fim, tudo vai dar certo.”

“Quem me dera ter tanta certeza”, respondi, fechando a porta quando o táxi partiu.

Algumas semanas depois, o ministro foi pego de calça arriada.

Homem supostamente feliz no casamento, levava a mulher e os filhos à missa todo domingo e depois era visto à porta da igreja, fizesse frio ou calor, apertando a mão dos eleitores e prometendo encontrar-se com todos eles no jogo da Associação Atlética Gaélica na semana seguinte. *TD* de outra região do país, ele passou o fim de semana em Dublin e, no começo da madrugada de domingo, foi surpreendido no seu carro sendo chupado por um viciado em drogas de dezesseis anos que, naquele mesmo dia, tinha sido posto em liberdade depois de passar seis meses na casa de correção de adolescentes de Finglas por delito contra a ordem pública. O ministro foi detido e levado à delegacia da Pearse Street, onde se recusou a se identificar e procedeu à costumeira rotina de exigir o número da credencial dos policiais, garantindo que todos estariam desempregados no fim daquele dia. Quando tentou ir embora, foi jogado numa cela, onde ficou mofando.

A polícia não precisou de mais que uma hora para identificá-lo. Um *garda* novato, incumbido de servir chá aos detidos no depósito de bêbados, deu uma olhada no rosto gordo e suado do ministro, reconheceu-o dos noticiários noturnos e foi informar o sargento, que, tendo aversão pelo governo em exercício, sem alarde telefonou para um amigo jornalista. Quando ele foi solto, depois de ser processado e pagar fiança, o circo já estava armado do lado de fora na forma de uma torrente de perguntas, acusações e cliques dos obturadores das câmeras.

Quando cheguei ao ministério na manhã seguinte, a imprensa estava estacionada na Marlborough Street e, ao entrar no escritório, dei com a srta. Joyce, a srta. Ambrosia e o sr. Denby-Denby totalmente envolvidos com o drama.

“Ah, finalmente, sr. Avery”, disse a srta. Joyce quando pus a minha pasta na mesa. “Por que chegou tão tarde?”

“Mas são pouco mais de nove horas”, repliquei, consultando rapidamente o relógio. “Por quê? O que aconteceu?”

“O senhor não soube?”

Sacudi a cabeça e a srta. Joyce fez o possível para explicar, usando todos os eufemismos conhecidos pelo homem para evitar dizer as palavras necessárias, porém, quanto mais ela se agitava, menos sentido fazia o que ela dizia e, enfim, o sr. Denby-Denby ergueu as mãos em desespero de causa e interferiu para esclarecer as coisas.

“Um *garda* bateu na janela do carro dele”, disse em voz alta para

que não houvesse confusão quanto ao acontecido, “e encontrou os dois lá dentro de calça arriada e o garoto com o pau do ministro enfiado na boca. Ele não tem como sair dessa. A história vai esguichar para todo lado. Sem trocadilho.”

Fiquei boquiaberto, num misto de incredulidade e diversão, e talvez tenha tido o azar de ainda estar com a boca em forma de O quando o próprio ministro entrou, pálido, suado e petulante. Apontou o dedo para mim e urrou:

“Você aí! Como é mesmo o seu nome?”

“Avery. Cyril Avery.”

“Está querendo bancar o engraçadinho, Avery?”

“Não, senhor. Desculpe.”

“Eu vou te dizer uma coisa: já ouvi piadas suficientes por hoje e é bem provável que dê um murro no nariz do próximo idiota que vier com graça. Entendeu?”

“Sim, senhor”, respondi, olhando para os meus sapatos e fazendo um esforço supremo para não cair na gargalhada.

“Srta. Joyce”, disse ele, voltando-se para a nossa suposta chefe. “Em que pé estão as coisas agora? A senhora já soltou alguma nota? Nós temos de nos adiantar antes que isso fique fora de controle.”

“Eu redigi um esboço”, respondeu ela, pegando uma folha de papel na mesa. “Mas não sabia ao certo que tom o senhor queria adotar. E a srta. Ambrosia terminou a declaração da sua esposa.”

“Leia-a para mim”, ordenou ele.

A srta. Ambrosia se levantou, limpou a garganta como se estivesse se preparando para um teste e leu em voz alta o texto escrito na sua caderneta.

“O ministro e eu somos casados há mais de trinta anos e, nesse tempo todo, nunca tive motivo para questionar a sua lealdade, o seu catolicismo profundo nem o seu amor inabalável pelas mulheres. O ministro sempre foi apaixonado pela forma feminina.”

“Ah, pelo amor de Deus”, rugiu ele, precipitando-se para a janela, olhando a multidão aglomerada lá embaixo na rua e tratando de recuar antes que o vissem. “Você não pode dizer uma coisa dessas, sua vaca idiota. Quer que eu passe por mulherengo? Como se eu não conseguisse manter o meu negócio dentro da calça.”

“Ora, não consegue mesmo”, interveio o sr. Denby-Denby. “E pare de xingar a srta. Ambrosia, ouviu? Isso eu não vou tolerar.”

“Cale a boca você”, rosnou o ministro.

“Nesse tempo todo”, continuou a srta. Ambrosia, editando a si mesma enquanto lia, *“nunca tive motivo para questionar a sua lealdade*

nem a sua virilidade.”

“Nossa, ficou pior ainda! Por acaso você sabe o que é virilidade? A julgar pela sua cara, eu diria que sabe muito bem.”

“Olha só quem fala”, disse a srta. Ambrosia, voltando a se sentar. “Pelo menos eu não saio por aí chupando o pau de garotinhos.”

“Eu não chupei pau nenhum!”, gritou ele. “Se chuparam o pau de alguém, foi o meu. Se bem que, é claro, não fui eu, isso jamais aconteceu.”

“Excelente formulação”, disse o sr. Denby-Denby. “Sem dúvida alguma, nós temos de pôr isso no comunicado à imprensa. *Eu não chupo pau de adolescentes. Eles é que chupam o meu.*”

“Aqui tem alguém que saiba escrever?”, indagou o ministro, olhando-nos um por um e desconsiderando essa última observação. “Este aqui, presumivelmente, é o Ministério da Educação, não é? Será que alguém aqui *tem* um mínimo de escolaridade?”

“Ministro”, disse a srta. Joyce, recorrendo ao tom de voz que costumava empregar quando estava tentando pôr panos quentes. Desconfio que recorreu a ele muitas e muitas vezes nas décadas que trabalhou lá. “Diga o que o senhor quer que façamos e pronto. Afinal, é para isso que estamos aqui. Mas precisamos que o senhor nos oriente. Afinal, é para isso que o senhor está aqui.”

“Está bem”, concordou ele, momentaneamente apaziguado e sentando-se à mesa no centro da sala antes de tornar a se levantar feito um homem com um sério problema de hemorroidas. “Vamos começar pelo começo. Eu quero que o *garda* que me prendeu vá em cana e seja expulso da corporação imediatamente. Sem apelos, sem férias não usufruídas, sem pensão. Fale com o Lenihan, no Ministério da Justiça, e diga que eu quero isso feito antes da hora do almoço.”

“Mas com que acusação?”

“A detenção ilegal de um ministro de Estado”, gritou ele com o rosto vermelho de fúria. “E quero que todo mundo que trabalha na delegacia da Pearse Street seja suspenso até que apuremos quem vazou a história para a imprensa.”

“Senhor, o ministro da Justiça não é subordinado ao ministro da Educação”, lembrou ela calmamente. “O senhor não pode mandá-lo fazer isto ou aquilo.”

“O Brian vai fazer o que eu pedir. Nós temos uma longa trajetória juntos. Ele vai me apoiar, sem problema.”

“Não tenho tanta certeza de que seja assim”, disse a srta. Joyce. “Aliás, o primeiro comunicado que eu recebi esta manhã foi justamente da minha homóloga no Ministério da Justiça, que deixou

claro que o sr. Lenihan não vai atender nenhum telefonema seu.”

“Aquele bastardo de merda!”, gritou ele, batendo em uma pasta de arquivo na minha mesa e espalhando no chão umas trezentas páginas de memorandos ministeriais. “Então a senhora tem de ir lá e resolver o problema pessoalmente, está ouvindo? Diga que eu tenho lama suficiente para enterrá-lo se ele não fizer o que peço.”

“Eu não posso fazer isso, senhor”, disse ela com firmeza. “É contra todo o protocolo. E, na qualidade de funcionária pública, é claro que não posso participar de nenhuma sugestão de chantagem entre os membros do gabinete.”

“Eu estou cagando para o seu protocolo de merda, ouviu? Ou a senhora faz o que eu mando, ou no fim do dia também vai acabar na rua. E este é o texto que eu quero divulgar: o rapazinho no carro não passava de um filho de um velho amigo e estava passando por uma fase difícil. Eu me encontrei com ele por acaso, dei-lhe carona e parei na Winetavern Street para discutir a possibilidade de arranjar para ele uma colocação de garçom na Leinster House. Quando estávamos conversando, ele deixou cair o cigarro no assoalho e simplesmente se curvou para apanhá-lo para evitar que o carro inteiro pegasse fogo. Ouso dizer, foi um ato heroico e o rapaz devia ser condecorado.”

“E, durante esse ato heroico”, acrescentou o sr. Denby-Denby, “a sua calça caiu, a do garoto também, e a sua piroca ficou misteriosamente entalada na goela dele. Nada mais lógico. Não sei como alguém pode questionar uma explicação como essa.”

“Você. Fora daqui!”, urrou o ministro, apontando para o sr. Denby-Denby e estalando os dedos. “Fora daqui, ouviu? Está demitido.”

“O senhor não pode me demitir”, replicou o sr. Denby-Denby, levantando-se com grande dignidade e colocando o seu jornal dobrado debaixo do braço. “Eu sou funcionário público. Fico aqui até morrer, com a ajuda de Deus. Mas agora vou tomar um chá e comer alguma coisa e o deixo aqui vendo se dá um jeito de sair dessa enrascada, porque, sinceramente, é impossível aguentar tanto disparate. Mas uma coisa é certa, querido: de nós dois, eu sou o único que continuará empregado no fim do dia.”

O ministro viu-o sair e cheguei a rezear que fosse saltar sobre o sr. Denby-Denby e bater a cabeça dele no chão, mas o coitado tinha ficado sem fala. Com toda a certeza, fazia muito tempo que ninguém lhe dirigia a palavra daquele modo. A srta. Ambrosia e eu nos entreolhamos e tivemos de morder o lábio para não cair na risada.

“Se vocês disserem uma palavra...”, ameaçou o ministro,

apontando para nós, e nós dois nos sentamos depressa às respectivas mesas e baixamos a cabeça.

“Ministro”, disse a srta. Joyce calmamente, conduzindo-o de volta à mesa do centro da sala. “Nós podemos divulgar o comunicado que o senhor quiser, podemos dizer o que o senhor quiser que digamos, mas agora o mais importante é o senhor mostrar arrependimento ao eleitorado e procurar não parecer ainda mais ridículo do que já é. O seu assessor político é que devia lhe dizer isso, não eu.”

“Como?”, indagou ele, estupefato com tanta insolência.

“O senhor me ouviu muito bem. Ninguém vai acreditar na história absurda que acaba de inventar. Pelo menos ninguém que tenha um mínimo de massa cinzenta na cabeça, de modo que imagino que alguns dos seus colegas talvez acreditem. Mas garanto que o *taoiseach* o expulsará da Câmara se o senhor tentar seguir esse rumo. É isso que o senhor quer? Arruinar definitivamente a sua carreira política? Pode ser que o público acabe perdendo e esquecendo com o tempo, mas o sr. Lemass nunca. Se o senhor quiser ter a esperança de retorno no futuro, a única saída é se retirar agora, antes que o ponham na rua. Acredite, o senhor ainda vai me agradecer.”

“Ouça só o que você está dizendo”, disse ele com a voz carregada de desprezo. “Acha que agora pode me dizer o que bem entender, não é? Pensa que sabe tudo.”

“Não, ministro, eu estou longe de saber tudo”, retrucou ela. “Mas sei o bastante para não cometer a loucura de pagar um garoto menor de idade e com certeza profundamente fragilizado para fazer sexo oral comigo numa via pública na calada da noite. Pelo menos isso eu sei.” Levantou-se, voltou para a sua mesa e, ao se sentar, olhou para ele como se estivesse surpresa com a sua insistência em ficar lá. “Agora, ministro, se não houver mais nada que tratar aqui, sugiro que o senhor não espere nem um minuto para ir ao gabinete do *taoiseach*. Nós temos muito que fazer. Precisamos nos preparar para a chegada do seu sucessor ainda hoje.”

Ele olhou à sua volta com desânimo, o rosto pálido, o nariz vermelho vibrante, e talvez tenha entendido que estava liquidado. Saiu calado e, minutos depois, o sr. Denby-Denby voltou com um mil-folhas e uma xícara de café. “Quem vocês acham que vai ser o próximo?”, perguntou, os acontecimentos dos últimos sessenta minutos já reduzidos a uma mera nota de rodapé nas suas memórias. “Não há de ser Haughey, né? Esse homem me dá nos nervos. Sempre parece que acabou de enterrar cadáveres nos morros de Dublin.”

“Sr. Avery”, disse a srta. Joyce ignorando o comentário e virando-

se para mim. “O senhor faz o favor de ir à Leinster House e ficar de olho nos acontecimentos para mim? Se souber de alguma coisa, telefone. Vou passar o dia todo aqui.”

“Pois não, srta. Joyce”, assenti, pegando o meu casaco e a pasta, contente em ir à Dáil, o verdadeiro palco da ação. No entanto, embora no começo tivesse achado aquilo divertido, fiquei dividido quando ia pela O’Connell Street e contornava os muros do Trinity College. Por um lado, nunca gostara do ministro, que sempre me tratava com muito desdém, mas, por outro, sabia como qualquer um o quanto devia ter sido difícil para ele esconder as suas verdadeiras propensões. Durante quanto tempo havia mentido para a esposa, para os amigos e parentes, para si próprio? Ele tinha mais de sessenta anos; isso significava uma vida inteira.

Na Leinster House, havia TDs e assessores aglomerados em todos os corredores e em todos os cantos, cochichando, mexericando como lavadeiras. Em toda parte, eu ouvia as pessoas usarem palavras como *pederasta*, *bicha* e *morde-fronha*. A atmosfera era de animosidade feroz, sendo que cada homem tratava de se dissociar do colega, deixando claro que, para começo de conversa, nunca tinham sido amigos de um pervertido como aquele e que até planejavam propor a exclusão do seu nome nas eleições seguintes. No corredor em que os retratos de William T. Cosgrave, Éamon de Valera e John Costello olhavam para mim com farisaico desprezo, avistei o secretário de imprensa do *taoiseach* vindo em minha direção, incandescente de raiva depois daquela que, como era fácil imaginar, havia sido uma manhã inteiramente dedicada a se esquivar dos jornalistas. Passou por mim antes de parar, dar meia-volta e me encarar.

“Você aí”, grunhiu. “Eu te conheço, não?”

“Creio que não”, respondi, muito embora tivéssemos nos encontrado em pelo menos uma dezena de ocasiões.

“Conheço, sim. Você não é do Ministério da Educação? Avery, se não me engano.”

“Exatamente, *sir*.”

“Onde ele está? Veio com você?”

“Voltou à Marlborough Street”, respondi, imaginando que ele estivesse se referindo ao primeiro-ministro.

“Com a calça arriada até os tornozelos, imagino.”

“Não”, disse eu, sacudindo a cabeça. “Ele estava com a calça bem presa na cintura quando o vi há uma hora. Mas agora ela pode estar em qualquer lugar, suponho.”

“Você resolveu bancar o engraçado, Avery?”, perguntou ele,

aproximando tanto o rosto do meu que eu cheguei a sentir o seu hálito rançoso de cigarro e uísque e um fedor de chips de queijo e cebola. Um grupo se aglomerara para nos observar, sentindo um drama potencial. *Este é um grande dia*, dizia a expressão deles. *Um monte de coisa acontecendo!* “Que casaco é esse que você está usando? De que cor é, cor-de-rosa?”

“Na verdade, é bordô”, disse eu. “Comprei na Clerys. Estava pela metade do preço na promoção.”

“Oh, você comprou na Clerys?”, sorriu ele, olhando para os espectadores em busca de estímulo e tentando me ridicularizar.

“Sim, comprei.”

“Imagino que ele mesmo o contratou, não foi? O ministro? Uma entrevista no sofá dele com a porta trancada? Os dois brincando de esconder a salsicha?”

“Não, senhor”, respondi, corando com a insinuação. “Eu arranjei o emprego através de uma conhecida. A terceira mulher do meu pai adotivo, agora separada dele. Ela trabalhava aqui e...”

“Do seu o quê?”

“Do meu pai...”

“Você também é, não é?”, perguntou ele. “Eu sempre acerto na mosca.”

“Sou o quê, *sir*?”, perguntei, enrugando a testa.

“Um boiolo fedorento. Exatamente como o seu chefe.”

Engoli em seco e olhei para as trinta ou quarenta pessoas que nos observavam, secretários parlamentares, *TDs*, ministros e então, detendo-se ao passar para saber o motivo da comoção, o *taoiseach* em pessoa, Seán Lemass. “Não, senhor”, sussurrei. “Aliás, eu tenho namorada. Mary-Margaret Muffet. Trabalha no setor de câmbio do Bank of Ireland, College Green, e vai toda manhã tomar chá no café Switzer’s.”

“Claro, até Oscar Wilde tinha mulher. Todos eles fazem isso para que ninguém desconfie. A farra é grande o tempo todo no Ministério da Educação, não? Sabe o que eu faria com todos os veados se pudesse pegá-los? Faria o que Hitler fez. Você pode dizer o que quiser do homem, mas ele teve algumas ideias boas. Cercar, prender e então enfiar todos os caras na câmara de gás.”

Comecei a sentir um misto de raiva e humilhação formar-se na boca do estômago. “Isso não é coisa que se fale”, disse. “O senhor devia se envergonhar.”

“Ah, devia, é?”

“Sim. Devia.”

“Ah, vá se foder.”

“Vá se foder você”, gritei, decidido a não tolerar mais tanto abuso. “E escove os dentes, pelo amor de Deus, se quiser ficar tão perto de alguém, seu pentelho velho e gordo. O seu bafo asqueroso dá vontade de vomitar.”

“O que você disse?”, perguntou o secretário de imprensa, olhando para mim com assombro.

“Eu disse”, respondi em voz mais alta agora, incentivado pelo que me pareceu ser a aprovação da multidão. “Escove os dentes se quiser ficar...”

Não cheguei ao fim da frase, pois fui derrubado por um rápido soco na cabeça, e anos de raiva se acumularam dentro de mim quando me levantei, o punho direito cerrado para esmurrá-lo. Mas ele se esquivou a tempo e, em vez de lhe acertar o queixo, que era o meu alvo, arrebentei os nós dos dedos num pilar atrás de mim e deixei escapar um ganido de dor. Enquanto eu massageava a mão e girava para uma segunda tentativa, ele tornou a me bater, bem acima do olho direito, e cheguei a ver dinheiro mudando de mãos entre os TDs.

“Eu aposto três por um no rapaz”, disse um deles.

“Dez por um seria mais justo. Claro, olhe para ele, já está quase nocauteado.”

“Afaste-se dele!”, disse uma voz vinda do nada, uma voz de mulher, e a gerente do salão de chá apareceu, abrindo caminho na multidão tal como Moisés ao separar as águas do mar Vermelho. “O que está acontecendo aqui?”, gritou com a autoridade de uma pessoa que estava lá havia mais tempo que qualquer um deles e que sabia que logo os eleitores enxotariam todos aqueles homens e ela continuaria no seu posto. “Você, Charles Haughney”, disse, apontando para o ministro da Agricultura, que estava nas laterais, agitando no ar uma nota de uma libra que se apressou a guardar na carteira. “O que vocês todos estão fazendo com esse pobre rapaz?”

“Não se preocupe, srta. Goggin”, ronronou Haughey, avançando um passo e pousando a mão, logo repelida, no braço dela. “É só um pouco de euforia, mais nada.”

“Euforia?”, perguntou ela, erguendo a voz. “Olhe para ele! Está com o supercílio sangrando. E aqui, na sede da democracia parlamentarista. Nenhum de vocês tem vergonha?”

“Acalme-se, minha cara”, disse Haughey.

“Eu vou me acalmar quando você e os seus rufiões saírem deste corredor, está ouvindo? Circulem já, do contrário eu juro que chamo os *gardai* para vocês.”

Ergui a vista e vi o sorriso se desfazer nos lábios de Haughey. A sua expressão era a de quem queria fazer com ela o que o secretário de imprensa havia feito comigo, mas então fechou os olhos durante alguns segundos, procurou recuperar o autocontrole e, quando voltou a abri-los, estava perfeitamente tranquilo.

“Vamos, homens”, disse, voltando-se para o grupo, que parecia disposto a receber ordens dele. “Deixem o garoto em paz. A megera do salão de chá que arrume a bagunça. Na próxima vez que eu te encontrar, querida”, acrescentou, estendendo a mão e segurando com força o queixo da srta. Goggin, lançando perdigotos ao falar, “trate de dobrar a língua. Eu sou um homem paciente, mas não tolero insolência de biscate. Eu sei quem você é e conheço o seu tipo.”

“Você não sabe nada a meu respeito”, disse ela se afastando dele, tentando parecer valente, mas eu percebi a ansiedade na sua voz.

“Eu sei tudo a respeito de todos”, sorriu ele. “É a minha função. Tenha um bom dia.”

Sentado no chão, encostando-me na parede quando eles foram embora, levei a mão à boca, pois sentia gosto de sangue. Quando a afastei, vi que a palma estava vermelha, consequência de um corte no lábio superior.

“Venha comigo”, disse a srta. Goggin, ajudando-me a levantar. “Fique no salão de chá que eu vou cuidar de você. Não precisa se preocupar. Aliás, qual é o seu nome?”

“Cyril.”

“Bom, não se preocupe, Cyril. O salão está vazio, ninguém vai ficar olhando para você. Todos vão ao plenário ouvir o discurso do ministro.”

Fiz que sim e entrei com ela, enquanto eu recordava a tarde, sete anos antes, em que Julian e eu passamos por aquela mesma porta durante a excursão do colégio e ficamos lá tomando canecos de Guinness enquanto ele fingia ser *TD* de qualquer distrito eleitoral de Dublin que lhe passava pela cabeça quando alguém perguntava. E eu tinha certeza de que aquela era a mesma mulher que veio nos dar bronca porque estávamos bebendo álcool e éramos menores de idade, mas acabou repreendendo o padre Squires por ter nos deixado à solta. Sem medo da autoridade, era a segunda vez que ela me mostrava o seu valor.

Eu me sentei a uma mesa à janela e ela voltou pouco depois com um copo de conhaque, uma tigela de água e uma toalha de rosto úmida que usou para limpar o sangue da minha face. “Não precisa se preocupar”, sorriu. “Não passa de um arranhão.”

“Nunca me bateram até hoje”, disse eu.

“Beba isso. Vai fazer bem.” Ao retirar a toalha, olhou-me nos olhos e enrugou um pouco a testa, encostando-se na cadeira como se neles tivesse visto uma expressão familiar, depois sacudiu a cabeça e tornou a mergulhar o pano na tigela. “Afimal, como começou?”

“É essa confusão com o ministro da Educação”, contei. “O secretário de imprensa provavelmente teve uma manhã horrível e estava à procura de alguém em quem desconfiar. Pensou que eu fosse um deles, sabe?”

“Um deles quem?”

“Um homossexual.”

“E você é?”, perguntou ela com a naturalidade de quem estivesse perguntando como estava o tempo lá fora.

“Sou”, respondi, e foi a primeira vez que admiti isso em voz alta a outra pessoa; a palavra me escapou da boca antes que pudesse tentar engoli-la.

“Ora, isso acontece.”

“Eu nunca contei a ninguém.”

“É mesmo? Então por que resolveu contar justo para mim?”

“Não sei. Simplesmente senti que podia, só isso. Que você não se importaria.”

“Me importar por quê? Eu não tenho nada a ver com isso.”

“Por que nos odeiam tanto, afinal?”, perguntei depois de um longo silêncio. “E se eles não são homossexuais, por que se importam tanto quando outra pessoa é?”

“Eu me lembro de um amigo dizendo que nós detestamos aquilo que tememos em nós mesmos”, disse ela com um dar de ombros. “Talvez tenha alguma coisa a ver.”

Eu não disse nada e tomei um trago do conhaque, perguntando-me se valia a pena voltar ao escritório naquela tarde. Tudo indicava que o incidente não demoraria para chegar aos ouvidos da srta. Joyce e, embora tecnicamente nenhum membro do governo pudesse exonerar um funcionário público, sempre havia como contornar essas coisas, de modo que a minha situação era bem mais delicada que a do sr. Denby-Denby ou a do ministro. Quando ergui a vista, vi que a srta. Goggin estava com lágrimas nos olhos e havia tirado o lenço do bolso para enxugá-las.

“Não ligue”, disse, tentando sorrir. “É que eu acho terrível esse tipo de violência. Já vi isso e sei aonde pode levar.”

“Você não conta para ninguém?”, perguntei.

“Contar o quê?”

“O que eu te contei. Que não sou normal.”

“Ah, meu Deus”, disse ela rindo e levantando-se. “Não seja ridículo. Nenhum de nós é normal. Não neste país de merda.”

OS MUFFET

Não contei a Mary-Margaret que havia perdido o emprego — esse não seria absolutamente o seu padrão —, mas tinha tão pouco dinheiro na conta bancária que comecei a me preocupar com o pagamento do aluguel quando chegasse o primeiro dia do mês. Sem querer que Albert me fizesse perguntas incômodas ou que um dos Hogan ficasse com a pulga atrás da orelha ao notar que eu passava o dia em casa, saía do apartamento da Chatham Street toda manhã à hora habitual e ficava andando sem rumo pela cidade até que os cinemas abrissem. Alguns centavos me davam acesso à primeira exibição e, se depois eu me escondesse no banheiro, podia voltar quando a luz apagassem e lá passar o resto da tarde.

“Você anda meio esquisito, Cyril”, disse Mary-Margaret na noite do seu aniversário, quando usei o pouco que me restava para convidá-la a jantar. Levei-a a um restaurante italiano novo, na Merrion Square, do qual se falava muito bem, mas, depois de examinar o cardápio, ela disse que tinha muito respeito pelo seu estômago para comer comida estrangeira e preferiu costeletas de porco, batata e um copo de água da torneira. “Não está satisfeito?”

“Estou”, disse eu. “Nunca deixo de me satisfazer, na verdade.”

“O que isso quer dizer?”

“Nada”, respondi, sacudindo a cabeça. “Não, eu estou bem. Não precisa se preocupar.”

“Mas que tipo de pessoa eu seria se não me preocupasse?”, perguntou ela num raro momento de empatia. “Eu gosto muito de você, Cyril. Você já devia saber a esta altura.”

“Eu sei. E também gosto muito de você.”

“Devia dizer que me ama.”

“Está bem. Eu te amo. E as costeletas, que tal?”

“Malpassadas. E a batata, muito salgada.”

“Foi você mesma que pôs o sal. Eu vi.”

“Eu sei, mas mesmo assim. Devia reclamar com o garçom, mas, você sabe, não gosto de fazer escândalo.” Depôs a faca e o garfo no prato e olhou à sua volta, baixando a voz. “Acontece que eu quero discutir uma coisa com você. Acho péssimo tocar nesse assunto numa noite tão agradável, mas você vai acabar descobrindo cedo ou tarde.”

“Sou todo ouvidos”, disse eu. Para minha surpresa, vi que ela estava quase chorando, fraqueza a que nunca se entregava, e, enternecido, estendi a mão para segurar a dela.

“Não, Cyril”, ralhou Mary-Margaret, afastando-se de mim. “Tenha um mínimo de decência.”

“O que você ia dizer?”, perguntei com um suspiro.

“Estou um pouco chateada. Mas, se eu te contar, você tem de prometer que nada vai mudar entre nós.”

“Tenho certeza de que nada nunca vai mudar entre nós”, garanti.

“Ótimo. Você conhece a minha prima Sarah-Anne?”

“Pessoalmente não”, disse eu, curioso por saber por que a família dela tinha necessidade de dar às filhas nome duplo hifenizado. “Acho que você a mencionou uma ou duas vezes, mas não sei se nós nos conhecemos. É aquela que quer ser freira?”

“Não, claro que não, Cyril. Essa é Josephine-Shauna. Sabe qual é o seu problema?”

“Não saber ouvir?”

“É.”

“Então qual é a Sarah-Anne?”

“A que mora em Foxrock. É professora primária, coisa que eu sempre achei esquisita, pois ela não sabe fazer contas e é quase analfabeta.”

“Ah, sim”, disse eu, lembrando-me de uma garota que tinha conhecido numa festa ao ar livre e que flertou descaradamente comigo. “Uma moça muito bonita, acertei?”

“As aparências enganam”, disse Mary-Margaret, fungando.

“O que você quer dizer com isso?”, perguntei. “Nunca entendi essa frase.”

“Quero dizer o que eu disse.”

“Tudo bem.”

“Pois é, nós recebemos más notícias da Sarah-Anne”, prosseguiu ela.

Comecei a prestar mais atenção. Aquele não era o tipo de conversa que Mary-Margaret costumava ter durante o jantar. Geralmente preferia comentar a falta de decência que os jovens tinham no modo de vestir ou o volume excessivo do rock 'n' roll, que lhe dava a impressão de que o diabo estava berrando no seu ouvido.

“Continue”, pedi.

Ela tornou a olhar ao redor para ter certeza de que ninguém mais podia ouvi-la e então se inclinou para a frente. “A Sarah-Anne deu um tropeço”, disse.

“Tropeço?”

“Tropeço”, confirmou ela, balançando a cabeça.

“Ela se machucou?”

“O quê?”

“Quando ela tropeçou, quebrou alguma coisa? Não havia ninguém para acudi-la?”

Mary-Margaret olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido.

“Está bancando o engraçadinho, Cyril?”, perguntou.

“Não”, respondi, perplexo. “Simplesmente não sei o que você quer dizer, só isso.”

“Ela *tropeçou*!”

“Sei, foi o que você disse, mas...”

“Oh, tenha a santa paciência”, sibilou Mary-Margaret. “A minha prima está grávida.”

“Grávida?”

“É. De quatro meses.”

“Oh, e por que tanto alarde?”, perguntei, voltando à minha lasanha.

“Como tanto alarde? Você acha pouco?”

“Mas tanta gente engravida e tem bebê”, disse eu. “Se não houvesse bebês não haveria adultos.”

“Não seja ridículo, Cyril.”

“Não estou sendo ridículo.”

“Está sim. A Sarah-Anne não é casada.”

“Ah, entendi”, disse eu. “Imagino que isso mude um pouco as coisas.”

“Muda muito. Os pais dela estão fora de si, coitados. A tia Mary está sob vigilância vinte e quatro horas por dia porque tentou enfiar uma faca de trincar na cabeça.”

“Na cabeça de quem? Na dela ou na da Sarah-Anne?”

“Provavelmente nas duas.”

“E ela sabe quem é o pai?”

Mary-Margaret arregalou os olhos, chocada. “É claro que sabe”, disse. “Que tipo de garota você acha que ela é, afinal? Pelo jeito, a sua opinião sobre a família Muffet não é das melhores.”

“Eu nem a conheço”, protestei. “Não tenho opinião nenhuma sobre a sua prima.”

“O pai da criança é um sujeitinho de Rathmines, se te interessa saber. Trabalha numa tecelagem, coisa que não é absolutamente o meu padrão. Claro, ele concordou em casar com ela, já é alguma coisa, mas só conseguiram marcar o casamento na igreja para daqui a

seis semanas e, a essa altura, a barriga já vai estar aparecendo.”

“Bom, pelo menos ele está fazendo a coisa certa”, disse eu.

“Depois de ter feito a coisa errada. Pobre Sarah-Anne, sempre foi uma menina tão boa. Sei lá o que deu nela. Espero que isso não te inspire nenhuma ideia esquisita, Cyril. Nem pense que eu vou consentir com esse nível de comportamento.”

“Não, pode acreditar”, disse eu, deixando a faca e o garfo de lado, perdendo o apetite só de pensar naquilo. “A última coisa que eu quero fazer no mundo é seduzir você.”

“Bom, pode marcar o dia dezessete do mês que vem na sua agenda. É o do casamento.”

“Está bem”, disse eu. “O que você vai dar de presente para ela?”

“Como assim?”

“Presente de casamento. Imagino que uma coisa para o bebê seja útil.”

“Rá!”, fez ela, sacudindo a cabeça. “Eu *não* vou dar presente nenhum.”

“Por que não? Onde já se viu ir a um casamento sem levar presente?”

“Se fosse um casamento normal, é claro que eu compraria alguma coisa para eles. Mas não é. Não quero dar a entender que aprovo o que fizeram. Não, quem pariu Mateus que o embale.”

Revirei os olhos e senti a transpiração escorrer na nuca. “Você tem de ser sempre tão crítica?”, perguntei.

Mary-Margaret me olhou como se eu a tivesse esbofeteado. “O que você me disse, Cyril Avery?”

“Perguntei se você tem de ser sempre tão crítica. Já é muito ruim viver neste país com o modo como as pessoas se comportam e a hipocrisia que vemos em toda parte, mas esse tipo de atitude não fica melhor nos velhos que não percebem que estamos num mundo novo? Nós ainda somos jovens, Mary-Margaret. Por que você não tenta ter um pouco de simpatia por uma pessoa que está enfrentando uma fase difícil?”

“Oh, você é moderninho mesmo, não é Cyril?”, disse ela, encostando-se na cadeira e franzindo os lábios. “Por acaso essa é a sua maneira de me dizer que quer fazer sexo comigo também? Que quer me levar ao seu apartamento e me arrastar para a cama, pôr o pinto para fora, metê-lo em mim e ficar bombeando até dar uma boa foda?”

Foi a minha vez de ficar estupefato. Eu não acreditava que ela fosse capaz de falar numa coisa dessas, muito menos de usar as palavras que usou.

“Porque se é isso que você pensa, Cyril, está redondamente enganado. Eu não faço isso com ninguém. E, quando nós nos casarmos, não espere fazer isso numa noite que não seja a de sábado, com a luz apagada. Meus pais me criaram direito, sabe?”

Registrei mentalmente que, quando casássemos, precisava arranjar um compromisso todas as noites de sábado e, a seguir, fiquei apavorado com a mera ideia de casar. Quando isso tinha sido decidido? Nunca discutíramos tal coisa. Acaso eu a havia pedido em casamento e esquecido?

“Só estou dizendo que é 1966”, expliquei. “Não a década de 1930. As garotas engravidam o tempo todo. E vai saber se não foi essa a história da minha própria mãe.”

“Que absurdo é esse?”, perguntou ela com uma careta. “Você sabe exatamente como foi a história da sua mãe. O país inteiro sabe. Não vivem estudando os livros dela na universidade?”

“Da minha mãe biológica”, disse eu, corrigindo-me.

“Da sua o quê?”

Fiquei de queixo caído quando me dei conta de que, naquele tempo todo que havíamos passado juntos, eu nunca mencionara o fato de ser adotivo. contei o que tinha para contar e ela empalideceu visivelmente.

“Você é o quê?”

“Adotivo. Quer dizer, fui adotado. Há muito tempo. Quando era bebê.”

“E por que nunca me contou?”

“Achei que isso não fosse tão importante”, respondi. “Acredite, há coisas piores que eu podia te contar.”

“Não tão importante? Então quem são a sua mãe e o seu pai verdadeiros?”

“Não tenho a menor ideia.”

“E não te interessa saber? Você não quer descobrir?”

Dei de ombros. “Não”, disse. “O Charles e a Maude eram os meus pais para todos os efeitos.”

“Caramba. Quer dizer que é possível que a sua mãe também tropeçou?”

Eu a encarei e senti uma explosão de raiva dentro do peito. “Falando em termos realistas”, disse, “com toda a certeza.”

“Oh, meu Deus. Espere até eu contar isso ao papai. Não, não vou contar. E você também não conte nada para ele, está ouvindo?”

“Eu não tinha tais planos.”

“Ele ficaria chocado. Podia ter até um ataque.”

“Eu não vou contar nada”, disse eu. “Muito embora realmente não ache que isso tem importância. Há milhares de pessoas adotadas.”

“Sim, mas ter uma origem dessas... É uma cepa ruim na família!”

“A mesma coisa que aconteceu à sua prima.”

“É diferente”, disparou ela. “Sarah-Anne cometeu um erro, só isso.”

“Ora, talvez a minha mãe também só tenha cometido um erro. Não acha?”

Ela sacudiu a cabeça, contrariadíssima. “Alguma coisa está acontecendo com você, Cyril Avery. Alguma coisa que você não quer me contar. Mas eu vou descobrir o que é. Juro que vou.”

A QUEDA DE HORATIO

O meu companheiro de apartamento ficou noivo da namorada, Dolores, numa segunda-feira do começo de março, e eu fui comemorar com ele, a noiva e um heterogêneo grupo de irmãos e irmãs muito bebedores no pub Neary's. Horas depois, como as batidas rítmicas da cabeceira da cama dele na minha parede não me deixavam dormir, só me restou fazer uma coisa para não invadir o quarto e despejar um balde de água nos dois. No entanto, o barulho daquela paixão incansável tinha um efeito inquietante sobre mim, me deixava ávido por contato humano, e eu, sucumbindo às minhas frustrações, vesti a mesma roupa que havia usado durante o dia, desci a escada e saí à escuridão da Chatham Street, já meio agitado pela excitação do que esperava que acontecesse. Logo que saí, tive a impressão de ouvir passos às minhas costas e, nervoso, olhei para trás, mas, para o meu alívio, a rua estava deserta.

Às vezes, era possível encontrar uns rapazes da minha idade nas ruelas empedradas das imediações do Stag's Head e fui para lá, mas não achei ninguém. Atravessando a Dame Street e virando à direita em direção ao Crown Alley, avistei dois jovens parados junto a um muro, conversando com as cabeças muito próximas, e me escondi na entrada de uma casa, disposto a ser voyeur se essa fosse a única coisa reservada para mim. Mas, em vez do ruído de zíperes e de beijos ansiosos, ouvi uma conversa com sotaque nortista, e era tal a urgência na voz deles que me arrependi de não ter seguido adiante em vez de ficar espiando.

“Eu só quero ver”, disse o mais alto dos dois, um rapaz que parecia ser nervoso e perigoso. “Quantas vezes na vida a gente vai conseguir ver uma coisa dessas?”

“Dane-se”, retrucou o outro. “Se nós estivermos muito perto na hora que acontecer, pode ser que nos peguem.”

“Ninguém vai nos pegar.”

“Como você sabe? E, se nós formos, você quer ser o encarregado de explicar para o chefe?”

Escorreguei um pouco o pé na calçada e eles se viraram na minha direção, o que me obrigou a sair do meu esconderijo e passar rapidamente por eles, torcendo para que não ficassem agressivos.

“O que você estava fazendo ali?”, quis saber o mais jovem, aproximando-se. “Escutando a gente?”

“Deixa pra lá, Tommy”, disse o amigo, e eu aproveitei a oportunidade para seguir em frente, agora apertando o passo, e, para o meu alívio, eles não me seguiram. Atravessando a ponte Ha’penny, rumei para as vielas das imediações da Abbey Street, nas quais havia tido alguns encontros clandestinos no passado e, como era de esperar, lá estava um sujeito aguardando encostado num poste, fumando um cigarro, e, ao me ver, fez sinal levando o dedo à pala do boné. Entretanto, quando me aproximei, vi que ele tinha idade para ser meu avô e girei sobre os calcanhares, amaldiçoando a minha sorte. Estava começando a me conformar com a ideia de voltar insatisfeito para casa quando me lembrei dos banheiros públicos da extremidade norte da O’Connell Street, o mesmo lugar em que tinham mexido com Julian alguns anos antes.

Eu transara só duas vezes num banheiro público, a primeira por acaso — se é que se pode transar por acaso —, quando, aos dezessete anos, estava passando pelo Trinity College e fiquei apertado, entrei correndo e fui urinar no toalete do bloco das artes, no segundo andar. Postado diante do urinol enquanto um estudante lavava as mãos ali perto, eu me dei conta de que ele estava olhando fixamente para mim. Olhei nervoso em redor, mas, quando o rapaz sorriu, tive uma ereção instantânea, e a urina espirrou na parede e respingou na minha calça. Ele riu e fez um gesto em direção a um gabinete, e eu entrei, rumo ao meu defloramento oficial. A segunda vez foi numa noite tão decepcionante quanto esta em que fui obrigado a entrar num banheiro público, na Baggot Street, para uma sessão profundamente insatisfatória com um garoto da minha idade que ejaculou na minha mão feito um Vesúvio no instante em que o toquei. Devido à sordidez desses lugares, eu preferia evitá-los, mas estava tão desesperado que fui em direção à Coluna de Nelson, querendo só dar uma rapidinha para poder voltar para a cama.

Uma vez mais, tive a clara impressão de estar sendo seguido e

parei, olhei ansiosamente à minha volta, mas não vi ninguém atrás de mim, salvo alguns bêbados se acomodando junto à parede do GPO com cobertores e caixas de papelão. Mesmo assim, mantive o sangue frio quando me aproximei do banheiro público e vi o portão da rua aberto e, lá embaixo, uma luz sedutora convidando-me a entrar.

Desci a escada e entrei no ambiente azulejado de preto e branco, examinei-o, mas constatei, decepcionado, que lá não havia ninguém. Exalei um suspiro e sacudi a cabeça, pronto para reconhecer a derrota, e já estava saindo quando um trinco girou cautelosamente num dos cubículos e uma porta se abriu, revelando um garoto de ar assustado de cerca de dezoito anos, de óculos e com o chapéu a lhe encobrir a testa. Olhou para fora como um cachorrinho nervoso se acostumando com um ambiente novo e me fitou, esperando um sinal de que estávamos lá pelo mesmo motivo. Naturalmente, era possível que só tivesse usado o banheiro e estivesse prestes a lavar as mãos e ir embora. Dizer alguma coisa e descobrir que estava enganado podia conduzir ao desastre.

Eu lhe dei uns trinta segundos, e ele não se mexeu, continuou olhando para mim, mas quando eu vi os seus olhos me percorrerem de cima a baixo, entendi que não tinha por que me preocupar.

“Eu não tenho muito tempo”, disse eu, e, para a minha surpresa, depois de tudo que havia passado naquela noite, descobri que havia perdido a vontade. Estava num porão, cercado do fedor de mijó e merda e condenado a achar uma forma desesperada de afeto com um ilustre desconhecido. Derrotado, fiquei de ombros caídos e pressionei o polegar e o indicador nos cantos dos olhos. “Isso não é justo”, disse calmamente depois de algum tempo, sem saber ao certo se estava falando com ele, comigo mesmo ou com o universo.

“Eu estou com medo”, murmurou o garoto, e eu me recompus, sentindo pena dele. Estava trêmulo; obviamente era a primeira vez que se arriscava naquilo.

“Você já teve vontade de se matar?”, perguntei, olhando-o nos olhos.

“O quê?”, disse ele com ar confuso.

“Tem horas que me dá vontade de pegar a faca de pão e simplesmente enfiar no coração.”

Ele não disse nada, olhou para os lados, perplexo e, enfim, tornou a me encarar e fez que sim.

“Eu tentei no ano passado”, contou. “Não com uma faca de pão. Foi diferente. Comprimidos. Mas não deu certo. Precisei fazer lavagem no estômago.”

“Vamos cada um para a sua casa”, propus.

“Eu não posso. Eles me jogaram na rua.”

“Eles quem?”

“Os meus pais.”

“Por quê?”

Ele olhou para o chão, constrangido. “Acharam uma coisa”, disse. “Uma revista. Eu tinha encomendado da Inglaterra.”

“Então vamos dar uma volta”, sugeri. “Podemos andar e conversar. Você topa? Quer andar por aí e bater papo?”

“Está bem”, sorriu o garoto, e eu senti uma ternura imediata por ele, não desejo, não tesão, só ternura.

“Qual é o seu nome?”, perguntei.

Ele pensou um pouco. *Peter* foi o que acabou dizendo.

“Eu me chamo James”, disse eu, estendendo a mão, e ele a apertou e voltou a sorrir. Foi nesse momento que me dei conta de que, em todos os encontros que tivera com desconhecidos, nunca havia olhado nos olhos de ninguém. Lembrava-me de algumas feições, de alguns cortes de cabelo, de alguns sapatos, mas da cor dos olhos deles?

E esse foi o momento em que ouvi passos descendo a escada. Voltei-me, ainda segurando a mão dele, e um membro fardado da An Garda Síochána apareceu à minha frente, de cara gorda, petulante, e exibindo um sorriso de autossatisfação mesclado com o desprezo que ele sentia por gente da minha espécie.

“Ora, ora, o que é que nós temos aqui?”, perguntou. “Um casal de veadinhos?”

“*Garda*”, disse eu, soltando a mão do rapaz. “Não é o que parece. Nós só estamos conversando, nada mais.”

“Sabe quantas vezes eu já escutei esse papo furado, sua bicha encardida?”, perguntou ele, cuspidando no chão, junto aos meus pés. “Agora vire para lá que eu vou te algemar e não tente fazer nada, porque, se tentar, eu te mato de pancada, e não há uma alma neste país que ache isso ruim.”

Antes que eu pudesse obedecer, ouvi mais passos e então, para o meu horror, apareceu uma cara à porta e eu entendi que não havia me enganado quando saí da Chatham Street. Alguém *havia* me seguido o tempo todo. Alguém que sabia que eu não estava sendo completamente sincero.

“Mary-Margaret”, disse eu, vendo-a levar as mãos à boca, olhando com incredulidade para cada um de nós.

“Este é o banheiro masculino”, disse Peter, ainda que a

advertência não fizesse muito sentido naquela situação. “Mulher nenhuma deve entrar aqui.”

“Eu não sou uma mulher”, gritou ela, voltando-se para ele com uma fúria que eu nunca tinha visto. “Sou a noiva dele!”

“A senhora conhece esse sujeito, não é?”, perguntou o *garda*, virando-se para ela, e o garoto não deixou passar a oportunidade e saiu correndo, empurrando o homem mais velho para um lado e quase derrubando Mary-Margaret ao passar por ela. Subiu a escada e desapareceu antes que qualquer um de nós pudesse reagir.

“Volte aqui, seu...!”, gritou o *garda*, olhando para a escada, mas sabia que era inútil ir atrás dele. Já tinha cinquenta e tantos anos e não estava em boa forma; àquela altura, o garoto já havia percorrido metade da O’Connell Street e fugido para sempre.

“Bom, pelo menos um dos dois eu peguei”, disse o *garda*, voltando-se para mim. “Está pronto para três anos atrás das grades, meu filho? Porque é isso que um cara como você pega.”

“Cyril!”, gritou Mary-Margaret, irrompendo em lágrimas. “Eu sabia que alguma coisa estava errada. Eu sabia. Mas não isto. Nunca imaginei que fosse isto. Nunca desconfiei que você fosse um perverso.”

Mal a ouvi, pois o futuro estava passando rapidamente diante dos meus olhos: as reportagens no jornal, o processo, a condenação inevitável, as indignidades a que seria submetido no presídio Mountjoy. A possibilidade até de ser assassinado lá dentro. Histórias assim circulavam o tempo todo.

“Oh, Cyril, Cyril!”, gritou Mary-Margaret, o rosto nas mãos. “O que o papai vai dizer?”

“Por favor”, disse eu, virando-me para o *garda*, disposto a cair de joelhos. “Me solta. Eu juro que nunca mais faço uma coisa dessas.”

“Sem a menor chance”, respondeu ele, recuando um passo e me dando um murro no rosto.

“Bate nele, *garda*”, gritou Mary-Margaret, vermelha de humilhação e raiva. “Bate mais nesse sujeitinho encardido.”

Atendendo ao pedido, ele desferiu uma pancada tão forte que me jogou na parede; bati o rosto na parte superior de um dos urinóis e ouvi o barulho de algo quebrando dentro de mim, e em seguida senti um momentâneo entorpecimento no lado direito do rosto. Quando me virei, um dente caiu da minha boca e nós três ficamos vendo-o rolar no piso até a borda de um ralo, parando ali com a impertinência de uma bola de golfe que houvesse chegado à beira do buraco, mas preferisse não cair.

Eu me virei para o meu agressor, que estava esfregando os nós dos dedos de uma mão com a outra, e retrocedi, temendo que me batesse outra vez. Avaliei a possibilidade de atacá-lo e fugir, mas, apesar da minha aflição, sabia que era inútil. Mesmo que eu pudesse vencê-lo, Mary-Margaret certamente me denunciaria e a polícia acabaria me prendendo. Por isso desisti.

“Tudo bem”, disse, derrotado, e o *garda* estendeu a mão, segurando-me pelo ombro, e juntos começamos a subir a escada em direção à rua. Respirando o ar frio da noite, olhei para o relógio na fachada da loja de departamentos Clerys, pelo qual todo dublinense acertava o seu. Uma e meia da madrugada. Três horas antes, eu estava num pub, festejando o noivado dos meus amigos. Uma hora antes, estava na cama. Olhei para Mary-Margaret, que me encarava com expressão de muito ódio, e dei de ombros.

“Sinto muito”, disse. “Não posso fazer nada. Eu nasci assim.”

“Vá se foder!”, urrou ela.

Antes que eu pudesse registrar a minha surpresa com tais palavras, ouvimos um estrondo extraordinário lá em cima, como se o céu tivesse se escancarado para se transformar num trovão cacofônico, e nós três erguemos a vista, assustados.

“Jesus, Maria e José!”, exclamou Mary-Margaret. “Por Deus, o que é isso?”

O barulho pareceu diminuir momentaneamente, mas logo voltou a crescer; olhei para cima e vi a estátua do almirante lorde Nelson balançar na sua coluna, a expressão mais furiosa que nunca, e tive a impressão de que ele tinha ganhado vida quando saltou do pedestal, os braços e a cabeça se despregando do corpo numa explosão de pedra lá no alto.

“Cuidado!”, gritou o *garda*. “A coluna vem abaixo.”

Chegou, pensei. Chegou a hora da minha morte.

Corri o mais depressa que pude, escapando não sei como dos blocos de pedra que se precipitavam no chão, partindo-se em cem pedaços, as lascas chovendo nas minhas costas e na cabeça. Esperei a inconsciência, certo de que aquilo poria fim à minha atormentada vida a qualquer momento. Quando parei de correr e olhei para trás, a rua estava de novo em paz, mas, em compensação, o lugar em que nós três nos achávamos pouco antes estava invisível sob uma nuvem de fumaça. Em meio à aflição, só pude me lembrar de quando eu era criança e entrava no escritório de Maude sem ser chamado e não conseguia encontrá-la na neblina.

“Mary-Margaret!”, gritei, a voz transformada num rugido quando

voltei correndo.

Ao me aproximar do lugar onde estávamos pouco antes, tropecei num corpo, olhei para baixo e dei com o *garda* que me prendera estendido de costas, os olhos arregalados, morto para o mundo. Fiz o possível para lamentar, mas o meu egoísmo não deixou. Ele havia partido e não por culpa minha, só isso. Não haveria prisão. Não haveria humilhação pública.

Ouvi um ruído à minha esquerda e vi Mary-Margaret debaixo de um enorme bloco de pedra, o nariz de Nelson a lhe pressionar a bochecha como se estivesse sentindo o perfume dela, um dos olhos jogado no chão, fixo nela. Mary-Margaret ainda respirava, mas, pelo ruído que escapava da sua garganta, entendi que não ia durar muito.

“Mary-Margaret”, murmurei, segurando-lhe a mão. “Sinto muito. Eu lamento tanto.”

“Você é um sujeitinho imundo”, sibilou ela, o sangue a lhe jorrar da boca com o esforço para pronunciar as palavras. “Não é absolutamente o meu padrão.”

“Eu sei, eu sei.”

Mary-Margaret morreu pouco depois. E eu desembestei pela O’Connell Street. Precisava voltar para casa, não tinha por que ficar lá. Uma coisa era certa: aquilo tinha sido o fim. Não haveria mais homens, não haveria mais garotos. Só mulheres dali por diante. Eu ia ser como todo mundo.

Ia ser um cara normal nem que isso me matasse.

* “You’ve Got To Hide Your Love Away” (“Você tem de esconder o seu amor”), famosa canção dos Beatles.

1973:

Mantendo o diabo à distância

TEM MÃE QUE PÕE ISSO NO MUNDO

Julian chegou ao meu apartamento antes das oito horas, estava de camisa tie-dye aberta no peito, jeans *hip-hugger* e jaqueta nehrú púrpura. Embora tivesse cortado o cabelo bem curto, ao estilo de Steve McQueen em *Papillon*, dispensou as necessárias costeletas, que só serviam para chamar a atenção para a orelha que lhe faltava. Trazia no pescoço uma corrente de conchas e contas misturadas que, ele me contou, havia comprado de um feirante centenário, em Rishikesh, quando viajou para lá com uma ex-namorada para conhecer o Maharishi Mahesh Yogi. As cores absorviam o brilho do anel psicodélico na mão direita, que ele roubara de Brian Jones quando estavam voltando de uma viagem de LSD na boate Arthur's na East 54th Street duas semanas antes.

“Fora isso, foram uns meses e tanto”, disse ele, examinando-me da cabeça aos pés. “Mas por que você ainda não se vestiu? Vamos chegar atrasados.”

“Eu estou vestido. Olhe para mim.”

“Bom, de roupa você está. Mas não do tipo que um homem de vinte e oito anos com um pouco de senso de estilo usa para sair à noite, especialmente para ir a uma despedida de solteiro. Onde você arranjou isso, presente do seu pai?”

“Eu não conheço o meu pai.”

“Tudo bem, do seu pai *adotivo*”, suspirou ele. “Francamente, Cyril, você precisa dizer isso cada...”

“Eu não uso as roupas do Charles”, interrompi. “Mesmo porque os números são diferentes.”

“Bom, vestido desse jeito você não vai sair. Ou melhor, eu não saio com você vestido assim. Vamos, deve ter alguma coisa aí que não te faça parecer o irmãozinho molambento do Richard Nixon.”

Ele passou por mim e, quando abriu a porta do meu quarto, um pavor me percorreu o corpo, como se estivesse enfiando um plugue defeituoso numa tomada avariada. Fiquei com a mente embaralhada

tentando lembrar se havia deixado alguma coisa incriminadora à vista lá dentro. Rezei para que a minha edição do outono de 1972 da *Modern Male*, na capa um pugilista moreno vestindo só um par de luvas vermelhas, estivesse bem trancada na segunda gaveta do criado-mudo, acompanhada da edição da *Hombre* que eu havia encomendado pouco antes do Natal graças a um cauteloso anúncio na última página do *Sunday World*. Passara duas semanas em pânico antes da chegada, temendo que um zelote religioso com olhos de raio X, na alfândega do aeroporto de Dublin, pegasse o pacote e arrancasse a publicação degenerada da embalagem antes de fazer uma ligação indignada e mandar a Garda à minha porta. E ainda havia o número da *Vim* que eu roubara, seis meses antes, de uma loja erótica que se fazia passar por ponto de encontro de unionistas. Isso tinha sido numa excursão de um dia a Belfast. Na viagem de volta, parado no controle de fronteira, eu a enfiei na parte traseira da calça, e, por sorte, os inspetores se mostraram satisfeitos em confiscar dois pacotes com centenas de camisinhas de uma velhota que disfarçava as suas más intenções com uma roupa da Legião de Maria.

Eu tinha planos de, na manhã seguinte, pôr todas aquelas revistas num saco de papel e jogá-las numa lixeira a algumas ruas do meu apartamento, um derradeiro adeus a um tipo de vida que ia abandonar. Mas agora, com medo de me mexer enquanto o meu amigo revistava o quarto, pensei cá comigo que Julian não teria por que abrir as gavetas do criado-mudo, de modo que eu provavelmente estava a salvo. Afinal, ele estava à procura de camisas e jeans, não do tipo de bugigangas e quinquilharias que geralmente ficavam guardadas em tais lugares. Mesmo assim, no fundo de mim uma ideia insistia em me inquietar, a leve suspeita de não ter sido cuidadoso como devia, e essa ideia voltou à tona quando ele se pôs diante de mim na soleira da porta, segurando uma revista com a cara de nojo que faria se aquilo fosse um lenço sujo ou uma camisinha usada.

“Porra, o que é isso, Cyril?”, perguntou, olhando para mim com espanto.

“Isso o quê?”, disse eu, tentando parecer inocentíssimo de qualquer delito.

Julian leu as palavras estampadas na capa. “*O homem de amanhã. Revista internacional de musculação*. Não diga que você se interessa por isso. Todo mundo sabe que é coisa de veado.”

Eu me espreguiceei demoradamente, simulando cansaço na esperança de que isso explicasse o rubor pulsante que me tomara o rosto.

“Eu engordei um pouco nos últimos tempos”, expliquei. “Achei que isso podia me ajudar a perder peso.”

“Onde? Nas sobancelhas? Você é pele e osso, Cyril. Parece subnutrido.”

“Desculpe, claro, foi o que eu quis dizer. Eu quero ganhar peso. Um pouco de músculo. Muito músculo. MUITÍSSIMO músculo.”

“Você acabou de dizer que queria emagrecer.”

“Fiquei confuso”, disse eu, sacudindo a cabeça. “Hoje não estou conseguindo pensar direito.”

“Bom, acho que é compreensível considerando o que vai acontecer amanhã. Caramba, olha só esse cara”, disse ele apontando para o rapaz musculoso que enfeitava a capa da revista, vestindo apenas um *posing pouch* verde, as mãos na nuca, os músculos flexionados, encarando a distância, aparentemente perdido em pensamentos. “Tem mãe que põe isso no mundo, não é verdade?”

Fiz que sim na esperança de que Julian largasse a maldita revista e voltasse a se ocupar das minhas roupas, mas ele continuou folheando-a, sacudindo a cabeça e rindo às gargalhadas dos espécimes de masculinidade que, para ser franco, não eram inteiramente do meu gosto, mas que eu admirava pela disposição a se despir para a câmera.

“Lembra do Jasper Timson?”

“O do colégio?”, indaguei, recordando o garoto chato da nossa classe, que tocava acordeão e vivia tentando roubar Julian de mim, muito embora de vez em quando eu bem que batesse uma bronha pensando nele.

“Esse mesmo. Pois ele também é da corriola.”

“Que corriola?”, perguntei com inocência.

“A dos veados.”

“Sai pra lá”, disse eu, recorrendo a uma expressão que ouvira recentemente em *Operação França*.

“É verdade. Ele tem até namorado. Moram juntos no Canadá.”

“Caramba”, disse eu sacudindo a cabeça com incredulidade. Então Jasper tinha nada mais nada menos que um namorado e os dois “moravam juntos”? Podia ser tão simples assim?

“Aliás, eu sempre soube que ele era dessa laia, mas nunca contei a ninguém”, disse Julian.

“Como você soube? Ele te contou?”

“Não com todas as palavras. Mas uma vez deu em cima de mim.”

Surpreso, arregalei os olhos. “Sai. Pra. Lá.”, repeti, fazendo uma pausa de efeito entre as palavras. “Quando? Como? Por quê?”

“Foi quando a gente estava na terceira ou na quarta série, não

lembro bem. Não sei quem levou uma garrafa de vodca para dentro do colégio e alguns de nós enchemos a cara depois da prova de matemática. Não lembra?”

“Não”, disse eu, franzindo a testa. “Acho que não participei.”

“Vai ver que não foi convidado.”

“E o que aconteceu?”, perguntei, tentando não deixar que o semi-insulto me magoasse muito.

“Ora, nós dois estávamos sentados na minha cama”, contou ele. “Encostados na parede. Estávamos no maior porre e falando um monte de besteira, e eu só sei que, quando dei por mim, ele já estava quase enfiando a língua na minha garganta.”

“Você está me *gozando*, porra”, gritei, assombrado e excitado ao mesmo tempo, o quarto a girar levemente enquanto eu tentava assimilar aquilo. “E o que você fez? Bateu nele?”

“É claro que não bati nele”, respondeu Julian com uma careta. “Fazer isso por quê? Eu sou um cara pacífico, Cyril. Você sabe.”

“Não, mas...”

“Eu retribuí o beijo, foi o que fiz. Achei que era a coisa educada a fazer no momento.”

“Você o *quê?*”, perguntei, sentindo a cabeça a ponto de girar trezentos e sessenta graus sobre os ombros enquanto os meus olhos saltavam das órbitas, como a menina de *O exorcista*.

“Dei um beijo nele”, repetiu Julian, sacudindo os ombros. “Nunca tinha feito isso. Quer dizer, com um garoto. Então pensei: que se dane. Vamos ver como é que é. Eu experimento de tudo. Quando estava na África, comi até carne de crocodilo.”

Fiquei olhando para ele, estupefato e devastado ao mesmo tempo. Julian Woodbead, o único garoto pelo qual eu tinha me apaixonado na vida e que nunca mostrara o menor interesse romântico por mim, tinha beijado a boca de Jasper Timson, um cara cuja maior paixão na vida era tocar aquela bosta de acordeão! Aliás, eu me lembrava de ter entrado uma vez e dado com os dois rindo um risinho nervoso. Devia ter acontecido minutos antes. Eu me sentei, ansioso por esconder a ereção maciça que avolumava a minha calça.

“Não acredito”, disse.

“Ei, não se assuste”, riu Julian despreocupadamente. “É 1973, pelo amor de Deus. Se liga. Mesmo porque a coisa não durou muito e não mexeu nem um pouco comigo. Acabou ali mesmo. Não perdi nem ganhei nada. Jasper queria mais, é claro, mas eu não topei. Disse que não era uma bichona imunda e ele respondeu que se lixava para isso e que, bichona ou não, continuava com vontade de chupar o meu pau.”

“Nossa!”, exclamei eu, agora me levantando, praticamente tremendo num misto de raiva e desejo. “E você deixou?”

“Claro que não, Cyril. Acredite em mim. Em todo caso, Jasper não deve ter se incomodado, pois não voltou a tentar. Mas uma coisa boa resultou disso tudo: ele disse que, se fosse para eu sair beijando as pessoas por aí, era melhor escovar os dentes antes porque o meu hálito cheirava a chips Tayto. Foi um bom conselho. Faça isso desde então e tenho me dado muito bem.”

“Mas você continuou amigo do Jasper até o fim do curso”, observei, recordando a pontada de ciúme que sentia quando via os dois juntos.

“Claro que continuei”, disse Julian, olhando para mim como se eu fosse louco. “Por que não continuaria? Ele era divertido, o Jasper. Eu o procurei quando estava em Toronto no ano passado, mas ele e o namorado tinham ido passar a porra do fim de semana sei lá onde. Mas Jasper ia adorar isto aqui”, acrescentou, jogando o exemplar de *O homem de amanhã* numa poltrona e voltando para o quarto, onde abriu o guarda-roupa e examinou o seu conteúdo com olhos críticos. “Mas você devia se livrar disso, Cyril. O pessoal pode entender mal. Agora vamos dar uma olhada no que você tem aqui. Esta, quem sabe?” Mostrou uma camisa púrpura de colarinho largo que eu havia comprado no Dandelion Market alguns meses antes e não tinha tido ocasião de usar.

“Você acha?”, perguntei.

“Ora, é melhor que essa roupa de vovozinho. Venha, vista isso e vamos partir para a noite. Os canecos nos aguardam.”

Fiquei um pouco constrangido ao tirar a camisa, e o fato de ele continuar me observando enquanto eu vestia a outra me encheu de ansiedade.

“Que tal?”, perguntei.

“Bom, melhorou. Se eu tivesse um tempo extra, a gente podia ter ido à cidade para você comprar roupa melhor. Não importa.” Ele me abraçou e eu inalei com cuidado o perfume da sua colônia, os meus lábios insuportavelmente perto do seu queixo. “Como você está se sentindo? Pronto para o grande dia?”

“Acho que sim”, respondi sem muita convicção quando saímos do apartamento e fomos para a Baggot Street. Fazia alguns anos que eu morava sozinho na Waterloo Road e era pesquisador da RTÉ, onde a minha carga de trabalho se dividia em partes iguais entre a programação religiosa e as atrações de agricultura. Eu não sabia praticamente nada das duas coisas, mas não tardei a descobrir que

bastava segurar um microfone diante de uma pessoa para que ela falasse horas sem parar.

Tínhamos combinado ir ao Doheny & Nesbitt's, onde alguns colegas meus se reuniram para a despedida de solteiro, e eu estava um pouco ansioso com a ideia de apresentá-los a Julian. Falava nele com frequência, descrevendo os muitos marcos da nossa amizade, mas aquela seria a primeira vez que esses dois elementos importantes da minha vida entravam em contato direto. Ao longo dos anos, eu havia criado dois retratos fundamentalmente falsos de mim, um para o meu amigo mais antigo e outro para os mais recentes, e eles tinham apenas algumas pinceladas em comum. Revelações de qualquer um dos lados podiam fazer todo o artifício desabar e, com ele, os planos que eu fizera para o futuro.

"Fiquei chateado quando soube de você e da Rebecca", disse eu quando estávamos atravessando o Grand Canal, esforçando-me para esconder o meu prazer com o fato de Julian ter posto um ponto final no seu grude mais recente. "Pensei que vocês se dessem bem."

"Isso é jornal de ontem", respondeu ele com um gesto de desdém. "Em todo caso, depois dela teve a Emily, a Jessica e agora eu estou com mais uma Rebecca. A Rebecca número dois. Tetinhas menores, mas, porra, ela é uma fera na cama. Não que isso vá durar muito, é claro. No máximo, mais uma semana ou duas, acho."

"Por que você se cansa das pessoas tão depressa?", perguntei, já que simplesmente não conseguia entender aquilo. Se eu tivesse a sorte de encontrar alguém com quem quisesse ter sexo com frequência e ainda por cima pudesse andar de mãos dadas nas ruas de Dublin sem ir parar na cadeia, nunca o abandonaria.

"Não é que eu me *canse*", respondeu ele, sacudindo a cabeça. "Mas o mundo está cheio de mulheres e eu não estou interessado em passar o resto da vida preso a uma só. Claro que encontrei algumas no caminho com as quais até gostaria de ter um relacionamento mais demorado, mas elas fazem questão da monogamia, e eu não fui feito para isso. Pode ser que você se surpreenda, Cyril, mas eu nunca traí uma namorada."

"Não, você simplesmente dá um pé na bunda delas."

"Na mosca. E essa não é uma maneira mais honesta de se comportar? Mas aí é que está, e eu acho que no fundo é nisso que as pessoas acreditam, só que não têm peito de reconhecer: o mundo seria um lugar muito mais sadio se a gente deixasse cada um fazer exatamente o que quer, quando quer, com quem quer, sem inventar regras puritanas para orientar a nossa vida sexual. A gente podia viver

com a pessoa de que mais gosta, em termos de convivência e afeto, mas também podia sair e trepar com as pessoas que topassem e até conversar sobre isso quando voltasse para casa.”

“Por essa lógica”, disse eu, “nós dois podíamos casar e morar juntos até o fim da vida.”

“Pois é”, respondeu ele, rindo. “Acho que podíamos.”

“Imagine só!”

“É.”

“Acontece que essas coisas são fáceis de falar”, disse eu, tentando não me prender muito profundamente a essa ideia. “Mas você não ia gostar se a sua namorada dormisse com outro cara.”

“Se você pensa isso, é porque não me conhece. Palavra que eu não dou a mínima. O ciúme é uma emoção mais do que fútil.”

Passamos pelo Toners, à nossa esquerda, e ele atravessou a rua, o trânsito parando para deixá-lo passar; quando eu o segui um momento depois, todos os carros buzinaaram para mim. Ao abrir a porta do pub, ouvi o agito da multidão lá dentro e procurei os meus colegas. Esperava três deles: Martin Horan e Stephen Kilduff, dois pesquisadores do meu escritório, e Jimmy Byrnes, um repórter que se achava uma das maiores celebridades da Irlanda porque tinha aparecido em alguns episódios do *7 Days*. Quando os achei a uma mesa de canto, ergui a mão numa saudação, mas o meu sorriso se apagou assim que vi que uma quarta pessoa se juntara a eles, Nick Carlton, um cameraman do *Wanderly Wagon* e que eu fizera o possível e o impossível para que não soubesse daquele encontro.

“Cyril!”, gritaram eles, e eu me perguntei se cairia bem eu correr para a porta e sumir na Baggot Street. Não, não cairia nada bem, imaginei, de modo que apresentei Julian a cada um e ele ofereceu uma nova rodada, avançando até o balcão, onde a multidão abriu passagem como se ele fosse Moisés diante do mar Vermelho.

“Nick”, disse eu, olhando para ele ao me sentar. “Não esperava encontrar você aqui hoje.”

“Bom, este não é o tipo de lugar que eu costumo frequentar, palavra”, disse ele, acendendo um Superking e segurando-o com a mão esquerda, que ele mantinha em ângulo reto com o braço, o cotovelo apoiado na mesa à sua frente. “Mas achei melhor sair e ver como é que a outra metade do mundo vive.”

A verdade era que eu invejava Nick Carlton. Era o único homossexual que eu conhecia que não só assumia a sua sexualidade como a proclamava orgulhosamente aos quatro ventos. Mas era tal o seu bom humor e a sua resoluta falta de vergonha que ninguém

parecia se importar. Para afirmar a própria inabalável heterossexualidade, os outros rapazes faziam piada dele pelas costas, é claro, mas, mesmo assim, o incluíam quando saíam e pareciam tê-lo adotado como uma espécie de mascote.

“E agora estou contentíssimo por ter vindo”, prosseguiu ele, olhando para Julian, que estava voltando com uma bandeja cheia de canecos. “Ninguém me contou que você ia trazer Ryan O’Neal para cá.”

“Ryan O’Neal apareceu no *The Late Late Show* há algumas semanas”, disse Jimmy. “Até me surpreendeu você não ter invadido o camarim dele, Nick.”

“Eu recebi instruções rigorosas das mais altas autoridades para deixá-lo em paz”, respondeu Nick. “Os estraga-prazeres. Em todo caso, era o aniversário da srta. O’Mahoney e ela não me perdoaria se eu não comparecesse.”

Os rapazes caíram na gargalhada e eu ataquei a minha Guinness, engolindo quase um terço do caneco num só gole.

“Eu não te vi no *7 Days*?”, perguntou Julian a Jimmy, que ficou deliciado por ter sido reconhecido. “Todo mundo aqui é do showbiz, não é? Vocês devem conhecer todas as estrelas lá da RTÉ.”

“Eu conheci a princesa Grace de Mônaco”, disse Stephen.

“E eu conheci Tommy Docherty”, retrucou Martin.

“Às vezes eu escrevo o roteiro para o *Mr. Crow*”, contou Nick.

Talvez fosse a roupa, ou o modo de falar, ou o olhar dele. Talvez fosse a aura de sexo que emanava, como se ele acabasse de sair da cama e da casa de uma modelo sem se dar ao trabalho nem de tomar banho. Fosse porque fosse, homens, mulheres, bofes ou gays, todos queriam que Julian gostasse deles.

“*Mr. Crow*”, disse Julian, pensando um pouco. “É o cara que sai do relógio em *Wanderly Wagon*, estou certo?”

“Está”, disse Nick, corando um pouco de orgulho.

“Sai pra lá!”

“Essa fala é minha”, disse eu com irritação, para os ouvidos de ninguém.

“Por quê, você assiste isso?”, perguntou Nick, ignorando o meu comentário.

“Vi umas vezes.”

“É um programa infantil”, disse eu.

“Sim, mas é uma coisa louca. Vocês todos se drogam antes ou o quê?”

“Não posso fazer comentários”, disse Nick, piscando para ele.

“Mas digamos simplesmente que é uma boa ideia bater na porta antes de entrar no camarim de alguém.”

“O que você faz, Julian?”, perguntou Stephen, oferecendo-lhe um cigarro, o qual ele recusou. Julian não fumava. Tinha fobia de tabaco e sempre dizia às garotas que tinham de parar de fumar se quisessem um relacionamento com ele.

“Eu não faço muita coisa, para ser franco”, respondeu. “O meu velho é podre de rico e me dá mesada, então eu saio viajando pelo mundo. De vez em quando, escrevo um artigo para a *Travel & Leisure* ou para a *Holiday*. No ano passado, visitei Maurício com a princesa Margaret e Noël Coward e escrevi uma matéria sobre a vida silvestre lá.”

“Você comeu ela?”, perguntou Nick com naturalidade.

“Comi”, respondeu Julian, como se aquilo não fosse nada. “Só uma vez, mas, acreditem, foi suficiente. Não gosto que fiquem me dando ordens o tempo todo.”

“E comeu ele?”

“Não, mas ele teve a gentileza de pedir. Ela não. Acho que ela pensava que era para isso que eu estava lá.”

“Caramba!”, exclamou Jimmy, encantadíssimo.

“Deve ser por isso que você está com essa cor tão bonita”, disse Nick. “Passar todo esse tempo em ilhas particulares povoadas de putas ricas e bichas *nouveaux riches*. Alguma chance de você me levar junto da próxima vez?”

Julian riu muito e encolheu os ombros. “Por que não?”, disse. “Na minha mala sempre há lugar para um pequeno.”

“Quem diz que eu sou pequeno?, perguntou Nick, se fazendo de ofendido.

“Me dê um porre e pode ser que eu acabe descobrindo”, sorriu Julian, e toda a mesa, salvo eu, explodiu numa gargalhada.

“Não quero mencionar o óbvio”, disse Nick quando a risada diminuiu. “Mas você sabe que está te faltando uma orelha?”

“Sei”, respondeu Julian. “E olhe.” Ergueu a mão direita para mostrar os quatro dedos restantes. “Também não tenho um polegar. E o dedinho do pé esquerdo.”

“Eu me lembro de quando você foi sequestrado”, disse Martin, pois eu havia contado a todos eles o incidente mais famoso da vida de Julian (e da minha) até então. “A gente fazia apostas na classe sobre a parte do corpo que poriam no correio na vez seguinte.”

“E deixe-me adivinhar”, disse Julian. “Vocês todos esperavam que fosse o meu peru.”

“É”, concordou Martin, dando de ombros. “Desculpe.”

“Tudo bem. Todo mundo queria isso. Por sorte, o meu peru continua no lugar.”

“Eu quero provas”, exigiu Nick, coisa que fez Stephen cuspir uma bocada de Guinness na mesa, quase me atingindo.

“Desculpem”, disse ele, pegando um guardanapo para enxugar.

“Aliás, eles diziam que iam me arrancar um olho na vez seguinte”, contou Julian. “Mas a polícia me encontrou antes que isso acontecesse. No ano passado, eu perguntei a Damien se ele achava que os caras fariam isso e ele disse que sim.”

“Quem é Damien?”, perguntei, já que ele nunca havia mencionado um amigo com esse nome.

“Um dos sequestradores. Lembra do cara que me jogou no portamalas do carro? Ele.”

Ficamos algum tempo calados e eu o encarei com espanto. “Espera aí”, disse enfim. “Você está dizendo que tem contato com um daqueles caras do IRA?”

“Estou”, disse ele, encolhendo os ombros. “Você não sabia? Faz tempo que nós nos correspondemos. E às vezes também vou visitá-lo na cadeia.”

“Mas para quê?”, perguntei em voz mais alta. “Para que fazer isso?”

“Ora, é uma experiência muito intensa”, disse Julian com naturalidade. “Eu passei uma semana convivendo com aqueles caras em circunstâncias muito difíceis. E você deve lembrar que eles não eram muito mais velhos que nós na época. Os chefes deles, ou sei lá o nome que têm, os encarregaram de me sequestrar e eles queriam fazer tudo direitinho. Para ser promovidos na hierarquia, digamos. Na verdade, a gente até que se deu bem a maior parte do tempo.”

“Mesmo quando eles estavam cortando um pedaço teu?”, perguntei.

“Ah, não. Isso não. Se bem que Damien nunca me cortou. Aliás, vomitou quando cortaram a minha orelha. Agora a gente se dá muito bem, por coincidência. Ele deve ser solto daqui a mais ou menos dez anos. É provável que eu o convide para tomar uma cerveja. Perdoar e esquecer, esse é o meu lema.”

“Melhor para você”, disse Nick. “Não tem sentido guardar rancor, tem?”

Eu achava desagradável estar sentado ao seu lado, porque, embora nós não nos conhecêssemos bem, ele tinha visto um lado meu que outros não conheciam. Pouco tempo depois que comecei a

trabalhar na RTÉ, deram uma festa com o pretexto de comemorar a vitória de Dana no Festival Eurovision da Canção e um grupo bem grande acabou em um pub do centro da cidade no começo da madrugada. Eu já estava para lá de Bagdá quando me peguei urinando num beco e, um instante depois, Nick também apareceu ali. Eu nunca tinha sentido nada por aquele sujeito, mas, deprimido e com tesão, arrisquei me precipitar sobre ele sem lhe dar chance nem de começar a fazer o que tinha ido fazer lá fora, apertei-o na parede, beijando-o ao mesmo tempo que agarrava a mão dele e a levava ao meu pau. Ele deixou acontecer durante meio minuto, então sacudiu a cabeça e me afastou com um empurrão.

“Lamento, Cyril”, disse, olhando para mim com algo parecido com pena. “Você parece ser um cara legal, mas não é o meu tipo.”

Fiquei sóbrio quase na hora. Nunca tinha sido rejeitado e estava estupefato com o fato de a minha investida ser recusada. Naquele tempo, os homossexuais pegavam o que dava, onde dava, e já estava bom demais. A atração era considerada um bônus, mas nunca um requisito. Quando acordei na manhã seguinte, a lembrança retornando lentamente como um pesadelo horrendo que não ia embora, fiquei horrorizado com o que eu tinha feito. Pensei em pedir demissão imediatamente na RTÉ, mas havia demorado muito para arranjar um emprego que pagasse o suficiente para que eu pudesse morar sozinho e a ideia de voltar a dividir um apartamento com alguém era intolerável. De modo que fingi que aquilo não tinha acontecido e, nos três anos que se seguiram, fiz o possível para evitar Nick. Mas era impossível me livrar da certeza de que, quando ele olhava para mim, me entendia melhor que qualquer outra pessoa viva.

“Então deixa eu esclarecer uns pontos”, disse Martin, olhando para mim e para Julian. “Vocês dois se conhecem desde o tempo de escola, certo?”

“Nós dividimos um quarto durante seis anos”, contou Julian.

“Aposto que Cyril adorava”, observou Nick, e eu lhe enderecei um olhar feroz.

“Mas, na verdade, nós nos conhecemos quando tínhamos sete anos”, reforcei, querendo deixar claro que já fazia muito tempo que estávamos um na vida do outro. “O pai dele foi lá em casa conversar com o meu pai adotivo, e eu topei com Julian zanzando no corredor.”

“Cyril sempre fala nisso”, disse Julian. “Eu não lembro.”

“Mas eu sim”, repliquei tranquilamente.

“Lembro de um garoto, quando eu tinha essa idade, propondo que um mostrasse o pinto pro outro, mas o Cyril jura que não foi ele.”

Os três rapazes engasgaram com a cerveja e Nick tapou o rosto com a mão. Vi os seus ombros vibrando de tanto rir. Não me dei ao trabalho de negar uma vez mais.

“E você é o padrinho?”, perguntou Stephen quando as provocações diminuíram.

“Sou”, respondeu Julian.

“E como vai o discurso?”

“Quase pronto. Espero que ninguém seja sensível demais. É meio picante às vezes.”

“Ah, Julian”, disse eu com uma careta. “Eu pedi para você manter a decência.”

“Não se preocupe, é coisa leve. A Alice me mata se eu disser algo fora dos conformes. Aliás, vamos brindar ao Cyril, afinal”, acrescentou ele erguendo o caneco, e os outros o imitaram. “Amigo de uma vida inteira e daqui a vinte e quatro horas o meu cunhado. A minha irmã é uma mulher de sorte.”

“Ela deve ter feito uma coisa maravilhosa em alguma vida passada”, acrescentou Nick ao bater o caneco no meu.

ALICE

Embora o caminho de Alice e o meu tivessem se cruzado ocasionalmente ao longo dos anos, o nosso relacionamento amoroso só havia começado uns dezoito meses antes numa festa que marcou a partida de Julian à América do Sul para uma viagem de seis meses pelos Andes. Aquela provavelmente era a sua aventura mais infame, pois envolvia levar duas namoradas ao mesmo tempo, um par de gêmeas finlandesas chamadas Emmi e Peppi que, segundo ele, tinham nascido siamesas e só foram separadas por um cirurgião americano aos quatro anos de idade. Era verdade que, quando eu olhava para elas, as duas pareciam se inclinar uma para a outra num ângulo ligeiramente inatural.

Só dois anos mais nova que eu, Alice saíra de uma adolescência um tanto complicada para se transformar numa moça incrivelmente linda, uma versão feminina de Julian e dona de uns pômulos delicados e de uns olhos muito azuis como os da mãe deles, Elizabeth, que tanto atraíram o meu pai adotivo, e nenhum vestígio do nariz protuberante e dos olhos de anfíbio que podiam ter herdado de Max. Mas, longe de ser promíscua como o irmão, ela havia namorado sete anos um estudante de medicina chamado Fergus, relacionamento que chegou ao fim na manhã em que iam se casar. Ele telefonou bem quando ela e

Max estavam saindo da Dartmouth Square a caminho da igreja e anunciou que não podia ir adiante. *Insegurança* foi a explicação previsível e enfadonha e, dias depois, ele partiu para Madagascar, onde, diziam, passou a trabalhar numa clínica de hanseníase. Lembrome de ter me encontrado por acaso com Julian pouco tempo depois, na Grafton Street, e ainda recorro a expressão aflita com que me contou o que havia acontecido. Ele gostava muito da irmã e a ideia de a terem magoado era insuportável para ele.

“Não se sinta obrigado a me fazer companhia, Cyril”, disse Alice quando estávamos olhando para o canto do balcão, onde Julian mais parecia a carne de um sanduíche finlandês enquanto um grupo de amigos os olhava com inveja, morrendo de vontade de dar uma mordida. “Se você preferir ir para lá com os rapazes, eu fico perfeitamente satisfeita com o meu livro.”

“São todos estranhos para mim”, respondi. “Onde o Julian achou esses caras? Parecem o elenco do *Hair*.”

“Acho que eles são o que se costuma chamar de gente da alta”, disse ela, a voz arrastada de desdém. “A definição do dicionário seria um bando de indivíduos egocêntricos, narcisistas, fisicamente atraentes, mas intelectualmente ociosos, cujos pais têm tanto dinheiro que eles não precisam trabalhar. Em vez disso, vão de uma festa a outra, loucos para ser vistos, ao mesmo tempo que se corroem por dentro, feito uma bateria usada, pela falta de ambição, conhecimento ou sensatez.”

“Pelo jeito, você não é fã deles”, comentei, e ela se limitou a dar de ombros. “Mesmo assim, parece ser mais divertido do que levantar toda manhã às sete e atravessar a cidade para passar oito horas sentado atrás de uma mesa. O que você está lendo?”, perguntei, reparando na bolsa aberta que deixava um livro à vista, e ela então tirou um exemplar de *The Dark* de John McGahern. “Este livro não está proibido?”

“Acredito que sim. Por quê?”

“Por nada. Sobre o que é?”

“Um menino e o pai violento dele. Eu devia mandar o Julian ler.”

Fiquei calado. Se havia uma grave tensão entre o irmão dela e o pai, eu nunca soube de nada.

“Diga, Cyril”, pediu ela. “Você ainda é funcionário público?”

“Oh, não. Saí de lá faz tempo. Não era coisa para mim. Agora eu trabalho na RTÉ.”

“Deve ser interessante.”

“Tem lá os seus momentos”, menti. “E você? Trabalha?”

“Eu acredito que sim, mas o Max não diria isso.” Esperando que Alice prosseguisse, notei que ela, como eu, se referia ao pai usando o nome dele. “Passei os últimos anos pesquisando e escrevendo uma tese de doutorado em literatura inglesa na UCD. Queria ir para o Trinity, mas o arcebispo não deixou.”

“Você pediu a ele?”

“Pedi. Fui até o palácio em Drumcondra e bati na porta com muita coragem. A governanta dele queria me jogar na sarjeta, é claro, porque eu estava com um vestido que deixava os ombros de fora, mas o arcebispo me convidou a entrar e eu fiz o pedido pessoalmente. Ele deu a impressão de que me achava meio esquisita por querer fazer carreira. Disse que, se eu tivesse me esforçado daquele jeito para arranjar marido, àquela altura eu já teria lar, família e três filhos.”

“Que encantador”, disse eu, rindo sem querer. “E você?”

“Eu disse que, quando o noivo da gente vai embora na manhã do casamento, sendo que duzentos amigos e parentes estão esperando na igreja a oitocentos metros de distância, o casamento deixa de ser necessariamente a primeira coisa em que a gente pensa.”

“Ah”, fiz eu, olhando para o chão com incômodo. “Imagino que deixe de ser mesmo.”

“Mas ele disse que eu era uma moça adorável”, acrescentou Alice com um sorriso, “de modo que pelo menos isso eu tenho a meu favor. Enfim, ainda bem que fui parar na UCD. Fiz boas amizades lá. Eu termino o doutorado dentro de um ano e o departamento já me ofereceu emprego no semestre que vem. Posso ser professora em cerca de cinco anos se eu mantiver a calma e não perder o foco.”

“E é isso que você quer? Passar a vida na academia?”

“É”, disse ela, olhando à sua volta e fazendo uma careta para o barulho estridente dos amigos de Julian. “Às vezes eu sinto que não devia viver entre as pessoas. Que seria mais feliz numa ilhota, sozinha com os meus livros e material de escrever. Cultivaria o meu alimento e nunca teria de falar com ninguém. Às vezes eu olho para ele”, acrescentou fazendo um gesto na direção do irmão, “e é como se nós tivéssemos nascido com duas energias vitais entre nós, mas ele pegou toda a parte dele mais a metade da minha.”

Alice não falou com ressentimento ou autocomiseração, o olhar dela deixou claro que adorava Julian tanto quanto eu, coisa que me levou a sentir uma afinidade instantânea com ela. A sua ideia de um paraíso seguro também me atraía. Um lugar aonde ir simplesmente para ficar em paz.

“Você acha que é por causa do... bem, do que aconteceu?”,

perguntei. “Refiro-me a esse desejo de fugir do mundo.”

“Por causa do que o Fergus fez?”

“É.”

Alice sacudiu a cabeça. “Não, acho que não. Eu sempre fui uma criança solitária e isso não mudou muito quando cresci. Mas é claro que o que aconteceu não ajudou em nada. Esse tipo de humilhação quase nunca acontece com as pessoas. Você sabe que o Max fez questão de manter a recepção depois?”

“O quê?”, disse eu sem saber se ela estava brincando ou não.

“É verdade. Disse que o casamento já tinha custado uma fortuna e ele não ia deixar aquele monte de dinheiro ir para o lixo. E me arrastou para o hotel no Daimler em que ele tinha feito reserva para mim e o Fergus e, quando nós saímos, todo o pessoal estava enfileirado ao longo do tapete vermelho. Eu vi alguns olhando para mim com cara de quem está se perguntando por que aquela mocinha havia se casado com um homem com idade para ser pai dela e o resto pensando que era por isso que eu estava com uma expressão tão arrasada. Houve uma recepção em que eu tive de ir de convidado em convidado, agradecendo por terem comparecido e pedindo desculpas em nome do Fergus, e depois me instalaram à mesa principal enquanto os convidados comiam e bebiam até não poder mais. O Max chegou até a fazer um discurso, se é que dá para acreditar. Tinha o texto escrito numa folha de papel e não alterou uma palavra, porque aparentemente havia passado dias trabalhando nele. *Este é o dia mais feliz da minha vida*, disse. *Alice merece isto. Eu nunca vi uma noiva mais feliz*. E a coisa continuou assim. Chegou a ser engraçado.”

“Mas por que você se submeteu a isso?”, perguntei. “Por que simplesmente não foi para casa? Ou por que não pegou um voo para Marte ou algum outro lugar?”

“Ora, acho que eu estava em estado de choque. Não sabia o que fazer. Eu amava o Fergus, sabe? Muito. E, é claro, nunca ninguém tinha me deixado plantada no dia do meu casamento”, acrescentou ela com um sorriso amarelo, “quer dizer, não sabia ao certo qual era a etiqueta daquela situação. E fiz exatamente o que mandaram.”

“O merda do Max”, disse eu, surpreendendo nós dois com aquela palavra que eu raramente pronunciava.

“O merda do Fergus”, retrucou Alice.

“Dois merdas. O que você acha da gente tomar mais dois desses drinques de merda?”

“Boa ideia de merda”, riu ela, e eu me levantei para ir ao balcão.

“Você vai sentir falta dele, imagino”, disse Alice quando voltei

com dois copões de vinho. “Seis meses é muito tempo.”

“Vou. Ele é o meu melhor amigo.”

“O meu também. Então isso nos torna o quê?”

“Rivals?”, sugeri, e ela riu. Alice me atraía, não havia a menor dúvida quanto a isso. Não física, mas emocionalmente. O seu temperamento me atraía. Pela primeira vez na vida, eu me senti bem na companhia de uma garota enquanto Julian estava em outro lugar. Não o procurava sem parar com os olhos nem estava com ciúme porque outros dominavam o seu tempo. Foi uma sensação inteiramente nova para mim e bem que eu gostei.

“Você vê gente famosa lá na RTÉ?”, perguntou ela depois de um breve silêncio, durante o qual eu quebrei a cabeça em busca de algo inteligente para dizer e não encontrei.

“O Paul McCartney esteve lá uma vez”, contei.

“Oh, eu adoro o Paul McCartney! Vi os Beatles quando tocaram no Adelphi em 1963. Depois fui até o Gresham Hotel e fingi que era hóspede para poder entrar e vê-los.”

“Deu certo?”

“Não. A maior decepção da minha vida.” Alice hesitou e então sorriu para mim. “Bom, você sabe, a maior até a outra, a óbvia. Posso contar uma coisa, Cyril?”

“Claro que pode.”

“É sobre o meu doutorado. Acontece que eu estou escrevendo sobre os livros da sua mãe.”

“É mesmo?”, disse eu, erguendo uma sobrancelha.

“É. Isso te incomoda?”

“Não. Mas provavelmente você sabe que a Maude era minha mãe adotiva, não a biológica.”

“Sim, eu sei disso. Aliás, onde foi que eles te pegaram? Te deixaram na porta de casa um dia? Ou você simplesmente apareceu boiando no porto de Dun Laoghaire?”

“A lenda da família diz que uma freira redentorista corcunda me levou para eles”, contei. “Queriam ter um filho, ou diziam que queriam, e o filho apareceu.”

“E os seus pais biológicos? Você chegou a localizá-los?”

“Nunca tentei. Para ser franco, não estou interessado.”

“Por que não? Tem raiva deles?”

“Não, de jeito nenhum”, respondi. “Eu tive uma infância razoavelmente feliz, coisa que é estranha em retrospectiva, já que nem o Charles nem a Maude se interessavam por mim. Mas não me batiam, não me deixavam sem comer nem nada parecido com isso. Eu não era

um órfão dickensiano, se é que você sabe o que quero dizer. E, quanto à minha mãe biológica, bem, acho que ela fez o que tinha de fazer. Imagino que era solteira, que é de onde costumam vir os bebês adotados, não? Não, eu não tenho raiva nenhuma. Raiva para quê?”

“É bom ouvir isso. Não existe nada mais tedioso que um homem adulto culpando os pais pelas coisas que deram errado na vida dele.”

“Você parte do princípio de que as coisas deram errado na minha vida.”

“Algo no seu rosto me diz que você não é feliz. Oh, desculpe, esse é um comentário muito pessoal. Eu não devia ter dito isso.”

“Não, tudo bem”, disse eu, embora o fato de ela conseguir ler tão bem a minha alma me desanimasse um pouco.

“Aliás, o Fergus era bem assim. Vivía culpando os outros por questões que cabia a ele resolver. Sinceramente, era uma das poucas coisas de que eu não gostava nele.”

“Quer dizer que você ainda tem raiva dele?”, perguntei, consciente de que também estava fazendo uma pergunta profundamente pessoal, mas que equilibrava o que ela havia dito.

“Oh, eu o odeio”, disse Alice, e eu notei o rubor que tomou conta do rosto dela e o modo como ela cravou os dedos na palma da mão esquerda, como se quisesse algo que aliviasse a sua dor. “Eu o detesto absolutamente. Quando aconteceu, eu passei uma ou duas semanas quase sem sentir nada. Acho que estava em estado de choque. Mas depois a fúria cresceu e ainda não diminuiu. Às vezes, acho difícil de controlar. Acho que foi mais ou menos na época em que todos pararam de me perguntar se eu estava bem, quando a vida voltou a ser como antes. Se ele estivesse em Dublin, eu era capaz de ir lá, arrombar a porta dele e esfaqueá-lo quando estivesse dormindo. A sorte dele foi estar em Madagascar com os leprosos dele.”

Soltei um pouco da minha bebida pelo nariz e tive de tirar o lenço do bolso para enxugar o rosto. “Desculpe”, disse, incapaz de parar de rir. “É só o seu jeito de contar. Não estou rindo de você.”

“Tudo bem”, disse ela também rindo, e eu vi que lhe fazia bem não levar aquilo muito a sério. “É muito engraçado quando a gente pensa nisso. Quer dizer, se ele tivesse me trocado pela Jane Fonda, seria diferente. Mas por um bando de leprosos? Eu nem sabia que ainda *existiam* leprosos. Só sabia da doença porque o filme predileto do Max é *Ben-Hur* e fui obrigada a vê-lo com ele muitas vezes.”

“Azar do Fergus.”

“Oh, não precisa me dar tapinha no ombro”, disparou ela, ficando séria outra vez. “As pessoas sempre dizem isso, sabe, mas estão

erradas. O azar não foi dele. Foi meu. Eu o amava.” Hesitou um instante e então repetiu a frase com mais ênfase na palavra crucial. “E ainda sinto falta do Fergus, apesar de tudo. Queria que ele tivesse sido sincero comigo, só isso. Se tivesse dito alguns dias antes que não me amava o suficiente para casar comigo, se a gente tivesse sentado e discutido as coisas, então, mesmo que ele quisesse cancelar tudo, seria difícil, mas pelo menos eu teria participado da decisão. Não sofreria tanta humilhação. Mas o modo como ele me abandonou? Um simples telefonema quando eu já estava vestida de noiva para me falar na sua ridícula “insegurança”? Que diabo de homem faz uma coisa dessas? E que diabo de mulher sou eu, já que, se ele entrasse aqui neste momento, provavelmente me atiraria nos braços dele?”

“Eu lamento muito o que aconteceu com você, Alice. Ninguém devia ter de sofrer tanta crueldade.”

“Por sorte”, disse ela, baixando os olhos e enxugando as lágrimas que ameaçavam escorrer, “eu tive a sua mãe para me consolar. Quer dizer, a sua mãe *adotiva*. Eu simplesmente mergulhei de corpo e alma no meu trabalho. No trabalho dela. Desde então, tenho vivido e respirado Maude Avery e encontrei muito consolo nos livros dela. Ela era uma escritora maravilhosa.”

“Era”, disse eu. Àquela altura, tinha lido a maior parte dos seus romances.

“É como se a Maude compreendesse perfeitamente a condição da solidão e como ela nos solapa a todos, obrigando-nos a fazer opções que sabemos que não servem para nós. Em cada romance, ela vai mais fundo nesse tema. É extraordinário. Você leu a biografia do Malleston?”

“Dei uma olhada”, respondi. “Não li de ponta a ponta. A mulher que ele apresenta é muito diferente da que eu conheci. Como se a Maude fosse uma personagem de ficção, não uma pessoa real. Ou uma delas fosse. A Maude que eu conheci ou a Maude que sai das páginas dos livros. Ou as duas, quem sabe?”

“Você aparece no livro, sabe?”

“Sim, eu sei.”

Ficamos algum tempo em silêncio até que Alice voltasse a falar. “Ainda acho inacreditável morar na casa que um dia foi dela”, disse. “E sua, imagino. Foi uma sacanagem do Max comprá-la da Maude naquelas condições quando o seu pai estava preso. E por um preço irrisório.”

“Ora, o Charles mereceu”, disse eu, dando de ombros. “Se ele não tivesse seduzido a sua mãe, o Max não ia querer se vingar.”

“A minha mãe gosta de bancar a vítima inocente nessa história. Mas ela é tão culpada quanto. Nenhuma mulher é verdadeiramente seduzida. Trata-se de uma decisão mútua da parte do sedutor e da seduzida. Ironicamente, a única pessoa que sofreu para valer foi a que não tinha feito nada errado.”

“A Maude.”

“Exatamente. A Maude. Ela perdeu a casa. Perdeu o escritório. O santuário dela. Ter um lugar em que a gente se sente em segurança, em que pode trabalhar, é mais importante do que a gente imagina até o dia em que o perde. Especialmente para uma mulher. E, é claro, ela morreu pouco tempo depois disso.”

“Sim, mas foi o tabagismo”, disse eu, começando a me sentir um pouco incomodado com o rumo que a conversa estava tomando. Vinte anos depois da morte da minha mãe adotiva, eu nunca sentira nada parecido com a tristeza e a compaixão que Alice sentia e isso me envergonhava. “Ela não morreu de mágoa ou coisa que o valha.”

“Mas ajudar aquilo não ajudou. Não acha que as duas coisas estavam ligadas? Que o câncer tomou conta de tudo por causa das coisas que ela perdeu?”

“Não. Eu acho que ela morreu porque passou toda a vida adulta fumando sem parar desde que abria os olhos de manhã até ir dormir à noite.”

“Bem, talvez você tenha razão”, disse Alice em tom conciliador. “É claro, você a conhecia, eu não. Talvez tenha razão”, repetiu. Seguiu-se outro longo silêncio e eu pensei que houvéssemos terminado de falar em Maude, mas não, ela tinha mais uma coisa a me contar.

“Eu estive com ela uma vez, sabe? Quando era pequena. Tinha cinco ou seis anos quando o Max nos levou, a mim e a Julian, à Dartmouth Square para um encontro com o seu pai. Acho que foi pouco antes do processo. Acontece que eu queria ir ao banheiro e subi procurando um, mas, é claro, a casa é tão grande e tem tantos andares que me perdi e entrei onde acho que era o escritório dela. Primeiro pensei que a casa estivesse pegando fogo, pois a sala estava simplesmente repleta de fumaça...”

“Sim, esse era o escritório dela”, confirmei.

“Eu mal conseguia enxergar. Mas a minha vista foi se acostumando aos poucos e eu vi uma mulher sentada a uma escrivaninha, de vestido amarelo e olhando fixamente para mim, tremendo um pouco. Não se moveu, limitou-se a erguer a mão feito o Fantasma do Natal Futuro, apontou para mim e então disse uma única palavra, uma pergunta — *Lucy?* — e eu fiquei arrepiada, apavorada e

sem saber o que fazer. Ela se levantou e se aproximou lentamente e, embora estivesse pálida como um fantasma, olhou para mim como se o fantasma fosse *eu*, e quando estendeu a mão para me tocar, eu fiquei com tanto medo que saí correndo, desci a escada aos berros e desapareci pela porta da rua. Só parei de correr quando estava no outro lado da Dartmouth Square, onde me escondi atrás de uma árvore esperando que o meu pai e o meu irmão aparecessem. Tenho certeza de que molhei a calcinha de medo.”

Olhei para ela, impressionado e encantado com a história. Eu não tinha esquecido aquela menina esquisita de casaco rosa-claro correndo pela casa como se o próprio cão dos Baskerville estivesse no seu encalço, mas nunca descobrira a razão daquele tremendo susto. Agora sabia enfim. Não deixava de ser um alívio sepultar aquela história.

“Lucy era a filha dela”, expliquei. “A Maude deve ter pensado que você era ela.”

“*Filha* dela? Não há nenhuma referência a uma filha na biografia de Malleson.”

“Nasceu morta. A Maude teve uma gravidez horrível, acho. Por isso não pôde mais ter filhos.”

“Certo”, disse Alice, e eu percebi que aquela informação podia ser útil para a sua tese. “Enfim, esse foi o meu único encontro com ela”, prosseguiu. “Até que eu decidisse estudar a obra, ou seja, duas décadas depois.”

“Ela ficaria desolada se soubesse disso. Detestava qualquer forma de publicidade.”

“Ora, se não fosse eu, seria outra pessoa”, respondeu ela com um dar de ombros. “E haverá outras. A Maude simplesmente é muito importante para *não* se escrever sobre ela, não acha? Aliás, como ela era? Desculpe, não estou de olho em alguma informação que sirva para a minha tese. Estou interessada de verdade.”

“É difícil de dizer”, respondi, querendo mudar de assunto. “Vivi com ela nos primeiros oito anos da minha vida, mas a nossa relação nunca foi o que a gente chamaria de íntima. Ela queria um filho, por isso ela e o Charles me adotaram, mas acho que queria um filho do mesmo modo como queria um tapete persa ou um lustre do palácio de Versalhes. Só para ter, sabe? A Maude não era má, não mesmo, mas eu não posso dizer que tenha chegado a conhecê-la. Quando o Charles foi preso, ficamos só nós dois durante alguns meses, mas àquela altura ela já estava morrendo, de modo que nunca tivemos oportunidade de conversar como mãe e filho conversam.”

“Você tem saudades dela?”

“Às vezes. Sinceramente, eu quase nunca penso nela. A não ser quando as pessoas falam nos livros dela. Eles passaram a ter tanto prestígio que acontece até de eu receber cartas de estudantes pedindo ajuda para alguma tese.”

“E você aceita ajudar?”

“Não. Está tudo nos próprios livros. Eu não tenho nada a acrescentar que seja útil a alguém.”

“Tem razão”, disse Alice. “Por isso não entendo por que alguns escritores sentem necessidade de falar da própria obra em público ou de dar entrevistas. Se o que você queria dizer não está ali no livro, pode apostar que deveria ter reescrito tudo de alto a baixo.”

Eu sorri. Na verdade, não era um grande leitor e não sabia praticamente nada da literatura contemporânea, mas gostava do fato de Alice saber. A Maude sem a frieza.

“Você escreve?”, perguntei, e ela sacudiu a cabeça.

“Não, para mim não dá”, disse. “Não tenho imaginação. Sou uma leitora pura e simples. Aliás, eu já estou me perguntando o que estou fazendo aqui. O que eu mais gostaria era de ir para casa e me enroscar no John McGahern. Metaforicamente, é claro.” Alice corou quase em seguida e estendeu a mão para me tocar o braço. “Desculpe, Cyril”, disse. “Foi grosseiro da minha parte. Não quis dizer que não estou gostando da sua companhia... estou, sim.”

“Tudo bem. Eu sei o que você quis dizer.”

“Você é muito diferente dos outros amigos de Julian. Eles são tão chatos e vulgares e, quando eu estou por perto, dizem coisas para tentar me chocar. Pensam que porque eu gosto de ler e sou tímida, vou soltar gritinhos por causa das vulgaridades deles, mas estão errados. Na verdade, eu não sou nada fácil de chocar.”

“É bom saber.”

“Você conversou com as gêmeas finlandesas?”

“Não”, respondi. “Para quê? Elas já terão sumido na próxima vez que eu topar com o Julian.”

“É verdade. A vida é curta demais para a gente perder tempo com isso. E você, Cyril? Tem uma dupla de gêmeas finlandesas escondida em algum lugar? Suecas? Norueguesas? Ou uma garota só, caso você prefira ser antiquado nessas coisas?”

“Não”, disse eu, um pouco incomodado por ter de conversar sobre a minha vida amorosa ou a falta dela. “Não, eu nunca tive muita sorte nesse departamento, infelizmente.”

“Nisso eu não acredito. Você é bonito e tem um bom emprego. Provavelmente pode ter a garota que quiser.”

Olhei em volta. A música estava tão alta que ninguém podia nos ouvir. E algo dentro de mim sentiu-se subitamente cansado de subterfúgios.

“Posso te contar uma coisa?”

“Uma coisa escandalosa?”, perguntou ela, sorrindo.

“Acho que sim”, respondi. “É uma coisa que nunca contei para o Julian. Mas, de algum modo... não sei por quê, simplesmente sinto que posso confiar em você.”

A sua expressão mudou um pouco, de divertida para intrigada. “Tudo bem”, disse ela. “O que é?”

“Promete não contar ao seu irmão?”

“Ela promete não contar *o que* ao irmão?”, perguntou Julian, aparecendo repentinamente atrás do nosso assento, e eu me sobressaltei quando ele se inclinou com a intenção de dar um beijo rápido na bochecha da irmã e, a seguir, um beijo rápido na minha.

“Nada”, disse eu, perdendo o embalo, afastando-me dele e sentindo a frequência cardíaca se elevar extraordinariamente no peito.

“Não, continue, conte!”

“Que eu vou sentir a sua falta quando você viajar, só isso.”

“Ora, eu também pensaria isso! Afinal, não é toda hora que a gente arranja um grande amigo. Agora, quem topa mais um drinque?”

Alice lhe mostrou o seu copo vazio e ele correu de volta ao balcão enquanto eu olhava para o chão.

“E então?”, perguntou ela. “O que era?”

“O que era o quê?”

“Você ia me contar uma coisa.”

Sacudi a cabeça. Em outra ocasião, quem sabe. “Era o que eu disse”, menti. “Que vou sentir falta dele, nada mais.”

“Ora, o que há de tão escandaloso nisso? Eu estava esperando uma coisa muito mais cabeluda.”

“Desculpe”, disse eu, encolhendo os ombros. “Imagino que esse não seja o tipo de coisa que os homens geralmente dizem a respeito dos amigos. Nós temos obrigação de ser estoicos e guardar os sentimentos só para nós.”

“Quem diz isso?”

“Todo mundo.”

Alguns dias depois, quando Julian já havia partido para a América do Sul, eu estava em casa uma noite quando o telefone tocou.

“Cyril Avery”, atendi.

“Ainda bem”, disse uma voz. Uma voz feminina. “Quer dizer que eu acertei o número.”

Enruguei a testa. “Quem fala?”, perguntei.

“É a voz da sua consciência. Nós precisamos ter uma conversinha. Você tem sido um péssimo menino, não é verdade?”

Eu não disse nada, mas afastei o fone do ouvido um instante, olhei para ele, perplexo, e o reaproximei lentamente. “Quem está falando?”, repeti.

“Sou eu, seu bobo. Alice. Alice Woodbead.”

Hesitei ainda, sem saber por que diabo ela estava me telefonando.

“O que aconteceu?”, perguntei, já entrando em pânico. “Não é por causa de Julian, é? Ele está bem, não está?”

“Sim, está ótimo. Por que não estaria?”

“Tem razão. É que o seu telefonema me surpreendeu, só isso.”

“Quer dizer que você não estava grudado no telefone esperando a minha chamada?”

“Não. Por que ia estar?”

“Você realmente sabe lisonjear uma garota, hein?”

Abri e fechei a boca algumas vezes. “Desculpe”, pedi. “Eu me expressei mal.”

“Agora eu estou começando a me sentir meio boba.”

“Não, não”, apressei-me a dizer, sabendo que estava sendo muito grosseiro. “Desculpe. Você me pegou desprevenido.”

“Por quê, o que estava fazendo?”

Pouca coisa, só estava aqui folheando um pouco de pornografia e me perguntando se dava tempo de bater uma bronha rápida antes do jantar, teria sido a resposta exata.

“Lendo *Crime e castigo*”, respondi.

“Ainda não li. Sempre tive intenção. É bom?”

“É legal. Crime não tem muito, mas castigo não falta.”

“A história da minha vida. Olhe, Cyril, diga não se quiser...”

“Não”, disse eu.

“O quê?”

“Você me mandou dizer não se quisesse.”

“Sim, mas me deixe perguntar primeiro. Santo Deus, você não facilita as coisas para uma garota, hein?”

“Desculpe. O que você ia perguntar?”

“Eu estava pensando...” Alice ficou momentaneamente sem voz, tossiu e, pela primeira vez, começou a se mostrar menos segura. “Bom, querendo saber se você gostaria de jantar comigo uma noite dessas.”

“Jantar?”

“Sim, jantar. Você come, não?”

“Como”, respondi. “Sou obrigado. Do contrário passo fome.”

Ela se calou um instante. “Você está me gozando?”

“Não. É que não estou acostumado com isso. Devo estar dizendo coisas bobas.”

“Não faz mal. Eu falo coisas bobas o tempo todo. Nós concluímos que você come para se esquivar das pontadas da fome. Você topa comer comigo? Talvez no fim de semana.”

“Só nós dois?”

“E as outras pessoas no restaurante. Eu não vou cozinhar para você. Não sou tão domesticada assim. Mas não vamos ter de conversar com nenhuma das outras pessoas lá, a não ser que já não tenhamos o que dizer um ao outro.”

Pensei um pouco. “Acho que podemos fazer isso”, disse.

“Acho que eu preciso me sentar”, replicou ela. “O seu entusiasmo está me estonteando.”

“Desculpe”, tornei a pedir, agora rindo. “Sim. Jantar. Você e eu. Num restaurante. No fim de semana. Acho uma ótima ideia.”

“Excelente. Vou fingir que não foi tão difícil assim e esperar ansiosamente. Te escrevo antes de sábado dando a hora e o lugar. Está bem?”

“Está.”

“Tchau, Cyril.”

“Tchau, Alice.”

Desliguei e olhei ao meu redor sem saber como devia me sentir. Era um encontro amoroso? Ela tinha me convidado a sair para namorar? As mulheres *podiam* convidar os homens assim? Sacudi a cabeça e voltei para o quarto. Já não estava com vontade de me masturbar. E tampouco com vontade de jantar.

No entanto, dias depois, dei comigo sentado em frente à irmã de Julian num restaurante, conversando sobre coisas sem importância, e ela pousou a mão na minha e me olhou diretamente nos olhos.

“Posso te dizer uma coisa, Cyril?”, perguntou, o cheiro do seu perfume de lavanda tornando o ar mais agradável.

“Claro”, disse eu, nervoso com o que ela pretendia dizer.

“Acontece que eu senti uma conexão forte com você na festa de despedida do Julian e fiquei esperando que me telefonasse. Na verdade, sempre, toda vez que a gente se encontrava por aí, eu sentia que gostava de você, mas é claro que antes eu estava com o Fergus. Mas naturalmente você não telefonou, por isso eu telefonei. Sou sem-vergonha, eu sei. Em todo caso, não sei se você está namorando outra pessoa ou não, imagino que não, do contrário não teria concordado em sair hoje, mas, se estiver namorando ou se não estiver interessado

em mim, por favor, me diga, porque eu não quero nenhum mal-entendido entre nós. Principalmente depois do que eu passei. Gosto muito de você, viu?”

Olhei para o prato à minha frente e respirei fundo. Na hora entendi que aquele seria um dos momentos definidores da minha vida. Podia lhe dizer a verdade como quisera fazer na semana anterior, confiar-lhe os meus segredos e pedir a sua amizade. Se o fizesse, havia uma boa chance de ela ser uma amiga como Julian jamais fora. Mas, naquele momento, sem coragem de ser sincero, simplesmente não me senti preparado. Sair juntos de vez em quando não faria mal a ninguém. Eu gostava da companhia dela. E nós não estávamos falando em casar nem em nada parecido.

“Não, não estou namorando ninguém”, disse, erguendo a vista e sorrindo, apesar de tudo. “E é claro que estou interessado em você. Que homem normal não estaria?”

OITO PALAVRAS

Imagino que todos à mesa achavam que eu era virgem, muito embora, na verdade, eu provavelmente houvesse feito mais sexo que qualquer um deles, até mesmo que Julian, se bem que em ambientes bem menos românticos. Mas eles tinham vivido coisas que eu nunca vivera, prazeres que decerto eram superiores à emoção fugaz de um clímax logo esquecido.

Por exemplo, eu não sabia nada das preliminares da sedução, do que era topar com um desconhecido num bar e começar uma conversa, consciente da possibilidade de ela levar a algo mais interessante. A verdade era que, se eu não estivesse trepando em questão de dez minutos ao paquerar um homem, provavelmente não treparia mais. A minha reação pavloviana a um orgasmo era subir a calça e sair correndo. Nunca fizera sexo durante o dia; pelo contrário, aquela era uma atividade vergonhosa a ser exercida às pressas, às escondidas e no escuro. Associava o ato sexual ao ar noturno, a espaços abertos, eu de camisa e de calça arriada. Conhecia bem a sensação da cortiça de árvore na palma das mãos quando fodia com alguém num parque e o cheiro de seiva junto ao rosto quando um estranho me penetrava. O sexo era acompanhado não de suspiros de prazer, e sim da urgência dos roedores na vegetação rasteira e do ruído dos carros que passavam ao longe, para não mencionar o temor associado de que daquelas mesmas ruas viesse o grito implacável das sirenes da Garda, reagindo ao telefonema indignado de algum

traumatizado cidadão acompanhado de um cãozinho. Eu não tinha ideia do que era envolver um amante nos braços sob os lençóis e adormecer, murmurando palavras carinhosas que resvassem descuidadamente para uma terna sonolência. Nunca havia acordado com outra pessoa nem tido oportunidade de satisfazer o desejo tenaz da manhã com um parceiro sem culpas. Podia contar mais parceiros sexuais na minha história que qualquer um que eu conhecia, mas, para mim, a diferença entre amor e sexo se condensava em oito palavras:

Eu amava Julian; eu fazia sexo com desconhecidos.

E agora me pergunto o que teria surpreendido mais aquela gente: saber de tudo isso ou saber que eu *havia* transado, de fato, com uma mulher. Só uma vez, é verdade, mas o momento extraordinário acontecera três semanas antes, quando, para minha surpresa, Alice fez questão de ir para a cama comigo, e eu, ainda mais surpreendentemente, concordei.

A intimidade foi uma das coisas que consegui evitar nos nossos dezoito meses de namoro e, pela primeira vez na vida, agradei viver na Irlanda, país em que um homossexual, tal como um seminarista, podia esconder facilmente as suas preferências sob a roupagem escura do católico fervoroso. Naturalmente, ainda estávamos em 1973, e, sendo filhos da nossa época, ficávamos com vergonha de discutir essas coisas em voz alta, de modo que usávamos a pessoa que tínhamos em comum, Julian, como o nosso canal para entrar no assunto.

“Ele vive transando com gente diferente”, queixei-me algumas semanas antes do casamento, quando estávamos no Doyle’s da College Green, os dois um pouco excitados por ter visto Robert Redford e Paul Newman alternando durante duas horas camisetas, smokings e cabelo penteado para trás em *Um golpe de mestre*. Eu me achava num daqueles estados de ânimo em que o meu ressentimento pela potência sexual e a heterossexualidade inexorável do irmão dela me dava vontade de criticá-lo. “Julian basicamente faz isso com qualquer uma, coisa que, pensando bem, é um bocado nojenta. Mas será que ele é feliz mesmo?”

“Está brincando, Cyril?”, replicou Alice, divertida com o desatino da minha pergunta. “Eu diria que ele vive em êxtase. Você não viveria?”

Eu sabia que ela estava me provocando, mas não ri. O sexo pairava na nossa vida como um convidado ansioso numa festa. Era óbvio que, cedo ou tarde, um de nós teria de criar vergonha e ir recebê-lo. Eu só não queria que fosse eu.

“Já te contei”, disse Alice sem me olhar diretamente nos olhos, “que Max e Samantha vão passar o fim de semana em Londres?”

“Não”, respondi. Samantha era a segunda mulher de Max. Tal como o meu pai adotivo, que, naquele ano, estava noivo da mulher que seria a quarta sra. Avery, ainda que por pouco tempo, o pai de Alice obtivera o divórcio de Elizabeth no Reino Unido, alegando comportamento inaceitável. Para ser justo, alegou o seu *próprio* comportamento inaceitável no processo, não o dela, porque, afinal de contas, a única coisa inaceitável que ela tinha feito na vida, à parte o breve caso com Charles, tinha sido continuar casada com aquele filho da mãe. Uma vez proferida a sentença, Max se casou com uma aspirante a atriz que tinha uma estranha e profundamente perturbadora semelhança com Alice. Esse era um assunto proibidíssimo, embora eu muitas vezes tivesse vontade de perguntar a Julian se havia notado a semelhança e, caso houvesse, o que achava dela.

“A gente devia ir a Londres um dia”, prosseguiu Alice.

“Acho que não vão faltar períodos de férias quando estivermos casados. Podemos ir à Espanha um dia. Ou quem sabe a Portugal.”

“A Portugal?”, espantou-se ela, fingindo entusiasmo. “Você acha mesmo? Eu nunca me imaginei o tipo da menina que cresceria para ir a Portugal!”

“Tudo bem, aos Estados Unidos então”, disse eu, rindo. “Ou à Austrália. Tudo é possível. Vamos ter de passar um tempão economizando se quisermos ir tão longe, mas...”

“É difícil acreditar que eu já tenho vinte e seis anos e nunca saí da Irlanda.”

“Ora, eu tenho vinte e oito e também não. O que eles vão fazer em Londres, afinal?”

“Oh, Samantha tem um encontro com Ken Russell.”

“Quem é Ken Russell?”

“Um diretor de cinema. Sabe, *Os demônios*, *Mulheres apaixonadas*. Oliver Reed e Alan Bates lutando pelados.”

“Ah, sim. Tudo pornô soft, não?”

“Bom, depende da idade do espectador”, disse Alice. “Para a geração dos nossos pais, sim, provavelmente é. Para nós, são filmes de arte.”

“Do que será que os nossos filhos vão chamar esses filmes? Interessantes, mas antiquados pra burro, imagino.”

“Filhos?”, indagou ela, olhando para mim com ar esperançoso. “É gozado a gente nunca ter falado em filhos, não? Considerando que

vamos casar em algumas semanas.”

“Gozado mesmo”, disse eu, e, pela primeira vez na vida, me ocorreu que nunca havia pensado em ser pai. Talvez não tivesse me permitido pensar nisso por saber que era impossível.

“Você gostaria de ter uma família, Cyril?”

“Oh, sim. Acho que provavelmente gostaria. Gostaria muito de ter uma filha. Ou muitas filhas.”

“Como um gentleman de um romance de Jane Austen. Quando morresse, você deixaria mil libras e quarenta hectares em Hertfordshire para cada uma delas.”

“E, se elas brigassem, o castigo seria uma tarde na companhia da srta. Bates local.”

“Acho que prefiro um filho”, disse Alice, desviando a vista, e eu notei que fixou os olhos num rapaz incrivelmente lindo que acabava de entrar no pub. Deteve-os no seu corpo quando ele se debruçou no balcão, examinando as bicas de chope antes de escolher um tipo. Ela engoliu em seco repentinamente e, pela primeira vez, vi genuíno desejo no seu olhar. Não a censurei — eu teria pisado no cadáver dos meus melhores amigos para chegar a ele —, mas, quando Alice voltou a olhar para mim, o seu sorriso era de resignação, como se quisesse *aquilo*, mas tivesse de se conformar com *isto aqui*, e, até agora, *isto aqui* não tinha sido grande coisa para ela no departamento que mais interessava. Senti uma pontada de culpa e me vi aprisionado num silêncio incômodo. Súbito, as gracinhas sobre Jane Austen me pareceram absurdas e embaraçosas.

“No que a gente estava falando?”, perguntou ela enfim, porque o trem do seu raciocínio não tinha só descarrilhado, tinha saltado dos trilhos, se precipitado sobre um penhasco e se chocado trinta metros abaixo contra uma ravina, matando todos a bordo.

“Em filhos. Você prefere menino. Eu, menina.”

De gravidez eu não entendia muito, mas sabia que, para ter filhos, primeiro era preciso fazê-los. Uma vez, os padres do colégio disseram vagamente que, quando uma mãe e um pai se amavam muito, deitavam-se bem juntinhos e o Espírito Santo descia sobre eles para criar o milagre de uma nova vida. (Charles, na sua única tentativa de ter uma conversa de homem para homem comigo, apresentou a coisa de modo diferente. “Tire a roupa dela”, disse. “Brinque um pouco com as tetas, pois as damas adoram isso. Então enfie a piroca na aranha dela e fique um pouco ali no entra e sai. Não demore muito nesse vaivém: afinal, aquilo não é uma estação ferroviária. Faça o que é para fazer e vá cuidar da vida.” Não admira que ele tenha conseguido

agarrar tantas esposas, o velho romântico.)

Tentei imaginar como seria despir Alice, como seria para ela me despir e para os dois ir para a cama, nus. E, para ela, olhar para o meu pênis e acariciá-lo ou chupá-lo e então conduzi-lo para dentro de si.

“Qual é o problema”, quis saber ela.

“Nenhum, por quê?”

“Você ficou com uma cor esquisita. Parece que está doente.”

“Pareço?”

“É sério, Cyril. Você está praticamente verde.”

“Eu estou com um pouco de tontura, agora que você falou nisso”, disse eu, fazendo menção de pegar o meu caneco.

“Então é melhor não beber isso. Não quer um pouco de água?”

“Quero, vou buscar.”

“Não”, gritou ela, levantando-se e obrigando-me a voltar a me sentar. “Eu vou.”

Foi ao balcão e eu a segui com o olhar, perguntando-me por que Alice fazia tanta questão de ir buscar a água, e então vi que o rapaz ainda estava lá e, ao se postar ao seu lado, ela começou a olhá-lo de esguelha. O barman estava ocupado e os dois passaram algum tempo assim, lado a lado, até que ele se inclinasse e lhe dissesse alguma coisa e Alice desse uma resposta rápida. As suas palavras o fizeram rir uma boa gargalhada, e eu percebi que não se tratava de mero flerte da parte do rapaz. Alice era espirituosa, tinha um humor rápido, uma das coisas que eu mais gostava nela.

E eu a *amava*, sim. À minha maneira. À minha maneira egoísta e covarde.

Fiquei vendo-os conversar, depois o barman veio, ouviu os seus pedidos, e eles mudaram de assunto. O rapaz deve ter lhe perguntado se estava sozinha, pois ela sacudiu a cabeça e fez um gesto na minha direção e, quando me viu à mesa à espera dela, ele se mostrou decepcionado. Mas logo voltou a olhar para Alice, e eu pude observá-lo o rosto, pois ambos se entreolhavam com tanta atenção que não tinham como reparar em mim. Ele, além de bonito, tinha muita ternura no olhar. Mesmo sem nada saber a seu respeito, eu acreditei que trataria a amada com delicadeza e carinho. Pouco depois Alice retornou com o meu copo de água e se sentou; eu fingi que não havia notado o bate-papo dos dois.

“Quero conversar com você”, disse ela subitamente, um rubor de irritação a lhe tingir a face. “E vou desembuchar de uma vez porque você parece que não vai tomar a iniciativa, não adianta eu ficar dando toques. O motivo pelo qual eu comentei que Max e Samantha vão

passar o fim de semana em Londres é que, com eles viajando, a casa vai ficar vazia. Eu acho que você devia dar uma passada lá, Cyril. Jantamos, tomamos os melhores vinhos do Max e, sabe o que mais? vamos para a cama.”

Eu não disse nada, mas senti como se um peso enorme estivesse envolvendo meu corpo todo, tal como os bons burgueses de Amsterdam costumavam fazer no século XVII: atar pedras de moinho no pescoço dos homossexuais condenados, atirá-los nos canais e deixá-los se afogarem.

“Certo”, respondi. “Entendi. Ideia interessante.”

“Olhe, eu sei que você é muito religioso. Mas, afinal, falta tão pouco para a gente se casar.”

É claro que de religioso eu não tinha nada. Não dava a mínima para essas bobagens e, à parte pensar ocasionalmente que Jesus De Cabelo Comprido E Barba era um bocado atraente, nunca pensava no além-mundo nem na questão da criação do homem. Aquela era uma tapeação — mais uma — que eu tinha tratado de espalhar quando comecei a namorar Alice e usado desde o nosso primeiro encontro como desculpa para não ter de ir para a cama com ela. A desvantagem dessa mentira era que, para parecer coerente, eu tinha de ir à missa todo domingo. Receando que ela imitasse Mary-Margaret e me seguisse às escondidas — coisa improvável, dada a grande diferença de caráter das duas, mas sempre uma possibilidade —, assistia regularmente à missa das onze e meia na Westland Row, a mesma igreja em que, catorze anos antes, eu havia matado um padre ao confessar as minhas perversões. Claro que eu nunca me sentava naquele lado da igreja. Tinha me sentado uma vez, visto o ladrilho quebrado, intacto desde a queda do sacerdote, e tinha tido calafrios. Preferia instalar-me no fundo e geralmente cochilava um pouco até que uma velha me cutucasse o braço para me acordar, olhando para mim como se eu fosse o único responsável pela ruína da civilização ocidental.

“Não sei”, disse eu depois de uma longa pausa. “Quero ir, quero mesmo. Mas sabe o que o papa diz...”

“Que me importa a opinião do papa?”, disparou Alice. “Eu não estou querendo trepar com o papa.”

“Meu Jesus Cristo, Alice!”, exclamei, achando graça no palavreado dela. Eu não era nada religioso, mas aquilo pareceu blasfemo demais até para mim.

“Com esse daí eu também não quero nada. Olhe aqui, Cyril, vamos pôr as cartas na mesa. Nós estamos para casar. E, se tudo der

certo, vamos ter um casamento muito feliz e muito bem-sucedido nos próximos cinquenta anos. Pelo menos é o que eu quero, não é o que você quer?”

“Sim, claro que é.”

“Porque”, acrescentou ela, baixando um pouco a voz, “se você tiver alguma dúvida, seja qual for, ainda dá tempo de dizer.”

“Mas eu não tenho nenhuma dúvida, Alice.”

“A última coisa que eu quero na vida é tornar a receber um telefonema quando estiver vestida de noiva. Isso você entende, não entende, Cyril? Não sei como sobrevivi ao que o Fergus me fez. E estou dizendo que não aguentaria passar por isso outra vez. Seria o meu fim.”

Olhei para Alice sem saber ao certo de onde vinha aquilo tudo. Será que já fazia tempo que ela andava pensando no que acabava de dizer? *Suspeitava* de algo? No balcão, vi o rapaz bonito terminar o chope e pegar o paletó.

A sua chance é agora, disse eu comigo. *Conte-lhe a verdade. Dê a ela uma chance de entender, de perdoar a sua mentira, de ser sua amiga, de ajudá-lo e ainda por cima de amá-lo. E diga-lhe que nós podemos discutir isso outra hora, mas agora ela precisa ir correndo ao balcão e dar ao homem o número do seu telefone antes que seja tarde demais.*

“Cyril”, disse Alice, mostrando-se repentinamente preocupada. “O que aconteceu?”

“Nada. Por quê?”

“Você está chorando.”

“Não estou chorando”, disse eu, mas quando levei a mão ao rosto, me surpreendi ao descobrir que estava molhado e as lágrimas continuavam escorrendo. Nem havia notado. Enxuguei-as com o lenço e procurei me recompor. Olhei para ela mais intensamente do que havia olhado para quem quer que fosse na vida e lhe segurei a mão. “Alice.”

“Por que você estava chorando?”

“Não estava.”

“Estava!”

“Não sei. Devo estar resfriado. Alice...”

“O quê?”, perguntou ela, nervosa. “Conte, Cyril. Seja o que for, conte para mim. Prometo que tudo vai ficar bem.”

Eu a encarei. “Será mesmo?”

“Agora você está me assustando.”

“Lamento, Alice. A culpa é toda minha.”

“Que culpa? Cyril, o que foi que você fez?”

“Trata-se, na verdade, do que eu deixei de fazer. Do que deixei de dizer.”

“Mas o que foi que você deixou de dizer? Pode contar tudo, Cyril, palavra que pode. Você parece tão infeliz neste momento. Nada pode ser tão ruim assim, não é mesmo?”

Baixei os olhos e ela ficou em silêncio, esperando que eu falasse. “Se eu contar”, respondi enfim, “você vai me odiar. E não quero que você me odeie.”

“Mas eu nunca poderia odiar você! Eu te amo!”

“Eu cometi um erro terrível.”

Alice endireitou o corpo, o rosto agora mais sombrio. “Existe outra pessoa?”, indagou. “Você se envolveu com alguém?”

“Não”, respondi, muito embora tivesse me envolvido, sim. Só que não em público. “Não é isso.”

“Então o que é? Pelo amor de Deus, Cyril, fale de uma vez!”

“Está bem. Acontece que sempre, desde que eu era menino...”

“Sim?”

“Desde menino eu sabia que...”

“Com licença.”

Nós dois erguemos a vista e demos com o rapaz bonitão do balcão. Pensei que tivesse ido embora, mas não, lá estava ele com um largo sorriso, parecendo um pouco constrangido.

“Desculpe interromper”, disse.

“O quê?”, perguntou Alice com irritação. “Do que se trata?”

“É que... olhe, normalmente eu não faria uma coisa dessas. Tive a impressão de que houve um pouco de conexão entre nós lá no balcão, queria saber se você pode me dar o número do seu telefone, só isso. Se você não me levar a mal, talvez eu convide você para sair uma noite dessas.”

Ela o encarou com incredulidade. “Você está brincando?”

“Não”, respondeu ele, franzindo a testa. “Desculpe, eu entendi mal? É que me pareceu que...”

“Eu estou aqui com o meu noivo”, disse ela, voltando-se para mim. “Você não enxerga? Tem o costume de paquerar garotas acompanhadas do noivo? A sua autoestima chega a esse ponto?”

“Oh”, disse ele, virando-se e olhando para mim, chocado. “Eu sinto muitíssimo. Não imaginei... aliás, pensei que vocês fossem irmãos.”

“Por que, diabos, resolveu pensar isso?”, perguntou Alice.

“Sei lá”, disse ele, agora completamente confuso. “Alguma coisa no jeito de vocês aí. A maneira como se olhavam. Não imaginei que

estivessem juntos *juntos* mesmo.”

“Pois é. E isso que você acaba de dizer é de uma grosseria sem tamanho.”

“Sim”, concordou ele. “Desculpem. Peço desculpas aos dois.”

E, com isso, deu meia-volta, afastou-se e saiu do bar enquanto Alice o observava sacudindo a cabeça. *Vá atrás dele*, eu devia ter dito. *Corra antes que ele desapareça para sempre!*

“Dá para acreditar?”, perguntou ela, voltando-se para mim.

“Foi um engano”, disse eu. “Ele não fez por mal.”

“O que me surpreende é você não ter dado um murro na cara dele.”

Eu a encarei. “Queria que eu fizesse isso? Eu não sou do tipo que sai dando porrada por aí.”

“Não, claro que não. Mas... oh, eu não sei o que estou dizendo. A noite hoje vai indo de mal a pior. Vamos esquecer que isso aconteceu e simplesmente conte o que ia contar.”

“Nem lembro mais”, menti, morrendo de vontade de ir embora.

“Claro que lembra. Você estava dizendo que, desde menino...”

“Desde menino eu duvidava que pudesse fazer alguém feliz”, me apressei a dizer, desistindo de tudo o mais. “Só isso. Parece bobo, não? Podemos parar por aqui?”

“Mas você me faz feliz o tempo todo.”

“Faço?”

“Eu não ia me casar com você se não fizesse.”

“Certo.”

“Mas, olhe, já que estamos sendo sinceros um com o outro, eu também tenho uma coisa para contar. Simplesmente um desabafo, o.k.?”

“O.k.”, disse eu, me sentindo arrasado.

“Acho que a gente precisa transar. Nós dois. *Antes* de casar. Só para ter certeza.”

“Certeza do *quê*?”

“Posso perguntar uma coisa?”

“Pode perguntar o que quiser.”

“Você diz a verdade?”

Eu me perguntei se ela havia notado a minha hesitação. “Claro que digo.”

“Você já dormiu com uma mulher, Cyril?”

Eu sabia que, pelo menos a esse respeito, podia ser franco com ela.

“Não”, respondi, olhando para a mesa e esfregando o dedo numa

mancha invisível na madeira. “Nunca.”

“Eu já imaginava”, disse Alice, e havia um não sei quê de alívio na sua voz. “Tinha certeza de que você era virgem. É a Igreja, entende? Eles estragam todos os rapazes. O Julian não, é claro. O Julian é diferente. Se bem que eu acho que ele também tem muitos problemas com a constante necessidade de afirmação dele. Eles fazem vocês pensarem que o sexo é uma coisa imunda, mas não é. É perfeitamente natural. Faz parte da vida. Para começar, é o modo como todos nós chegamos aqui. E pode ser maravilhoso quando feito da maneira certa. Mesmo feito da maneira errada, é melhor do que nada. Oh, eu não estou dizendo que todo mundo tenha de sair por aí transando a torto e a direito como o Julian, mas, quando a gente realmente gosta de uma pessoa...”

“Acho que você está me dizendo que *já* transou.”

“Sim, eu já transei. E não me envergonho de admitir que já. Não vai ser um problema, vai? Você não vai me condenar por isso, vai?”

“Não, claro que não. Para mim, não faz diferença com que descuido algumas pessoas se jogam nas chamas do inferno para todo o sempre.”

“O quê?”

“Estou brincando.”

“É melhor que esteja mesmo.”

“Mas foram muitas vezes?”, perguntei, intrigado.

“Isso importa?”

“Acho que não. Mas, mesmo assim, eu gostaria de saber.”

“Pois bem, digamos assim”, disse ela. “Mais que a rainha. Menos que a Elizabeth Taylor.”

“Quantas vezes?”, insisti.

“Você quer mesmo saber ou é apenas um pervertido?”

“Um pouco de cada coisa.”

“Três, se você faz tanta questão de saber. A primeira foi com um amigo do Julian quando eu tinha dezoito anos. A segunda...”

“Um amigo do *Julian*?”, interrompi. “Quem?”

“Ora, talvez não convenha dizer. É possível que também seja amigo seu.”

“*Quem?*”, repeti.

“Acontece que não me lembro do sobrenome dele. Eu o conheci numa noite em que saí com Julian logo depois do resultado do meu exame do colegial. Foi numa festa na casa de não sei quem. Ele se chamava Jasper. Tocava acordeão. Claro, ninguém devia tocar acordeão em público, essa gente precisava ser mandada para uma ilha

deserta, mas até que esse garoto tocava bem. Lembro de ter pensado que ele tinha dedos muito sensuais.”

“*Não o Jasper Timson!*”, exclamei, chocado, inclinando-me para a frente,

“Esse mesmo”, disse ela, batendo palmas de prazer. “Muito bem! Oh, isso deve significar que você *conhece* o Jasper.”

“Claro que conheço. Nós estudamos no mesmo colégio. Você jura que está dizendo que perdeu a virgindade com o Jasper Timson?”

“Sim, juro”, respondeu ela com um dar de ombros. “Com alguém a gente tem de perdê-la, não acha? E ele era meigo. E bonito. E estava *disponível*, coisa que para mim era suficiente na época. Olhe, Cyril, você disse que isso não importava.”

“Não importa. Você sabia que agora ele mora em Toronto com o...”, calei-me um instante e abri aspas com os dedos, “o namorado?”

“Sabia, o Julian me contou”, riu Alice, encostando-se na cadeira.

“Uma vez, ele também tentou beijar o Julian, sabe?” Foi a única coisa que eu pude fazer para não cair na gargalhada.

“É mesmo? Isso não me surpreende. Eu só me surpreenderia se o Jasper *não tivesse* tentado beijar o Julian. Aliás, mesmo naquela época eu já sabia que ele era homossexual. Ele me confidenciou que achava que era, mas não tinha certeza absoluta. Em todo caso, nós dois éramos jovens, gostávamos um do outro, eu queria perder a minha virgindade o mais depressa possível e sugeri que a gente tentasse.”

“E o que ele disse?”, perguntei, pasmado com toda a história.

“Topou no ato. E nós nos enfiamos na cama. E foi legal. Nós dois conseguimos o que queríamos. Eu consegui perder o cabaço e ele descobriu que não tinha o menor interesse em repetir a dose. Pelo menos não com uma garota. Depois nós trocamos um aperto de mão e cada qual seguiu o seu caminho. Bem, em termos metafóricos. Não trocamos nenhum aperto de mão. Quer dizer, podíamos ter trocado, mas não consigo imaginar uma coisa dessas. Provavelmente trocamos um beijo no rosto. Coisa que acho que ele preferia a me beijar no lugar em que *havia* me beijado. Enfim”, prosseguiu ela, dando a impressão de que queria acabar logo com aquela conversa. “Depois do Jasper, teve um rapaz que eu namorei alguns meses, um aspirante a ator que não tinha *nada* de homossexual, a não ser que ele quisesse se torturar transando com todas as mulheres de Dublin. E depois, finalmente, Fergus, é claro.”

“É claro”, disse eu. “O bom e velho Fergus.”

“Nós só chegamos a este tema”, continuou Alice, “porque eu disse que quero transar com você quando Max e Samantha estiverem em

Londres.”

“Caramba, você é mesmo louca por isso, não?”

“Cale a boca, Cyril”, disse ela, dando um tapa na minha mão.

“Você só está se fingindo de zangado. Então, o que acha?”

“Em que quarto você dorme?”

“O quê?”

“Na Darmouth Square. Não esqueça que eu fui criado lá.”

“Oh, sim, claro. Bom, o meu é o do segundo andar.”

“Julian me disse que você ficou com o meu antigo quarto. No último andar.”

“Eu mudei para o de baixo. Uma escada a menos para subir!”

“Bom, lá eu não faço isso”, apressei-me a dizer. “Aquele era o quarto de Maude. Tem simplesmente... eu não poderia. Não, lá não.”

“Tudo bem. Podemos ficar no último andar se você preferir. No seu antigo quarto. O que acha?”

Pensei um pouco e concordei com relutância. “Está bem. Sim, acho que sim. Já que é tão importante para você.”

“Devia ser importante para *nós dois*.”

“E é”, disse eu, endireitando o corpo e pensando, *Que se foda*; se Jasper Timson — que era até mais homossexual que eu, pois tinha *namorado* — conseguiu, eu também ia conseguir. “Estou nessa. Quer dizer, vou estar. Não, tudo errado, eu não quis dizer que...”

“Calma, Cyril. Tudo bem. Sábado então? Às sete horas?”

“Sábado”, concordei. “Às sete horas.”

“E tome banho antes.”

“Claro que vou tomar banho. Quem você acha que eu sou?”

“Às vezes, os rapazes não tomam.”

“Tome banho *você*”, disse eu. “Não esqueça que eu sei por onde andou.”

Alice sorriu. “Eu sabia que você se disporia quando soubesse que era importante para mim. Essa é uma das coisas que eu adoro em você, Cyril. Não ser como os outros garotos. Ser sensível aos meus sentimentos.”

“Ora, ora...”, disse eu, sabendo que os dias que me aguardavam seriam longuíssimos para mim.

Passei o resto da semana sem encostar as mãos em mim e sem me aproximar dos becos ou dos parques habituais da minha vida noturna: queria estar com todo o tesão do mundo quando chegasse o grande momento. Tentei esquecer que, independente do que acontecesse no fim de semana, mesmo que tudo corresse maravilhosamente bem, era preciso pensar nos cinquenta anos que, segundo Alice, ainda tínhamos

pela frente. Na minha infinita burrice, decidi que aquela era uma ponte que eu atravessaria quando chegasse a hora.

E, afinal de contas, a noite de sábado foi melhor do que eu teria sido capaz de prever. Senti genuína ternura por ela, um afeto que beirava o romântico, ainda que nem tanto o sexual; e foram muitas as vezes em que gostei das prolongadas sessões de beijo a que nos entregamos. Naturalmente, fiz questão de apagar a luz, pois queria conhecer o seu corpo pelo tato antes de me confrontar com a realidade dele, e, embora não fosse o que eu queria — era suave ao toque, não musculoso e rijo como eu gostava, e de pele mais lisa do que eu imaginava possível —, de algum modo eu me deixei perder na novidade daquele corpo e me saí de um modo que acho que se podia classificar de “perfeitamente adequado”.

“Bom, pelo menos, não deixa de ser um começo”, disse Alice quando terminou.

Ela não chegou perto de nada parecido com o clímax, é claro, mas eu sim. Coisa que me pareceu irônica, apesar de tudo.

UM SINAL

Quando acordei, o sol era uma grande sacanagem que se despejava pela janela para me chamuscar os olhos através das pálpebras. Eu nem me havia dado ao trabalho de fechar a cortina ao chegar horas antes, derrubando-me de bruços no sofá, ainda vestido, onde uma combinação de ressaca com a consciência do meu dilema me fazia sentir que os meus últimos momentos estavam chegando. Fechei os olhos, desesperado por tornar a dormir, mas não tardei a arrastar a minha lamentável carcaça até o banheiro, sem saber ao certo se queria urinar ou vomitar. No fim, fiz as duas coisas ao mesmo tempo e então fui nervosamente ao espelho. Drácula teria sentido menos medo ao examinar o seu reflexo.

Sem dúvida, a minha aparência era terrível, como a vítima de um ato aleatório de violência durante a noite, agredida e dada por morta antes de ser, inexplicavelmente, trazida de volta à vida por um médico malevolente.

Eu esperava que um demorado banho de chuveiro quente me ajudasse a me recuperar, porém mais provável seria a erradicação imediata e definitiva da fome no mundo. Eram quinze para as onze e eu devia estar na igreja ao meio-dia. Imaginei Alice na Dortmouth Square, pondo o vestido, cercada de damas de honra, as quais se esforçavam para não fazer referências inadequadas ao que havia

acontecido na última vez que se reuniram para um evento daquela natureza.

Súbito, veio-me a percepção de como resolver todos os meus problemas. Implicaria perder todos os meus amigos, inclusive Julian — *especialmente* Julian —, mas, com o tempo, eles veriam que tinha sido melhor assim e sem dúvida me perdoariam. Pegando um punhado de moedas no criado-mudo, pus o roupão e me arrastei ao telefone público no corredor, tratando de discar o número antes que mudasse de ideia. Quando Max atendeu, apertei o botão A, ouvi as moedas caírem no compartimento e engoli em seco, quebrando a cabeça para encontrar as palavras certas.

“Alô?”, disse ele, dando a impressão de que já havia tomado um ou dois drinques àquela hora da manhã. “Max Woodbead!” Cheguei a ouvir risos no fundo, e vozes de garotas, um tilintar de copos. “Alô!”, repetiu ele. “Quem é? Fale de uma vez, pelo amor de Deus. Eu não tenho o dia todo.”

Mas eu não disse nada. Desliguei e voltei para o quarto, sabendo que não valia a pena.

Vinte minutos depois, estava a caminho da igreja de Ranelagh, rosnando para quem acaso me endereçasse um sorriso e para os idiotas que passavam de carro gritando que eu ia começar a cumprir prisão perpétua. Sentindo-me mal outra vez, parei e, percebendo que ainda tinha mais de meia hora, mudei de rumo e entrei em uma casa de chá na esquina da Charlemont. Embora a casa estivesse lotada, achei uma mesa desocupada no canto; sentei-me perto da janela, pedi um café duplo bem forte e dois copos de água com muito gelo e comecei a relaxar um pouco enquanto bebericava, observando os estudantes a caminho da cidade, os homens de negócios a caminho do escritório, as donas de casa com sacolas de compras a caminho da Quinnsworth, e me perguntei se houvera um momento em que a minha vida podia ter tomado um rumo diferente. Como Jasper Timson, aquele sanfoneiro de merda, havia ido morar com o namorado em Toronto, enquanto eu estava me preparando para casar com uma mulher pela qual não tinha o menor interesse sexual? Quando foi o momento exato em que eu podia ter criado um pouco de coragem e, pelo menos uma vez na vida, feito a coisa certa?

Agora, disse comigo. O momento é este! Ainda dá tempo.

“Me mostre um sinal”, murmurei para o universo. “Qualquer coisa que me dê coragem de fugir.”

Sobressaltei-me quando uma mão me tocou o ombro e, erguendo a vista, dei com uma mulher e um menino ao meu lado, olhando para

as cadeiras vazias à minha mesa.

“O senhor nos dá licença?”, pediu. “É que não há nenhum outro lugar.”

“À vontade”, disse eu, embora preferisse ficar sozinho.

O menino — de uns oito ou nove anos — sentou-se bem diante de mim e eu não disfarcei a raiva quando ele reparou no meu terno de noivo e deu a impressão de achá-lo engraçado. Estava muito bem vestido, de camisa branca sob um pulôver sem mangas azul, o cabelo meticulosamente penteado e com um repartido imaculado. Podia ser o irmão caçula do jovem nazista que canta “Tomorrow Belongs To Me” em *Cabaret*, o último filme a que Alice e eu assistíamos juntos. O garoto estava com quatro livros nas mãos e pôs todos diante dele em cima da mesa, aparentemente decidindo qual deles mais merecia atenção.

“Posso lhe pedir um favor?”, perguntou a mulher. “O senhor cuidaria alguns minutos do Jonathan para mim? É que eu preciso ir ao toalete, depois dar um telefonema e depois pedir chá. O senhor se casa hoje? Está vestido para isso.”

“Daqui a mais ou menos uma hora”, respondi, certo de que a conhecia de algum lugar, mas incapaz de identificá-la naquele momento. “E quem é Jonathan?”

“Claro que o Jonathan sou eu”, disse o menino, estendendo a mão para mim. “Jonathan Edward Goggin. E o senhor quem é?”

“Cyril Avery”, apresentei-me, olhando para a mãozinha que exalava um leve cheiro de sabonete antes de me resignar a apertá-la. “Está bem”, disse à sua mãe. “Não deixo ninguém sequestrar o Jonathan. Eu conheço os indícios de quando isso está prestes a acontecer.”

Obviamente ela não entendeu as minhas palavras, mesmo assim deu meia-volta e foi para a porta no outro canto do salão enquanto eu tornava a olhar para o garoto concentrado nos livros. “O que você está lendo?”, perguntei enfim.

“*Bem*”, declarou ele com um suspiro enorme, como se todo o peso do mundo estivesse nos seus ombros, mas tentando suportá-lo estoicamente. “Eu ainda não decidi *completamente*. Estava na biblioteca de manhã, sabe; hoje é o meu dia habitual, e a sra. Shipley, a bibliotecária, recomendou estes três aqui, e geralmente ela é uma grande defensora da narração boa, por isso segui o conselho dela. Este parece que é sobre um coelho que fica companheiro de uma raposa bebê, mas não entendo como isso pode dar certo porque, por mais que o coelho seja bom, a raposa vai acabar crescendo e comendo o coelho.

Este outro é sobre um grupo de crianças, desconfio que parentes distantes, geralmente são assim, que solucionam crimes durante as férias de verão, mas eu dei uma folheada quando vinha vindo para cá e topei com a palavra *crioulo*, e tem um menino preto na minha classe, na escola, que diz que essa palavra é muito maldosa e ele é um amigo *extremamente* bom, é bem capaz de ser o meu terceiro melhor amigo, de modo que acho melhor evitar este e tomar cuidado. E o último é uma bobagem sobre o levante de 1916, mas acontece que eu não sou político. Nunca fui. Por isso acho que vou ficar com este aqui, que eu mesmo escolhi.” Ergueu o livro e eu dei uma olhada na capa, a imagem de um menino valente, de pernas abertas, com um galo debaixo de um braço e uma caixa misteriosa debaixo do outro enquanto um grupo de aparentes refugiados passava no fundo. As palavras *A espada de prata* estavam impressas no alto, no canto direito.

“Sobre o que é?”, perguntei.

“Bom, eu não sei, ainda não comecei. Mas a contracapa diz que é sobre a guerra e crianças fugindo dos nazistas. Sabe os nazistas? Eu sei tudo deles. Eram o que há de *pior*. Gente horrível, horrível, sem um *pingo* de humanidade entre eles. Mas tem uma coisa, sr. Avery...”

“Pode me chamar de Cyril”, disse eu.

“Não, não posso. O senhor é velho; e eu, apenas uma criança.”

“Eu tenho *vinte e oito anos!*”, protestei, chocado e insultado.

“Uau”, riu ele. “Que coisa mais antiga. O senhor é como um dinossauro. Enfim, acontece que eu estava dizendo, antes que o senhor me interrompesse com tanta grosseria, que prefiro histórias sobre coisas que realmente aconteceram. E a guerra aconteceu realmente, não é, por isso quero saber dela. O senhor combateu na guerra, sr. Avery?”

“Não. Nasci alguns meses depois que ela acabou.”

“Acho isso muito difícil de acreditar”, disse Jonathan, sacudindo a cabeça. “O senhor parece tão velho que, se tivesse dito que combateu na *Primeira* Guerra Mundial, eu não me surpreenderia a ponto de cair da cadeira.”

E, com isso, começou a rir e continuou rindo tanto e tão alto que eu não tive escolha senão rir também.

“Cale a boca, seu bostinha”, disse enfim, muito embora ainda estivesse rindo, e ele passou a rir baixinho. “Eu estou de ressaca, só isso.”

“O senhor falou um palavrão.”

“Falei”, admiti. “Eu aprendi nas trincheiras de Verdun.”

“Verdun foi uma batalha da Primeira Guerra Mundial”, anunciou

ele. “Durou onze meses e o general von Hindenburg, que depois foi presidente da Alemanha, estava no comando. Eu sabia que você era velho. E o que é ressaca?”

“É quando a gente bebe tanto que, no dia seguinte, acorda se sentindo como os destroços do *Hesperus*.”

Olhei à minha volta em busca da mãe do garoto, mas não vi sinal dela.

“Quer dizer que você está querendo casar?”, quis saber Jonathan. “As pessoas não fazem isso quando são muito mais jovens? Até agora você não conseguiu arranjar ninguém para casar?”

“O meu desenvolvimento é meio retardado.”

“O que quer dizer isso?”

“Espere alguns anos. Algo me diz que você vai entender com o tempo.”

“E você vai casar com uma mulher?”

“Não, vou casar com um trem. O 1104 de Castlebar.”

Ele enrugou a testa. “Como o senhor pode casar com um trem?”, perguntou.

“Nada na Constituição diz que não posso.”

“Acho que não. E, se o senhor ama o trem e o trem o ama, acho que deve casar com ele.”

“Eu não vou casar com nenhum trem, Jonathan”, disse eu com um suspiro, tomando um demorado gole de água gelada. “Vou casar com uma mulher.”

“Eu sabia. O senhor é bobo.”

“Eu sou bobo”, admiti. “O cara mais bobo que você já viu. Aliás, eu sou um completo idiota de merda.”

“O senhor falou outro palavrão. Aposto que vai fazer sexo com a sua mulher hoje à noite, não vai?”

“Como você sabe de sexo?”, perguntei. “Tem só uns seis anos.”

“Tenho oito. E vou fazer nove daqui a três semanas. E sei tudo sobre sexo”, acrescentou ele sem o menor embaraço. “A minha mãe me contou tudo.”

“Deixe-me adivinhar. Quando uma mãe e um pai se amam muito, deitam-se bem juntinhos e o Espírito Santo desce sobre eles para criar o milagre de uma nova vida.”

“Não seja ridículo”, disparou Jonathan. “Não acontece nada disso.” E então fez uma descrição muito franca de como um homem e uma mulher procedem à fornicção, contando até uma ou outra coisa que eu desconhecia.

“Como é que você sabe tudo isso?”, perguntei quando ele

terminou a sua aula um tanto explícita e de virar o estômago.

“A minha mãe diz que um dos problemas deste país é ninguém se dispor a falar em sexo por causa da influência da Igreja católica e diz que quer que eu cresça entendendo que o corpo de uma mulher é algo que deve ser amado, não temido.”

“Queria que ela fosse *minha* mãe”, murmurei.

“Quando eu crescer, quero ser um amante muito delicado”, disse Jonathan balançando a cabeça com veemência.

“Ótimo. E o que o seu pai acha disso tudo?”

“Oh, eu não tenho pai.”

“Claro que tem. Você não entende nada de sexo se não entender que todo mundo tem mãe e pai.”

“Eu quis dizer que não conheço o meu pai”, explicou Jonathan. “Sou ilegítimo.”

“Detesto essa palavra.”

“Eu também. Mas uso como uma condecoração. Acho que, se eu disser isso para as pessoas, elas não vão ficar falando pelas minhas costas. Não podem fofocar pelos cantos, dizendo: *Sabe que Jonathan Edward Goggin é ilegítimo?*, porque eu mesmo já contei. Um a zero para mim. Aliás, toda vez que conheço uma pessoa, eu trato logo de contar.”

“A sua mãe não liga?”

“Ela prefere que eu não conte. Mas diz que eu tenho de fazer aquilo que sinto que é certo e que ela não vai tomar decisões por mim. Diz que ela é minha mãe, não meu avô.”

“Que diabo isso quer dizer?”, perguntei.

“Não tenho a menor ideia. Mas ela diz que vai me explicar um dia.”

“Você é um bicho raro, Jonathan. Alguém já te contou?”

“Dezenove pessoas só neste ano. E ainda estamos em maio.”

Ri e consultei o relógio. Teria de ir em cinco minutos.

“Como se chama a moça com quem você vai casar?”, perguntou Jonathan.

“Alice.”

“Na minha classe tem uma menina chamada Alice”, replicou ele, arregalando os olhos, aparentemente entusiasmado com o fato de termos aquilo em comum. “Ela é muito muito, muito bonita. Tem cabelo loiro comprido e olhos cor de opala.”

“É sua namorada?”

“Não!”, gritou ele, fazendo as outras pessoas no café olharem para nós. Então ficou vermelho. “Não, não é minha namorada!”

“Desculpe”, eu disse, rindo. “Esqueci que você só tem oito anos.”

“Minha namorada é uma menina chamada Melanie”, ele respondeu.

“Está bem. Sem problema.”

“E eu vou casar com ela um dia.”

“É mesmo? Que bom.”

“Obrigado. Não é engraçado você se casar hoje e eu estar falando da menina com quem eu vou casar quando crescer?”

“É hilariante. ‘*All you need is love; it’s all any of us need*’.”

“Beatles”, disse Jonathan sem pestanejar. “‘All You Need Is Love’, uma composição de Lennon-McCartney, embora na verdade tenha sido escrita por John Lennon. *Magical Mystery Tour*, 1967. Lado B, faixa 5.”

“Quer dizer que você é fã dos Beatles?”, perguntei.

“Claro. Você não é?”

“Claro que sou.”

“De qual deles você gosta mais?”

“Do George”, disse eu.

“Interessante.”

“E você?”

“Do Pete Best.”

“Interessante.”

“Eu sempre torço pelo time que está perdendo”, declarou Jonathan.

Passamos algum tempo calados, olhando um para o outro e, pensando bem, fiquei um pouco decepcionado quando a mãe dele voltou.

“Desculpe”, disse ela, parecendo um pouco nervosa. “O meu telefonema demorou mais do que eu esperava. Estou tentando conseguir passagem para Amsterdam e a Aer Lingus não facilita a vida de ninguém. Amanhã vou ter de ir à agência e isso vai me tomar a metade do dia.”

“Está bem”, disse eu, levantando-me. “Mas agora eu preciso ir.”

“Ele vai casar com uma moça chamada Alice”, contou Jonathan.

“É mesmo?”, perguntou ela. “Alice felizarda.” Calou-se e me encarou. “Nós nos conhecemos, não? Você me parece terrivelmente familiar.”

“Acho que sim. A senhora não trabalhava no salão de chá da Dáil Éireann?”

“Sim, ainda trabalho.”

“Eu era funcionário. Os nossos caminhos às vezes se cruzavam lá. Numa ocasião, o secretário de imprensa do *taoiseach* me agrediu e

depois a senhora cuidou de mim.”

Ela pensou um pouco e sacudiu a cabeça. “Tenho uma vaga lembrança. Mas, por outro lado, lá o que não falta é pancadaria. Tem certeza de que fui eu?”

“Absoluta”, disse eu, mas contente com o fato de ela não se lembrar, já que, naquele dia, eu lhe havia confidenciado a minha sexualidade. “A senhora foi muito boa para mim.”

“Obrigada. É que o senhor me lembra uma pessoa que eu conheci há muito tempo.”

Encolhi os ombros e me volvei para Jonathan, fazendo uma leve reverência para me despedir.

“Foi um prazer, rapaz”, disse.

“Boa sorte no casamento com a sua noiva Alice”, sorriu ele.

“Ele é um menino interessante”, disse eu à sua mãe ao passar por ela. “Ainda vai te dar muito trabalho.”

“Eu sei”, sorriu ela. “Mas ele é o meu amor. Este aqui, eu não vou deixar partir. Oh!”

“O que foi?”, perguntei, porque ela havia estremecido repentinamente. “Tudo bem com a senhora?”

“Tudo”, disse ela. “Acabo de ter uma sensação estranha, um calafrio.”

Eu sorri, despedi-me e fui para a porta. *Put a que pariu*, rosnei para o universo. *A única coisa que eu pedi foi um sinal, e nem isso você me deu*. Eu não tinha escolha.

Era hora de me casar.

AMOR POR OUTRA PESSOA

Entrei na sacristia pela porta lateral e dei com Julian sentado a uma mesa, examinando o programa litúrgico da cerimônia. Para quem devia ter tido tão poucas horas de sono quanto eu, parecia extraordinariamente jovial, tendo se livrado da barba que vinha cultivando e cortado o cabelo. Fiquei surpreso ao vê-lo de óculos — já que raramente os usava em público —, mas ele os tirou assim que me viu e os guardou no bolso do paletó. Acho que é desnecessário dizer que o terno novo lhe caía como uma luva.

“Ah, ele chegou”, disse, sorrindo para mim. “O condenado. Como vai a cabeça?”

“Em pandarecos. E a sua?”

“Não tão mal, levando em conta o estrago de ontem. Dormi algumas horas e depois fui nadar na piscina Countess Markevitz antes

de ir ao barbeiro. Ele pôs uma toalha quente na minha cara e ficou cantarolando músicas do Simon & Garfunkel enquanto me barbeava e essas coisas foram incrivelmente relaxantes.”

“Você fez tudo isso nas últimas nove horas?”, perguntei, admirado.

“Claro que fiz, por que não?”

Sacudi a cabeça. Como alguém podia beber tanto como ele, ficar acordado até tarde como ele e depois se levantar, fazer aquilo tudo e ainda estar tão lindo? Será que algumas pessoas simplesmente eram agraciadas com todos os dons?

“Pois eu me sinto como se estivesse doente”, reclamei. “Era melhor ir embora, voltar para a cama.”

O sorriso de Julian desapareceu e ele me olhou com ansiedade antes de cair na gargalhada. “Pelo amor de Deus”, disse. “Não faça isso comigo, Cyril. Eu cheguei a pensar que você estivesse falando sério.”

“E o que te leva a achar que não?”, murmurei. “Em todo caso, eu estou aqui, não estou?”

“Sabe que eu não teria saída senão matá-lo se você abandonasse a minha irmã? Mesmo porque você estava meio esquisito ontem à noite. Acho que você já estava um pouco nervoso. Você tratou o seu amigo Nick de um jeito que ele não gostou nada.”

“Nick não é meu amigo. E como você sabe o que ele sentiu?”

“Oh, topei com ele hoje. Por acaso, na Grafton Street. Fomos tomar um café rápido.”

Eu me sentei e fechei os olhos. Claro que se encontraram. E claro que tomaram café. Eu podia ter previsto.

“Qual é o problema?”, perguntou Julian, aproximando-se e se sentando ao meu lado. “Quer uma aspirina?”

“Já tomei quatro.”

“Um pouco de água?”

“Sim, por favor.” Ele foi até a pia e, como não encontrou copo, pegou um enorme cálice dourado com incrustações de prata na haste, encheu-o até a boca e o cobriu com uma pátena de bronze antes de me servir. “Eu o abençoo, meu filho”, disse.

“Obrigado, Julian.”

“Tem certeza de que vai ficar bem?”

“Vou ficar ótimo”, disse eu, tentando me mostrar animado. “O dia mais feliz da minha vida.”

“Difícil acreditar que nós vamos ser cunhados daqui a mais ou menos uma hora, não acha? Quer dizer, depois de tantos anos de

amizade. Não sei se já contei, Cyril, mas eu fiquei contentíssimo quando você me pediu para ser padrinho. E quando pediu a Alice em casamento.”

“A quem mais eu pediria?”

“Ora, tem um montão de garotas por aí.”

“Quero dizer a quem mais senão a você? O meu melhor amigo, afinal.”

“E você é o meu. Ela estava tão feliz quando eu saí de casa de manhã.”

“Quem?”

“A Alice, é claro!”

“Ah, sim. Claro. Ela já chegou?”

“Não, o padre ficou de nos avisar quando ela e Max chegarem. Mas eu vi o seu pai lá fora. E a nova sra. Avery. Ela é uma gatona, hein?”

“O meu pai adotivo”, corrigi. “E ela é uma gatona, sim. Não é à toa que é modelo.”

“Não diga!”

Revirei os olhos.

“Por quê? Está pensando em tentar passá-la pelas armas mais tarde?”

“Isso até que me passou pela cabeça, mas não. As modelos dão muito trabalho e são todas malucas. Uma vez eu até tentei me engrajar com a Twiggy e ela não quis saber.”

“Taí a prova de que ela é maluca.”

“Não foi isso que eu quis dizer. Mas ela olhou para mim como se eu fosse um inseto. Nem a princesa Margaret foi tão arrogante. Mesmo assim, parabéns para o Charles. Bem que ele ainda consegue fisgar umas aí, hein? Tomara que eu tenha essa sorte quando tiver a idade dele.”

Senti a água reagir mal no meu estômago e gotas de suor me brotarem na testa. O que eu estava fazendo ali? Anos de arrependimento e vergonha começaram a me devastar. Toda uma existência de mentiras, de obrigação de mentir, me havia levado a um momento em que eu me preparava para destruir não só a minha vida como também a de uma moça que não fizera absolutamente nada para merecer uma coisa daquelas.

Percebendo o meu desespero, Julian se aproximou e me envolveu num abraço, e me pareceu mais do que natural recostar a cabeça no seu ombro. A única coisa que eu queria fazer era fechar os olhos e adormecer enquanto ele me abraçava. O aroma da sua colônia era

sutil e, sob ele, cheguei a sentir o cheiro do creme usado pelo barbeiro. “Qual é o problema, Cyril?”, perguntou ele em voz baixa. “Você está tão diferente. É natural que fique nervoso no dia do seu casamento, mas você sabe o quanto a Alice te ama, certo?”

“Sei.”

“E você também a ama, não?” Julian endureceu um pouco o tom de voz com a demora da minha resposta. “Você ama a minha irmã, não ama, Cyril?”

Eu inclinei levemente a cabeça para dar a impressão de uma resposta afirmativa.

“Queria que a minha mãe estivesse aqui, só isso”, disse eu, surpreso com aquele sentimento, pois não me dera conta de que desejava algo assim.

“Maude?”

“Não, a minha mãe verdadeira. A mulher que me pôs no mundo.”

“Certo. Quer dizer que teve contato com ela? Você não me contou.”

“Não. Eu só queria que ela estivesse aqui. Para me ajudar. Conversar comigo. Quando ela tomou a decisão de me abandonar, deve ter sido difícilimo. Eu gostaria de saber o quanto isso a afetou depois. Gostaria de lhe perguntar.”

“Bom, eu estou aqui”, disse Julian. “Se você quiser conversar sobre alguma coisa, é para isso que serve o padrinho. Sem falar no melhor amigo.”

Eu o encarei e, inexplicavelmente, comecei a chorar.

“Santo Deus, Cyril”, disse Julian, ficando preocupado de verdade. “Agora você está começando a me assustar. O que está acontecendo? Vamos, pode me contar qualquer coisa, você sabe. É só a bebida? Está passando mal?”

Sacudi a cabeça. “Não é a bebida. Mas não posso... não posso te contar.”

“Claro que pode. Pense em todas as coisas que eu te contei durante anos. Meu Deus, se a gente resolvesse escrever parte disso, eu não iria servir de exemplo para ninguém, não é? Você não andou comendo outra garota, andou? Traiu a Alice? Não é isso, é?”

“Não. Não tem nenhuma outra garota.”

“Porque, se tivesse, ora, acho que você podia simplesmente contabilizar isso como experiência. A Alice também não é nenhuma santa, você sabe. O casamento só começa quando a gente diz sim. Depois disso, tem de ser fiel, imagino, senão para que casar? Mas, se você tiver pulado a cerca no caminho...”

“Não é isso”, insisti, erguendo a voz.

“Então o que é? O quê, Cyril? Conte, pelo amor de Deus.”

“Eu não sou apaixonado por ela”, desabafei, olhando para o chão, notando pela primeira vez que os sapatos de Julian estavam um pouco esfolados nos lados. Ele se esquecera de engraxá-los. Talvez não fosse tão perfeito assim.

“O que foi que você disse?”

“Disse que eu não amo a Alice”, murmurei. “Gosto muito dela. Alice é a mulher mais amável, mais atenciosa, mais decente que já conheci na vida. A verdade é que ela merece um homem melhor que eu.”

“Não venha com uma sessão de autodesprezo para cima de mim.”

“Mas eu não a amo”, repeti.

Julian tirou o braço do meu ombro. “É claro que ama, porra!”

“Não”, disse eu, sentindo um grande entusiasmo ao ouvir as palavras me saírem da boca. “Eu sei o que é amor porque sinto isso por outra pessoa. Não por ela.” Foi como se eu tivesse abandonado o meu corpo e agora flutuasse em forma incorpórea alguns metros acima de nós, olhando para baixo, observando com cuidado, intrigado com o desfecho daquela cena. E ainda delirante o suficiente para me perguntar se havia uma chance de eu ir para casa com o outro Woodbead, não com a Alice Woodbead com quem eu estava lá para me casar.

Julian demorou a tornar a falar. E, quando abriu a boca, pronunciou cada palavra com cuidado. “Mas você acabou de dizer que não há nenhuma outra.”

“A verdade é que eu estou apaixonado há tanto tempo quanto posso me lembrar”, disse eu, mantendo a voz tão inalterada quanto possível. “Aliás, desde menino. Sei que é uma idiotice acreditar numa coisa tão sentimental como amor à primeira vista, mas foi o que me aconteceu. Eu me apaixonei há décadas e nunca deixei de amar essa pessoa.”

“Mas quem?”, perguntou Julian, quase num sussurro, quando virei a cabeça para ele. “Quem é? Eu não entendo.”

Os nossos olhos se encontraram e eu entendi que toda a minha vida havia me conduzido àquele momento, àquela sacristia, aos dois sentados lado a lado e, sem ter planejado, eu me inclinei para beijá-lo. Durante alguns segundos, não mais que três ou quatro, os nossos lábios se tocaram e eu senti aquela curiosa mescla de doçura e masculinidade que definia Julian. Os lábios dele se entreabriram ligeiramente, quase automaticamente, e os meus também.

Eu os procurei com a língua.

E acabou.

“Mas que merda é essa?”, disse Julian, levantando-se de um salto e recuando em direção à parede, quase tropeçando nos próprios pés. Parecia mais desconcertado que zangado.

“Eu não posso casar com ela, Julian”, disse eu, olhando para ele e me sentindo mais valente que nunca. “Eu não a amo.”

“Que diabo você está falando? É uma piada?”

“Eu não amo a Alice. Amo você. Amo você desde sempre. Desde o momento em que desci a escada da Dartmouth Square e te vi no corredor. Desde o nosso tempo de escola. E todo dia até hoje.”

Julian me encarou, as peças começando a se encaixar, e, virando-se, olhou pela janela da sacristia para os jardins fora. Eu não disse nada, o coração batendo com tanta força que cheguei a sentir que ia ter um ataque. E, no entanto, não fiquei com medo. Pelo contrário, senti que um peso enorme finalmente havia sido retirado dos meus ombros. Fiquei empolgado. E livre. Porque agora, sabendo o que sabia, era impossível que ele me deixasse casar com a sua irmã. O que ia acontecer a seguir podia ser doloroso, mas pelo menos eu não seria condenado a passar o resto da vida com uma mulher pela qual não sentia o menor desejo.

“Você é uma bicha”, disse ele, voltando-se novamente para mim, o tom de voz perdido em algum ponto entre a pergunta e a afirmação.

“Acho que sim. Se você quiser pôr a coisa nesses termos.”

“Desde quando?”

“Desde sempre. A verdade é que não tenho absolutamente nenhum interesse por mulher. Nunca tive. Eu sempre só... fiz isso com homem. Com exceção de uma vez algumas semanas atrás, com a Alice. Ela queria. Eu não. Mas achei que valia a pena tentar.”

“Quer dizer que você *trep*a com homem?”, perguntou Julian, e eu fiquei surpreso com a incredulidade na sua voz. Justo ele que mal podia passar vinte e quatro horas sem transar.

“Claro que trepo”, respondi. “Eu não sou um eunuco total, sabe?”

“Com quantos já trepou? Com quatro? Com cinco?”

“Ora, que importância tem isso?”, perguntei, recordando uma conversa parecida que tivera com Alice, quando tinha perguntado o número de parceiros dela sem saber se estava sendo movido por simples interesse ou por perversão.

“Tem muita importância! Talvez seja apenas uma fase e...”

“Ora, Julian, eu tenho vinte e oito anos. Já estou fora dessa história de fases.”

“Com quantos então?”

“Sei lá. Com duzentos, talvez? Provavelmente mais.”

“DUZENTOS?”

“O que tem toda a cara de ser bem menos do que as mulheres com que você dormiu.”

“Puta que pariu!”, exclamou ele, agora entrando em pânico, descrevendo círculos perfeitos no tapete em que caminhava. “Você não pode estar falando sério. Mentiu para mim nos últimos vinte anos.”

“Não menti”, disse eu, desejando desesperadamente que ele me dissesse que estava tudo bem, que no fim tudo ficaria bem. Que ele daria um jeito. Que Alice compreenderia e a vida voltaria ao normal.

“Não? Muito bem, que nome você daria a isso?”

“Eu não sabia como te contar.”

“E então resolveu esperar até *hoje*? Até *agora*? Quando faltam dez minutos para você casar com a minha *irmã*? Pelo amor de Deus”, acrescentou ele, sacudindo a cabeça. “E eu achando que o filho da puta do Fergus é que era ruim.”

“Eu não sou como o Fergus.”

“Não mesmo: ele é um puta santo em comparação com você.”

“Julian, você não pode me odiar por eu ser gay. Não é justo. Caramba, é 1973.”

“Pensa que eu te odeio porque você é gay?”, perguntou ele, olhando para mim como se nunca tivesse ouvido coisa mais idiota na vida. “Eu cago e ando para o fato de você ser veado. Nunca teria ligado para isso. Nem por um segundo, se você tivesse se dado ao trabalho de me contar. Se tivesse me tratado como um amigo, não como um cara pelo qual tinha tesão. Eu te odeio porque você mentiu para mim todo esse tempo. Tem ideia de como vai ser para a Alice depois do Fergus?”

“Ela vai entender”, sussurrei.

“Vai o quê?”

“Entender. A Alice é uma pessoa muito empática.”

Julian riu com incredulidade. “Levanta, Cyril”, disse.

“O quê?”

“Levanta.”

“Por quê?”

“Porque eu mandei. E, se você me ama tanto, vai querer me fazer feliz. E eu vou ficar muito feliz quando você levantar.”

Enruguei a testa, sem saber o que ia acontecer, mas obedeci e me levantei.

“Pronto”, disse. “Estou de pé.”

Mas não por muito tempo. Um instante depois, eu estava estatelado no chão, um pouco zozzo e com uma dor tão forte no maxilar que cheguei a pensar que ele o havia quebrado. Levei a mão ao rosto e senti gosto de sangue na parte interna da bochecha.

“Julian”, disse eu, quase chorando. “Eu lamento.”

“Foda-se se você lamenta ou não. Sabe de uma coisa, em toda a minha vida, eu nunca senti tanto ódio por alguém como estou sentindo por você. Juro por Deus, não fosse pelo fato de eu não ter nenhuma intenção de passar o resto da vida na cadeia, eu quebraria a porra do teu pescoço agora mesmo, seu merda.”

Engoli em seco, arrasado. Tudo estava arruinado. Quando Julian se afastou e se apoiou numa parede, esfregando o queixo com a mão e pensando no que estava acontecendo, eu me levantei tropeçadamente e voltei a me sentar, apalpando o maxilar.

“É melhor eu ir”, disse, enfim.

“Ir?”, perguntou ele, virando-se e franzindo o cenho. “Ir aonde?”

“Para casa”, respondi, encolhendo os ombros. “Não tem sentido eu ficar aqui. Já causei dano suficiente. Mas você vai ter de contar a ela”, acrescentei. “Não consigo contar. Não consigo encará-la.”

“Contar a ela? Contar a quem? Contar à Alice?”

“É claro.”

“Pensa que *eu* vou contar a ela?”

“A Alice te ama”, argumentei. “Hoje ela vai querer que você, não eu, fique com ela.”

“Eu não vou contar porra nenhuma”, disse Julian, voltando a erguer a voz e avançando contra mim com tanta ferocidade que eu me encolhi na cadeira. “Deixe eu contar o que vai acontecer aqui hoje, seu imbecil filho de uma puta, e o que não vai acontecer. Se você acha que eu vou deixar a minha irmã ser humilhada pela segunda vez na frente da família e dos amigos, você está redondamente enganado, seu palhaço.”

Eu o olhei fixamente, sem saber aonde ele queria chegar. “Então o que você quer que eu faça?”, perguntei.

“O que você prometeu. Nós vamos sair daqui juntos, você e eu. Vamos ficar lado a lado no altar quando Max conduzir a minha irmã pela nave. E nós dois vamos ostentar um puta sorriso de satisfação que ninguém nunca ostentou na vida, e, quando o padre mandar você dizer *sim*, você vai dizer sim como se toda a sua vida dependesse disso. E depois, você e a Alice vão percorrer a nave como marido e mulher, e você, meu amigo filho da puta, vai ser um marido bom e fiel

para ela, e, se *alguma vez* eu souber que você andou escapando para dar a bunda para algum outro veado, eu vou atrás de você e corto pessoalmente o teu saco com o canivete mais enferrujado que encontrar. Fui claro, Cyril?”

Eu o encarei e engoli em seco. Era impossível acreditar que aquilo fosse verdade.

“Eu não posso”, disse eu, tentando reprimir as lágrimas. “É do resto da minha vida que nós estamos falando.”

“E é do resto da vida da Alice. Puta que pariu, Cyril, você vai casar com ela, entendeu?”

“Está dizendo que quer que a sua irmã case comigo? Sabendo o que você sabe?”

“Claro que *não* quero. E, se a Alice entrasse aqui neste instante e dissesse que não quer casar com você, eu a carregaria nos ombros. Mas ela vem aqui para casar e é isso que vai acontecer. Porra, Cyril, a Alice te *ama*, se é que dá para acreditar que alguém ama um cara moralmente tão vazio.”

“E nós?”, perguntei, as palavras a me atingirem como setas.

“Nós? Nós quem? Do que você está falando, porra?”

“Você e eu. Nós vamos continuar amigos?”

Ele me fitou e começou a rir. “Você é inacreditável”, disse. “Puta merda, absolutamente inacreditável. Nós não somos amigos, Cyril. Nunca fomos. Eu nunca nem mesmo te *conheci*, essa é a verdade. A pessoa que eu pensava que era o Cyril Avery nunca existiu. Portanto, não, nós não vamos voltar a ser amigos. Quando a gente se encontrar nas reuniões familiares, eu vou te tratar com educação para que ninguém descubra a verdade. Mas não pense que eu sinta por você qualquer coisa que não seja o ódio mais total e completo. E, se você cair morto na tua lua de mel, eu não vou derramar uma lágrima.”

“Não diga isso, Julian”, pedi, começando a chorar outra vez. “Por favor, não pode ser verdade. Eu te amo.”

Ele se precipitou sobre mim, arrancando-me da cadeira e sujeitando-me contra a parede, uma mão me prendendo pelo colarinho, a outra recuada, pronta para me esmurrar. E tremia de raiva. Se ele me batesse naquele momento, sei que me mataria.

“Se você tornar a me dizer isso”, rosnou Julian, “se alguma vez me disser *qualquer* coisa parecida com isso, juro por Deus que vão ser as tuas últimas palavras. Entendeu?” Afrouxei o corpo e fiz que sim quando ele se afastou de mim. “Que há de tão errado em vocês, caralho? Por que precisam mentir a respeito de tudo? Esconder tudo? Por que não dizem simplesmente a verdade? Porra, o que há de errado

em simplesmente ser franco com as pessoas desde o começo?”

Eu ri com amargura e desviei a vista. “Nem tente ir por esse caminho, Julian”, disse, agora pronto para contra-atacar se necessário. “Você não tem a menor ideia do que está dizendo. Mas gente como você nunca tem mesmo.”

Ouviu-se uma batida na porta e nós dois nos viramos quando o padre olhou para dentro, um sorriso alegre nos lábios.

“A sua noiva está aguardando, meu jovem”, disse, o sorriso murchando um pouco quando ele viu o meu estado um tanto desgrenhado. Olhei para Julian, suplicando que me deixasse livre, mas ele desviou a vista e foi para a porta.

“Vê se penteia esse cabelo antes de sair”, disse, as últimas palavras que me dirigiria em muitos anos. “Não se esqueça de quem você é. E do que veio fazer aqui.”

O MALUCO PELADO

Três horas depois, já um respeitável homem casado, dei comigo no Horseshoe Bar do Shelbourne Hotel, conversando amenidades com o presidente da Irlanda, Éamon de Valera. A sua presença na recepção foi uma proeza incrível para Max, cuja obsessão pela ascensão social havia se tornado ainda mais patológica nos últimos anos, embora o grande homem tivesse declinado de comparecer à cerimônia religiosa, alegando um compromisso inadiável com o seu podólogo. O *extaoiseach* Jack Lynch também estava presente, mantendo cautelosa distância de Charles Haughey, que se achava junto ao balcão, parecendo uma daquelas perturbadoras figuras de parque de diversões, esculpida em porcelana, cujo corpo permanece imóvel, mas os olhos percorrem a sala vagorosamente. O esporte estava representado por Jimmy Doyle, do Tipperary, que, nos últimos anos, ganhara para o seu condado seis medalhas nacionais de *hurling*; a literatura, por Ernest Gébler e J. P. Donleavy, enquanto a uma mesa do canto, a nova mulher do meu pai adotivo, Rosalyn, puxava o saco de Maureen O'Hara, que sorria educadamente, mas não tirava os olhos do relógio, sem dúvida se perguntando se já não estava na hora de mandar o porteiro chamar um táxi.

Era impossível me concentrar nas palavras de Dev, pois a minha atenção estava quase toda voltada para Julian, postado ao lado de um inquieto arcebispo Ryan, enquanto uma das damas de honra fazia o possível para puxar conversa com ele. Normalmente, estaria flertando por aí — Julian, não o arcebispo —, se perguntando se levava a garota

para o seu quarto para uma rapidinha antes do jantar ou se esperava até mais tarde, quando poderia dedicar mais tempo e esforço à sedução, mas, pela primeira vez na vida, tinha cara de quem não está nem aí. Cada vez que os nossos olhos se encontravam, ele me fitava com um misto de decepção e intenções homicidas antes de se virar e pedir mais um drinque. Uma parte de mim queria chamá-lo a um canto e explicar por que eu fizera o que fizera, ou melhor, não fizera, mas sabia que era inútil. Nada que eu dissesse o levaria a me perdoar, nada podia desculpar os meus atos. A nossa amizade, tal como tinha sido, estava definitivamente liquidada.

Quando eu enfim consegui fugir do presidente, que não parava de dissertar em termos bastante explícitos sobre o estado dos seus joanetes, procurei um cantinho sossegado no qual encontrasse um garfo de canapé para cravar no coração. No entanto, para qualquer lado que me virasse, dava com mais um dos nossos trezentos convidados, a maioria dos quais eram desconhecidos para mim, todos querendo apertar a minha mão, mas me avisando que eu estava condenado a cinquenta anos de tentativas fracassadas de satisfazer a mulherzinha.

“A noite é hoje, hein, rapaz?”, diziam os velhotes cujo sorriso suspeito eu tinha vontade de tirar a murros das suas bocas enrugadas. “Entornando uns tragos para aumentar a velha energia, né?”

“Logo a família vai aumentar”, diziam as suas esposas, praticamente lactando ante a ideia de eu engravidar Alice a intervalos regulares nos anos que nos aguardavam. “Tenham três em três anos, esse é o meu conselho. Um menino, uma menina e mais um ou uma. A família de um cavalheiro. E então é pôr fim a toda essa história.” Um deles chegou até a se inclinar e me cochichar ao ouvido, “*Depois disso, eu sugiro quartos separados. Para manter o diabo à distância*”.

Eu me sentia cercado de gente e barulho, incomodado com o fedor de perfume e álcool, sufocado pela neblina de fumaça de cigarro. Parecia um menino preso numa quermesse, incapaz de achar a saída, o meu coração começando a bater mais depressa quando a multidão apertava o cerco. Por fim, abrindo caminho em direção ao saguão, me virei e topei com Alice, parecendo igualmente atordoada e incomodada. Ela sorriu, mas eu notei a sombra de uma ansiedade íntima em seu rosto.

“Parece que nós exageramos no número, não acha?”, disse eu, inclinando-me e tendo de gritar para ser ouvido. “Não sei quem é a metade dessa gente.”

Alice sacudiu a cabeça. “Amigos do Max. No papel, não parecia

tão ruim, mas eu mal tenho tempo para conversar com os *meus* amigos. A faixa etária é de mais de sessenta. Ali há até um homem com uma bolsa de colostomia fora da calça.”

“Não mais. Um garoto trombou com ele e arrebentou a bolsa.”

“Oh, meu Deus. Isto aqui é um *casamento!*”

“A gente podia acionar o alarme de incêndio”, propus. “E depois escolher quem deixar entrar de volta. Todos eles precisam ter cabelo e dentes e uma chance razoável de sair bem nas fotografias.”

Alice esboçou um sorriso, mas não pareceu contente.

“Eu sabia que não devia ter dado rédeas soltas a ele”, murmurou. “Devia ter aprendido com... oh, meu Deus, desculpe, Cyril.”

“O quê?”, perguntei.

“Não importa.”

“Não, fale.”

Ela teve a gentileza de se mostrar constrangida. “Eu ia dizer que devia ter aprendido com a vez anterior”, disse. “Então me dei conta de que não é nada adequado falar nisso justamente hoje.”

“Oh, acredite. Isso não é nada perto das coisas que eu já disse hoje.”

“As pessoas também ficam me dando dinheiro. Em envelopes. Não sei o que fazer com isso. Então eu entreguei tudo a ele”, disse Alice, apontando para o balcão.

“A *Charlie Haughey?*”, gritei horrorizado. “Você deu todo o nosso dinheiro a *ele*? Nunca mais vamos ver um centavo! Esse cara vai mandar tudo para o norte, para os *provos!*”*

“Ao *Julian*”, disse ela, sacudindo a cabeça. “Entreguei tudo ao Julian.”

“Ah, bom. Acho que é melhor assim.”

“Aliás, eu tenho outro aqui.” Alice tirou um envelope de um dos misteriosos compartimentos do seu vestido. “Você faria o favor de entregar a ele?”

“Não”, disse eu mais depressa do que pretendia. Não havia a menor chance de eu me aproximar do irmão dela. “Na verdade, eu ia sair para tomar um pouco de ar.”

“Tudo bem com você? Está com o rosto um pouco vermelho.”

“É que aqui está um pouco abafado. Já volto.”

Ia me afastar, mas Alice me deteve com um gesto. “Espere”, disse. “Preciso conversar com você.”

“Eu volto daqui a pouco. Prometo.”

“Não, preciso falar com você *agora*.”

“Por quê?”, perguntei, surpreso com a urgência do seu tom de

voz. “Algum problema? O que ele te disse?”

“Ele *quem?*”

“Ninguém.”

“O que é que ninguém me disse? Do que você está falando, Cyril?”

Olhei para o outro lado da sala e vi Julian observando-nos; estava com uma expressão furiosa, e eu comecei a ficar irritado com a sua atitude. *Se você não queria que eu casasse com ela*, pensei, *podia ter me impedido. Mas agora que eu já passei por isso, não olhe para mim com essa cara, porra.*

Alice abriu a boca para falar, mas no mesmo instante a sua mãe, Elizabeth, apareceu de braço dado com um namorado jovem o suficiente para ser seu neto e eu vi a minha chance de fugir.

“Não vá”, ronronou Elizabeth, segurando a minha mão. “Você ainda não conheceu o Ryan.”

“Ainda não”, concordei, estendendo a mão para apertar a do rapaz. Ele era jovem, sem dúvida, mas, francamente, não o achei tão especial assim. Parecia um pouco com Mickey Rooney nos filmes de Andy Hardy. Só que não tão alto. No meio do salão, avistei Charles observando o casal, talvez recordando suas malfadadas escapadas com Elizabeth em 1952.

“O casamento é uma instituição tão antiquada, não acha?”, comentou Ryan, olhando para mim e Alice como se estivesse diante de dois montes de cocô em forma humana.

“Isso é coisa que se diga a uma noiva no dia do seu casamento?”, indagou Alice.

“É brincadeira do Ryan”, riu Elizabeth. Evidentemente havia ganhado o prêmio de Primeira Bêbada da Festa. “Ele é de Vermont”, acrescentou, como se isso explicasse tudo.

“Uma vez eu estive em Vermont”, disse Charles, metendo-se entre os dois e usando os cotovelos para separá-los. “Passei algumas semanas em Newport. A negócios”, acrescentou, em tom dramático.

“Newport fica em Rhode Island”, informou Ryan. “Outro estado.”

“Eu sei”, disse Charles, humilhado. “Estava fazendo um *non sequitur*. Estive uma vez em Vermont. E, à parte isso, estive em Newport, Rhode Island. Em outra ocasião.”

“Esse é Charles Avery”, apresentou Elizabeth, emocionadíssima por ter oportunidade de exibir o seu tesourinho. “E *este* é Ryan Wilson.”

“Oi”, cumprimentou Ryan.

“Boa tarde”, retribuiu Charles.

“Charles é o pai de Cyril”, contou Elizabeth.

“Pai adotivo”, dissemos Charles e eu em uníssono.

“Ele não é um Avery de verdade”, adicionou Charles após uma breve pausa. “Afinal, o que o traz aqui, meu jovem, está participando de algum intercâmbio estudantil?”

“Não, eu sou o amante de Elizabeth”, replicou o rapaz sem titubear, e é justo acrescentar que até mesmo Charles ficou impressionado com a sua franqueza nada irlandesa.

“Muito bem”, disse, pela primeira vez meio sem graça. A verdade é que eu não sabia por que ele fazia aquilo. Por interesse em recomençar as coisas com Elizabeth não era. Afinal, certa vez ele havia dito que achava um erro para qualquer homem se casar com uma mulher com idade suficiente para ser sua esposa.

“Já volto”, cochichei para Alice.

“Espere”, disse ela, voltando-se e me agarrando o braço. “Eu preciso falar com você.”

“Quando eu voltar!”

“É muito importante. Me dê apenas...”

“Pelo amor de Deus, Alice”, disse eu com irritação, livrando-me com um safanão, gritando com ela pela primeira vez.

“Uau, meu!”, exclamou Ryan, e eu lhe enderecei um olhar de desprezo.

“Cinco minutos”, disse a Alice. “Preciso ir ao banheiro.”

Ao sair do salão, senti a cabeça se voltar, como que independente da minha vontade, uma vez mais para Julian, mas ele estava de costas para mim, debruçado no balcão e com a cabeça nas mãos. Algo no tremor dos seus ombros deu-me a impressão de que estava chorando, mas eu rejeitei a ideia por considerá-la impossível. Nunca na vida tinha visto Julian chorar, nem mesmo quando voltou para casa depois da agradável temporada com os sequestradores do IRA, com um polegar, um dedo do pé e uma orelha a menos.

Uma vez no saguão, pude respirar novamente, mas quando avistei Dana vindo ao meu encontro, os braços estendidos para um abraço e uma inefável congratulação musical a lhe sair dos lábios rubi, girei nos calcanhares e corri para a escada, escalando-a de dois em dois degraus e subindo em disparada aos apartamentos de cobertura do quinto andar, onde a suíte nupcial ficava no centro do corredor. Procurei a chave nos bolsos, fechei rapidamente a porta às minhas costas, liberei-me da gravata e fui para o quarto, onde uma brisa fresca entrava pela janela aberta, inspirei e expirei profundamente até começar a sentir os batimentos cardíacos voltarem ao normal. Sentei-

me no canto da cama, mas ela tinha sido coberta com uma colcha bem delicada e punhados de pétalas de rosa que só serviram para aumentar o meu desespero, de modo que me levantei imediatamente e fui para o sofá.

Girei a aliança recém-colocada no dedo anular da mão esquerda. Saiu com muita facilidade e eu a segurei na palma da mão, sopesando-a, antes de deixá-la na mesa lateral, perto de uma garrafa fechada de vinho tinto. Alice e eu passamos toda uma tarde de sábado procurando as alianças e tinha sido divertido; gastamos mais dinheiro do que planejávamos e, no fim do dia, quando estávamos jantando, senti tanta ternura por ela que comecei a me perguntar se a nossa amizade não acabaria se transformando em amor. Mas é claro que estava me iludindo, porque amor e desejo eram coisas completamente diferentes.

Uma parte de mim se arrependia de eu haver contado tudo a Julian; outra lamentava o fato de ter sido obrigado a esconder o meu verdadeiro eu durante tanto tempo. Na igreja, ele havia dito que não se importaria se eu tivesse contado a verdade logo no começo, mas não acreditei nisso nem um instante. Quando dividíamos o quarto no Belvedere College, Julian pediria transferência caso eu revelasse os meus sentimentos por ele. E, mesmo que mostrasse bondade e compreensão, a notícia não tardaria a circular e os outros garotos transformariam a minha vida num inferno. Os padres me expulsariam e eu não teria casa aonde ir. Se ao menos Charles e Max não tivessem se conhecido, eu me dizia. Se a vida dos Avery nunca tivesse cruzado a dos Woodbead. A minha natureza não mudaria em nada, mas pelo menos eu não estaria nesta encrenca terrível. Ou será que simplesmente haveria outro Julian; acaso em algum lugar existia alguém como ele, a cujos encantos eu teria sucumbido? Outra Alice? Era impossível saber. Tentar entender isso tudo começou a me dar dor de cabeça.

Fui até a porta-balcão que dava para o terraço, olhei para fora com hesitação, como um membro secundário da família real quando toda a multidão voltou para casa. Eu nunca havia gozado da vista privilegiada da área verde do St. Stephen's Green por cima da copa das árvores. Mas aquela era Dublin, a capital do país. A minha terra natal e uma cidade que eu amava no centro de um país que detestava. Cidade repleta de inocentes de bom coração, de intolerantes miseráveis, de maridos adúlteros, de clérigos intrigantes, de indigentes que não recebiam ajuda do Estado e de milionários que sorviam a seiva desse mesmo Estado. Olhando para baixo, vi os automóveis

contornarem o Green, os cavalos e charretes cheios de turistas e os táxis parando na frente do hotel. As árvores vicejavam em pleno verdor e eu desejei poder simplesmente estender os braços, planar sobre elas e olhar para o lago antes de subir até as nuvens, como Ícaro, feliz por ser queimado pelo sol e se desintegrar na inexistência.

O sol batia e eu tirei o paletó e o colete, joguei-os na sala de estar, onde caíram ao lado de uma cadeira. Senti os sapatos me apertarem os pés e também os tirei, assim como as meias, e a sensação do piso do terraço sob os pés descalços foi curiosamente revigorante. Inspirei o ar fresco da tarde e um sentimento de calma começou a se apoderar de mim.

Se o terraço se estendesse até o outro lado da rua, eu poderia sair e me virar para a esquerda a fim de ver um pedaço da Dáil Éireann, onde Julian e eu tivemos uma de nossas primeiras aventuras juntos. Mais adiante, além de onde a minha vista podia alcançar, podia ter avistado a Dartmouth Square e a casa em que tinha sido criado, a mesma que Maude e eu tínhamos sido obrigados a abandonar em desgraça depois do encarceramento de Charles e na qual eu vira Julian pela primeira vez depois de ter observado, tomado de espanto, Alice fugir aos berros do escritório da minha mãe adotiva no segundo andar. A casa em que eu me apaixonara antes mesmo de saber o significado dessa palavra.

Entretido com aquelas lembranças e sentindo a brisa me animar, pareceu mais do que natural tirar a camisa e deixar o vento soprar no meu peito. Aliás, aquilo era tão agradável, tão hipnótico, que desafivelei a cinta e tirei a calça, sem sentir vergonha nem inibição, até ficar ali, mais de dez metros acima das ruas de Dublin, só de cueca.

Olhei à direita, mas os prédios do lado norte do Green atrapalhavam a minha visão do apartamento da Chatham Street, onde morei com Albert Thatcher e era obrigado a ouvir o barulho da cabeceira da cama dele batendo na parede noite após noite. Retroceder sete anos, pensei, e fazer tudo de modo diferente.

Havia ido tão longe, disse comigo. O que tinha a perder? Tirei a cueca, joguei-a no quarto, e senti um pouco de vertigem debruçado no terraço, olhando para os telhados da cidade, nu como no dia em que nasci.

Se eu enxergasse muito ao longe, podia ter olhado para o outro lado de Dublin, passando por Kildare e Tipperary e avançando até Cork, depois até a parte baixa de Goleen, onde, embora então eu não soubesse disso, os meus avós estavam sendo sepultados lado a lado na

mesma tarde, depois de terem sido atropelados por um carro em alta velocidade quando saíam da missa fúnebre do padre James Monroe, o homem que expulsara a minha mãe da cidade vinte e oito anos antes. Eu via os meus seis tios lado a lado à beira do túmulo, em ordem ascendente de idade e idiotice como sempre faziam, e o meu pai, o homem que havia me plantado no útero da minha mãe, postado ali perto, aceitando as condolências dos vizinhos e se perguntando se esperavam que ele pagasse uma rodada a todos mais tarde, quando fossem ao pub de Flanagan.

Eu teria visto tudo isso se pudesse enxergar, mas não vi nada porque havia passado a vida inteira cego, surdo, mudo e ignorante, desprovido de todos os sentidos, exceto o que governava as minhas compulsões sexuais e que me levava àquele lugar terrível, do qual, eu tinha certeza, não havia retorno.

Era fácil me colocar em cima do parapeito e balançar as pernas do outro lado. Tão fácil que eu me perguntei por que não o fizera anos antes. Olhei para a rua lá embaixo, para a minha nudez a pairar sobre ela, ninguém erguia a vista para me observar. Balancei um pouco o corpo para a frente e para trás, deixando o meu centro de gravidade e a brisa fazerem o seu trabalho. Minhas mãos seguravam o ferro do peitoril e então, pouco a pouco, começaram a soltá-lo.

Largue, disse a mim mesmo.

Largue.

Simplesmente caia...

Respirei fundo e o último pensamento que deixei passar pela minha cabeça não foi acerca da minha mãe, dos meus pais adotivos, de Julian nem de nenhum dos desconhecidos com os quais, durante anos, fui obrigado a trepar no escuro. O meu último pensamento se endereçou a Alice. Pedi desculpas pelo que lhe fiz. Era necessário para que ela se visse de novo livre. E, de certo modo, eu me senti completamente em paz quando afastei as mãos e deixei o meu corpo se inclinar para a frente.

E então uma voz de criança gritou lá embaixo na rua:

“Olhe, mamãe, aquele homem está sem roupa!”

Retrocedi, assustado. Tornei a agarrar o parapeito. Ouvi gritos das pessoas no St. Stephen's Green, berros, emoção e delírio, hilaridade e horror. Olhei para baixo quando a multidão começou a se aglomerar e a vertigem que se esquivara de mim voltou repentinamente, quase me fazendo cair quando já não queria, e precisei de toda a minha força e concentração para girar rapidamente, para ignorar os gritos e os risos lá embaixo enquanto o povo da cidade me via. Caí dentro do quarto e

fiquei estendido no carpete, ofegante, e não conseguia entender por que estava nu. Um instante depois, o telefone tocou.

Atendi, esperando a voz do gerente do hotel ou a An Garda Síochána, chamada por alguém na rua. Mas não, era Alice. Calma, sem saber o que eu acabava de tentar fazer, a voz repleta de compaixão e amor.

“Achei”, disse ela. “O que está fazendo aí? Você não disse que ia demorar só uns minutos?”

“Desculpe. Deixei a minha carteira aqui em cima. Já vou descer.”

“Não, não desça. Eu vou subir. Preciso conversar com você. É importante.”

Isso outra vez, pensei. “O que Julian disse?”

Houve uma longa pausa. “Nós conversamos aí em cima. Quando estivermos sozinhos.”

“Deixe-me descer até aí.”

“Não, Cyril”, insistiu ela. “Fique aí, está bem? Já vou subir.”

E desligou. Pus o fone no gancho e olhei para o meu terno de noivo espalhado no chão. Dentro de poucos minutos ela entraria pela porta. E outros certamente não tardariam a vir quando a multidão na rua contasse o que tinha visto. De modo que fiz a única coisa que me ocorreu. Abri a minha mala, tirei uma muda de roupa e a vesti. Da maleta que trouxera para a lua de mel, tirei apenas as coisas de que precisava: a carteira e o passaporte. Pus um chapéu e o inclinei sobre a testa, olhando para a aliança no lugar em que a deixara e decidindo que não a poria de volta. Ao sair do quarto, evitei a escada, fui ao fim do corredor e tomei o elevador usado pelos empregados encarregados do serviço de quarto.

Olhando novamente para o corredor quando a porta se fechou atrás de mim, tive certeza de que vi de relance uma irrupção de branco, uma nuvem de vestido de noiva, quando Alice apareceu no alto da escada. Mas então eu já estava encerrado no silêncio, descendo para as entranhas do prédio, cuja entrada de serviço me permitiu sair à esquina da Kildare Street. Uma multidão havia se aglomerado. Todos olhavam para cima, para o telhado do edifício, esperando que o maluco pelado reaparecesse, metade desejando que ele fosse salvo, metade desejando que saltasse.

Ali não restava nada para mim, disso eu sabia. Que mais podia fazer senão seguir o meu próprio conselho e sair da cidade?

Irlandês Provisório), ala radicalizada do IRA que desejava separar a Irlanda do Reino Unido e proclamar uma República independente que abrangesse todo o país.

PARTE II
EXÍLIO

1980:

No anexo secreto

À BEIRA DO RIO AMSTEL

Presenciei a discussão a certa distância na rua. Um homem corpulento com um pesado sobretudo com forro de pele nos ombros e, perversamente, com um surrado boné Sherlock Holmes de tweed cinzento. Ao seu lado, um rapazinho, talvez um terço do tamanho do grandalhão, de jeans e paletó azul-marinho, camiseta branca por baixo. Os dois iam discutindo em voz alta, o garoto, enfurecido, agitava os braços no ar. Quando o homem falava, era com um tom obviamente controlado, mas indiscutivelmente ameaçador. Passado um momento, o garoto se virou para se afastar, mas não havia dado mais que alguns passos quando o homem o agarrou brutalmente pelo colarinho, encostou-o na parede e lhe deu um forte soco na barriga. O rapaz se encolheu, erguendo os joelhos para se proteger do ataque seguinte, e caiu na calçada molhada. Virou a cabeça e estremeceu ao vomitar na sarjeta. Quando ele terminou, o homem o agarrou, obrigando-o a se levantar, sussurrou alguma coisa ao seu ouvido e então o largou rudemente, o corpo do garoto caindo de novo na poça de vômito quando o seu agressor se afastou na escuridão. Enquanto tudo isso acontecia, eu me mantive à distância, não queria me envolver numa briga de rua, mas agora que o garoto estava sozinho, apressei-me a acudi-lo. Ele ergueu a vista com medo quando me aproximei, e eu vi o seu rosto banhado de lágrimas. Era jovem, quinze anos no máximo.

“Você está bem?”, perguntei, estendendo a mão para ajudá-lo a se levantar, mas ele se encolheu, como se eu também quisesse machucá-lo, e se arrastou para junto da parede. “Precisa de ajuda?”

Ele sacudiu a cabeça, levantando-se com dor, e, pressionando a barriga machucada com o braço, afastou-se com passos trôpegos, virando a esquina em direção ao rio Amstel. Ainda o observei uns instantes antes de enfiar a chave na minha porta e entrar. O incidente durara só um ou dois minutos, e eu o esqueci com a mesma rapidez, sem pensar no que havia causado a briga ou aonde o garoto ia.

Por incrível que pareça, só aprendi a andar de bicicleta quando me mudei para Amsterdam.

Para alguns, ver um homem de mais de trinta anos pedalando de maneira insegura no Vondelpark enquanto outro corria atrás, pronto para segurá-lo caso caísse, era algo digno de um filme de Chaplin, mas foi assim que passei muitas tardes de fim de semana durante o verão de 1980. Depois de provocar um engavetamento múltiplo perto do Rijksmuseum e de quase morrer debaixo de um bonde na Frederiksplein, fui aconselhado a fazer o exame e tirar o *Verkeersdiploma*, coisa que a maioria das crianças fazia quando estava na sétima série, e fui reprovado três vezes — um recorde, disse o meu incrédulo instrutor —, recebi pontos no joelho direito depois de uma colisão particularmente desagradável com um poste e finalmente fui aprovado e me deram a duvidosa liberdade das ruas.

A minha primeira longa viagem sozinho, eu a empreendi algumas semanas depois, quando fui à cidade de Naarden, trajeto de cerca de noventa minutos, para conhecer os pais de Bastiaan, Arjan e Edda. Bastiaan, que ia para lá de trem de Utrecht depois do trabalho, prometera chegar cedo para fazer as apresentações, de modo que eu fiquei ansioso quando cheguei um pouco antes da hora marcada. Nunca havia conhecido os pais de um namorado e não sabia ao certo qual era a etiqueta da situação. Mesmo se eu mantivesse contato com o único membro da minha família que eu supunha ainda vivo — Charles —, duvido que ele tivesse contemplado a ideia de semelhante encontro.

Uma longa estrada repleta de pedras inúteis e aleatórios buracos levava à fazenda Van den Bergh, e as minhas pedaladas inseguras se viram ainda mais ameaçadas por dois cães que avançaram na minha direção assim que me avistaram, latindo muito e sem mostrar se estavam entusiasmados ou furiosos com a minha chegada. Embora eu geralmente gostasse de cachorro, nunca tivera um e aquela saudação ambígua, sem falar na determinação dos dois em correr ao meu redor, me fez levar mais um tombo, sendo que dessa vez aterrissei num enorme e fumegante monte de bosta, cujo cheiro e textura sugeriam que havia saído pouco antes do intestino de uma vaca velha e incontinente. Olhei para a minha calça de sarja nova em folha e para a camiseta *Parallel Lines* que era a minha paixão e fiquei com vontade de chorar ao ver as asquerosas manchas marrons conspurcando a cara perfeita de Debbie Harry.

“Seus filhos da puta”, resmunguei quando os cães se aproximaram

e, fingindo inocência, abanaram o rabo para comemorar a sua pequena vitória. O maior dos dois levantou a pata e urinou na minha bicicleta caída, uma indignidade que me pareceu um pouco exagerada. Ao longe, ouvi uma voz gritar uma sucessão de palavras e, estreitando os olhos, vi uma mulher parada em frente à casa da fazenda, as mãos nos quadris, dirigindo-se a mim. Àquela distância, eu não conseguia entender o que ela dizia, mas imaginei que fosse a mãe de Bastiaan e não tive escolha senão me levantar e, acompanhado dos meus dois agressores, ir até ela. Ao me aproximar, notei que a mulher estava olhando, um tanto divertida, para a minha roupa emporcalhada.

“Você deve ser o rapaz irlandês”, disse ela, mordendo o lábio inferior enquanto me avaliava.

“Cyril”, apresentei-me, sem me atrever a estender a mão imunda. “E a senhora deve ser a sra. Van den Bergh.”

“Pode me chamar de Edda”, sorriu ela. “E você sabe que está coberto de bosta de vaca, não?”

“Sei. Eu caí da bicicleta.”

“Como é possível cair da bicicleta? Você andou bebendo?”

“Não. Bem, pelo menos não hoje. Tomei algumas cervejas ontem à noite, mas tenho certeza de que...”

“Não importa”, interrompeu ela. “Na Holanda, até os bêbados andam de bicicleta sem cair. Eu era conhecida por dormir com a cabeça no guidom e, mesmo assim, chegar em casa sã e salva. Entre. Arjan está no campo de cima, mas vai descer logo.”

“Não posso”, disse eu, olhando para a minha roupa arruinada. “Olhe o meu estado. Não acha melhor eu ir para casa e voltar outro dia?”

Edda deu de ombros. “Isto aqui é uma fazenda, Cyril. Nós estamos acostumados a isso. Vamos. Venha comigo.”

Entramos e tirei as botas à porta para não sujar a casa desnecessariamente. Ela me conduziu pela sala de estar e por um corredor que dava no banheiro. Abriu um armário e me entregou uma toalha que dava a impressão de que tinha sido usada, lavada, secada e devolvida à sua prateleira dez mil vezes. “Pode tomar banho de chuveiro ali. Aí ao lado fica o antigo quarto de Bastiaan e ele ainda tem algumas roupas no guarda-roupa. Vista uma quando terminar.”

“Obrigado”, disse eu, fechando a porta antes de olhar para o meu reflexo no espelho e pronunciando a palavra *caralho* com toda a silenciosa intensidade de que eu fui capaz. Despi-me depressa e entrei no boxe — a pressão da água era péssima e a temperatura tinha só

dois níveis, gelada e escaldante, mas, seja como for, consegui lavar toda a merda do rosto e das mãos, fazendo o sabonete desaparecer de tanto me esfregar. Quando me virei para que a água caísse nas minhas costas e pernas, para o meu assombro, divisei a figura da sra. Van den Bergh no banheiro, pegando a minha roupa suja no chão e colocando-a no braço. Antes de sair, voltou-se e olhou diretamente para o meu corpo nu, balançou a cabeça com satisfação e saiu. *Esquisitíssima*, pensei. Quando terminei, espiei o lado de fora para ter certeza de que o corredor estava vazio. Então corri para o quarto contíguo, entrei e fechei a porta.

Havia algo vagamente erótico em estar sozinho no quarto da infância de Bastiaan e eu não resisti à tentação de me deitar na cama que fora sua durante dezoito anos, até que ele partisse para a universidade. Tentei imaginá-lo adormecendo ali na adolescência, fantasiando nadadores de peito nu e cabeludíssimos pop stars holandeses quando assumira a sua sexualidade em vez de fugir dela. Naquela cama tinha perdido a virgindade aos quinze anos com um garoto do seu time de futebol que lá passara a noite depois de uma partida no final do campeonato. Quando Bastiaan me contara essa história, com tanta suavidade na expressão e tanta umidade nos olhos diante dessa lembrança feliz, eu tinha ficado dividido entre um respeito relutante e um ciúme avassalador, pois simplesmente não podia comparar a minha primeira experiência com a dele. O fato de aquele rapaz, Gregor, continuar sendo uma vaga presença na sua vida era incrível para mim, pois, até conhecer o próprio Bastiaan, eu nunca estivera duas vezes com o mesmo parceiro.

Desde o começo, Bastiaan falara livremente na sua vida amorosa. Não havia dormido com muita gente, não mais que dez ou doze, mas, na maioria, tratava-se de rapazes com quem ele depois engatara algum tipo de relacionamento, às vezes amoroso, às vezes apenas amizade. Alguns ainda moravam em Amsterdam e, quando se encontravam por acaso na rua, eles trocavam abraços e beijos, coisa que eu presenciava constrangido, ainda alarmado com semelhante manifestação pública de afeto entre homens, sempre temendo que as pessoas ao redor ficassem indignadas e se voltassem contra nós.

Por mais que Bastiaan fosse aberto comigo, pois nunca mentia nem escondia nada, eu achava muito mais difícil ser sincero com ele quanto ao meu passado. Não que me envergonhasse do grande número de parceiros sexuais que tivera ao longo dos anos, mas eu me dava conta de que havia algo trágico na minha promiscuidade patológica. Porque, muito embora tivesse trepado com incontáveis

garotos, quando se tratava de amor, eu continuava virgem. Devagar, à medida que passava a amá-lo e a confiar nele, revelei a história do meu amor outrora obsessivo por Julian Woodbead, poupando-o de alguns dos fatos mais deploráveis por medo de afugentá-lo e, um mês depois que começamos a namorar, quando estava ficando claro que aquilo não era um capricho passageiro para nenhum dos dois, eu lhe contei a história do meu ridículo casamento de três horas. Escutando com assombro, dividido entre o horror e a hilaridade, Bastiaan finalmente sacudiu a cabeça com ceticismo, incapaz de entender por que eu envolvi a mim e a Alice numa mentira tão incrível.

“Qual é o problema de vocês?”, perguntou, olhando para mim como se eu fosse clinicamente louco. “Qual é o problema da Irlanda? Será que lá só tem lunáticos? Vocês não querem ser felizes uns com os outros?”

“Não”, respondi, achando o meu país difícil de explicar. “Acho que não queremos.”

Levantando-me, tirei do guarda-roupa um jeans e uma camisa de brim e os vesti. Ficaram um pouco folgados em mim, pois Bastiaan era mais alto e musculoso que eu, mas achei empolgante usar a roupa dele. Uma vez, na segunda ocasião que dormi no seu apartamento, eu não tinha tempo de voltar para casa e trocar de roupa para ir trabalhar e ele me ofereceu uma cueca sua; passar o dia com ela no corpo foi uma experiência tão erótica que, algumas horas depois, acabei me masturbando no banheiro do meu local de trabalho para aliviar a excitação, um sacrilégio chocante se se levar em conta onde eu estava empregado. Usar a sua roupa agora deu-me uma excitação parecida, embora eu tenha resistido ao desejo de pôr as mãos em mim, pois a sua mãe podia tornar a entrar sem avisar. Afinal, fazia só dez minutos que nos conhecíamos e ela já tinha me visto nu. Não precisava me ver descabelando o palhaço.

Voltando pelo corredor, entrei na cozinha, na qual um homem de expressão gentil estava lendo o jornal. Tinha rugas profundas no rosto e estava de sobretudo mesmo dentro de casa, mas o tirou quando me viu.

“Edda me contou que você caiu na bosta”, disse, dobrando o jornal e colocando-o na mesa à sua frente. Notei que usava mangas compridas apesar do calor.

“Pois é, caí.”

O homem deu de ombros. “Isso acontece. A gente cai muitas vezes na bosta durante a vida. O que vale é a gente conseguir sair dela.”

Eu fiz que sim, sem saber se ele estava filosofando ou

simplesmente constatando um fato.

“O meu filho já devia estar aqui”, observou ele quando me apresentei. “Não pense que nós o educamos tão mal assim.”

“Deve ter se atrasado. Ele não é lá muito pontual.”

“Nunca foi”, disse Arjan, afirmando a sua primazia sobre mim.

Edda se aproximou e pôs duas canecas de café na mesa, e eu me sentei examinando o cômodo. Embora a casa dos Van den Bergh fosse pequena, quase cada centímetro dela estava coberto de curiosidades acumuladas ao longo dos anos. Não era possível saber se havia papel de parede ou simples tinta atrás da coleção de fotos de família. As estantes estavam abarrotadas de livros e num suporte ao lado de um toca-discos havia uma pilha enorme de long-plays. Não era de espantar, eu disse comigo, que o meu namorado tivesse saído de lá um adulto tão calmo e ajustado, bem diferente da criatura completamente ferrada que eu era quando comecei a vida em Dublin. No entanto, eu mal conseguia acreditar que um casal que havia presenciado tanto horror no mundo conseguisse voltar a encontrar beleza nele.

Eu conhecia a história dos dois, claro. No nosso quarto encontro, entre canecos de chope no nosso bar favorito, o MacIntyre's, à beira do Herengracht, Bastiaan me contara que os seus pais saíram da cerimônia nupcial em 1942 com as palavras das *Sheva Brachót* ainda soando aos seus ouvidos e, uma hora depois, foram capturados pelos nazistas, com cerca de trezentos outros judeus, e enviados para o campo de trânsito holandês de Westerbork. Lá passaram mais de um mês e só se viram uma vez, quando os seus caminhos se cruzaram durante uma jornada de trabalho forçado; depois, Arjan foi enviado a Bergen-Belsen e Edda, a Auschwitz, viagens e experiências a que conseguiram sobreviver até o fim da guerra, quando foram libertados pelos exércitos britânico e russo respectivamente. Só em 1946 voltaram a se encontrar por acaso naquele mesmo lugar, o mesmo bar, que então se chamava De Twee Paarden. A família de ambos fora exterminada, Edda arranjava lá emprego de garçone e, uma noite, Arjan entrou por acaso, com o salário da sua primeira semana de trabalho, em busca de esquecimento. Quase exatamente nove meses depois, o reencontro feliz e inesperado resultou em Bastiaan, o filho único do casal.

Embora eu tivesse certeza de que Bastiaan havia contado aos pais onde eu estava trabalhando havia quinze dias, eles fingiram surpresa quando toquei no assunto. Eu receava aquele momento, conhecendo tão bem a história deles, mas os dois se mostraram interessados, embora dissessem nunca ter visitado a Casa, por motivos que não

explicaram. No entanto, depois de tratar de outros assuntos durante uns dez minutos, Arjan me surpreendeu ao retomar aquele, contando que estivera na mesma classe que Peter Van Pels no fim da década de 1930, ao passo que Edda, certa vez, fora a uma festa de aniversário com Margot Frank, embora não se lembrasse de ter conhecido Anne.

“Peter e eu jogávamos futebol no mesmo time”, explicou Arjan, olhando pela janela para os campos em que os cães se perseguiam mutuamente em mais uma irrupção de energia. “Ele queria ser centroavante, mas o nosso técnico insistia em fazê-lo jogar na zaga. Não chegava a ser um craque, mas tinha boa forma, tão boa que ninguém o superava em campo. A minha irmã Edith vinha assistir à partida toda manhã de sábado porque gostava dele, se bem que era muito tímida para contar. Em todo caso, ele era muito mais velho que ela. O meu pai jamais consentiria. Peter sempre chegava atrasado ao treinamento; isso era frustrante para mim. Um dia resolvi discutir o problema, mas aquele, é claro, foi o dia em que Peter desapareceu para sempre. Se enfiou no anexo secreto.”

Fiquei comovido e surpreso com essa informação, saber que o homem sentado à minha frente tinha tanta conexão pessoal com uma pessoa cuja fotografia eu via diariamente e cuja história passara a fazer parte da minha vida. Olhei de relance para Edda, mas ela estava de costas para mim. Por fim, virou-se, limpando a garganta, mas sem fazer contato visual comigo enquanto falava, como se fosse uma atriz num palco recitando um monólogo.

“O sr. Frank tinha uma empresa de especiarias”, declarou. “O sr. Frank era um cavalheiro, um amigo querido do meu pai. Sempre que nós o visitávamos, o sr. Frank perguntava pelo estado de saúde da minha mãe, pois ela vivia doente; sofria acessos de asma, e ele sempre tinha um frasco de balas atrás da mesa da srta. Gies para as crianças como eu. Anos depois, quando o diário foi publicado, uma vez eu vi o sr. Frank na praça Dam e tive vontade de abordá-lo e lembrá-lo da Edda que estivera muitas vezes no escritório dele quando menina, mas hesitei. Vi-o passar entre os turistas, despercebido, sendo até empurrado por alguns. Um homem com a camiseta do Ajax pôs uma câmera nas mãos dele e lhe pediu que tirasse um retrato dele com a mulher, depois pegou a câmera de volta sem dizer mais que um obrigado, como se o sr. Frank existisse só para lhe fazer aquele favor. Eu me perguntei o que as pessoas na praça naquele dia fariam se soubessem que lá estava um homem tão extraordinário. E então, de cabeça baixa, ele simplesmente desapareceu. Foi a única vez que vi o sr. Frank em carne e osso depois da guerra.”

Eram tantas as perguntas que eu queria fazer, mas não sabia se a minha curiosidade podia parecer indiscrição. Nos quatro anos em que havia morado e trabalhado em Amsterdam, conhecera dezenas de sobreviventes dos campos de extermínio e formei vínculos profissionais com muitos deles devido ao meu trabalho no museu, mas, para mim, aquele momento tinha algo mais íntimo, pois ali estavam duas pessoas que passaram pela pior experiência possível e sobreviveram a ela, e eu estava apaixonado pelo seu filho e ele, para o meu assombro, parecia também estar apaixonado por mim.

“Como você consegue aguentar?”, perguntou Edda, sentando-se e erguendo a voz, em parte com raiva e em parte com perplexidade. “Trabalhar lá, digo? Passar todos os dias naquele lugar? Não é doloroso? Ou, pior que isso, você simplesmente ficou imune a tudo?”

“Não”, disse eu, escolhendo as palavras com cuidado. “Aquilo me fascina. Eu fui criado na Irlanda, então não sabia quase nada do que tinha acontecido durante a guerra. Não nos ensinam nada sobre isso. E agora eu aprendo mais a cada dia. No museu, o nosso plano educacional não para de crescer. Nós recebemos grupos escolares o tempo todo. É meu trabalho ajudar a informá-los sobre as coisas que lá ocorreram.”

“E como você pode fazer isso”, quis saber ela, mostrando-se genuinamente atônita, “se não entende absolutamente nada a respeito?”

Eu não disse nada. Era verdade que não podia entender como eles entendiam, não podia sentir o que eles sentiam, mas, desde que eu havia chegado a Amsterdam e conseguido emprego de curador júnior no museu, a minha vida começara a ter sentido para mim pela primeira vez. Eu tinha trinta e cinco anos e sentia que finalmente pertencia a um lugar. Que era útil. A Casa era mais importante para mim do que eu era capaz de dizer. Era um lugar impregnado de perigo histórico e, no entanto, perversamente, também era um lugar em que me sentia muito em segurança.

“Claro que é importante”, prosseguiu Edda com um suspiro. “Não discuto isso. Mas passar o dia todo lá com aqueles fantasmas.” Ela estremeceu e Arjan pôs a mão na dela. A sua manga subiu um pouco e, quando eu olhei, ele tornou a puxá-la. “E por que você se interessa? Não há judeus irlandeses que você possa tutelar?”

“Não muitos”, admiti, golpeado pelo verbo que ela tinha escolhido.

“Não há muitos em lugar nenhum”, disse Arjan.

“Eu sei tudo do seu país”, contou ela. “Li a respeito. Ouvi. Parece

um lugar retrógrado. Um povo sem empatia por ninguém. Por que vocês deixam os padres decidirem tudo por vocês?”

“Acho que é porque eles sempre decidiram.”

“Que resposta ridícula”, riu ela com irritação. “Em todo caso, pelo menos você abandonou a Irlanda. Acho que foi inteligente fazer isso.”

“Eu não abandonei”, disse eu, surpreso por sentir um inesperado rompante de patriotismo numa alma que eu sempre achara desprovida daquela tolice paroquial. “Eu saí de lá, só isso.”

“Há alguma diferença?”

“Acho que sim.”

“Você vai voltar um dia, espero. Todos os meninos irlandeses voltam para a mãe no fim, não é?”

“Quando eles sabem quem é a mãe, talvez.”

“Bem, eu não poderia fazer o que você faz. Não gosto nem de visitar Amsterdam. Há anos que não passo perto da Westerkerk e eu adorava subir até o alto quando era menina. É como...”, e então se voltou para o marido. “O filho de Elspeth. Como ele se chama mesmo?”

“Henrik.”

“Sim, Henrik. O filho de um amigo nosso. Historiador. Passou os últimos dois anos trabalhando no museu de Auschwitz. Como ele consegue? Como pode suportar? Isso me assombra.”

“O senhor já pensou em dar uma palestra na Casa?”, perguntei, uma ideia ainda em formação que me ocorreu e que se traduziu em palavras antes que eu pudesse refletir sobre ela. “Talvez para as crianças que vão lá?”

“Não creio, Cyril”, respondeu Arjan, sacudindo a cabeça. “Para dizer o quê? Que Peter Van Pels jogava bem futebol? Que a minha irmã, como Anne Frank, tinha uma queda por ele? Não esqueça que já faz quase quarenta anos. Eu não tenho nada a dizer que interesse a quem quer que seja.”

“Ora, talvez o senhor possa falar no seu período em...”

Ele se levantou, empurrando a cadeira com tanta força que a fez chiar no ladrilho do piso, barulho que me arrepiou. Erguendo a vista, fiquei impressionado com a imponência dele, certamente ele tinha se esforçado para se manter tão em forma. Fisicamente, era parecido com o homem que, dias antes, havia agredido o rapazinho em frente ao meu prédio, mas a corpulência de Arjan era contrastada pela sua natureza gentil e eu me envergonhei de ter feito a comparação. Ninguém falou durante alguns momentos, até que ele se virasse, fosse devagar para a pia e comesçasse a lavar as canecas.

“Você não deve perder o contato com a sua terra”, disse Edda enfim, segurando a minha mão, o tom de voz agora mais brando. “Foi lá que se fizeram todas as suas lembranças. Talvez valha a pena levar Bastiaan um dia. Ele quer conhecer a Irlanda?”

“Ele diz que sim”, respondi, olhando rapidamente para o relógio e esperando que o meu namorado chegasse logo. “Quem sabe um dia. Vamos ver. A verdade é que eu sou feliz em Amsterdam. Na Holanda, me sinto mais em casa do que na Irlanda. Mas não sei se poderia voltar para lá. A verdade é que, quando eu parti...”

E então, para o meu alívio, antes que eu pudesse revelar muita coisa sobre mim, ouvi passos subindo a escadinha da porta da rua. Foram três pancadas rápidas na madeira, a seguir o barulho da maçaneta e eis que lá estava Bastiaan, corado da caminhada, entrando e abraçando os pais num ritual de família carinhosa totalmente novo para mim. Então se virou e sorriu de um modo que dizia que não havia ninguém no mundo que ele quisesse ver mais do que a mim.

À BEIRA DO ROKIN

Eu estava à janela de um bar à beira do Rokin aguardando a minha amiga Danique, a mulher que havia me contratado como curador júnior. Um ano antes, ela havia deixado o emprego na Casa de Anne Frank em troca de uma colocação no Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, em Washington DC, mas viera passar uma ou duas semanas em Amsterdam para comparecer a um casamento na família. Eu tinha me esquecido de trazer um livro e estava olhando para fora, os olhos atraídos pelo bar em frente. Era uma conhecida “boca” de garotos de programa, uma casinha escura dedicada ao comércio fácil, na qual não faltavam solitários homens de meia-idade com a aliança escondida no bolso do casaco, garrafas de cerveja pela metade e michês instantâneos. Nos meus primeiros meses na cidade, nos mais tristes momentos do exílio, eu havia estado lá uma ou duas vezes para me entorpecer com o sexo descomplicado. Agora, olhando para o bar por mero interesse libidinoso, vi dois homens saírem, um dos quais me pareceu conhecido, o outro não. O primeiro era o brutamontes que, semanas antes, esmurrara o garoto em frente à minha casa. Eu o reconheci pelo tamanho, pelo sobretudo com forro de pele e pelo ridículo boné Sherlock. Tirou um cigarro do bolso e o acendeu rapidamente enquanto o outro, um sujeito de quarenta e tantos anos, de pele amarelada e camiseta do Manchester United, guardava a carteira no bolso traseiro da calça. Pouco depois, a

porta se abriu de novo e, não sei por quê, eu não me surpreendi ao ver o mesmo rapazinho sair, o cabelo tingido de um híbrido artificial de castanho e loiro. Num gesto paternal, o Sherlock pôs a mão no seu ombro antes de apertar a mão do Manchester United e, quando ele ergueu o braço, um táxi apareceu logo em seguida e o rapaz e o seu cliente se instalaram no banco traseiro e partiram. Depois disso, o grandalhão olhou de relance para o outro lado da rua e os nossos olhos se encontraram fugazmente. Ele me endereçou um olhar frio e belicoso, e eu me virei, contente em ver a minha amiga se aproximar com um sorriso nos lábios.

A RAIVA DO EXÍLIO

Quando me familiarizei com Amsterdam, passei a me sentir cada vez mais atraído pelas partes da cidade que ofereciam galerias de arte e lojas de antiguidades, sebos e artistas de rua. Ia a concertos e a peças teatrais, passava longas tardes no Rijksmuseum, estudando uma exposição após outra numa tentativa de expandir a mente. Sem quase nenhum conhecimento de história da arte, eu nem sempre entendia o que estava vendo nem tinha capacidade de contextualizar determinado quadro ou escultura, mas as obras começaram a me emocionar e a solidão que sentia não tardou a se abrandar graças ao desenvolvimento do meu interesse pela criatividade.

Talvez esse tenha sido um dos motivos pelos quais achei tão estimulante o meu trabalho na Casa de Anne Frank, pois no museu ficavam as histórias de outros e as palavras de um, combinação que tinha um efeito imprevisível sobre cada visitante que entrava. Eu nunca tive uma vida cultural intensa em Dublin, apesar do fato de haver passado os meus anos de formação na casa de uma romancista e do seu marido. Sabendo que os livros constituíram os fundamentos da vida de Maude, comecei a achar estranhíssimo que ela nunca tivesse sentido vontade de estimular o meu interesse pela literatura. É claro que na Dartmouth Square havia livros em grande quantidade, porém Maude jamais me mostrara as estantes, os romances ou coletâneas que a inspiravam, tampouco pôs uma daquelas obras nas minhas mãos, insistindo para que eu lesse para que depois discutíssemos. E, quando eu saí daquela casa para iniciar a existência profundamente isolada e depressivamente fraudulenta da minha terceira década, desconsidereei de caso pensado tudo quanto pudesse me levar de volta aos complicados anos da infância.

A região entre o canal Herengracht e o rio Amstel era a minha

parte predileta da cidade e, quando ia do trabalho para casa, eu costumava jantar no pub MacIntyre's. Durante os meus anos nômades na Europa, evitei cautelosamente os bares irlandeses, mas a mescla de tradições holandesas e irlandesas tinha um não sei quê que me atraía, a decoração lembrava o meu país, mas a comida e a atmosfera estavam firmemente enraizadas na cultura de um lugar muito distinto.

Ainda que frequentado sobretudo por homens gays, o bar era menos um lugar para fisgar parceiros que um ponto de encontro informal. Vez ou outra, alguns garotos de programa entravam e chamavam a atenção dos coroados solitários às mesas, que se distraíam lendo o *De Telegraaf*, mas, caso não fechassem negócio rapidamente, o proprietário, Jack Smoot, os expulsava, mandando-os de volta à Paardenstraat e à Rembrandtplein com furiosas advertências para que não retornassem.

“Um negócio ou outro de quando em quando, vá lá”, disse-me ele uma noite depois de enxotar um rapaz alto, de cabelo escuro, com um short de brim justíssimo que dava toda a bandeira. “Mas eu não vou permitir que o MacIntyre's ganhe reputação de puteiro de veados.”

“Nenhum deles é holandês?”, perguntei, observando o rapaz, que estava parado lá fora, olhando fixamente para o canal, os ombros caídos de frustração. “Ele me pareceu grego ou turco.”

“A maioria é do Leste Europeu”, respondeu Smoot, mal olhando para fora. “Eles vêm para cá na esperança de fazer fortuna, mas não têm o sucesso das garotas. Ninguém se interessa por ver homens posando de cueca numa vitrine de De Wallen. Com um pouco de sorte, eles têm uns cinco anos bons, depois começam a envelhecer e ninguém mais dá a mínima para eles. Se você quiser esse aí...”

“Santo Deus!”, exclamei, recuando na cadeira, ofendido. “É claro que não quero. Ele não passa de uma criança. Mas será que esses caras não têm outro jeito de ganhar a vida? Esse aí parece morto de fome.”

“E provavelmente está.”

“Então por que expulsá-lo? Pelo menos ele teria ganhado o suficiente para jantar hoje.”

“Porque, se eu deixar um deles fazer isso, vou ter de deixar todos”, explicou Smoot. “E não abri este estabelecimento para que virasse refúgio de garotos de programa. Ele não aprovaria isso.”

“Ele quem?”, perguntei, mas o meu interlocutor fez que não ouviu e voltou para o balcão, lavou as mãos na pia e desconsiderou a minha existência o resto da noite.

Fiz amizade com Jack Smoot quando comecei a frequentar o MacIntyre's. Ele era uns vinte anos mais velho que eu e uma presença

amedrontadora de cabeça raspada, tapa-olho e uma bengala que dava apoio à perna esquerda estropiada. Certa vez, numa noite de sexta-feira em que fiquei até tarde com uma colega de trabalho, Smoot me convidou a passar a noite com ele no seu apartamento no primeiro andar, mas eu recusei, e ele se mostrou mais contrariado com a minha rejeição do que eu esperava, imaginando que ele cantava os clientes por costume, às vezes com sucesso, às vezes não. Tratei de voltar na noite seguinte, na esperança de que as coisas não se complicassem entre nós, e, para o meu alívio, Smoot se comportou como se não tivesse acontecido nada de mais. Agora geralmente me deixava a sós enquanto jantava, mas, às vezes, tomava um drinque comigo antes que eu voltasse para casa, e foi numa dessas ocasiões que me surpreendeu revelando que era irlandês.

“Quer dizer, meio-irlandês”, corrigiu-se. “Nasci lá. Mas vim embora quando tinha vinte anos.”

“Você não tem nem sombra de sotaque.”

“Me esforcei muito para me livrar dele”, disse Smoot, tamborilando nervosamente na mesa as unhas roídas até o sabugo.

“De onde você é?”

“De perto de Ballincollig”, respondeu ele, desviando a vista, empurrando a bochecha com a língua. Cheguei a ver todo o seu corpo ficar tenso ao meu lado.

“Onde é isso. Kerry?”

“Cork.”

“Ah, sei. Nunca estive lá.”

“Não perdeu nada.”

“E você vai sempre para lá?”

Ele riu, como se eu tivesse feito uma pergunta ridícula, e sacudiu a cabeça. “Não. Faz trinta e cinco anos que não ponho os pés na Irlanda e agora nem um exército de mercenários me arrastaria para lá. País horrendo. Gente horrorosa. Lembranças terríveis.”

“E, no entanto”, disse eu, perturbado com a sua amargura, “você tem um bar irlandês.”

“Tenho um bar irlandês porque dá dinheiro. Isto aqui é uma pequena mina de ouro. Eu posso detestar o país, Cyril, mas não me importo quando a gente de lá vem aqui pôr o vil metal na minha caixa registradora. E, de vez em quando, aparece alguém com uma coisa na voz ou na expressão que...” A sua voz se apagou e ele sacudiu a cabeça e fechou os olhos, e eu tive certeza de que as feridas do seu passado, fossem quais fossem, tinham pouca chance de sarar um dia.

“O quê?”, perguntei quando ele deu sinais de que ia prosseguir.

“Uma coisa que o quê?”

“Uma coisa que me lembra um garoto que conheci”, respondeu Smoot, olhando para mim com um meio sorriso, e eu decidi não perguntar mais nada. Fossem quais fossem as suas lembranças, eram assuntos íntimos e eu não devia me intrometer.

“Em todo caso, eu admiro gente como você, Cyril”, disse ele enfim. “Gente que se mandou de lá. Os que eu desprezo são os que ficaram. Os turistas que vêm para cá nas manhãs de sexta-feira no primeiro voo da Aer Lingus, sem nenhum plano além de beber até cair, depois ir dar uma trepada no Rosse Buurt, se bem que geralmente estão tão bêbados que o pau não levanta. E então partem na tarde de domingo, voltam para o trabalho no funcionalismo público com ressaca de segunda-feira de manhã, convencidos de que as putas adoraram os cinco minutos que passaram com eles só porque sorriram o tempo todo e se despediram com um beijo. Aposto que você nunca vê um grupo de turistas irlandeses na Casa de Anne Frank.”

“Raramente.”

“É porque eles vêm para cá. Ou vão para lugares parecidos com este.”

“Sabe, eu fui funcionário público quando era jovem”, contei.

“Não me surpreende muito ouvi-lo dizer isso. Mas, se você largou o emprego, é que não gostava dele.”

“Não chegava a ser ruim. A verdade é que eu poderia estar trabalhando lá até hoje se... bem, houve um incidente e não deu para continuar lá depois disso. Francamente, eu não liguei muito. Arranjei emprego na RTÉ e era muito mais interessante.”

Smoot tomou um gole da bebida e olhou pela janela, observando as bicicletas passarem, uma campainha tocando de vez em quando para chamar a atenção de um pedestre descuidado. “Curiosamente”, disse, “eu conheço uma pessoa que trabalha na Dáil.”

“Um *TD*?”

“Não, uma mulher.”

“Há *TDs* mulheres”, informei.

“É mesmo?”

“Claro que há, seu porco chauvinista. Bom, há algumas. Não muitas.”

“Ela não é *TD*. Trabalha nos bastidores. Eu não gostei muito dela quando nos conhecemos. Aliás, detestei. Para mim, era uma pedra no sapato. Mas depois, no fim das contas, essa mulher acabou salvando a minha vida. Não fosse ela, eu hoje não estaria aqui conversando com você.”

O bar, que estava lotado, ficou em silêncio ao nosso redor. “Como?”, perguntei. “O que aconteceu?”

Smoot não disse nada, simplesmente sacudiu a cabeça e respirou muito fundo, como se estivesse refreando as lágrimas. Quando voltou a me fitar, eu só vi dor estampada no seu rosto.

“Vocês continuam amigos?”, perguntei. “Ela vem para cá te visitar?”

“É a minha melhor amiga”, disse ele esfregando o canto dos olhos com a ponta do polegar. “Sim, ela me visita uma vez por ano ou a cada dois anos. Economiza dinheiro e vem a Amsterdam, e nós dois ficamos bem aqui nesta mesa, chorando feito bebês quando conversamos sobre o passado. Eis o que a gente precisa entender quanto à Irlanda.” Inclinou-se para a frente e apontou o dedo para mim. “Nada nunca vai mudar naquele país de merda. A Irlanda é um lugarzinho atrasado comandado por padres desalmados, mal-intencionados e sádicos e por um governo tão subserviente à batina que praticamente é levado por aí de coleira. O *taoiseach* faz o que o arcebispo de Dublin manda e ganha uma guloseima pela obediência, como um bom cachorrinho. A melhor coisa que podia acontecer na Irlanda era chegar um tsunami do oceano Atlântico e inundar o país com a vingança feroz de um dilúvio bíblico, riscando do mapa todos os homens, mulheres e crianças para todo o sempre.”

Eu me encostei na cadeira, surpreso com a veemência de Smoot, que geralmente era uma presença benevolente; ouvir tanto ódio na sua voz me perturbou. “Vamos”, disse eu. “Você está indo um pouco longe demais, não acha?”

“Se bobear, eu nem fui longe o suficiente”, disse ele, agora deixando escapar algo do sotaque de Cork, o que talvez ele próprio tenha percebido, pois estremeceu, como se o transtornasse o fato de aquilo haver permanecido em algum lugar dentro dele, profunda e inexoravelmente sepultado na sua alma. “Considere-se um felizardo, Cyril”, acrescentou. “Você saiu de lá e não precisa voltar nunca mais.”

BASTIAAN

Foi no pub MacIntyre’s que conheci Bastiaan. Ao chegar, reparei nele sentado a uma mesa de canto com um copo de Jupiler e lendo a edição holandesa de um dos romances de Maude. Embora não acompanhasse as várias línguas para as quais a sua obra tinha sido traduzida e por certo não recebesse um centavo de direitos autorais, pois tudo caía diretamente na conta de Charles, eu sabia, por um

ocasional artigo retrospectivo de jornal, que os livros dela eram vendidos em todo o mundo e que, atualmente, a sua obra era estudada em muitas universidades. Vira exemplares de *Como a cotovia* em uma estação ferroviária em Madri, tinha assistido a uma adaptação para o teatro de *O codicilo de Agnès Fontaine* em um teatro underground de Praga e fiquei perto de Ingmar Bergman, em um café de Estocolmo, quando ele fazia anotações nas margens de *O fantasma da minha filha*, três anos antes da adaptação triunfante desse romance na Ópera Real Sueca. Tudo indicava que a reputação de Maude só crescia com o passar dos anos. Ela ficaria mortificada.

Bastiaan estava muito absorto no livro quando eu o avistei e faltavam poucas páginas para que chegasse ao fim. As páginas finais, um epílogo, reuniam um homem e uma mulher num hotel de Londres décadas depois do fim da Grande Guerra num mal-humorado encontro que propiciava a cena de que eu mais gostava em todos os livros da minha mãe adotiva, e eu me sentei ao balcão, pedi um chope e procurei não deixar transparecer o quanto estava interessado nele. Depois de virar a última página, Bastiaan pôs o livro na mesa e passou algum tempo olhando fixamente para ele, depois tirou os óculos e esfregou a ponte do nariz. Eu sabia que a minha paquera era ostensiva, mas não dava para evitar. O cabelo escuro dele era mais curto do que a moda recomendava na época, ele estava com barba de dois dias e era ridiculamente lindo. Imaginei que tivesse mais ou menos a minha idade, talvez um ou dois anos a menos, e senti a conhecida pontada que me maltratava quando eu dava de cara com um sujeito tão atraente que algum tipo de liga entre nós dois parecia uma possibilidade bem remota.

Entretanto, pouco depois, Bastiaan olhou para mim e sorriu. Eu disse a mim mesmo que me levantasse, fosse à sua mesa e me sentasse — afinal, tinha um começo de conversa óbvio com o livro que ele acabava de ler —, mas, não sei por quê, desviei a vista. E então, antes que eu pudesse reunir coragem, ele se levantou e, para a minha frustração, acenou para o barman e foi embora.

“A timidez vai ser a sua morte, Cyril”, disse Jack Smoot, servindo-me mais um chope.

“Eu não sou tímido”, retruquei timidamente.

“Claro que é. Tem medo de ser rejeitado. Isso está estampado na sua cara. Você não tem muita experiência com os homens, não é?”

“Não muita”, reconheci. *Com o sexo, sim*, quase cheguei a dizer, *mas com os homens, nem tanto*.

“Isto aqui não é Dublin, sabe?”, continuou ele. “Aqui é

Amsterdam. Se você gostou de alguém que acabou de ver, vai até ele e diz oi. Conversa com o cara. Especialmente se ele parecer também gostar de você. E eu sei que Bastiaan gostou de você.”

“Quem é Bastiaan?”

“O sujeito do qual você não tirava os olhos.”

“Ele nem reparou em mim”, disse eu, esperando que Smoot me contradissesse.

“Reparou, sim, pode crer.”

Voltei ao MacIntyre na noite seguinte, esperando que Bastiaan estivesse lá, mas, para a minha decepção, a mesa do canto estava vazia e eu me sentei e retomei *De wereld volgens Garp*, que estava lendo pela segunda vez — agora em holandês — na tentativa de melhorar o meu domínio do idioma. Contudo, cerca de vinte minutos depois, ele chegou, examinou o salão, foi ao balcão, pediu dois chopes e veio se sentar à minha frente.

“Eu voltei na esperança de que você estivesse aqui”, contou-me à guisa de apresentação.

“Eu também.”

“Achei que você não ia falar comigo, então resolvi falar com você.”

Eu o fitei diretamente nos olhos e, sei lá por quê, compreendi que diante de mim estava o homem mais importante que eu conheceria na vida. Mais importante que Charles Avery. Mais importante que Julian Woodbead. O único que eu amaria e que retribuiria esse amor.

“Desculpe”, disse. “É que eu sou um pouco tímido, só isso.”

“Não se pode ser tímido em Amsterdam”, disse ele, ecoando as palavras de Smoot na noite anterior. “É contra a lei. Você arrisca ir em cana por muito menos que isso.”

“Eu ia mofar na cadeia se fosse verdade.”

“Qual é o seu nome?”

“Cyril Avery.”

“A julgar pelo sotaque, você é irlandês.” Ele se mostrou um pouco decepcionado. “Está só de visita?”

“Não, eu moro aqui. Vim para ficar.”

“Trabalha aqui?”

“Na Casa de Anne Frank. Sou curador.”

Bastiaan hesitou momentaneamente. “O.k.”, disse.

“E você?”, perguntei. “O que faz?”

“Sou médico. Mais precisamente, pesquisador. Doenças infectocontagiosas.”

“Tipo varíola, pólio e coisas assim?”

Ele se calou um instante. “Sim, esse tipo de coisa. Embora não seja bem essa a área em que trabalho.”

“Qual é a sua área?”

Antes que ele respondesse, Smoot apareceu, puxou uma cadeira e sorriu para nós como um casamenteiro diligente que acabou de cumprir sua missão.

“Quer dizer que vocês se acharam?”, perguntou com um largo sorriso. “Eu sabia que iam acabar se achando.”

“Jack vive dizendo que a Irlanda é um lugar terrível”, disse Bastiaan. “Será verdade? Eu nunca estive lá.”

“Não é tão ruim assim”, respondi, surpreso com a minha disposição de defender a pátria. “Acontece que faz muito tempo que Jack não vai para lá.”

“Aquilo não presta”, resmungou Smoot. “E você também faz tempo que não vai.”

“Quando você esteve lá pela última vez?”, quis saber Bastiaan.

“Já faz sete anos.”

“Não é um lugar bom para gente como nós”, disse Smoot.

“Gente como nós?”, indagou Bastiaan, virando-se para ele. “O quê, donos de bar, curadores de museu e médicos?”

“Dê uma olhada aqui”, disse Smoot e, ignorando a pergunta, ergueu o tapa-olho e mostrou um amontoado de tecido cicatricial no lugar em que devia ficar o seu olho. “Isto é o que a Irlanda faz com gente como nós. E isto também”, acrescentou, levantando a bengala e batendo-a três vezes no chão, coisa que fez os outros clientes olharem para nós. “Há trinta e cinco anos que eu ando com dificuldade. A Irlanda que vá à puta que a pariu.”

Exalei um longo suspiro; não estava com saco para o baixo-astral do Smoot naquela noite. Enderecei-lhe um olhar significativo, esperando que ele entendesse e desse o fora, mas Bastiaan se inclinou, interessado, e examinou as suas feridas.

“Quem fez isso com você, amigo?”, perguntou em voz baixa.

“Um gordo velho e filho da puta de Ballincollig”, disse Smoot, ficando mais sombrio com a lembrança. “Estava furioso porque o filho dele tinha ido para Dublin morar comigo e o seguii um dia, ficou esperando em frente ao nosso apartamento e, quando deu um jeito de entrar, esmagou a cabeça do garoto na parede e então voltou a sua fúria contra mim. Eu teria sangrado até a morte se outra pessoa não estivesse lá naquela noite.”

Bastiaan sacudiu a cabeça com repugnância. “E o que aconteceu a ele?”, perguntou. “Foi preso?”

“Não”, respondeu Smoot, apurando o corpo, e eu vi que a dor era quase excessiva para ele, mesmo depois de tantos anos. “O júri o soltou, mas isso não é nenhuma surpresa lá. Um júri de doze outros gordos bastardos irlandeses que disseram que o filho dele era perturbado mental e, portanto, ele tinha todo o direito de fazer o que fez. E o que fez comigo. Caso você queira saber o que foi que ele me roubou, dê uma olhada naquela parede.” Apontou com o queixo para uma fotografia pregada na cantaria perto da nossa mesa; eu não tinha sequer reparado nela até então. “Seán MacIntyre. O garoto que eu amava. O garoto que ele assassinou.” Eu a examinei, dois homens lado a lado, um sorrindo para a câmera, o outro — o jovem Smoot — olhando feio para ela, enquanto à sua direita a figura de uma mulher estava partida ao meio pela moldura. “Dois meses depois que tiraram esse retrato, Séan estava no túmulo.”

Olhei para trás, para o bar, desejando que Smoot voltasse para lá. Para o meu alívio, dois turistas entraram no pub e ele olhou para os lados e suspirou.

“Melhor eu trabalhar”, disse, levantando a bengala e mancando até o balcão para servi-los.

“Você já comeu?”, perguntei a Bastiaan, querendo sair logo de lá para fugir de Smoot. “Topa jantar comigo?”

“Claro que topo”, disse ele, sorrindo para mim como se não pudesse haver dúvida quanto à resposta. “Acha que eu vim aqui só para ver o olho furado do Jack Smoot?”

IGNAC

Ignac apareceu estendido na porta do nosso prédio na Weesperplein, numa noite glacial de sábado, algumas semanas antes do Natal.

Bastiaan tinha se mudado para lá dois meses antes e o simples prazer da nossa coabitação fazia com que eu me perguntasse por que me preocupava tanto com o que os outros podiam pensar. Fazia sete anos que saíra de Dublin e, durante esse tempo, não havia retornado ao meu país nem me comunicado com ninguém do meu passado. A verdade é que não tinha ideia do que havia acontecido com eles, se estavam vivos ou mortos. E eles tampouco sabiam do meu paradeiro. No entanto, a ideia de nunca mais voltar me entristecia, pois, por mais que gostasse de Amsterdam, ainda via a Irlanda como a minha terra e, ocasionalmente, desejava muito percorrer a Grafton Street quando os cantores de Natal estavam se apresentando em frente ao Switzer’s ou

fazer uma longa caminhada pelo píer em Dun Laoghaire numa fria manhã de domingo antes de almoçar num pub das redondezas.

Para a minha surpresa, era em Charles que eu mais pensava. Ele podia ser um péssimo pai adotivo e eu podia nunca ter sido um Avery de verdade, mas, mesmo assim, fora criado na sua casa e dentro de mim estavam sepultados sentimentos de ternura por ele, sentimentos que pareciam mais fortes devido à distância que nos separava. Pensava em Julian com menos frequência e, quando o fazia, já não era com desejo ou tesão. Perguntava-me, isto sim, se ele havia perdoado as mentiras que eu lhe contara e o crime terrível que havia cometido contra a sua irmã. Em geral, procurava não pensar em Alice, afastando-a da mente quando ela aparecia, pois se eu não me culpava pelo desgosto que havia causado a outros na vida, certamente me culpava muito pela dor que causara a ela. No entanto, na minha ingenuidade, supunha que havia passado tempo suficiente para que os dois tivessem seguido o seu caminho e talvez me esquecido. Mal podia imaginar as coisas que estavam acontecendo na minha ausência.

Havia um não sei quê de encantamento em caminhar ao longo do rio em noites frias como aquela, as luzes do Amstel Hotel a iluminarem os ciclistas que iam e vinham pela Sarphatistraat, os barcos de excursão passando por nós com turistas tirando fotografias pelas janelas embaçadas. Bastiaan e eu podíamos voltar para casa de mãos dadas e os casais com que cruzávamos nem piscavam. Em Dublin, naturalmente, nós seríamos atacados, espancados quase até a morte e, quando os *gardai* finalmente chegassem para nos tirar da calçada, ririam na nossa cara e diriam que os únicos culpados éramos nós. Em Amsterdam, trocávamos saudações natalinas com desconhecidos, falávamos sobre o frio e não nos sentíamos de modo algum ameaçados. Talvez tenha sido o fato de vivermos naquela paz que fez com que a presença do garoto machucado encolhido na nossa porta, na neve, fosse uma visão tão incongruente.

Logo percebi que se tratava do rapaz que eu já tinha visto duas vezes. Ele estava com a mesma roupa da noite da briga com o seu cafetão Sherlock e trazia o cabelo caoticamente oxigenado como quando eu o vi tomar o táxi com o torcedor do Manchester United. Mas agora estava com o rosto inchado acima da bochecha direita, e um hematoma escuro sob o olho preparava-se para florescer num arco-íris de cores nos dias subsequentes. Sangue seco descia-lhe do lábio ao queixo, e eu pude ver que ele havia perdido um dente de baixo. Bastiaan se aproximou rapidamente e lhe segurou o braço para tomar o pulso, mas era óbvio que o rapazinho ainda estava vivo,

apesar dos ferimentos.

“Vamos chamar uma ambulância?”, perguntei.

“Eu cuido dele”, disse Bastiaan, sacudindo a cabeça. “Os ferimentos são superficiais. Mas nós temos de levá-lo para cima.”

Hesitei, sem saber se queria levar um estranho para a nossa casa.

“O quê?”, perguntou ele, olhando para mim.

“Não é perigoso? Você sacou que ele é garoto de programa, não?”

“Sim, e que foi brutalmente agredido. Prefere simplesmente largá-lo aqui fora para morrer congelado? Anda, Cyril, me ajude a levá-lo para cima.”

Obedeci de má vontade. Não que não estivesse com pena do garoto, mas tinha visto o que o cafetão dele era capaz de fazer e não queria me envolver. Só que, àquela altura, Bastiaan já estava começando a erguer o rapazinho e olhou para mim com um ar frustrado que me perguntava o que diabos eu estava esperando, e nós não tardamos a carregá-lo ao nosso apartamento e o colocamos numa poltrona, momento em que ele abriu um olho sonolento, ficou olhando de um para o outro e murmurou algo indecifrável, quase inaudível.

“Vá buscar a minha bolsa”, pediu Bastiaan, apontando para o corredor. “No guarda-roupa. Você vai ver uma bolsa de couro preto com alça acima dos meus ternos.”

Fui e, do vão da porta, observei Bastiaan falar em voz baixa com o garoto, tentando entender as suas palavras. Em certo momento, ele como que despertou e se pôs a gritar coisas incompreensíveis a nós dois, mas Bastiaan lhe segurou os braços até que voltasse a cair numa semidormência.

“Que idade você acha que ele tem?”, perguntei.

“Uns quinze. No máximo, dezesseis. E é tão magrinho. Não deve pesar mais que sessenta quilos. E olhe.” Bastiaan levantou o braço direito do rapaz e me mostrou uma série de marcas espalhadas de ponta a ponta, picadas de agulha hipodérmica. Tirou um frasco da bolsa e embebeu uma bola de algodão no líquido nele contido e o aplicou nas marcas avermelhadas. O garoto se contraiu um pouco quando o líquido frio lhe tocou a pele, mas não acordou.

“Não é melhor chamar a polícia?”, perguntei, e Bastiaan sacudiu a cabeça.

“Para quê?”, disse. “A única coisa que a polícia vai fazer é pôr a culpa nele. E jogá-lo numa cela até que se desintoxique, mas ele não vai receber o socorro de que precisa.”

“Ele não precisa de um médico?”

Bastiaan olhou para mim achando graça e irritado ao mesmo

tempo. “Eu sou médico, Cyril”, disse.

“Eu digo um médico de verdade.”

“Eu *sou* um médico de verdade.”

“Eu quero dizer um clínico geral”, corrigi. “Um pronto-socorro. Você sabe o que eu quero dizer. Você é pesquisador! Quando foi a última vez que fez uma coisa dessas?”

“Ele não precisa de nada além do que eu já fiz. É melhor deixá-lo dormir e se recuperar. Vai sentir dor quando acordar, mas de manhã eu posso lhe prescrever analgésicos.” Levantou a camiseta do rapaz e examinou-lhe as costelas salientes em busca de fraturas. Pude distinguir esferas roxas nos lugares atingidos pelo punho do agressor. Bastiaan examinou o lado inferior do braço esquerdo, mas estava em ordem, então tirou os sapatos e as meias dele para examinar os pés e entre os dedos, mas tampouco achou outras marcas de agulha.

“Ele vai ter de passar a noite aqui”, disse, levantando-se e indo ao banheiro lavar as mãos. “Nós não podemos mandá-lo de volta para a rua nesse estado.”

Eu mordi o lábio, sem saber se aprovava a ideia ou não, mas fiquei em silêncio até ele voltar para a sala.

“E se ele acordar de madrugada e ficar completamente confuso, sem saber onde está ou o que lhe aconteceu? Pode pensar que *nós* o espancamos. Pode entrar no nosso quarto e matar os dois.”

“Você não acha que está sendo um tanto melodramático?”

“Não, não acho. É uma possibilidade. A gente lê essas coisas no jornal o tempo todo. E se o cafetão vier atrás dele?”

“Ele só vai procurar o garoto quando as feridas tiverem sarado para poder voltar a prostituí-lo. Cyril, não tem perigo. Olhe para ele; o estado em que está. Não conseguiria fazer mal a uma mosca.”

“Mesmo assim...”

“Se isso tranquilizar você, a gente tranca a porta do quarto. E também pode trancar a porta da sala. Se ele acordar durante a noite e tentar sair, eu ouço o barulho da maçaneta e venho para cá.”

“Está bem”, disse eu, não inteiramente tranquilizado. “Mas só esta noite, o.k.?”

“Só esta noite”, assentiu ele, estirando o corpo para me beijar. “Amanhã cedo, quando ele estiver sóbrio, a gente pode levá-lo para um lugar melhor.”

Eu me dei por vencido. Não adiantava discutir quando Bastiaan cismava de ajudar alguém. Era da sua índole. E nós o estendemos no sofá com dois travesseiros sob a cabeça e o cobrimos com algumas mantas. Quando Bastiaan apagou a luz, voltei a olhar para o garoto. A

sua respiração estava mais regular e, enquanto dormia, ele pusera o polegar na boca. Ao pálido luar que entrava pela cortina semiaberta, parecia uma criança.

Na manhã seguinte, despertei surpreso por não ter ouvido barulho durante a noite e ainda mais surpreso com a persistência do silêncio. A primeira coisa que me ocorreu foi que o rapazinho havia morrido, tendo acordado de madrugada, tomado alguma droga e sofrido uma overdose. Afinal, nós não tínhamos revistado os bolsos do seu casaco e não podíamos saber o que havia neles. Sacudi Bastiaan e ele olhou para mim, sonolento, então se sentou, coçando a cabeça.

“É melhor a gente ir lá”, propôs.

Ele destrancou a porta e eu contive a respiração, preparando-me para uma cena horrenda, mas, para o meu alívio, o garoto estava vivo, desperto e sentado no sofá enrolado numa das mantas. No entanto, parecia furiosíssimo e respirou ruidosamente pelas narinas ao nos fulminar com um olhar homicida.

“Vocês me trancaram aqui dentro”, disse e, ao falar, eu vi que o seu maxilar ainda doía, pois o segurou com a mão para aliviar a dor.

“Foi pela nossa segurança”, disse Bastiaan, entrando na sala e avançando devagar para se sentar à janela. “Não tínhamos alternativa. Também foi pela sua segurança.”

“Eu já devia ter ido embora. Quando passo a noite toda fica mais caro. Vocês me prenderam aqui e vão ter de pagar. Duzentos florins.”

“O quê?”, perguntei.

“Duzentos florins”, gritou ele. “Eu quero o meu dinheiro.”

“Cale a boca, nós não vamos te dar um centavo”, disse Bastiaan, mas num tom completamente calmo. O garoto o encarou, assustado, e Bastiaan respondeu com um sorriso. “Como está o seu rosto?”, perguntou.

“Doendo.”

“E as costelas?”

“Pior ainda.”

“Vai demorar uns dias. Quem fez isso com você?”

O rapazinho não disse nada, baixou a vista, ficou olhando o estampado do cobertor e enrugou muito a testa. Desconfiei que ele não sabia ao certo como lidar com a situação em que havia se metido.

“Vocês têm de me pagar”, disse depois de um prolongado silêncio, mas desta vez com voz mais queixosa. “Não é justo não me pagar.”

“Pagar o quê?”, perguntei. “O que você pensa que aconteceu aqui ontem à noite?”

O rapazinho se levantou de um salto e percorreu a sala à procura

dos seus sapatos e meias e, quando os encontrou, voltou a se sentar no sofá, massageando os dedos dos pés antes de calçá-los.

“Vocês são uns filhos da puta se não me pagarem”, disse, e dava para ouvir a emoção na voz dele. Desconfiei que estava quase chorando. “E vocês são dois, de modo que eu quero o dobro. Quinhentos florins.”

“Eram só duzentos florins há um minuto”, disse eu. “O dobro não seria quatrocentos?”

“Juros”, gritou o garoto. “E uma multa por terem me prendido a noite inteira! A cada minuto que vocês não me pagam, o preço sobe.”

“Nós não vamos te dar dinheiro nenhum”, disse Bastiaan, levantando-se e se aproximando dele, mas quando o rapaz assumiu uma postura combativa, ergueu as mãos num gesto pacífico e voltou a se sentar.

“Seiscentos”, disse o garoto em voz alta, furioso, e, se a cena não fosse tão peculiar, eu teria rido, pois aquele menino nada tinha de ameaçador. Bastiaan podia tê-lo derrubado com um peteleco.

“Nós não vamos te dar dinheiro”, repetiu Bastiaan. “E, pense você o que quiser, aqui não aconteceu nada ontem à noite. Nós não te trouxemos aqui para transar. Encontramos você jogado lá fora. Na nossa porta. Deitado na neve. E todo machucado.”

“Mentiroso”, disse o garoto, desviando a vista. “Vocês dois me enrabaram e eu quero a minha grana. Setecentos florins!”

“Se continuar assim, nós vamos ter de hipotecar o apartamento”, disse eu, erguendo as mãos.

“Eu posso te ajudar se você quiser”, ofereceu Bastiaan. “Sou médico.”

“Um médico que traça meninos, é?”, gritou o rapazinho. “Você e o seu amigo aí?”

“Nós não encostamos um dedo em você”, disse eu, já exausto da sua petulância e desejando que ele simplesmente fosse embora. “Portanto, mais uma palavra assim e você volta para a rua.”

O garoto pôs a língua no canto da boca e olhou pela janela. A luz pareceu lhe ferir os olhos e ele tornou a se virar para mim quase imediatamente. “Por que você me trouxe para cá se não queria trepar comigo?”, perguntou. “Só gosta de foder com esse velho?”

“Ele não é nada velho. Tem só trinta e três anos.”

“Por que vocês não me deixaram lá fora?”

“Porque é pleno inverno”, respondeu Bastiaan. “Você estava machucado e ia se congelar. Pensa que eu te largaria na rua? Eu já disse: sou médico. Faço o que posso para socorrer as pessoas. As

marcas nos seus braços... que droga você anda tomando?”

“Eu não tomo droga nenhuma”, rosnou o garoto com irritação.

“Você não toma droga”, disse Bastiaan. “Injeta-a. Isso é óbvio. Nós vamos ter de dar um jeito nisso. E quanto às doenças?”

“Que doenças?”

“Você tem alguma? Gonorreia, clamídia...”

“Claro que não. Eu não trepo com mulher. A gente só pega doença quando fode com as putas sujas das vitrines; todo mundo sabe disso. Ninguém pega doença de homem.”

“O mundo é uma cloaca”, disse Bastiaan. “Acredite, eu sei. É a minha área. Em todo caso, não ligo para como cada um ganha a vida, o que você faz é problema seu, mas, se está precisando de ajuda, se quer ajuda, eu posso ajudá-lo. A escolha é sua.”

O rapaz pensou um pouco e então saltou do sofá e avançou com a intenção de dar um murro em Bastiaan, mas este era muito rápido e muito forte para ele, de modo que não custou a agarrar o braço que o ameaçava, o qual logo estava imobilizado nas costas do garoto.

“Calma”, disse.

“Calma você”, gritou o garoto, rompendo em lágrimas.

Com um empurrão, Bastiaan jogou-o de volta no sofá, no qual ele se sentou com o rosto nas mãos. “Por favor, me deem um pouco de dinheiro”, disse enfim, olhando para nós.

“Que tal se, em vez disso, a gente pagar o almoço para você?”, propôs Bastiaan. “Está com fome?”

O rapazinho riu com amargura. “É claro que estou com fome. Eu sempre estou com fome.”

“Qual é o seu nome?”, perguntei.

O garoto pensou um bom tempo antes de responder. Senti que estava avaliando se convinha ser sincero ou não. “Ignac”, disse enfim, e eu tive certeza de que era verdade.

“De onde você é?”

“Liubliana.”

“Onde fica?”, perguntei.

“Na Eslovênia”, respondeu ele com desprezo. “Você não sabe nada de geografia?”

“Não muito”, disse eu, dando de ombros, e vi Bastiaan reprimindo um sorriso. “Há quanto tempo você está em Amsterdam?”

“Seis meses.”

“O.k.”, disse Bastiaan, levantando-se e balançando a cabeça com determinação. “Vamos sair, os três. Eu estou com fome, Cyril está com fome. Vamos almoçar. Você vem com a gente, Ignac. Tudo bem?”

“Se eu for almoçar com vocês, posso voltar para cá depois?”

“De jeito nenhum”, disse eu.

“Em geral onde você dorme?”, quis saber Bastiaan.

“Tem uns quartos”, respondeu o rapaz vagamente. “Perto da praça Dam. Os garotos do Music Box e do Pinocchio dormem lá durante o dia. Quando os homens não querem a gente.”

“Então é para lá que você deve ir”, disse Bastiaan.

“Não posso.”

“Por que não? Quem te bateu foi um cliente ou o seu cafetão?”

O garoto não disse nada, simplesmente ficou olhando para o chão. Começou a tremer um pouco e eu fui ao quarto pegar um suéter. Bastiaan me seguiu, sentou-se na cama e calçou os sapatos. Um momento depois, ouvimos a porta da rua bater e, quando corremos para o corredor, o ruído de passos descendo a escada correndo. Olhei para Bastiaan, que estava encostado na parede, uma expressão de decepção no rosto, sacudindo a cabeça.

“Bom”, disse, encolhendo os ombros. “Nós tentamos.”

“A minha carteira”, disse eu, olhando para a mesa perto da porta na qual costumava deixá-la com as chaves quando chegava em casa à noite. Claro que tinha desaparecido. “Que filho da puta.”

UMA VISITA INESPERADA

Três noites depois, estávamos sozinhos em casa, assistindo à televisão, e eu me flagrei ainda pensando no garoto.

“O que você acha que ele fez com o dinheiro?”, perguntei.

“Quem? Com que dinheiro?”

“Ignac. Com o dinheiro que ele roubou. Será que ele usou para comer?”

“Não deve ter ido muito longe”, disse Bastiaan. “Você perdeu só uns duzentos florins. Muito menos do que ele queria. Provavelmente gastou em drogas. Com certeza, tem dívidas para pagar. É besteira pensar que comprou frutas e legumes.”

Balancei a cabeça. Adorava Amsterdam, mas aquela experiência havia deixado um gosto amargo na minha boca.

“Você não acha melhor a gente mudar?”, perguntei.

“Mudar para onde?”

“Sei lá. Para um bairro mais tranquilo. Ou para Utrecht talvez. Não é tão longe.”

“Mas aqui é conveniente”, disse Bastiaan. “Por causa do hospital, da Casa de Anne Frank. Por que você quer mudar?”

Eu me levantei, fui até a janela e olhei para a rua, onde as pessoas iam para lá e para cá, sozinhas, em pares, em grupos. Qualquer uma delas, percebi, podia estar a fim de alugar alguém, qualquer um, por uma hora ou uma noite.

Uma batida na porta me surpreendeu — nós nunca recebíamos visita — e eu fui ao hall abri-la. Deparei com Ignac, mais pálido do que estava algumas noites antes, as feridas semicuradas. Parecia muito assustado. Estava com a minha carteira na mão e tremeu quando a estendeu para mim.

“É sua”, disse. “Desculpe.”

“Certo.” Peguei-a, completamente assombrado por voltar a vê-lo.

“Mas está vazia”, acrescentou Ignac. “Desculpe isso também. Eu gastei todo o dinheiro.”

“Pois é”, disse eu, abrindo a carteira. “Então por que veio devolvê-la?”

Ele deu de ombros e se virou, olhando rapidamente para a escada, e quando tornou a olhar para mim, Bastiaan estava ao meu lado, igualmente surpreso ao ver o garoto à nossa porta.

“Posso passar a noite aqui?”, pediu. “Por favor?”

TEMPO DE ESCRAVOS

Apesar de ter sentado àquela mesa e olhado para aquela fotografia dezenas de vezes, foi uma enorme surpresa quando eu por fim percebi por que ela me parecia tão familiar.

“Essa foto”, disse eu a Bastiaan quando ele se sentou, colocando dois chopes gelados na mesa, seguido por Ignac, que trazia o nosso jantar da cozinha. “A de Smoot e Seán MacIntyre. Está vendo o prédio atrás deles?”

“Estou”, respondeu ele, curvando-se e olhando-a mais de perto. “Que tem ele?”

“Bem atrás dos três. Acontece que eu morei nesse prédio na metade dos anos 60. Fica na Chatham Street. Dá até para ver a janela do meu quarto se você se esforçar.”

Bastiaan e Ignac olharam a foto mais de perto, mas nenhum dos dois se mostrou particularmente impressionado.

“Ora, não deixa de ser interessante”, disse eu, voltando a me sentar. “Há tanto tempo que fico aqui olhando para ela e nunca reparei.” Ignac continuava ali parado e eu o encarei. “O que é?”, perguntei.

“Não vão dar gorjeta para o garçom?”

“O que você acha se a nossa gorjeta for não expulsar você daqui?”, disse Bastiaan e bufou quando Ignac foi para o bar e começou a passar um pano no balcão. Eu o observei alguns instantes antes de me ocupar da minha comida. Ignac se livrara do cabelo oxigenado, que tinha resolvido raspar, e engordara um pouco. Parecia muito mais sadio do que quando o acolhemos.

“Faz tempo que você tem vontade de ser pai?”, perguntei, e Bastiaan olhou surpreso para mim.

“Como assim?”

“Ora, todo o esforço que fez por esse garoto desde que ele veio à Weesperplein. Você é bom nisso, palavra. Melhor que eu.”

“Nenhum de nós é pai dele”, disse Bastiaan. “Não esqueça.”

“Eu sei. Mas está começando a parecer que somos. Ou pelo menos figuras paternas substitutas. Afinal, já faz três meses.”

“Três meses e meio.”

“E veja como o Ignac mudou. Largou as drogas, parou de se vender por aí, come comida saudável, tem emprego. E a maior parte disso ele deve a você. Portanto, me diz quanto tempo faz que você quer ser pai. Não acha estranho a gente nunca ter conversado sobre isso?”

“Acho que desde sempre”, disse ele após uma demorada pausa. “Ser gay nunca me incomodou, mesmo quando eu era adolescente.”

“Ora, isso é porque você trepava com todos os jogadores de futebol da sua cidade”, provoquei. “Eu também não me incomodaria se estivesse tendo as suas experiências.”

“Um jogador, Cyril. Um só. E ele era goleiro.”

“Melhor ainda. Rápido com as mãos.”

“Bom, seja como for, ser gay não me incomodava, mas me incomodava pensar que provavelmente nunca teria filhos. Se eu fosse mulher, certamente já teria alguns a esta altura da vida. E você?”

“Sinceramente? Acho que nunca pensei nisso em toda a vida. A minha infância foi uma merda. Minhas experiências com as figuras de pai e mãe foram tão peculiares que acabei perdendo o ânimo. No entanto, o gozado é que, agora que nós temos ou fingimos ter um filho, estou curtindo muito.”

Naturalmente, quando a ideia de Ignac morar conosco veio à baila, eu fiquei profundamente indeciso. Tinha certeza de que ele voltaria a nos roubar, ou então, numa madrugada, chegaria em casa completamente drogado e cometeria um ato irrevogável de violência contra um de nós, mas Bastiaan me persuadiu de que devíamos ajudá-lo pelo simples motivo de que ele havia pedido ajuda. Isso, para

Bastiaan, era uma equação perfeitamente lógica. E então aquilo que começou como um acordo de Ignac dormir alguns dias no nosso quarto vago para se esconder do cafetão transformou-se em algumas semanas e, enfim, nós três sentamos e decidimos tornar a coisa permanente. Jack Smoot concordou em empregá-lo meio período no MacIntyre's e o resto do tempo ele passava em casa, lendo e escrevendo num caderno que mantinha trancado no quarto.

“Por acaso você quer ser escritor?”, perguntei uma vez.

“Não. Eu simplesmente gosto de escrever histórias, só isso.”

“Então a resposta é sim.”

“A resposta é talvez.”

“Sabe que a minha mãe adotiva era escritora?”

“E era boa?”

“Era ótima. Maude Avery? Talvez você tenha ouvido falar nela.”

Ignac sacudiu a cabeça. “Pois vai ouvir se continuar lendo nesse ritmo.”

“E ela gostava?”, perguntou ele. “Escrever a fazia feliz?”

E eu me dei conta de que aquela era uma pergunta impossível de responder.

Quanto mais Bastiaan e eu conhecíamos Ignac, mais ele revelava acerca do seu passado. Foi cauteloso no começo, pois não sabia se podia confiar em nós, mas, como no caso da sua escrita, as palavras acabaram saindo. Contou-nos que viera da Eslovênia para Amsterdam poucas semanas depois da morte da mãe, quando a sua avó paterna, sob cujos cuidados ele havia ficado, lhe deu uma passagem de trem e disse que não estava mais disposta a tomar conta dele. Alegou que não tinha dinheiro e muito menos interesse em criar mais um adolescente, já que fracassara redondamente com o seu filho, o pai de Ignac. Quando lhe perguntamos do pai, ele deixou claro que aquele era um tema fechado para nós. A passagem de trem levou-o a Amsterdam, e fazia menos de uma semana que estava na cidade quando se prostituiu pela primeira vez. Contou-nos que não era gay, que, na verdade, sentia atração por mulheres, embora nunca tivesse dormido com nenhuma e não queria nem tentar depois de tudo que havia feito com o seu próprio corpo desde que partira de Liubliana. Ignac não parecia ter vergonha das suas experiências, nós tampouco fazíamos com que sentisse que havia algo errado com elas, mas era óbvio que detestava a vida que acabara sendo obrigado a levar. Nós lhe perguntamos sobre os seus amigos e ele respondeu que, embora conhecesse muitos garotos na cidade, não os considerava amigos; eram meros fugitivos, refugiados ou órfãos de muitos países diferentes que estavam em

Amsterdan para ganhar dinheiro e que ele via todos os dias.

“Eu precisava comer”, disse com um dar de ombros, evitando os nossos olhos ao explicar. “E era assim que eu ganhava dinheiro.”

Ignac havia começado a se drogar só porque isso o ajudava a matar o tempo nas manhãs e tardes até que os homens aparecessem nos bares à noite. Sem ter o que fazer, passava o dia nos cafés em que os outros garotos de programa se reuniam, jogando conversa fora e fumando maconha antes de ir passando para substâncias mais pesadas. Bastiaan se ocupou disso a partir do dia em que Ignac se mudou para o nosso apartamento, levando-o a um dos seus colegas no hospital, que o ajudou a desintoxicar o corpo e recuperar a saúde. Depois de limpo e sóbrio, a sua pele começou a ganhar cor e a sua disposição melhorou nitidamente.

Eu tinha visto o cafetão Sherlock uma única vez desde que Ignac passara a morar conosco. Tinha acontecido uma ou duas semanas antes, num dia em que eu tinha combinado de me encontrar com o garoto depois do trabalho. Íamos nos encontrar com Bastiaan para jantar e, quando estávamos caminhando ao longo do Singel, fiquei contente ao ver que Ignac parecia bem mais autoconfiante.

“Fale na Irlanda”, pediu ele, mostrando pela primeira vez interesse pelo meu país.

“O que você quer saber?”

“Como é lá? Você não está pensando em voltar logo para lá, está?”

“Ah, não”, disse eu, estremecendo com a ideia, em parte por medo de enfrentar a barafunda que eu tinha deixado para trás, embora já tivessem se passado sete anos. “Duvido que volte um dia.”

“Me leva junto quando você voltar? Eu quero ver como é a sua terra.”

“Ignac, eu acabei de dizer que não quero voltar. Nunca mais.”

“Sim, mas é mentira. Eu percebo pela sua voz. Você quer muito voltar.”

“Lá não há nada para mim”, disse eu. “Os meus amigos, a minha família... ninguém quer ter nada a ver comigo.”

“Por quê? O que você fez de tão terrível?”

Não vi motivo para não ser sincero. “Passei vinte anos mentindo para o meu melhor amigo, não contei que era apaixonado por ele, depois casei com a irmã dele e a abandonei, sem nem falar tchau, em plena festa de casamento.”

“Putá merda”, disse ele, mordendo o lábio e tentando não rir. “Isso não foi nada legal.”

“Não. Além do mais, em Dublin, Bastiaan não encontraria um

hospital interessado no tipo de pesquisa que ele faz.”

“Quer dizer que na Irlanda não tem doenças venéreas?”, perguntou Ignac, reprimindo o riso, e, apesar do seu passado, era fácil ver o quanto ele era jovem.

“Tem muitas. Mas a gente finge que não existem e ninguém fala nelas. A Irlanda é assim. Se você pegar uma, vai ao médico e ele te dá uma injeção de penicilina e, antes de voltar para casa, você vai se confessar e conta os pecados para o padre.”

“Não pode ser tão ruim quanto você diz”, disse Ignac, e eu estava prestes a lhe dar mais detalhes quando ele parou na rua tão abruptamente que eu já havia caminhado uns quatro metros quando notei que ele já não estava ao meu lado. Tive de dar meia-volta.

“O que foi?”, perguntei. “Qual é o problema?” Olhei para a frente e avistei o gigante de casaco forrado de pele vindo em nossa direção, o boné de Sherlock firme na cabeça. Eu ia enfiar Ignac no vão de porta mais próximo, mas, naquele exato momento, o homem ergueu a vista, viu-nos e abriu um largo sorriso. Pouco depois, estava à nossa frente, pronto para abraçar o ex-pupilo, que ficou congelado nos seus braços.

“E eu pensando que você tinha se afogado no Amstel”, disse. “Eu estava achando que você estava tão chapado que tinha caído no rio antes que eu pudesse te empurrar. Isso ou que tinha fugido com um magnata do petróleo russo e esquecido quem cuidou de você todo esse tempo.”

Ignac fez menção de responder, mas eu vi que estava apavorado. Eu o segurei pelo braço para afastá-lo um pouco.

“Nós temos de ir”, disse.

“E quem é esse?”, quis saber o homem, medindo-me da cabeça aos pés, num misto de bom humor e ameaça. “Acho que a gente não se conhece. Eu sou o Damir.”

Estendeu a mão enorme para mim e, de muita má vontade, eu a apertei rapidamente para não causar confusão.

“A gente está indo para um lugar”, disse.

“Todo mundo está indo para algum lugar”, sorriu ele. “Qual é o seu nome? Eu lhe disse o meu. Tenha um pouco de educação, amigo.”

“Cyril. Cyril Avery.”

“Pois bem, Cyril. Vou te perguntar uma coisa. Você é capitalista ou comunista?”

Enruguei a testa, sem saber aonde ele queria chegar. “Nem uma coisa nem outra.”

“Então é capitalista. A maioria das pessoas que são honestas consigo mesmas é capitalista. E a natureza do capitalismo é que cada

um cuida de si em primeiro lugar, mas, quando a gente compra um serviço ou um produto, paga em dinheiro para o comerciante que o vendeu. Você sabe disso, não?”

“Eu não comprei Ignac”, disse eu sem me dar ao trabalho de fingir que não sabia aonde ele queria chegar com aquela conversa. “Mesmo porque ele não é seu para ser vendido. Nós não vivemos num tempo de escravos.”

“Não?”, perguntou Damir, rindo. “Eu gostaria de poder concordar com você.” Encarou-me um instante antes de se voltar para o garoto. “Onde você passou esses meses, afinal?”, perguntou num tom de voz agora um pouco mais frio. “Sabe quanto dinheiro me custou?”

“Eu não te devo nada”, disse Ignac.

“Só porque você está rodando a bolsinha sozinho não quer dizer que...”

“Eu não rodo bolsa nenhuma. Há meses que não. Não faço mais isso.”

O homem franziu o cenho. “Quem disse?”, perguntou.

“Quem disse o quê?”

“Que você não faz mais isso. Até parece que essa é uma decisão que você pode tomar sozinho.”

“Acontece que é”, disse Ignac, e Damir abriu um sorriso beatífico. Na rua, quem passasse por nós pensaria que éramos grandes amigos. “Eu te paguei por tudo que fiz. Agora quero parar.”

“E eu quero uma casa nas Bahamas e Bo Derek esparramada nos meus lençóis”, disse Damir, dando de ombros. “Mas, em vez disso, tenho um apartamentinho encardido perto do Erasmuspark e uma mulher que só me deixa de pau duro quando a luz está apagada e eu não sou obrigado a olhar para a cara horrorosa dela. Você continua trabalhando para mim, Ignac. Eu é que determino quando isso vai acabar.”

“Já acabou”, disse eu, e o sorriso do homem sumiu quando ele tornou a olhar para mim.

“Cale essa boca de merda, sua bichona”, rosnou, espetando os dedos gordos no meu ombro. “Isto aqui é entre mim e o meu...”

“O que ele já fez por você”, disse eu, erguendo a voz e sentindo o coração começar a palpitar no peito. “Tenho certeza de que você ganhou muito dinheiro. Ele não quer continuar fazendo isso, entendeu? Não faltam outros garotos para você explorar no lugar dele.” Calei-me um instante e abrandei o tom de voz, esperando apelar para a sua eventual amabilidade. “Você não pode deixá-lo em paz? Ele quer uma vida diferente, só isso.”

“Há pencas de outros garotos”, disse o homem, passando os dedos na bochecha de Ignac. “Mas nenhum tão bonito como este. Ora, você tem de entender isso, Cyril. Afinal de contas, faz três meses que anda comendo o rabo dele. Portanto, me deve...” Olhou para o canal e se pôs a mover os lábios em silêncio como se estivesse tentando calcular. “Preciso de papel e caneta para ser exato”, explicou. “Nunca fui bom em fazer conta de cabeça. Mas, sabe de uma coisa? Vou calcular o número e mando para você. Não quero cobrar um centavo a mais.”

“Não há nada disso entre nós”, disse Ignac. “Eu simplesmente moro na casa dele, só isso.”

“E você quer que eu acredite, né?”, perguntou Damir, rindo. “Não queira me enrolar. Diga, você gosta de morar com esse homem?”

“Gosto.”

“E quer continuar morando com ele?”

“Quero.”

“Tudo bem, então. Isso não é problema. Não tenho nada contra um arranjo tão feliz. Mas ele vai ter de pagar por esse privilégio. Afinal de contas, você me pertence. Não a ele. E você, Cyril Avery”, disse Damir, voltando-se para mim, “tem uma dívida comigo. E todas as dívidas precisam ser pagas. Essa é a natureza do capitalismo.”

“Eu não te dou um centavo.”

“Claro que dá. Pergunte ao Ignac o que é que eu faço com quem me dá o calote. Não é nada agradável. Agora”, o homem consultou rapidamente o relógio e sacudiu a cabeça, “infelizmente tenho outro compromisso. Mas entro em contato. Até logo, Cyril. Quanto a você, Ignac, não se meta em encrenca!”

E, com isso, passou entre nós e seguiu o seu caminho. Nós o vimos virar uma esquina e desaparecer, e Ignac olhou para mim com uma expressão aterrorizada.

“Eu sabia que não ia durar muito”, lamentou. “Nada dura muito.”

“Se você está se referindo a morar comigo e Bastiaan, pode confiar em mim, Ignac, isso não vai mudar.”

“Vai, sim. Damir não vai dar sossego enquanto não tiver tirado o último centavo de vocês. E, mesmo quando vocês estiverem quebrados, vai continuar querendo mais. Ele nunca vai me deixar em paz.”

“Quantos garotos ele tem na folha de pagamento?”, perguntei.

“Uns vinte. Talvez mais. O número varia o tempo todo.”

“Então ele tem muito que fazer com os outros. Vai te esquecer. Simplesmente está bravo por que você escapou das mãos dele. Duvido que volte a dar as caras. Mesmo porque nem sabe onde te encontrar.”

“Amsterdã é uma cidade pequena. E você deu o seu nome.”

“Você não tem por que se preocupar”, disse eu sem acreditar em nenhuma das minhas palavras.

DUAS TORRES E UM NAVIO PASSANDO ENTRE ELAS

Estava escurecendo quando Bastiaan e eu fomos ao MacIntyre’s quinze dias depois. A mulher que Smoot dizia ser a sua melhor amiga chegara de Dublin para visitá-lo e ficou combinado que nós jantaríamos juntos, ideia que me deixou um pouco nervoso. Eu não tinha tanta certeza de que queria ouvir como a cidade havia mudado ou continuava a de sempre, mesmo que fosse da boca de uma desconhecida. Ela havia alugado um carro para uma excursão de um dia fora da cidade, mas devia voltar ao seu hotel em breve, onde ficamos de ir buscá-la. No entanto, ao virar a esquina rumo ao Herengracht, avistei uma figura que vinha em nossa direção com passos vacilantes.

“É ele”, disse, sentindo um grande desânimo ao puxar a manga de Bastiaan.

“Ele quem?”

“O cafetão do Ignac. Aquele que eu te falei.”

Bastiaan não disse nada, mas eu senti que ele apertou um pouco o passo e, um ou dois minutos depois, nós três nos encontramos bem em frente ao pub. A porta estava fechada e trancada, o que significava que Smoot e Ignac provavelmente estavam no primeiro andar guardando a renda do dia no cofre.

“Meu velho amigo Cyril”, disse Damir ao me reconhecer, o bafo de uísque tão forte que eu achei bom recuar um passo. “Disseram que eu podia encontrá-lo aqui.”

“Quem disse?”

“O pessoal simpaticíssimo da Casa de Anne Frank. Não foi difícil rastreá-lo. A bicha irlandesa com o seu adolescente. Todos os seus colegas no museu sabem dele, não é mesmo? Você deve estar muito apaixonado para falar tanto no garoto.”

“Por que você não vai à puta que o pariu?”, disse Bastiaan em voz baixa.

“E quem é esse?”, perguntou Damir, encarando-o, e eu percebi que se sentia um pouco mais intimidado pelo meu namorado do que por mim.

“Não interessa quem eu sou”, respondeu ele. “Vá se foder, o.k.? O Ignac não vai a lugar nenhum com você.”

Damir deu de ombros e acendeu um cigarro. “Calma aí, vocês dois”, disse. “Eu não vim criar nenhum problema. Aliás, trago boas notícias. Na minha generosidade, decidi não cobrar nada pelo tempo que você manteve o Ignac longe de mim, muito embora isso tenha me dado um prejuízo enorme. Mas eu sou bondoso assim, por isso decidi perdoá-lo. No entanto, tenho um cliente que já esteve com o Ignac e tem planos para ele, planos muito específicos, devo dizer, muito imaginativos. E eu vou ganhar muita grana com isso. De modo que ele simplesmente tem de vir comigo. Já tirou as férias dele, mas agora acabou. Ele trabalha aqui, não?”, acrescentou, apontando para o bar. “Pelo menos foi o que me contaram.”

“Não”, disse eu.

Damir revirou os olhos. “Claro que trabalha aqui. É besteira mentir. Eu sou um homem bem informado.” Estendeu a mão e tentou abrir a porta, mas em vão. “Abra-a”, ordenou.

“Nós não temos a chave”, disse Bastiaan. “O bar não é nosso.”

Damir ignorou o comentário dele e bateu algumas vezes na porta, chamando alguém lá dentro, e eu olhei para cima e vi Smoot empurrando a cortina no apartamento e olhando para baixo, provavelmente esperando ver um grupo de bebedores retardatários, mas dando com duas caras conhecidas e uma estranha.

“Tem quartos aí, não?”, perguntou Damir, olhando para cima. “É aí que mora o dono do bar?”

“Você deve ter muitos garotos”, disse Bastiaan. “Por que não deixa o Ignac em paz? Ele quer uma vida diferente.”

“Porque não cabe a ele fazer essa escolha.”

“Por que não?”

“Dez anos. Daqui a dez anos, Ignac não vai mais ser bonito como é agora e então poderá fazer o que bem entender com o tempo dele. Eu não vou impedi-lo. Mas agora... agora ele tem de fazer o que eu mandar.”

“Mas por quê?”, insistiu Bastiaan.

“Porque é o que todo filho faz pelo pai.”

Fiquei um pouco zozinho e olhei rapidamente para Bastiaan, que enrugou a testa ao ter que engolir aquilo. Claro, reparando bem, o homem podia não ser nada parecido com Ignac fisicamente, mas os dois tinham o mesmo sotaque.

“Você castrou o seu próprio filho?”, perguntei, horrorizado.

“Eu o deixei com a mãe. Mas a idiota morreu e a filha da puta da minha mãe não quis cuidar dele. Por isso eu paguei para que ele viesse para cá. Tirei-o de um país problemático e o trouxe a uma

cidade segura.”

“Não há nada seguro na vida que você o obriga a levar”, disse Bastiaan. “Como pode fazer uma coisa dessas com o seu próprio filho?”

Antes que Damir respondesse, porém, a porta se abriu e uma moça chamada Anna, uma das garçonetes, saiu para ir embora. Reconheceu-nos, é claro, mas não o nosso interlocutor, que passou rapidamente por ela e entrou, deixando-nos na rua, sem saber o que fazer.

“Está fechado!”, gritou Anna.

“Cadê o Ignac?”, quis saber o homem.

“Vá para casa”, disse Bastiaan à moça. “A gente resolve isto.”

Ela encolheu os ombros e seguiu o seu caminho, enquanto eu e Bastiaan entramos à procura de Damir e o encontramos percorrendo o bar vazio.

“Ignac já deve ter ido embora”, disse eu, esperando que Damir acreditasse em mim, mas ele sacudiu a cabeça, olhou para a escada atrás do balcão, que dava no apartamento de Smoot, e foi para lá.

“Eu vou chamar a polícia”, gritei.

“Chame quem você quiser, porra!”, urrou ele, sumindo de vista.

“Merda”, disse Bastiaan, correndo atrás do homem.

Subimos a escada e o encontramos forçando a maçaneta da porta do apartamento. Como não conseguiu abri-la imediatamente, recuou um passo e deu um pontapé tão forte que a arrombou. A sala de estar estava vazia, porém, mesmo quando ele entrou, cambaleando, com Bastiaan e eu a persegui-lo, foi possível ouvir vozes ansiosas na cozinha. Eu já estivera algumas vezes lá em cima. Havia um cofre num dos armários, no qual Smoot guardava dinheiro toda noite para depositá-lo no banco no dia seguinte.

“Saia daí, Ignac!”, berrou Damir. “Eu sou um homem paciente, mas tenho os meus limites. Agora você vem comigo.”

Ergueu a mão e esmurrou violentamente a mesa algumas vezes até que Smoot e Ignac aparecessem no vão da porta. O garoto estava visivelmente aterrorizado, mas foi a expressão de Smoot que mais me preocupou. Embora furioso, estava estranhamente calmo, como se soubesse o que fazer.

“Vá embora”, disse eu, segurando a manga do homem, mas ele me empurrou com violência e eu tropecei num tapete e caí de costas, apoiado no cotovelo.

“Eu não vou com você!”, gritou Ignac, mostrando-se apavorado quando Smoot desapareceu na cozinha às suas costas. O seu pai se

limitou a rir e, estendendo o braço, agarrou-o pelo cangote e lhe deu um forte bofetão que o fez cair, tornou a agarrá-lo e o esbofeteou novamente.

“Você vai fazer o que eu mandar”, disse, arrastando o garoto pelo apartamento, e quando Bastiaan se colocou à sua frente, ele não hesitou em lhe dar um safanão com a mão livre, jogando-o longe. No canto da sala, eu vi um taco de *hurling* com uma decalcomania vermelha e branca em que se viam duas torres e um navio passando entre elas, uma inesperada lembrança da terra natal que Smoot devia ter levado consigo quando partiu da Irlanda. Eu o agarrei e fui depressa até Damir, segurando o taco em posição de ataque, e ele, quando se virou, estava com os dentes arreganhados feito um animal e empurrou o filho para o chão. “Venha”, disse, fazendo sinal para que me aproximasse. “Me bata com essa merda se você tiver peito.”

Ergui o taco, fazendo o possível para parecer ameaçador quando desferi um golpe ineficaz no seu braço, mas ele arremeteu contra mim, jogando-me no chão com um empurrão, agarrou o taco, quebrou-o facilmente no joelho e o jogou no outro lado da sala. Pela primeira vez, comecei a temer que descarregasse o seu ódio não só em Ignac como também em nós dois. Embora estivesse em desvantagem numérica, o homem era tão grande que eu não estava convencido de que conseguiríamos nos defender. Mas também não podíamos deixá-lo levar Ignac. Quando Damir se virou, Bastiaan estava à sua frente, os punhos cerrados.

“Não”, gritei, pois, por forte que Bastiaan fosse, eu não acreditava que tivesse alguma chance contra aquele gigante. Sem a menor hesitação, o homem o atacou com tanta força que Bastiaan caiu de costas, e, quando Damir o chutou no chão, eu ouvi o ruído óbvio de costelas partidas. Gritei o seu nome, porém, antes que ele pudesse responder, Damir o colocou de pé e o empurrou escada abaixo em direção ao bar.

“Chega!”, gritou ele quando se virou. “Ignac, você vem comigo. Entendeu?”

O garoto olhou para mim, mas fez que sim com tristeza. “Está bem”, disse. “Eu vou. Mas não machuque mais ninguém.”

Damir veio em minha direção e olhou para o lugar em que eu estava caído no chão. “Acabou a festa”, disse tranquilamente. “Se você voltar a se aproximar do meu menino, eu corto a tua cabeça e jogo no canal, entendeu?”

Engoli em seco, assustado demais para poder dizer alguma coisa, mas a sua súbita mudança de expressão me confundiu. A raiva

desapareceu, assim como o ar ameaçador, dando lugar à dor e à incredulidade. Olhei para ele e, a seguir, para Ignac, que estava com as duas mãos no rosto, morrendo de medo. Damir girou o corpo e estendeu os braços na tentativa de pegar alguma coisa, mas escorregou e perdeu o equilíbrio, ainda tentou se segurar na mesa da sala, mas caiu no chão ao meu lado, soltando um gemido. Eu me afastei arrastando-me, levantei-me com dificuldade e olhei para ele. Estava estendido de bruços com uma faca cravada nas costas. Quando me virei para a direita, vi Smoot de pé junto a ele.

“Vão embora”, disse calmamente.

“Jack!”, gritei. “O que você fez?”

“Deem o fora os dois. Saíam daqui.”

Fui para a porta e olhei para Bastiaan no pé da escada, esforçando-se para se levantar e esfregando a nuca. Ignac se agachou e olhou para o rosto do pai, que estava com os olhos arregalados, parados. Uma boa facada foi o que bastou; o homem estava morto.

“Eu não podia deixar acontecer outra vez”, disse Smoot em voz baixa, e eu olhei para ele, confuso.

“Acontecer o quê?”, perguntei. “Santo Deus, você o matou. O que nós vamos fazer?”

Smoot olhou à sua volta e, para o meu assombro, estava perfeitamente calmo. Chegou até a sorrir. “Eu sei exatamente o que fazer”, disse. “E não preciso de nenhum de vocês aqui para isso. Vão embora, sim? Aqui está a chave do bar. Tranquem a porta e joguem a chave de volta na caixa do correio.”

“A gente não pode simplesmente...”

“Saia!”, gritou ele, voltando-se para mim, gotas de cuspe a lhe escaparem dos lábios. “Eu sei o que estou fazendo.”

Não me ocorreu nenhuma alternativa, de modo que concordei com um gesto e, tomando Ignac pelo braço, levei-o para baixo. Bastiaan estava sentado na escada, resfolegando.

“O que aconteceu?”, perguntou. “O que está acontecendo lá em cima?”

“Depois eu conto”, disse eu. “Vamos, nós precisamos sair daqui.”

“Mas...”

“Já”, insistiu Ignac, voltando-se para ele e ajudando-o a se levantar. “Se não sairmos daqui já, não saímos nunca mais.”

E nós partimos. Já na rua fizemos o que Jack Smoot pediu, trancamos a porta e jogamos a chave na caixa do correio. Chegamos em casa vinte minutos depois e passamos a metade da noite acordados, dilacerados entre a culpa, a histeria e a confusão. Quando

Bastiaan e Ignac foram se deitar, não consegui dormir e voltei para o outro lado do rio e das pontes e fui em direção ao canal, onde avistei um carro parado em frente ao MacIntyre's, um carro de aluguel a julgar pelo anúncio na lateral, e, ao luar, observei uma figura de casaco preto sair e abrir o porta-malas antes de bater três vezes na porta do bar. Quando esta se abriu, Smoot fez um gesto para que a pessoa entrasse e, alguns minutos depois, eles reapareceram na rua com o que parecia ser um pesado tapete enrolado, obviamente contendo o corpo do pai de Ignac, pois tinham muita dificuldade para carregá-lo. Jogaram-no no porta-malas, fecharam-no e os dois se instalaram no banco dianteiro.

Antes que arrancassem, porém, o luar bateu no rosto do motorista. Foi tudo muito rápido para que eu tivesse certeza absoluta, mas, naquele momento, tive certeza de que o cúmplice de Smoot na remoção do cadáver era uma mulher.

1987:
O paciente 741

O PACIENTE 497

Toda quarta-feira às onze horas da manhã, eu saía do meu apartamento na West 55th Street e ia à Columbus Circle, onde tomava a linha B do metrô para atravessar o Central Park rumo ao Mount Sinai Hospital, quarenta e um quarteirões ao norte. Depois de um café rápido, subia ao sétimo andar e me apresentava a Shaniqua Hoynes, a enfermeira extremamente dedicada e autoritária encarregada do programa de voluntários, mulher que, para ser franco, me aterrorizava. No meu primeiro dia lá, quando um sentimento acachapante de ansiedade não tinha me deixado almoçar, ela me flagrou roubando uma barra de chocolate da sua mesa e me passou uma descompostura antes de decretar que eu era uma pessoa pouco confiável.

Shaniqua, que era da equipe cada vez maior subordinada a Bastiaan, sempre começava fazendo a mesma pergunta — “Tem certeza de que está disposto a isso hoje?” — e, quando eu respondia que sim, ela se voltava para a pilha altíssima de pastas de prontuário, pegava uma lista no topo, percorria a página com o dedo e então dizia dois números: o do paciente que eu ia visitar naquele dia e o do seu quarto. Às vezes, informava-me do seu estado, mas em geral simplesmente me dava as costas, enxotando-me do escritório. Em regra, muitos pacientes do sétimo andar nunca recebiam visita — naquela época, até mesmo os empregados do hospital tinham pavor de se aproximar deles e os sindicatos já estavam questionando se os profissionais da saúde deviam se expor a esse perigo —, mas, nos momentos de depressão ou isolamento extremo, eles tinham posto os nomes na lista de pessoas que solicitavam uma entrevista de uma hora com um voluntário. No entanto, ninguém sabia o que esperar; às vezes, mostravam-se agradecidos e queriam contar histórias da sua vida, mas, ocasionalmente, na falta de membros da família, simplesmente queriam alguém a quem agredir.

O paciente 497/quarto 706 era uma das pessoas mais velhas que

eu visitara até então, um homem de sessenta e tantos anos e com lábios exageradamente carnudos. Olhou rápida e cautelosamente quando entrei no quarto, exalou um suspiro exausto e voltou a olhar pela janela em direção ao North Meadow. Duas bolsas de medicamento intravenoso estavam junto à cama, cada qual com um fluido a gotejar com avidez pelos tubos e a lhe penetrar as veias, ao passo que um monitor cardíaco, cujos fios desapareciam como sanguessugas sedentas sob a sua camisola, emitia leves bipes no fundo. Ele estava pálido, mas, pelo que pude ver, a sua pele continuava sem manchas.

“Eu sou Cyril Avery”, apresentei-me, demorando alguns instantes junto à janela antes de puxar uma cadeira e sentar. Estendi a mão para dar uma palmadinha na dele numa patética tentativa de uma forma qualquer de contato físico entre nós, mas ele a afastou. Embora Bastiaan tivesse me instruído em detalhes sobre as maneiras como os vírus se propagavam, eu ainda ficava nervoso quando entrava em quartos como aquele e era possível que o meu nervosismo transparecesse apesar das minhas tentativas de parecer valente. “Eu sou voluntário aqui no Mount Sinai.”

“E veio me visitar?”

“Vim.”

“Muito amável da sua parte. Você é inglês?”, perguntou ele, medindo-me da cabeça aos pés, aparentemente avaliando a minha roupa sem graça.

“Não, sou irlandês.”

“Pior ainda”, disse ele com um gesto de desprezo. “A minha tia casou com um irlandês. Um grande filho da mãe e um clichê ambulante. Vivia bêbado e espancava a pobre coitada. Ela teve nove filhos dele em oito anos. Há uma coisa animalesca nesse tipo de comportamento, não acha?”

“Bom, nem todos os irlandeses são assim.”

“Eu nunca gostei de irlandês”, disse ele, sacudindo a cabeça, e eu desviei a vista quando vi um fio de baba escorrendo pelo seu queixo. “Uma raça degenerada. Ninguém fala em sexo e, no entanto, é a única coisa em que pensam. Não há na face da Terra uma nação mais obcecada por sexo, caso você queira saber.” O seu sotaque era bem nova-iorquino — do Brooklyn —, e eu lamentei que ele não tivesse manifestado os seus preconceitos raciais para Shaniqua quando apresentou a solicitação de visitante. Isso teria poupado nós dois de um bocado de problemas.

“Você já esteve lá?”, perguntei.

“Oh, pelo amor de Deus, eu já estive em todo canto. Percorri o mundo inteiro. Conheço os becos e os bares mais escondidos de cidades das quais você nunca ouviu falar. E agora estou aqui.”

“Como está se sentindo? Quer que eu traga alguma coisa?”

“Como você acha que estou me sentindo? Como se já estivesse morto, mas o meu coração continua bombeando sangue no meu corpo só para me atormentar. Traga um pouco de água, sim?”

Olhei à minha volta e estendi a mão para pegar a jarra na mesa de cabeceira — “Aí! Aí mesmo!”, disparou, segurando-a bem perto da boca enquanto chupava o canudinho. Aqueles beijos enormes tinham manchas brancas, e eu vi os seus dentes amarelados muito afundados na boca. Enquanto sorvia a água pelo fino tubo de plástico, ato que exigia um esforço enorme, ele me olhava fixamente com puro ódio nos olhos.

“Você está tremendo”, disse quando afastou a jarra.

“Não estou.”

“Está, sim. Tem medo de mim. Faz bem em ter medo de mim.” Ele riu um pouco, mas não havia leveza no seu tom de voz. “Você é bicha?”, perguntou.

“Não”, respondi. “Mas sou gay, caso seja isso que você quer saber.”

“Eu sabia. É alguma coisa no seu modo de olhar para mim. Como se estivesse com medo de estar tendo uma visão do seu futuro. Como você disse que se chama, Cecil, não?”

“Cyril.”

“É o nome mais apropriado para um veado que eu já ouvi. Você fala como um personagem de um romance de Christopher Isherwood.”

“Eu não sou veado”, repeti. “Já disse que sou gay.”

“E tem diferença?”

“Tem, sim.”

“Olhe, vou te contar uma coisa, Cyril”, disse ele, tentando se sentar na cama, mas fracassando. “Eu nunca tive problema com boiolas. Afinal de contas, trabalhava no teatro. Todo mundo achava que havia algo errado comigo pelo fato de eu gostar de boceta. Mas agora todos pensam que eu também sou bicha por causa desta doença. Pensam que passei todos esses anos enfiado no armário, mas eu nunca escondi nada. Não sei o que me incomoda mais, o fato de pensarem que eu sou pederasta ou o de pensarem que eu não tive colhões para abrir o jogo desde o começo. Acredite, se eu fosse boiola, teria contado a todos e seria o melhor boiola do pedaço. Não ia mentir para ninguém.”

“O que as pessoas pensam tem tanta importância assim?”, perguntei, já farto da sua agressão, mas determinado a não permitir que ele me afugentasse. Afinal, era o que ele queria: que eu fosse embora para poder se sentir abandonado outra vez.

“Tem quando você está jogado numa cama de hospital, sentindo a vida ir embora”, respondeu ele. “E as únicas pessoas que entram por aquela porta são os médicos, as enfermeiras e os bons samaritanos que você nunca viu na vida.”

“E a sua família?”, perguntei. “Você tem...”

“Ah, vai se foder.”

“Tudo bem”, disse eu em voz baixa.

“Eu tenho mulher”, contou ele pouco depois. “Faz dois anos que não a vejo. E quatro garotos. Cada um mais egoísta que o outro. Se bem que eu ache que é por minha culpa que eles são os merdas que são. Não fui um bom pai. Mas me mostre um homem de sucesso que tenha dado à família tudo quanto ela exigia que possa dizer coisa diferente.”

“E eles não visitam você?”

O velho sacudiu a cabeça. “Para eles, eu já morri”, disse. “Assim que o meu diagnóstico saiu, eles disseram aos amigos que eu tinha tido um ataque cardíaco quando estava fazendo um cruzeiro no Mediterrâneo e que fui sepultado no mar. A gente tem de admirar a criatividade deles.” Sacudiu a cabeça e sorriu. “Mas não importa”, disse em voz baixa. “Ele têm razão de se envergonhar de mim.”

“Não, não têm.”

“Sabe, o engraçado é que eu tracei mil mulheres nos últimos quarenta anos. E, em todo esse tempo, não peguei nenhum tipo de doença. Nada. Nem quando eu estava na Marinha, sabe, quando a maioria dos caras eram cinquenta por cento penicilina quando davam baixa. Por isso acho que era inevitável que, quando eu finalmente pegasse uma doença, fosse das piores. Vocês têm muito que me pagar.”

Mordi o lábio. Esse era mais um tropo manjadíssimo: um paciente heterossexual atacando os homossexuais por considerar que eles é que tinham espalhado tanto o vírus quanto a doença por ele provocada, e eu sabia por experiência própria que era inútil discutir com gente assim. Eram incapazes de enxergar além do próprio sofrimento. E por que seriam diferentes?

“O que você fazia no teatro?”, perguntei, ansioso por mudar de assunto.

“Era coreógrafo”, disse ele, encolhendo os ombros. “Eu sei, eu sei.

O único coreógrafo homossexual na cidade de Nova York, certo? Mas é verdade. Trabalhei com todos os grandes. Richard Rodgers, Stephen Sondheim, Bob Fosse. Aliás, o Bob veio me visitar há algumas semanas: o único que veio. Muita gentileza da parte dele. A maioria dos outros não se deu ao trabalho. Todas aquelas dançarinas bonitas e jovens. Fariam qualquer coisa por um lugar no palco, e eu gostava de satisfazê-las. Não que costumasse fazer a porra do teste do sofá. Não precisava. Você pode não acreditar olhando para mim agora, mas nos bons tempos eu era bem bonito. A mulherada toda se jogava em cima de mim que nem mosca no mel. Eu podia escolher. Mas onde elas estão agora? Têm medo de chegar perto de mim. Talvez também pensem que já morri. Em termos de acabar comigo, por enquanto os meus filhos foram bem mais competentes que a aids. Pelo menos foram mais rápidos.”

“Eu não vou muito ao teatro”, disse eu.

“Ah, você é um filisteu. Mas aposto que vai ao cinema, não vai?”

“Vou”, admiti. “Com muita frequência.”

“Tem namorado?”

Eu fiz que sim. Não contei que o meu namorado era o chefe do setor de doenças infectocontagiosas do hospital, que provavelmente havia estado com ele dezenas de vezes, pois era o médico incumbido do seu tratamento. Desde o começo, Bastiaan deixara claro que eu não devia revelar aos pacientes absolutamente nada do nosso relacionamento pessoal.

“Você corneia ele?”, perguntou o velho.

“Não. Nunca.”

“Claro que corneia.”

“Não mesmo.”

“E existe algum veado que não sai dando a bunda a esmo por aí? Nós estamos nos anos 80, porra!”

“Eu já disse que não sou veado.”

“Isso é o que você não para de dizer”, retrucou ele com um gesto de desprezo. “Se você não corneia ele, eu o aconselho a continuar assim, e torça para que ele também não te corneie. Aí é possível que os dois estejam a salvo. Mas, se você não pula a cerca, ele provavelmente pula. Mesmo porque é impossível que os dois únicos veados monógamos da cidade de Nova York tenham se encontrado.”

“Ele não é assim”, insisti.

“Todo mundo é assim. Só que alguns sabem esconder melhor que os outros.”

O paciente 479 teve um acesso de tosse e eu, instintivamente,

recuei na cadeira e me apressei a cobrir o rosto com a máscara que trazia pendurada no pescoço. “Seu bostinha”, disse ele, olhando-me com desprezo quando recuperou o fôlego.

“Desculpe”, respondi, tirando a máscara e sentindo o rubor me subir às faces.

“Estou brincando. Eu faria a mesma coisa. Aliás, nem estaria aqui se fosse você. Por que *está* aqui, afinal? Por que faz isso? Você não me conhece; por que entra neste quarto infecto?”

“Eu queria fazer alguma coisa para ajudar.”

“Quem sabe o que você quer é ver uma pessoa morrer. Você curte esse lance, né?”

“Não”, disse eu. “Não é isso.”

“Já viu alguém bater as botas?”

Fiquei pensativo. Tinha visto várias pessoas morrerem, é claro: o padre que tinha caído do confessionário na Pearse Street; a minha primeira noiva, Mary-Margaret Muffet; e, naturalmente, o pai de Ignac naquela noite terrível em Amsterdam antes de decidirmos deixar a Holanda para sempre. Mas nunca tinha visto ninguém morrer de aids. Ainda não.

“Não”, respondi.

“Pois então fique para o espetáculo, camarada, porque não me resta muito tempo. A nenhum de nós. Pelo que eu vejo, este é o começo do fim do mundo. E isso nós temos de agradecer a gente como *você*.”

TRÊS TIPOS DE MENTIRA

O restaurante se situava na 23rd Street, perto do Flatiron Building e, do lugar em que estávamos, eu podia ver casais a caminho do Madison Square Park, onde, semanas antes, uma velha havia cuspidido no meu rosto quando Bastiaan, num momento de espontaneidade, passou o braço pelo meu ombro e me deu um beijo no rosto.

“À merda vocês”, rosnara a mulher, que era idosa o bastante para se lembrar da Grande Depressão, e havia tanta invectiva na sua voz que as outras pessoas que iam passando se viraram para olhar. “Malditos portadores de aids.”

Eu teria prazer em evitar aquela região por uns tempos, mas Alex, amigo de Bastiaan e um dos médicos que trabalhava na sua equipe no Mount Sinai, havia feito a reserva sem saber o que tinha acontecido.

Procurei tirar da cabeça aquela lembrança agora que a mulher de Alex, uma jornalista chamada Courteney, estava afogando as mágoas

por ter sido preterida numa promoção naquela tarde. O jantar tinha sido marcado para comemorar a dita promoção — pois tanto ela quanto Alex tinham certeza de que o cargo estava no papo —, mas acabou se transformando numa espécie de velório.

“Acho que eu devia pedir demissão”, disse ela com ar abatido ao mesmo tempo que passava o garfo inutilmente na comida, pegando apenas um bocado ocasional. “Fazer alguma coisa útil da vida. Ser neurocirurgiã ou lixeira. Toda a minha carreira foi construída para vir a ser correspondente na Casa Branca e para quê? Eu investi tanto tempo para ficar conhecendo todo mundo lá. E aquele filho da mãe resolve dar o cargo para um cara que, um ano atrás, nem trabalhava no jornal e que provavelmente não sabia dizer nem o nome do secretário da Agricultura. Uma grande merda é o que é.”

“Eu também não sei o nome do secretário da Agricultura”, confessou Alex.

“Sim, mas você não *precisa* saber. Você não é repórter político. E o secretário se chama Richard Lyng”, disse ela com voz sumida, como eu sabia que diria.

“Você conversou com ele sobre isso?”, perguntei.

“Claro que sim. Bem, foi mais uma briga que uma conversa. Gritos, insultos, tudo a que tínhamos direito. E eu cheguei a jogar uma coisa.”

“O quê?”

“Uma planta. Na parede. E isso deu munção para ele dizer que eu não tinha o temperamento adequado para exercer uma função de tanta responsabilidade.”

“De onde será que ele tirou essa ideia?”, perguntou Bastiaan, pondo a própria vida em perigo com o seu sarcasmo.

“Não tem graça nenhuma”, disse Courteney, olhando-o com raiva. “Ele não foi capaz nem de me dar um bom motivo para eu não ficar com o cargo. Bom, capaz ele era, mas preferiu não dar. Mas a verdade é que eu sei exatamente o que aconteceu. A Casa Branca o pressionou para que não me nomeasse. Eles não gostam de mim. A corriola do Reagan acha que eu sou encrenca. Simplesmente não posso acreditar que ele tenha cedido, só isso. O que foi feito da integridade jornalística?”

“Às vezes, quando a gente não pode acreditar numa coisa”, disse Alex, “é porque não é verdade.”

“Mas *é* verdade”, teimou Courteney. “Sei que é verdade. Eu disse isso para ele e ele não negou. Não podia nem me olhar nos olhos, o idiotinha. Murmurou qualquer coisa sobre o jornal ter de manter boas

relações com gente poderosa, mas quando eu contestei isso, simplesmente calou a boca.”

“Como é ele?”, quis saber Bastiaan, que se interessava muito mais por essas coisas do que eu. Até lia jornal todo dia, coisa que eu não fazia quase nunca. “É tão imbecil como dizem?”

“De imbecil ele não tem nada”, respondeu Courteney, sacudindo a cabeça. “Ninguém chega a presidente dos Estados Unidos se for imbecil. Ele pode ser marginalmente menos inteligente que os seus antecessores, mas imbecil? Não. Aliás, eu acho que ele é muito esperto em algumas coisas. Sabe exatamente o que faz. Usa o charme para sair de situações difíceis. E as pessoas o adoram por isso. Perdoam tudo o que ele faz.”

“Nem posso imaginar um arranca-rabo com o Reagan”, disse eu. “Por muito menos, eu fui esmurrado pelo secretário de Imprensa do Parlamento irlandês. A gerente do salão de chá precisou tirar o homem de cima de mim.”

“Mas o que você fez de tão errado com o Reagan?”, perguntou Bastiaan, que já tinha ouvido aquela história antes.

“Acho melhor a gente não entrar em detalhes agora”, disse ela, baixando a voz. “Você e Alex não vão querer falar de trabalho hoje. Eu só estou desabafando.”

“De trabalho? Ora, o que isso tem a ver com o nosso trabalho?”

“Ela questionou a reação dele à crise da aids numa coletiva de imprensa”, explicou Alex. “E os repórteres são rigorosamente instruídos a nunca mencionar essa palavra diante do presidente.”

“E o que ele disse?”

“Nada. Fingiu que não ouviu.”

“Vai ver que não ouviu mesmo”, sugeri. “Sabe, ele é muito velho. Acho que tem mais de oitenta anos.”

“Ele me ouviu bem.”

“Estava com o aparelho auditivo?”

“Ele me ouviu *muito bem!*”

“O aparelho estava com as baterias em ordem?”

“Cyril!”

“Quer dizer que ele desconsiderou a sua pergunta?”

“O Reagan me encarou e esboçou aquele sorrisinho típico de quando a cabeça dele está longe e a gente percebe que ele preferia estar cavalgando numa campina de Wyoming a encarar um punhado de jornalistas, e então apontou para um cara do *Washington Post* que fez uma pergunta enfadonha sobre o caso Irã-Contras. Não, a pergunta que eu fiz foi sobre uma coisa muito mais controversa, um assunto que

ainda *não* foi explorado o bastante.”

“Olhe, o Reagan nunca vai fazer nada para nos ajudar nessa luta”, disse Alex. “Daqui a um ano e meio, haverá eleições novamente e o Dukakis ou o Jesse Jackson ou o Gary Hart ou um desses caras vai para a Casa Branca, garanto. Depois disso, a nossa voz terá muito mais chance de ser ouvida. O Reagan detesta os gays; todo mundo sabe. Não gosta nem de reconhecer que eles existem.”

“*A sociedade não pode tolerar esse estilo de vida e eu também não*”, disse eu, citando o presidente e achando que estava fazendo uma imitação perfeita. Pela primeira vez, notei que, na mesa vizinha, quatro pessoas nos encararam com expressão de extremo desdém.

“A sociedade que se dane”, disse Courteney. “O que ela fez por nós ultimamente?”

“A Margaret Thatcher diz que não existe sociedade”, lembrei. “Que só existem homens e mulheres individuais e famílias.”

“Ela que se dane também”, rosnou Courteney.

“O que eu acho esquisito”, comentou Bastiaan, “é que, antes de se meter na política, Reagan passou anos trabalhando no cinema e na televisão. Devia viver cercado de homossexuais.”

“Sim”, concordou Alex, “mas é provável que ele nem tenha percebido que eram gays. Dizem que o Charlton Heston não sabia que o Gore Vidal estava escrevendo uma história de amor entre Ben-Hur e Messala. Pensava que os dois eram só coleguinhas de jardim de infância em Jerusalém. É bem possível que o Reagan seja igualmente sem noção. A não ser que um deles tenha passado uma cantada nele.”

Tive a infelicidade de tomar um gole de vinho bem quando ele disse isso e foi por pouco que não cuspi a bebida no prato. Uma vez mais, reparei na mesa vizinha e numa mulher sacudindo a cabeça com desprezo.

“Um grande americano genuíno”, ouvi o marido dela dizer em voz alta, agressiva.

“Bom, e o Rock Hudson?”, perguntou Bastiaan, que não estava nem aí para os nossos vizinhos. “Eles eram amigos, não eram?”

“Quando o Rock Hudson morreu, o Reagan não disse uma palavra apesar de décadas de amizade”, disse Alex. “Olhem, na opinião desse cara, trata-se de uma doença de gay que está exterminando os gays e, para ele, isso, pela sua própria natureza, não é a pior coisa que pode acontecer. Faz seis anos que o primeiro caso foi identificado nos Estados Unidos e, em todo esse tempo, o cara não disse absolutamente nada. Nem chegou a pronunciar as palavras HIV ou aids em público.”

“Em todo caso, depois eu fui falar com o chefe de gabinete”,

prosseguiu Courteney, “e ele deixou claro que a questão nem estava na agenda do presidente. Contou em off que o governo não ia pôr nenhum financiamento substancial na pesquisa de uma doença que a maioria da população achava que matava principalmente os homossexuais. *Gente normal não gosta de veado*, disse ele, sorrindo para mim como se não pudesse entender o que é que me irritava tanto. *Então o que isso significa?*, perguntei. *Que todos eles devam morrer por não ser populares? A maioria dos membros da Câmara dos Representantes não é popular, mas ninguém propõe que todos sejam exterminados.*”

“E o que ele respondeu?”

“Basicamente, encolheu os ombros como se não desse a mínima. Mas depois, naquele mesmo dia, eu estava saindo da sala de imprensa para ir à Ala Oeste checar uma citação sobre uma coisa inteiramente diferente quando por acaso o Reagan passou por mim no corredor e eu o encurralei. Acho que ele tinha esquecido do que eu tinha feito naquele mesmo dia, pois consegui detê-lo fazendo perguntas fáceis para lhe chamar a atenção e, quando o cara já estava fisgado, perguntei se ele sabia que, desde a sua posse no primeiro mandato, tinham sido notificados mais de 28 mil casos de aids nos Estados Unidos e que, dessas 28 mil pessoas, quase 25 mil haviam morrido. Mais de 89 por cento. *Não sei se isso é inteiramente exato*, disse ele” — e aqui ela imitou Reagan melhor do que eu — “*e a senhora sabe o que dizem das estatísticas, não?*”

“O que é que dizem das estatísticas?”, perguntei.

“Eu o interrompi, coisa que não se faz com um presidente, e perguntei se ele não achava que o governo devia reagir de modo mais sério a uma pandemia de proporções enormes e que não dava sinais de desacelerar tão cedo.”

“Há três tipos de mentiras”, explicou Alex, olhando para mim. “A mentira, a mentira deslavada e a estatística.”

“E ele te deu uma resposta?”, quis saber Bastiaan.

“Claro que não”, disse Courteney. “Limitou-se a grunhir um pouco, a sorrir, a sacudir a cabeça e a dizer: *Bem, vocês garotas da imprensa sabem todas as fofocas, não é mesmo?* Então me perguntou se eu já tinha assistido *A era do rádio* e o que eu achava do Woody Allen. *É um homem importante?*, perguntou, coçando o queixo. *No meu tempo, ele estaria trabalhando na triagem de correspondência.* Basicamente, Reagan ignorou a minha pergunta, e, antes que eu pudesse insistir, o porta-voz da Casa Branca veio correndo e disse que ele precisava estar no Salão Oval. Quando o presidente se afastou, o homem me deu uma bronca horrível e ameaçou tomar a minha credencial de imprensa.”

“E você acha que ele falou com o seu editor sobre a sua promoção?”, perguntou Bastiaan. “Acha que ele puniu você por isso?”

“Ele ou algum outro membro do governo. O fato é que eles não querem que ninguém faça perguntas sobre esse tema. Ainda mais uma pessoa tão enfronhada na questão, uma que por acaso é casada com um médico especialista em aids e tem informações confidenciais do que realmente está acontecendo na área.”

“Por favor, não me chame disso”, pediu Alex com uma careta. “Detesto essa expressão. É tão redutora.”

“Ora, é isso que você é, não? Essencialmente? É o que vocês dois são. Não tem sentido edulcorar a realidade.”

“O fato é que, enquanto a comunidade heterossexual não aceitar que a doença também a afeta”, disse Bastiaan, depondo os talheres, “nada vai melhorar. No momento, há um paciente no Mount Sinai, o paciente 741. Você o conhece, Alex, não é?” Alex fez que sim. “Você o visitou?”, perguntou ele, voltando-se para mim.

“Não”, respondi, pois tinha boa memória do número dos pacientes, era como se ficasse tatuado no meu cérebro, e ainda não visitara nenhum na altura do setecentos.

“Ele foi encaminhado por uma médica da clínica Whitman-Walker de Washington. Fazia algumas semanas que o cara vinha tendo uma terrível dor de cabeça e depois desenvolveu uma tosse que não passava. Experimentou antibióticos, mas de nada serviram. A médica dele pediu alguns exames e, como suspeitava do que se tratava, encaminhou-o para mim. Eu percebi assim que olhei para ele, mas, para não alarmar o coitado desnecessariamente dizendo alguma coisa antes de ter certeza absoluta, é claro que pedi os exames de praxe.”

“Que idade ele tem?”, perguntou Courteney.

“Mais ou menos a nossa idade. Sem mulher, sem filhos, mas não era gay. Tinha aquela pretensão e arrogância típicas do heterossexual realmente boa-pinta. Me contou que passou boa parte da vida viajando pelo mundo e temia ter pegado uma doença em algum lugar, malária ou coisa assim, e eu perguntei se ele era sexualmente ativo. *Claro que sou*, respondeu, rindo como se a pergunta fosse ridícula. *Sou sexualmente ativo desde a adolescência*. Eu lhe perguntei se tinha muitas parceiras e ele deu de ombros e disse que havia perdido a conta. *Pelo menos umas duzentas*, calculou. Algum parceiro homem, perguntei, e ele sacudiu a cabeça e me olhou como se eu fosse louco. *Por acaso eu tenho cara de quem transa com homem?*, perguntou, e eu não me dei ao trabalho de responder. Uma semana depois, quando ele voltou para saber o resultado dos exames, eu o convidei a sentar e disse que

lamentava muito, mas havia detectado o vírus HIV na sua corrente sanguínea e, embora ele ainda não tivesse desenvolvido todos os sintomas da aids e nós pudéssemos evitar isso durante algum tempo, havia uma clara probabilidade de o vírus mutar e a doença começar a se manifestar para valer em alguns meses e é claro, como ele já devia estar sabendo, não havia cura no momento.”

“Vocês sabem com quanta gente eu tive essa conversa só neste ano?”, perguntou Alex. “Com dezessete pessoas. E ainda estamos em abril.”

Isso me trouxe repentinamente à memória um momento em que eu não pensava havia anos. Foi quando estava no café em Ranelagh, na manhã do meu casamento, e sei lá por quê, acabei tomando conta de um menino de nove anos, o filho da mulher que comandava o salão de chá da Dáil Éireann, enquanto ela tentava telefonar para a Aer Lingus a fim de marcar um voo para Amsterdam. *Você é um bicho raro, Jonathan*, eu lhe disse. *Alguém já te contou? / Dezenove pessoas só neste ano*, respondeu ele. *E ainda estamos em maio*.

“E como o paciente 741 reagiu?”, quis saber Courteney. “Puxa, eu me sinto num filme de ficção científica chamando-o por um número. Você não pode simplesmente dizer o nome dele?”

“Não, claro que não”, respondeu Bastiaan. “E ele não reagiu bem. Olhou para mim como se eu estivesse fazendo uma brincadeira de mau gosto, maluca, depois começou a tremer, a tremer visivelmente, e pediu água. Eu fui buscar a água e, quando voltei, ele tinha pegado o prontuário na minha mesa e estava lendo com a avidez de um louco. Não que entendesse o que estava escrito, é claro, ele não era médico, mas foi como se quisesse provar que eu estava enganado. Eu peguei o prontuário de volta e lhe dei a água, mas as suas mãos tremiam tanto que ele a derrubou na roupa quando tentou beber. Quando eu finalmente consegui acalmá-lo, ele me disse que não era possível que o meu diagnóstico estivesse certo e que queria uma segunda opinião. *O senhor pode consultar outro médico, é claro*, disse eu, *mas isso não vai mudar nada. Hoje em dia, há testes muito específicos para identificar o vírus e não há absolutamente nenhuma dúvida quanto a isso. Sinto muito.*”

Sacudi a cabeça, com pena do homem, e, olhando em torno, notei que o pessoal na mesa vizinha nos observava com nojo. Um dos homens me chamou a atenção — cinquenta e tantos anos, careca e obeso, um bife enorme a sangrar no prato à sua frente — e simplesmente me encarou com muito ódio antes de se virar para os seus amigos.

“Apesar de tudo”, continuou Bastiaan, “o paciente 741 se

recusava a aceitar a verdade. Queria saber quem era o melhor médico na área, onde ficava o melhor hospital; tinha certeza de que havia alguém capaz de ajudá-lo. Esse alguém provaria que eu estava errado. *Mas doutor*, disse ele, inclinando-se para a frente e me segurando pelos ombros como se quisesse me sacudir para que eu caísse na real: *Não é possível eu estar com essa doença. Por acaso tenho cara de veado? Eu sou normal, pelo amor de Deus!*”

“Está vendo?”, disse Courteney, recostando-se na cadeira e erguendo as mãos. “Desinformado. Sem a menor compreensão.”

“E ele acabou aceitando a situação com o tempo?”, perguntei.

“Ora, foi obrigado a aceitar”, disse Bastiaan, estendendo a mão e segurando e apertando a minha. Apesar da nossa proximidade com Alex e Courteney, notei que os dois olharam por um instante para as nossas mãos e mostraram certo embaraço com aquele carinho físico. “Não tinha escolha. Quando eu avisei que ele precisava entrar em contato com todas as mulheres com que havia tido relações íntimas e contar que elas também precisavam fazer o teste, ele disse que não sabia nem o nome da metade das mulheres com que tinha dormido nos últimos doze meses, muito menos o número de telefone. Depois disse que queria uma transfusão de sangue. *Tire todo o meu sangue e substitua-o por sangue bom*, pediu, mas eu expliquei que aquilo era ridículo, que a coisa não funcionava assim. *Mas eu não sou gay, porra!*, ele continuou teimando.”

“E onde esse cara está agora?”, perguntei.

“No Mount Sinai”, respondeu Bastiaan. “Não tem muita sobrevida pela frente. Foi internado há algumas semanas e, a esta altura, é só questão de tempo. No fim, eu quase tive de chamar os seguranças. Ele começou a perder a cabeça. Veio para o meu lado da mesa, me encostou na parede...”

“Ele fez o quê?”, espantei-me.

“Me encurralou na parede. Disse que sabia que eu era uma bicha imunda e que deviam me proibir de chegar perto dos pacientes, pois, provavelmente, eu estava infectando um por um.”

“Meu Deus”, disse Courteney.

“Ele te machucou?”, perguntei.

“Não. Olhe, isso foi há um ano. E eu era maior que ele. E mais forte. Podia tê-lo derrubado se precisasse, mas consegui controlar a situação, acalmá-lo, fazê-lo entender que a raiva dele não ajudaria em nada. Por fim, ele se afastou e foi aí que desmoronou e começou a chorar. *Santo Deus*, disse. *O que vão dizer na minha terra? O que vão pensar de mim?*”

“Onde é a terra dele?”, indagou Courteney.

Bastiaan hesitou um instante e se virou para mim. “Pois é, aí é que está”, disse. “Ele é irlandês.”

“Está brincando!”, exclamei. “Eu não estou informado sobre o que anda acontecendo por lá. As pessoas têm aids na Irlanda também?”

“No mundo inteiro, Cyril”, disse Alex. “Provavelmente em escala muito menor, mas alguns casos há.”

“E por que ele não foi morrer no país dele? Por que ficou nos Estados Unidos?”

“Disse que não queria que a família soubesse. Que preferia morrer sozinho aqui a ter de contar a verdade.”

“Está vendo?”, disse eu. “Aquela merda de país não muda nunca. Melhor esconder tudo que enfrentar as realidades da vida.”

Ergui a vista quando o garçom se aproximou da mesa e, parando diante de nós, sorriu com nervosismo. Tinha um cabelão bufante e estava com um colete de couro sem camisa por baixo, exibindo o peito peludo, parecia um dos integrantes do Bon Jovi.

“Como foi o jantar?”, perguntou e, antes que pudéssemos responder, deixou transparecer ainda mais a ansiedade. “Só vou deixar isto aqui para quando vocês estiverem prontos”, disse, colocando uma bandejinha de prata na mesa e dando meia-volta para se afastar.

“Para que isso?”, quis saber Alex, chamando-o de volta. “Ninguém pediu a conta.”

“Infelizmente nós precisamos desta mesa”, disse o garçom, com uma olhadela para os nossos vizinhos. “Não esperávamos que vocês fossem ficar tanto tempo.”

“Não faz nem uma hora que estamos aqui”, disse eu.

“E nós ainda não pedimos a sobremesa nem o café”, acrescentou Courteney.

“Posso lhes dar café para viagem se quiserem.”

“Nós não queremos café para viagem!”, disparou ela. “Meu Deus!”

“Leve a conta de volta e nós vamos pedir outra coisa quando terminarmos”, disse Bastiaan.

“Não posso fazer isso, senhor”, respondeu o garçom, olhando à sua volta em busca de apoio, e eu notei que dois colegas dele estavam perto do bar observando o que se passava. “Esta mesa está reservada para outro grupo.”

“Ora, onde está esse grupo?”, perguntei, olhando para o restaurante.

“Ainda não chegou. Mas está a caminho.”

“Eu estou vendo pelo menos quatro mesas vazias”, disse

Courteney. “Instale essas pessoas numa delas.”

“Eles solicitaram especificamente esta mesa”, explicou o garçom.

“Azar deles então”, disse Alex. “Porque nós chegamos primeiro.”

“Por favor”, pediu o garçom, tornando a olhar para os nossos vizinhos, que observavam com um sorriso nos lábios. “Não façam escândalo. Nós precisamos pensar nos outros clientes.”

“O que está acontecendo aqui exatamente?”, quis saber Bastiaan, jogando o guardanapo na mesa e começando a se zangar. “Você está nos expulsando, é isso que está acontecendo? Por quê? O que nós fizemos?”

“Nós recebemos algumas queixas”, disse o garçom.

“Do quê?”, perguntei eu, completamente desconcertado.

“Por que vocês não fazem o que o homem manda e não somem logo daqui?”, disse uma voz na mesa ao lado, e nós olhamos para o homem do bife sangrento que nos encarava com nojo. “Nós estamos tentando ter um jantar agradável e a única coisa que conseguimos ouvir na mesa de vocês é muita conversa sobre essa doença de invertidos. Mesmo porque, se um de vocês tem essa doença, não devia estar num restaurante.”

“Nenhum de nós está doente, seu imbecil”, disse Courteney, virando-se para ele. “Esses dois são médicos. Tratam de vítimas da aids.”

“Acho que você não entende bem o significado da palavra *vítima*”, disse uma das mulheres. “Quem sai por aí pedindo para pegar a doença não é vítima.”

“Que merda é essa?”, disse eu, olhando à minha volta, sem saber se ria ou se chorava com o que estava ouvindo.

“Garçom, você precisa jogar fora os pratos e talheres dessa gente”, disse o homem. “Ninguém mais pode usá-los agora. E use luvas, eu aconselho.”

Bastiaan se levantou em seguida e foi para a outra mesa. O garçom recuou, assustado, e Alex saltou da cadeira, tal como eu, sem saber o que fazer num momento como aquele.

“Vamos embora”, disse Courteney, segurando o braço de Bastiaan quando ele passou por ela. “Mas não pense que vamos pagar a conta”, acrescentou ao garçom. “Essa conta você pode enfiar ali onde nunca bate sol.”

“Qual é o seu problema?”, perguntou Bastiaan ao gordo, usando as duas mãos para empurrar o homem na altura do peito quando ele também se levantou, e o seu sotaque holandês ficava mais acentuado à medida que a raiva aumentava. Isso acontecia quando ele se irritava

para valer; eu chamava aquilo de “o tom” e tinha medo das suas raras manifestações. “Você pensa que sabe do que está falando? Não sabe porra nenhuma. Que tal desenvolver um pouco de humanidade?”

“Dê o fora daqui antes que eu chame a porra da polícia”, ameaçou o homem sem se intimidar, embora Bastiaan fosse mais jovem, mais forte e mais alto que ele. “Por que você e os seus amiguinhos não vão comer em West Village? Lá eles terão prazer em servir tudo quanto vocês, pervertidos, quiserem.”

Vi Bastiaan tremer, reunindo todo o autocontrole de que era capaz para não pegar o homem e jogá-lo pela janela, mas, enfim, controlando-se, deu meia-volta e se afastou. Fomos para a porta e demos o fora, todos no restaurante olhando para nós quando saímos à 23rd Street, onde as luzes dos escritórios nas esquinas do Flatiron nos iluminaram.

“Filhos da puta”, disse Bastiaan, conduzindo-nos pela rua em direção a um bar, onde tínhamos a intenção de ficar tumultuosamente bêbados. “Bando de filhos da mais puta das putas. Se um deles pegasse a doença eles teriam pelo menos um pingote de decência. Eu queria que algum pegasse. Queria que todos pegassem.”

“Você não está falando sério”, disse, envolvendo-o nos braços e puxando-o para junto de mim.

“Não”, sussurrou ele com um suspiro, recostando a cabeça no meu ombro. “Não, acho que não.”

O PACIENTE 563

A cortina estava fechada no quarto 711, e com uma voz rouca que parecia não ter sido usada durante um bom tempo, o rapaz me pediu que não a abrisse. Entretanto, a luz que se filtrava por ela era suficiente para que eu distinguísse o seu vulto na cama. Tinha uns vinte anos, mas provavelmente não pesava mais que quarenta e cinco quilos. Os seus braços, que descansavam por cima da coberta, eram finíssimos; os dedos longos, esqueléticos; a articulação dos cotovelos, inchada sob a camisola hospitalar. O rosto era cadavérico, a pele se estirava tensa sobre o crânio numa aberração anatômica que me lembrava imagens do monstro de Mary Shelley. As lesões no pescoço e acima do olho direito — hematomas escuros que se fundiam com a pele — pareciam pulsar como se tivessem vida própria.

Shaniqua havia me dito que, se eu me sentisse mal, devia sair, pois não era justo deixar o paciente presenciar o meu desconforto, mas eu ainda não tinha feito semelhante coisa. Naquele dia, ela me

mandou usar bata e máscara, e eu segui as suas instruções muito embora a cama do rapaz estivesse coberta por uma tenda de plástico branco que me lembrava a cena final de *E. T.*, quando o governo põe a casa de Elliott em quarentena e o alienígena parece estar à beira da morte. Eu disse o meu nome e expliquei por que estava lá, e ele balançou a cabeça, abrindo um pouco mais os olhos como se estivesse tentando captar fisicamente um pouco mais de vida para o seu corpo, e, quando tentou falar novamente, as palavras saíram como a continuação de um prolongado acesso de tosse.

“Que bom que você veio. Eu não recebo muita visita. Há semanas que ninguém aparece aqui, a não ser o capelão. Esse vem todo dia. Eu lhe contei que não sou religioso, mas ele vem mesmo assim.”

“Quer que ele pare de vir?”, perguntei. “Porque se você quiser...”

“Não”, o rapaz se apressou a dizer. “Não, não quero que ele pare de vir.”

“Então está bem. Como está se sentindo hoje?”

“Sinto que o fim está perto”, respondeu ele com uma leve risada que logo se transformou em outro acesso de tosse que durou mais de um minuto e me fez suar frio. *Calma, você não vai pegar a doença*, disse cá comigo. *Não pode pegá-la só por estar aqui.*

“Quer me dizer o seu nome?”, perguntei. “Você não precisa dizer se não quiser. Para mim, eles o identificaram como o paciente 563.”

“É Philip. Philip Danley.”

“Prazer em conhecê-lo, Philip. Estão cuidando bem de você? Eu lamento muito que isso tenha acontecido.”

Ele fechou os olhos e eu cheguei a pensar que estava pegando no sono, mas voltou a abri-los e se virou para olhar para mim, inspirando tão profundamente que eu vi o seu peito subir e descer sob o cobertor. Imaginei como a sua caixa torácica devia ser saliente sob a pele.

“Você é de Nova York?”, perguntei.

“De Baltimore. Já estive lá?”

“Nunca estive em nenhum lugar nos Estados Unidos além de Manhattan”, respondi.

“Eu achava que não tinha sentido ir para outro lugar. Só queria estar aqui. Desde que era menino.”

“E quando chegou?”

“Há dois anos. Vim estudar literatura no CCNY.”*

“Oh”, fiz, surpreso. “Eu conheço uma pessoa que estuda literatura lá.”

“Quem?”

“Chama-se Ignac Križ. Mas deve ser uns dois anos mais velho que

você, de modo que talvez não...”

“Eu conheço o Ignac”, sorriu o garoto. “Um tcheco, certo?”

“Esloveno.”

“Ah, é. Mas como você o conhece?”

“Eu sou um dos tutores dele”, expliquei. “Não no sentido rigorosamente jurídico, mas é assim há sete anos. Não que ele precise de tutor agora, é claro. Já tem vinte e dois anos. Em todo caso, mora com o meu namorado e comigo.”

“Acho que ele ainda vai ser um escritor famoso.”

“Talvez”, disse eu. “Mas não sei se é fama o que ele quer.”

“Não, não foi isso que eu quis dizer. Só que acho que ele vai ter muito sucesso. Um cara adorável. E eu li alguns dos contos dele. Todo mundo acha que ele é muito talentoso.”

“Você gostou de estudar lá?”, perguntei, mordendo o lábio quando me dei conta de que usara o pretérito perfeito, como se parte da sua vida tivesse acabado em definitivo. Coisa que, naturalmente, não deixava de ser verdadeira.

“Eu adorei. Foi a minha primeira vez fora de Maryland. Creio que ainda estou matriculado lá. Ou vai ver que já apagaram o meu nome dos livros, sei lá. Não tem mais importância. Meus pais não queriam nem saber de eu vir para cá. Diziam que eu ia me ferrar logo na primeira vez que pusesse os pés na rua.”

“E tinham razão?”

“De certo modo. O que você faz, afinal? Trabalha aqui no hospital?”

“Não. Faço apenas trabalho voluntário.”

“E o que faz fora o trabalho voluntário?”

“Pouca coisa. Acho que estou me transformando numa dona de casa dos anos 50. Não tenho visto de trabalho, de modo que legalmente não posso fazer nada, embora trabalhe algumas noites por semana num bar perto de casa. O meu namorado ganha o suficiente para sustentar os dois, por isso eu acho que vivo às custas dele. Aliás foi por isso que virei voluntário. Queria fazer alguma coisa positiva na vida.”

“Quer dizer que você é gay?”

“Sou. E você?”

“Sou. Como você acha que eu vim parar aqui?”

“Ora, não por ser gay”, respondi. “Você não pode pensar que o motivo seja esse.”

“Mas o motivo é esse.”

“Não, não é. Há um monte de pacientes héteros neste andar.”

“O motivo é esse”, insistiu ele.

Então eu me aproximei um pouco mais e me sentei numa cadeira. Apesar do estrago que a doença havia feito no rosto e no corpo dele, notei que ele devia ter sido um rapaz bonito quando tinha saúde. O cabelo escuro, agora cortado muito rente, complementava os seus olhos, que eram muito azuis e não perdiam o brilho por mais que a doença não desse trégua.

“Lembra de quando a gente era criança?”, disse ele enfim, virando-se novamente para mim, “aquela vez que a gente pegou o trenó até o alto do Ratchet Hill na manhã do dia de Natal? Você disse que, se a gente se segurasse com toda a força nas laterais, não aconteceria nada. Mas acabou caindo e torcendo o tornozelo, e a mamãe pôs a culpa em mim e eu fiquei uma semana de castigo.”

“Acho que não foi comigo”, disse eu devagar. “Era o seu irmão, Philip? Você está pensando no seu irmão?”

Ele virou a cabeça, passou um momento me encarando e enrugou a testa. “Oh, sim”, disse, voltando a desviar a vista. “Pensei que você fosse o James. Você não é o James, é?”

“Não, eu sou o Cyril.”

“O seu tornozelo ainda dói quando faz frio?”

“Não”, disse eu. “Não, já sarou. Agora está bem.”

“Que bom.”

Uma enfermeira entrou e, alheia à nossa presença, fez a leitura de um dos monitores, depois trocou a bolsa de soro e tornou a sair. Nesse momento eu olhei para a mesa de cabeceira e vi exemplares de *O som e a fúria* e de *Ardil-22*, um em cima do outro.

“Você gosta de ler”, comentei.

“Claro. Eu não disse que estudo literatura?”

“Você queria escrever? Como Ignac?”

“Não, eu queria dar aula. Ainda quero.”

“Anne Tyler é de Baltimore, não?”, perguntei, e ele fez que sim. “Eu li alguns livros dela. Gostei muito.”

“Eu estive com ela uma vez. Trabalhava meio período em uma livraria quando estava no colegial. Ela entrou para comprar presentes de Natal e eu até fiquei vermelho de tanto que a admirava.”

Eu sorri e então, horrorizado, vi lágrimas começando a lhe escorrer pelo rosto.

“Desculpe. É melhor você ir embora. Não quero que me veja fazendo papel ridículo.”

“Tudo bem. Você não está fazendo papel ridículo. Eu mal posso imaginar as coisas pelas quais está passando. Você pode...” Vacilei,

sem saber se devia perguntar. “Você quer me contar o que o trouxe aqui?”

“Na verdade, é irônico”, disse Philip. “Dizem que a gente corre mais risco de pegar aids quando é promíscuo. Adivinhe com quantos caras eu transei.”

“Não tenho ideia.”

“Com um.”

“Meu Deus!”

“Um e, mesmo assim, só uma vez. Transei uma única vez em toda a minha vida, e agora estou aqui.”

Eu não disse nada. Dizer o quê?

“Eu ainda era virgem quando vim para Nova York”, continuou Philip. “Era um garoto bem tímido. No colegial, me apaixonava por praticamente todos os caras que eu conhecia, mas nunca tentei nada com eles e nunca contei que era gay. Eles me bateriam se soubessem. Me matariam. Por isso que eu queria estudar aqui. Achava que talvez pudesse começar vida nova. Mas não foi fácil. Passei os primeiros seis meses trancado no meu dormitório, me masturbando, com medo de ir a uma boate ou a um bar. E então numa noite eu fui. Simplesmente decidi: *que se foda*. E achei uma delícia entrar lá. Pela primeira vez na vida, senti que fazia parte de algum lugar. Nunca vou esquecer a sensação. Como foi difícil passar pela porta e como eu me senti bem lá dentro. Como se estivesse onde devia estar. E então um cara me levou para casa, o primeiro que falou comigo. Ele nem era sexy. Era um *velho*, isso sim. Tinha idade para ser meu pai. Nem cheguei a sentir atração por ele. Mas queria tanto transar, queria tanto perder a virgindade, sabe? E estava com medo de ficar na boate, ali tinha regras que eu não entendia. De modo que fui para a casa dele e nós transamos. Durou uns vinte minutos. E então tornei a me vestir e fui para a minha casa. Nem cheguei a saber o nome do cara. E pronto. Foi assim que eu peguei.” Ele respirou fundo e sacudiu a cabeça. “Essa não é a pior coisa que você já ouviu?”

“Lamento muito”, disse eu, passando a mão por baixo da tenda para segurar a dele. A sua pele parecia fina como papel e eu tive a impressão de que, se apertasse com força, ouviria os seus dedos se quebrarem sob a pressão. “O universo é um lugarzinho bem filho da puta.”

“Quando estiver com a mamãe, você conta que eu peço desculpas?”, perguntou Philip. “Diga a ela que, se eu pudesse voltar atrás, não faria aquilo jamais.”

“Eu não sou o James”, disse eu calmamente, apertando-lhe a mão.

“Eu sou Cyril.”

“Promete dizer a ela?”

“Prometo.”

“Que bom.”

Retirei a mão e ele se mexeu um pouco na cama. “Você está cansado?”, perguntei.

“Estou. Acho que vou dormir um pouco. Você volta a me visitar?”

“Volto. Posso vir amanhã se você quiser.”

“Eu tenho aula de manhã”, disse ele, já começando a fechar os olhos. “Melhor deixar para o sábado.”

“Eu venho amanhã.” Levantei-me e passei alguns minutos observando-o até que adormecesse.

EMILY

O barulho no quarto de Ignac revelou que ele e Emily estavam em casa, e meu ânimo sucumbiu mais que o *Titanic* no leito do oceano. Tomei o cuidado de fechar a porta com toda a força e tossi algumas vezes para que os dois percebessem que eu voltara, e a minha recompensa foi uma série de risinhos abafados seguida de um silêncio forçado quando fui para a cozinha.

Cinco minutos depois, sentado à mesa com uma xícara de café e folheando um exemplar da *Rolling Stone* que Bastiaan lá havia deixado, ergui a vista quando Emily entrou, descalça e usando uma camisa de Ignac aberta até a metade do peito e exibindo um pouco mais dos seus seios do que eu queria ver. O seu short de brim era curtíssimo e estava com o botão de cima perceptivelmente aberto, ao passo que o cabelo, que ela costumava usar preso no alto da cabeça, feito um ninho de passarinho, caía solto até os ombros.

“Oi, sr. Avery”, disse com voz cantada, passando por mim para abrir a geladeira.

“Por favor, me chame de Cyril.”

“Não posso dizer esse nome”, disse ela, agitando a mão no ar e fazendo uma careta como se eu tivesse feito uma proposta indecente. “É um nome esquisito. Sempre que o ouço, penso em cílios.”

Eu me virei, sobressaltado, lembrando que Bridget Simpson insistira em me chamar exatamente assim uns vinte e oito anos antes, no Palace Bar, na Westmoreland Street. Bridget, Mary-Margaret e Behan estavam mortos, é claro, e Julian? Eu não tinha ideia do que fora feito de Julian.

“O que foi?”, perguntou Emily, voltando-se. “Até parece que você

viu um fantasma. Não está tendo uma espécie de ataque, está? Não é incomum em homens da sua idade.”

“Deixe de ser ridícula. E pare de me chamar de sr. Avery, entendeu? Isso faz com que eu me sinta o seu pai. O que seria muito estranho considerando que sou apenas dez anos mais velho que você.”

“Pois é uma diferença enorme, sabe? E eu não quero ser muito confiada e faltar ao respeito.”

“É exatamente a mesma diferença de idade que há entre você e Ignac”, observei. “E por acaso ele te chama de srta. Mitchell?”

Emily pegou um frasco de iogurte na geladeira, abriu-o e olhou para mim, mal disfarçando a vontade de rir ao mesmo tempo que lambia o interior da embalagem, ficando com um pouco de morango nos lábios. “Me chama quando eu mando ele me chamar”, disse. “E, em todo caso, eu não sou dez anos mais velha que Ignac, sr. Avery. Sou apenas nove anos mais velha. E que idade tinha Ignac quando vocês o adotaram?”

Antes que eu pudesse dizer uma palavra, o próprio Ignac apareceu e eu tive que deixar por isso mesmo. Ele já tinha percebido o que eu achava de Emily e eu sabia que ele detestava quando a gente começava a bater boca. Emily havia escolhido o momento perfeito para a sua observação.

“Ei, Cyril”, disse Ignac, ligando a chaleira elétrica. “Eu não ouvi você entrar.”

“Ouviu, sim”, resmunguei.

“É que você estava ocupado com outra coisa, mô”, sorriu Emily sem erguer a vista.

“Como foi na faculdade hoje?”, perguntei, virando-me e desejando que Emily fosse para o quarto, se vestisse e desse o fora. Ou, quem sabe, fosse novamente até a geladeira, tropeçasse num pedaço de linóleo solto e caísse pela janela em plena 55th Street.

“Muito bem. Tirei A no meu trabalho sobre Lewis Carroll. E outro A na dissertação sobre Yeats.”

“Parabéns!” Eu gostava do fato de Ignac ter se interessado pela literatura irlandesa, muito mais do que havia se interessado pela holandesa ou a eslovena. Lia com afincos a maior parte dos grandes romancistas irlandeses, embora, não sei bem por quê, optara por evitar a obra de Maude por ora. Eu havia pensado em comprar alguns livros dela na livraria Strand — lá tinham algumas primeiras edições com preço bastante razoável —, mas não queria que Ignac se sentisse obrigado a lê-los e não sabia ao certo como eu me sentiria se ele acaso não gostasse. “Parabéns”, repeti. “Eu gostaria de dar uma olhada no

trabalho sobre Yeats.”

“É muito analítico”, disse Emily, como se eu fosse um analfabeto. “Não é propriamente para leigos.”

“Eu sou muito bom com palavras difíceis. E, se não entender alguma, nada me impede de consultar o dicionário.”

“O significado da palavra analítico não é bem esse”, retrucou ela. “Mas fique à vontade.”

“Do que é mesmo que você dá aula?”, perguntei. “Lembre-me. Estudos da mulher, não?”

“Não, história da Rússia. Se bem que tem um módulo sobre as mulheres russas, se é nisso que você está pensando.”

“Lugar interessante, a Rússia”, disse eu. “Os tsares, os bolcheviques, o Palácio de Inverno e outras coisas que tais. Imagino que você já esteve lá muitas vezes.”

Emily sacudiu a cabeça. “Não. Não, eu nunca estive na Rússia. Em todo caso, ainda não.”

“Está brincando.”

“Por que eu mentiria?”

“Ora, é que eu fiquei surpreso, só isso. Imaginava que, quando a gente se interessa tanto por um país e pelo seu passado, quer ir lá e vivenciá-lo pessoalmente. Acho isso muito estranho.”

“Ora, o que você quer que eu diga? Eu sou um enigma.”

“Mas você fala russo, é claro.”

“Não. E você?”

“Não, claro que não. Mas também não dou aula de russo numa universidade.”

“Nem eu. Eu dou aula de história da Rússia.”

“Mesmo assim, é muito esquisito.”

“Pensando bem, não é tão inusitado. Ignac se interessa por literatura irlandesa”, argumentou ela. “E nunca estive na Irlanda. Nem fala irlandês.”

“Claro que não, a maior parte da literatura irlandesa é escrita em inglês”, repliquei.

“O seu país exclui os escritores nativos?”

“Não.”

“E nenhum deles escreve em gaélico?”

“Ora, tenho certeza de que vários escrevem”, disse eu, começando a ficar nervoso. “Mas esses livros não são muito conhecidos.”

“Está querendo dizer que eles não vendem bem. Eu não tinha percebido que você é tão populista. Aliás, no ano passado, li um livro da sua mãe. Eles vendem bem, não?”

“Da minha mãe adotiva.”

“É a mesma coisa.”

“Não, não é. Para começo de conversa, ela não era exatamente uma presença maternal.”

“Você leu *Como a cotovia*?”

“Claro que li.”

“É bastante bom, não acha?”

“Acho que é um pouco mais que *bastante* bom.”

“Mas o menino do livro é um verdadeiro monstro. Um dos maiores mentirosos e dissimulados da literatura. Não admira que a mãe queira matá-lo. É uma obra autobiográfica?”

“Sabe que há um pôster de Maude no departamento de literatura do CCNY?”, perguntou Ignac, interrompendo-nos, e eu me virei para ele, surpreso.

“É mesmo?”

“Sim, é um dos quatro pôsteres afixados na frente do escritório da administração. Virginia Woolf, Henry James, F. Scott Fitzgerald e Maude Avery. Todos evitam olhar para a câmera, menos a sua mãe.”

“A minha mãe adotiva.”

“Que olha diretamente para a objetiva. E parece absolutamente furiosa.”

“É bem ela”, disse eu.

“Está sentada a uma escrivaninha diante de uma janela de treliça e com um cigarro na mão. Na mesa, há um cinzeiro cheio de bitucas.”

“Esse era o escritório dela. Na Dartmouth Square. Um lugar bem enfumaçado, na melhor das hipóteses. Maude não gostava de abrir a janela. Claro, essa é a casa em que fui criado. Ela ficaria horrorizada se soubesse que há uma foto dela pendurada na sua universidade, mesmo que seja ao lado de escritores dessa categoria. Maude não foi publicada nos Estados Unidos quando estava viva, você sabe.”

“Algumas pessoas só têm sucesso depois de mortas”, disse Emily. “E a vida delas na terra é puro fracasso. Vai trabalhar de barman hoje à noite, sr. Avery?”

“Não”, respondi, revirando os olhos. “Só no fim de semana.”

“Só pergunto porque Ignac e eu estávamos pensando em ficar em casa.”

“Ora, nada os impede de ir ao cinema, imagino. Agora que Ignac pode assistir filmes para maiores de dezoito anos, vocês vão juntos. Experimentem *Atração fatal*.”

“Não começa, Cyril”, pediu Ignac em voz baixa.

“Estou brincando”, disse eu, decepcionado com a rapidez com que

ele tomou a defesa de Emily contra mim.

“Um dia a gente vai”, disse ele depois de algum tempo.

“Aonde? Assistir *Atração fatal*?”

“Não, a Dublin. Eu quero conhecer o lugar em que você foi criado. E talvez a gente possa ir àquela casa e tirar uma foto sua no mesmo escritório.”

“A casa não é mais da família”, disse eu, desviando o olhar.

“O que aconteceu?”

“O meu pai adotivo vendeu. Foi obrigado quando foi preso por sonegação fiscal. No fim das contas foi o advogado dele que comprou. A preço de banana.”

“É irônico”, disse Emily.

“Não, não tem nada de irônico”, retruquei. “O significado da palavra irônico não é bem esse.”

“Que pena”, lamentou Ignac. “Mas talvez quem mora lá agora deixe você entrar para dar uma olhada. Seria muito legal voltar a ver a casa da sua infância, não? Deve haver tantas lembranças lá.”

“Seria legal se fossem lembranças boas. Mas essas são pouquíssimas. De resto, eu não seria especialmente bem-vindo na Dartmouth Square.” À parte os fatos básicos do meu efêmero casamento, nunca cheguei a contar a Ignac a história completa de Julian, de Alice e minha. Afinal, as coisas que se passaram entre nós eram muito antigas e pareciam totalmente irrelevantes na minha existência atual. Contudo, pela primeira vez em anos, eu me perguntei a respeito da casa e se Alice ainda morava lá, talvez com o homem com que se casou depois de mim. Desejei que ela tivesse uma casa cheia de filhos povoando os cômodos e um marido que continuasse desejando-a. Ou quem sabe Julian ficara com a casa. Sempre era possível, ainda que pouco provável, que ele tivesse sossegado e formado uma família.

“Há quanto tempo o senhor não vai a Dublin, sr. Avery?”, quis saber Emily.

“Há catorze anos, srta. Mitchell. E não tenho planos de voltar.”

“Mas por quê? Não tem saudade?”

“Ele nunca fala sobre isso”, disse Ignac. “Acho que prefere fazer segredo. Deve ser por causa dos ex-namorados. Não quer que venham procurá-lo. Provavelmente deixou uma fileira de corações partidos quando mudou para Amsterdam.”

“Eu estive em muitos lugares entre Dublin e Amsterdam”, observei. “E, diga-se de passagem, não tenho nenhum ex-namorado na Irlanda. Bastiaan é o único namorado que eu tive na vida. Você sabe

disso.”

“Sim, é o que você diz. Mas eu não acredito.”

“Acredite no que quiser.”

“Bem, quando a gente estiver lá, talvez tenha oportunidade de dar uma olhada nessa casa”, disse Emily, voltando-se para Ignac e segurando a mão dele, brincando com os seus dedos feito uma criança. “Aí você pode mandar um retrato ao sr. Avery para que se lembre dela.”

Demorei alguns segundos para entender. “Quando *quem* estiver *onde?*”, perguntei. Emily se levantou, foi até o balcão pegar uma maçã na fruteira e então ficou com um pé apoiado na parede atrás dela, mordiscando a fruta.

“Quando Ignac e eu estivermos em Dublin.”

“E por que você e Ignac iriam a Dublin?”

“Emily”, disse Ignac em voz baixa, e eu olhei para ele e vi, pela sua expressão, que estava dando a entender que aquele não era o momento para tocar no assunto.

“Ignac. O que está acontecendo?”, perguntei.

Ele suspirou e corou um pouco ao olhar para mim.

“Oh, desculpe”, disse Emily, pondo a maçã semicomida na mesa e voltando a se sentar. “Eu não devia ter dito nada?”

“Não é nada muito importante”, tranquilizou-me Ignac. “Pode ser que nem aconteça.”

“Pode ser que nem aconteça o quê?”

“Há um mestrado no Trinity College”, explicou ele, baixando a vista e arranhando uma marca na mesa. “De literatura irlandesa. Eu estou pensando em me inscrever no ano que vem. Ainda não decidi. Em primeiro lugar, precisaria de uma bolsa de estudos. É só uma coisa em que estou pensando.”

“Tudo bem”, disse eu, tentando processar aquela informação inesperada. “Puxa, deve ser interessante. Mas você não está pensando em ir junto, está, Emily? O que tem a história da Rússia a ver com a Irlanda?”

“Acontece que eles têm um departamento de história”, suspirou ela como se estivesse tentando explicar a teoria da relatividade a um imbecil. “Eu posso arranjar emprego lá.”

“Acho que, na Irlanda, ninguém aprova namoro de professores com alunos”, avisei. “Você seria demitida por se aproveitar da sua posição. Ou presa sob suspeita de pedofilia.”

“Nada disso me preocupa. Eu sei cuidar de mim. Além disso, em Dublin, eu estaria mais perto da Rússia, de modo que talvez pudesse

finalmente visitá-la. Afinal, como você mesmo observou, eu realmente devia fazer isso.”

Eu não disse nada. Não queria que Emily fosse a lugar nenhum com Ignac, mas, por ora, estava mais preocupado com a ideia de ele sair de Nova York. Por um lado, aquela parecia ser uma ideia saída do nada, mas, por outro, não deixava de ter sentido. Nós éramos muito ligados, os dois. Os três, aliás, pois a nossa família inusitada era o resultado da iniciativa de Bastiaan, sete anos antes, em Amsterdam, mas, desde então, Ignac havia mostrado muito mais interesse pelas minhas origens que pelas de Bastiaan ou mesmo pelas suas próprias. Considerando a paixão dele por escrever, não deixava de ter sentido ele querer se dedicar à literatura irlandesa.

“Você conversou com o Bastiaan sobre isso?”, perguntei, e ele fez que sim.

Franzi o cenho, magoado porque não ocorrera a ninguém falar comigo a respeito e especialmente irritado com o fato de Emily saber de tudo antes de mim. Era óbvio que estava contentíssima por ter levado a melhor comigo.

“Bom, vamos conversar sobre isso”, propus. “Numa noite em que Bastiaan estiver em casa.”

“Nós estamos muito seguros”, disse Emily. “Você não precisa se preocupar com nada. Eu fiz uma pesquisazinha na universidade e...”

“Acho que é realmente uma coisa para Bastiaan, Ignac e eu discutirmos juntos”, interrompi, virando-me e encarando-a. “Em família.”

“Em família?”, perguntou Emily com desconfiança.

“Sim, em família. Pois é isso que nós somos.”

“Claro”, sorriu ela. “Ei, é 1987, certo? Sem julgamentos.” Levantou-se, saiu da cozinha em direção ao quarto, mas sem deixar de desmanchar o cabelo de Ignac ao passar por ele. Só faltou dar uma mijada no coitado para demarcar território.

“Caramba!”, disse eu em voz baixa quando ela saiu.

“O quê?”

“*Sem julgamentos*”, repeti. “O que você acha que ela quis dizer com isso?”

“Não quis dizer nada, Cyril.”

“Claro que quis. Você simplesmente não quer ver.”

“Por que você não gosta dela?”, perguntou ele com muita tristeza nos olhos, pois não suportava confrontação ou negatividade. Era uma pessoa inexoravelmente boa.

“Porque ela tem idade para ser sua mãe, por isso.”

“Ela está *longe* de ter idade para ser minha mãe.”

“Então uma irmã bem mais velha. Ou uma tia jovem. Sem contar o fato de que é sua professora.”

“Ela não é minha professora! Trabalha num departamento completamente diferente.”

“Não importa. Isso é antiprofissional.”

“Ela me faz feliz.”

“Te trata como filho.”

“Você também.”

“Ora, eu tenho direito”, disse eu. “Estou *in loco parentis*.”

Ignac sorriu e sacudiu a cabeça. “Ela tem um lado que você não enxerga.”

“O lado que não seduz os alunos?”

“Já disse que não sou aluno dela”, protestou ele. “Quantas vezes?”

Me limitei a mostrar com um gesto de mão que estava deixando para lá. Aquilo era pura semântica no que me dizia respeito. Eu sabia o que queria dizer, mas não tinha certeza de que conseguiria achar as palavras certas. Não queria que ele ficasse com raiva de mim.

“Você não reparou no modo como ela olha para mim e para Bastiaan”, disse eu. “No modo como fala com a gente?”

“Não prestei muita atenção. Por quê, o que ela disse?”

“Não é uma coisa específica.”

“Então não disse nada? Você só está imaginando coisas?”

“Ela não respeita o que nós temos aqui. O que nós três temos.”

“Claro que respeita”, disse Ignac. “Emily sabe o quanto vocês dois fizeram por mim. E respeita muito isso.”

“Ela pensa que há algo inadequado no modo como nós te adotamos.”

“Não, não pensa.”

“Ela praticamente me disse isso! O que ela sabe, afinal?”, perguntei. “Sobre a sua história?”

Ele encolheu os ombros. “Sabe tudo.”

“*Tudo* não!”, disse eu, aproximando o rosto do dele e sentindo o coração saltar um pouco.

Ele sacudiu a cabeça. “Não, claro que não. Não... aquilo.” Nenhum de nós nunca tinha discutido as coisas que aconteceram no fim da nossa permanência em Amsterdam. Eram parte do nosso passado, algo em que talvez todos pensássemos privadamente de vez em quando, mas que nunca discutíamos em voz alta.

“Mas ela sabe de mim”, disse Ignac. “O que eu era. As coisas que fazia. Não tenho vergonha de nada.”

“Nem deve ter mesmo. Mas precisa tomar cuidado com quem você conversa sobre aquele tempo. Quando as pessoas sabem demais da sua vida, podem usar o que sabem contra você.”

“Eu não gosto de manter segredos.”

“Não se trata de manter segredos. Trata-se de proteger parte de você. Trata-se de privacidade.”

“Mas para quê? Se eu for ter intimidade com alguém, Cyril, esse alguém vai fazer perguntas sobre a minha vida, e esse período faz parte da minha vida. Se a pessoa se sentir incomodada, pode ir embora, não faz mal. Mas eu nunca vou mentir sobre quem sou e o que fiz.”

Ele não estava tentando ser cruel, tinha certeza disso. Ele sabia pouquíssimo do meu passado e das mentiras que eu tinha contado na juventude, para não falar do mal que tinha feito a um monte de gente. E eu queria que isso ficasse assim.

“Se você quer mesmo ir a Dublin, se quer ver o Trinity e descobrir se é uma boa opção, talvez eu possa te levar.” A ideia me aterrorizava um pouco, mas não recuei. “Nós três podemos ir juntos.”

“Você, eu e a Emily?”

“Não, você, eu e o Bastiaan.”

“Bom, vamos ver”, disse Ignac, desviando o olhar. “Não sei. No momento, é apenas uma ideia. Talvez não dê em nada. Eu posso acabar ficando nos Estados Unidos mesmo. Por enquanto, não tenho de tomar nenhuma decisão.”

“Está bem”, respondi, não querendo insistir. “Mas decida sozinho, o.k.? Sem ninguém te pressionando.”

“E, enquanto isso, você tenta se dar melhor com a Emily?”, pediu ele.

“Posso tentar”, disse eu sem convicção. “Mas ela tem de parar de me chamar de sr. Avery. Isso me enlouquece, me deixa puto da vida.”

A PACIENTE 630

A paciente com que eu mais gostava de ficar era uma senhora de oitenta e poucos anos chamada Eleanor DeWitt, que havia passado a maior parte da vida borboleteando entre a ilha de Manhattan e as recepções políticas nos salões de Washington DC, sem falar nos verões em Monte Carlo ou na costa Amalfitana. Hemofílica, contraiu a doença quando uma transfusão negligente passou sangue contaminado para o seu corpo. Entretanto, enfrentou essa desgraça de cabeça erguida, sem se queixar, afirmando que, se a aids não a tivesse

derrubado, o câncer, um ataque ou um tumor no cérebro a derrubaria, o que podia ser verdade, é claro, mas desconfio que pacientes estoicos como ela não eram muitos. Quando Eleanor era menina, o seu pai se candidatou sem sucesso ao governo de Nova York — duas vezes — e, entre as campanhas eleitorais, fez fortuna na construção civil. Ela debutou na década de 1920 e, segundo me contou, passou a conviver com gente espirituosa e inteligente: escritores, artistas, bailarinos, pintores e atores.

“É claro que muitos deles eram bichas como você, querido”, disse um dia, enquanto eu lhe dava uvas como se ela fosse Elizabeth Taylor em *Cleópatra* e eu, Richard Burton. Eleanor estava na cama do hospital, a pele desnaturadamente fina, quase transparente, deixando ver o sangue contaminado que corria em suas veias. Usava uma enorme peruca loira para esconder as feridas e lesões no couro cabeludo, muitas das quais se replicavam no resto do corpo. “Disso eu sei como ninguém”, acrescentou. “Me casei com três deles.”

Comecei a rir, apesar da referência direta a mim. Eleanor era uma daquelas matronas extravagantes que a gente só espera encontrar num filme, e imaginá-la desfilando na nave de uma igreja, vestida de noiva, enquanto um apavorado noivo homossexual a aguardava no altar — três vezes — era impagável.

“A primeira vez”, contou, reclinando a cabeça no travesseiro, “ora, eu não passava de uma menina. Dezesete anos. Mas uma menina tão linda, Cyril! Se você visse retratos meus da época, juro que desmaiaria. Diziam que eu era a moça mais bonita de Nova York. O meu pai, que era do concreto, queria uma aliança com a família O'Malley — quer dizer, os O'Malley do aço, não os da indústria têxtil —, de modo que praticamente me vendeu como escrava a um amigo que tinha um filho idiota que ninguém queria. Chamava-se Lance O'Malley III. Tinha dezesete anos como eu. Sangue irlandês nas veias como você. O pobrezinho mal sabia ler e, em vez de cérebro, só tinha minhoca na cabeça. Mas era bonito como o diabo, isso eu reconheço. Todas as garotas ficavam loucas pelo Lance enquanto ele não abria a boca. Quase só falava sobre a possibilidade de haver vida alienígena no espaço sideral. Eles não precisam viver lá, eu dizia. Já tem um monte aqui na terra mesmo, mas o coitado era muito bobo para entender o que eu queria dizer. Na noite de núpcias, depois da recepção, eu o levei para a cama, e admito que estava ansiosíssima com o que ia acontecer, mas o basbaque começou a chorar quando eu tirei a calcinha. Sem saber o que tinha feito de errado, eu também comecei a chorar. E foi assim que nós passamos a noite: chorando no

travesseiro. De manhã, esperei que ele estivesse quase dormindo e, com muito cuidado, tirei a cueca do coitado e trepei nele, mas o danado acordou e levou um susto tão grande que me jogou fora da cama com um soco na cara. Claro, o Lance ficou consternado — ele não tinha nada de violento — e, quando nós descemos para o café da manhã, as duas famílias fingiram não ver que eu estava de olho roxo. Devem ter pensado que havíamos passado a noite fazendo sexo selvagem! Não tive essa sorte. Em todo caso, o Lance e eu ficamos casados um ano e, durante todo esse tempo, ele não me tocou uma única vez, então eu contei ao meu pai que o casamento não tinha sido consumado porque, e essa é a verdade, eu estava a ponto de me matar de ansiedade, e a história chegou ao fim. O casamento foi anulado e eu nunca mais vi o Lance O'Malley III. A última notícia que tive dele foi que havia entrado na Marinha mercante. Não sei se é verdade ou não, portanto não espalhe isso por aí.”

“Mas, depois, você não ficou com aversão ao casamento?”

“Claro que não! Era isso que as pessoas faziam naquele tempo. Quando um marido não funcionava, você arranjava outro. Não importava quem. A gente seguia em frente até encontrar um par. Tenho certeza de que existe um jogo de baralho que é mais ou menos assim, mas não lembro o nome, esta maldita doença está acabando com a minha memória. Mas o meu segundo casamento foi, de longe, o mais feliz. Henry gostava tanto de rapazes quanto de moças e me contou tudo antes que fôssemos para o altar, e nós combinamos que ele podia se divertir um pouco por fora desde que eu também pudesse. Chegávamos até a compartilhar um rapaz de vez em quando. Oh, não faça essa cara, Cyril. Estávamos nos anos 30, as pessoas eram muito mais evoluídas do que hoje. Henry e eu podíamos ter nos dado muito bem eternamente, mas o problema é que ele era muito desmiolado, tanto que se jogou do alto do Chrysler Building no dia em que fez trinta anos, por achar que o melhor da vida já tinha passado. Estava começando a perder cabelo, coitado, e não suportava nem pensar nas outras indignidades que a meia-idade era capaz de lhe infligir. Que drama! Eu não me mataria por isso. Se bem que, hoje em dia, quando olho no espelho, me pergunto se ele não estava coberto de razão.”

“E a terceira vez?”

Eleanor virou a cabeça devagar para olhar pela janela e o seu corpo começou a pulsar, repentinamente, com um espasmo de dor. Quando voltou a olhar para mim, a sua expressão sombria me revelou que ela já não sabia quem eu era.

“Eleanor, você está bem?”

“Quem é você?”

“Sou eu, Cyril.”

“Eu não te conheço”, replicou ela, enxotando-me com um gesto.
“Cadê o George?”

“Aqui não há nenhum George.”

“Vá buscar o George!”, gritou Eleanor e se pôs a causar tanta comoção que uma enfermeira teve de acudi-la. Acalmou-se enfim, e eu estava pensando em ir embora quando ela se voltou para mim e abriu um sorriso alegre como se não tivesse acontecido nada de mais.

“O terceiro casamento também não foi bom”, prosseguiu. “Durou só alguns meses. Eu me casei em segredo com um ator famoso de Hollywood, numa praia de Mustique. Estava meio caidinha por ele, para ser sincera, mas acho que era porque tinha me acostumado a vê-lo na tela prateada. Ele era muito bom de cama, mas enjoou de mim depois de alguns dias e voltou lá para os rapazes dele. O estúdio me ofereceu um salário para que eu continuasse casada com ele, mas o respeito que eu tinha por mim mesma falou mais alto, e a gente também acabou se divorciando. Nunca ninguém soube que nós fomos casados.”

“Quem era ele?”, perguntei. “Um cara famoso?”

“Famosíssimo”, disse Eleanor, fazendo sinal para que me aproximasse. “Venha cá e eu cochicho o nome dele.”

Eu me inclinei para a frente, mas talvez um pouquinho devagar demais, pois ela não tardou a me empurrar.

“Oh, você é igualzinho a todos os outros!”, disparou. “Diz que vem ajudar, mas tem tanto medo de mim quanto o resto. Que vergonha! Oh, você me decepcionou terrivelmente!”

“Desculpe. Eu não tinha intenção de...”

Voltei a me inclinar, mas ela ergueu as mãos cheias de cicatrizes diante do rosto. “Vá embora”, disse. “Vá embora. Vá embora. Me deixe sofrer sozinha.”

Eu me levantei para sair, certo de que, quando voltasse dias depois, Eleanor teria esquecido completamente o incidente, e voltei à recepção, onde Shaniqua me olhou com desconfiança, guardou a sua carteira na primeira gaveta e a trancou com todo o cuidado. Telefonei para a sala de Bastiaan para saber se ele podia ir embora mais cedo, e ele disse que só sairia dali a uma hora e perguntou se eu podia esperar.

“Claro que posso”, respondi. “A gente se encontra na recepção.”

Desliguei e fiz o possível para puxar conversa com Shaniqua, mas ela não se mostrou nada disposta.

“Não tem nada útil que você possa fazer?”, perguntou. “Em vez de ficar sentado aqui e me importunando?”

“Estou esperando o dr. Van den Bergh”, expliquei. “Preciso matar o tempo. Fale de você, Shaniqua. De onde você é?”

“Que te interessa saber de onde eu sou?”

“Só estou querendo bater papo. Por que você sempre usa roupa amarela?”

“Por acaso isso te ofende?”

“Não, de jeito nenhum. Aliás, hoje eu estou de cueca samba-canção amarela.”

“Essa informação não me interessa.”

“Shaniqua”, disse eu, vibrando as sílabas na língua. “Não é um nome comum.”

“É Cyril quem fala.”

“Certo. Tem alguma coisa para comer por aqui?”

Shaniqua girou na cadeira e me endereçou um olhar sanguinário. “Você já foi jogado para fora de um hospital pelos seguranças?”, perguntou.

“Não.”

“Quer que isso aconteça?”

“Não.”

“Então volte para a paciente 603. Tenho certeza de que ela adoraria um pouco mais da sua presença. Coisa que eu sei que é totalmente estimulante.”

Sacudi a cabeça. “Hoje ela está meio nervosa”, disse. “Acho melhor ficar na minha. Talvez eu vá visitar Philip Danley. Ele é um garoto legal.”

“Aqui nós não usamos nomes”, disse ela. “Você devia saber disso a esta altura.”

“Mas ele me disse o nome dele. Disse que eu podia chamá-lo pelo nome.”

“Não interessa. Podia estar passando alguém. Os repórteres vivem à procura de famílias que eles possam constranger com...”

“Tudo bem”, interrompi, levantando-me. “Vou visitar o paciente 563.”

“Não vai, não. Ele morreu terça-feira.”

Voltei a me sentar, estupefato com o modo como ela me deu a notícia. Já havia perdido pacientes, é claro, mas visitara Philip muitas vezes e gostava dele. Entendia que ela precisava manter distância da emoção no trabalho, do contrário não conseguiria sobreviver, mas também existia uma coisa chamada compaixão.

“Tinha alguém lá?”, perguntei, tentando reprimir a raiva. “Quando ele faleceu, digo.”

“Eu estava lá.”

“Algum parente?”

Shaniqua sacudiu a cabeça. “Não. E também não vieram buscar o corpo. Foi para o crematório municipal. Quer dizer, para o setor de aids. Você sabe que agora eles não querem nem que os cadáveres das vítimas da aids se misturem com os outros?”

“Putá merda”, disse eu. “Que coisa ridícula. O que eles podem fazer com os outros defuntos? E como a família do garoto foi capaz de abandoná-lo quando ele mais precisava dela?”

“Pensa que é a primeira vez que isso acontece?”

“Não, acho que não, mas é muita sacanagem.”

Ficamos alguns minutos sem dizer nada, então ela pegou uma pasta na mesa e deu uma folheada. “Quer visitar outra pessoa ou não?”

“Claro. Mesmo porque eu preciso.”

“Paciente 741”, disse ela. “Quarto 703.”

Uma campainha tocou na minha cabeça. Paciente 741. Aquele de que Bastiaan havia falado no restaurante da 23th Street. Heterossexual, putinho da vida e irlandês. Não necessariamente uma combinação que eu quisesse enfrentar naquele momento.

“Tem algum outro que eu possa visitar?”, perguntei. “Ouvi dizer que ele é um bocado agressivo.”

“Não. A escolha não é sua. Paciente 741, quarto 703. É pegar ou largar. Porra, qual é o seu problema, Cyril? O cara está morrendo. Tenha um pouco de compaixão.”

Revirei os olhos e me rendi, saí de lá e fui bem devagar pelo corredor. Cheguei a pensar, por instantes, em fugir da visita e simplesmente ir esperar Bastiaan na cantina, mas Shaniqua sabia tudo que acontecia no sétimo andar e o mais provável era que nunca mais me deixasse voltar se eu a decepcionasse.

Fiquei alguns segundos parado à porta do quarto 703, respirando fundo como sempre fazia quando visitava um paciente pela primeira vez. Eu nunca sabia o quanto a doença podia tê-lo afetado; às vezes, eles pareciam debilitados, mas sem marcas no corpo, às vezes a sua aparência era devastadora. E não queria que a minha reação transparecesse demasiado cruelmente na minha expressão. Abri a porta e olhei para dentro. A cortina estava fechada e, com o cair da tarde, o quarto estava na penumbra, de modo que mal pude distinguir o homem deitado na cama, mas ouvi a sua respiração pesada e

laboriosa.

“Olá”, disse em voz baixa. “Você está acordado?”

“Estou”, murmurou ele depois de uma breve pausa. “Entre.”

Entrei e fechei a porta. “Não quero incomodá-lo”, disse. “Sou um dos voluntários do hospital. Ouvi dizer que você tem estado sozinho e não sei se quer um visitante.”

Ele ficou algum tempo calado e então, em tom ansioso, disse: “Você é irlandês?”

“Já fui, um dia. Faz anos que não vou para lá. Você também é irlandês, me disseram.”

“A sua voz...”, disse ele ao mesmo tempo que tentava levantar um pouco a cabeça na cama, mas o esforço foi excessivo e só lhe restou voltar a recostá-la com um gemido.

“Não se incomode. Eu posso abrir a cortina para que entre um pouco de luz. Ou prefere que não?”

“A sua voz”, ele repetiu, e eu me perguntei se a doença havia corroído muito o cérebro dele e eu não conseguiria um diálogo coerente. Contudo, havia resolvido sentar e conversar e era isso que ia fazer. O homem não se manifestou com relação à cortina, portanto fui à janela e a abri, olhando para as ruas nova-iorquinas lá embaixo. Os táxis amarelos iam de um lado para outro, buzinando, e a vista entre os arranha-céus me prendeu um minuto. Nunca me apaixonara por aquela cidade — mesmo depois de quase sete anos, a minha cabeça continuava em Amsterdam; e o meu coração, em Dublin — mas havia momentos como aquele, em que eu entendia por que outros se apaixonavam por Nova York.

Voltando-me, olhei para o paciente e os nossos olhos se encontraram num momento de reconhecimento que me deu um calafrio tão profundo que fui obrigado a segurar no peitoril da janela para me firmar. Embora não fosse mais velho que eu, ele estava quase totalmente calvo, com alguns tufo patéticos presos no cocuruto. Bochechas chupadas; olhos fundos, e uma oval vermelha arroxeada formava um hematoma horrendo no seu queixo e no pescoço. Ocorreu-me uma frase, algo que Hannah Arendt havia dito certa vez a respeito do poeta Auden: que a vida manifestara no seu rosto as fúrias invisíveis do coração.

Ele parecia ter cem anos.

Parecia um homem falecido vários meses antes.

Parecia uma alma nas garras do pior tormento.

Mesmo assim eu o reconheci. Apesar de todas as mudanças que a doença operara no seu rosto e no seu corpo outrora tão bonitos, eu o

teria reconhecido em qualquer lugar.

“Julian”, murmurei.

QUEM É LIAM?

Deixei recado com Shaniqua, pedindo-lhe que avisasse Bastiaan de que nós nos veríamos em casa mais tarde, e fugi rapidamente do hospital sem parar sequer para pegar o casaco, corri para o oeste, atordoado, e, não sei bem como, acabei sentado num banco perto do lago do Central Park. Fazia frio e eu vi que as pessoas me olhavam, pensando que devia ser louco para estar com roupa de verão num dia tão glacial, mas eu ainda não podia voltar. Só tive tempo de pronunciar o seu nome com assombro, e ele de pronunciar o meu em resposta, e então dei comigo fugindo do quarto e disparando pelo corredor, certo de que, se não saísse logo para o ar fresco, era capaz de desmaiar. Fazia catorze anos que ele descobrira que a nossa amizade se baseava numa simples mentira da minha parte, e eram aquelas as cruéis circunstâncias do nosso reencontro. Em Nova York. Num quarto de hospital. Onde o meu amigo mais antigo estava morrendo de aids.

Lembrei-me de que Julian sempre tinha sido descuidado com a sua saúde sexual. É verdade que, nas décadas de 1960 e 1970, as coisas eram muito diferentes de 1987, mas me parecia que ele havia sido particularmente negligente na juventude, como se achasse que era invulnerável. Como Julian nunca engravidara uma mulher era um mistério para mim, mas então percebi que talvez tivesse engravidado, sim, e eu simplesmente não soubesse. Era possível que tivesse uma penca de filhos. Mesmo assim, eu nunca havia imaginado que ele um dia contrairia uma doença que não só lhe ameaçaria a vida como o levaria a um fim prematuro. Não que eu pudesse condená-lo, é claro, sem encarar a minha própria hipocrisia. Afinal, tinha sido tão promíscuo na juventude que foi muita sorte não ter pegado uma doença. Sem dúvida alguma, se fosse vinte anos mais novo e estivesse no início da minha vida sexual quando começou a crise da aids, teria me exposto a grande perigo com o número de situações arriscadas em que me metia com desconhecidos. Como foi que nós chegamos a esse ponto, perguntei. Estávamos na meia-idade, os dois, mas tínhamos sido adolescentes alegres que esbanjaram grande parte da vida. Eu desperdiçara os meus vinte anos na tentativa covarde de apresentar ao mundo uma fachada enganosa, e agora Julian, com a sua imprudência, havia jogado fora os quarenta anos de vida que talvez

ainda tivesse pela frente.

Agora, olhando para a água, senti os olhos cheios de lágrimas e recordei que Bastiaan nos contara, durante o jantar, que o paciente 741 não queria que a sua família soubesse o que lhe havia acontecido por causa do estigma extra que acompanhava a doença na Irlanda. E eu me dei conta de que Alice, que tanto adorava o irmão, não sabia absolutamente nada do seu estado de saúde.

Uma mulher se aproximou para perguntar se eu estava bem, coisa inusitada em Nova York, onde os desconhecidos em prantos em geral eram deixados ao deus-dará, mas eu não estava em condições de conversar e simplesmente me levantei e me afastei. Não sabia bem aonde estava indo, mas, sei lá como, as minhas pernas me levaram de volta à 96th Street, ao Mount Sinai Hospital, e, quando saí do elevador no sétimo andar, levantei as mãos para o céu ao ver que Shaniqua não estava na mesa dela, coisa que me deu liberdade de voltar ao quarto 703 sem ter de dar maiores explicações.

Desta vez, não hesitei nem bati, fui entrando e fechei a porta. A cortina continuava aberta, tal como eu a deixara, e Julian estava com a cabeça virada para a janela para ver o pedaço de paisagem possível dali onde estava. Mexeu-se um pouco na cama para ver quem havia entrado no quarto e, quando me reconheceu, fez uma expressão que mesclava ansiedade, vergonha e alívio. Peguei uma cadeira e me sentei perto dele, de costas para a janela, e passei um bom tempo sem dizer nada, olhando para o chão, esperando que ele fosse o primeiro a falar.

“Eu não sabia se você ia voltar”, sussurrou enfim, a voz rouquenha devido à falta de uso. “Imaginei que sim. Você nunca aguentou ficar muito tempo longe de mim.”

“Isso foi há séculos.”

“Espero não ter perdido nem um pouco do meu charme”, disse ele, e o seu sorriso apagado me obrigou a rir muito de leve.

“Desculpe eu ter fugido como fugi”, pedi. “Foi um choque, só isso. Voltar a ver você depois de tantos anos. E justamente aqui. Eu devia ter ficado.”

“Ora, você tem todo um histórico de sumiço sem se despedir, não é mesmo?”

Eu fiz que sim. Claro, aquele era um tema que surgiria inevitavelmente, mas não estava em condições de enfrentá-lo, ainda não.

“Eu precisei tomar ar. Saí para andar um pouco.”

“Na 96th Street? Para onde?”

“Fui ao Central Park. Te incomoda eu ter voltado?”

“Me incomodar por quê?”, perguntou Julian, encolhendo os ombros tanto quanto podia, e quando abriu os lábios vi que os seus dentes, outrora tão espetacularmente brancos, estavam amarelados e desnivelados. Embaixo faltava pelo menos um, e as gengivas tinham um tom de rosa esbranquiçado. “A verdade é que eu fiquei tão chocado ao te ver quanto você ficou ao me ver. Foi bom ter algum tempo para processar isso. Só que eu não pude fugir com a mesma facilidade que você.”

“Oh, Julian”, disse eu, entregando-me à emoção e mergulhando o rosto nas mãos para ocultar a tristeza. “Que aconteceu com você? Como veio parar aqui?”

“Responder o quê?”, disse ele calmamente. “Você sabe como eu era. Não fazia outra coisa além de trepar. Uma verdadeira carreira no ramo. Meti o gostosão em tantos buracos, imagino, que a minha degeneração acabou me ferrando.”

“Eu achava que o degenerado era eu.”

“Pois é, tanto faz.”

Eu pensara muito nele na última década e meia, às vezes com amor e às vezes com raiva, mas a verdade era que, desde que conheci Bastiaan, Julian começou a se desvanecer na minha memória, coisa que eu não imaginava que pudesse acontecer. Percebi que, embora eu o tivesse amado — e isso tinha acontecido —, estava longe de ser o amor que eu vivenciara com Bastiaan. Eu havia permitido que uma atração se transformasse numa obsessão. Tinha me apaixonado pela ideia da sua amizade, pela consciência da sua beleza e pela sua capacidade ímpar de hipnotizar todo mundo em volta dele. Mas Julian nunca me amou. Podia gostar de mim, podia se preocupar comigo como com um irmão, mas nunca me amou como eu o amava.

“Quer dizer que você mora em Nova York?”, disse ele enfim, quebrando o silêncio.

“Moro. Há mais ou menos sete anos.”

“Eu nunca teria imaginado você aqui. Não sei por quê, sempre imaginei você vivendo numa aldeia sonolenta da Inglaterra. Professor primário ou algo assim.”

“Então você pensou em mim? Em todos esses anos?”

“Claro que pensei. Eu não podia te esquecer. Quer dizer que você é médico? É uma mudança e tanto.”

“Não, nada disso”, disse eu, sacudindo a cabeça. “Sou apenas voluntário. Mas o meu namorado é. Trabalha no Mount Sinai. Quando a gente se conheceu, a especialidade dele era doenças

infectocontagiosas e eu acho que ele era o homem certo no lugar certo e na hora certa, porque, quando essa coisa estourou, os serviços dele passaram a ser muito necessários. Mas é claro que nós conhecemos muitos gays na cidade e isso começou a me afetar quando perdemos amigos. Eu desenvolvi um interesse pelo que estava acontecendo, por ajudar. E descobri que muitas vítimas são abandonadas pela família, que tem vergonha do que aconteceu. É aí que eu entro.”

“Você virou um bom samaritano. Estranho, considerando que sempre foi muito egoísta.”

“Não tem nada a ver”, contestei com rispidez. “A gente nunca ouviu falar em um doente de câncer abandonado pelos parentes, mas isso acontece o tempo todo com as vítimas da aids. Por isso venho aqui algumas vezes por semana visitar os doentes e conversar com eles, e, às vezes, vou à biblioteca e lhes trago livros se é o que querem. Isso dá sentido à minha vida.”

“E o seu namorado”, disse Julian, arrastando um pouco a palavra na garganta, e eu percebi que, se ele tivesse mais energia, ergueria as mãos para traçar aspas no ar com os dedos. “No fim, você arranjou um namorado?”

“Claro que arranjei. Afinal de contas, eu não sou tão detestável assim.”

“Ninguém nunca disse que era. Se me lembro bem, você era muito amado quando saiu de Dublin. Por muita gente, inclusive por mim.”

“Bom, disso eu não tenho tanta certeza.”

“Eu tenho. Mas há quanto tempo vocês estão juntos? Você e o seu namorado.”

“Há doze anos.”

“Que coisa impressionante. Acho que nunca estive nem doze semanas com a mesma garota. Como você aguenta?”

“Não é difícil”, respondi, “já que eu o amo. E ele me ama.”

“Mas você não enjoa?”

“Não. Essa ideia é tão estranha para você?”

“Para ser franco, é.” Julian me fitou demoradamente, como que tentando entender que sentimento era aquele e, enfim, limitou-se a suspirar como se tivesse capitulado. “Qual é o nome dele?”, perguntou.

“Bastiaan. É holandês. Eu morei um tempo em Amsterdam e foi lá que a gente se conheceu.”

“E são felizes?”

“Somos. Muito felizes.”

“Que bom”, disse ele com amargura, e eu vi o quanto a sua

expressão se turvou nesse momento. Olhou para o armarinho, sobre o qual havia uma garrafa plástica com um canudinho. “Estou com sede. Me passa a água, sim?”

Peguei a garrafa e a segurei junto aos seus lábios, e ele usou toda a força que ainda tinha para sugar o líquido pelo canudinho e beber. Ver o esforço enorme que isso exigia me entristeceu. Dois ou três goles e se jogou de volta no travesseiro, exausto, respirando com dificuldade.

“Julian”, disse eu, recolocando a garrafa no armarinho e estendendo a mão para pegar a sua, mas ele a afastou depressa.

“Eu não sou gay, você sabe”, disse antes que eu pudesse pronunciar uma palavra. “Não peguei isto de nenhum homem.”

“Eu sei”, respondi, achando surpreendente que, mesmo naquele momento, ele achasse tão importante afirmar a sua heterossexualidade. “E é provável que saiba melhor do que ninguém. Mas que importância tem isso agora?”

“Eu estou falando sério! Se ficarem sabendo disto, não quero que ninguém pense que andei trepando com homens por baixo dos panos. Como se não bastasse ter pegado a doença de vocês...”

“A nossa doença?”

“Você sabe o que eu quero dizer.”

“Na verdade, não.”

“Se na nossa terra souberem que doença eu peguei, nunca mais vão pensar em mim da mesma maneira.”

“Que importa o que as pessoas pensam de você? Você não era assim.”

“Isto é diferente”, disse ele. “Antes eu não ligava para o que as pessoas faziam. Podiam ir foder até com um ouriço, não fazia a menor diferença. Porque isso não me afetava. Até agora.”

“Olhe, é uma epidemia. Vai afetar as pessoas no mundo inteiro. Se não encontrarem a cura logo, eu não sei o que vai acontecer.”

“Bom, eu não vou estar aqui para descobrir.”

“Não diga isso.”

“Putá que pariu, Cyril, olhe para mim. Eu não vou durar muito. Sinto a vida abandonar o meu corpo hora após hora. Em todo caso, foi o que os médicos disseram. Tenho no máximo uma semana. Provavelmente menos.”

Senti que as lágrimas estavam voltando, mas respirei fundo algumas vezes. Não queria ser patético diante de Julian e, de certo modo, sentia que ele se irritaria se eu me emocionasse demais.

“Eles não sabem tudo. Às vezes os doentes duram muito mais...”

“Neste caso, você deve ter conhecido um monte.”

“Um monte do quê?”

“De gente com esta... merda.”

“Muita gente, sim”, admiti. “Todo este andar do hospital é dedicado a pacientes soropositivos.”

Ele se encolheu um pouco ao ouvir a palavra.

“Me surpreende que vocês não tenham alto-falantes tocando o Village People o dia inteiro. Para o pessoal se sentir em casa.”

“Ah, vai para o caralho, Julian”, disse eu, com uma gargalhada, para minha própria surpresa, e ele me olhou com ansiedade, como que temendo que eu fosse embora outra vez, mas não disse nada. “Desculpe”, pedi enfim. “Mas você não pode falar assim. Aqui não.”

“Posso falar do jeito que eu quiser. Estou num hospital repleto de bichonas morrendo de uma doença de bichonas e esqueceram de contar para Deus que eu sou macho.”

“Que eu me lembre, você não tinha muito tempo para Deus quando era jovem. E pare de dizer bichonas. Eu sei que na verdade não pensa assim.”

“Esse é o problema de ter um melhor amigo que me conhece tão bem. Eu não posso nem ser amargo sem que você me dê uma bronca. Enfim, Nova York não é o pior lugar para fechar o paletó. Antes aqui que em Dublin.”

“Tenho saudade de Dublin”, disse eu, as palavras me escapando da boca antes que eu pudesse me perguntar se estava falando sério ou não.

“O que está fazendo aqui então? Aliás, o que te trouxe para os Estados Unidos?”

“O trabalho do Bastiaan”, respondi.

“Achei que você preferisse Miami. Ou San Francisco. É lá que os boiolas se concentram. Foi o que ouvi dizer.”

“Pode continuar me insultando se isso faz você se sentir melhor”, disse eu calmamente. “Mas acho que no fim das contas não vai adiantar nada.”

“Vai se foder”, rosnou ele sem muita paixão por trás das palavras. “E faça o favor de parar de me tratar com indulgência, seu merda.”

“Não estou fazendo isso.”

“Olhe aqui, não há nada que você possa fazer para me ajudar. O que faz com as outras pessoas que visita? Ajuda-as a encontrar paz interior antes de elas se encontrarem com o Criador? Abraça-as, segura a mão delas e canta uma canção de ninar enquanto elas mergulham na inconsciência? Ora, pegue a minha mão então, se

quiser. Ajude-me a me sentir melhor. O que o impede?”

Olhei para a sua mão esquerda, que estava estendida na cama perto de mim. Uma infusão intravenosa penetrava a veia central, coberta por um emplastro branco grande. A pele ao redor da bandagem era cinzenta e, no lugar em que o polegar encontrava o dedo indicador, chamava a atenção uma cicatriz vermelha, como se aquela área tivesse sido escaldada. As unhas estavam roídas até a carne, e o que restava delas tinha uma coloração escura. No entanto, ele a estendeu, mas quando a minha pele tocou a dele, retirou-a.

“Não”, disse. “Eu não desejaria isso nem aos meus piores inimigos. E você está entre eles.”

“Pelo amor de Deus, Julian, eu não posso pegar aids só por segurar a sua mão.”

“Não.”

“E agora nós somos inimigos?”, perguntei.

“Amigos nós não somos, disse você pode ter certeza.”

“Nós éramos.”

Ele me encarou e estreitou os olhos, e eu percebi que estava tendo cada vez mais dificuldade para falar. A raiva o exauria.

“Não éramos, não”, disse. “Não de verdade. Tudo na sua amizade era mentira.”

“Não, não era.”

“Era, sim. Você era o meu melhor amigo, Cyril. Eu achava que seríamos amigos a vida toda. Eu te admirava tanto.”

“Isso não é verdade”, disse eu, surpreso com as suas palavras. “Era eu que te admirava. Você era tudo que eu queria ser.”

“E eu queria ser igual a você. Você era amável, atencioso e decente. Era meu amigo. Pelo menos eu achava isso. Não passei catorze anos junto com você porque queria alguém que me seguisse por aí feito um cachorrinho. Era porque gostava de estar com você.”

“A minha amizade era genuína”, disse eu. “Eu não tinha como deixar de sentir o que sentia. Se eu tivesse te contado...”

“Naquele dia na igreja, quando você tentou me dar a bunda...”

“Eu não tentei nada disso”, interrompi.

“Claro que tentou. E disse que era apaixonado por mim desde a nossa infância.”

“Eu não sabia do que eu estava falando. Olhe, eu era jovem, era inexperiente. E estava com medo da encrenca em que havia me metido.”

“Quer dizer então que você inventou tudo?”, perguntou Julian. “Que não tinha absolutamente aqueles sentimentos por mim?”

“Não, claro que não. Eu tinha aqueles sentimentos por você. Ainda tenho. Mas não era isso que me fazia ser seu amigo. Eu era seu amigo porque você me fazia feliz.”

“E porque você queria me dar o rabo. Bom, aposto que agora não quer mais, quer?”

Estremeci com a amargura de Julian ao dizer essas palavras, mesmo porque obviamente era verdade. Quantas vezes, na adolescência e na juventude, tinha criado fantasias com ele, imaginado como seria se, de algum modo, nós dois pudéssemos ficar juntos, se eu conseguisse atraí-lo ao meu apartamento, embebedá-lo e esperar que ele me procurasse num momento de fraqueza, quando não houvesse nenhuma garota para satisfazer as suas necessidades. Centenas provavelmente. Milhares. Eu não podia negar que grande parte da nossa amizade, pelo menos para mim, se baseava numa mentira.

“Eu não tinha como deixar de sentir o que sentia”, repeti.

“Podia ter conversado comigo sobre isso”, disse Julian. “Muito antes. Eu teria compreendido.”

“Não. Eu sei que não. Ninguém compreenderia naquela época. Muito menos na Irlanda. Santo Deus, até hoje ainda é ilegal ser gay na Irlanda, você percebe? E nós estamos em 1987, não em 1940. Você *não compreenderia*. Diz isso agora, mas é *porque* é agora. Não, *não compreenderia*”, insisti.

“Eu fui a um dos teus grupos, sabe?”, contou ele, erguendo a mão para me calar. “Logo que me diagnosticaram com HIV. Fui a um grupo no Brooklyn dirigido por um padre, e uns oito ou nove caras estavam na sala, todos em estágios diferentes da doença, e cada um parecia mais perto da morte que o que estava do lado, e ficavam de mãos dadas e contavam histórias de foder com desconhecidos em casas de banho, em saunas e caçando na rua e toda essa merda, e eu olhava para aqueles caras e, sabe de uma coisa, me sentia absolutamente *nauseado* ao perceber que eu estava lá, pensar que tinha algo em comum com aqueles degenerados.”

“E você é diferente por quê?”, perguntei. “Você comia qualquer garota que se mexesse.”

“É completamente diferente.”

“Como? Explique para mim.”

“Porque isso é *normal*.”

“Ah, *normal*, puta que pariu. Eu pensei que você tivesse um pouco mais de originalidade. Não era você o grande rebelde?”

“Eu nunca pretendi ser rebelde”, disse ele, tentando sentar na

cama. “Simplesmente gostava de mulher, só isso. Você não pode entender.”

“Você trepou com muitas mulheres. Eu trepei com muitos homens. E daí?”

“É diferente”, insistiu ele, praticamente cuspidando as palavras.

“Acalme-se”, disse eu, olhando para um dos monitores ligados ao seu corpo. “A sua pressão sanguínea está subindo muito.”

“Foda-se a minha pressão sanguínea”, rosnou ele. “Quem sabe ela é mais rápida para me matar que essa doença. Acontece que eu estava lá no Brooklyn e o tal padre vomitava as suas patacoadas, dizendo que nós todos tínhamos de fazer as pazes com o mundo e com Deus enquanto estivéssemos vivos, e olhei para os outros caras no grupo e, sabe de uma coisa, era como se eles estivessem felizes porque iam morrer. Lá estavam aqueles panacas, sorrindo um para o outro e mostrando as cicatrizes, os hematomas e as descolorações e falando nos garotos com que tinham trepado no banheiro de um clube de bichonas, e a vontade que eu tinha era de jogá-los na parede, um por um, e esmagar a porra da cara deles. Livrar todos daquela miséria de uma vez. Você vê a ironia disso, não?”, disse, enfim, depois de uma prolongada pausa em que deu a impressão de lutar para voltar a ter certo controle das emoções.

“Qual é?”, perguntei. “Qual é a ironia?”

“Ora, o certo era que fosse o contrário, não acha?”, perguntou Julian. “Você é que devia estar aqui nesta cama, apodrecendo por dentro, e eu é que devia estar sentado aí, olhando para você com cara de cu e me perguntando onde eu vou jantar quando finalmente me arrancar deste quarto.”

“Não é isso que eu estou pensando.”

“Claro que é.”

“Não, não é.”

“Então o que você está pensando? Porque tenho certeza de que era isso que eu pensaria se estivesse no seu lugar.”

“Que eu queria que a gente pudesse voltar no tempo, os dois, e fazer melhor as coisas ou de modo diferente. A nossa natureza ferrou com os dois, você não vê? Sério, Julian, às vezes eu queria ser um eunuco. Isso tornaria a vida muito mais fácil. E, se você não me quer aqui, que tal pedir para alguém que você ame te visitar? Cadê a sua família? Por que você não conta para eles?”

“Porque eu não quero que eles saibam. Aliás, não sobrou quase ninguém. A minha mãe se foi há muito tempo. Max morreu há alguns anos.”

“Não! Como?”

“Ataque cardíaco. E, fora eles, só tem a Alice e o Liam, e eu não quero que a minha irmã saiba de nada.”

“Eu estava justamente me perguntando quando o nome dela seria mencionado”, disse eu com cuidado. “Será que dá para a gente falar um pouco dela?”

Ele sorriu com amargura. “Acho que dá. Mas tome cuidado com o que diz. Eu estou neste leito de hospital, mas ainda não existe ninguém no planeta que eu ame mais do que a Alice.”

“O que eu fiz há tantos anos foi terrível. Não precisa me dizer. É algo com que tenho de conviver. Eu me detesto por isso.”

“Não, não se detesta porra nenhuma. Isso é coisa que as pessoas dizem por dizer.”

“Eu me detesto.”

“Bom, pelo menos você pediu desculpas”, disse Julian. “Quer dizer, quando escreveu para ela depois, e implorou perdão, suplicou perdão por tê-la humilhado na frente de trezentas pessoas, inclusive o presidente da Irlanda, sem falar que arruinou a vida dela. O *segundo* cara que fez isso em poucos anos. Oh, não, espere um pouco, eu estou enganado, não estou? Porque você nunca escreveu para ela. Simplesmente a largou lá. Não foi homem suficiente para pedir desculpas. E *sabia* perfeitamente o que Alice já havia passado abandonada no altar pelo filho da puta do Fergus. Sabia de tudo. Só que daquela vez ela só foi até o altar, não até o fim da festa de casamento. Meu Deus, como você pôde fazer isso? Não tem um pingão de decência, Cyril?”

“Você me *obrigou* a fazer o que fiz.”

“Não, eu não. Do que você está falando afinal?”

“Naquele dia. Na sacristia, quando eu... quando eu te contei como estava me sentindo, você me obrigou a passar por aquilo. Eu podia ter acabado com tudo naquele momento — *nós* podíamos —, mas você me forçou...”

“Então você está dizendo que foi culpa *minha*? Puta merda, só pode ser brincadeira!”

“Não, a culpa é minha. Eu sei. Antes de mais nada, não devia ter deixado as coisas irem tão longe. Não devia ter começado nada com a Alice. Mas comecei e não posso mudar isso.” Respirei fundo recordando a pessoa que eu era naquele tempo. “Pensei em escrever”, disse, começando a tremer com a lembrança. “Pensei, sinceramente. Mas estava num lugar terrível. Estava próximo do suicídio, Julian. Você tem de entender, eu precisava fugir, abandonar tudo e todos.

Para começar de novo. A mera ideia de me comunicar com a Alice... Eu simplesmente não podia fazer isso.”

“Porque você é um puta de um covarde, um puta de um merda, Cyril. E um mentiroso. Sempre foi e aposto que continua sendo.”

“Não. Não sou mais. Agora não preciso ser. Porque não vivo na Irlanda. Posso ser exatamente quem eu quero ser porque já não faço parte daquele país.”

“Vá embora”, disse Julian, virando o rosto para o outro lado. “Será que você pode me deixar morrer em paz? Você ganhou, está bem? Vai viver e eu vou morrer.”

“Eu não ganhei nada.”

“Ganhou”, repetiu ele em voz baixa. “Portanto pare de se vangloriar.”

“E como ela está?”, perguntei, recusando-me a ir embora. “Estou falando da Alice. Ficou bem depois? É feliz agora?”

“O quê você acha? A Alice nunca mais voltou a ser a mesma. Ela te amava, Cyril; será que você entende isso? Você que parece valorizar tanto o conceito. E ela pensou que você também a amava. Quer dizer, como você estava se casando com ela, ela ficou com essa impressão.”

“Isso tudo foi há tanto tempo”, disse eu, sacudindo a cabeça. “Já não penso naqueles dias. E a Alice provavelmente me esqueceu, de que serve abrir velhas feridas?”

Julian me encarou com uma expressão que sugeria que desejava poder se levantar da cama e me estrangular. “Como ela pode ter te esquecido? Eu já disse: você arruinou completamente a vida dela.”

Fiz uma careta; sim, deve ter sido difícil e constrangedor para ela. Claro, eu aceitava isso. Mas o tempo havia passado. Eu não chegava a ser um bom partido; a esta altura, Alice na certa tinha superado tudo. E, se não tivesse, devia ter superado. Afinal, era uma mulher adulta. Eu aceitaria a responsabilidade de havê-la magoado, mas não de ter arruinado a sua vida.

“Ela voltou a se casar? Eu imagino que sim. Era jovem, bonita e...”

“Como ela podia voltar a se casar?”, perguntou Julian. “Era casada com você; não lembra? Você não a largou no altar, Cyril, você a largou naquela porra de recepção no meio do Shelbourne Hotel! Os votos já tinham sido trocados.”

“Sim, mas eu calculo que ela pediu a anulação do casamento”, disse eu, sentindo a ansiedade crescer dentro de mim. “Quando ficou claro que eu não ia voltar, deve ter feito isso, não?”

“A Alice não pediu anulação nenhuma”, murmurou ele.

“Mas por quê? Acaso queria passar o resto da vida bancando a srta. Havisham? Olhe, Julian, eu dou a mão à palmatória e admito a minha parte nisso. Fiz algo terrível com a Alice, coisa que ela certamente não merecia. Fui a parte culpada. Um covarde. Um monte de merda. Mas, como você disse, eu fugi durante a recepção; nós nem chegamos a ir para a suíte nupcial. Se ela quisesse teria sido muito fácil anular o casamento. E, se não quis, não posso ser responsabilizado por isso. Foi uma decisão dela.”

Julian me olhou como se eu fosse completamente louco e abriu a boca para dizer alguma coisa, mas tornou a fechá-la.

“O quê?”, perguntei.

“Nada.”

“O quê?”, repeti, olhando para ele, certo de que havia uma coisa que não me contara.

“Olhe, Cyril. Por que você não para com essa merda, hein? Vocês podem não ter entrado na suíte nupcial, mas você arranhou um lugar para transar com ela antes do casamento, não?”

Pensei um pouco, confuso com o que Julian acabava de dizer. E então me lembrei daquela noite, algumas semanas antes do casamento. *Acho que você devia dar uma passada lá, Cyril. Nós jantamos, tomamos os melhores vinhos do Max e, sabe o que mais? vamos para a cama.* Uma noite em que eu nunca mais tinha pensado. Agora precisei me esforçar para lembrar.

Então a ideia que me passou pela cabeça fez com que um calafrio me percorresse o corpo.

“Quem é Liam?”

“O quê?”, perguntou Julian, que estava virado para o outro lado e olhando pela janela para o céu que ia ficando cada vez mais encoberto com a aproximação da noite.

“Você disse que não sobrou quase ninguém na sua família. Que o seu pai morreu e só restavam a Alice e o Liam. Quem é esse Liam?”

“O Liam”, disse Julian em voz baixa, “é o motivo pelo qual a Alice não pôde anular o casamento. O motivo pelo qual teve de continuar casada com você e não pôde conhecer outra pessoa. Pelo qual não pôde ser feliz com um marido que fosse um homem de verdade. O Liam é o filho dela, o meu sobrinho. O Liam foi o teu presente de despedida para ela. E eu imagino que agora você vai dizer que nunca te ocorreu que tal coisa fosse possível.”

Eu me levantei devagar, sentindo as pernas fracas sob o peso do meu corpo. Quis chamá-lo de mentiroso, dizer-lhe que não acreditava em nenhuma palavra, mas com que objetivo se a verdade era que eu

acreditava em todas as palavras que ele dizia, pois obviamente não tinha nenhum motivo para mentir? Eu havia deixado Alice grávida. Ela queria muito falar comigo durante a recepção, insistiu que precisava conversar comigo a sós, mas eu não lhe dei ouvidos. Devia já saber ou desconfiava e queria me contar. Mas então eu desapareci, fui para a Europa e nunca mais entrei em contato com ninguém do meu passado. De modo que ela passou essa vergonha na Irlanda de 1973, quando uma moça solteira grávida era considerada pouco mais que uma puta e tratada como tal por todos. Sempre imaginei que a minha mãe, a minha mãe biológica, fosse solteira e tivesse me abandonado devido à dificuldade de criar um filho sozinha na década de 1940. Mas as coisas não haviam mudado muito nos anos 1970. Eu tinha feito com Alice o que o meu pai fizera com a minha mãe?

Mas é claro que ela não era solteira e talvez isso fosse pior ainda, pois, sem uma aliança no dedo, ainda podia conhecer um homem, um que não se importasse e se dispusesse a criar o filho como se fosse dele. Mas com a aliança, não havia a menor chance. Não naquela época. Não naqueles dias. Não na Irlanda.

“Eu não sabia de nada”, expliquei. “Juro que isso nunca me passou pela cabeça.”

“Pois agora sabe”, disse Julian, já menos exaltado. “Eu provavelmente não devia ter dito nada. Estou perdendo o juízo, esse é o problema. Deixe isso para lá, Cyril, sim? Eles estão muito bem sem você. Passaram todos esses anos muito bem sem você. Não precisam de você agora. É tarde demais para se envolver na vida deles.”

Olhei para ele sem saber o que dizer. Eu tinha um filho. Devia estar com catorze anos agora. Levantei-me lentamente e fui para a porta, mas antes que pudesse sair, voltei a ouvir a voz do meu velho amigo, mais calma agora, assustada, com medo do fim que a sua vida estava tendo.

“Cyril”, pediu. “Não vá embora, por favor...”

“Se a Alice quisesse me avisar”, disse eu, interrompendo-o e pensando cautelosamente na questão, “teria conseguido. Havia maneiras de me localizar.”

“Então a culpa é dela, é isso que você está dizendo?”

“Não, eu só queria...”

“Sabe de uma coisa, vá embora daqui, puta que pariu!”, gritou ele, mudando extraordinariamente de estado de ânimo. “Você a tratou como uma merda e passou a vida mentindo para mim. Eu nem sei por que estou te dando atenção se me resta tão pouco tempo. Saia.”

“Julian...”

“Eu mandei *sair*. Dá o fora daqui, porra!”

A ÚLTIMA NOITE

Caiu um temporal na noite de 11 de maio de 1987 e a chuva batia na janela do nosso apartamento quando eu estava sentado na minha poltrona predileta lendo um artigo no *New York Times* sobre Klaus Barbie, o Carniceiro de Lyon, cujo julgamento acabava de começar na Europa. No sofá à minha frente, Emily fazia o possível para que eu me sentisse importunado enquanto massageava o pé de Ignac e de tempos em tempos inclinava-se para morder a orelha do pobre garoto, que estava relendo “Arábias”, o seu conto preferido de *Dublinenses*. Como ele podia suportar aquelas carícias grosseiras era um mistério para mim; ela era como um camundongo faminto roendo um enorme pedaço de queijo.

“Não sei que interesse pode ter esse troço”, resmungou Emily quando fiz um comentário acerca do advogado contratado para defender o ex-capitão da Gestapo. “Foi há tanto tempo.”

“*Tanto* tempo eu não diria”, retruquei. E você se diz historiadora, é? Como pode não achar isso interessante?”

“Se eu tivesse nascido durante a guerra como você, talvez achasse. Mas não nasci. Portanto não acho.”

“Eu não nasci durante a guerra. Como você sabe muito bem, nasci em agosto de 1945.”

“Ora, bem pertinho então. Aliás, o que esse cara fez? Agora ele é velho, não?”

“Sim, mas isso não é motivo para que não seja responsável pelas coisas que fez no passado. E você está realmente tentando me dizer que não sabe o que ele fez?”

“Pensando bem, acho que já ouvi esse *nome*...”

“Para começar, ele tirou quarenta e quatro crianças judias de um orfanato em Izieu”, disse Ignac sem tirar os olhos do livro. “E deportou todas para Auschwitz. Onde elas morreram, sabe? A maioria das pessoas inteligentes sabe disso.”

“O.k.”, suspirou Emily, evitando discutir com ele como teria discutido comigo. Gostei de ouvir o tom contrariado da voz dele. “Deixe eu dar uma olhada nesse jornal.”

“Não”, disse eu. “Ainda estou lendo.”

Ela exalou um suspiro profundo, como se eu tivesse nascido unicamente para atormentá-la. “A propósito, sr. Avery”, perguntou depois de um breve intervalo, “Ignac já deu a notícia?”

Baixei o jornal e olhei para ele. “Que notícia?”

“Outra hora”, Ignac se apressou a dizer, olhando irritado para ela. “Quando o Bastiaan estiver em casa.”

“Que notícia?”, repeti, rezando para que eles não fossem se casar ou ter um bebê ou fazer alguma coisa que o vinculasse àquela mulher horrível o resto da vida.

“O Ignac foi aceito”, anunciou ela.

“Onde?”

“No Trinity College. Nós vamos mudar para Dublin no outono.”

“Oh”, fiz eu, sentindo um inesperado surto de entusiasmo e ansiedade ao ouvir o nome da minha cidade natal. Para a minha grande surpresa, o meu primeiro pensamento foi *Isso significa que eu também posso voltar finalmente para casa?* “Eu não sabia se você já havia decidido enviar a solicitação ou não.”

“Bem, eu não tinha certeza”, explicou Ignac. “Mas escrevi uma carta, eles responderam e nós trocamos alguns telefonemas e o fato é que há uma vaga para mim em outubro, se eu quiser. Ainda não tomei a decisão final. Queria conversar com você e o Bastiaan sobre isso. Em particular.”

“Nós já decidimos”, afirmou Emily, dando-lhe uma palmada no joelho. “É o que nós dois queremos, lembra?”

“Não quero me precipitar e depois me arrepender.”

“Você conversou com eles sobre bolsa de estudo?”, perguntei.

“Oh, não se preocupe”, disparou Emily, talvez detectando no namorado a mesma irritação que eu havia detectado e se vingando em mim. “Ninguém está lhe pedindo dinheiro.”

“Não foi o que eu quis dizer”, respondi.

“Claro que não”, interferiu Ignac. “E eu conversei, sim. Parece que há diversos financiamentos que posso solicitar.”

“Puxa, que boa notícia. Se você tem certeza de que é isso que quer.”

“É o que nós dois queremos”, corrigiu Emily. “Mesmo porque Ignac não é mais criança. Seria melhor para ele morar com gente da idade dele.”

“Neste caso, é bom não morar com você.”

Emily esboçou um sorriso. “Uma pessoa mais próxima da idade dele.”

“Eu preferia contar ao Cyril e ao Bastiaan juntos”, disse Ignac em voz baixa. “E quando estivéssemos sozinhos. Em família.”

“Ora, cedo ou tarde eles iam ficar sabendo. E o dr. Van den Bergh quase nunca está aqui, não é? Está sempre no hospital.”

“Não está *sempre* no hospital”, emendei. “Ele volta para cá toda noite. Você o viu hoje de manhã.”

“Não, não vi.”

“Emily, nós todos tomamos o café juntos.”

“Oh, eu não funciono direito de manhã. Nem chego a notar a existência de vocês a essa hora do dia.”

“Então está precisando dormir mais”, disse eu. “São os efeitos da idade.”

O telefone tocou e Ignac se levantou de um salto, contente de se afastar do nosso arranca-rabo. Quase nunca participava quando Emily e eu trocávamos farpas, e me agradava pensar que era porque não ficava inteiramente do lado dela. Pouco depois, ele voltou e pôs a cabeça na porta. “É o Bastiaan”, disse. “Para você.”

Eu me levantei, fui ao hall e peguei o fone.

“Que bom que você telefonou. Você não vai acreditar no que eu acabei de saber.”

“Cyril”, disse Bastiaan, e o seu tom de voz sério fez com que uma onda de medo me percorresse o corpo.

“O que foi? O que aconteceu?”

“Acho que você precisa vir para cá.”

“É Julian?”

“Piorou. Não vai durar muito. Se quiser vê-lo, tem de vir agora.”

Eu me sentei na cadeira junto à mesa do telefone antes que as minhas pernas cedessem. É claro que havia conversado com Bastiaan sobre a minha relação com o paciente 741 e ele tinha se lembrado de mim falando em Julian mais de uma década atrás, quando nós nos conhecemos. Mas não voltei a tocar no assunto, de modo que Bastiaan não fez nenhuma conexão quando começou a tratar dele.

“Estou indo”, disse eu. “Fique com ele, sim? Até eu chegar?”

Desliguei o telefone e peguei o paletó quando Ignac apareceu no vão da porta. “O que é?”, quis saber. “É o seu amigo?”

Fiz que sim. “Bastiaan diz que ele está nas últimas. Preciso ir vê-lo antes que morra.”

“Quer que eu vá junto?”

Pensei um instante e agradei o gesto, mas sacudi a cabeça. “Não vale a pena. Você ia ficar esperando do lado de fora sem fazer nada. Fique aqui com a Emily. Ou melhor, mande-a para casa e fique sozinho.”

Ele foi atrás de mim quando me dirigi para a porta. “Nada está decidido, você sabe”, disse. “Quanto a Dublin, digo. A oferta está de pé. Emily quer ir, mas eu ainda não decidi.”

“A gente conversa sobre isso mais tarde. Eu tenho de ir.”

Ignac fez que sim e eu desci a escada correndo, parei um táxi na rua e, uns quinze minutos depois, ao sair do elevador no sétimo andar, dei com Bastiaan à minha espera.

“Ei”, disse eu. “Como ele está?”

Bastiaan apontou para as cadeiras da sala de espera e nós nos sentamos. “Está morrendo”, disse, pondo a mão na minha. “O CD4 dele está baixo como eu nunca vi. Pegou pneumonia e está com falência dos órgãos internos. Nós tratamos de lhe dar o máximo de conforto possível, mas agora não há absolutamente mais nada que se possa fazer. É só questão de tempo. Eu nem sabia se ele aguentaria até você chegar.”

Senti uma enorme irrupção de dor formar-se aqui dentro e me esforcei para conter as emoções. Fazia alguns dias que eu sabia que isso estava para acontecer, mas tive pouco tempo para me preparar.

“Posso telefonar para a Alice?”, perguntei. “Levar o telefone até ele?”

“Não. Eu perguntei e ele não quer.”

“Mas, se ele ouvir a voz dela, talvez...”

“Não, Cyril. É a vida dele. É a morte dele. É a escolha dele.”

“Está bem. Alguém está com ele agora?”

“Shaniqua. Disse que ia ficar lá até que você chegasse.”

Fui para o quarto 703, bati rapidamente na porta e a abri. Julian estava deitado de costas, a respiração pesada, e Shaniqua se levantou ao me ver.

“Ele vai e vem entre a consciência e a inconsciência”, disse em voz baixa. “Quer que eu fique aqui com você até que termine?”

“Não. Prefiro que nos deixe a sós. Mas obrigado.”

Shaniqua fez que sim e saiu, fechando a porta sem ruído, e eu me sentei na cadeira junto à cama, observando-o respirar em breves repuxos. Estava tão esquelético que quase dava medo de olhar para ele, mas, em algum lugar sob o rosto cheio de cicatrizes, estava o menino que eu conhecera, o menino que eu havia amado, o menino sentado na cadeira ornamental na Darmouth Square, o menino cuja amizade eu tinha traído. Estendi o braço e tomei a sua mão na minha, e o contato da sua pele finíssima, úmida e macia me perturbou. Julian murmurou alguma coisa e, pouco depois, abriu os olhos e sorriu.

“Cyril”, disse. “Você esqueceu alguma coisa?”

“Como assim?”

“Você estava aqui. Foi embora.”

Sacudi a cabeça. “Isso foi há alguns dias, Julian. Voltei para te

ver.”

“Oh. Pensei que tivesse sido hoje. Você viu Behan?”

“Quem?”

“Brendan Behan. Está ali no balcão. A gente devia oferecer um caneco a ele.”

Desviei a vista e esperei ter controle total das minhas emoções.

“Nós não estamos no Palace Bar”, disse em voz baixa. “Não estamos em Dublin. Estamos em Nova York. Num hospital.”

“Tem razão”, concordou ele como para me agradecer.

“Há alguma coisa que eu possa fazer por você, Julian? Algo que possa fazer para ajudá-lo?”

Ele piscou algumas vezes e olhou para mim com um pouco mais de consciência no olhar. “O que foi que eu disse?”, perguntou. “Estava falando coisas sem nexo?”

“Você está meio confuso, só isso.”

“Parece que eu tenho momentos de lucidez e momentos em que não sei o que está acontecendo. É esquisito saber que estou vivendo a minha última hora na terra.”

“Não diga isso...”

“Mas é verdade. Eu sinto que é assim. E foi o que o dr. Van den Bergh me disse antes. É ele, não é? O seu namorado?”

Fiz que sim, contente porque, desta vez, a palavra saiu dos lábios dele sem aspas. “É ele. O Bastiaan. Está aí fora caso você precise.”

“Eu não preciso dele. Já fez tudo que pôde. Parece ser um homem bom.”

“E é.”

“Bom demais para você.”

“Provavelmente.”

Ele tentou rir, mas o esforço lhe causou muita dor e eu vi a terrível expressão de sofrimento estampada no seu rosto.

“Calma”, pedi. “Relaxe um pouco.”

“Faz semanas que estou jogado nesta cama. E você ainda quer que eu relaxe mais?”

“Talvez seja melhor você não falar.”

“A única coisa que me resta é falar. Se for para ficar calado, é melhor desistir de vez. Que bom que você veio, que bom mesmo. Eu te insultei na última vez que estive aqui?”

“Eu mereci.”

“É bem capaz. Mas acho bom você ter voltado. Quero que faça uma coisa para mim. Quer dizer, quando eu tiver partido.”

“Claro”, disse eu. “O que você quiser.”

“Preciso que você conte para a Alice.”

Fechei os olhos com desânimo. Aquilo eu realmente não queria fazer.

“Ainda há tempo. Tempo para você mesmo falar com ela.”

“Não quero. Quero que você conte para ela. Quando eu morrer.”

“Tem certeza de que eu sou a pessoa indicada para isso?”, perguntei. “Afinal já se passaram catorze anos. Não acho bom que a minha primeira conversa com ela desde que nos casamos seja um telefonema para contar que... contar que...”

“Alguém tem de fazer isso. É a sua penitência. Diga que eu não queria que ela me visse neste estado, mas que você ficou ao meu lado até o fim e que eu estava pensando nela. Há uma agenda na gaveta do armário aí perto de você. Lá está o número dela.”

“Não sei se consigo”, disse eu, sentindo as lágrimas me escorrerem pela face.

“Se não for você, será um *garda* anônimo batendo na porta dela, e não é isso que eu quero. Ele não terá como lhe contar como foi que acabou, o que eu sentia por ela, mas você sim. Preciso que você lhe conte que ela foi a melhor pessoa que eu conheci neste mundo. E que diga a Liam que a minha vida seria muito mais vazia sem ele por perto. Que eu amava os dois e que lamento muito o que aconteceu. Você faz isso por mim, Cyril? Por favor, eu nunca te pedi nada, mas agora estou pedindo. E você não pode recusar o último desejo de um moribundo.”

“Está bem”, cedi enfim. “Se é o que você quer.”

“É.”

“Então eu prometo contar a ela.”

Ficamos muito tempo num silêncio pontuado apenas pela ocasional expressão de dor de Julian quando se retorcia com desconforto na cama.

“Me fale um pouco dele.”

“Dele quem?”

“Liam. O meu filho.”

“Ele não é teu filho”, disse Julian sacudindo a cabeça. “Biologicamente, sim. Mas não passa disso.”

“Como ele é?”

“Como a mãe. Embora todo mundo diga que se parece comigo. Mas a personalidade dele é muito diferente. Ele é tímido. É tranquilo. Nisso, é mais parecido com você.”

“Você é apegado a ele?”

“Liam é a coisa mais próxima de um filho que eu já tive na vida”,

disse ele, começando a chorar. “O que é verdadeiramente irônico.”

“Ele é feliz? Tem aventuras como nós tivemos?”

“Nós bem que tivemos algumas, hein?”, sorriu Julian.

“Tivemos.”

“Lembra quando você foi sequestrado pelo IRA? Foi numa tarde.”

Sacudi a cabeça. “Não Julian. Não fui eu, foi você.”

“Eu?”

“Sim.”

“Eu fui sequestrado?”

“Foi.”

“Por quê? O que eu fiz para eles?”

“Nada. Os caras tinham ódio do teu pai. Queriam que ele pagasse o resgate.”

“E ele pagou?”

“Não.”

“É bem o Max. Os caras deceparam a minha orelha”, disse Julian, tentando levar a mão ao rosto, mas o esforço foi tal que ele desistiu.

“É verdade. Uns animais filhos da puta.”

“Agora eu lembrei. Eles foram muito legais comigo a maior parte do tempo. Menos quando estavam cortando pedaços de mim. Eu contei que gostava de barras de Mars e um deles saiu e me comprou nada menos que uma caixa. Guardou na geladeira para elas ficarem fresquinhas. Eu me dei bem com ele, acho. Não lembro o nome.”

“Você o visitou na cadeia”, disse eu. “Eu achei que tinha enlouquecido.”

“Eu te contei que eles quase cortaram o meu pinto?”

“Não”, respondi sem saber se isso tinha realmente acontecido ou se era uma falsa lembrança no seu delírio.

“É verdade. Na noite antes que os *gardai* me encontrassem. Disseram que eu podia escolher. Ou eles me arrancavam um olho, ou cortavam o meu pau.”

“Meu Deus.”

“Bom, é claro que eu preferia perder um olho. De preferência o do lado contrário ao da orelha decepada, só para equilibrar as coisas. Mas já imaginou se tivessem cortado a minha rola? Eu não estaria aqui agora, não acha? Nada disto teria acontecido.”

“Não deixa de ser uma maneira de encarar a coisa.”

“Eles teriam salvado a minha vida.”

“Talvez.”

“Não, você tem razão. Eu já estaria morto porque provavelmente me mataria se cortassem a minha piroca. Duvido que conseguisse

viver sem ela. É impressionante, não, como uma parte tão pequena da anatomia controla completamente a nossa vida.”

“Pequena?”, disse eu com uma careta. “Só se for a tua.”

Julian riu e balançou a cabeça. “Quando a gente se conheceu, você me levou ao seu quarto e pediu para ver o meu pinto. Lembra disso? Eu devia ter percebido na hora. Devia ter descoberto o teu segredinho sujo.”

“Eu não”, contestei. “Você passou a vida dizendo isso, mas jamais aconteceu. Foi *você* que quis dar uma olhada no *meu*.”

“Não. Isso não pode ser verdade. Eu não teria o menor interesse.”

“Você era obcecado por sexo desde pequeno.”

“Bom, isso é verdade. Eu tinha fantasias até com a tua mãe.”

“Você não conheceu a minha mãe. Nem eu.”

“Claro que conheci. A Maude.”

“Ela era minha mãe adotiva.”

“Ah, é verdade”, disse Julian, mostrando com um gesto que pouco se importava com aquela distinção. “Você sempre fez questão de dizer isso.”

“Eram eles que faziam questão. Desde o dia em que me levaram para casa. E você não tinha tesão por ela, tinha? Ela era velha, podia ser tua mãe adotiva.”

“Eu tinha. Nunca fui muito vidrado em mulheres mais velhas, mas a Maude era outra coisa. E também tinha tesão por mim. Uma vez disse que eu era o menino mais bonito que ela tinha visto na vida.”

“Não disse. Isso está longe de se parecer com ela.”

“Acredite no que quiser.”

“Você tinha *sete* anos.”

“Foi o que ela me disse.”

“Caramba!”, exclamei sacudindo a cabeça. “Às vezes, eu penso que a minha vida teria sido muito melhor se eu não sentisse absolutamente nenhum desejo sexual.”

“Você não pode viver como um eunuco. Ninguém pode. Se o IRA tivesse cortado o meu pau, eu metia uma bala na cabeça. Você acha que isto é um castigo pelas coisas que eu fiz?”

“De jeito nenhum.”

“Eu estava vendo um dia o noticiário. Mostraram uns caras, uns congressistas, dizendo que as pessoas que desenvolviam aids eram...”

“Não dê atenção a esses idiotas. Eles não sabem nada. São seres humanos desprezíveis. Você teve azar, só isso. Todos os que passam por este andar tiveram azar. Não há nada além disso.”

“Eu acho”, disse Julian com um suspiro, então soltou um grito de

dor.

“Julian!”, chamei, levantando-me de um salto.

“Eu estou bem.”

Mas antes que ele pudesse voltar a relaxar, soltou outro grito e eu fui para a porta chamar Bastiaan.

“Não”, pediu ele. “Não me abandone, Cyril, por favor.”

“Mas, se eu chamar um médico...”

“Não vá. Eles não podem fazer nada.”

Concordei com um gesto e voltei à cadeira, sentei-me e tornei a segurar a mão dele.

“Desculpe”, eu disse. “Tudo o que eu fiz a você e à Alice e que vocês acharam que foi falsidade da minha parte. Lamento muito mesmo. Se eu pudesse voltar, se pudesse ser o homem que sou agora, mas jovem outra vez...”

“Isso é coisa do passado”, disse Julian, começando a fechar os olhos. “E de que serviria para a Alice passar a vida casada com você? Pelo menos ela deu umas trepadinhas ocasionais nesses anos.”

Eu sorri.

“Eu estou indo”, sussurrou ele pouco depois. “Cyril, eu estou indo embora. Sinto que estou.”

Faltou pouco para que eu dissesse *Não*, dissesse *Continue lutando*, dissesse *Fique*, mas não disse nada. A doença estava vencendo, enfim.

“Eu te amei”, disse eu, aproximando o rosto do dele. “Você foi o meu melhor amigo.”

“Eu também te amei”, murmurou Julian e, a seguir, com expressão surpresa, disse: “Não consigo te ver”.

“Eu estou aqui.”

“Não consigo te ver. Está tudo escuro.”

“Eu estou aqui, Julian. Aqui. Você me ouve?”

“Ouço. Mas não consigo te ver. Você me abraça?”

Eu já estava segurando a sua mão e a apertei um pouco para que soubesse que eu estava lá.

“Não. Me abrace. Quero que alguém me abrace de novo. Só mais uma vez.”

Eu hesitei, sem saber ao certo o que Julian queria dizer, e então soltei a mão dele, fui para o outro lado da cama, deitei-me ao seu lado e envolvi nos braços o seu corpo magro, trêmulo. Quantas vezes, durante toda a juventude, eu havia sonhado com um momento assim e, agora, a única coisa que pude fazer foi deitar o rosto nas suas costas e chorar.

“Cyril...”, sussurrou Julian.

“Apenas deixe acontecer”, cochichei.

“Alice...”, disse ele, e o seu corpo relaxou no meu abraço, e eu o abracei durante um tempo aparentemente muito longo, ainda que talvez não mais que dois minutos, ouvindo a sua respiração se desacelerar e enfim desaparecer. Fiquei abraçado a ele até que Bastiaan entrasse, conferisse o monitor e me dissesse que havia terminado, que Julian partira, e eu continuei abraçando-o mais alguns minutos até que chegasse a hora de me levantar e deixar as enfermeiras fazerem o seu trabalho. E então tomamos o elevador, descemos ao térreo, saímos do hospital e Bastiaan ergueu a mão para chamar um táxi e, nesse momento, eu cometi o maior erro da minha vida.

“Não”, disse. “A chuva parou. Vamos a pé. Preciso tomar ar.”

E começamos a caminhar.

O CENTRAL PARK

Em silêncio, atravessamos as avenidas e entramos no Central Park.

“Esqueci a agenda dele”, disse eu, parando no meio de uma das trilhas ladeadas por árvores. “Deixei no armarinho de cabeceira.”

“Precisa dela?”, quis saber Bastiaan.

“Eu prometi telefonar para a Alice. A irmã dele. Tenho de contar para ela.”

“Você pode ir buscar amanhã. Eles guardam os objetos pessoais dos falecidos.”

“Não”, disse eu, sacudindo a cabeça. “Não, preciso contar para ela ainda hoje. A gente tem que voltar.”

“É tarde”, ponderou Bastiaan. “E você está muito abalado. Deixe isso para amanhã.”

Comecei a tremer de frio e, antes que eu percebesse, desatei num choro incontrolável.

“Ei”, disse ele puxando-me para si e me envolvendo nos braços. “Não chore. Eu estou aqui com você. Sempre vou estar com você. Te amo.”

E então uma voz gritou: “Ei, olha as frutinhas querendo queimar a roscas!”.

Eu me virei e vi três homens correndo em nossa direção.

Mas não me lembro de mais nada depois disso.

* CCNY: City College of New York.

PARTE III
PAZ

1994:
Pais e filhos

UM DELES

No início da década de 1950, quando Charles, o meu pai adotivo, foi hóspede do governo irlandês no presídio Mountjoy pela primeira vez, nunca me deixaram visitá-lo. Naturalmente, eu era apenas um menino na época e Maude não tinha interesse em que nós três fizéssemos reuniões embaraçosas ou catárticas atrás das grades, mas a ideia de entrar naquele lugar me intrigava desde que Julian, aos sete anos, me contou que, certa vez, Max o havia levado ao presídio e ali ele tinha testemunhado a conversa do pai com um cliente que havia assassinado a esposa. Que eu saiba, Maude nunca o visitou, apesar das solicitações de visita que chegavam toda semana. Em vez de jogá-las fora, fazia questão de empilhá-las na mesinha do telefone, ao lado da porta do nosso pequeno apartamento, e, quando eu lhe perguntei se tinha intenção de um dia usar um daqueles preciosos convites do marido, Maude respondeu tirando lentamente o cigarro da boca e apagando-o no centro da pilha.

“Isto responde à sua pergunta?”, indagou, olhando para mim com um esboço de sorriso.

“Ora, talvez *eu* possa visitá-lo”, sugeri, e ela fez uma careta ao mesmo tempo que abria o maço de cigarros para fumar o sexagésimo quarto do dia.

“Que coisa esquisita dizer isso”, replicou. “Por que diabo você quer fazer uma coisa tão perversa?”

“Porque o Charles é meu pai. E pode ser que esteja precisando de companhia.”

“Charles não é o seu pai”, disse ela uma vez mais. “É seu pai adotivo. Nós já estamos cansados de dizer isso. Não comece a inventar moda, Cyril.”

“Mesmo assim, uma cara amiga...”

“Não acho que você *tenha* uma cara amiga. Para ser franca, sempre achei que você tem uma carinha um tanto azeda. É bom você tratar um pouco disso.”

“Pelo menos uma pessoa conhecida.”

“Tenho certeza de que agora ele tem oportunidade de conhecer muita gente”, replicou Maude, acendendo o cigarro. “Que eu saiba, há um grande senso de comunidade nas prisões. Um homem como Charles tem tudo para se dar muito bem lá. Ele nunca teve dificuldade para agradar desconhecidos no passado. Não, sinto muito, mas está fora de cogitação. Eu simplesmente não posso permitir.”

De modo que nunca fui. Mas, na segunda experiência de Charles atrás das grades, eu era adulto, tinha quase cinquenta anos e não precisava da autorização de ninguém. Assim, quando a solicitação de visita chegou, fiquei bastante entusiasmado com a possibilidade de ver que tratamento dispensavam às classes criminosas.

Era uma bonita manhã dublinense e, embora já não pudesse fazer longas caminhadas por causa da minha perna, resolvi enfrentar alguns quilômetros, peguei a bengala, que ficava pendurada perto da porta da rua, e fui pela Pearse Street a fim de atravessar o Liffey pela ponte da O’Connell Street, permanecendo do lado esquerdo da rua como sempre fazia para evitar a região próxima da loja de departamentos Clerys, onde certa vez eu causara, inadvertidamente, a morte de Mary-Margaret Muffet e de um dedicado, ainda que homofóbico, membro da An Garda Síochána. Fazia tempo que a coluna de Nelson desaparecera, é claro. Quando o IRA derrubou o almirante do seu pedestal, a estrutura restante foi demolida numa explosão controlada mas planejada tão mal e porcamente que quebrou as vitrines da metade das lojas da O’Connell Street, causando prejuízo no valor de milhares de libras. Mas a lembrança persistia e eu não estava disposto a revivê-la.

No alto da rua, passei pelo Centro dos Escritores Irlandeses, onde, algumas semanas antes, tinha comparecido à festa de lançamento do quarto livro infantil de Ignac, o último da sua série popularíssima sobre um menino esloveno que viajava no tempo e que cativou a imaginação das crianças (e de muitos adultos) no mundo inteiro. Todos os escritores de Dublin estavam presentes, é claro, e, quando na sala circulou a informação sobre a identidade da minha mãe adotiva, vários deles vieram se apresentar e fazer perguntas sobre os romances dela, às quais fui incapaz de responder. Um editor me convidou a escrever o prefácio de uma edição comemorativa de *Como a cotovia*, mas recusei mesmo quando ele se disse disposto a me pagar duzentas libras se eu fizesse um bom trabalho. Um jornalista que eu vira diversas vezes no *The Late Late Show* me informou que Maude era a escritora mais superestimada da Irlanda, que não se podia confiar nas

mulheres quando se tratava de escrever romances e passou uns dez minutos explicando o porquê disso, até que Rebecca, a mulher de Ignac, veio me salvar, iniciativa que me deixou eternamente grato.

Segui então pela Dorset Street, virei à esquerda em direção ao Mater Hospital e, mesmo quando me aproximava do presídio, senti-me inusitadamente animado e alegre, pois era uma daquelas manhãs deliciosas em que a gente se sente feliz pelo simples fato de estar vivo. Haviam se passado sete anos desde a noite terrível em Nova York, na qual, no espaço de uma hora, perdi os únicos dois homens que eu amara na vida, seis anos desde o julgamento, cinco desde que deixara os Estados Unidos para sempre depois de meia dúzia de operações na perna, quatro desde que voltara à Europa continental, três desde que retornara a Dublin, dois desde a prisão de Charles por estelionato e evasão fiscal e um desde que ele se vira novamente na cadeia e, enfim, me pediu ajuda na esperança de um pouco de assistência filial.

No início, eu tinha ficado profundamente inseguro com a ideia de voltar para a Irlanda. Durante os anos de exílio, desejara muitas vezes tornar a percorrer as ruas da minha infância, mas isso me parecia um sonho impossível.

No entanto, com tudo que aconteceu, fiquei imensamente feliz em regressar e, até certo ponto, contente com o fato de os meus anos de desterro terem chegado ao fim. E até arranjei emprego num dos meus antigos refúgios, a biblioteca da Dáil Éireann, na Kildare Street, um tranquilo espaço de estudo raramente visitado pelos TDs, porém mais frequentemente povoado de assessores parlamentares e funcionários públicos em busca de resposta para as perguntas que mais tarde podem ser feitas aos seus ministros na Câmara.

Aliás, foi na Dáil Éireann que encontrei uma figura do meu passado, a srta. Anna Ambrosia do Ministério da Educação, com a qual eu havia trabalhado durante um breve período na metade dos anos 1960. Ocorre que a srta. Ambrosia tinha se casado com o namorado judeu de nome não judaico, Peadar O'Múrchú, e produzira meia dúzia de filhas, cada qual, contou-me ela, mais difícil de controlar do que a outra. A sua carreira havia prosperado naquele período e, aos cinquenta e três anos de idade, ela foi promovida a funcionária sênior do ministério, cargo antes ocupado pela srta. Joyce. Nós nos reconhecemos imediatamente na manhã em que ela visitou a biblioteca e combinamos um novo encontro no intervalo do almoço, quando subimos ao salão de chá para pôr a conversa em dia.

“Sabe quantos ministros eu tive de enfrentar nos meus anos no ministério?”, perguntou.

“Sei lá”, disse eu. “Oito? Nove?”

“Dezessete. Um bando de imbecis, todos eles. A metade era completamente analfabeta e a outra não sabia fazer nem uma operação aritmética. Parece irônico o fato de os membros menos inteligentes do governo sempre acabarem no comando da Educação. E sabe quem tem de fazer eles funcionarem direitinho? A idiota aqui. Quem era o ministro quando você trabalhava no ministério, lembra?”

Mencionei o nome do homem e ela revirou os olhos. “O lunático”, disse. “Perdeu o cargo na eleição seguinte. Não foi ele que te deu um soco quando foi pego de calça arriada?”

“Não, foi o secretário de imprensa. Doces lembranças.”

“Não sei por que estou há tanto tempo aqui, não sei mesmo”, disse ela com tristeza. “Talvez eu devesse ter viajado como você. Você deve ter se divertido muito, apesar de tudo.”

“Dias bons e dias ruins. Você nunca pensou em pedir demissão?”

“Pensar eu pensei. Mas você sabe como é o funcionalismo, Cyril. A gente põe o pé na escada e está com a vida feita. E quando mudaram as regras para permitir que as mulheres casadas ficassem, tive vontade de ficar só para provar que eu tinha razão. Mesmo porque, com seis filhos, Peadar e eu precisávamos do dinheiro. Não estou me queixando, na maior parte do tempo sou feliz aqui. A não ser quando fico completamente na merda.”

Com o canto do olho, vi uma jovem garçonete entrar correndo no salão e consultar o relógio em pânico — estava vermelha e tinha chegado atrasada, imaginei — e, quando foi para trás do balcão, outro rosto velho conhecido, a gerente do salão de chá, saiu da cozinha para repreendê-la.

“Desculpe, srta. Goggin”, disse a moça. “Foram os ônibus, eles sempre são tão pouco confiáveis e...”

“Nesse caso, Jacinta, o ônibus é igualzinho a você”, foi a resposta. “Porque, em termos de falta de confiabilidade, você não perde para o número 16.”

A srta. Ambrosia — Anna — observou a bronca e fez uma careta. “Essa mulher não leva desaforo para casa”, disse. “Comanda este lugar com mão de ferro. Até Charlie Haughey tinha medo dela. Ela chegou a expulsá-lo no dia em que ele passou a mão na bunda de uma garçonete.”

“Esse cara esteve na biblioteca outro dia”, contei. “Eu nunca o tinha visto lá. Olhou em volta, atônito, e disse: *Acho que errei o caminho não sei onde.*”

“Deviam anotar essa frase”, disse Anna. “Bem que podia ser o

epitáfio dele.”

“Em todo caso, a srta. Goggin deve estar aqui há séculos. Me lembro de tê-la visto aqui quando era menino.”

“Está para se aposentar. Pelo menos, foi o que me disseram. Vai completar sessenta e cinco anos em algumas semanas. Mas fale de você. É verdade o que me contaram a seu respeito? Que fugiu no dia do seu casamento antes de dizer o *sim*?”

“Quem disse isso?”

“Oh, não lembro. As fofocas se espalham depressa aqui, você sabe disso.”

“Bem, é uma semiverdade”, admiti. “Eu cheguei a dizer o *sim*. Esperei a festa começar e só então me escafedi.”

“Jesus, Maria e José!”, exclamou ela, sacudindo a cabeça e tentando não rir. “Você é completamente louco!”

“Já me disseram isso.”

“Por que fez uma coisa dessas?”

“É uma longa história.”

“E nunca mais voltou a se casar?”

“Não. Mas conte”, apressei-me a dizer. “Que fim levou a outra dupla que trabalhava com a gente, a srta. Joyce e o sr. Denby-Denby? Você ainda tem contato com eles?”

Anna pôs a xícara no pires e se inclinou para a frente. “Bom, aí há uma boa história. A srta. Joyce perdeu o emprego porque teve um caso com o ministro da Defesa.”

“Não!”, disse eu com surpresa. “Com aquela cara de puritana!”

“Oh, essas é que são as piores. Enfim, a srta. Joyce arrastava um bonde pelo homem, mas é claro que ele era casado e, quando ela começou a ficar meio grudenta e a querer mais do que o ministro estava disposto a oferecer, ele deu um jeito para que a coitada fosse exonerada. Ela não achou a menor graça, não vejo mal algum em te contar, mas o que podia fazer? Naquele tempo, os ministros mandavam e desmandavam. As coisas não mudaram tanto, para falar a verdade. A srta. Joyce tentou vender a história dela aos jornais, mas eles não quiseram atacar o pobre homem pelo fato de ele ser pai de família. O arcebispo interveio, pressionou o editor do *Irish Press*.”

“E o que a srta. Joyce fez da vida depois disso?”

“A última notícia que tive foi que se mudou para Enniscorthy e abriu uma livraria. E também ouvi dizer que compôs uma música que quase ganhou o Festival Eurovision da Canção. Depois disso, não soube de mais nada.”

“E o sr. Denby-Denby?”, perguntei. “Por onde anda? Imagino que

tenha se aposentado.”

“Bom, essa é uma história muito triste”, disse ela, baixando os olhos e apagando o sorriso.

“Mas o que aconteceu?”

“Você não lia os jornais irlandeses quando estava fora, imagino.”

“Não com muita frequência.”

“Oh, um caso terrível”, disse Anna, estremecendo um pouco ao sacudir a cabeça. “Ele foi assassinado.”

“Assassinado?”, espantei-me, e devo ter aumentado um pouco o tom de voz, pois a srta. Goggin olhou para mim, mas, quando os nossos olhares se encontraram, desviou o dela.

“Pois é, assassinado”, repetiu Anna. “É claro que você sabe que ele era um deles, não?”

“Um quê?”, perguntei inocentemente.

“Um *deles*.”

“*Deles* quem?”

“Um gay.”

“Ah, bom”, disse eu. “Sim, quer dizer, eu sempre achei que era, apesar daquelas referências constantes à lendária sra. Denby-Denby e ao monte de Denby-Denbinhos. Era tudo invenção?”

“Não, não, eles existiam, sim. Mas, na época, o país estava cheio de sras. Denby-Denbys que não tinham ideia do que o marido fazia fora de casa. Ora, acho que você sabe disso melhor do que ninguém. Eu tenho razão em pensar que você também é um deles?”

“Sou.”

“Sempre achei que era mesmo. Lembro que, quando trabalhávamos juntos, você nunca mostrou o menor interesse por mim e, um dia, contei à srta. Joyce que eu desconfiava que você era um deles, mas ela disse, não, você era muito boa gente para ser um deles.”

“Tenho certeza de que há um elogio nisso, só não sei bem onde”, disse eu.

“Hoje em dia é uma coisa muito popular, não é?”

“O quê?”

“Ser um deles.”

“Não sei. É?”

“Ora, é, sim”, garantiu ela. “Aí estão o Boy George e o David Norris. E a metade dos caras aqui, se bem que eles preferiram ficar no armário. A minha vizinha, o filho caçula dela também é.” Encolheu os ombros e farejou o ar. “É uma vergonha para ela, claro, mas eu não digo nada. Nunca fui moralista assim. E há duas mulheres que têm uma floricultura perto da minha casa e moram no apartamento de

cima, e Peadar diz que elas também são um deles...”

“Duas deles, no caso.”

“Isso mesmo, duas deles. Eu nem sabia que mulher também podia ser um deles. Não ligo muito para isso num homem, mas numa mulher é meio esquisito, não acha?”

“Nunca pensei muito nisso”, disse eu. “Mas imagino que não haja muita diferença.”

“Você está muito moderno, Cyril. Vai ver é isso que morar no exterior faz com a gente. A minha segunda filha mais velha, Louise, está querendo ir para os Estados Unidos com as amigas num programa de intercâmbio, e eu faço o possível e o impossível para impedi-la porque lá eles são ferozmente modernos. Tenho certeza de que, se ela for para os Estados Unidos, vai ser estuprada por um negro e fazer aborto.”

“Nossa Senhora”, disse eu, cuspiendo o chá. “Pelo amor de Deus, Anna, não diga uma coisa dessas.”

“Por que não? É verdade.”

“Não é verdade, absolutamente. Dizer isso faz você parecer muito preconceituosa.”

“Eu não sou racista, se é isso que você quer dar a entender. Não esqueça que sou casada com um judeu.”

“Mesmo assim”, disse eu, desejando ir embora antes que ela voltasse a abrir a boca.

“Louise diz que vai independentemente do que o pai dela ou eu disser. *Só se for por sua conta e risco*, eu disse, mas ela escuta? Não. Você acha que a gente era assim quando tinha essa idade? Você deu muito desgosto para os seus pais?”

“Ora, eu fui criado de um jeito bem anticonvencional.”

“Oh, é verdade. Eu me lembro de você comentando isso naquele tempo. Quem é a sua mãe, Edna O’Brien ou algo assim, não?”

“Maude Avery”, respondi. “Mãe adotiva.”

“Isso, Maude Avery. Hoje em dia falam dela de um jeito que até parece que ela é o próprio Tolstói...”

“O sr. Denby-Denby”, interrompi antes que a conversa tomasse esse rumo. “Você estava me contando que ele foi assassinado.”

“Ah, uma coisa terrível”, disse ela, inclinando-se e baixando a voz. “Acontece que ele alugava um apartamentozinho barato na Gardiner Street sem que a mulher soubesse e, de vez em quando, ia pegar um garoto na beira dos canais e o levava para lá para fazer aquilo que você sabe. Parece que isso durou anos. Pois as coisas devem ter escapado ao controle numa daquelas noites, pois os vizinhos

reclamaram de um cheiro horrível saindo do apartamento dele, e o acharam lá duas semanas depois, uma mão acorrentada ao radiador, meia laranja enfiada na boca e a calça enrolada nos tornozelos.”

Estremeci com a imagem. “Meu Deus. E chegaram a prender o garoto?”

“Chegaram. Finalmente. Pegou perpétua.”

“Coitado do sr. Denby-Denby. Que morte horrenda.”

“Imagino que você já soubesse de tudo naquele tempo, não?”

“De tudo o quê?”

“Do sr. Denby-Denby. Você e ele nunca...?”

“Claro que não”, respondi, horrorizado com a ideia. “Ele tinha idade para ser meu pai.”

Anna olhou para mim como se não estivesse muito convencida. “Tome muito cuidado com esses caras, Cyril”, recomendou. “Com os garotos de programa lá nos canais. Para começar, pense nas doenças que eles podem passar. Todos têm aids. E matariam você num piscar de olhos. Espero que você não frequente esses rapazes.”

Fiquei sem saber se era para rir ou para chorar. A verdade era que fazia sete anos que eu nem sequer beijava um homem e não tinha o menor interesse nisso. A última coisa que me ocorreria era procurar comércio barato à beira do Grand Canal.

“Aceitam outro bule de chá?”, perguntou a garçonete Jacinta, aproximando-se de nós, e, antes que eu pudesse responder, Anna sacudiu a cabeça.

“Não posso”, explicou. “Preciso voltar ao escritório. Ninguém mexe uma palha se eu não estiver lá. Mas foi bom ver você, Cyril”, acrescentou, levantando-se. “A gente ainda se encontra lá embaixo na biblioteca. Você está lá todo dia?”

“Todo dia, fora as sextas”, respondi. “E só quando a Dáil está em atividade.”

“Ótimo. A gente com certeza vai bater papo uma outra vez. Não esqueça o que eu disse e não se meta em encrenca. Não quero mais um sr. Denby-Denby na minha consciência.”

Acenei a cabeça quando ela se foi e, voltando-me para a garçonete, disse que queria outro bule de chá, e, quando este chegou minutos depois, foi a sra. Goggin que o trouxe.

“O senhor permite que eu me sente aqui um momento?”, pediu. “Sr. Avery, não?”

“Isso mesmo. Me chame de Cyril. Por favor, sente-se.”

“Eu sou Catherine Goggin. Não sei se você se lembra de mim, mas...”

“Me lembro, é claro. É bom revê-la.”

“E você voltou a trabalhar na Dáil?”

“Voltei, por mal dos meus pecados. Na biblioteca. Faz só duas semanas, mas estou gostando.”

“Esse lugar suga a gente, não?”, sorriu ela. “A gente não consegue fugir daqui. Mas gostei de você ter voltado. Eu ouvi dizer que você estava nos Estados Unidos.”

“Passei algum tempo lá. E na Europa.”

“E a sua perna?”, quis saber ela, apontando para a minha bengala. “Você a machucou recentemente?”

“Não, isso foi há sete anos. Quando eu morava em Nova York. Uma noite, o meu amigo e eu estávamos atravessando o Central Park e fomos atacados.”

“Meu Deus. Isso é terrível. E o seu amigo está bem?”

“Não, ele morreu. Muito depressa. Antes que a ambulância chegasse.”

“E encontraram os homens que atacaram vocês?”

Sacudi a cabeça. “Não. Se bem que eu ache que a polícia não se empenhou muito em procurá-los.”

“Puxa, eu lamento saber disso”, disse ela. “Acho que nem devia ter perguntado. Não é da minha conta.”

“Eu não me incomodo.”

“É que eu nunca esqueço de quando te vi pela primeira vez aqui. Você sempre me lembrou uma pessoa que conheci anos atrás. Você tem o olhar igual ao dela.”

“Uma pessoa querida?”, perguntei.

Ela desviou a vista. “Nem tanto. Um tio meu, só isso. Faz muito tempo.”

“Eu me lembro do seu filho. Como vai ele agora?”

“O meu filho?”, perguntou ela, erguendo rápido o olhar e enrugando a testa. “Como assim?”

“Você tem um filho, não? Eu me encontrei com vocês dois num café, há mais de vinte anos. Você provavelmente não se lembra. Foi na manhã em que eu ia me casar, por isso gravei na memória. Mas não consigo recordar o nome dele, e...”

“Jonathan.”

“Oh, sim. Ele era um menino precoce, se me lembro bem.”

Ela sorriu. “Agora é médico. Psiquiatra. Faz apenas algumas semanas que se casou com uma moça adorável, Melanie. Eles se conhecem desde crianças.”

“Você tem outros?”, indaguei.

“Outros o quê?”

“Outros filhos?”

Ela ficou um momento calada e então sacudiu a cabeça. “Não. E você?”

“Eu tenho um”, contei. “O Liam. Tem vinte anos.”

“Ah, que ótimo para você.”

Encolhi um pouco os ombros, sem saber por que estava fazendo confidências. “Nós não temos muito contato”, disse. “Eu não estive presente na infância dele, e ele se ressentiu disso. O Liam não deixa de ter razão, mas eu não consigo transpor o abismo entre nós, por mais que tente.”

“Pois precisa tentar mais”, aconselhou ela. “Procure incluí-lo na sua vida, isso é o que importa. Não o perca de vista nunca.”

A porta se abriu e um grupo de *TDs* entrou, falando alto e com arrogância, e ela se levantou com um suspiro.

“Bom”, disse. “É melhor eu voltar para lá. Tenho certeza de que vou ver você sempre agora que está por aqui outra vez.”

“Vai, sim”, garanti, observando-a afastar-se, e, não sei por quê, a nossa conversa me voltou à mente agora que eu estava chegando ao presídio Mountjoy. Mostrei o meu passaporte e a solicitação de visita ao guarda de plantão; ele a leu cuidadosamente antes de me mandar tirar o paletó e os sapatos e passar pelo detector de metal, mas eu não cessava de pensar na sra. Goggin e no modo como olhara para mim, e senti uma estranha necessidade de continuar a nossa conversa em outra ocasião.

O ‘JOY

Ocorre que a sala de espera de um presídio pode ser um grande nivelador de gente, com parentes e amigos de presidiários de todas as classes sociais aglomerados em diversos graus de ultraje, vergonha e fanfarrice. Eu me sentei na última fileira, numa cadeira de plástico branco parafusada no chão e tentei não prestar atenção no cheiro de antisséptico no ar. Um entalhe no braço direito da cadeira informava que “Deano” era “um homem morto”, ao passo que o esquerdo acrescentava que o mesmo Deano “xupa pau”. Na parede à minha frente, um pôster mostrava a imagem de um alegre policial, um rapaz jovial e uma mulher mais velha e quase histérica parados um diante do outro sob o slogan *Nós todos podemos superar isto juntos!* naquilo que eu só podia supor que fosse um comentário irônico acerca da experiência da prisão.

Olhando em redor, notei uma moça com um abrigo esportivo impermeável lutando com um menino pequeno cujo cabelo estava cortado em estilo moicano com luzes amarelas nas pontas para combinar com a série de argolas cor de abacate espetadas no lóbulo da orelha esquerda. Incapaz de controlá-lo, ela se virou para um bebê que choramingava feito um gato possesso no carrinho ao seu lado.

“Esses meninos dão um trabalhão, hein?”, observei, endereçando-lhe um olhar solidário enquanto o garoto mais velho se punha a correr sobre as cadeiras vazias e, parando diante de várias pessoas, transformava-se num fuzil humano a soltar pum nas inocentes vítimas, truque que bem podia ter aprendido com o pai presidiário.

“Vai se ferrar, velho pedófilo de merda”, disse a mulher com indiferença.

Compreendendo que ela e eu não íamos nos dar muito bem, fui para outra parte da sala, perto de uma senhora mais ou menos da minha idade, que parecia absolutamente apavorada por estar num lugar tão horrendo. Segurava a bolsa com força no colo e não parava de percorrer a sala com os olhos como se nunca na vida tivesse visto espécimes tão espantosos de seres humanos.

“Está aqui pela primeira vez?”, perguntei, e ela fez que sim.

“É claro”, disse. “Eu sou de Blackrock.” Olhou significativamente para mim. “Houve um mal-entendido terrível, sabe?”, prosseguiu depois de alguns instantes. “Um erro judiciário. Eu não devia estar aqui, absolutamente, nem o meu Anthony.”

“Nenhum de nós quer estar aqui.”

“Não, eu disse que *não devia* estar aqui. Eles trancafiaram o meu filho, mas ele não fez absolutamente nada. Sempre foi um rapaz muito decente.”

“Posso saber do que o acusaram?”

“De homicídio.”

“De homicídio?”

“Sim, mas ele não fez nada, portanto não faça essa cara tão chocada.”

“Quem ele foi acusado de ter matado?”

“A mulher dele. Mas não havia prova concreta, a não ser impressões digitais, DNA e testemunhas oculares. De mais a mais, a minha nora era uma mulher horrorosa e não merecia coisa melhor, se o senhor quer saber. Eu não lamento a morte dela. Ela não era de Blackrock e eu falei para o Anthony que era melhor casar com uma moça do lugar.”

“Certo”, disse eu, perguntando-me se não era melhor mudar de

lugar outra vez. “Então ele está em prisão preventiva?”

“Não, está cumprindo perpétua. O julgamento foi há alguns meses. Eu vou conversar sobre isso com o meu *TD* e ver o que se pode fazer. Tenho certeza de que, se eu simplesmente explicar as coisas, eles vão perceber o erro e soltar o meu filho. E o senhor? Por que está aqui?”

“O meu pai adotivo está preso por evasão fiscal.”

“Isso é uma desgraça”, disse ela, empinando o corpo na cadeira e se mostrando positivamente horrorizada. Segurou a bolsa com mais força como se eu tivesse intenção de roubá-la. “É claro que todos nós temos de pagar imposto, o senhor não sabe disso? Devia se envergonhar.”

“Por quê?”, protestei. “Não tem nada a ver comigo. Eu pago o meu.”

“E o que o senhor quer, uma condecoração? Na minha opinião, a cadeia é boa demais para os sonegadores de imposto. Eles deviam ser enforcados.”

“E os assassinos?”, perguntei. “O que devia acontecer com eles?”

Ela sacudiu a cabeça, irritada, e virou a cara, e foi um alívio quando um jovem e belo carcereiro entrou na sala com uma prancheta e chamou os nossos nomes um por um, conduzindo-nos por um corredor a um salão aberto, onde todos nos sentamos a mesinhas brancas com números inscritos no tampo. Poucos minutos depois, uma porta se abriu e um grupo de homens de pulôver de lã e calça cinzenta entraram trotando, esquadrinhando o salão em busca de rostos conhecidos. Fiquei um pouco surpreso ao ver Charles acenando para mim com muito entusiasmo e, quando ele se aproximou e eu me levantei para lhe apertar a mão, fiquei ainda mais perplexo quando ele me puxou para junto dele e quase me afogou num forte abraço.

“Sente-se, Avery”, disse um guarda mais velho, vindo em nossa direção e trazendo consigo um desagradável cheiro de suor de pelo menos quatro dias. “Não é permitido contato físico.”

“Mas esse homem é o meu filho!”, gritou Charles, revoltado. “Que país é este se um homem não pode abraçar o filho único em público? Por acaso foi para isso que Robert Emmet morreu? E James Connolly? E Pádhraic Pearse?”

“É sentar ou voltar pra cela”, rosnou o guarda, que evidentemente não estava para debates. “A escolha é sua.”

“Ótimo, vou me sentar”, resmungou Charles, rendendo-se enquanto eu me sentava diante dele. “Falando francamente, Cyril, me tratam aqui como se eu fosse um criminoso. Extrapolam todos os

limites.”

Estava mais envelhecido que na última vez em que eu o vi — agora tinha cerca de setenta e cinco anos —, mas conservava a boa aparência. Sempre havia sido um homem bonito, é claro, e a beleza dos traços tinha persistido na velhice, como sói acontecer com homens que absolutamente não merecem tal dádiva. A única surpresa foi a barba grisalha que lhe forrava as faces e o queixo. A vida toda ele fizera questão de se manter muito bem barbeado, chamando os barbudos e os bigodudos de socialistas, hippies ou jornalistas, e eu fiquei um pouco surpreso ao constatar que não mantinha a sua rotina matinal na prisão. Também fedia um pouco e os seus dentes pareciam mais amarelados do que eu os recordava.

“Mas como vai você?”, perguntou, sorrindo para mim. “É bom revê-lo.”

“Vou bem, Charles. Eu teria vindo antes se você tivesse me convidado.”

“Não precisa se desculpar. O presídio não me dá muitas solicitações de visita e, quando isso acontece, eu as envio aos velhos amigos e às mulheres. Mas agora todos eles parecem que estão morrendo um por um. Os velhos amigos, digo; as mulheres simplesmente não dão as caras. Então, um dia, o seu nome pipocou na minha cabeça e eu pensei: *Por que não?*”

“Estou emocionado”, disse eu. Tinha-o visto em apenas duas ocasiões desde o meu regresso a Dublin três anos antes, de modo que não éramos exatamente íntimos. A primeira foi um encontro casual na Brown Thomas, na Grafton Street, e, quando me aproximei para cumprimentá-lo, Charles me confundiu com um balconista e me perguntou se eu sabia onde ficavam os lenços. Indiquei o lugar certo e ele se foi. A segunda foi no seu julgamento, ocasião em que me pediu que levasse graxa de sapato e um Cornetto à sua cela na manhã seguinte.

“Como é a vida na prisão?”, perguntei. “Está indo tudo bem por aqui?”

“Bom, eu não fui estuprado por um bando de assaltantes de banco multiétnicos, se é isso que você quer dizer.”

“Não, não foi bem isso que eu quis dizer.”

“E acho que não é tão ruim assim, afinal de contas”, acrescentou ele. “Já estive aqui antes, e as coisas melhoraram muito de lá para cá. Eu tenho aparelho de televisão próprio, o que é maravilhoso, pois acabei me viciando em novelas australianas e não quero perdê-las.”

“Me alegra saber que você está ocupando o tempo de maneira

útil.”

“Aliás, estou pensando em ir para Melbourne quando sair daqui. Parece que é um lugar agradabilíssimo. Cheio de drama, belas praias, garotas bonitas. Você assiste *Neighbours*, Cyril?”

“Bom, eu já vi”, admiti. “Mas não posso dizer que assisto.”

“Pois devia. É magnífica. Shakespeariana na caracterização.”

“Olhe, eu não sei se a Austrália deixa entrarem criminosos condenados”, observei.

“Se for preciso, eu sempre posso molhar a mão do pessoal da imigração”, disse ele com uma piscadela. “Todo mundo tem o seu preço. Estou farto deste país. Está na hora de recomeçar num lugar novo.”

Sacudi a cabeça com incredulidade. “Parece que você não aprendeu nada quando esteve aqui pela primeira vez. E também não está aprendendo nada agora.”

“Do que você está falando? O que é que eu devia ter aprendido?”

“Que este país tem uma coisinha chamada imposto de renda. E que você é obrigado a pagar. Do contrário, vai preso.”

“Ora, a propósito disso”, disse Charles com desdém, “eu sei tudo sobre as leis fiscais e acho que desta vez eu não fiz nada de errado. Da outra vez, reconheço que eles tinham toda a razão em me pôr atrás das grades. Ganhei muito dinheiro nos anos 40 e 50 e escondi a maior parte sem pagar um centavo ao governo. Uns fascistas de merda, todos eles, abusando do poder para se locupletar. Se bem que, se você me perguntar, até daria para eu dizer que o Max Woodbead foi o verdadeiro culpado. Foi ele que armou todo o esquema e me deu péssimos conselhos. Aliás, como será que está o velho Max, eu me pergunto. Você tem notícia dele? Eu mandei para ele uma solicitação de visita há algumas semanas, mas não tive resposta. Você acha que ele ainda guarda ressentimentos por causa daquela história com a Elizabeth?”

“Duvido. O Max morreu há quase dez anos, e eu imagino que não se preocupe mais com isso. Você não sabia?”

Charles coçou a cabeça e se mostrou meio confuso. Eu me perguntei se a memória não estava começando a pregar peças nele. “Oh, sim”, disse ele, enfim. “Agora que você lembrou, acho que ouvi falar na morte dele. Pobre Max. Ele não era tão mau assim. Casou com gente das altas rodas, coisa que todo homem inteligente deve fazer. Eu casei com gente da alta várias vezes. E depois com mulheres do mesmo nível. E com algumas das classes mais baixas também. Nunca encontrei o nível certo, no fim das contas. Talvez devesse ter me

casado na diagonal ou numa direção ligeiramente curva. Mas a Elizabeth era uma grande beleza, sem dúvida. Tinha de tudo: classe, dinheiro, educação e um belo par de pernas.”

“Eu lembro”, concordei, pois Julian certamente herdara a beleza da mãe. “Você teve um caso com ela.”

“Nós não tivemos caso nenhum”, negou ele, a palavra “caso” saindo da sua boca como algo ordinário. “Só fizemos sexo algumas vezes, nada mais. Caso pressupõe emoções em jogo e não houve nenhuma. Pelo menos da minha parte. Não posso falar por ela. Acho que também já morreu.”

“Sim, a Elizabeth também.”

“Morreu todo mundo”, suspirou Charles antes de se encostar no respaldo da cadeira e olhar para o teto. “Pobre Max”, repetiu. “Foi uma vergonha ele morrer sem ter tido uma oportunidade de me pedir desculpas. Aposto que gostaria de fazer isso.”

“Desculpas por quê?”

“Em primeiro lugar, por ter me colocado aqui. E por ter me dado um soco na cara quando eu estava tentando subornar um júri. Isso não ajudou em nada a minha defesa. Se eu não me engano, o filho dele era da sua laia, não era?”

“Da minha laia?”, perguntei com uma careta. “Qual é a minha laia?”

“Um gay.”

“O Julian?”, disse eu quase rindo do absurdo da ideia. “Não, de jeito nenhum. Ele era cem por cento macho.”

“Não foi bem isso o que me contaram. Esse garoto não pegou... sabe...” Charles se inclinou para a frente e cochichou. “A aids.”

“O nome é só aids”, expliquei. “Não *a* aids. E também não precisa dizer *um* gay.”

“Ora, seja lá o nome que for, ele morreu disso.”

“É verdade.”

“Então eu estava coberto de razão”, sorriu ele, encostando-se na cadeira. “O garoto era um gay.”

“Não era”, insisti, pensando em como Julian ficaria furioso se pudesse ouvir a nossa conversa. “Qualquer um pode pegar aids, independentemente da preferência sexual. Mas isso não tem mais nenhuma importância. Ele também se foi.”

“Aqui tem dois caras com o HIV”, contou Charles, olhando para os lados e tornando a baixar a voz. “Ficam trancados na solitária, é claro, se bem que, de vez em quando, eles podem sair para jogar uma partida de tênis de mesa enquanto o resto dos presos fica fechado nas

celas. Depois os carcereiros lavam as raquetes com desinfetante. Não conte para ninguém.”

“Nem uma palavra”, prometi. “Mas nós estávamos falando em imposto, lembra? E na sua incapacidade de pagá-lo.”

“Eu continuo achando muito injusto o que fizeram comigo”, disse ele, franzindo o cenho. “Afinal, desta vez foi um erro honesto.”

“Ouvi dizer que foram dois milhões de erros honestos.”

“Sim, mais ou menos esse número. Mas me corrija se eu estiver errado: neste país existe uma coisa chamada isenção de artista. Os escritores não são obrigados a pagar imposto de renda pelo que ganham. Obrigado, sr. Haughey, o senhor é um generoso mecenas.”

“É verdade”, disse eu, pois se tratava de uma lei que beneficiara muito Ignac quando os seus romances passaram a fazer sucesso. “Mas há um detalhe, Charles. Você não é propriamente escritor.”

“Não, mas a maior parte da minha renda vem de direitos autorais. Sabe quantos livros Maude vendeu no mundo inteiro até agora?”

“Na última vez que ouvi falar, eram mais ou menos 20 milhões.”

“Vinte e dois milhões”, corrigiu ele triunfalmente. “Não, não me felicite! E ela ainda vende cerca de 1 milhão por ano, Deus a abençoe.”

“Mas o fato de Maude ter deixado o espólio dela para você não quer dizer que você tenha direito à isenção fiscal. Foi o que te explicaram no julgamento, embora, para mim, isso fosse óbvio desde o começo.”

“Mas é uma grande injustiça, não acha? O Homem da Receita sempre invejou o meu sucesso.”

“Não é o seu sucesso”, retruquei. “É o sucesso da Maude. E, para ser justo, você tinha uma renda excelente e não precisava trapacear o sistema.”

Charles deu de ombros. “Enfim”, disse. “Acho que não tem tanta importância. Eu paguei o que devia e me sobrou uma fortuna no banco. E a grana continua entrando. Talvez eu pague um pouco no ano que vem. Depende de como estiver me sentindo. Dou graças a Deus pela existência das universidades, não tenho razão? Parece que todas elas ensinam os livros da Maude. Com exceção das canadenses. Por que isso, você sabe? Por que os canadenses implicam tanto com a obra da Maude?”

“Não sei dizer.”

“Gente esquisita aquela. Tente descobrir, sim? Você ainda trabalha no Ministério da Educação, não é? Lá deve haver uma espécie de grupo intercultural ou... ou...” Ele silenciou, aparentemente sem

saber como concluir a frase.

“Charles, faz quase trinta anos que eu saí do serviço público”, disse eu, já começando a me preocupar com ele.

“Saiu? Mas é um ótimo emprego, sabe? Ótima aposentadoria. Tenho certeza de que, se você pedir para voltar, eles te dão uma chance. O que foi que você fez de tão errado, afinal? Foi pego de calça curta? Deu um amasso na secretária quando a porta estava fechada?”

Suspirei e olhei rapidamente pela janela. No pátio, um grupo de homens jogava futebol e outros ficavam por ali fumando e batendo papo. Observei, esperando que saísse uma briga como sempre acontecia nos filmes, mas não houve briga nenhuma. Pelo contrário, todos pareciam a fim de aproveitar o dia ensolarado. Coisa decepcionante.

“Quanto tempo você vai ficar por aqui ainda?”, perguntei, enfim, voltando-me para ele.

“Só seis meses. Aqui não é tão ruim, você sabe. A comida até que é muito boa. E o meu companheiro de cela, Denzel, é um cara decente. Assaltou três agências de correio em lugares diferentes do país, mas você precisava ouvir as histórias dele!” Riu, lembrando-se delas. “Você bem que podia usar uma delas nos seus livros, só que Denzel provavelmente te processaria por plágio. Você sabe como são esses presidiários. Todos estudam direito nas horas vagas.”

“Eu não escrevo livros, Charles. Trabalho na biblioteca da Dáil.”

“Claro que escreve. Escreve livros infantis sobre um menino croata que viaja no tempo, não?”

“O menino é esloveno. Mas quem escreve os livros não sou eu, é o Ignac.”

“Que Ignac?”

“É... digamos, é uma espécie de filho meu. Algo assim.”

“Pensei que o seu filho se chamasse Colm.”

“Não, é Liam.”

“E ele escreve os livros?”

“Não”, bufei novamente. “Quem escreve é o Ignac. O Liam é estudante.”

“Foi ele que escreveu o livro sobre a mulher que odiava tanto o marido que ia todo dia ao cemitério mijar no túmulo do coitado?”

“Não, esse é da Maude”, respondi, recordando uma das cenas mais melodramáticas de *Como a cotovia*.

“Ah, sim, a Maude.” Pensou um pouco. “A boa e velha Maude detestaria ver a popularidade que tem agora.”

“Detestaria. Mas faz muito tempo que morreu. Não teve de sofrer

a indignidade.”

“Como ela dizia?”, perguntou Charles. “A vulgaridade da popularidade?”

“Exatamente.”

“Ainda bem que morreu. Embora eu ainda sinta falta dela às vezes. Nós nunca nos demos bem, mas, mesmo assim, Maude não era das piores. Fumava como uma chaminé, é claro, e eu nunca liguei muito para isso numa mulher. Ela não era a sua mãe verdadeira, sabe? Oh, espere, você sabia disso? Acho que não devia ter tocado no assunto.”

“Sim, eu sabia. Nunca fiz nenhuma confusão quanto a isso.”

“Que bom. Porque você não é um Avery de verdade, não esqueça.”

Eu sorri. “Sim, também sei disso.”

“Mas ainda bem que nós te adotamos”, acrescentou Charles. “Você é um bom menino. Um menino amável. Sempre foi.”

Começou a me dar uma sensação curiosa e fiquei sem saber o que era até que, me observando com mais cuidado, percebi que estava um pouco comovido. Provavelmente, aquela tinha sido a coisa mais gentil que ele me dissera nos nossos quarenta e nove anos de convivência.

“E você não foi um pai tão ruim assim”, menti. “Apesar dos pesares.”

“Oh, acho que isso nós dois sabemos que não é verdade”, disse ele, sacudindo a cabeça. “Eu era terrível. Não mostrava o menor interesse por você. Mas esse era o meu jeito de ser. Não podia mudar. Mesmo assim, te dei um teto, e isso não é pouca coisa. Alguns homens não fazem isso nem pelos próprios filhos. Você ainda mora lá, Colm?”

“Eu sou Cyril”, corrigi. “E a resposta é não, caso esteja se referindo à Dartmouth Square. Você perdeu a casa quando foi preso pela primeira vez, lembra? O Max comprou.”

“Ah, sim, é verdade. Acho que aquele menino agora mora lá com o seu...” Abriu aspas no ar. “*Parceiro*.”

“Não, o Julian não mora lá. Eu já disse, o Julian morreu.”

“Não!”, gritou ele. “Isso é terrível! Espere, agora eu lembrei. Ele foi atacado, não? Por uma gangue qualquer. Espancaram-no até a morte.”

Endireitei o corpo na cadeira e fechei os olhos, perguntando-me até quando teria de aturar aquilo. “Não”, disse. “Esse não era o Julian. Esse era o Bastiaan.”

“O Max me contou que ele morreu antes de chegar ao hospital.”

“Não foi o Max que te contou isso. Fui eu. E, em todo caso, esse

não era o Julian”, repeti. “Era o Bastiaan.”

“Que Bastiaan?”

“Não importa”, disse eu, sacudindo a cabeça, muito embora importasse. Importasse muito. “Olhe, Charles, eu estou ficando um pouco preocupado com você. Tem consultado algum médico?”

“Ultimamente não. Por que pergunta?”

“Estou achando você um pouco... confuso, sabe?”

“Eu não sou demência, se é isso que você quer dizer.”

“Você não *tem* demência”, respondi. “É isso que está tentando dizer?”

“Eu não sou demência”, teimou ele, brandindo o dedo na minha cara.

“Está bem. Você não é demência. Mas olhe, acho que dar uma olhada em você não ia fazer mal para médico nenhum.”

“Só se eu puder ir ao consultório dele”, disse Charles. “Ou dela. Ouvi dizer que hoje em dia tem umas médicas maravilhosas. Não faltava mais nada”, riu. “Elas vão acabar dirigindo ônibus e até votando se ninguém fizer nada para impedir!”

“O presídio não autoriza o preso a sair para ir ao médico”, expliquei. “Exige que o médico venha aqui. A menos que o preso precise fazer exames. E pode ser, sabe, pode ser que você precise fazer exames.”

“Bom, faça o que você achar melhor. A única coisa realmente importante para mim é poder voltar para casa quando eu sair daqui.”

“Aliás, onde é que você mora agora?”, perguntei, pois, na verdade, eu não tinha a menor ideia. Depois do último divórcio — o terceiro, se os meus cálculos estavam certos, depois do quinto casamento —, Charles passara a ter uma existência um tanto nômade.

“Onde você acha?”, perguntou. “Na Dartmouth Square. O lugar em que sempre morei. Eu adoro aquela casa. De lá só saio dentro de um caixão.”

“Provavelmente não. Já que você não mora mais lá. Faz décadas que vendeu a casa.”

“Só porque eu não moro lá não quer dizer que eu não possa morrer lá. Use a imaginação, sim? Que diabo de escritor você é afinal?”

“Um que não escreve.”

“Eu me recuso a morrer na prisão como Oscar Wilde ou Lester Piggott.”

“Nenhum deles morreu na prisão.”

“Teriam morrido se os fascistas tivessem feito o que queriam.”

“Olhe, deixe isso por minha conta, está bem?”, disse eu. “Vou dar um jeito. Afinal nós ainda temos seis meses.”

“A não ser que eu seja solto mais cedo por bom comportamento.”

“Me faz um favor, Charles. Tente não ser tão bom assim, tá? Cumpra a sua pena até o fim. Isso facilitará muito as coisas para mim.”

“Está bem”, concordou ele. “Não faz mal. Um dia desses, eu armo um escarcéu no café da manhã e isso me manterá aqui até o amargo fim.”

“Obrigado. Fico muito agradecido.”

“Sem problema. Mas aonde é que nós vamos hoje?”

“Você provavelmente fica aqui mesmo. Não tem aula de arte nas terças-feiras à tarde?”

“Eu parei de ir”, disse Charles, fazendo cara de nojo. “A gente estava desenhando com modelo vivo e aquele falsificador de passaporte obeso mórbido de cento e cinquenta quilos, com o corpo coberto de tatuagens, estava posando nu para nós. O cara tinha até a palavra *Mãe* tatuada no pênis, coisa que seria um prato cheio para o Freud. Aquilo me deu vontade de arrancar os meus olhos das órbitas. Você eu aposto que adoraria. Ou o filho do Max, o Julian. Ele cairia de boca no gordão.”

“Então volte para a sua cela”, respondi. “Tire uma soneca. Vai se sentir melhor quando acordar.”

“Vou. Eu não dormi quase nada ontem à noite. O que você vai fazer?”

“Não sei. Pensei em ir ao cinema. Eu ia me encontrar com o Liam, mas ele cancelou. Outra vez.”

“Quem é esse Liam?”

“O meu filho.”

“Mas o seu filho não chama Inky ou coisa que o valha?”

“Você está confundindo com o Ignac. Ele é outro filho.”

“Puxa, você gosta mesmo das moças, hein?”, perguntou ele com um sorriso de prazer. “Filho de peixe peixe é! Quantos filhos você tem com quantas mulheres?”

Sorri e me levantei, estendendo a mão para apertar a dele. Ele a aceitou, mas o seu aperto estava longe de ter a firmeza de outros tempos.

“Eu não sou demência”, voltou a dizer, mais baixo desta vez e com uma expressão de súplica. “Só fico um pouco confuso às vezes, nada mais. É a idade. Isso acontece com todo mundo. Vai acontecer com você também, anote as minhas palavras.”

Eu não disse nada, simplesmente me afastei pensando no quanto ele estava equivocado. A velhice não chegara para Maude. Nem para Julian. Nem para Bastiaan. Nem para centenas de moças e rapazes que eu atendi em Nova York no auge dos anos da peste. A velhice não chegava necessariamente para todos. E palavra que eu não sabia se ia chegar para mim.

DOIS BARES

Como o meu televisor estava quebrado, fui assistir à partida no Doheny & Nesbitt's, na Baggot Street. Era grande o entusiasmo com o jogo, é claro; uma vez mais, o país estava perdendo o seu espírito coletivo e os mesmos jogadores ingleses que foram vilipendiados numa tarde de sábado, quando jogaram pelo Arsenal ou o Liverpool, agora eram venerados por estarem envergando a camiseta da Irlanda, graças ao fato de os seus avós terem saído do país cinquenta anos antes.

O bar estava movimentado como eu esperava, mas, depois de pedir um caneco, descobri uma mesa num canto com boa visão do telão. Encostei a bengala na parede e, como ainda faltasse um pouco para o pontapé inicial, tirei do bolso o último romance de Floriak Ansen de Ignac e retomei a leitura na página em que a havia interrompido na noite anterior. Neste, o nosso herói viajante no tempo havia retornado à Idade do Gelo e estava causando tumulto entre os esquimós, que procuravam ensinar-lhe a fazer buraco no gelo para pescar, coisa que o deixava bem contrariado porque ele era um vegetariano convicto. Eu havia lido apenas algumas páginas quando o volume aumentou e todos no bar se voltaram para o enorme telão pendurado no teto. Os times estavam entrando em campo. Quando os hinos tocaram, os jogadores apareceram de olhos semicerrados ao sol do Giants Stadium e o locutor fez alguns comentários sobre o calor, que, na sua opinião, seria mais vantajoso para os italianos que para os irlandeses, que não estavam acostumados com tais luxos.

Olhando para o balcão, avistei dois jovens pagando pela cerveja e depois vasculhando um lugar onde passar as duas horas seguintes. Quando se voltaram para a minha direção, olhei para um deles, e ele também olhou para mim, e eu não tive escolha senão apontar para as cadeiras vazias à minha mesa. O rapaz olhou para o amigo antes de cochichar alguma coisa no ouvido dele, e, pouco depois, os dois vieram e se sentaram.

“Que surpresa”, disse eu, esforçando-me para ser simpático. “Eu

não esperava topar com você aqui.”

“Nem eu”, sorriu Liam. “Pensei que você não se interessasse por futebol.”

“Agora todo mundo se interessa, não acha? Você é considerado um traidor se for trabalhar e não puder discutir cada jogada que viu na televisão na noite anterior.”

Liam tomou um trago da sua bebida e olhou para a tela. “Jimmy, este é Cyril”, disse pouco depois para o amigo, que tinha mais ou menos a mesma idade que ele — vinte anos —, embora fosse bem mais corpulento, um ursão que imaginei avançando no campo de rúgbi do Donnybrook com expressão de pura determinação e, depois, enxugando dez canecos de Guinness em Kielys sem piscar um olho. “O meu...” Deu a impressão de se esforçar para achar a palavra, embora só houvesse um modo válido de concluir a frase. “O meu pai”, concedeu enfim.

“O teu velho?”, perguntou Jimmy, batendo o caneco no meu e olhando para mim com ar de genuína satisfação. “Prazer em conhecê-lo, sr. Woodbead.”

“Eu me chamo Avery”, disse eu. “Mas, por favor, me chame de Cyril. Ninguém me chama de sr. Avery.”

“Cyril? A gente já não encontra muitos. É um nome antigo, não?”

“Acho que sim. Eu sou antigo.”

“Qual é a sua idade?”

“Quarenta e nove.”

“Puxa, que loucura.”

“Loucura por quê?”

“Eu nem posso imaginar ficar tão velho assim. É por isso que você usa bengala? Os seus velhos joelhos já eram?”

“Cala a boca, Jimmy”, disse Liam.

“Olhe só, Liam”, disse Jimmy, dando um cutucão nas costelas do amigo. “O teu pai é da idade da minha mãe. Você é casado, Cyril, ou está no mercado? A minha velha brigou com o cara dela faz mais ou menos um mês e de lá pra cá virou um puta pesadelo impossível de suportar. Está interessado em sair com ela uma noite dessas? Uma pizza e umas birras ou coisa assim. Ela não dá muito trabalho.”

“Acho que não”, disse eu.

“Por que não?”, quis saber ele, mostrando-se ofendido. “Ela ainda é uma mulher bonita, sabe. Para uma coroa.”

“Tenho certeza de que é, mas duvido que dê certo.”

“Você só quer saber das jovens, não é? Sorte sua se ainda consegue pegar umas por aí.”

“Ele não se interessa por mulher”, disse Liam.

“Como ele pode não se interessar por mulher”, perguntou Jimmy. “Ainda está vivo, não está? Tem pulso? Os joelhos pode ser que não prestem, mas a velha trolha dele ainda funciona.”

“Ele não se interessa por mulher”, repetiu Liam. “Por mulher nenhuma. Pense um pouco.”

Jimmy pensou.

“Por acaso você não está querendo dizer que ele é veado?” Olhou para mim e ergueu as mãos no ar. “Sem querer ofender, Cyril”, acrescentou.

“Não estou ofendido.”

“Eu não tenho problema com gays. Deixe os caras serem gays à vontade, é o que eu digo. Sobram mais gatinhas para mim.”

Eu ri e tomei um gole de cerveja. Até mesmo Liam se virou com um leve sorriso nos lábios, que era o máximo que eu podia tirar dele.

“Tem um cara que mora perto da minha casa”, continuou Jimmy. “Ele é da sua turma. Chama-se Alan Delaney. Conhece?”

“Não”, disse eu.

“Um cara alto. Cabelo escuro. É caolho.”

“Nunca vi mais gordo. Mas a gente não costuma se reunir em convenções, sabe?”

“Por que não? Não ia ser um jeito legal de vocês se conhecerem?”

Pensei um pouco; não chegava a ser uma ideia totalmente idiota.

“Super gente boa o Alan”, prosseguiu ele. “E meio galinha também. A gente nunca sabe quem vai ver entrando ou saindo da casa dele de manhã. Que tipo de caras você gosta, se é que eu posso perguntar?”

“Não estou procurando ninguém no momento”, disse eu. “Estou bem acompanhado de mim mesmo.”

“Ah, isso não pode ser verdade. Você é velho, mas não tanto assim. Quer que eu te apresente para o Alan?”

Olhei para Liam, esperando um pouco de apoio, mas ele parecia estar se divertindo muito com a conversa e com o meu constrangimento e desejando que as duas coisas continuassem.

“Me dê o seu telefone, Cyril”, pediu Jimmy. “Escreva aí na bolacha da cerveja e eu passo para ele.”

“Não há nenhuma...”

“Dê o seu número”, insistiu ele. “Eu sou bom nesse tipo de coisa. Dar uma de cupido e tal.”

Peguei uma bolacha, escrevi um número qualquer e o entreguei; achei que seria a melhor maneira de pôr fim àquilo.

“Agora, se você acabar pegando o Alan Delaney, vai ter de me agradecer, Cyril”, disse ele guardando o número no bolso. “E pode me pagar uma cerveja da próxima vez.”

“Sem falta.”

“Os caras sempre choveram na sua horta?”

“Putá merda”, protestou Liam, sacudindo a cabeça. “Isso vai durar a noite inteira?”

“Só estou perguntando”, explicou Jimmy. “Eu me interessou muito pela sexualidade humana.”

“Só se for pelo seu cu.”

“Sim”, disse eu. “Sempre apareceu um ou outro cara.”

“Mesmo assim, você já deve ter entrado na mulherada uma vez. Quer dizer, para produzir esse ótimo modelo de virilidade.”

“Pare com isso, sim?”, rosnou Liam. “Assista o jogo.”

“Ainda não começou.”

“Então assista os comerciais e cale a boca.”

“Comercial é para isso, para a gente ficar batendo papo, todo mundo sabe.” Jimmy passou um ou dois minutos calado, então se saiu com esta: “Quer dizer que a mãe do Liam foi a única mulher que você traçou?”.

Notei que Liam olhou para mim como se estivesse interessado na minha resposta.

“Foi”, disse eu, sem saber se estava fazendo revelações demais a um perfeito desconhecido, à parte o fato de as suas perguntas parecerem inteiramente ingênuas. “A única.”

“Putá merda”, espantou-se Jimmy. “Isso não dá para imaginar. Eu já estou quase nos dois dígitos.”

“Cinco não é quase dois dígitos”, observou Liam.

“Vá a merda!”, rugiu Jimmy. “São seis.”

“Boquete não conta.”

“Claro que conta. Em todo caso, mesmo cinco são duas a mais que você, seu semivirgem.”

Desviei a vista; queria muito saber mais a respeito do meu filho, mas não tanto.

“Mas por que é que vocês dois não têm o mesmo sobrenome?”, quis saber Jimmy depois de uma pausa que me permitiu chamar a atenção do garçom e providenciar mais três canecos de cerveja.

“Como?”

“Você e o Liam. Ele é Woodbead e você é Avery. Não entendo.”

“Ah, sei. É que o Liam usa o sobrenome da mãe”, expliquei.

“Na verdade, o do meu tio”, corrigiu Liam. “O tio Julian foi como

um pai para mim na minha infância.”

Assimilei o golpe em todo o seu impacto e não disse nada; Jimmy ficou olhando para um e para o outro com um sorriso largo, como se não pudesse entender se aquilo era uma forma de provocação de que gostávamos ou se se tratava de coisa mais séria.

“Esse tal Julian era seu irmão?”, indagou, olhando para mim.

“Não. Era o irmão mais velho da mãe do Liam. Faleceu há alguns anos.”

Jimmy baixou um pouco a voz. “Sei. Lamento.”

“Eu gostava muito dele”, disse Liam numa exibição de emoção incomum nele, claramente dirigida mais a mim que ao seu amigo.

“Pontapé inicial”, anunciou Jimmy, apontando para a tela, onde a bola agora estava em jogo e as duas equipes se movimentavam no campo num começo de partida um tanto hesitante. No bar, alguns clientes soltavam gritos de estímulo para os jogadores, mas era cedo demais para manifestações mais dramáticas e, passados alguns minutos, eles sossegaram.

“Como foi que vocês dois se conheceram?”, perguntei, e Liam sacudiu a cabeça em sinal de que não estava disposto a responder a uma pergunta tão maçante, deixando esse trabalho para Jimmy.

“A gente estuda junto no Trinity.”

“Você também estuda história da arte?”

“Deus me livre. Eu estudo administração. Tem gente que quer ganhar dinheiro, Cyril. Eu quero uma mansão, um carro super-rápido e uma Jacuzzi cheia de gatinhas fonfonando.”

“Ronronando?”

“É. Isso aí. Quer saber qual é o meu grande objetivo na vida?”

“Escute só”, disse Liam.

“Conte.”

“Quero comprar uma casa na Vico Road perto da do Bono.”

“Por quê?”, perguntei.

“Por que não? Imagine as festas que a gente ia dar! Eu olho por cima da cerca e digo: *Ei, Bono, por que você não vem aqui com a Madonna, o Bruce e a Kylie? Aí a gente pula na Jacuzzi e se diverte às pampas?* E o Bono responde: *Tudo bem, Jimmy, daqui a cinco minutos a gente está aparecendo aí.* Sabe que o Salman Rushdie morou na casinha no fundo do quintal do Bono?”

“Não”, disse eu. “É verdade?”

“Foi o que eu ouvi dizer. Durante a... como é que chama mesmo?”

“A fatwa?”

“Isso aí. O Salman ficava na casinha com o cortador de grama, escrevendo os livros dele, e o Bono ficava lá na casa limpando os óculos escuros, e imagino que, de vez em quando, os dois se juntavam para jogar uma partida de xadrez ou coisa assim.”

Os italianos chutaram a gol e o pub explodiu de consternação e, a seguir, de alívio quando a bola passou por cima do travessão. Observando os dois rapazes reagirem exatamente como todo mundo no pub, eu me perguntei se eles não tinham mais em comum do que eu percebia, pois, no breve espaço de tempo que havíamos passado juntos, eles me pareceram tipos completamente diferentes.

“Eu não imaginava que houvesse muita confraternização entre os caras da administração e os das artes”, disse enfim.

“Por que não?”, perguntou Liam, olhando para mim como se não pudesse imaginar um comentário mais imbecil.

“Tipos diferentes de gente, acho.”

“Não sei por quê.”

“A gente só é amigo porque o seu filhote aqui presente me roubou uma namorada e um panaca da sociologia roubou a mesma mina dele”, esclareceu Jimmy. “E, como dizem, a nossa indignação comum nos uniu.”

“Muito bem”, disse eu, rindo.

“Os estudantes de sociologia são os piores”, prosseguiu ele. “Um bando de babacas de merda. Mesmo porque só um idiota quer ser sociólogo. Isso não significa porra nenhuma. Que diabo um cara pode fazer com um diploma de sociologia?”

“Ele não roubou namorada nenhuma de mim”, resmungou Liam de mau humor. “E eu não roubei de você. Ela é uma mulher de vinte anos, não uma escrava.”

“Uma piranha, isso é o que ela é”, disse Jimmy, sacudindo a cabeça. “Uma biscatinha suja que os caras do Trinity vão passando de mão em mão.” Ele parecia mais indignado com o fim do namoro do que Liam, e eu me perguntei se isso era típico da atitude do meu filho para com as garotas. Não queria que ele fosse tão inepto em matéria de relacionamentos quanto eu era na idade dele, mas tampouco queria que fosse displicente como o tio. Nem eu nem Julian tínhamos sido bons modelos de comportamento para ele.

Liam e eu não nos conhecemos logo depois da morte de Julian, que provavelmente teria sido o modo como um entraria na vida do outro. E, embora, dadas as circunstâncias, a culpa não fosse minha, eu lamentava muito não ter podido satisfazer o último desejo do tio dele: telefonar para Alice e contar que o seu irmão tinha morrido. Era o que

eu pretendia fazer naquela noite, assim que chegasse em casa com Bastiaan, mas é claro que isso não aconteceu, e, mais ou menos na hora em que fui levado às pressas à sala de cirurgia, um *guarda* nervoso chegou à casa da Dartmouth Square para dar a notícia. Semanas depois, quando saí do estado de coma e dei com Ignac sentado à minha cabeceira, pronto para me dar a péssima notícia — que Bastiaan não só morrera como o seu corpo tinha sido levado de volta à Holanda, onde Arjan e Edda providenciaram um funeral privado sem mim —, nem cheguei a pensar na minha promessa, tão consumido estava pela depressão e a tristeza. Ironicamente, mais ou menos nessa época, Ignac rompeu com Emily, cuja falta de compaixão face a uma tragédia familiar foi suficiente para que ele a repelisse de uma vez por todas. Há males que vêm para bem, como dizem.

No fim, esperei vários anos até me recuperar, até que o processo terminasse, até que eu voltasse a Dublin para entrar em contato com Alice. Escrevi uma longa carta explicando o quanto eu lamentava o modo como a havia tratado em todos aqueles anos. Contei-lhe que as circunstâncias me colocaram no mesmo lugar que Julian, em Nova York, na sua última semana de vida e que eu estava ao seu lado quando ele morreu. Não sabia se isso lhe serviria de consolo, mas esperava que servisse. E, enfim, disse que, talvez sem querer, Julian me dera a entender que a nossa única noite de intimidade havia resultado num bebê. Disse que entendia por que ela não havia me contado, mas que gostaria de conhecer o nosso filho, caso ela concordasse.

Como era de esperar, Alice demorou várias semanas para responder. A carta que enfim recebi parecia ter sido escrita e reescrita muitas vezes antes que ela chegasse a uma versão final, e o tom em que escreveu era de extrema indiferença, como se lhe custasse um grande esforço até mesmo lembrar quem eu era, coisa naturalmente impossível, tendo em conta que continuávamos tecnicamente casados e tínhamos um filho. Alice dizia que Liam passara anos fazendo perguntas a meu respeito, que tinha se interessado, claro, em saber quem era o pai, e que ela havia contado a verdade: que eu a tinha abandonado no dia do casamento, humilhando-a na frente de todos os amigos e parentes. Porém, ela tinha omitido o que chamava de minhas “tendências”. *Isso eu não quis infligir a ele. Para ele já era mais do que difícil ser criado sem pai, não havia necessidade de fazê-lo enfrentar mais isso.*

Acrescentou que tinha dúvidas sobre o meu encontro com ele e preferia discutir a questão pessoalmente, e assim, num fim de tarde de

quarta-feira, saí do trabalho e, ansioso e inseguro quanto ao desfecho daquele encontro, fui rever a minha esposa no pub Duke, vinte anos depois do nosso casamento.

“Finalmente você apareceu”, disse ela ao chegar com quinze minutos de atraso e dar comigo sentado num canto, com um caneco de cerveja e um exemplar do *Irish Times* daquele dia. “Que eu saiba, você disse que ia voltar dali a alguns minutos.”

Sorri; tinha sido uma boa fala. Ela estava lindíssima, o cabelo castanho chegava aos ombros e os olhos tinham um brilho ainda mais inteligente e espirituoso que antes.

“Desculpe, eu me distraí um pouco”, respondi. “Posso ir buscar uma bebida para você, Alice?”

“Uma taça de vinho branco. Grande.”

“Algum tipo particular?”

“O mais caro que tiver.”

Fiz que sim e fui ao balcão. Quando voltei à mesa com o vinho, Alice tomara o meu lugar junto à parede com vista do salão, relegando-me à cadeira em frente. O meu drinque e o meu jornal também tinham mudado de lugar.

“O seu cabelo está bem mais ralo do que antigamente”, disse, tomando um gole de vinho e desdenhando a minha tentativa de fazer tim-tim. “Eu não diria que você está um caco, mas bem que podia perder uns quilinhos. Não faz ginástica?”

“Não é tão fácil”, respondi, apontando para a minha bengala, em que Alice provavelmente não havia reparado, e ela teve a gentileza de se mostrar envergonhada.

“Puxa, a gente devia ter ido ao Horseshoe Bar, não acha?”, disse ela. “Para continuar a partir de onde nós paramos. Foi lá que eu te vi pela última vez. Você estava recebendo os convidados e parecia mais feliz do que nunca.”

“É mesmo?”, perguntei, duvidando. “Jura?”

“Juro.”

“O.k.”

“E depois nunca mais te vi.”

Um demorado silêncio.

“Bom, naquele dia, pelo menos consegui chegar ao altar”, prosseguiu Alice enfim. “Na primeira vez, nem isso eu fiz. Não deixou de ser um *progresso*. Quem sabe na próxima vez eu consigo chegar ao fim da lua de mel.”

“Não sei o que dizer, Alice”, balbuciei sem coragem de olhar nos olhos dela. “Não sei mesmo. Morro de vergonha do que fiz. Fui

covarde, cruel e desalmado.”

“Isso se você quiser usar eufemismos.”

“O homem que está falando com você”, repliquei, escolhendo as palavras com cuidado. “O homem que está falando com você não é aquele que saiu de fininho do Shelbourne anos atrás.”

“Não é? Pois se parece muito com ele. Só é menos atraente. E você não saiu de fininho, saiu correndo.”

“Não posso desculpar os meus atos”, continuei. “Nem posso reparar o que te fiz, mas agora sou capaz de olhar para trás, tantos anos depois, e ver que tinha de chegar uma hora na minha vida em que eu ia ser obrigado a encarar quem eu era. Quem eu sou. Naturalmente, devia ter feito isso muito antes, e é claro que não podia tê-la envolvido nos meus problemas, mas não tive a coragem ou a maturidade de ser sincero comigo mesmo, muito menos com as outras pessoas. Mas, por outro lado, a minha vida é minha. E eu sou quem sou por causa das coisas pelas quais passei. Não podia ter me comportado de maneira diferente, mesmo que quisesse.”

“Sabe”, disse ela com voz mais dura, “nunca imaginei que voltasse a ver você, Cyril. Palavra que não. E, francamente, tinha esperança de nunca mais ver você.”

“Imagino que eu não posso fazer absolutamente nada para melhorar isso?”

“Está imaginando certo.”

“Você precisa entender que...”

“Pare”, disse Alice, pondo o copo na mesa com ruído. “Faça o favor de parar. Não estou aqui para discutir o passado outra vez. Isso já ficou para trás. Não era sobre isso que íamos conversar.”

“Foi você que começou”, retruquei, irritado.

“Está me culpando? Eu acho que tenho direito de me zangar um pouco.”

“Eu estou tentando explicar, só isso. Se você soubesse o que era crescer gay na Irlanda dos anos 50 e 60...”

“Não estou interessada em nada disso”, interrompeu ela com um gesto. “Não sou uma pessoa política.”

“Não se trata de política. Trata-se da sociedade e da intolerância e...”

“Você acha que sofreu horivelmente por causa disso, não acha?”

“Acho.”

“No entanto, se você tivesse sido sincero com todo mundo desde o começo — com o Julian, comigo —, podia ter evitado todo esse problema e esse sofrimento. Não só os meus, mas também os seus.

Não duvido que você tenha passado por poucas e boas, Cyril. Não duvido que tenha sofrido com a injustiça de ter um problema desses...”

“Não é um problema...”

“Mas o meu irmão era o seu melhor amigo. E não é para isso que servem os melhores amigos? Para ter confiança neles?”

“O Julian não entenderia.”

“Teria entendido se você contasse.”

“Eu contei.”

“Contou cinco minutos antes de casar comigo!”, disse ela com uma gargalhada. “Isso não foi contar nada. Foi tentar sabotar o casamento para que ele te autorizasse a dar o fora. Coisa que, aliás, você ainda podia ter feito. Podia simplesmente ter fugido como o Fergus.”

“Como eu podia fazer isso”, disse eu sem convicção. “Teria sido a história se repetindo.”

“E você acha que fez coisa melhor?”

“Não, claro que não.”

“Foi muitíssimo pior. Olhe, eu detesto o Fergus pelo que ele me fez, mas, pelo menos, teve peito de não ir até o fim com uma coisa que ele achava que não era para ele. Nem disso você foi capaz.”

“Então eu sou pior que ele?”, perguntei, surpreso com a comparação, pois, na minha arrogância, sempre acreditara que Fergus havia se comportado mal, ao passo que eu tinha minhas razões para fazer o que fiz.

“Sim. Você é. Porque eu te dei uma saída.”

“O quê?”, perguntei, olhando feio para ela.

“Você deve se lembrar. A gente saiu para tomar um drinque e eu sabia que algo estava errado, só não sabia o quê. Era muito ingênua para perceber. Hoje em dia, seria óbvio, imagino. *Seja o que for, conte para mim* — foi o que eu te disse. *Prometo que tudo vai ficar bem*. Se você tivesse me contado...”

“Eu tentei te contar”, apressei-me a dizer. “Várias vezes. Na primeira noite em que nos encontramos, como adultos, digo, achei que podia te contar.”

“O quê?”, perguntou ela, estupefata com o que acabava de ouvir. “Quando?”

“Na noite em que o Julian ia viajar com aquelas gêmeas finlandesas. Eu estava a ponto de te contar e...”

“Do que você está falando”, gritou Alice. “Isso foi antes da gente começar a namorar!”

“Eu estava a ponto de te contar”, repeti. “Só que o teu irmão nos interrompeu. E, em outra ocasião, estávamos jantando, as palavras quase saíram, mas algo dentro de mim não deixou. E mesmo algumas semanas antes do casamento, a gente estava num bar e um homem se aproximou para pedir o número do seu telefone. Eu ia te contar, mas, de repente, o cara apareceu, falou com você, e, quando ele foi embora, tive a impressão de que o momento havia passado e...”

“Santo Deus, você é um merda mesmo, sabia?”, disse Alice. “Era um merda naquele tempo e eu estou vendo que continua sendo um merda e tanto. Um merda egoísta, arrogante e presunçoso que pensa que o mundo te sacaneou tanto que você pode fazer o que der na telha para se vingar. Pouco importa quem você magoe. E ainda tem a coragem de se perguntar por que eu não falei de você para o Liam?”

“Se te serve de consolação, a minha vida depois que eu te deixei não foi fácil. Melhorou durante algum tempo, mas no fim...”

“Cyril”, interrompeu ela. “Sinto muito mas isso não me interessa. Não tenho o menor problema com o seu modo de vida, não mesmo. Aliás, tenho vários amigos gays.”

“Puxa, que bom para você”, disse eu com petulância.

“Acontece que isso não tem nada a ver com o fato de você ser gay”, prosseguiu Alice, inclinando-se para a frente e me olhando bem nos olhos. “Tem a ver com o fato de você ser desonesto. Não dá para enxergar? Enfim, eu não tenho absolutamente nenhum interesse em discutir isso com você, entende? Não quero saber das coisas pelas quais você passou depois que foi embora de Dublin ou com quem esteve ou como era a sua vida. Não quero saber de absolutamente nada. Só quero saber o que você quer de mim.”

“Eu não quero nada de você”, disse eu, mantendo a voz baixa para mostrar que não estava procurando briga. “Mas, já que você tocou no assunto, acho que estou um pouco surpreso em saber que você teve um filho comigo e nunca se deu ao trabalho de me contar.”

“Não foi por falta de tentar. Naquela tarde, quando estávamos no Shelbourne, eu te disse mais de uma vez que precisava conversar com você em particular. Cheguei a telefonar quando você estava lá em cima no quarto e pedi que me esperasse.”

“Como eu podia saber sobre o que você queria conversar? Não, depois que eu fui embora, você podia ter...”

“E como eu entraria em contato com você, mesmo que quisesse?”, perguntou ela. “Que eu saiba, você não deixou nenhum endereço com o porteiro quando saiu correndo do hotel, aos berros.”

“Está bem. Mas havia muita gente que provavelmente podia ter

me localizado se você estivesse a fim para valer. Charles, por exemplo.”

Alice serenou um pouco ao ouvir esse nome. “Charles querido”, disse com ternura na voz.

“Como?”

“Charles foi muito bom para mim. Quer dizer, depois.”

“Não, eu me refiro ao meu pai adotivo, Charles”, esclareci. “Em quem você está falando?”

“Estou falando nele.”

“*Charles* foi muito bom para você? Charles Avery? Você está brincando?”

“Não”, disse ela. O coitado ficou absolutamente mortificado com o que você fez. Vivia pedindo desculpas às pessoas em seu nome e repetindo incansavelmente que você não era um Avery de verdade, não que isso tivesse importância para mim na época, mas, mesmo depois de semanas e meses, ele continuou em contato para saber se eu precisava de alguma coisa.”

“Eu estou assombrado”, confessei depois de uma prolongada pausa, ainda tentando digerir aquilo. “Não tenho grandes problemas com o homem, mas nunca na minha vida ele mostrou um mínimo de compaixão ou consideração por mim.”

“E por acaso você mostrou uma dessas coisas por ele?”

“Eu era apenas uma criança. E ele e Maude praticamente não notavam a minha existência.”

Alice sorriu com amargura e sacudiu a cabeça. “Você há de me desculpar se eu achar difícil acreditar nisso”, disse. “Aliás, fiquei chateada quando li no jornal que Charles está preso novamente. Há anos que não converso com ele, mas, se vocês tiverem contato, por favor, diga que eu não me esqueci dele. Sempre serei agradecida pelo modo como se comportou nos primeiros anos depois do seu sumiço.”

“Por coincidência, não faz muito tempo que eu estive com ele”, contei. “Faltam poucos meses para que saia do Mountjoy. Vai sair logo para tornar a enganar o Homem da Receita.”

“Ele é muito velho para estar preso”, disse ela. “Deviam soltá-lo por razões humanitárias. Um homem com tanta bondade dentro de si merece coisa melhor.”

Eu não disse nada, mas pedi mais dois drinques a um garçom que ia passando, achando quase impossível reconciliar o Charles em cuja casa eu cresci com o Charles que ela descrevia.

“Acho que você tem razão”, disse Alice enfim. “Eu podia ter localizado você se quisesse. Mas que sentido teria isso? O Julian me

contou o que aconteceu na sacristia naquela manhã. Contou quem você era, todas as coisas que tinha feito, todos os homens com os quais havia dormido. Que sentido teria procurar você? Para ter um falso casamento com um homossexual? Prefiro pensar que eu mereço mais do que isso.”

“Claro que merece. Não sei que mais eu posso dizer.”

“Se você tivesse me *contado*. Se tivesse sido *honesto*...”

“Eu era muito jovem, Alice. Não sabia o que estava fazendo.”

“Nós todos éramos muito jovens. Mas agora não somos mais. Meu Deus, você usa bengala. O que aconteceu?”

Eu sacudi a cabeça, não queria conversar sobre isso com ela. “Sofri um acidente”, respondi. “A minha perna não sara mais. Mas, conte, você encontrou outra pessoa. Espero que sim.”

“Oh, quanta bondade sua.”

“Sério.”

“Claro que encontrei outras pessoas. Não sou freira. Achou que eu ficava toda noite dentro de casa sonhando com você?”

“Bom, fico contente em saber.”

“Eu não me entusiasmaria muito se fosse você. Esses relacionamentos não deram em nada. Como podiam dar? Eu era uma mulher casada, com um filho e um marido desaparecido. E, naturalmente, não podia obter divórcio nesta droga de fim de mundo. E nenhum homem ficou comigo. Como iria ficar se eu não podia dar para ele uma família? Você me roubou toda essa parte da vida, Cyril, espero que perceba.”

“Percebo”, disse eu. “Percebo. E, se eu pudesse voltar no tempo e mudar as coisas, voltaria.”

“Vamos parar de falar nisso. Nós dois sabemos a nossa opinião sobre isso. Eu preciso saber de outra coisa.” Alice hesitou e eu pude ver a sua expressão tornar-se mais ansiosa que irritada. “Quando o Julian estava morrendo, por que você não entrou em contato comigo? Por que não me contou? Eu teria ido para Nova York imediatamente se soubesse.”

Olhei para a mesa e peguei uma bolacha de cerveja, tentando equilibrá-la num canto enquanto procurava uma resposta. “Para começar, houve pouquíssimo tempo”, disse. “Eu só descobri que o Julian estava no hospital alguns dias antes da morte dele. Essa foi a primeira vez que o vi. E a segunda foi na noite em que ele faleceu.”

“Mas isso não tem sentido. O que você foi fazer lá afinal?”

“O meu parceiro era médico no Mount Sinai. Estava tratando do Julian. E eu era voluntário. Visitava os pacientes sem família.”

“O Julian *tinha* família.”

“Eu me refiro aos pacientes que, por algum motivo, não tinham família presente. Alguns haviam sido repudiados pelos parentes. E outros não queriam os familiares lá. O Julian era do segundo grupo.”

“Mas por quê? Por que ele não me queria com ele? E o Liam? Os dois eram tão ligados.”

“Porque se envergonhava”, expliquei. “Não tinha nenhum motivo para se envergonhar, mas morria de vergonha da doença que havia contraído.”

“Da aids?”

“Sim, da aids. Para uma pessoa como o Julian, que praticamente se definia pela heterossexualidade, essa doença era um insulto para a mente e o corpo. Não queria que você e o Liam se lembrassem dele naquele estado.”

“Na sua carta, você disse que estava com ele na última noite.”

“Sim, estava.”

“Ele tinha dor?”

Sacudi a cabeça. “Não mais”, disse eu. “Estava indo embora, só isso. Tomava muita morfina. Não creio que tenha sofrido no fim. Eu fiquei abraçado com ele quando estava morrendo.”

Alice me encarou, surpresa, e levou a mão à boca.

“Ele disse o seu nome, Alice. O seu nome foi a última palavra que ele falou.”

“Eu gostava tanto dele”, disse ela com voz sumida, desviando a vista. “O Julian sempre cuidou de mim, desde menino. Foi o melhor amigo que tive. E não digo isso para ser cruel, Cyril, mas ele era tão bom para o Liam. O nosso filho não podia querer uma figura paterna melhor. Ele ainda não superou essa perda, sabe? Ora, eu também não, palavra. Nunca vou superar. Mas o Liam está sofrendo muito.”

“Nós podemos...”, comecei, inseguro quanto à melhor maneira de me expressar. “Podemos falar do Liam?”

“Acho que temos de falar. Afinal de contas, é por isso que estamos aqui.”

“Não só por isso”, observei.

“Não.”

“Tem um retrato dele?”

Alice pensou um instante, pegou a bolsa e tirou uma fotografia de um dos bolsos laterais e a entregou.

“É parecido com ele, não?”, perguntou em voz baixa e balançou a cabeça.

“Parecido com ele quando nós éramos adolescentes. São

parecidíssimos. Mas há mais alguém aí.”

“Quem?”

Enruguei a testa, sacudindo a cabeça. “Não tenho certeza. Há algo na expressão dele que me lembra alguém, mas, por mais que eu tente, não consigo descobrir quem.”

“Mas ele não tem o temperamento do Julian. O Liam é muito mais tranquilo. Mais reservado. Quase tímido.”

“Acha que ele teria interesse em me conhecer? Você permitiria?”

“Não”, disse Alice com firmeza. “Pelo menos não enquanto ele não fizer dezoito anos. E eu te peço que respeite o meu desejo. O Liam vai ter exames em breve e eu não quero nenhum outro trauma na vida dele agora. Vai completar dezoito daqui a um ano e então você pode vê-lo.”

“Mas...”

“Por favor, não discuta comigo, Cyril.”

“Mas eu quero vê-lo.”

“E vai vê-lo. Quando ele tiver dezoito anos. Mas nem um dia antes disso. Diga que não vai fazer isso pelas minhas costas. Pelo menos isso você me deve.”

Respirei fundo. Ela tinha razão, é claro. “Está bem”, respondi.

“E tem mais uma coisa”, disse Alice.

“Fale.”

“Quando você conhecer o Liam, desde a primeira vez que conversarem, seja completamente sincero com ele. Sem mentiras. Conte quem você é. Conte absolutamente tudo a seu respeito.”

Foi o que fiz. Um ano depois, dez dias depois do seu décimo oitavo aniversário, quando Alice nos apresentou e nós fomos dar uma volta no píer Dun Laoghaire, eu lhe contei a história da minha vida desde o dia em que desci a escada da casa da Dartmouth Square, onde morava, e dei com o seu tio Julian sentado no corredor, até o mundo que apareceu lentamente diante de mim e as descobertas que fiz a meu respeito. Conte-i-lhe por que me casei com a mãe dele, por que a abandonei e disse que me arrependia muito do que tinha feito. Falei da minha vida em Amsterdam e Nova York, de Ignac e Bastiaan. De como o meu namorado tinha sido assassinato por um grupo de criminosos que nos viram abraçados no Central Park e contei que, desde então, tudo ficou cinzento para mim. E Liam escutou tudo quase sem falar, mostrando-se chocado umas vezes, constrangido outras, e, enfim, quando nos despedimos, estendi a mão para apertar a dele, mas ele a recusou e foi pegar o DART para voltar ao centro da cidade.

Nos dois anos decorridos entre o nosso primeiro encontro e hoje,

Liam se aproximou de mim um pouco e nós passamos a nos encontrar ocasionalmente, mas ainda não havia nada parecido com a afeição ou o amor que eu imaginava que existiria entre pai e filho, e, embora ele não parecesse querer que eu sáísse da sua vida — nunca brigou comigo, por exemplo, nem me atacou por não ter participado da sua infância —, mostrava-se ao mesmo tempo pouco disposto a deixar que eu me envolvesse nela, parecendo desconfiado de mim nas ocasiões em que nos encontramos, que foram poucas e muito espaçadas.

Mas isso, eu me dizia, foi a encrenca que arrumei para mim. Não podia culpar ninguém mais.

“Gol!”, gritaram Jimmy e Liam juntos no décimo primeiro minuto, quando Ray Houghton chutou por cima da cabeça de Pagliuca e encaçapou a bola no canto direito. Todo o Doheny & Nesbitt’s explodiu em hurras, os canecos se chocaram à esquerda, à direita e no centro, e houve muito abraço e muita dança. Os dois rapazes se abraçaram, saltando de prazer, mas eu fiquei onde estava, sorrindo e aplaudindo, sentindo-me incapaz de me levantar e me comportar como os demais, mesmo porque pareceria ridículo com a minha bengala.

“Este nós vamos ganhar”, disse Jimmy, praticamente pairando sobre a cadeira de alegria. “Os italianos não passam de uns tremendos convencidos.”

“Vocês vão comemorar em algum lugar se a gente ganhar?”, perguntei, e Liam olhou para mim.

“Vamos”, disse. “Mas você não pode ir. A gente vai se encontrar com os amigos da universidade.”

“Eu não pedi para ir junto. Só perguntei, mais nada.”

“E eu respondi.”

“Tudo bem.”

E nós deixamos por isso mesmo e prestamos atenção ao telão. A essa altura, os jogadores iam para as laterais pedir garrafas de água. O calor era excessivo para eles. O campo estava em pé de guerra. Jack Charlton se queixava com o árbitro, os reservas andavam de um lado para outro, frustrados. Tudo indicava que a coisa ia acabar mal para todo mundo.

ENCONTRO NOTURNO

Eu não pensava em namoro desde a morte de Bastiaan, de modo que me surpreendi um pouco quando me convidaram para sair. O homem em questão — quinze anos mais jovem que eu e muito

atraente, coisa que não fez nenhum mal ao meu ego — era *TD* na Dáil Éireann e frequentava a biblioteca, ao contrário dos seus colegas, que geralmente encarregavam os assessores do trabalho maçante. Sempre foi muito falante e simpático, mas isso eu atribuí ao seu temperamento afável até a tarde em que me perguntou o que eu ia fazer na quinta-feira à noite.

“Que eu saiba, nada”, respondi. “Por quê, precisa usar a biblioteca nesse horário?”

“Oh, Deus me livre, não”, disse ele, sacudindo a cabeça e olhando para mim como se eu fosse meio louco. “Nada disso. Eu só estava pensando em te convidar para tomar um drinque por aí.”

“Um drinque?”, perguntei sem saber se tinha ouvido direito. “Como assim?”

“Sabe? Duas pessoas se instalam num bar. Tomam alguns canecos e ficam batendo papo. Você não bebe?”

“Bebo, sim. Quer dizer, não excessivamente, mas...”

“Então que tal?”

“Você diz só nós dois?”

“Puxa vida, Cyril. Parece até que eu estou negociando um tratado da CEE aqui. Sim, só nós dois.”

“Oh. Tudo bem então. Que lugar você tem em mente?”

“Um que seja discreto.”

“O que significa isso?”, perguntei, e talvez essa tenha sido a minha primeira pista de que o nosso encontro noturno não terminaria bem.

“Conhece a Yellow House em Rathfarnham?”

“Conheço”, disse eu. “Há anos que não vou lá. Não seria mais fácil um lugar no centro?”

“Vamos à Yellow House. Quinta-feira à noite. Oito horas.”

“Não, essa é a noite da festa de despedida da sra. Goggin.”

“De quem?”

“Da sra. Goggin do salão de chá. Ela vai se aposentar depois de quase cinquenta anos aqui.”

Ele se mostrou meio confuso. “E daí?”, disse. “Você não tem planos de ir, tem?”

“Claro que tenho.”

“Por quê?”

“Porque, como eu disse, ela vai se aposentar depois de quase...”

“Sei, sei.” Ele ficou pensativo. “Você acha que eu também devo ir?”

“Como assim?”

“Bom, seria importante para ela se eu desse as caras?”

Eu o encarei, tentando decifrar o que estava dizendo. “Pelo fato de você ser *TD*?”, perguntei. “É aí que você quer chegar?”

“É.”

Sacudi a cabeça. “Sinceramente, duvido que faça diferença para ela você ir ou não ir.”

“Pois eu diria que faz”, disse ele com ar ofendido.

“Bom, seja como for, eu vou, portanto a quinta-feira está excluída.”

“*Tudo bem*”, disse ele com um suspiro dramático, como se fosse um adolescente frustrado e não um adulto. “Sexta à noite então. Não, espere, sexta-feira eu não posso. Jantar com o eleitorado. E os fins de semana estão excluídos por motivos óbvios. Que tal segunda-feira?”

“Segunda está ótimo”, disse eu sem saber quais eram os motivos óbvios. “Vamos juntos daqui mesmo? Quando eu fechar a biblioteca?”

“Não. A gente se encontra lá.”

“O quê? Na Yellow House?”

“É.”

“Mas, se nós dois vamos estar aqui na Dáil, não é muito mais fácil ir...”

“Não sei o que nos aguarda na segunda-feira”, alegou ele. “É mais fácil a gente se encontrar lá.”

“Tudo bem.”

Nos dias seguintes eu pensei muito em que roupa pôr. No fundo, não sabia no que estava me metendo. Fazia tempo que desconfiava que o cara era gay, mas também era tão mais jovem que eu que não podia acreditar que fosse se interessar por uma pessoa da minha idade. Na festa de despedida, falei no meu dilema à sra. Goggin, que adorou a história toda.

“Que bom”, disse. “Fico muito contente, Cyril. Você ainda é muito novo para desistir de conhecer outra pessoa.”

“A verdade é que eu não vejo a coisa assim. Não me sinto sozinho. Sei que toda pessoa sozinha diz isso, mas não é o que eu sinto. Gosto da minha vida do jeito que ela é.”

“Quem é ele, afinal?”, quis saber ela. “Qual *TD*?”

Eu disse o nome dele.

“Ah”, fez a sra. Goggin com ar um pouco desapontado.

“O quê?”

“Nada.”

“Ora, vá em frente, conte.”

“Não quero jogar você contra ele.”

“Eu não estou assim tão *a favor* dele. É só um convite para sair.”

“Bom, ele parece ser um tipo sorrateiro”, disse a sra. Goggin. “Entra aqui como se fosse o dono do salão e tenta sentar à mesa dos ministros sem passar primeiro por mim. A arrogância dele aqui é um osso duro de roer! Pensei em expulsá-lo algumas vezes. Aprendi há muitos anos com a sra. Hennessy — a mulher que me empregou aqui na década de 40 — que, se eu não me impusesse aos *TDs* desde o começo, eles calçariam as suas botas de caipira para me pisotear. E esse conselho me ajudou muito de lá para cá.”

“Você administrou isto aqui com muito rigor, quanto a isso não há dúvida.”

“Fui obrigada. Num jardim de infância os meninos são mais bem-comportados que os marmanjos daqui.”

“Então você acha melhor eu não ir?”

“Não foi isso que eu disse. Simplesmente tenha cuidado, este é o conselho que te dou. Lembro que você disse que perdeu o seu... o seu amigo há alguns anos.”

“Sim, é verdade. O Bastiaan. E, para ser franco, nos sete anos que se passaram desde então, eu nunca tive um grande desejo de sexo nem de um parceiro. Me desculpe por ser tão direto, tá?”

“À vontade”, sorriu a sra. Goggin. “Não esqueça que eu servi chá lá no gabinete do Charlie Haughey durante trinta anos, vi e ouvi coisa muito pior.”

“Acho que passei muito tempo pensando que essa área da minha vida estava encerrada.”

“E é isso que você quer?”

Tive de pensar antes de responder. “Não sei. Isso sempre só me causou tormento. Bem, pelo menos até eu conhecer Bastiaan. Não creio que eu possa recomeçar com outra pessoa. Mas talvez ainda haja um pouco de fogo em algum lugar aqui dentro. É por isso que eu fico aflito com essa história. Mas eu não devia estar falando nisso hoje. É a *sua* noite. E, apesar de tudo, olhe só quanta gente veio se despedir.”

Nós dois percorremos o salão com o olhar. Praticamente todos os que trabalhavam na Dáil estavam presentes e mais cedo o *taoiseach* Albert Reynolds havia feito um bom discurso. O meu amigo *TD* dera o ar da graça durante vinte minutos, mas, embora tivesse ficado bem perto de mim em certa ocasião, ignorou a minha presença até mesmo quando eu o cumprimentei.

“Estou vendo”, disse ela com satisfação. “Vou ficar com saudade daqui. Você acredita que eu não faltei um só dia em quarenta e nove anos?”

“Foi o que disse Albert agora há pouco. Pensei que estivesse inventando.”

“É a mais pura verdade.”

“E o que você vai fazer?”, perguntei. “Há um sr. Goggin em algum lugar que ficará feliz em ver você em casa, para variar?”

Ela sacudiu a cabeça. “Não há”, disse. “Nunca houve um sr. Goggin. Há muito tempo, um padre se postou no altar de uma igreja de West Cork e disse que eu nunca arranjaría marido. Pensei que ele simplesmente estivesse bancando o velho beato arrogante, mas no fim ele tinha razão. Claro, eu tive até de fingir que era viúva para conseguir o emprego aqui.”

“Por quê?”, perguntei.

“Outra época”, respondeu ela. Respirou fundo e olhou para os lados para ter certeza de que não nos ouviam. “Eu estava para ter bebê, sabe? Então disse que o meu marido tinha morrido na guerra. A sra. Hennessy sabia a verdade, mas, se outra pessoa descobrisse, eu seria jogada na rua no mesmo instante.”

“Bando de manipuladores, não?”, disse eu. “Os padres.”

“Eu nunca dei nada por eles. Desde aquele dia. Em todo caso, vivi muito bem sem marido todos esses anos.”

“E o seu filho? Como vai?”

“O meu filho?”, perguntou ela, deixando de sorrir.

“Jonathan, não é?”

“Oh, o Jonathan. Desculpe, eu... Sim, ele está ótimo. Quer dizer, estive um pouco doente no ano passado, mas agora está melhor. Já tem dois filhos, de modo que vou poder ajudar um pouco mais agora que o meu tempo é todo meu. Pelo menos é o que eu espero.”

Antes que ela dissesse mais alguma coisa, uma das moças do salão de chá nos interrompeu para pedir à sra. Goggin que tirasse uma fotografia com o resto do pessoal.

“Oh, eu sou péssima para fotografia”, disse ela. “Sempre acabo saindo com cara de brava.”

“Nós precisamos de uma para pôr na parede”, insistiu a moça. “Depois de tantos anos de serviço. Venha, sra. Goggin, todas vamos aparecer com a senhora.”

Ela suspirou e se levantou, balançando a cabeça. “Está bem”, disse. “Uma última obrigação antes de ser alforriada. E olhe, você deve ir ao encontro, Cyril”, acrescentou, voltando-se para mim. “Mas tome cuidado com esse sujeito. É o que eu tenho a dizer.”

“Vou tomar. E boa sorte na aposentadoria caso a gente não se veja depois.”

Para minha surpresa, ela se curvou, deu-me um beijo no rosto e me endereçou um olhar curioso antes que a moça a arrastasse.

Alguns dias depois, como combinado, fui à Yellow House e dei com o meu par a um canto, sentado de costas para o salão como se não quisesse que ninguém notasse a sua presença.

“Andrew”, disse eu, sentando-me diante dele e com visão plena do salão. “Quase não o encontrei aqui. Você parece estar se escondendo do mundo.”

“De jeito nenhum”, riu ele e pediu uma bebida para mim a um dos garçons. “Como vai, Cyril? Como foi o trabalho hoje?”

“Ótimo”, respondi, coisa que levou à habitual troca de amenidades durante uns vinte minutos, até que eu decidisse abrir o jogo. “Posso te fazer uma pergunta? E desculpe se parecer ridículo, mas, em primeiro lugar, eu fiquei um pouco surpreso quando você me convidou para sair. É só amizade ou algo mais?”

“Pode ser o que a gente quiser”, respondeu ele com um dar de ombros. “Afinal, nós somos homens adultos. E sempre nos demos bem, não é verdade?”

“É. Você sabe que eu sou gay, não?”

“Claro que sei”, disse ele. “Do contrário não teria te convidado para sair.”

“Certo. Quer dizer que você também é gay? Eu não tinha certeza. Imaginei que sim, mas...”

“Aí é que está, Cyril”, interrompeu ele, aproximando um pouco o rosto do meu. “Eu não me sinto bem com rótulos, sabe? Eles são tão definitivos.”

“Pois é”, concordei. “Quer dizer, é isso que os rótulos fazem por natureza. Definem as coisas.”

“Exatamente. E nós estamos em 1994, não nos anos 50. Eu sinto que, a esta altura, a gente já devia ter superado esse tipo de coisa.”

“Acho que sim. Desculpe, o que você quer dizer? Que tipo de coisa?”

“Os rótulos.”

“Ah, sim. O.k.”

“Mas fale de você”, pediu ele. “É casado ou coisa assim?”

“Não”, respondi, decidindo não entrar nas tecnicidades da resposta completamente franca. “Por que seria casado? Já disse, eu sou gay.”

“Ora, isso não quer dizer nada. Por Deus, você trabalha na Dáil. É só começar a fuçar, como dizem.”

“Acho que já ouvi um ou outro boato”, admiti.

“Então, se você não é casado, está saindo com alguém?”

“Com ninguém especial.”

“Com alguém que não *seja* especial?”

“Na verdade, não”, respondi, sacudindo a cabeça. “Não estou saindo com ninguém. E faz muito tempo que não saio. Estive muitos anos com um companheiro, mas ele morreu em 1987.”

“Entendo”, disse o TD, recuando um pouco. “Sinto muito. Posso perguntar como ele morreu?”

“Nós dois fomos atacados no Central Park”, expliquei. “Eu sobrevivi. Ele não. O que me restou foi a bengala.”

“Sinto muito”, repetiu ele, agora voltando a se inclinar para a frente, gesto cujo significado era mais que óbvio para mim.

“Tudo bem”, disse eu. “Tenho saudade dele, é claro. Muita. A gente ainda tinha um longo futuro pela frente, e isso foi roubado. Mas eu aceitei. Acontece a vida e acontece a morte. Sabe de uma coisa?”, acrescentei, uma ideia me vindo à cabeça. “Acabo de perceber que tenho quarenta e nove anos e esta é a primeira vez que eu saio para me encontrar com outro homem na Irlanda.”

Ele franziu um pouco a testa e tomou um longo trago de cerveja. “Você tem mais de cinquenta anos?”, perguntou. “Pensei que fosse mais jovem.”

Eu o encarei, perguntando-me se ele não ouvia bem. “Não. Eu tenho quarenta e nove anos. Foi isso que eu disse.”

“Sim, mas você não está querendo dizer que tem *realmente* quarenta e nove anos, não é?”

“O que eu estaria querendo dizer então?”

“Caramba, faz tempo que você não paquera, hein? Acontece que a maioria dos homens à procura de outros homens dizem ser mais jovens do que de fato são. Especialmente os mais velhos. Se você se encontrar com um homem de um anúncio e ele disser que tem trinta e tantos anos, significa que ele está beirando os cinquenta e pensa que pode passar por trinta e nove. Enganadores, a maior parte deles, mas você sabe. Enfim, quando você disse que tem quarenta e nove anos, eu imaginei que queria dizer que tinha cinquenta e tantos na vida real.”

“Não”, disse eu, sacudindo a cabeça. “Eu tenho quarenta e nove anos mesmo. Nasci alguns meses depois do fim da guerra.”

“De que guerra?”

“Da Segunda Guerra Mundial.”

“Ah, dessa.”

“Bem, não depois da Primeira.”

“Não. Obviamente não. Ou então já teria uns cem anos.”

“Ora, nem tanto.”

“Quase.”

“Você sai com muita gente de anúncios?”, perguntei, desconfiando de que ele não costumava tirar notas lá muito boas em história no colégio.

“De vez em quando. Saí com um rapaz há uns quinze dias, ele disse que tinha dezenove anos, mas quando apareceu, tinha quase a minha idade. Caramba, estava com uma camiseta Blondie.”

“Eu tive uma dessas”, contei. “Mas por que você ia querer sair com um cara de dezenove anos?”

“Por que não?”, riu ele. “Eu não sou velho demais para um garoto de dezenove anos.”

“Bom, acho que é uma questão de opinião. Mas o que você teria em comum com um rapazinho dessa idade?”

“Não preciso ter nada em comum. Não era da conversa dele que eu estava atrás.”

Balancei a cabeça, sentindo certo desconforto. “Em todo caso, isso me surpreende um pouco”, disse. “Se você se sente atraído por homens mais jovens, por que me convidou para sair?”

“Porque também me sinto atraído por você. Me sinto atraído por muita gente.”

“O.k.”, disse eu, tentando processar aquilo e desejando, por tudo neste mundo, que Bastiaan estivesse na minha frente, tomando uma cerveja, e não aquele pentelho nojento.

“E você que idade tem?”, perguntei, enfim.

“Trinta e quatro.”

“E isso quer dizer que tem trinta e quatro mesmo?”

“Sim. Mas eu costumo ter vinte e oito quando saio para um encontro.”

“Está tendo um encontro comigo neste exato momento.”

“Sim, mas é diferente. Você é mais velho. De modo que eu posso ter a minha idade.”

“Certo. E você tem tido muitos relacionamentos?”

“Relacionamentos? Não”, disse com um dar de ombros. “Nos últimos dez anos esse não foi o meu foco.”

“Qual foi o seu foco?”

“Olhe, eu sou um cara normal, Cyril. Gosto de transar.”

“Faz bem.”

“Você não gosta de transar?”

“Claro. Quer dizer, gostava. Antigamente.”

“Quando foi a última vez?”

“Há sete anos.”

Ele pôs o caneco na mesa, me encarou e arregalou os olhos.
“Porra, você está me gozando?”

“Eu já disse, foi quando o Bastiaan morreu.”

“Sim, mas... você está dizendo que não transa desde aquele tempo?”

“É tão estranho assim?”

“É esquisito pra caralho, isso é que é.”

Eu não disse nada; me perguntei se aquele sujeito se dava conta de como estava sendo grosseiro comigo.

“Você deve estar *seco* por sexo”, disse ele, erguendo um pouco a voz, e eu reparei num casal na mesa ao lado olhando para nós com desdém. Algumas coisas não mudavam.

“Nem tanto”, respondi em voz baixa.

“Está, sim.”

“Não, não estou.”

“Se você tem mesmo quarenta e nove anos, ainda é muito jovem para encerrar o expediente.”

“Eu *tenho* quarenta e nove anos. E, curiosamente, você é a segunda pessoa que me diz algo assim nos últimos dias.”

“Quem foi a primeira?”

“A sra. Goggin.”

“Quem é a sra. Goggin?”

Revirei os olhos. “Eu já disse. A gerente do salão de chá.”

“Que salão de chá?”

“Da Dáil Éireann!”

“Ah, sim, você já falou nela. Aquela que ia se aposentar, não é?”

“Sim. Você estava lá!”

“Oh, é verdade. Agora me lembrei. Acho que ela ficou contente quando eu apareci, mas não pude ficar.”

“Eu te cumprimentei, mas você não deu bola.”

“Não vi você. E ela se aposentou mesmo?”

“Sim, é claro que se aposentou. Por que daria uma festa de despedida?”

“Sei lá”, disse ele. “Muita gente diz que vai se aposentar, mas não se aposenta. Veja o Frank Sinatra.”

“Pois ela se aposentou.” Eu já estava exausto daquela conversa.

“Bom, imagino que você seja solteiro.”

“O que te leva a achar isso?”

“O fato de você ter me convidado para sair.”

“Ah, sim. Bem, mais ou menos.”

“Como assim?”

“Estou aberto a ofertas”, respondeu ele, sorrindo para mim. “Se alguém fizer uma.”

“Já volto”, disse eu, aproveitando a oportunidade para ir ao banheiro e ficar alguns momentos sozinho. Quando retornei, havia mais duas cervejas na mesa e eu me conformei com o fato de ainda ter de ficar um pouco mais.

“Eu diria que agora é muito diferente”, comentei, sentando-me e esperando iniciar uma conversa sensata com ele. “Ser gay na Irlanda, digo. Quando eu era mais jovem, era quase impossível. Francamente, nós comemos o pão que o diabo amassou. Hoje é bem mais fácil, imagino.”

“Na verdade, não é”, ele se apressou a dizer. “As leis ainda são contra nós; você continua não podendo andar na rua de mão dada com um homem sem correr o risco de acabar de cabeça rachada. Tem alguns outros bares, imagino, não é mais só o George, e as coisas já não são tão clandestinas como antigamente, mas não acho que seja mais fácil. Talvez não seja tão difícil conhecer gente. Às vezes, é possível encontrar alguma coisa on-line. Aquele treco da sala de bate-papo ou a página de encontros.”

“On o quê?”, perguntei.

“On-line.”

“O que é isso?”

“A World Wide Web. Nunca ouviu falar?”

“Por cima”, respondi.

“É o futuro”, garantiu ele. “Um dia, todos nós estaremos on-line.”

“Fazendo o quê?”

“Sei lá. Fuçando.”

“Que maravilha”, disse eu. “Nem posso esperar.”

“O que eu quero dizer é que não está muito melhor do que era, mas talvez chegue lá. A gente precisa de sérias mudanças na legislação, mas isso ainda vai demorar.”

“Se a gente ao menos conhecesse alguém que mexesse com política. Alguém que nos defendesse e desse o pontapé inicial no processo.”

“Espero que você não esteja pensando em mim. Isso é pedir para perder votos. Eu não mexeria numa coisa dessas nem com uma vara comprida. Em todo caso, a meninada de hoje está muito mais tranquila e relaxada. Contam às pessoas que são gays, coisa que, na minha opinião, é muito dos anos 90. Você contou aos seus pais que era gay?”

“Eu não os conheci. Fui adotado.”

“Ora, aos seus pais adotivos então.”

“A minha mãe adotiva morreu quando eu era menino”, contei. “Nunca contei ao meu pai adotivo que eu era gay, mas, por causa de um conjunto de circunstâncias que não vale a pena eu te contar agora, ele descobriu quando eu tinha vinte e oito anos. No fundo, nunca ligou muito para isso. Ele é um esquisitão em muitas coisas, mas nunca foi intolerante na vida. E você?”

“A minha mãe também já morreu. E o meu pai tem Alzheimer, de modo que não faz sentido.”

“Certo”, disse eu. “E os seus irmãos? Você contou a eles?”

“Não. Duvido que eles entendam.”

“São mais novos ou mais velhos que você?”

“Irmão mais velho, irmã mais nova.”

“Mas essa geração, a sua geração, não liga tanto para essas coisas, não é mesmo? Por que você não conta para eles?”

O meu *TD* sacudiu os ombros. “É complicado”, disse. “Prefiro não entrar nisso.”

“Tudo bem.”

“Vamos tomar mais um?”

Quando ele foi ao balcão, eu o observei sem poder decidir se estar lá era uma ideia boa ou ruim. Achava-o um tanto repulsivo, mas também não podia negar que o achava fisicamente atraente e, como comecei a perceber, a chama dentro de mim ainda não tinha se apagado completamente, por mais que eu tentasse sufocá-la. Para começo de conversa, o fato de ele ter se interessado por mim a ponto de me convidar para sair me lisonjeava. Ainda era novato na Dáil, havia se eleito deputado na última eleição, mas muitos já diziam que era um ministro potencial. Fizera alguns bons discursos, tinha impressionado a liderança do seu partido e era assíduo nos programas de temas da atualidade. Na reestruturação seguinte, era quase certo que ele seria chamado pelo menos para integrar a equipe do primeiro-ministro. E seria a primeira vez, percebi. Um gay fazendo carreira nas fileiras da política irlandesa. De Valera ia se revirar no túmulo. E mesmo assim, com tudo isso pela frente, ele havia me convidado para sair.

“Por que você escolheu a Yellow House?”, perguntei quando ele voltou a se sentar. “Você mora na zona norte, não é?”

“Moro.”

“Então por que aqui?”

“Achei que seria mais conveniente para você?”

“Eu moro na Pembroke Road”, disse eu. “Nós podíamos ter ido ao Waterloo ou a algum outro lugar.”

“Não gosto de beber no meu distrito eleitoral”, disse ele, alterando a sua resposta. “As pessoas me abordam o tempo todo para me perguntar sobre buracos e rede elétrica e se vou ao campeonato esportivo dos filhos, no colégio, entregar as medalhas, e, sabe, eu cago e ando para tudo isso.”

“Mas não é esse o trabalho de um *TD*?”

“É uma parte dele. Mas não a parte em que estou interessado.”

“Em que parte você está interessado?”

“Em subir. Chegar o mais alto que eu puder.”

“E fazer o quê?”

“Como assim?”

“Quando você chegar lá em cima, qual é a finalidade disso? Você não pode querer o poder pelo poder, pode?”

“Por que não? No fim, eu quero ser *taoiseach*. E tenho certeza de que posso chegar lá. Eu tenho cérebro. Tenho capacidade. E o partido me apoia.”

“Mas *por quê?*”, perguntei. “O que você realmente quer realizar na política?”

Ele sacudiu a cabeça. “Olhe, Cyril”, disse. “Não me entenda mal. Eu quero o bem dos meus eleitores e do país. Acho que isso seria fantástico, sabe? Mas será que em qualquer outra profissão você ia me fazer essa pergunta? Se eu estivesse iniciando a carreira de professor num colégio e dissesse que gostaria de um dia chegar a diretor, você diria *Muito bem*. Se eu fosse carteiro e dissesse que gostaria de ser diretor do An Post, você diria que admira a minha ambição. Por que não pode ser do mesmo jeito na política? Por que eu não posso simplesmente procurar avançar e tentar chegar ao topo e então, quando estiver lá em cima, se puder fazer algo positivo com isso, ótimo, e, se não puder, é claro que eu já fico feliz da vida de ser o mandachuva.”

Fiquei cismado. Por um lado, a argumentação parecia ridícula, mas, por outro, era difícil apontar as suas falhas.

“Mas você sabe que vai ser difícil, não?”, perguntei. “Sendo gay. Não sei se a Irlanda está pronta para um ministro gay, que dizer de um *taoiseach* gay?”

“Já disse que eu não ponho rótulos em mim mesmo. E é claro que há maneiras de contornar essas coisas.”

Balancei a cabeça, sem saber ao certo se realmente queria ficar muito mais tempo em companhia daquele sujeito, quando me ocorreu

uma ideia. Foi como um estalo. “Posso te perguntar uma coisa?”, pedi.

“Claro.”

“Por acaso você tem namorada?”

Ele recuou o corpo na cadeira, mostrando-se surpreso com a minha pergunta. “Claro que tenho”, respondeu. “Por que não teria? Sou um homem bonito, com um ótimo emprego e na plenitude da vida.”

Sacudi a cabeça. “Você tem namorada”, disse, mais como afirmação que qualquer outra coisa. “Portanto, eu imagino que ela também não liga para a sua falta de rótulos?”

“Como assim?”

“Ela pensa que você é hétero?”

“Essa é uma pergunta muito pessoal, não acha?”

“Ora, você me convidou para sair, Andrew. E nós viemos nos encontrar aqui. Portanto, não acho que seja tão inaceitável assim eu perguntar.”

Ele pensou um pouco antes de dar de ombros. “Bom, ela nunca fez nenhuma pergunta”, disse. “E o que ela não sabe certamente não há de magoá-la.”

“Oh, pelo amor de Deus!”

“O quê?”

“Só falta você me dizer que vai casar com essa moça.”

“Aliás, nós *vamos* casar”, disse ele. “Agora em julho. Acho que Albert e Kathleen comparecerão à recepção se eu jogar bem as minhas cartas.”*

Comecei a rir. “Você é um oportunista”, disse. “Por que, diabos, vai casar com essa coitada se você é gay?”

“Eu já disse que não...”

“Não aceita rótulos, eu sei. Mas usemos um rótulo só um segundo. Por que vai se casar se você é gay?”

“Porque eu preciso de uma esposa”, respondeu ele sem sombra de remorso. “Os meus eleitores esperam isso de mim. O partido espera isso de mim. A única maneira de eu chegar a algum lugar é tendo mulher e filhos.”

“E quanto a ela?”, perguntei, sabendo perfeitamente da hipocrisia da minha indignação, mas, para ser justo, o meu casamento tinha sido vinte anos antes e, desde então, eu não mentira a uma única pessoa no tocante à minha sexualidade.

“Quanto a ela o quê? O que você está querendo dizer?”

“Você vai arruinar a vida da pobre coitada simplesmente porque não tem coragem de contar a verdade para ela.”

“Como é que eu posso arruinar a vida dela?”, perguntou ele, mostrando-se genuinamente desconcertado. “Se eu chegar lá, nós faremos visitas oficiais ao Palácio de Buckingham e à Casa Branca e a lugares desse tipo. Você acha que essa é uma vida arruinada?”

“Sim, se ela não é amada pela pessoa que está com ela.”

“Mas eu amo a minha noiva. Ela é uma mulher maravilhosa. E ela também me ama.”

“Certo. Eu acredito nas suas palavras.”

“Não sei o que é que te preocupa tanto”, disse ele. “Ninguém está pedindo para você casar com ela.”

“É verdade. Olhe, cada qual faz o que lhe convém. Faça o que te deixar feliz. Vamos pagar a conta e sair daqui?”

Ele sorriu e fez que sim. “Está certo”, disse. “Mas não podemos ir para a minha casa. Você mora sozinho, certo?”

“Sim. Por quê?”

“Vamos para lá?”

“Ir lá para quê?”

“O que você acha?”

Eu o encarei. “Por acaso você está achando que a gente vai passar a noite juntos?”, perguntei.

“Não, claro que não”, respondeu ele. “A noite inteira não. Só algumas horas.”

“Não, obrigado”, disse eu, sacudindo a cabeça.

“Está brincando?”, perguntou ele, agora incrivelmente confuso.

“De jeito nenhum.”

“Mas por que não?”

“Em primeiro lugar, porque nós mal nos conhecemos...”

“Como se isso fosse uma grande coisa.”

“Não, talvez não. Mas você tem namorada. Desculpe, tem noiva.”

“Que não precisa ficar sabendo de nada.”

“Eu não faço isso, Andrew”, disse eu. “Não mais.”

“Não faz o quê?”

“Não estou interessado em participar de uma enganação. Passei muito tempo da minha vida mentindo para as pessoas e me escondendo. Não vou trilhar esse caminho outra vez.”

“Cyril”, sorriu Andrew de um modo que deixou claro que ele acreditava que o seu charme sempre funcionava. “Falando sem rodeios, você tem supostos quarenta e nove anos, eu tenho só trinta e quatro e estou me oferecendo numa bandeja. Tem certeza de que não vai aceitar?”

“Lamento, mas tenho. Desculpe.”

Houve um longo silêncio enquanto ele assimilava a minha resposta, então simplesmente sacudiu a cabeça e riu. “Tudo bem”, disse, levantando-se. “Como quiser. Que noite desperdiçada. Você meteu os pés pelas mãos, amigo, é o que eu digo. E, caso isso importe, eu tenho um cacete colossal.”

“Encantado em saber.”

“Tem certeza de que não quer mudar de ideia?”

“Acredite, eu tenho plena certeza.”

“Pior para você. Mas olhe” — ele aproximou o rosto do meu e me olhou diretamente nos olhos — “se você contar para alguém esta nossa conversa, eu não só nego tudo como te processo por libelo.”

“Libelo é sempre escrito”, ensinei a ele. “Se eu contar para alguém, será calúnia. Se bem que não será calúnia nenhuma, já que é a mais pura verdade.”

“Vai te foder”, disse ele. “Não me enche o saco, ouviu? E não esqueça que eu conheço gente muito poderosa. Esse seu empreguinho, não vai ser nada difícil tirá-lo de você.”

“Pode ir embora, se quiser”, disse eu com desânimo. “Não tenho intenção de conversar com ninguém sobre isso. A história toda é embaraçosa. Não precisa se preocupar.”

“Ótimo”, disse ele, pondo o casaco. “Bom, você está avisado.”

“Vai de uma vez.”

E ele se foi.

Pedi mais um drinque e fiquei tranquilamente no canto do balcão, observando os casais e os grupos de amigos curtindo a noite. *E nada muda, pensei. Nada pode mudar. Não na Irlanda.*

UM AVERY DE VERDADE

Um mês antes de terminar de cumprir pena, Charles foi diagnosticado com um tumor cerebral inoperável e posto antecipadamente em liberdade por razões humanitárias. Sem vontade de voltar ao seu solitário apartamento de cobertura em Ballsbridge, ele me implorou que o deixasse passar as suas últimas semanas de vida na casa da Dartmouth Square, na qual afirmava, não sem exagero, que havia passado os dias mais felizes da vida. Expliquei que não morávamos lá fazia quarenta anos, mas Charles deve ter pensado que eu estava simplesmente criando dificuldades, de modo que acabei sendo obrigado a telefonar para Alice e explicar a difícil situação. Três anos depois do áspero encontro no Duke, a nossa relação já era um pouco melhor e, para a minha alegria, ela concordou de imediato,

vendo nisso uma ótima oportunidade de me lembrar do quanto Charles tinha sido bom quando eu sumi da festa de casamento, a humilhei na frente dos amigos e dos parentes e a deixei com a responsabilidade de criar sozinha o nosso filho; em suma, quando arruinei a sua vida.

“Que bom que você não guarda rancor”, disse eu.

“Cale a boca, Cyril.”

“Mas é verdade. Você é uma pessoa adorável. Não consigo entender como nenhum homem te arrematou no saldão anos atrás.”

“Era para ser uma piada?”, perguntou ela.

“Era”, admiti. “Quando eu ouvi as palavras saindo da minha boca, percebi que elas eram menos engraçadas do que pensei que seriam.”

“Tem gente que nunca devia tentar fazer graça.”

“Enfim, brincadeiras à parte, eu fico muito agradecido.”

“Acho que é o mínimo que a minha família pode fazer por ele”, disse Alice. “O Max comprou a casa por um preço abaixo do mercado na primeira vez que o Charles foi preso. E, convenhamos, o Max teve parte da culpa pela prisão dele. Mas, no fim, a casa vai ser do Liam, e ele é neto tanto do Charles quanto do Max. Só tem uma coisa que você deve saber. Não sei se o Liam te contou que houve mudanças na minha vida.”

“Não. Atualmente ele nem atende aos meus telefonemas.”

“Por que não?”

“Não tenho a menor ideia. Parece que resolveu me detestar outra vez.”

“Por quê? O que você fez?”

“Nada, que eu saiba. É possível que tenha levado a mal o comentário que fiz sobre a namorada dele.”

“O que você disse? E sobre qual namorada?”

“A tal Julia. Eu perguntei se era febre as garotas não rasparem mais as pernas nem as axilas.”

“Oh, Cyril! Se bem que você não deixa de ter razão. Ela parece um gorila. E o que ele disse?”

“Que só velho usa a expressão ‘ser febre’.”

“Bom, isso também é verdade. A palavra certa é ‘tendência’.”

“Sabe, eu não acho que seja tão certa assim.”

“Cyril, eu sou professora universitária. Convivo com jovens o dia inteiro, todo dia. Acho que conheço o jargão.”

“Mesmo assim”, disse eu sem convicção. “Tendência’ não me parece mais ‘tendência’ do que ‘ser febre’. E também duvido que as pessoas ainda falem ‘jargão’. Em todo caso, sei lá por quê, parece que

o Liam se ofendeu com o que eu disse. Não sei o que foi, eu não quis ser grosseiro.”

“Oh, eu não me preocuparia tanto. O Liam supera isso. Atualmente, ele se ofende com tudo. Na semana passada, eu perguntei o que ele queria de aniversário e ele simplesmente riu e disse que queria um ursinho de pelúcia novo.”

“Compre um bem peludo. Obviamente ele está curtindo essas coisas.”

“Duvido que estivesse falando sério.”

“Claro que estava. Muitos adultos têm um ursinho de pelúcia. Conheço um cara que leva um ursinho pooh para todos os lugares e o veste com a roupa adequada nos feriados nacionais. É reconfortante.”

“Acredite, não foi isso que ele quis dizer. Só estava sendo sarcástico.”

“Você disse que houve mudanças na sua vida”, lembrei, tentando retomar o fio da meada. “Que mudanças?”

“Oh, sim. Bem, acontece que uma pessoa mudou para cá”, respondeu Alice. “Um homem.”

“Que homem?”

“Como assim ‘que homem’? Que diabo de pergunta é essa?”

“Está dizendo que um namorado foi morar com você?”

“Estou, sim. Algum problema?”

“Preciso te lembrar que você ainda é casada comigo?”

“Mais uma das suas piadas?”

“É”, disse eu. “Ora, estou contente por você, Alice. Já estava na hora de você juntar os trapos com alguém. Qual é o nome do cara e ele tem boas intenções?”

“Promete não dar risada?”

“Por que eu ia dar risada?”

“Ele se chama Cyril.”

Eu não aguentei, caí na gargalhada.

“Só pode ser brincadeira”, disse. “Os únicos dois homens em Dublin chamados Cyril e você acaba ficando com os dois!”

“Eu não acabei ficando com você, Cyril”, observou Alice. “Nem cheguei à linha de partida, lembra? E, olhe, no fundo, é uma coincidência horrível, de modo que, por favor, não faça estardalhaço com isso. Já é mais que embaraçoso do jeito que está. Todos os meus amigos pensam que ele é homossexual.”

“Não é o *nome* que é gay, você sabe.”

“Não, eles pensam que Cyril é você e que nós voltamos a ficar juntos.”

“Você gostaria disso, Alice?”

“Prefiro abrir um buraco até o centro da terra com a língua. Você gostaria?”

“Muitíssimo. Tenho saudade do seu corpo.”

“Oh, cale a boca. Mas, se Charles mudar para cá, você não pode gozar do Cyril.”

“É provável que eu tenha de gozar dele”, disse eu. “Não vou perder uma oportunidade tão boa. Mas o que é que o Cyril II faz na vida?”

“Não o chame assim. Ele toca violino na Orquestra Sinfônica da RTÉ.”

“Que chique. A idade é adequada?”

“Nem tanto. Acaba de fazer quarenta anos.”

“Sete anos mais novo”, disse eu. “Bom trabalho. E há quanto tempo ele mora no nosso lar conjugal e me corneia?”

“Não é o nosso lar conjugal. Podia ter sido se você não tivesse fugido para o aeroporto de Dublin gritando feito uma menina. E ele está aqui há pouco mais de dois meses.”

“Liam gosta dele?”

“Gosta, sim.”

“Ele chegou a dizer isso ou é você que está dizendo só para me irritar?”

“Um pouco das duas coisas.”

“Pois eu tenho de dizer que isso me surpreende, porque, que eu saiba, o Liam não gosta de ninguém.”

“Bom, do Cyril ele gosta.”

“Sorte do Cyril. Estou louco para conhecê-lo.”

“Não creio que haja necessidade.”

“Ele não vai se importar se o seu sogro mudar para aí? Um estranho no ninho, por assim dizer.”

“Isto aqui não é um ninho, é uma casa. E não chame Charles de meu sogro; isso é irritante. Mas, não, Cyril não vai se incomodar. Ele é muito descontraído. Para um violinista.”

E assim, dias depois, o meu pai adotivo voltou a ocupar o quarto do primeiro andar, o que tinha sido dele na minha infância, se bem que agora, em vez de ficar farreando com mulheres na cidade até tarde da noite, passava o tempo na cama e começou a realizar a sua última grande ambição na vida: ler todos os romances de Maude em ordem cronológica.

“Eu só li um quando ela estava viva”, contou-me numa tarde durante um dos seus momentos de lucidez, que iam e vinham com

frequência alarmante. “E lembro de tê-lo achado muito bom na época. Eu disse a Maude que era o tipo do livro que podia virar filme se caísse nas mãos de um David Lean ou de um George Cukor, e ela ameaçou pôr arsênico no meu chá se eu voltasse a dizer uma coisa tão vulgar a respeito da sua obra. Não que eu entendesse tanto assim de literatura, compreende, mas percebi que ela tinha algo especial.”

“Muita gente pensa a mesma coisa”, disse eu.

“Ela me deixou muito bem de vida, devo admitir. Isso tudo será seu, meu filho.”

Olhei para ele, surpreso. “O que você disse?”, perguntei.

“Ora, você é meu parente mais próximo, não? Em termos jurídicos. Eu vou deixar tudo para você, inclusive os direitos autorais dos livros de Maude.”

“Não?! Mas são milhões!”

“Posso mudar isso se você quiser. Ainda dá tempo. Posso doá-los a uma dessas instituições de caridade para sem-teto. Ou deixá-los para o Bono, pois ele certamente vai saber o que fazer com a grana.”

“Não, não”, eu me apressei a dizer. “Não se precipite. Eu me encarrego das instituições de caridade quando chegar a hora. E o Bono provavelmente sabe cuidar de si.”

“A boa e velha Maude”, sorriu ele. “Quem diria que uma escritora podia ganhar tanto dinheiro? E dizem que o mundo está cheio de filisteus. A sua mulher escreveu uma tese sobre ela, não é mesmo?”

“Escreveu”, reconheci. “A tese até virou livro. Mas acho melhor não chamar Alice de minha mulher. Ela não vai gostar.”

“Preciso ter uma conversa com ela sobre os romances porque agora, lendo um por um, eu finalmente estou entendendo esse estardalhaço todo. A única coisa que eu diria a Maude, se ela estivesse aqui, é que ela arrisca parecer um pouco anti-homem às vezes, você não concorda? Nos romances dela, todos os maridos são indivíduos idiotas, insensíveis, desleais, com passado obscuro, uns cabeças-ocas de micropênis e moral questionável. Mas eu presumo que ela tinha boa imaginação, como todos os escritores devem ter, e simplesmente inventava as coisas. Acho que me lembro de que Maude não teve uma boa relação com o pai. Talvez isso apareça um pouco na obra dela.”

“Só pode ser isso”, disse eu. “Não posso imaginar de onde mais ela podia ter tirado semelhantes ideias.”

“A sua mulher menciona isso na biografia?”

“Um pouquinho, sim.”

“Ela fala em *mim* na biografia?”

“Claro.”

“Como eu apareço nela?”

“Não muito bem”, disse eu. “Mas talvez um pouco melhor que o esperado.”

“Está bem. E você? Também é mencionado?”

“Sou.”

“E como aparece no livro?”

“Não muito bem. Talvez um pouco pior que o esperado.”

“A vida é assim. A propósito”, disse ele. “Não quero ser indelicado, mas estou achando um pouco difícil dormir com o barulho constante de gente transando que vem do seu quarto. Na noite passada, eu acordei com a sua mulher gritando o seu nome num prazer extasiado, com toda a paixão de uma jovem ninfomaníaca à solta no vestiário de um time de futebol masculino subdezessete. Sorte sua, garoto, ainda mais depois de tantos anos. Eu admiro o seu ardor. Mas se você abaixasse um pouco o volume, eu ficaria agradecido. Eu sou um moribundo e preciso dormir.”

“Na verdade, acho que não era o meu nome que ela estava gritando”, disse eu.

“Oh, era, sim, claro que era”, replicou Charles. “Eu o ouvi muitas e muitas vezes. *Oh, Cyril! Isso, Cyril! Aí mesmo, Cyril! Não se preocupe, isso acontece com qualquer um às vezes, Cyril!*”

“Não era eu”, expliquei. “Era o Cyril II. O namorado. Eu ainda não o conheci, mas parece que você sim.”

“Um rastro de mijó alto e de aparência lamentável?”

“Não sei, mas pode ser que sim.”

“Sim, eu o conheci. Aparece aqui de vez em quando e grita comigo como se eu fosse surdo, como os ingleses fazem com os estrangeiros, pois pensam que isso os ajuda a entender melhor o que dizem. Disse que passou toda a semana tocando *La Esmeralda* de Pugni no National Concert Hall e eu simplesmente apertei a mão dele e disse *Sorte sua.*”

Uma enfermeira o visitava, dia sim, dia não, para examiná-lo, e quase toda tarde Alice o levava a passear na Dartmouth Square. No entanto, quando ficou claro que ele estava chegando ao fim, perguntei a Alice se também podia me mudar para lá a fim de estar com Charles quando ele passasse desta para melhor.

“O quê?”, disse ela, com uma expressão que sugeria que estava assombrada com o mero fato de eu fazer uma pergunta daquelas.

“Acontece”, expliquei, “que, se acontecer alguma coisa, você vai ter de me telefonar e é possível que, quando eu chegar, ele já tenha partido. Mas, se eu já estiver aqui, isso não vai acontecer e há a

vantagem adicional de eu poder ajudá-la a cuidar dele. Você já fez tanto. Deve estar exausta. Sem falar no seu trabalho, nas suas preocupações com o Liam e nas noites de sexo barulhento com o Cyril II.”

Alice olhou pela janela como se estivesse tentando pensar num bom motivo para dizer não. “Mas onde eu vou pôr você?”, perguntou.

“Ora, a casa não é propriamente pequena”, disse eu. “Posso ficar no quarto de cima, no que era meu na minha infância.”

“Oh, não. Faz tempo que eu não subo lá. Provavelmente está coberto de pó. Eu considero aquela parte da casa fechada.”

“Ora, eu posso reabri-la. E posso muito bem fazer a limpeza. Olhe, se você preferir que não, tudo bem. Se não quiser que o Charles passe os seus últimos momentos com o filho...”

“Filho adotivo.”

“Eu não posso reclamar. Seria totalmente compreensível. Mas, não sendo assim, eu gostaria muito de ficar com ele.”

“E o Cyril?”, perguntou ela.

“Cyril sou eu. Ou será que você também está com tumor no cérebro?”

“O meu Cyril.”

“Achei que eu fosse o seu Cyril.”

“Está vendo? É por isso que não vai dar certo.”

“O Cyril II, é dele que você está falando?”

“Pare de chamá-lo assim.”

“Ora, ele teria de ser incrivelmente inseguro para se sentir ameaçado por mim”, disse eu. “Como já está mais do que estabelecido a esta altura, eu não sou exatamente um mulherengo incorrigível. Olhe, sei que seria um arranjo bem pouco convencional, mas não vai durar muito. Não vou criar nenhum problema, prometo.”

“Claro que vai. Você sempre cria problema. É o seu papel na vida. E eu não sei o que o Liam vai achar.”

“Provavelmente vai ficar contente em ter a mamãe e o papai finalmente juntos sob o mesmo teto.”

“Está vendo? Eu ainda nem disse sim e você já está criando problema. Com as suas piadinhas.”

“Eu só quero ficar com ele”, disse eu em voz baixa. “Estou me referindo ao Charles. Eu arruinei a maioria das minhas relações e a de nós dois é bem estranha, mas gostaria que acabasse da melhor maneira possível.”

“Ótimo”, disse ela, erguendo as mãos no ar. “Mas esse arranjo não está sendo feito para durar muito, você tem que entender isso. Quando

ele for embora, você vai também.”

“Eu peço carona ao agente funerário que sair daqui com o caixão”, disse eu. “Prometo.”

Naquela noite, quando Liam voltou para casa, ficou surpreso ao dar com os pais jantando juntos e assistindo à novela *Coronation Street*.

“O que é isso?”, perguntou, parando no centro da cozinha e nos encarando. “O que aconteceu?”

“Tudo mudou”, disse eu. “Nós resolvemos voltar. Estamos até pensando em ter outro filho. Você não gostaria de ter um irmãozinho ou uma irmãzinha?”

“Cale a boca, Cyril”, ordenou Alice. “Não se preocupe, Liam. O seu pai está provocando.”

“Não o chame de meu pai”, disse Liam.

“Tudo bem, Cyril está provocando. Ele vai passar alguns dias aqui enquanto o seu avô estiver conosco.”

“Ah, está bem. Mas por quê?”

“Para ajudar.”

“Eu posso ajudar.”

“Pode, mas não ajuda”, disparou Alice.

“Não vai demorar”, expliquei. “E, afinal de contas, ele é o meu pai.”

“Pai adotivo”, corrigiu Liam.

“Sim, é verdade. Mas, mesmo assim, o único pai que eu conheci.”

“E o Cyril?”, perguntou ele.

“Eu o quê?”

“Não, o outro Cyril.”

“O Cyril II.”

“Pare de chamá-lo assim”, disse Alice. “Cyril já sabe. Já deve estar chegando e eu vou apresentá-los.”

Liam fez que sim, foi à geladeira e começou a construir um sanduíche gigante. “Eu não sei o que pensar”, observou. “Durante anos, éramos só nós dois. E agora a casa está cheia de homens.”

“Cheia de Cyrils”, disse eu.

“Não está tão *cheia* de homens assim”, observou Alice. “São só dois.”

“Três”, emendou Liam. “Você esqueceu o Charles.”

“É verdade. Desculpe.”

“Quatro se você se incluir”, indiquei. “O número não para de crescer.”

“Você não vai chegar nem perto do meu quarto, entendeu?”, disse ele, fulminando-me com o olhar.

“Vou tentar resistir a este impulso avassalador”, retruquei.

Duas horas depois, Cyril II chegou e nós trocamos um aperto de mão enquanto Alice, entre nós, se mostrava extremamente nervosa. Ele era um cara bem agradável, achei, ainda que um pouco sem graça. Cinco minutos depois, perguntou-me se eu tinha uma sinfonia predileta e, caso tivesse, ofereceu-se para tocá-la como um hino de boas-vindas à Dartmouth Square. Eu disse que não tinha, mas agradeci o gesto simpático. E isso foi tudo o que ele disse naquela noite, à parte me perguntar se eu conhecia uma boa cura para joanetes.

Uma semana depois, perto de meia-noite, quando eu estava subindo ao meu quarto com uma caneca de leite quente, ouvi choro no quarto de Charles, passei algum tempo escutando pela porta e então bati de leve e entrei. Ele estava sentado na cama com o último romance de Maude ao seu lado, enxugando os olhos.

“Tudo bem com você?”

“Eu estou muito triste”, disse ele, apontando para o livro. “Este é o último, está vendo? Agora já li todos, de modo que acho que vou partir logo. Não sobrou nada. Pena que eu não me dei conta, na época, do grande talento que ela tinha. Queria tê-la elogiado mais. E ter sido um marido melhor. Ela estava tão cansada da vida, no fim! E cansada de mim. Eu a tratava mal. Você não a conheceu nos anos 30, é claro, mas, quando era jovem, ela esbanjava graça. Era *lépida*, como diziam naquele tempo. Do tipo que saltava por cima de enxurradas sem pensar duas vezes. Do tipo que levava um frasco na bolsa e tomava um trago quando o sermão de domingo era muito demorado.”

Eu sorri. Achava difícil imaginar Maude fazendo esse tipo de coisa.

“Você sabe que ela agrediu o Homem da Receita quando você foi preso pela primeira vez?”, indaguei.

“É mesmo? Por quê?”

“Disse que ele se empenhou tanto em perseguir você que o nome dela apareceu em todos os jornais e o resultado foi *Entre anjos* estar em quarto lugar na lista dos livros mais vendidos. Bateu nele em pleno Four Courts.”

“Aquele foi mesmo um golpe para ela”, disse Charles, acenando a cabeça. “Lembro que ficou contrariadíssima. Depois me escreveu uma carta nada agradável, embora incrivelmente bem escrita. Ela está lá em cima, Cyril? Por que você não pede para ela descer para que eu possa me desculpar por essas coisas antes de dormir?”

“Não, Charles”, disse eu, sacudindo a cabeça. “Ela não está lá em cima.”

“Está. Tem de estar. Por favor, mande ela descer. Quero lhe pedir desculpas.”

Estendi a mão e tirei uma longa mecha de cabelo branco da sua testa e a assentei na cabeça. A pele estava fria e pegajosa. Charles voltou a se deitar e fechou os olhos, e eu aguardei até que pegasse no sono antes de ir me deitar naquela cama de solteiro e ficar olhando pela claraboia para as estrelas, as mesmas que contemplava mais de quarenta anos antes, sonhando com Julian Woodbead e com as coisas que queria fazer com ele, e enfim entendi por que Charles quis voltar para lá. Pois, pela primeira vez na vida, eu comecei a pensar na minha mortalidade. Se sofresse uma queda ou ataque cardíaco, podia passar semanas jogado no chão da cozinha, apodrecendo, antes que alguém pensasse em me procurar. Não tinha nem mesmo um gato para me comer.

Charles durou mais quatro dias e, com um timing impecável, faleceu quando Alice, Liam, Cyril II e eu estávamos em casa. Havia passado o dia todo murmurando frases desconexas e estava claro que não lhe restava muito tempo, se bem que ninguém pensou que fosse morrer naquele mesmo dia. Alice e eu estávamos embaixo preparando o jantar e ouvimos Liam nos chamar do primeiro andar.

“Mamãe! Cyril! Venham depressa!”

Nós três subimos correndo e entramos no quarto em que Charles jazia de olhos fechados, a respiração cada vez mais lenta. Chegamos a ouvir o esforço que lhe custava emitir um som.

“O que está acontecendo?”, quis saber Liam, e me surpreendi ao ver que o meu filho, que não mostrara praticamente nenhuma emoção desde que eu o havia conhecido, estava quase chorando, mesmo porque ele só conhecera o avô algumas semanas antes.

“Ele está partindo”, disse eu, sentando-me e segurando uma das mãos dele enquanto Alice pegava a outra. Do corredor lá fora, chegou o som choroso de um violino e eu revirei os olhos.

“Ele precisa fazer isso?”, perguntei.

“Cale a boca, Cyril”, respondeu Alice. “Ele só está tentando ajudar.”

“Então ele não podia tocar uma coisa mais alegre? Uma giga ou coisa assim?”

“Diga a ela que a culpa não foi minha”, balbuciou Charles, e eu aproximei a cabeça da sua boca.

“O que não foi culpa sua?”, perguntei, mas ele sacudiu a cabeça.

“Cyril”, disse.

“O quê?”

“Aproxime-se.”

“Não posso me aproximar mais. Nós estamos praticamente nos beijando.”

Ele ergueu um pouco o corpo na cama e examinou o quarto com uma expressão horrorizada, depois me agarrou pela nuca e puxou o meu rosto para perto dele. “Você nunca foi um Avery de verdade”, sibilou. “Você sabe disso, não?”

“Sei.”

“Mas, puta merda, chegou perto. Chegou muito perto.”

E, com essas palavras, soltou-me e voltou a cair no travesseiro, não disse mais nada e nós todos ficamos observando a sua respiração diminuir até cessar completamente. De certo modo, eu me senti totalmente fora da cena naquele momento, como se a minha alma estivesse saindo do corpo e subindo ao céu. Olhando para baixo lá de cima, pude ver a mim mesmo, a minha mulher e o meu filho naquele quarto, junto aos restos mortais do meu pai adotivo e pensei na família esquisita na qual fui criado e na família peculiar que eu deixaria um dia.

Dois dias depois, nós o sepultamos no cemitério da igreja de Ranelagh e, quando voltamos à Dartmouth Square, Alice fez com que me sentasse e disse que tinha ficado contente com a minha presença lá nos últimos dias e estava satisfeita por ter podido ajudar, mas havia terminado, ela não queria nenhum mal-entendido entre nós, e agora me cabia voltar para casa.

“Mas eu não tenho nem um gato”, argumentei.

“O que isso tem a ver com o quê?”

“Nada”, respondi. “E é claro que eu tenho de ir. Vocês foram muito bons para mim, você e o Cyril II.”

“Não...”

“Desculpe.”

Dormi lá uma última noite e, na manhã seguinte bem cedo, pus os meus objetos pessoais e as roupas na mala que trouxera comigo e saí daquela casa para sempre, quando o meu filho, a minha mulher e o seu amante ainda estavam dormindo, deixando a chave na mesinha junto à porta da rua, em frente à cadeira em que Julian se sentara aos sete anos; saí para a fria manhã de outono e descobri que a neblina descera à Dartmouth Square, tornando o caminho até a rua principal praticamente invisível.

Kathleen.

2001:
A dor do membro fantasma

MARIBOR

No verão de 2001, pouco tempo depois do meu quinquagésimo sexto aniversário, Ignac me convidou a ir com ele a um festival literário em Liubliana. Geralmente, a sua esposa Rebecca o acompanhava nas turnês de publicidade, mas como tinha dado à luz duas gêmeas alguns meses antes — o seu segundo par de gêmeos depois de uma dupla de meninos apenas catorze meses antes —, ela preferiu não sair de Dublin e, assim, ele me convidou a substituí-la.

“O Ignac está ansiosíssimo com isso”, contou-me Rebecca na manhã em que estacionou o enorme carrinho de dois andares na Dáil Éireann, um pouco atordoada por ter voltado a ver a luz do sol. Deixando-se cair numa cadeira em frente à minha, parecia ser capaz de passar semanas dormindo se tivesse chance. “Acho que está arrependido de ter aceitado o convite.” Um dos bebês do andar superior não demorou a vomitar num dos bebês do andar inferior, coisa que levou um secretário parlamentar a nos endereçar um olhar de reprovação quando se ouviu uma estridente rodada de choro, a maior parte da própria Rebecca.

“Ansiosíssimo por quê?”, perguntei quando os pequenos voltaram a ficar limpos. “Há anos que ele participa de centenas de festivais do livro. A essa altura, já devia ter se acostumado.”

“Sim, mas é a primeira vez que visita a Eslovênia desde que saiu de lá.”

“Você quer dizer desde que o mandaram embora de lá.”

“Quero?”

“Foi o que aconteceu, não foi?”

Rebecca encolheu os ombros e desviou a vista. “É complicado”, disse.

Fiz uma careta, sem saber ao certo o que ela queria dizer. Ignac sempre dissera que a sua avó o havia despachado para o pai em Amsterdam logo depois da morte da mãe dele, dizendo que não tinha o menor interesse em criar outro filho. E, pelo que eu sabia, era isso

mesmo que tinha acontecido.

“Eu temo que ele ache aquilo perturbador”, continuou Rebecca. “Está mais calado do que normalmente é. E não tem dormido.”

“Por acaso algum de vocês dorme?”, perguntei, olhando para os bebês.

“Não. Agora que você falou nisso, acho que a última vez que dormi uma noite completa foi em março. Espero dormir mais uma no ano que vem, se tiver sorte. Acho que vai ser uma viagem difícil, só isso. O Ignac é tão famoso lá.”

“Ele é famoso em toda parte.”

“Eu sei, mas...”

“Olhe, e se *eu* ficar uns dias cuidando das crianças?”, propus. “E você vai à Eslovênia com o Ignac.”

“Sério?”, disse ela. “Você quer passar cinco dias tomando conta dos nossos quatro bebês?”

“Não, querer eu não quero. Mas tomo conta deles. Tão difícil assim não há de ser.”

Ela riu e sacudiu a cabeça. “Oh, não há dificuldade nenhuma. É a maior moleza!”

“Ora essa, eu consigo! Mesmo porque um descanso faria muito bem a você.”

“Por quê?”, perguntou ela, arregalando os olhos, desanimada. “Eu estou horrorosa, né? Devo estar parecendo uma daquelas mulheres. Sabe aquelas mulheres? Que são horrorosas o tempo todo? Eu pareço com elas?”

“Você está deslumbrante como sempre”, disse eu, e era verdade, pois, apesar do muito que se sentia cansada e independentemente do número de bebês que havia parido, Rebecca sempre tinha uma aparência incrível.

“Eu me sinto como aquela velha do *Titanic*”, disse ela, apoiando a cabeça nas mãos. “Só que menos fodível. Do jeito que o meu corpo está agora, a Madre Teresa ganharia de mim num concurso de biquíni.”

“Tenho certeza de que não é isso que o Ignac acha”, disse eu, tentando tirar essa imagem da mente.

“Pois eu espero que seja. Se ele chegar perto de mim com aquele negócio outra vez, eu corto com a tesoura. Quatro bebês em um ano e meio já está de bom tamanho. Em todo caso, não, por mais que eu prefira fugir e deixar a bomba para você, não é possível.”

“Por que não?”

“Porque eu acho que dou de mamar melhor que você.”

“Ah, sim”, concordei. “Tudo bem. Um a zero para você.”

E assim ficou decidido e eu embarquei num avião, tragado pelo caos do mais conhecido expatriado esloveno voltando ao seu país pela primeira vez em mais de duas décadas. Para o meu assombro, os fotógrafos estavam aglomerados no aeroporto aguardando a sua chegada, assim como equipes de televisão, cada uma das quais enfiava um microfone na cara de Ignac ao mesmo tempo que gritava perguntas incompreensíveis quando ele passou pelo portão da chegada. As hordas de crianças à sua espera eram tão numerosas e barulhentas que nós podíamos ser uma *boy band* chegando à cidade. Na ocasião, é claro, o oitavo volume da série Floriak Ansen acabava de ser publicado, de modo que o entusiasmo era compreensível, e Ignac passou mais de uma hora no aeroporto, autografando livros, enquanto eu esperava com uma xícara de café antes de viajarmos de limusine ao centro da cidade, para um encontro regado a champanhe com o editor antes de um evento noturno com ingressos esgotados no teatro local.

Em toda a sua carreira, Maude fizera uma única leitura pública, e, embora aquela noite desastrosa esteja bem documentada na biografia de Alice,* ela não estava realmente presente para testemunhar aquilo, mas eu estava. Foi numa livraria no centro de Dublin diante de um público de dezenas de pessoas e, enquanto um jornalista cultural do *Sunday Press* apresentava Maude, listando os títulos dos seus vários romances até então, a minha mãe adotiva se deixou ficar tranquilamente sentada num canto, toda de preto, acendendo um cigarro atrás do outro e revirando os olhos diante de cada suposto elogio que ele lhe fazia. (*Ela é tão boa quanto qualquer um dos melhores escritores homens*, foi uma das frases lapidares dele. Juntamente com: *Escreve frases maravilhosas, mas tem pernas melhores ainda*. Para não mencionar: *Como ela consegue escrever os seus romances ao mesmo tempo que cuida do marido e do filho é um mistério para mim. Só espero que não descuide dos seus deveres!*) Quando o homem terminou, Maude se levantou, foi até o microfone e, sem absolutamente nenhum preâmbulo, começou a ler o primeiro capítulo de *Entre anjos*, que havia sido publicado alguns meses antes e acolhido com indiferença universal. Talvez ela nunca tivesse estado num evento literário ou talvez simplesmente não entendesse bem a natureza das leituras públicas, pois, ao terminar o primeiro capítulo, que parecia ter tomado intermináveis quarenta minutos, como o público se pôs a aplaudir, ela olhou enfurecida para todos e gritou: *Calem a boca, pelo amor de Deus, eu não terminei*, antes de iniciar o segundo. E depois o

terceiro. Só quando o último membro da plateia saiu de fininho da livraria mais de duas horas depois, Maude parou de ler, fechou o livro com violência e, segurando a minha mão, saiu precipitadamente e tomou um táxi rumo à Dartmouth Square.

“Que grande perda de tempo”, queixou-se enquanto abríamos caminho no tráfego. “Se eles não gostam do meu trabalho, por que diabo vêm me escutar?”

“Acho que esperavam que você lesse durante só alguns minutos”, disse eu. “E depois talvez respondesse a algumas perguntas da plateia.”

“O romance tem 434 páginas”, replicou ela, sacudindo a cabeça. “Se quiserem entendê-lo, eles têm de ouvir o texto inteiro. Ou, melhor, ainda, *ler* o texto inteiro. Como vão ter uma noção do que se trata em meros dez minutos? O tempo que eu levo para fumar três cigarros! Filisteus! Bárbaros! Cavalgadas! Nunca mais, Cyril, isso eu prometo. Nunca mais.” E, quanto a isso, cumpriu fielmente a palavra.

Ignac, naturalmente, não cometeu esses erros em Liubliana. Àquela altura, tinha experiência de palco, sabia exatamente quanto tempo uma plateia estava disposta a escutar e, na entrevista posterior, soube encantar as pessoas com alguns gracejos autodepreciativos muito bem escolhidos. O seu editor havia programado uma quantidade enorme de entrevistas a jornais, ao rádio e à televisão e, na terceira tarde, quando as suas responsabilidades autorais chegaram ao fim, ele propôs uma viagem a Maribor, no nordeste do país, no dia seguinte.

“O que há em Maribor?”, perguntei, consultando o guia turístico ao qual me apegara, nos últimos dias, com tanto fervor quanto Lucy Honeychurch ao seu *Baedeker*.

“É onde eu nasci. A minha família é de lá.”

“É mesmo?”, surpreendi-me, pois nunca o ouvira mencionar aquela cidade. “E tem certeza de que quer voltar para lá?”

“Certeza mesmo eu não tenho”, disse ele, encolhendo os ombros. “Mas acho que pode ser bom para mim.”

“Por quê?”

Ele demorou a responder. “Esta não é para ser a minha única viagem à Eslovênia”, disse. “Eu vou voltar, mas provavelmente daqui a muito tempo. Quando meus filhos tiverem crescido e puderem conhecer de verdade o país. E, quando esse dia chegar, quero já não estar lidando com o passado. Acho que devo ver Maribor agora, com você, e então enterrá-la para sempre.”

E lá fomos nós, de carro alugado e seguindo rumo ao norte, até

que nos vimos nas ruas frias e deterioradas em que Ignac havia passado a infância e a adolescência. Muito calado, ele me conduziu pela cidade, pelos atalhos e becos dos quais se lembrou sem hesitação, recordando as lojas e as casas de amigos da infância. Passamos por uma escola cercada de tapume, a fachada coberta de pichações indecifráveis, e por outra que, embora tivesse sido construída mais recentemente, dava a impressão de que seria derrubada pela primeira ventania mais forte. Almoçamos num restaurante onde os clientes ficavam nos encarando, reconhecendo o filho da terra mais famoso, que vivia nos artigos de jornal e nos programas de televisão, mas pareciam temerosos de abordá-lo, como se não soubessem qual seria a sua reação. Só uma pessoa, um menino de nove anos, que estava com o pai lendo um romance de Floriak Ansen, se aproximou e, quando os dois falaram, antes que Ignac autografasse o livro, foi em esloveno e eu não entendi uma palavra e não fiz nenhuma pergunta depois. Por fim, ele me levou por uma rua de paralelepípedos que dava num pequeno casebre abandonado de janelas tapadas com tábuas, o telhado caindo, e espalmou a mão na porta da rua, fechando os olhos e respirando fundo, como se estivesse tentando manter a calma ou reprimir as lágrimas.

“O que é isto?”, perguntei. “Onde estamos?”

“É esta. A casa em que nasci. Em que fui criado.”

Olhei para ela. Era tão pequena que mal podia imaginar uma só pessoa morando lá dentro, muito menos dois adultos e uma criança.

“Tinha só alguns cômodos”, disse Ignac, adivinhando o que me passava pela cabeça. “Quando eu era pequeno, dormia na cama com os meus pais. Então, depois que o meu pai foi embora, a minha mãe fez um ninho para mim no chão. Havia uma latrina no fundo. Nenhum lugar para a gente se lavar.”

Encarei Ignac sem saber o que dizer. Não falávamos no seu pai desde aquela noite em Amsterdam, vinte e um anos antes, quando Jack Smoot lhe deu uma facada nas costas.

“Você quer entrar?”, perguntei. “Se a gente arrancar algumas dessas vigas...”

“Não”, ele se apressou a dizer. “Não, não quero isso. Só queria vê-la, mais nada.”

“E os seus vizinhos?”, perguntei, olhando à minha volta. “Você se lembra deles?”

“De alguns. Muitos já devem ter morrido.”

“E os seus amigos?”

“Eu não tinha muitos. Não vou bater em nenhuma porta.”

“Então vamos. Você já viu a casa. Vamos continuar.”

“Está bem. Quer voltar para o hotel?”

“Não, vamos tomar uma cerveja”, propôs. “Acho que a gente devia tomar um porre, você não?”

Ele sorriu. “É exatamente isso que eu acho.”

Ignac foi pela mesma rua e eu sugeri que voltássemos para o centro da cidade, onde tinha reparado em alguns bares de aparência decente, mas ele não quis, disse que havia um bar ali perto ao qual queria ir. Quando lá chegamos, eu me surpreendi porque não havia nada especial, apenas duas mesas na calçada de uma delicatessen, mas nos sentamos e pedimos duas *lagers* eslovenas, e ele pareceu contente em estar lá. Entretanto, havia uma estranha atmosfera no ar entre nós, e eu não sabia se ele queria ficar a sós com os seus pensamentos ou se preferia conversar.

“Lembra da noite em que nós nos conhecemos?”, perguntei enfim, recordando a ocasião em que Bastiaan e eu demos com ele deitado na calçada do nosso apartamento na Weesperplein, o cabelo castanho tingido de loiro, um hematoma na pele abaixo do olho e uma linha de sangue a escorrer da boca ao queixo. “Quando nos abaixamos para te ajudar foi como pegar um cachorrinho assustado que não sabe se você vai dar de comer ou bater nele.”

“Sabe que eu tinha planos de te assaltar?”, sorriu ele.

“Não eram só planos”, respondi. “Você me roubou. Levou a minha carteira na manhã seguinte, lembra?”

“Ah, é verdade. Eu tinha esquecido.”

“Alguma chance de eu voltar a ver aquele dinheiro um dia?”

“Provavelmente não”, sorriu ele. “Mas pago o jantar mais tarde, se você quiser.”

“Fiquei com medo de que você nos matasse quando estávamos dormindo.”

“Isso eu nunca faria”, disse ele com ar meio ofendido. “Mas pensei que, se pudesse vender algumas das suas coisas, conseguiria fugir das ruas. Fugir do meu pai. Só depois que eu fugi na manhã seguinte foi que bolei um plano melhor. Devolvi a sua carteira na esperança de que vocês me deixassem morar lá.”

“Isso você deve ao Bastiaan”, contei, tomando um gole de cerveja e sentindo a dor que me maltratava por dentro sempre que recordava os bons tempos de nós dois, tempos que agora pareciam tão longínquos. Fazia catorze anos que ele morrera; era difícil acreditar. “Achei que ele estava louco quando propôs isso.”

“Mesmo assim, você concordou.”

“Ele me persuadiu.”

“Ainda bem. Do contrário, não sei o que teria sido de mim.”

“Não subestime a sua força”, disse eu. “Acho que você se sairia bem.”

“Talvez.”

“Eu queria que ele estivesse aqui.”

“Eu também”, disse Ignac. “O mundo é um lugarzinho bem filho da puta, não?”

“É.”

“Você não sente falta de ter alguém na sua vida?”

“Claro que sim.”

“Não, não me refiro ao Bastiaan. Refiro-me a outra pessoa.”

Sacudi a cabeça. “Não. Faço parte de uma geração de gays que tinham sorte quando chegavam a encontrar alguém uma vez na vida. Não tenho o menor interesse em começar algo novo. Para mim, era o Bastiaan ou ninguém.”

“Nem mesmo o Julian?”

“O Julian era diferente”, expliquei. “O Julian sempre foi uma impossibilidade. Mas o Bastiaan era uma realidade. O Bastiaan foi o amor da minha vida, não o Julian. O Julian não passava de uma obsessão, embora eu o amasse e ainda sinta falta dele. A gente conseguiu resolver algumas coisas no fim, mas não o suficiente.” Sacudi a cabeça e suspirei. “Sinceramente, Ignac, eu olho para trás e não compreendo bem a minha vida. Agora parece que seria tão simples ter sido franco com todo mundo, especialmente com o Julian. Mas não era isso que eu sentia na época. Claro, tudo era diferente.”

“O Liam diz que o Julian achava a mesma coisa. Que não sabia por que você não lhe contou o que sentia quando vocês eram adolescentes.”

Eu o encarei, surpreso. “Você conversou com o Liam sobre nós?”, perguntei.

“O tema veio à baila”, disse ele com cautela. “Isso te incomoda?”

“Não. Acho que não. Acho bom vocês serem amigos.”

“Claro que somos amigos. Ele é meu irmão.”

“Nem sempre as duas coisas andam juntas.”

“No nosso caso, andam.”

“Bom, isso me alegra”, disse eu. Aliás, Liam era padrinho do primeiro par de gêmeos de Ignac e Rebecca, mas alguma coisa aqui dentro às vezes tinha inveja da relação deles. Eles eram o irmão mais velho e o caçula que os dois sempre quiseram ter, ligados por um pai esquisito que estivera presente para um e não para o outro.

“E se aparecesse alguém agora?”, indagou ele.

“Alguém...?”

“Alguém para amar.”

Sacudi a cabeça. “Sei lá. Talvez? Provavelmente não.”

“O.k.”

“Posso te perguntar uma coisa?”, pedi, pronto para tocar num assunto sobre o qual a gente nunca, em mais de vinte anos, tinha conversado.

“Claro.”

“É porque a gente está aqui”, eu disse. “Na Eslovênia. E isso me faz perceber que nós nunca conversamos sobre Amsterdam. Não sobre a cidade. Mas sobre o que aconteceu lá.”

“Não. Não conversamos.”

“Às vezes, eu acho que há algo errado comigo”, disse eu, baixando a voz, muito embora não houvesse ninguém por perto que pudesse nos ouvir. “Porque eu não sinto absolutamente nenhum remorso. Nenhuma culpa.”

“Por que sentiria?”

“Porque eu matei um homem.”

“Você não matou”, disse Ignac, sacudindo a cabeça. “Quem matou foi o Jack Smoot.”

“Não, nós todos matamos. Nós estávamos presentes. E eu participei daquilo tanto quanto os outros.”

“O meu pai recebeu o que merecia. Se Jack Smoot não tivesse dado aquela facada nele, Deus sabe o que teria acontecido. Lembre-se, eu o conhecia. Você não. Ele nunca me deixaria livre. Nunca.”

“Eu sei. E não me arrependo de nada.”

“Você pensa muito nisso?”

“Não, muito não. Mas às vezes. Por quê, você não?”

“Não, nunca.”

“O.k.”

“Eu não lamento, se é isso que você está perguntando.”

“Eu também não lamento”, disse eu. “Ele nunca te deixaria em paz, é óbvio. Mas tenho de reconhecer que me perguntei muitas vezes o que o Smoot fez com o corpo. Há vinte anos que eu me pergunto se a polícia pode nos pegar.”

“Não pode. O corpo sumiu há muito tempo.”

“Como você pode ter certeza?”

“Simplesmente tendo.”

Eu o encarei, surpreso. “Você sabe o que aconteceu com o cadáver?”

“Sei.”

“Como?”

“O Smoot me contou.”

“Eu não percebi que vocês ainda tinham contato”, disse eu.

“Só ocasionalmente.”

“Eu sempre tive medo de entrar em contato com ele. Achava melhor manter o máximo de distância possível entre nós, por via das dúvidas. Mas acontece que ele me procurou quando o Bastiaan morreu. Escreveu uma carta para mim. Eu sempre me perguntei como ele soube, acho que talvez Arjan ou Edda tenha ido ao bar e lhe contado.”

“E você respondeu?”

“Respondi. Mas terminou aí. Talvez eu volte a escrever um dia. Supondo que ele ainda esteja vivo.”

“Oh, ele ainda está vivo, sim”, afirmou Ignac. “Eu estive com ele na última vez que fui a Amsterdam.”

“Você foi ao MacIntyre’s?”, perguntei, surpreso.

“Claro que fui. Vou sempre que estou lá, o que é bastante frequente, porque o meu editor holandês me chama para cada livro novo. Nada mudou. O Smoot está mais velho, é claro. Mas o bar ainda dá dinheiro. E ele parece bem feliz. Na última vez que estive lá, até conheci a mulher da fotografia.”

“Que fotografia?”

“Lembra do retrato na parede próxima à sua mesa preferida? Onde você e Bastiaan sempre ficavam?”

“Aquele do Smoot com o namorado de não sei quantos anos antes?”

“É, mas havia uma moça com ele, meio cortada pela moldura.”

“Ah, sim”, disse eu, recordando. “Foi tirada na Chatham Street.”

“Nós íamos nos encontrar com ela naquela noite, lembra? Estava de férias em Amsterdam. Acontece que ela o ajudou a se livrar do corpo. Portanto, nós devemos ser gratos a ela.”

Pensei nisso, recordando quando Smoot pôs o cadáver no portamalas do carro alugado, instalou-se no banco do passageiro ao lado de uma mulher e partiu. A sua amiga de Dublin. Uma velha amiga. A mulher que lhe salvou a vida quando o amante dele foi assassinado.

“E vocês conversaram sobre isso?”, perguntei, esperando que a resposta fosse negativa. Podiam ter se passado muitos anos, mas eu continuava achando uma loucura discutir os acontecimentos daquela noite com desconhecidos.

“Não”, disse ele. “Nenhuma palavra. Depois Smoot me contou, só

isso.”

“Mas o que foi que ele fez?”, tornei a perguntar. “Como se livrou do defunto?”

Ignac sorriu e sacudiu a cabeça. “Como eu disse. Você não quer saber.”

“Quero, sim.”

Ele suspirou e deu de ombros. “Está bem”, disse. “Lembra que os amsterdameses do século XVII costumavam atar pedras de moinho no pescoço dos homossexuais condenados e jogá-los nos canais para que se afogassem?”

“Sim.”

“Pois foi o que ele fez. Ele deve ter ido direto para o fundo e nunca mais voltou à tona.”

“Meu Deus”, disse eu, sentindo um calafrio. “Nem sei o que dizer.”

“Eu acho muito justo. Acho que...”

Ignac se calou subitamente e eu vi o seu rosto empalidecer ao sol da tarde. Seguindo a direção do seu olhar, avistei uma velha que passava puxando um carrinho de feira, seguida de um vira-lata cinzento. A mulher era tão pequena, tinha o rosto tão cheio de rugas profundas que seria um prato cheio para um fotógrafo retratista. Ignac pôs o copo na mesa e a velha parou na porta lateral do bar e gritou alguma coisa numa língua incompreensível para mim. Pouco depois, o garçom saiu e lhe entregou um copo de cerveja e colocou uma tigela de água no chão para o cachorro, e, quando se sentou, ela olhou à sua volta e chegou a pousar rapidamente os olhos em nós, então desviou a vista e exalou um suspiro profundo, como se tivesse o peso do mundo nos ombros.

“O escritor famoso”, disse num inglês marcado por um pesado sotaque esloveno.

“Suponho que sim”, respondeu Ignac.

“Eu vi o seu retrato no jornal. E me perguntei quando você ia aparecer aqui.”

Ignac não disse nada, mas tinha uma expressão que eu nunca tinha visto, um misto de aflição, desprezo e medo.

“E quem é você?”, quis saber ela, inclinando-se para me medir da cabeça aos pés, zombeteiramente.

“Sou o pai dele”, respondi como costumava responder às pessoas quando queria evitar a verdade técnica.

“Você não é o pai dele”, disse ela, sacudindo a cabeça, e quando riu da minha presunção, eu vi quantos dentes lhe faltavam. “Por que

diz isso?”

“Pai adotivo, então”, corriji, expressão que nunca empregava com relação a Ignac, que eu considerava meu filho, mais do que o meu próprio filho.

“Você não é o pai dele”, repetiu a velha.

“E como a senhora pode saber disso?”, perguntei, irritado.

“Por que o pai dele era o meu filho. E eu reconheceria o meu filho se estivesse ao meu lado.”

Ignac fechou os olhos e eu vi o tremor das suas mãos quando ele pegou o copo de bebida. Olhei para os dois alternadamente e, embora eles não fossem parecidos, pelo menos até onde eu pude perceber, concluí pelo silêncio de Ignac que ela estava dizendo a verdade.

“Você tinha um cachorro igual a este quando eu era menino”, disse ele, apontando para o vira-lata, que agora estava deitado no chão, tirando uma soneca.

“Este é o filho dele. Ou o filho do filho dele. Não lembro mais.”

“Ignac, quer que eu os deixe a sós?”, perguntei. “Caso vocês queiram conversar.”

“Não”, respondeu ele apressadamente, olhando para mim com cara de pavor. *Que estranho, pensei; Ignac tem trinta e poucos anos, é casado e tem quatro filhos, é um homem bem-sucedido e, no entanto, ainda tem medo de ficar sozinho com essa velha.*

“Então eu fico.”

“Quer dizer que você pegou ele?”, indagou a mulher, olhando para mim ao mesmo tempo que bebia a cerveja.

“Peguei”, respondi.

“Pobre de você.”

“Estou contente por ter feito isso.”

“Mas ele é tão nojento”, disse ela, cuspiando no chão. “Tão sujo.”

Ignac se voltou e a encarou; a mulher voltou a fitá-lo, estendendo a mão para lhe tocar o rosto, mas ele se afastou, como se ela estivesse aproximando uma brasa da sua pele.

“Tanto dinheiro e ele nunca envia um centavo para a avó”, disse ela então, mergulhando o rosto nas mãos e rebentando num choro tão repentino que pareceu um gesto completamente fingido e fútil.

“A senhora está se referindo à avó que o mandou embora?”, perguntei.

Ignac sacudiu a cabeça, tirou a carteira do bolso traseiro da calça, pegou todas as notas — uns vinte ou trinta mil tolares — e as entregou à velha, que arrebatou o dinheiro como se fosse um direito seu e o escondeu sob o casaco.

“Tanto dinheiro”, disse. “E eu recebo só isso.”

Logo depois levantou-se, o cachorro fez a mesma coisa, e a velha seguiu o seu caminho, puxando o carrinho de compras. Eu a acompanhei com o olhar, ao passo que Ignac preferiu virar a cara.

“Bom, isso foi inesperado”, disse eu, finalmente. “Você está bem?”

“Estou ótimo.”

“Você sabia que ia se encontrar com ela?”

“Achei que era possível. Ela é uma mulher de rotina. Passa todo dia por aqui. Pelo menos era assim.” Ignac se calou um momento. “Eu nunca te contei por que fui embora da Eslovênia, contei?”, perguntou.

“Você disse que, quando a sua mãe morreu, a sua avó não quis cuidar de você.”

“Isso é só uma parte da verdade. A minha avó me deixou ficar alguns meses.”

“E por que você não ficou?”

“Porque ela era igualzinha ao meu pai. Queria me explorar.”

“Como?”

“Do mesmo jeito. Aqui havia muitos homens com o saco cheio da mulher e à procura de algo diferente. A minha avó descobriu. Uma tarde, ela me flagrou em casa com um deles. Eu era pequeno na época, e, quando ela viu o que estava acontecendo, fechou a porta e voltou para a cozinha e ficou batendo todas as cuias e panelas, e esse foi o alcance da raiva dela. Foi a única coisa que fez para me salvar. Depois me deu uma surra e disse que eu era nojento, um merdinha inútil. Mas talvez tenha visto que eu podia ser um capital. Eu tinha boa aparência. Era bonitinho. E ela disse que, se eu ia deixar fazerem aquilo comigo, ela se encarregaria de tudo dali por diante. E o dinheiro ficaria para ela.”

“Santo Deus”, disse eu, pousando o meu copo.

“Não era só eu. Tinha outros. Um dos meus amigos da escola, ela também o alugava, mas ele fugiu e se afogou no Drava. O corpo dele foi resgatado e, no funeral, todos os homens que nos comiam estavam na igreja e choraram por aquela alma perdida e, no fim da cerimônia, foram à primeira fila dar os pêsames à mãe dele como se não tivessem nenhuma responsabilidade pelo que tinha acontecido. Não foi muito depois disso que eu também decidi fugir, só que sabia que não ia me jogar no rio. Pelo contrário, roubei dinheiro suficiente para a passagem de trem. Consegui chegar a Praga e passei a fazer a única coisa que eu sabia fazer para sobreviver. Mas pelo menos o dinheiro era meu. Depois de algum tempo, mudei para Amsterdam. Nem tinha planos de ficar lá. Não tinha em mente um destino final. Mas sabia

que o meu pai morava naquela cidade e, de certo modo, achei que ele podia cuidar de mim. Que ia mudar a minha vida para melhor. Mas ele não era diferente da minha avó. Então, a única coisa que eu queria era seguir em frente, continuar viajando para chegar o mais longe possível de Maribor. E foi o que acabei fazendo. Larguei tudo aquilo. E olhe para mim agora. E tudo isso graças a você e ao Bastiaan.

Ficamos muito tempo ali, sem dizer nada, bebendo, e finalmente nos levantamos e voltamos para Liubliana e embarcamos no avião para Dublin.

OS AVIÕES

Um mês depois do nosso regresso a Dublin, uma *TD* do Fianna Fáil se aproximou de mim quando eu estava almoçando no salão de chá da Dáil. Parlamentar sem grande importância, ela nunca havia me dirigido a palavra e me pegou de surpresa, sentando-se com um largo sorriso nos lábios como se fôssemos velhos amigos e deixando em cima da mesa o pager, para o qual olhava de vez em quando na esperança de que tocasse, fazendo-a sentir-se importante.

“Como vai, Cecil?”, perguntou.

“É Cyril”, disse eu.

“Pensei que você se chamasse Cecil.”

“Não.”

“Por acaso você está bancando o difícil?”

“Posso mostrar o meu crachá, se você quiser.”

“Não, tudo bem. Eu acredito”, disse ela, rejeitando a minha oferta com um gesto. “Cyril, então, se você prefere. O que você está lendo?”

Virei o livro para mostrar a capa de um exemplar de *História da noite* de Colm Toibín. Fazia anos que o possuía, mas não conseguira lê-lo até então.

“Puxa, esse eu não li”, disse ela, pegando-o e lendo a quarta capa. “É bom?”

“É.”

“Devo ler?”

“Isso é com você.”

“Talvez eu experimente. Você já leu o *Jeffrey Archer*?”

“Não”, admiti.

“Oh, ele é maravilhoso. Conta uma história, e é disso que eu gosto. Esse cara conta uma história? Não gasta vinte páginas descrevendo a cor do céu?”

“Até agora não.”

“Ótimo. O Jeffrey Archer nunca fala na cor do céu e eu gosto disso num escritor. Acho que o Jeffrey Archer nunca olhou para o céu na vida.”

“Especialmente agora que ele está na cadeia”, sugeri.

“O céu é azul”, declarou ela. “E pronto.”

“Bem, nem sempre é azul”, ponderei.

“É”, disse ela. “Não seja bobo.”

“Não é azul à noite.”

“Pare com isso.”

“Está bem”, aquiesci. Estava começando a achar que ela pensava que eu era outra pessoa: um dos seus correligionários juniores. Se comesse a falar em votos e golpes internos, eu teria de mostrar que ela estava equivocada.

“Muito bem, Cyril. Seja educado e ponha este livro na mesa enquanto eu falo. Fico contente com este nosso encontro. Trago boas notícias para você: este é o seu dia de sorte.”

“É mesmo? Como assim?”

“Quer que eu mude a sua vida para melhor?”

Eu me recostei na cadeira e cruzei os braços, temendo que ela me perguntasse se eu queria aceitar Jesus no coração.

“A minha vida não é tão ruim assim”, respondi.

“Mas pode melhorar, não pode? A vida de todo mundo pode melhorar. A minha pode melhorar. Eu podia ser menos workaholic do que sou! Podia me preocupar menos com os meus eleitores!”

“Acho que o meu cabelo podia parar de cair”, completei. “Já seria alguma coisa. E faz poucos anos que eu passei a precisar de óculos para ler.”

“Não posso fazer nada para mudar essas coisas. Você conversou com o ministro da Saúde?”

“Não. Sinceramente, eu só estava brincando.”

“Bom, isso é mais da área dele do que da minha. Não, eu estou pensando numa coisa um pouco mais íntima.”

E *Oh, meu Deus*, pensei. *Ela resolveu dar em cima de mim.*

“Quando você diz íntima”, disse eu, “espero que não esteja querendo dizer...”

“Calminha aí, seja um cavalheiro”, interrompeu ela, virando-se e procurando uma das garçonetes. “É que estou engasgando.” Como nenhuma apareceu imediatamente, começou a estalar os dedos no ar, no que eu olhei para os lados e vi que os *TDs* de diversos partidos estavam nos encarando com desprezo.

“Sério, você não devia fazer isso”, avisei. “É terrivelmente

grosseiro.”

“É a única maneira de chamar a atenção delas”, alegou a deputada. “Desde que a sra. Goggin se aposentou, este lugar ficou entregue às traças.”

Instantes depois, apareceu uma garçonne com cara de poucos amigos.

“Algum problema com os seus dedos?”, perguntou. “Parece que estão fazendo um barulho horrível.”

“Desculpe”, pedi eu à mulher, em cujo crachá se lia *Jacinta*.

“Seja boazinha”, disse a minha acompanhante, tocando-lhe o braço, “e traga dois chás, sim? Bons e bem quentes; isso, boa menina.”

“A senhora mesma pode se servir de chá”, retrucou Jacinta. “Sabe onde fica. A senhora é nova aqui?”

“Não”, disse a *TD*, chocada. “Estou no meu segundo mandato.”

“Então devia saber como as coisas funcionam. E, afinal, o que está fazendo aqui? Quem te pôs aqui?”

“Como assim quem me pôs aqui?”, perguntou ela, parecendo meio indignada e meio insultada. “Por acaso eu não tenho o direito de ficar onde quiser?”

“A senhora fica onde te mandarem ficar. Volte para os lugares do Fianna Fáil e pare de querer aparecer.”

“Não vou voltar, sua coisinha malcriada. A sra. Goggin não te deixaria falar assim comigo se ela estivesse aqui.”

“Eu *sou* a sra. Goggin”, disse Jacinta. “Ou melhor, a nova sra. Goggin. Portanto, a senhora pode se servir de chá ali, se quiser. E, se não quiser, não espere que te sirvam. E, da próxima vez, fique no lugar em que deve ficar ou então nem entre aqui.”

Dito isso, Jacinta deu meia-volta e se foi, deixando a minha nova amiga *TD* com ar scandalizado.

“Puxa, eu nunca vi isso!”, exclamou ela. “Tanta grossura! E eu dou duro o dia todo para proporcionar uma vida melhor às classes trabalhadoras. Você viu o discurso que eu fiz agora há pouco?”

“A gente não vê um discurso”, disse eu. “Só *ouve*.”

“Ora, não seja tão pedante, você sabe o que eu quis dizer.”

Eu suspirei. “Posso ajudar você em alguma coisa?”, perguntei. “Está precisando dos serviços da biblioteca? Se for, eu estarei lá a partir das duas horas. Até lá.” Tornei a pegar o meu Toibín, esperando mergulhar de novo na leitura. Estava numa passagem boa, bem picante, e não queria abandonar aquele clima.

“Você pode, Cecil”, disse ela.

“Cyril.”

“Cyril”, repetiu ela, sacudindo a cabeça rapidamente. “Eu preciso gravar bem. Cyril. Cyril Cílios.”

Revirei os olhos. “Por favor, não me chame assim”, pedi.

“Eu tenho razão em pensar que você é viúvo?”, perguntou ela, sorrindo como o gato de Alice.

“Não, não tem”, respondi. “Na verdade, sou divorciado.”

“Oh”, fez ela com ar decepcionado. “Eu esperava que a sua mulher tivesse morrido.”

“Lamento decepcioná-la. Mas não, Alice está vivinha da silva e mora na Dartmouth Square.”

“Não morreu?”

“Na última vez que verifiquei, não. Nós almoçamos juntos no domingo e estava em ótima forma. Cheia dos insultos.”

“Vocês o quê?”

“Almoçamos juntos no domingo.”

“Por que isso?”

Eu a encarei sem entender onde aquela conversa ia acabar. “Nós almoçamos juntos com frequência nos domingos”, expliquei. “É muito agradável.”

“Sei”, disse ela. “Só vocês dois, é?”

“Não, ela, o marido dela, o Cyril II. E eu.”

“O Cyril II?”

“Desculpe, eu quis dizer Cyril.”

“Você almoçou com a sua ex e com o marido dela, que tem o mesmo nome que você, é isso que está me contando?”

“Acho que agora você entendeu.”

“Puxa, se você me perguntar, é bem estranho.”

“É? Não entendo por quê.”

“Você se importa se eu perguntar quando vocês se divorciaram?”

“Não, de jeito nenhum.”

“E quando foi?”

“Oh, há alguns anos já. Quando a lei entrou em vigor. Alice não conseguiu se livrar de mim tão depressa assim. Mas, pelo que me consta, nós fomos um dos primeiros casais a se beneficiarem com a nova lei.”

“Não é um bom sinal”, disse ela. “Você deve ter tido um casamento muito infeliz.”

“Nem tanto.”

“Então por que se divorciou?”

“Sabe de uma coisa? Isso não é da sua conta.”

“Oh, não seja tão defensivo, aqui todos são amigos.”

“Mas nós não somos.”

“Seremos quando eu mudar a sua vida.”

“Acho que esta conversa não foi uma boa ideia.”

“Foi, foi sim”, disse ela. “Não se preocupe, Cecil. Cyril. Olhe, você é divorciado. E não vou recriminá-lo por isso.”

“Quanta gentileza.”

“Você se incomoda se eu perguntar se está saindo com alguém no momento?”

“Não, não me importo.”

“E está?”, perguntou ela.

“Estou o quê?”

“Saindo com alguém?”

“No sentido romântico?”

“É.”

“Por quê? Você está a fim de mim?”

“Mas você não se enxerga mesmo!”, disse ela, caindo na gargalhada. “Olha só, eu sou uma *TD* do Fianna Fáil e você é um mero bibliotecário! E mais, eu tenho marido em casa e três filhos que estão estudando medicina, direito e educação física. Quer dizer, cada um estuda uma dessas coisas, se é que você me entende.”

“Entendo.”

“Pois então, você está?”

“Estou o quê?”

“Saindo com alguém?”

“Não”, respondi.

“Eu achei que não estava mesmo.”

“Algum motivo particular?”

“Motivo particular para quê?”

“Algum motivo particular para achar que eu não estou saindo com ninguém?”

“Ora, eu nunca vejo você acompanhado, né?”

“Não”, disse eu. “Mas você há de convir que isto aqui é um local de trabalho. Seria esquisito eu levar alguém à biblioteca para uma tarde de prazer no meio das pilhas de livros.”

“Quer parar com isso?”, disse ela, rindo como se eu tivesse feito a piada mais engraçada do mundo. “Você é terrível!”

“Aqui todos nós somos amigos”, disse eu.

“Somos mesmo. Agora me escute, Cecil.”

“Cyril.”

“Vou te contar por que estou perguntando. Eu tenho uma irmã. Uma mulher adorável.”

“Como podia não ser?”

“O marido dela foi atropelado e morto por um ônibus há alguns anos.”

“Certo”, disse eu. “Lamento saber.”

Ela sacudiu a cabeça com vigor “Não. Não me entenda mal. Não um ônibus municipal comum. Um ônibus particular.”

“Naturalmente.”

“Ele morreu na hora.”

“Coitado.”

“Pois é, ele vivia se queixando de problemas de saúde e a gente nunca deu a menor pelota para ele. Isso diz muito, não acha?”

“Sem dúvida.”

“Enfim, depois do enterro, nós fomos ao Shelbourne.”

“Eu casei no Shelbourne.”

“Vamos deixar isso para lá. O seu passado é problema seu.”

“Ainda bem que você não é bisbilhoteira.”

“Pois a minha irmã é viúva e está à procura de um homem bacana. Não suporta a vida sozinha. Ela esteve aqui há duas semanas e viu você na biblioteca e te achou bonito. Chegou para mim e *Angela*, disse, *Angela, quem é aquele bonito ali?*”

Eu lhe enderecei um olhar cético. “É mesmo?”, disse. “Eu não ouço isso com muita frequência atualmente. Tenho cinquenta e seis anos, sabe? Tem certeza de que ela não estava falando de outra pessoa?”

“Oh, não, era de você mesmo, porque eu dei uma olhada e também não pude acreditar que ela estivesse se referindo a você, por isso mandei ela apontar. Mas era você mesmo.”

“Estou lisonjeado.”

“Cuidado para não ficar vaidoso. Qualquer homem gostaria da minha irmã. E eu contei para ela tudo sobre você e acho que você é o cara ideal.”

“Não tenho tanta certeza.”

“Cyril. Cecil. Cyril. Olha, vou pôr as cartas na mesa.”

“Ponha”, disse eu.

“Peter — o meu cunhado —, quando morreu, deixou a minha irmã muito bem. Ela tem casa própria em Blackrock e sem nenhuma hipoteca. E tem um apartamento em Florença que ela usa alguns meses por ano e aluga o resto do tempo.”

“Que sorte a dela”, disse eu.

“E eu sei tudo a seu respeito.”

“O que você sabe?”, perguntei. “Porque algo me diz que não sabe

tanto assim.”

“Sei que você é multimilionário.”

“Ah”, fiz eu.

“Você é filho de Maude Avery, não é?”

“Filho adotivo.”

“Mas herdou todo o patrimônio dela? E os direitos autorais.”

“Herdei”, admiti. “Creio que todo mundo sabe disso.”

“Então você é rico. Não precisa trabalhar. E, no entanto, vem aqui todo dia e trabalha.”

“É verdade.”

“Se importa se eu perguntar por quê?”

“Não dou a mínima.”

“Então por quê?”, perguntou ela.

“Porque eu gosto. Porque isso me tira de casa. Não quero ficar dentro de casa, olhando para as quatro paredes todo santo dia, assistindo televisão.”

“É isso que me importa”, disse a *TD*. “Você é trabalhador. Não precisa de dinheiro. Certamente não precisa do dinheiro *dela*. É por isso que eu acho que você seria o cara ideal.”

“Sei não”, respondi.

“Agora tenha paciência, homem, não diga mais nada enquanto não tiver visto o retrato dela.” Pegou a bolsa e tirou a fotografia de uma mulher parecidíssima com ela e que eu logo identifiquei como irmã dela mesmo. Cheguei a pensar que fossem gêmeas, tamanha era a semelhança. “Esta é a Brenda”, disse ela. “Não é linda?”

“Deslumbrante”, concordei.

“Então quer que eu te dê o número dela?”

“Melhor não.”

“Por que não?”, quis saber ela, recostando-se na cadeira e se preparando para ser insultada. “Eu não acabei de dizer que vocês são perfeitos um para o outro?”

“Tenho certeza de que a sua irmã é maravilhosa. Mas, para ser franco com você, não estou procurando namorada no momento. Ou, aliás, em nenhum momento.”

“Oh”, disse ela. “Você ainda gosta da sua ex, não é?”

“Não. Definitivamente não.”

“A sua ex arranhou outro Cecil.”

“Cyril. E eu estou contente com isso. Nós somos bons amigos, nós três.”

“Mas você está tentando reconquistá-la.”

“Não, de jeito nenhum.”

“Então o que é? Você não pode estar dizendo que não acha a Brenda atraente!”

“Não acho”, disse eu. “Desculpe. Ela não faz o meu tipo.”

Naquele momento, ouvi um grito nas mesas do Fine Gael e, olhando para lá, vi um pequeno grupo de *TDs*, que até então estavam conversando e saboreando bolinhos de creme com café, voltar os olhos para o televisor que pendia de um canto do salão de chá. Embora o aparelho estivesse sem som, eu também pus os olhos nele, e, quanto mais as pessoas se viravam naquela direção, mais as conversas morriam.

“Ponha som nessa joça, sim?”, gritou um homem, e Jacinta, a garçonete que substituíra a sra. Goggin na gerência, pegou o controle remoto e aumentou o volume no momento em que vimos um avião desaparecer no centro do World Trade Center, muitas e muitas vezes, numa repetição que parecia infundável.

“Jesus, Maria e José!”, exclamou a *TD*. “O que está acontecendo lá, você sabe?”

“É em Nova York”, disse eu.

“Não é.”

“É, sim. No World Trade Center. As Torres Gêmeas.”

Eu me levantei e me aproximei lentamente do televisor enquanto os *TDs* ao nosso redor faziam a mesma coisa, e quando a reportagem voltou a transmitir ao vivo e outro avião chegou para perfurar a segunda torre, nós soltamos um gemido de pavor e nos entreolhamos, sem compreender o que estava acontecendo.

“É melhor eu voltar ao meu gabinete”, disse ela, pegando o pager mudo. “Pode ser que o *taoiseach* precise de mim.”

“Duvido.”

“Depois a gente volta a conversar sobre a Brenda. Não esqueça, vocês foram feitos um para o outro.”

“Certo”, disse eu quase sem ouvi-la. O pessoal da Sky News falava num acidente terrível, mas então um dos entrevistados perguntou como podia ser um acidente se havia acontecido duas vezes. Deviam ser sequestradores, disse alguém. Ou terroristas. Fora do salão de chá, pude ver *TDs* correndo de um lado para outro, querendo voltar aos seus gabinetes ou achar um televisor. O salão não tardou a ficar lotado.

“Eu nunca entrei num avião na vida”, disse Jacinta, aproximando-se e se postando ao meu lado. “E nunca vou entrar.”

Surpreso, eu me virei para ela. “Você tem medo?”, perguntei.

“Você não teria? Depois de ver isso?”

Voltei a olhar para a tela. Começavam a chegar relatos de um terceiro avião que caíra no Pentágono, em Washington, e, de algum modo, já havia câmeras nas ruas da capital, da Casa Branca ao prédio do Senado, do Passeio Nacional ao Lincoln Memorial. Minutos depois, houve uma transmissão ao vivo das ruas de Nova York e vi gente correndo nas ruas de Manhattan como numa produção hollywoodiana barata.

Outra imagem e lá estava um repórter no Central Park, no ponto exato onde Bastiaan e eu tínhamos sido agredidos, quinze anos antes. Deixei escapar um grito ao ver aquilo — não estivera lá nem tinha visto o local desde aquela noite terrível — e Jacinta me tocou o ombro.

“Você está bem?”, perguntou.

“Foi ali”, disse eu, apontando para a tela. “Eu conheço esse lugar. O meu... o meu melhor amigo foi assassinado bem ali.”

“Pare de assistir isso”, ela respondeu, tentando me afastar dali. “Por que você não pega uma xícara de chá e vai beber quietinho lá na biblioteca? Ninguém mais vai lá hoje, imagino. Todos vão ficar na frente da tevê.”

Fiz que sim e me virei para o balcão enquanto ela fazia o chá. Estava comovido com a gentileza daquela moça. Havia aprendido muito com a sra. Goggin, pensei.

“Não é fácil perder alguém que a gente ama”, disse ela. “É uma coisa que não passa nunca, não é?”

“É o que chamam de dor do membro fantasma. Como a que sofrem os amputados que ainda conseguem sentir o membro perdido.”

“Imagino”, disse Jacinta, e logo ela arquejou e eu tornei a olhar para o televisor, onde uma série de pontos pretos pareciam cair das janelas dos prédios. Logo a transmissão voltou ao estúdio, onde os dois apresentadores pareciam chocados.

“Aquilo era o que eu acho que era?”, perguntei, voltando-me para ela. “Gente saltando das janelas?”

“Vou desligar isso”, gritou Jacinta para as pessoas aglomeradas abaixo do aparelho, assistindo.

“Não!”, gritaram todos, devorando o drama.

“A gerente sou eu. E, neste salão de chá, o que vale é o que eu digo. Vou desligar, e quem quiser continuar assistindo que procure outro televisor no prédio.” E assim ela pegou o controle remoto, apertou o botão vermelho no canto superior direito e a tela ficou preta. Ouviram-se muitas vozes irritadas, mas todos se dispersaram rapidamente rumo aos gabinetes ou aos pubs da região, deixando-nos

em silêncio.

“Mórbidos”, disse ela, vendo-os se afastarem. “O tipo de gente que diminui a velocidade quando vê um acidente na estrada. Não vou deixar ninguém usar este salão para ver a desgraça alheia.”

Concordei com ela, mas continuei com vontade de assistir aquilo. Perguntei-me quanto tempo seria educado eu ficar lá até poder ir embora.

“Pode ir”, disse ela enfim, olhando para mim com decepção nos olhos. “Eu sei que você está doido para dar o fora daqui.”

OS IMPRONUNCIÁVEIS

Manhã de Natal. As ruas da cidade estavam praticamente desertas e a neve prometida não se materializara. O taxista, surpreendentemente jovial, considerando que estava ao volante e não em casa abrindo presentes e enxugando garrafas de Bailey com a família, ia mudando as estações de rádio.

“Nada grave, espero?”, perguntou-me, e eu o fitei no espelho retrovisor.

“Como?”

“A pessoa que o senhor está indo visitar no hospital. Nada grave, né?”

Eu sacudi a cabeça. “Não, é uma notícia boa”, disse. “O meu filho e a esposa vão ganhar um bebê.”

“Ah, que ótimo. É o primeiro deles?”

“O segundo. Eles têm um garoto de três anos, George.”

Olhei pela janela quando paramos num sinal vermelho. Uma menina pedalava uma bicicleta nova em folha com um belo sorriso nos lábios e um capacete azul brilhante na cabeça, e o pai ia a passos rápidos ao lado dela, gritando palavras de encorajamento. Ela oscilava um pouco, mas conseguia avançar em linha relativamente reta, e o orgulho estampado no rosto do homem era coisa digna de nota. Eu podia ter sido um bom pai. Podia ter sido uma força positiva na vida de Liam. Mas pelo menos tinha os netos, os quatro filhos de Ignac e o de Liam. E agora mais um estava a caminho.

“Deviam chamar o menino de Jesus”, disse o taxista.

“Como?”

“O seu filho e a mulher”, explicou ele. “Deviam chamar o menino de Jesus. Por conta do dia em que nasceu.”

“É”, disse eu. “Provavelmente não.”

“Eu tenho dez netos”, prosseguiu ele. “E três deles estão no ‘Joy.

O melhor lugar para eles. Uns filhos da mãe malvados, todos. Para mim, a culpa é dos pais.”

Fiquei olhando para os meus sapatos, torcendo para que ele desistisse de puxar conversa, e em breve avistamos o hospital. Tirei do bolso uma nota de dez euros e a entreguei quando ele parou em frente, desejando-lhe feliz Natal. No saguão, olhei à minha volta na esperança de topar com uma cara conhecida, mas, como isso não aconteceu, peguei o celular e liguei para Alice.

“Você está no hospital?”, perguntei quando ela atendeu.

“Estou. Onde você está?”

“No saguão. Você faria o favor de vir me buscar aqui embaixo?”

“O que aconteceu com as suas pernas?”

“Nada, mas vou me perder se eu tentar te encontrar. Não sei para que lado ir.”

Alguns minutos depois, a porta do elevador se abriu e Alice, elegantíssima no seu traje natalino, saiu e me chamou com um gesto. Eu me inclinei para beijá-la, inspirando o seu perfume, lavanda e rosa, coisa que me fez recuar instantaneamente no tempo para encontros, festas de noivado e casamentos do passado. “Espero que você não fuja do hospital antes que o bebê nasça”, disse ela.

“Hilariante. Essa piada não cansa nunca, né?”

“Para mim, não.”

“E como está a coisa? Alguma novidade?”

“Ainda não. Estamos aguardando.”

“Quem está lá em cima?”, perguntei.

“Só os pais da Laura.”

“E o Liam?”

“Está com a Laura, é claro”, disse ela quando a porta se abriu para o corredor. Um ruído à minha esquerda me chamou a atenção e eu vi uma mulher de meia-idade abraçando duas crianças pequenas; estava de luto fechado e com o rosto banhado de lágrimas. Os nossos olhos se encontraram um segundo antes que eu desviasse os meus.

“Coitada”, disse eu. “Deve ter perdido o marido, não acha?”

“O que te faz pensar isso?”

“Sei lá. Me parece o mais provável.”

“Pode ser.”

“E ainda por cima no dia de Natal. Que horrível.”

“Não fique olhando”, disse Alice.

“Eu não estou olhando.”

“Está. Venha, é por aqui.”

Seguimos por outro corredor quase deserto, a não ser por um

casal de meia-idade que estava na sala de espera. Eles se levantaram ao nos ver e eu estendi a mão quando Alice nos apresentou.

“Cyril, você se lembra do Peter e da Ruth, não?”

“Claro”, respondi. “Feliz Natal. É um prazer revê-los.”

“Feliz Natal para você”, disse Peter, um homem enorme enfiado numa camisa extragrande. “E que a bênção de Jesus Cristo, nosso Senhor e Redentor, esteja com você neste dia memorável.”

“Obrigado”, disse eu. “Olá, Ruth.”

“Olá, Cyril. Quanto tempo. A Alice estava justamente falando em você.”

“Falando mal, imagino.”

“Nada disso. Só elogios.”

“Não ligue para eles”, disse Alice. “Eu quase não falei em você. E, se falei, coisa boa não foi.”

“Bom, esta é uma ótima maneira de passar a manhã de Natal”, sorri eu quando todos nos sentamos. “E eu achando que ia ficar em casa me entupindo de *mince pies*.”

“Eu não posso comer *mince pies*”, disse Peter. “Me dão gases terríveis.”

“Que pena.”

“Se bem que devo confessar que comi quatro antes de vir para cá.”

“Certo”, disse eu, me afastando ligeiramente dele.

“Eu escondo as *mince pies*”, disse Ruth, sorrindo para mim. “Mas ele sempre dá um jeito de achar. É como um porco fuçador!”

“O remédio é você não comprar nenhuma”, sugeri. “Aí ele não vai ter como achar nada.”

“Oh, não, isso seria injusto com o Peter.”

“Certo”, disse eu, dando uma olhada no relógio.

“Se você quiser ir à missa”, informou Peter, “vai ter uma aqui na capela às onze.”

“Não, eu estou muito bem aqui mesmo.”

“As missas do hospital são adoráveis. Eles capricham, já que cada uma delas pode ser a última de muitos pacientes.”

“Nós fomos à missa ontem à noite”, disse Ruth. “Pelo menos temos isso para agradecer. Se eu tivesse deixado para depois não sei onde ia arranjar forças.”

“Sinceramente, eu não sou muito de ir à missa”, confessei. “Sem querer ofender.”

“Oh”, fez ela, recuando um pouco no assento e franzindo os lábios.

“Aliás, não entro numa igreja desde o meu casamento com a Alice.”

“Ora, não se vanglorie disso”, disse Peter. “Não é motivo de orgulho.”

“Eu não estava me vangloriando. Estava só contando.”

“Se você soubesse que aquela era a sua última vez numa igreja, teria aproveitado ao máximo, não é mesmo, Cyril?”, sorriu Alice, e eu retribuí o sorriso.

“Quem sabe”, respondi.

“Onde vocês se casaram?”, quis saber Ruth.

“Em Ranelagh.”

“Foi um dia bonito?”

“A manhã foi linda”, disse Alice. “Mas depois piorou um pouco.”

“Ora, a parte mais importante é a cerimônia. E onde foi a festa?”

“No Shelbourne. E a de vocês?”

“No Gresham.”

“Que lindo.”

“Não vamos falar de religião”, pedi. “Nem de casamento.”

“Está bem”, disse Ruth. “Sobre o que vamos conversar então?”

“Sobre o que você quiser.”

“Não consigo pensar em nada”, disse ela com ar consternado.

“Vocês não acham que eu podia aproveitar que estou aqui e tentar ver se dão um jeito nessa minha erupção?”, perguntou Peter.

“Como assim?”, disse eu.

“Eu estou com uma erupção terrível no meu impronunciável”, explicou ele. “Não faltam médicos neste hospital. Talvez um deles possa dar uma olhada.”

“Hoje não”, decretou Ruth.

“Mas está piorando.”

“Hoje não!”, disparou ela. “Peter e o impronunciável dele! O próprio mártir do impronunciável.”

“E o pior é que não nevou”, disse eu na desesperada tentativa de mudar de assunto.

“Eu nunca acreditei nos meteorologistas. Eles só estão nessa pela grana.”

“Pois é”, respondi.

“Você demorou muito para chegar aqui?”, perguntou Ruth, olhando para mim.

“Não, não muito. As ruas estão vazias. Quase ninguém sai de casa na manhã de Natal. Mas chegou alguma notícia?”

“Por enquanto não. Mas, como já faz algumas horas que ela está

em trabalho de parto, acho que não vai demorar. Espero. É empolgante, não? Mais um neto.”

“Sem dúvida”, concordei. “Eu estou muito ansioso. Quantos vocês já têm?”

“Onze”, respondeu Ruth.

“Puxa vida!”

“É que nós temos seis filhos. Se dependesse do Peter seriam até mais”, continuou ela. “Mas eu não deixei. Não quis. Bastavam seis. E fechei a fábrica depois do Diarmaid.”

“Fechou mesmo”, concordou Peter. “Trancou a porta e não abriu mais. Até hoje.”

“Cale a boca, Peter.”

“Podia até ter pendurado um cartaz na impronunciável dela dizendo: *Fui almoçar. Não volto mais.*”

“Peter!”

“Não é engraçada a cor dessas paredes?”, perguntou Alice, olhando em volta.

“Quem é que cantava ‘Unchained Melody’?”, perguntei.

“Cyril e eu estamos pensando em ir à França no verão”, contou Alice.

“Eu ando com uma dor no joelho esquerdo que não passa nunca”, reclamei.

“Pois eu sempre quis uma família grande”, disse Peter, encolhendo os ombros, alheio às nossas desesperadas tentativas de parar de falar nas partes íntimas do casal.

“Seis eram suficientes”, teimou Ruth.

“Seis são mais que suficientes”, corroborou Alice. “Eu acho que um só já dá muito trabalho.”

“Bom, é claro, nós éramos dois para cuidar deles”, disse Peter. “Você não teve esse luxo, Alice.”

“Não”, respondeu ela após uma breve hesitação, talvez se perguntando se convinha me defender contra gente de fora. “Se bem que o tio do Liam era muito envolvido. Me ajudou muito nos primeiros anos.”

Eu lhe enderecei um olhar; nós gostávamos de nos provocar mutuamente, mas as nossas piadas quase nunca faziam referência a Julian.

“Você e o Liam são muito unidos, não?”, perguntou Ruth, olhando para mim.

“Nós nos damos bem, sim.”

“O pobrezinho precisava de uma figura paterna forte, pelo que

ouvi dizer.”

“Como assim?”

“Ora, depois do que o pai verdadeiro dele fez. Alice teve sorte de encontrar um homem de verdade, finalmente.”

“Ah.”

“Eu prefiro um homem másculo, e você, Alice?”

“Eu também”, disse Alice.

“Eu também”, disse eu.

“Só mesmo um grande homem para assumir o filho de outro homem”, sentenciou Peter, dando uma palmada no joelho. “Especialmente o filho de um homossexual gay. Sem querer ofender, Alice. Eu me referi ao seu ex-marido. Não, eu te admiro, Cyril. Palavra que sim. Não creio que eu fizesse o que você fez.”

“Não me ofendi”, disse Alice, abrindo um sorriso de orelha a orelha.

“A única coisa que eu posso dizer é que foi um ótimo trabalho fazer com que o Liam não acabasse ficando como o pai”, continuou Peter. “Você acha que esse tipo de coisa é hereditária?”

“Cabelo ruivo é”, disse Ruth. “Portanto, uma possibilidade há.”

“Você conta a eles ou eu conto?”, perguntei, olhando para Alice.

“Oh, é melhor nenhum dos dois contar”, disse ela. “Vamos ouvir o que mais eles têm a dizer. Eu estou gostando.”

“O quê, afinal?”, perguntou Ruth.

“A Alice nos contou que você é um excelente violinista”, sorriu Peter. “Eu toco okulele. Você já tocou okulele?”

“Não”, respondi. “Nem violino.”

“Oh, eu pensei que era isso que você disse que ele tocava, Alice”, estranhou Ruth. “Então é violoncelo?”

“Não, é violino. Mas você está se referindo ao meu marido Cyril, que toca na Orquestra Sinfônica da RTÉ. Este aqui não é ele. Este é o meu ex-marido, Cyril. Vocês já se viram, não estão lembrados? Pensei que tinham percebido. Se não me engano foi há alguns anos.”

“O Cyril I”, disse eu para esclarecer as coisas. “Aliás, onde anda o Cyril II?”, perguntei, dirigindo-me a Alice.

“Não o chame assim. Ele está em casa fazendo o jantar.”

“Trabalho de mulher”, disse eu. “Prefiro os homens másculos.”

“Cale a boca, Cyril.”

“Eu ainda estou convidado?”

“Se você prometer não fugir antes que a gente sirva o jantar.”

“Espere aí”, pediu Peter, olhando alternadamente para mim e para Alice. “Por acaso esse aí é o seu ex-marido?”

“Exatamente”, respondi. “O homossexual gay.”

“Oh, mas vocês deviam ter nos contado!”, protestou Ruth. “Nós não diríamos essas coisas se soubéssemos que era *você* o homossexual gay. Pensamos que fosse o segundo marido da Alice. Os dois são muito parecidos, não são?”

“Eles não se parecem em nada!”, exclamou Alice. “Em primeiro lugar, o Cyril II é muito mais jovem e muito mais bonito.”

“E um heterossexual hétero”, acrescentei.

“Bom, só podemos pedir desculpas. Nunca diríamos essas coisas na cara da pessoa, não é, Peter?”

“Não”, disse Peter. “Sem ressentimentos. Vamos esquecer tudo.”

“Está bem”, concordei.

“É claro, eu devia ter percebido”, riu Ruth. “Agora olhando para o suéter que você está usando, acho que devia ter adivinhado.”

“Obrigado”, sorri, olhando para a minha roupa sem entender o que o meu suéter tinha a ver com a minha sexualidade. “Isto aqui até parece uma manhã de Natal com tantos elogios. Oh, esperem, é manhã de Natal.”

“É verdade que você trabalha na Dáil?”, quis saber Ruth.

“Sim, é. Na biblioteca.”

“Ah, deve ser interessantíssimo. Você chega a ver os *TDs* ou os ministros?”

“Claro que sim. Afinal, é lá que eles trabalham. Eu os vejo a maior parte do tempo zanzando no prédio em busca de companheiros para beber.”

“E o Bertie? Já viu o Bertie?”

“Já, várias vezes”, respondi.

“Como ele é?”

“Bem, eu não o conheço. Quer dizer, a gente apenas se cumprimenta. Mas ele parece ser muito simpático. Nós já tomamos um trago no bar algumas vezes e ele é um bom papo.”

“Eu adoro o Bertie”, disse Ruth, levando a mão ao peito como se precisasse controlar as suas palpitações.

“É mesmo?”

“Sim. Nem me importo de ele ser divorciado.”

“Você é bondosa.”

“Eu sempre digo que o Bertie é um homem e tanto. Sempre digo isso, não digo, Peter?”

“*Ad nauseam*”, respondeu o marido dela, apanhando um livro que havia deixado na mesinha entre nós, o último John Grisham. Eu me perguntei se agora ia voltar a lê-lo. “Você precisa ver, Cyril. O dia

inteiro Bertie isso e Bertie aquilo. Ela fugiria com o Bertie, se pudesse. Quando vê o homem na televisão, é pior que uma adolescente num concerto do Boyzone.”

“Oh, não seja ridículo”, disse Ruth. “O Bertie é muito mais bonito que qualquer um desses garotos. Acontece, Cyril, que Peter não gosta dos políticos. Fianna Fáil. Fine Gael. Trabalhistas. Para Peter, são todos a mesma coisa. Uns vigaristas.”

“Uns cafajestes”, corrigiu Peter.

“Isso já é ir um pouco longe demais”, ponderei.

“É não ir longe o bastante”, retrucou ele em voz mais alta. “Eu, se pudesse, enforcaria todos. Não te dá vontade de levar uma metralhadora para o trabalho e detonar todos os políticos?”

Eu o encarei sem saber se ele estava brincando ou não. “Não”, respondi. “Não me dá. Francamente, essa ideia nunca me passou pela cabeça.”

“Pois devia pensar nisso. É o que eu faria se trabalhasse lá.”

“A estas horas, Cyril deve estar pondo o peru no forno”, disse Alice.

“Cyril II”, retifiquei, esclarecendo as coisas para Peter e Ruth.

“Não o chame assim.”

“Nós vamos jantar com o nosso filho mais velho”, informou Ruth. “O Joseph. Ele trabalha numa empresa de animação, você acredita? Nós não ligamos. Cada louco com a sua mania. Mas faz as melhores batatas assadas do mundo, não é verdade, Peter? Já está com trinta e cinco anos, mas ainda não casou. Acho que é muito exigente.”

O marido olhou para ela e torceu o nariz, como se aquele fosse um tema digno de reflexão profunda. “As batatas assadas dele”, disse finalmente, “são comparáveis com as de um chef com três estrelas no Guia Michelin. Não sei qual é o segredo. Isso ele não puxou de mim, podem ter certeza.”

“Banha de ganso”, revelou Alice. “O truque é esse.”

“Peter não sabia cozinhar um ovo”, disse Ruth.

“Nunca precisei”, insurgiu-se ele. “Para isso eu tinha você.”

Ruth revirou os olhos, encarando Alice como a dizer *Homens!* Mas Alice recusou cumplicidade, preferindo consultar o relógio. Era quase meio-dia.

“Vocês têm uma filha e tanto”, disse eu, mudando de assunto. “O pequeno George tem uma mãe maravilhosa.”

“É que nós a educamos corretamente.”

Uma porta se abriu à nossa direita, dando passagem a uma enfermeira, e todos olhamos para ela com grande ansiedade, mas ela

passou por nós e foi para a enfermaria, onde bocejou poderosamente antes de se curvar para ler com atenção a programação da RTÉ.

“Eu me pergunto o que leva um homem a querer ser ginecologista”, disse Peter em tom pensativo, e Ruth o fulminou com o olhar.

“Fique quieto, Peter.”

“Só estou dizendo. O ginecologista da Laura é homem e eu acho que é um trabalho engraçado. Passar o dia vendo impronunciáveis. Um garotinho de catorze anos pode achar isso divertido, mas eu não. Nunca fui fã de ficar olhando para a impronunciável das mulheres.”

“É verdade que você é psiquiatra, Alice?”, indagou Ruth, e a minha ex-mulher sacudiu a cabeça.

“Não. Nada disso. Por que você acha que sou psiquiatra?”

“Mas você é doutora, não?”

“Sim, sou. Doutora em letras. Dou aulas de literatura no Trinity College. Não sou médica.”

“Oh, pensei que você fosse psiquiatra.”

“Não”, disse Alice, sacudindo a cabeça.

“Eu pensei em cardiologia durante algum tempo”, disse Peter. “Quer dizer, como minha especialidade.”

“Oh, você é médico?”, perguntei, virando-me para ele.

“Não”, disse ele com uma careta. “Trabalho em construção. Por que você pensou isso?”

Eu o encarei. Não tinha resposta.

“Aliás, o Peter e eu nos conhecemos num hospital”, contou Ruth. “Não é o lugar mais romântico do mundo, imagino. Ele era porteiro e eu ia operar o apêndice.”

“Eu a levei de maca até o anfiteatro cirúrgico”, disse Peter. “E achei que ela tinha alguma coisa muito atraente quando estava ali deitada sob o lençol. Quando a anestesiaram, fiquei para ver a operação. Quando tiraram o lençol de cima dela, dei uma olhada naquela corpo e disse cá comigo: *Esta é a mulher com quem vou me casar.*”

“Certo”, disse eu, tratando de não olhar para Alice, pois era bem possível que a sua expressão me fizesse rir.

“E vocês dois?”, quis saber Ruth, e, nesse momento, nós trocamos um olhar. “Como se conheceram?”

“Nós nos conhecemos desde crianças”, contei.

“Não é bem assim”, disse Alice. “A gente *se encontrou* quando era criança. Uma vez. Quando eu saí correndo e gritando da casa do Cyril. E a gente nem se conheceu para valer. Cyril simplesmente me viu, só

isso.”

“Por que você fez isso?”, perguntou Peter. “Ele fez alguma coisa que te irritou?”

“Não, a mãe dele me assustou. Foi a única vez em que estive com ela, o que é uma pena, pois Maude acabou sendo o meu campo particular de estudo. A mãe do Cyril era uma romancista brilhante, sabem?”

“Mãe adotiva”, emendei.

“Mas, em todo caso, nós voltamos a nos encontrar quando éramos um pouco mais velhos.”

“O irmão da Alice era meu amigo”, acrescentei cautelosamente.

“Trata-se do irmão que te ajudou a cuidar do Liam?”, indagou Ruth.

“Sim”, disse Alice. “Eu só tinha um.”

“Quer dizer que é o rapaz que morreu nos Estados Unidos, não?”, quis saber Peter, e Alice olhou para ele e fez que sim de um jeito um tanto ríspido. Obviamente, ele conhecia a história toda.

“Meu Deus, isso também não deve ter sido fácil para você, hein?”, perguntou ele, rindo um pouco. “Teve isso dos dois lados.”

“Tive o quê?”, indagou Alice com frieza.

“Ora, você sabe, o seu irmão e o seu...” Apontou para mim com o queixo. “O seu marido aqui. Quer dizer, o seu ex-marido.”

“Mas tive o quê?”, repetiu ela. “Não sei do que você está falando.”

“Não ligue para o Peter”, interferiu Ruth, estendendo a mão e pousando-a na de Alice, algo entre uma carícia e um tapinha. “Ele nunca pensa antes de falar.”

“Eu estou encrencado outra vez”, disse Peter, endereçando-me um sorriso, e eu comecei a me perguntar se ele estava tentando ser ofensivo ou se era simplesmente um idiota. Houve outro prolongado silêncio e eu olhei para o livro dele.

“O que você está achando?”, perguntei, apontando para o John Grisham.

“Nada mau”, disse ele. “A sua gente lê muito, não é?”

“A minha gente?”

“A sua gente.”

“Você quer dizer os irlandeses? Desculpe, pensei que você também fosse irlandês.”

“E sou”, disse ele em tom neutro.

“Ah. Você se referia aos homossexuais gays?”

“Sim. Eu me referia a eles.”

“Certo. Olhe, eu imagino que alguns leiam. Outros não. Como

todo mundo.”

“Conte”, pediu Peter, inclinando-se para a frente e sorrindo para mim. “Bertie ou John Major? Qual deles você preferia como namorado? Ou seria Clinton? Aposto que seria Clinton! Tenho ou não tenho razão?”

“Acontece que eu não estou procurando namorado”, disse eu. “E, se estivesse, não seria nenhum deles.”

“Eu sempre acho graça quando os marmanjos usam essa palavra”, disse Ruth e, conforme disse, começou a rir. “*Namorado!*”

“Mesmo assim, vai ser uma novidade para você”, disse Peter. “Um bebê, digo.”

“Vai”, concordei.

“A família tradicional.”

“Seja lá o que isso for”, disse eu.

“Ah, você sabe o que é”, explicou Peter. “Mamãe, papai e filhinhos. Olhe, Cyril, não me entenda mal, eu não tenho nada contra a sua turma. Não tenho absolutamente nenhum preconceito.”

“Não mesmo”, concordou Ruth. “Peter nunca teve preconceito. Chegou a ter uma legião de pretinhos trabalhando para ele nos anos 80, quando ainda nem era moda. E pagava para eles quase a mesma coisa que pagava para os operários irlandeses. Até recebemos um em casa uma vez.” Inclinou-se para a frente e baixou a voz. “*Para jantar*”, acrescentou. “Eu nem liguei.”

“É verdade”, disse Peter com orgulho. “Eu sou amigo de todos, pretos, brancos ou amarelos, gays, héteros ou homossexuais. Viva e deixe viver, esse é o meu lema. Mas tenho de admitir que caras como você me confundem a cabeça.”

“Por quê?”, perguntei.

“É difícil de explicar. Eu nunca entendi como vocês podem fazer as coisas que fazem. Eu não poderia.”

“Duvido que alguém queira que faça”, disse eu.

“Oh, eu não diria isso”, interveio Alice, cutucando-me as costelas. “Peter é um homem bonito para a idade dele. Eu diria que eles fariam fila. Quer saber, você se parece com Bertie Ahern.”

“Ele não tem nada parecido com Bertie”, afirmou Ruth, melancólica.

“Obrigado, Alice”, sorriu Peter, satisfeitiíssimo com o elogio.

“Quer dizer que vocês não têm nenhum filho gay?”, perguntei, e os dois empinaram o corpo na cadeira, chocados, como se eu tivesse pegado uma vara e começado a surrar sem piedade um deles.

“Não temos”, disseram em uníssono.

“Nós não somos desse tipo”, acrescentou Ruth.

“De que tipo?”, perguntei.

“Ora, eu simplesmente não fui criada dessa maneira. Muito menos o Peter”, disse ela.

“Mas o seu filho Joseph faz deliciosas batatas assadas, não é mesmo?”

“O que uma coisa tem a ver com a outra?”

“Nada. Foi apenas um comentário. Eu estou ficando com fome, só isso.”

“Posso te perguntar uma coisa”, disse Ruth, inclinando-se para a frente. “Você tem um... como se chama... um parceiro?”

Sacudi a cabeça. “Não”, disse. “Não, não tenho.”

“Sempre foi sozinho?”

“Não. Houve alguém. Uma vez. Há muito tempo. Mas ele morreu.”

“Desculpe perguntar, mas foi de aids?”

Revirei os olhos. “Não”, disse. “Ele foi assassinado.”

“Assassinado?”, espantou-se Peter.

“Sim. Por um bando de homofóbicos.”

“Isso é ainda pior.”

“É mesmo?”, indagou Alice. “Como assim?”

“Bom, talvez não pior, mas ninguém pede para ser assassinado, pede?”

“Ninguém pede para pegar aids”, disse eu.

“Ora, talvez ninguém peça isso especificamente, mas se você andar de bicicleta do lado errado da rua, pode esperar ser atropelado, não tenho razão?”

“Não, você está redondamente enganado”, disparou Alice. “E, com o perdão da palavra, é preciso ser muito ignorante para dizer isso.”

“Não precisa pedir perdão, Alice”, disse Peter. “Fale como quiser e eu faço o mesmo. Assim continuamos amigos.”

“São atitudes como essa que causam tanto problema no mundo”, argumentou ela.

“Acho que a gente pode comer na cantina do hospital”, disse Ruth, interrompendo-a.

“O quê?”

“Se ficarmos com fome, é claro. Podemos comer na cantina.”

“Aposto que a comida lá é pior que a gororoba que servem para os pacientes”, opinou Peter. “Não seria melhor a gente ir à casa do Joseph e jantar com ele e voltar quando avisarem? A gente comeria as batatas assadas saidinhas do forno. E você sabe que ele queria que nós

todos assistíssemos a *Noviça rebelde* à tarde. É o filme predileto do Steven.”

“Quem é Steven?”, perguntei.

“O rapaz que divide o apartamento com ele. Eles são muito amigos. Há anos que dividem o apartamento.”

“Certo”, disse eu.

“Não. Nada disso”, opôs-se Ruth. “Primeiro porque depois você não vai poder dirigir.”

“Por que não?”

“Porque eu sei como você é, Peter Richmond. Vai se entusiasmar com o vinho tinto e acabou-se. Eu não vou tirar uma única palavra sensata de você e mais tarde não vai haver taxistas na rua. Todos vão estar em casa com a família.” Calou-se um instante e levou o dedo aos lábios. “Deve ser terrível ser assassinado”, disse, voltando-se novamente para mim. “Eu detestaria.”

A porta se abriu outra vez e quem apareceu foi Liam, usando um avental azul parecido com o da enfermeira. Voltou-se e viu que estávamos todos lá, esperando; nós nos levantamos e ele sorriu, abrindo muito os braços.

“Eu sou pai”, disse. “Outra vez!”

Nós todos comemoramos e o abraçamos. Fiquei comovido porque, quando ele me envolveu nos braços, pareceu me apertar com muita força e, quando se afastou um pouco, olhou-me diretamente nos olhos e sorriu.

“E a Laura, como está?”, perguntou Ruth, ansiosa. “Está bem?”

“Está ótima. Vão levá-la para o quarto lá em cima dentro de mais ou menos meia hora e então vocês podem vê-la.”

“E o bebê?”, quis saber Alice.

“Menino”, respondeu ele.

“Você vai ter de tentar uma menina da próxima vez”, disse Ruth.

“Calma aí. Dê uma chance para a gente.”

“Eu posso vê-lo?”, perguntei enfim. “Queria muito pegar o meu neto.”

Liam olhou para mim e abriu um sorriso de pura felicidade quando fez que sim. “Claro que pode, pai”, disse. “Claro que pode.”

JULIAN II

Os pais de Laura foram os primeiros a sair, ansiando pelas batatas assadas de Joseph e pelo amor entusiasta de Steven pela *Noviça rebelde*. Alice se foi pouco depois, mas eu lhe disse que ia ficar mais

um pouco com Liam e mais tarde iria de táxi à Dartmouth Square e estaria lá antes que Cyril II destrinchasse o peru.

“Você não vai inventar de *não* aparecer, vai?”, perguntou ela, me olhando nos olhos com a frieza de um assassino profissional.

“Por que eu não apareceria?”

“Você é muito reputado nessa área, Cyril.”

“Que injustiça. Eu sempre apareço. Só que nem sempre fico até o fim.”

“Cyril...”

“Alice, eu vou. Prometo.”

“É bom mesmo. Porque, se não for, Ignac, Rebecca e as crianças vão ficar muito decepcionados. E eu também. Afinal de contas, é Natal. Não quero você enfiado sozinho lá em Ballsbridge. Toda a família precisa ficar junta. E eu comprei uma caixa enorme de Quality Street.”

“Ótimo. Isso sela o acordo.”

“E Pringles de todos os sabores.”

“Eu detesto Pringles.”

“E estou planejando uma rodada de *Quem quer ser milionário?* mais tarde. Comprei até um livro.”

“Mesmo assim. Eu vou. Contanto que eu seja o animador.”

“Não, o Cyril II quer ser o animador.”

“Não o chame assim”, resmunguei.

“Cale a boca, Cyril.”

“Eu só quero ficar um pouco mais com o Liam, mais nada. E seria bom para você e o seu jovem marido ficar uma hora sozinhos antes que eu chegue. Podem se beijar e fazer todo tipo de coisas imorais que homem e mulher fazem quando estão a sós.”

“Oh, pelo amor de Deus.”

“Você pode encerrar as cordas dele.”

“Cyril!”

“Apertar o arco dele.”

“Eu te enforco em um minuto.”

“A propósito, hoje eu tenho planos de ficar completamente bêbado e de dormir por lá mesmo. Imagino que tudo bem.”

“Se não te incomodar dormir no quarto da sua infância e ouvir a sua ex fazendo amor com um homem cinco anos mais novo que você, em meio aos berros de cinco crianças, por mim, tudo bem.”

“Parece encantador. Estarei lá às quatro. Prometo.”

E, assim, passei mais meia hora com o meu filho e a sua esposa, e, antes de ir embora, levei Liam ao café do hospital, onde compramos

duas garrafas de cerveja e brindamos ao novo membro da nossa família não convencional.

“Você foi muito gentil”, disse eu, sentindo-me um pouco emocionado agora, em parte por ser avô outra vez, em parte porque era dia de Natal e em parte porque estava ansioso pela noite que me esperava. “De me convidar para conhecer o bebê primeiro, digo. Não creio que eu faça jus a esse privilégio. Teria pensado na sua mãe ou nos pais da Laura...”

“Eu não ligo mais para essas coisas”, ele se apressou a dizer. “Deixei isso para trás.”

“É bom saber. Mesmo assim.”

“Olhe”, disse ele pondo a garrafa na mesa. “Cyril. Pai. Tanto faz, o.k.? Eu sei que não fui a pessoa mais fácil de lidar quando a gente se conheceu, mas agora é diferente. Desde o nosso primeiro encontro, você fez de tudo para que eu te amasse. Apesar da minha grande resistência. E, na verdade, isso é bastante irritante porque eu estava decidido a te detestar.”

“E eu estava igualmente decidido a te amar.”

“Você sabe que eu tinha de fazer isso, não sabe?”, perguntou Liam, enfim.

“Fazer isso o quê?”

“O nome dele. O nome do meu filho.”

“Eu imaginava que era isso que você ia fazer”, disse eu. “Estava torcendo.”

“Não é nem de longe contra você.”

“Isso nunca me passou pela cabeça. Você e o seu tio eram muito unidos e se amavam. Eu respeito isso. E a minha relação com ele era tão profunda quanto a sua, só que diferente. Eu gostava muito do Julian. A nossa relação era complicada e eu não saí dela coberto de glória, mas ele também não. No entanto, nós ficamos lado a lado desde o começo, passamos por muita coisa juntos e estávamos juntos no fim.”

Para minha surpresa, Liam mergulhou o rosto nas mãos e começou a chorar.

“O que foi?”, perguntei, segurando-lhe a mão. “Algo errado?”

“Eu ainda tenho tanta saudade dele. Queria que estivesse aqui.”

Balancei a cabeça. E a parte mesquinha do meu caráter me permitiu sentir inveja por saber que o meu filho nunca me amaria como havia amado Julian.

“Ele falou em mim?”, perguntou Liam. “Quando estava morrendo. Mencionou o meu nome?”

Senti as lágrimas se formarem também nos meus olhos. “Você está brincando? Liam, você era o filho que ele não teve. Falou de você o tempo todo no fim. Queria você lá, mas não queria que o visse naquele estado. Julian te adorava. Você era a pessoa mais importante na vida dele.”

Liam ergueu a garrafa. “Ao Julian”, sorriu.

Demorei um pouco, mas também ergui a minha. “Ao Julian”, disse em voz baixa.

E até hoje eu não sei a qual Julian nós brindamos, se ao tio adorado de Liam ou se ao seu filho recém-nascido.

UMA FREIRINHA REDENTORISTA CORCUNDA

Quando eu estava descendo ao térreo, o meu celular tocou; olhei para a tela sabendo exatamente o que ela diria: *Alice*.

“Você tem uma hora”, disse ela sem nenhum preâmbulo quando atendi.

“Estou saindo agora.”

“Uma hora e então eu tranco a porta.”

“Eu estou literalmente saindo do hospital neste exato momento.”

“Os gêmeos estão perguntando onde você está.”

“Quais gêmeos?”

“Os dois pares.”

“Impossível. Um dos pares é de bebês. Eles nem sabem falar, muito menos perguntar o meu paradeiro.”

“Venha para cá”, ordenou Alice. “E pare de me irritar.”

“Como vai o Cyril II? Está despirocando sob a pressão de cozinhar para tanta gente?”

“Cinquenta e oito minutos.”

“Estou indo.”

Desliguei e fui para a saída, mas um choro vindo de trás de uma porta dupla me fez parar. Olhei para o lugar em que a porta da capela estava entreaberta. Dentro, o ambiente era tão diferente do resto do hospital — o branco clínico das paredes dava lugar a algo mais quente e muito mais acolhedor — que eu me senti movido a olhar mais de perto.

Havia só uma pessoa lá dentro, uma senhora idosa sentada na ponta de um banco a meio caminho do altar. Ouvia-se uma música clássica tocada suavemente, uma peça que não me soava estranha, e a porta de um dos confessionários estava aberta. Passei alguns momentos observando a mulher, sem saber se devia ir embora e deixá-

la com a sua dor ou se ela precisava de ajuda. Enfim, os meus pés tomaram a decisão por mim, mas, quando me aproximei, arregalei os olhos de surpresa ao ver quem era.

“Sra. Goggin”, disse. “É a sra. Goggin, não?”

Ela me olhou como que despertando de um sonho e me encarou alguns segundos, o rosto pálido. “Kenneth?”, perguntou.

“Não, eu sou Cyril Avery, sra. Goggin. Da biblioteca da Dáil.”

“Oh, Cyril”, disse ela, balançando a cabeça e levando a mão ao peito como se receasse ter um ataque cardíaco. “Claro. Desculpe; eu o confundi com outra pessoa. Como vai você, querido?”

“Vou bem. Deve fazer anos que não a vejo.”

“Tanto tempo assim?”

“Sim, foi na sua festa de despedida.”

“Oh, sim”, disse ela em voz baixa.

“Mas o que aconteceu?”, perguntei. “A senhora está bem?”

“Não, não. Não estou nada bem.”

“Alguma coisa que eu possa fazer?”

Ela encolheu os ombros. “Acho que não”, disse. “Mas obrigada assim mesmo.”

Olhei para os lados na esperança de que algum parente dela estivesse por perto e entrasse para ajudar, mas a capela estava em silêncio e as portas tinham se fechado atrás de mim.

“A senhora se importa se eu ficar aqui alguns minutos?”

Ela demorou a decidir, mas enfim acenou a cabeça, afastando-se um pouco para me dar lugar no banco.

“O que aconteceu, sra. Goggin?”, perguntei. “Por que está tão triste?”

“O meu filho morreu”, murmurou ela.

“Oh, não. O Jonathan?”

“Há algumas horas. Eu estou aqui desde então.”

“Sra. Goggin, eu sinto muito.”

“Nós sabíamos que ia acontecer”, contou ela com um suspiro. “Mas isso não torna a coisa mais fácil.”

“Ele ficou muito tempo doente?”, perguntei, estendendo a mão e segurando a dela. A sua pele parecia fina como papel e eu vi as veias azuladas que corriam em direção às articulações.

“Ficou doente, depois ficou bom, depois doente de novo”, respondeu ela. “Jonathan estava com câncer, sabe. Começou há uns quinze anos, mas conseguiu vencer a doença na época. Infelizmente, ela voltou no ano passado. Há seis meses, os médicos nos disseram que já não podiam fazer nada. E hoje foi o dia.”

“Espero que ele não tenha sofrido muito.”

“Sofreu, sim. Mas era muito estoico com isso. Agora nós que ficamos é que temos de sofrer.”

“A senhora quer que eu a deixe a sós ou há alguém que eu possa chamar?”

A sra. Goggin ficou pensativa e enxugou o canto dos olhos com o lenço. “Não”, disse. “Você pode ficar um pouco comigo? Se não te incomodar.”

“Não me incomoda nada.”

“Você não precisa ir a algum lugar?”

“Preciso. Mas não faz mal se eu me atrasar um pouco. Mas há alguém da sua família aqui para cuidar da senhora? Não está sozinha, está?”

“Eu não preciso que cuidem de mim”, disse ela em tom de desafio. “Posso ser velha, mas você não tem ideia da força que ainda resta neste corpo.”

“Não duvido. Mas a senhora não vai voltar para uma casa vazia.”

“Não. A minha nora estava aqui com as minhas netas. Foram para casa agora. Eu vou depois.”

“Está bem”, disse eu, lembrando-me da mulher e das duas meninhas que vi abraçadas logo que cheguei ao hospital. “Acho que as vi no corredor lá em cima há algumas horas.”

“Pode ser. Elas passaram a noite aqui. Bem, nós todas passamos. Para duas crianças, é um modo horrível de passar a véspera de Natal. Elas deviam estar esperando o Papai Noel, não vendo o pai morrer.”

“Eu não sei o que dizer”, disse eu, olhando para a frente da igreja, onde uma enorme cruz de madeira com um Cristo crucificado estava numa parede, olhando para nós na sua compaixão. “Você é religiosa?”, perguntei. “Pelo menos encontra um pouco de paz aqui?”

“Não, não sou religiosa. Tenho uma relação com Deus, creio, mas vivi uma experiência desagradável com a Igreja quando era menina. Por quê, você é?”

Sacudi a cabeça. “Não, nem um pouco.”

“Nem sei por que entrei aqui, sinceramente. Ia passando, só isso, e o lugar me pareceu tranquilo. Precisava de um lugar em que sentar. A Igreja nunca foi minha amiga. Sempre senti que a Igreja católica tem com Deus a mesma relação que um peixe tem com uma bicicleta.”

Sorri. “Eu sinto a mesma coisa”, disse.

“Não entro em igreja com frequência. Só em casamentos, batizados e funerais. Há mais de cinquenta anos, um padre me pegou pelo cabelo e me jogou para fora da igreja da minha paróquia e,

depois disso, eu nunca mais tive muito tempo para a religião. Mas já devia ter perguntado por que você está aqui”, acrescentou ela, olhando para mim. “Algo de ruim deve ter acontecido para você vir a um hospital no dia de Natal.”

“Não, não houve nada de ruim. A mulher do meu filho teve bebê hoje. Eu vim conhecê-lo, só isso.”

“Oh, pelo menos é uma boa notícia”, disse ela, forçando um sorriso. “Já puseram nome nele?”

“Puseram. Julian.”

“É inusitado. Não há muitos Julians atualmente. Isso me faz pensar nos imperadores romanos. Ou nos *Cinco*. Um deles se chama Julian, não é?”

“Acho que sim. Faz tanto tempo que li esses livros.”

“E como vão as coisas na Dáil?”

“Oh, você não quer se preocupar com isso num dia como hoje.”

“Quero, sim. Só um instante; para distrair um pouco a mente.”

“Ora, continua a mesma de sempre”, disse eu. “A sua sucessora está administrando o salão de chá com mão de ferro.”

“Que bom”, sorriu ela. “Foi isso mesmo que eu disse para ela fazer.”

“Foi.”

“Se você não controlar aqueles *TDs*, eles te pisoteiam.”

“Tem saudade de lá?”

“Sim e não. Sinto falta da rotina. De levantar cedo toda manhã e de ter aonde ir e com quem conversar. Mas não que eu gostasse do trabalho em si. Era o meu ganha-pão, nada mais. Um meio de pôr comida na mesa.”

“Acho que eu sinto a mesma coisa. Não preciso trabalhar, mas continuo trabalhando. Não penso em me aposentar.”

“Para você, ainda falta muito.”

Dei de ombros. “Menos que uma década. O tempo voa. Mas, olhe, não vamos falar em mim. A senhora vai ficar bem, sra. Goggin?”, perguntei.

“Com o tempo, vou”, respondeu ela cautelosamente. “Já perdi muita gente na vida. Conheci a violência, conheci a intolerância, conheci a vergonha e conheci o amor. E, de algum modo, sempre sobrevivo. E ainda tenho Melanie e as meninas. Nós somos muito unidas. Tenho setenta e dois anos, Cyril. Se existe um céu, acho que não demora muito para que eu volte a ver o Jonathan. Mas é difícil perder um filho. É uma coisa antinatural.”

“É.”

“Uma coisa antinatural”, repetiu.

“E ele era o seu único filho?”

“Não. Eu perdi outro filho há muito tempo.”

“Meu Deus. Desculpe. Eu não sabia.”

“Foi completamente diferente”, disse ela, sacudindo a cabeça. “Ele não morreu. Eu tive de dar o bebê para outra pessoa. Estava grávida, entende? E era apenas uma menina. Uma época diferente, é claro. Foi por isso que o padre me expulsou da igreja”, acrescentou com um sorriso amargo.

“Eles não têm compaixão, não é?”, perguntei. “Falam em cristianismo, mas isso não passa de um conceito, não chega a ser nem de longe um modo de vida.”

“Depois eu soube que ele tinha dois filhos com duas mulheres diferentes, um em Drimoleague e um em Clonakilty. O velho hipócrita.”

“Foi ele que...?”

“Oh, meu Deus, não!”, exclamou ela. “Foi outra pessoa muito diferente.”

“E o seu filho?”, perguntei. “A senhora nunca se sentiu tentada a procurá-lo?”

Ela sacudiu a cabeça. “Vi as notícias”, disse. “Vi os documentários e filmes. Acho que ele me culparia por qualquer coisa que desse errado na vida dele, e eu não tenho energia para isso. Fiz o que achei que era certo na época e mantive a minha decisão. Não, uma freirinha redentorista corcunda o levou e, naquele dia, eu soube que nunca mais voltaria a vê-lo e fui fazendo as pazes com isso no transcorrer dos anos. Só espero que ele seja feliz.”

“Está bem”, disse eu, apertando-lhe a mão, e ela olhou para mim e sorriu.

“Parece que os nossos caminhos se cruzam de vez em quando, não acha?”, disse ela.

“Dublin é uma cidade pequena.”

“É.”

“Alguma coisa que eu possa fazer pela senhora?”

“Não. Agora eu vou para a casa da Melanie. E você, Cyril? Onde vai ser a sua ceia de Natal?”

“Na casa da minha ex-esposa. E do atual marido dela. Eles acolhem todos os perdidos e extraviados.”

Ela sorriu e balançou a cabeça. “Que bom que vocês são amigos”, disse.

“Não quero deixá-la sozinha aqui. Quer que eu fique com a

senhora um pouco mais?”

“Sabe”, disse ela em voz baixa. “Eu acho que prefiro ficar um pouco a sós. Depois eu me levanto e vou. Pego um táxi lá fora. Mas você foi muito bom, Cyril, em vir conversar comigo.”

Fiz que sim e me levantei. “Lamento muito a sua perda, sra. Goggin”, disse.

“E parabéns pelo novo netinho. Foi bom rever você, Cyril.”

Inclinei-me e lhe dei um beijo, a primeira vez que me permiti ser tão íntimo com ela, e fui pela nave em direção à porta. Ao sair, olhei para trás e a vi com o corpo muito ereto no banco, olhando para o crucifixo, e me pareceu que lá estava uma mulher forte, uma mulher boa, e eu me perguntei por que Deus permitira que ela perdesse não um, mas dois filhos.

Eu estava novamente no corredor quando me lembrei de uma frase dita por ela, que então explodiu no meu cérebro como uma descarga elétrica. *Uma freirinha redentorista corcunda o levou e, naquele dia, eu soube que nunca mais voltaria a vê-lo.* Parei e me encostei na parede, apoiando-me pesadamente na bengala com o outro braço. Engolindo em seco, virei-me e tornei a olhar para a porta da capela.

“Sra. Goggin”, disse entrando novamente e gritando o seu nome. Ela se voltou, surpresa, e me encarou.

“O que houve, Cyril?”, perguntou.

“A senhora se lembra da data?”

“Que data?”

“Em que o seu filho nasceu.”

“Claro que lembro”, disse ela com uma careta. “Foi em outubro de 1964. No dia 17. Era uma...”

“Não”, interrompi. “Não o Jonathan. Eu me refiro ao seu primeiro filho. O que a senhora deu para adoção.”

Ela ficou algum tempo calada, simplesmente olhando para mim, talvez se perguntando por que diabo eu fazia aquela pergunta. Mas então me disse. Lembrava-se muito bem, claro.

* Woodbead, Alice. *Hinos junto ao portão do céu: Uma biografia de Maude Avery*. Faber & Faber, 1986, pp. 102-4.

2008:
A Internauta Grisalha

HIDROGINÁSTICA COM ALEJANDRO

Ao chegar à Heuston Station, olhei para o painel de partida, mas tive de forçar a vista para conseguir ler a plataforma da qual o nosso trem ia sair. Fazia semanas que me sentia ao mesmo tempo entusiasmado e apreensivo com a viagem que me aguardava, uma que eu nunca imaginara que fôssemos fazer, e agora que o dia finalmente havia chegado, estava nervoso com as emoções que ela podia suscitar em nós dois. Olhando à minha volta, avistei a minha mãe de setenta e nove anos passando pelo portão principal, aparentemente cheia de energia puxando uma mala com rodas, e fui ao seu encontro para me encarregar da mala e dar-lhe um beijo.

“Sai”, disse ela, dispensando a minha ajuda. “Não vou dar a minha mala a um homem de bengala.”

“Vai, sim”, disse eu, pegando a mala à força.

Ela cedeu e, quando olhou para o painel de partida, eu percebi que a sua vista era melhor que a minha. “Bem na hora, pelo visto”, disse. “O que é raro é maravilhoso.”

A sua energia era uma fonte constante de surpresa para mim. Ela nem tinha um médico de confiança, dizia que não precisava porque nunca adoecia.

“Vamos embarcar?”, perguntei. “E tentar conseguir um bom lugar?”

“Vá na frente”, disse ela, seguindo-me na plataforma, e eu fui para o vagão mais distante, o que tinha menos chance de estar lotado. Havia grupos de jovens e pais com filhos pequenos subindo nos vagões mais próximos, e eu queria ficar o mais longe possível deles e do barulho que faziam.

“Você parece um velho, Cyril”, disse a minha mãe quando comentei isso.

“E *sou* velho”, retruquei. “Tenho sessenta e três anos.”

“Sim, mas não precisa se comportar como velho. Eu tenho setenta e nove e fui a uma discoteca ontem à noite.”

“Não acredito!”

“Fui, sim. Quer dizer, a um jantar dançante. Com uns amigos.”

Quando eu finalmente encontrei um vagão que servia, nós subimos a bordo e nos sentamos a uma mesa, um em frente ao outro, os dois do lado da janela para ver a paisagem.

“Que bom sentar”, disse ela com um suspiro. “Estou de pé desde as seis horas.”

“Por que tão cedo?”

“Primeiro fui à academia.”

“Como?”

“Eu fui à academia”, repetiu ela.

Pestanejei sem saber se a tinha compreendido bem. “Você vai a uma academia?”, perguntei.

“Vou, claro. Por quê? Você não vai?”

“Não.”

“Não”, disse ela, olhando para a minha barriga. “Pois devia, Cyril. Perder uns quilinhos não te faria mal.”

“Desde quando você vai à academia?”, perguntei, ignorando o comentário.

“Oh, já faz uns quatro anos. Nunca te contei?”

“Não.”

“Melanie me inscreveu quando eu fiz setenta e cinco anos. Presente de aniversário. Agora vou três vezes por semana. Uma para a aula de spinning, uma para os exercícios cárdio e uma para a hidroginástica com o Alejandro.”

“O que é hidroginástica?”, perguntei.

“Um punhado de velhas sacudindo o buzanfã na piscina ao som de música pop.”

“O que é buzanfã? E quem é Alejandro?”

“É um treinador brasileiro de vinte e quatro anos. Oh, Cyril, ele é um amor! Quando a gente se comporta bem, ganha de presente um pouquinho dele sem camisa. A sorte é que todas nós já estamos na piscina, nessas horas a gente precisa refrescar a quentura.”

“Caramba”, disse eu, sacudindo a cabeça desconcertado e ao mesmo tempo achando graça.

“Ainda existe vida nessa carcaça velha”, disse ela, piscando para mim.

“Olha, eu prefiro não saber.”

“Aliás, acho que o Alejandro também é gay”, contou ela. “Como você”, acrescentou, como se eu tivesse esquecido que era. “Posso apresentá-los se você quiser.”

“Seria ótimo. Tenho certeza de que o que ele mais quer na vida é ser apresentado a um homem com idade para ser avô dele.”

“Talvez você tenha razão. É provável que ele tenha um namorado. Ora, você pode simplesmente ir à hidroginástica e comê-lo com os olhos como nós fazemos. Está aberto para qualquer um com mais de sessenta anos.”

“Por favor, não fale assim, mamãe. Soa realmente asqueroso quando sai da sua boca.”

Ela sorriu e olhou para fora quando o trem começou a andar. Tínhamos duas horas de viagem pela frente até Cork, depois um ônibus até Bantry, onde eu planejava tomar um táxi para Goleen.

“Mas conte”, disse ela. “Tem alguma novidade para mim?”

“Não muita. Comprei um vaso novo para a sala da frente.”

“E só agora me conta?”

Eu sorri. “É bonito.”

“E foi àquele encontro?”

“Fui.”

“Qual era o nome dele mesmo?”

“Brian.”

“E como foi?”

“Não muito bem.”

“Por que não?”

Eu dei de ombros. Havia passado boa parte da noite de quinta-feira no Front Lounge com um homem de cinquenta e poucos anos que saíra do armário algumas semanas antes, depois de nada menos que trinta e quatro anos de casado. Nenhum dos filhos lhe dirigia a palavra, e ele passou longas horas queixando-se da vida. Eu não tinha energia para nada disso.

“Você precisa sair mais”, recomendou a minha mãe. “Ir a mais encontros.”

“Eu vou ocasionalmente.”

“Uma vez por ano.”

“Uma vez por ano é suficiente para mim. Enfim, eu sou feliz desse jeito.”

“Você entra nas salas de bate-papo?”

“Como?”

“As salas de bate-papo.”

“Que salas de bate-papo?”

“Aqueles em que os homens gays ficam conhecendo outros homens gays. Eles trocam fotografias e dizem a idade e o tipo de homem que estão procurando e, com um pouco de sorte...”

“Por acaso isso é uma piada?”

“Não, é uma coisa muito popular entre os gays”, disse ela. “Me surpreende você nunca ter ouvido falar.”

Sacudi a cabeça. “Acho que prefiro o modo antigo. Aliás, como é que você sabe disso tudo?”

“Eu sou uma Internauta Grisalha.”

“Uma o quê?”

“Internauta Grisalha”, repetiu ela. “Oh, eu estou muito por dentro, sabe? Tenho aula de computação no ILAC Centre toda tarde de quarta-feira com o Christopher.”

“Ele também tira a camisa para você?”

“Oh, não”, disse a minha mãe, sacudindo a cabeça e fazendo uma careta. “E eu também não ia querer. É feio como o diabo.”

“Você tem andado muito com os seus netos”, disse eu.

“Falando neles, eu te contei que a Julia está namorando?”, perguntou ela, referindo-se à sua neta mais velha.

“É mesmo?”

“É. Eu peguei os dois no maior amasso na sala de estar no fim de semana passado. Não contei nada para a mãe, mas depois falei com ela e mandei tomar muito cuidado com a pombinha dela. Basta uma mulher perdida na família.”

“O que é amasso?”, perguntei.

“Ora, tenha paciência”, disse ela, revirando os olhos. “Você ainda está vivo, Cyril? Já entrou no século XXI?”

“Estou. Imagino que seja uma forma de...”, eu hesitei com as palavras. “Uma forma de atividade sexual, é isso?”

“Não, é só beijar e acariciar”, respondeu ela. “Mas pode levar a outras coisas. Os jovens arriscam perder o controle e ela só tem quinze anos. Mas ele dá a impressão de ser um bom rapaz, pelo que eu vi. Muito educado. Pelo jeito dele, até podia ser um daqueles caras da Westlife. Se eu fosse apenas sessenta anos mais nova, bem que tentaria!”, acrescentou com uma gargalhada. “Mas como vai o trabalho? Eu estou perdendo muita coisa lá na Dáil?”

“De jeito nenhum. Aquilo está um marasmo. Eu vou me aposentar com prazer quando chegar a hora.”

Ela sacudiu a cabeça. “Você não pode se aposentar. Eu não deixo. Não sou velha a ponto de ter um filho aposentado.”

“Faltam só dois anos.”

“Você já sabe o que vai fazer depois disso?”

Dei de ombros. “Posso viajar um pouco”, disse. “Se tiver energia para tanto. Queria conhecer a Austrália, mas não sei se aguento a

viagem na minha idade.”

“Um amigo meu dos Internautas Grisalhos foi à Austrália no ano passado. Ele tem uma filha em Perth.”

“E gostou?”

“Não, teve um ataque cardíaco no avião e precisou ser trazido de volta de Dubai. Num caixão.”

“Ótima história. Empolgante.”

“Ora essa, o homem não devia ter viajado. Já tinha tido quatro infartos. Ele era um acidente prestes a acontecer. Mas era muito bom com planilhas eletrônicas. E e-mail. Acho que você devia ir. E me levar junto.”

“É mesmo? Você tem interesse em conhecer a Austrália?”

“Tenho, se você pagar”, disse ela com uma piscadela.

“É uma distância enorme.”

“Dizem que a primeira classe é muito confortável.”

Eu sorri. “Vou pensar no caso”, disse.

“A gente podia ver a Opera House.”

“Podia.”

“E subir na Ponte da Baía de Sydney.”

“Você sobe. Eu não gosto de altura. Mesmo porque não vão me deixar subir de bengala.”

“Você envelheceu antes da hora, Cyril, alguém já te disse isso?”

O trem parou na estação de Limerick e um jovem casal embarcou e ocupou dois assentos do outro lado do corredor. Eles davam a impressão de estar no meio de uma briga, dando um tempo para não bater boca diante de uma plateia. A moça estava evidentemente furiosa; e o homem, de olhos fechados e punhos cerrados. Um fiscal passou, conferiu as passagens, e, quando ele foi para o vagão seguinte, o homem, que tinha uns trinta anos, pegou a mochila e tirou dela uma lata de Carlsberg. Segurando a lata com o polegar e o dedo médio, puxou o lacre, borrifando um pouco de espuma no rosto da namorada.

“Você precisa?”, perguntou ela.

“Por que não?”, disse ele, pegando a lata e tomando um longo trago de cerveja.

“Porque seria bom se, pelo menos uma vez na vida, você não estivesse completamente bêbado às seis horas da tarde.”

“Você também ficaria bêbada todo dia”, disse ele, “se tivesse de aguentar você.”

Desviei a vista e olhei para a minha mãe, que estava mordendo o lábio e tentando não rir.

“E fique sabendo que não pode fumar aqui”, disse a mulher,

fulminando-o com o olhar quando ele pegou um pacote de fumo e outro de papel de cigarro. “Isto é um trem.”

“É mesmo?”, perguntou o homem. “Pensei que fosse um avião e não estava entendendo por que ele continuava no chão.”

“Vá à merda!”

“Vá à merda você”, retrucou ele.

“Não pode fumar aqui”, repetiu ela, erguendo a voz.

“Eu não estou fumando. Só enrolando alguns para mais tarde.” Ele sacudiu a cabeça e olhou para mim e depois para a minha mãe. “Vocês tiveram cinquenta anos disto?!”, perguntou-me, e eu o encarei. Acaso pensava que a minha mãe era minha mulher? Sem saber o que dizer, eu me limitei a sacudir a cabeça e me virar para olhar pela janela.

“Atualmente, os trens são muito confortáveis, não acha?”, disse a minha mãe, fingindo que não tinha acontecido nada.

“Muito”, concordei.

“Não é como no meu tempo.”

“Não?”

“Há anos que não viajo de trem. E, quando saí de Goleen, foi de ônibus, não de trem. Era o que eu podia pagar.”

“Foi quando você conheceu Jack Smoot, não?”

“Não, foi quando conheci Seán MacIntyre. Jack estava nos esperando em Dublin.” Ela suspirou um pouco e fechou os olhos, viajando no tempo.

“Tem falado com Jack ultimamente?”

“Falei com ele já faz mais ou menos um mês. Estou planejando a minha próxima viagem para lá.”

Balancei a cabeça. Havíamos contado um para o outro quase cada pormenor da nossa vida, mas sempre evitamos mencionar aquela noite em Amsterdam quase trinta anos antes; parecia mais fácil não tocar no assunto, ainda que ambos soubéssemos que havíamos estado lá.

“Posso perguntar uma coisa?”, pedi.

“Claro. O quê?”

“Por que você nunca voltou? Quer dizer, a West Cork. A Goleen. Para a sua família?”

“Eu não podia, Cyril. Eles me expulsaram.”

“Não, eu sei disso. Digo depois. Quando os ânimos se acalmaram.”

Ela ergueu as mãos num gesto incerto.

“Sinceramente, duvido que alguma coisa mudasse mesmo que eu voltasse para lá”, disse. “O meu pai não era homem de mudar de opinião sobre nada. A minha mãe não queria conversa comigo. Eu lhe escrevi algumas vezes, mas ela não respondeu. E os meus irmãos, com

exceção de Eddie, talvez, sempre ficaram do lado do meu pai porque queriam herdar a fazenda quando ele morresse e não convinha contrariá-lo. E, é claro, o padre Monroe me expulsaria da cidade no lombo de um burro se eu me atrevesse a dar as caras. E o seu pai... bom, o seu pai certamente não me ajudaria.”

“Não”, disse eu olhando para a mesa e arranhando nervosamente uma mancha no tampo que me fez retroceder no tempo até o salão de chá da Dáil muitos anos antes com Julian Woodbead. “Não, acho que não.”

“E o segundo motivo”, prosseguiu ela, “era ainda mais básico. Dinheiro. Não era fácil viajar naquele tempo, Cyril, e o pouco que tinha eu economizava para sobreviver. Quando queria tirar férias, passava dois dias em Bray ou, se estivesse em busca de aventura, talvez fosse até Gorey ou Arklow. E depois, com o tempo, comecei a ir a Amsterdam de tantos em tantos anos. A verdade, Cyril, é que nunca pensei muito nisso. Depois que vim embora, digo. Nunca pensei em voltar. Não quis. Aquilo ficou para trás. Até hoje.”

“Entendo.”

Outro barulho do outro lado do corredor chamou minha atenção para o jovem casal que, sem que eu notasse, havia mudado de lugar de modo que agora os dois estavam sentados juntos. O homem a abraçava e ela reclinara a cabeça no seu ombro, os olhos semicerrados de cansaço enquanto ele lhe beijava os cabelos. Naquele momento, pareciam uma imagem de cartão-postal. Eu não dou uma hora, pensei, é só o trem balançar nos trilhos e um pula na garganta do outro.

“Amor de jovens”, disse eu, sorrindo para a minha mãe ao mesmo tempo que acenava a cabeça em direção ao casal.

“Eu já passei por tudo isso”, disse ela, dando de ombros e revirando os olhos. “Sei de cor e salteado.”

KENNETH

Depois daquele dia na capela do hospital, nós esperamos algumas semanas para voltar a nos encontrar. Naturalmente, era possível que fosse pura coincidência, que o uso da mesma expressão não passasse de uma casualidade. Será que a *freirinha redentorista corcunda* não poderia ter saído dos lábios dela para, de algum modo, ser depois adotada por Charles e Maude como se tivesse atravessado a cidade junto com o meu pequeno corpo? Ou acaso Charles simplesmente imaginara a mesma coisa e aquelas tinham sido as palavras óbvias a serem usadas? E mesmo a data do nascimento podia ser obra do acaso.

Afinal, quantas crianças por ano nasciam no mesmo dia em Dublin? E, no entanto, de algum modo, na hora eu soube que não se tratava de coincidência; que tínhamos estado todos aqueles anos na vida um do outro sem saber o que nos ligava.

Mas, é claro, o nosso timing foi terrível. A minha mãe acabava de perder um filho; não estava em condições de lidar com as implicações de potencialmente encontrar o outro algumas horas depois. Ficou terrivelmente transtornada quando eu me sentei e lhe falei na minha suspeita e, enfim, só me restou telefonar para a sua nora, cujo número o hospital me deu, e mandá-la de táxi para casa. Depois disso, esperei duas semanas para lhe escrever — não fui ao enterro de Jonathan, por mais que quisesse — deixando claro que não precisava de nada dela e que eu não era uma dessas almas infelizes à procura de compensação pelo abandono sofrido décadas antes. Simplesmente queria conversar com ela, nada mais, e que nós nos conhecêssemos como não nos conhecíamos até então.

E quando chegou o momento certo, ela respondeu.

Vamos nos encontrar, disse. *Vamos nos encontrar e conversar*.

E foi assim que nos encontramos no Buswells Hotel, em frente à Dáil Éireann, numa quinta-feira depois do trabalho. Não tive sossego o dia todo, tal era a minha ansiedade com o que me aguardava, mas, quando atravessei a rua, comecei a me sentir estranhamente em paz. O bar estava quase vazio, só o ministro da Fazenda se achava num canto do salão, a cabeça nas mãos, aparentemente chorando sobre o seu caneco de Guinness, e eu tratei de desviar a vista, não queria nenhum envolvimento com qualquer que fosse a maluquice que estivesse acontecendo ali. Olhei em redor e avistei a sra. Goggin, como ainda a chamava, no outro lado do salão e acenei ao me aproximar, e ela sorriu, nervosa. Estava com uma xícara de chá quase vazia e eu lhe perguntei se queria outra.

“O que você vai tomar? Um drinque?”

“Posso tomar uma cerveja”, respondi. “Fico com sede depois de um dia de trabalho.”

“Então talvez você tenha a bondade de pedir uma para mim também.”

“Um caneco?”, perguntei, surpreso. “De *lager*?”

“De Guinness. Se você não se importar. Pode ser que eu precise.”

De certo modo, fiquei contente porque íamos beber; isso apararia as arestas, decidi.

“*Sláinte*”, disse eu quando voltei, erguendo o caneco, e ela também ergueu o dela e nós brindamos, se bem que sem nos olharmos

nos olhos como se deve fazer em tais momentos. Eu não sabia o que iria acontecer depois e passamos algum tempo em silêncio, ocasionalmente falando no tempo ou na decoração do lugar.

“E então”, disse ela enfim.

“E então”, repeti. “Como você está?”

“Bem, dentro do possível.”

“Você sofreu uma perda terrível.”

“É.”

“E a sua nora e as meninas?”

Ela encolheu os ombros. “São admiravelmente fortes, as três. É a coisa que eu mais admiro na Melanie. Mas, de noite, eu a ouço chorar no quarto. Ela e Jonathan se amavam muito. É claro, estavam juntos desde a adolescência, os dois, e ele ainda tinha muitas décadas pela frente. Mas então, você sabe o que é perder uma pessoa muito jovem, não sabe?”

“Sei”, disse eu. Havia lhe falado de Bastiaan muitos anos antes, quando ela ainda trabalhava no salão de chá.

“Será que com o tempo as coisas ficam um pouco mais fáceis?”

Fiz que sim. “Ficam. A gente chega a um ponto em que percebe que a vida precisa continuar apesar dos pesares. Escolhe viver ou escolhe morrer. Mas tem horas, coisas que a gente vê, algo engraçado na rua ou uma boa piada que ouve, um programa de televisão que quer compartilhar, e isso faz a gente sentir uma falta terrível da pessoa que morreu e já não se trata absolutamente de tristeza, é mais uma espécie de amargura com o mundo por tê-la tomado da gente. Eu penso no Bastiaan todo dia, é claro. Mas me acostumei com a ausência dele. De certo modo, foi mais difícil me acostumar com a presença dele quando começamos a namorar.”

“Por quê?”

“Porque era novo para mim”, respondi depois de pensar um pouco. “Eu estragava tudo quando era jovem. Por isso, quando finalmente dei comigo num relacionamento normal, sadio, não sabia muito bem como lidar. Outras pessoas aprendem essas coisas muito mais cedo.”

“Ele as deixou muito bem apesar de tudo”, disse ela. “Falo no Jonathan. Pelo menos isso nós temos de agradecer. E a Melanie é uma mãe maravilhosa. Eu estou morando lá desde o Natal. Mas está na hora de voltar para casa. Aliás, vou voltar na semana que vem.”

“Você fala muito na sua nora. Mas como *você* está? Como está enfrentando tudo?”

“Ora, eu nunca vou superar essa perda”, disse ela com um dar de

ombros. “Uma mãe não supera. E, no entanto, tenho de dar um jeito de enfrentá-la.”

“E o pai do Jonathan?”, perguntei, pois nunca tinha ouvido falar nele.

“Oh, foi embora há muito tempo. Era apenas um homem que eu conheci. Quase não lembro da cara dele. Acontece, Cyril, que eu queria um filho, um filho que ficasse comigo, e precisava da ajuda de um homem para fazer o bebê. Ele entrou e saiu da minha vida no espaço de uma noite e isso foi tudo que eu soube dele ou quis saber. Isso me faz parecer uma mulher terrivelmente leviana?”

“Faz você parecer uma pessoa que queria ser dona do seu destino. Que não queria que ninguém nunca mais te dissesse o que fazer ou não fazer.”

“Talvez”, disse ela, pensando nas minhas palavras. “Em todo caso, o fato é que Jonathan passou a ser a única coisa de que eu precisava. Era um bom filho. E acho que eu era uma boa mãe.”

“Disso eu tenho certeza.”

“Isso te dá raiva?”

Enruguei a testa. “Por que daria?”, perguntei.

“Porque eu não fui uma boa mãe para você.”

“Eu não tenho o menor interesse em culpá-la pelo que quer que seja. Foi o que eu disse na minha carta. Não estou procurando discussão nem quero situações desagradáveis. Sou muito velho para isso. Nós dois somos.”

Ela fez que sim e pareceu prestes a chorar. “Tem certeza?”, perguntou. “Não está simplesmente dizendo por dizer?”

“Tenho certeza. Isto aqui não precisa ser um drama. De modo algum.”

“Você deve ter tido pais muito amorosos para sentir isso.”

Fiquei pensando. “Na verdade, eram pais muito *estranhos*”, contei. “Nenhum dos dois era o que se pode chamar de uma pessoa convencional. E tinham uma visão muito peculiar da criação de filhos. Às vezes, eu sentia que era pouco mais que um inquilino naquela casa, como se eles não soubessem ao certo o que eu estava fazendo lá. Mas nunca me maltrataram, nunca fizeram nada para me magoar. E talvez me amassem do jeito deles. O próprio conceito era um tanto estranho para eles.”

“E você os amava?”

“Amava, sim”, disse eu sem hesitação. “Amava muito os dois. Apesar de tudo. Mas as crianças sempre amam. Procuram segurança e proteção, e, de um modo ou de outro, Charles e Maude me davam

essas coisas. Eu não sou uma pessoa amarga, sra. Goggin”, acrescentei. “Não tenho nenhuma amargura dentro de mim.”

“Fale neles”, pediu ela.

Dei de ombros. “Nem sei por onde começar, é difícil”, disse. “Charles era banqueiro. Tinha muito dinheiro, mas vivia fraudando os impostos. Foi preso mais de uma vez por causa disso. E, quando era mais jovem, sempre tinha um monte de mulheres. Mas era muito divertido. Vivia me dizendo que eu não era um Avery de verdade. Acho que eu podia muito bem ter passado sem essa.”

“Me parece cruel da parte dele.”

“Sinceramente, não acho que Charles estivesse tentando ser cruel. Era mais uma constatação. Em todo caso, ele já morreu. Os dois morreram. E eu fiquei com ele até o fim. Ainda sinto falta do meu pai adotivo.”

“E a sua mãe?”

“Mãe adotiva.”

“Não”, disse ela, sacudindo a cabeça. “Maude era sua mãe. Não seja indelicado.”

Alguma coisa na maneira como ela disse isso me deixou com lágrimas nos olhos. Porque é claro que ela tinha razão. Se alguém tinha sido minha mãe, era Maude.

“Era escritora”, disse eu. “Você sabe disso, não?”

“Sei. Li a maior parte dos livros dela.”

“Gosta deles?”

“Muito, muito mesmo. A obra dela tem muita compaixão. Ela devia ser uma mulher muito afetuosa.”

Ri sem querer. “Não, não era”, disse. “Maude era muito mais fria que Charles. Passava a maior parte do tempo trancada no escritório, escrevendo e fumando, só saía de vez em quando, numa névoa capaz de aterrorizar qualquer criança que nos visitasse. Acho que ela mal tolerava a minha presença na casa. Às vezes, me via como um aliado; às vezes, como uma irritação. Mas faz muito tempo que morreu. Quase cinquenta anos. Eu penso muito nela, porém, porque, de um modo ou de outro, Maude passou a fazer parte da consciência irlandesa. Os livros, os filmes. O fato de todo mundo parecer conhecê-la. Sabe que agora ela está no pano de prato?”

“Pano de prato?”, indagou ela. “Como assim?”

“É coisa de escritores”, expliquei. “Sabe aquele retrato, os oito anciões considerados os melhores dentre os melhores? Yeats, O’Casey, Oliver St. John Gogarty e outros mais. A imagem deles, sempre a mesma, aparece em pôsteres, canecas, serviços de mesa e porta-copos.

Maude vivia dizendo que nunca estampariam mulheres no pano de prato. E durante anos teve razão. Mas acontece que estamparam. Porque agora ela está bem no centro do retrato.”

“Não chega a ser um grande legado”, disse a minha mãe sem convicção.

“Não, provavelmente não.”

“E você não tem irmãos ou irmãs?”

“Não”, disse eu.

“Queria ter?”

“Podia ter sido bom. Eu já te contei acerca do Julian, é claro. Acho que ele era uma espécie de irmão. Até que descobri que estava apaixonado por ele. Eu queria ter conhecido o Jonathan.”

“Acho que ia gostar dele.”

“Tenho certeza disso. Eu gostei dele na única ocasião em que nos encontramos. Acho muito cruel você e eu só termos descoberto este vínculo entre nós em consequência da morte dele.”

“Olhe, Cyril”, disse ela, inclinando-se para a frente e surpreendendo-me com as palavras que escolheu. “Se há uma coisa que eu aprendi em mais de sete décadas de vida, é que o mundo é um lugar bem ferrado. A gente nunca sabe o que vai encontrar ao virar a esquina e geralmente é coisa ruim.”

“Essa é uma visão de mundo muito cínica, sra. Goggin.”

“Não sei, não”, disse ela. “E acho que agora sra. Goggin não tem mais cabimento.”

Fiz que sim. “Não sei bem como chamá-la”, disse.

“Que tal Catherine?”

“Catherine, pois”, concordei.

“Nunca deixei ninguém me chamar assim na Dáil”, disse ela. “Lá eu precisava ter autoridade. Lembro-me de uma vez que Jack Lynch me chamou de Catherine e eu olhei bem nos olhos dele e disse: *Taoiseach, se o senhor voltar a me chamar assim, ficará um mês proibido de entrar no salão de chá.* No dia seguinte, recebi um buquê de flores e um pedido de desculpas endereçado à sra. Goggin. Bom homem”, acrescentou. “Claro, ele também era de Cork. Como eu. Mas disso ele não tinha culpa.”

“Nunca me passou pela cabeça te chamar de Catherine”, disse eu. “Morria de medo de você. Todo mundo morria de medo.”

“De mim?”, sorriu ela. “Ora, eu sou um amor. Me lembro de você ainda menino”, acrescentou. “Se lembra do dia em que você chegou com o seu amigo e fingiu ter idade para beber e eu tive de botar os dois para fora?”

“Lembro”, disse eu, rindo e recordando a alegria que Julian me dava naquele tempo com as suas molecagens e a sua cara de pau. “Mas você aproveitou a ocasião para esculhambar com um dos padres.”

“Eu fiz isso?”

“Claro que fez. Duvido que alguém já tivesse falado com ele daquele jeito. Muito menos uma mulher. Acho que isso foi o que mais o enfureceu.”

“E parabéns para mim”, acrescentou ela.

“Parabéns para você.”

“Aquele menino acabou sendo sequestrado, não?”

“Exatamente. Não muito tempo depois daquela tarde, aliás.”

“Não se falava em outra coisa na época. Cortaram as orelhas dele, não foi?”

“Uma delas. E um dedo da mão. E um do pé.”

A minha mãe sacudiu a cabeça. “Que horror. Os jornais foram tão cruéis quando descobriram do que ele morreu.”

“Foi asqueroso”, disse eu, sentindo a raiva crescer dentro de mim. Eu havia dito que não sentia nenhuma amargura, mas, quando me lembrava disso, dava com essa emoção perigosa a espreitar no fundo da minha alma. “Fazia anos que ninguém falava nele, e tiveram o prazer de contar para o país o que tinha acontecido. Lembro que uma mulher telefonou para um programa de rádio dizendo que se solidarizara muito com ele quando era menino, mas agora só sentia nojo. Seria melhor para todos, disse, se todos os gays fossem fuzilados antes que pudessem espalhar a doença deles.”

“Mas ele não era gay.”

“Não, não era.”

“Pobre garoto”, disse ela. “Mas isso é a Irlanda para vocês. Acha que vai mudar um dia?”

“Tão cedo, não.”

Para minha surpresa, ela pousou a cabeça nas mãos exatamente como o ministro da Fazenda do outro lado do salão, e eu a toquei, com medo de ter dito alguma coisa que a tivesse chateado. “Sra. Goggin”, disse. “Catherine, tudo bem com você?”

“Eu estou ótima”, respondeu ela, afastando as mãos e mostrando um leve sorriso. “Olhe, Cyril, deve haver coisas que você quer saber. Por que não me pergunta?”

“Não quero saber nada que você não queira me contar. Como eu disse, não tenho intenção de te causar problemas ou dor. Nós podemos falar no passado, mas também podemos simplesmente esquecê-lo e

olhar para o futuro. Como você preferir.”

“Acontece que eu nunca *conversei* sobre isso”, disse ela. “Com ninguém. Nem com Seán nem com Jack. Nem mesmo com Jonathan. Ele não sabia nada de você nem do que aconteceu em Goleen em 1945. Agora me arrependo. Não sei por que nunca lhe contei. Devia ter contado. E ele não se importaria; eu sei que não. E ia querer procurar você.”

“Devo admitir”, disse eu com hesitação, “que estou interessado. Queria saber o que a levou a vir de lá para cá.”

“Nem podia ser diferente. Alguma coisa estaria errada com você se não quisesse.” Ela fez uma longa pausa e tomou mais um gole de cerveja. “Acho”, disse enfim. “Acho melhor começar pelo meu tio Kenneth.”

“Está bem.”

“E agora vamos recuar muito no tempo, de modo que você precisa ter paciência comigo. Eu cresci num vilarejo de West Cork chamado Goleen. Nasci em 1929, portanto tinha só dezesseis anos quando aconteceu. E tinha família, é claro. Tinha uma mãe e um pai como todo mundo. E um bando de irmãos, cada um mais cabeça-oca que o outro, com exceção do caçula, Eddie, que era um cara legal, mas provavelmente com a desvantagem de ser tímido além da conta.”

“Eu nunca ouvi falar em Goleen”, disse eu.

“Ninguém ouviu. A não ser nós que somos de lá ou moramos lá. Como eu. E a minha família. E o meu tio Kenneth.”

“Você se dava bem com ele?”

“Sim”, disse ela. “Ele era menos de dez anos mais velho que eu e sempre se interessou por mim porque tínhamos senso de humor parecido e eu o adorava. Oh, ele era bonito, Cyril! Foi o único homem pelo qual eu realmente me apaixonei. Você precisa entender que Kenneth não era meu tio consanguíneo. Era o marido da minha tia Jean, irmã da minha mãe. Kenneth era de Tipperary, se me lembro bem, mas é claro que nós não ligávamos. Todo mundo gostava dele, sabe? Era alto e engraçado; se parecia um pouco com Errol Flynn. E sabia contar piadas e fazer imitações maravilhosas. Era um demônio no acordeão e, quando se punha a cantar uma canção antiga, não ficava um olho enxuto na sala. E eu ainda era criança na época. Dezesseis anos, não passava de uma garota boba com caprichos na cabeça. Era louca por ele e fazia o possível para que ele também ficasse louco por mim.”

“Como?”, perguntei.

“Ora, eu o seduzia, imagino”, contou-me ela. “Flertava

constantemente com ele e procurava toda oportunidade de pegá-lo sozinho. Eu nem sabia o que estava fazendo, mas era gostoso, disso eu sabia. Ia de bicicleta ao sítio dele e ficava conversando com ele na cerca, a minha saia erguida desavergonhadamente. E eu era bonita, sabe, Cyril? Uma menina muito bonita naquela idade. A metade dos rapazes do vilarejo vivia tentando me tirar para dançar. Mas eu só tinha olhos para o Kenneth. Havia um lago na periferia do vilarejo e certa vez eu o vi lá com a tia Jean. Era tarde da noite e eles tinham ido nadar. Os dois completamente nus. Para mim, aquilo foi um despertar. Eu vi o modo como ele a abraçava e as coisas que fazia com ela. E quis que me abraçasse daquele jeito, que fizesse as mesmíssimas coisas comigo.”

“E você contou para ele?”

“No começo não. Sabe, o Kenneth e a minha tia Jean eram um casal perfeito, todo mundo dizia. Andavam de mãos dadas no vilarejo, coisa que naquele tempo era considerada um atrevimento, mesmo para marido e mulher. Acho que o padre Monroe andou falando com eles. Disse que aquilo promovia a imoralidade entre os jovens, que, se eles não tomassem cuidado, rapazes e moças iam seguir o exemplo e fazer as piores coisas. Lembro do Kenneth me contando isso às gargalhadas. *Pode imaginar, Catherine*, disse ele. *Jean e eu de mãos dadas e, de repente, Goleen vira Sodoma e Gomorra!*”

“E sabe o que eu fiz? Pus a mão na dele e disse que, em vez disso, ele devia segurar a minha mão um pouco, e até hoje eu vejo a cara que o Kenneth fez. O choque e o desejo. Oh, eu adorava o poder que tinha sobre aquele homem! O poder, eu podia senti-lo em mim mesma! Você não vai entender, mas é uma coisa que toda moça percebe em certo ponto da vida, geralmente quando tem quinze ou dezesseis anos. Talvez isso aconteça mais cedo hoje em dia. Que ela tem mais poder que todos os homens na sala juntos, porque os homens são fracos e governados pelos desejos e pela necessidade desesperada de mulheres, mas as mulheres são fortes. Eu sempre acreditei que, se as mulheres se juntassem para extrair o melhor do poder que têm, governariam o mundo. Mas elas não fazem isso. Não sei por quê. E, apesar da sua fraqueza e burrice, os homens são suficientemente inteligentes para saber que ter o comando é importantíssimo. Pelo menos essa vantagem eles têm.”

“Para mim, é difícil entender”, disse eu. “Eu nunca tive poder nenhum. Sempre fui o que desejava, não o desejado. Sempre fui o cara cheio de tesão, mas, em toda a minha vida, acho que o Bastiaan foi o único homem que também me desejou. Não era a mim que todos os

outros rapazes queriam quando eu era jovem. Queriam só um corpo, alguém para tocar e abraçar. Eu podia não ser ninguém para eles, mas Bastiaan era diferente.”

“Porque ele te amava.”

“Porque ele me amava.”

“Bom, você podia ter estado em situação melhor. As garotas podem criar muito problema, e os outros homens as perdoam se também tiverem uma chance. Eu certamente não entendia o problema que estava criando. Mas, como já disse, gostava do modo como me sentia com aquilo e insistia em fazer aquele homem me querer mais do que tinha querido qualquer outra antes de mim e, quando o levei à loucura até não aguentar mais, ele se aproximou um dia em que eu estava no sítio dele, me agarrou e pressionou os lábios nos meus, e é claro que eu retribuí o beijo. Beijei-o como nunca tinha beijado nem voltei a beijar ninguém. E aí, uma coisa foi levando a outra e, antes que me desse conta, nós estávamos tendo aquilo que se chama de ‘um caso’. Ia ao sítio depois da escola e ele me levava ao celeiro e a gente fazia loucuras rolando no feno.”

“Então é ele?”, perguntei. “O meu pai?”

“É. E o coitado se torturava por causa disso”, prosseguiu ela. “Porque a verdade é que ele amava a tia Jean e se sentia péssimo com as coisas que andava fazendo. Toda vez que a gente acabava, começava a chorar, e, às vezes, eu me sentia mal por ele e, às vezes, achava que o malandro simplesmente queria ficar com as duas. A única vez que me assustei foi quando o Kenneth disse que ia abandonar a Jean e fugir comigo.”

“Você não queria?”

“Não, isso era demais para mim. Eu queria o que a gente tinha e sabia muito bem que, se a gente fugisse, ele ficaria farto de mim em um mês. Foi quando comecei a me sentir culpada do que vinha fazendo.”

“Sim, mas você ainda era uma criança”, disse eu. “Ele era adulto. Que idade tinha, vinte e cinco? Vinte e seis?”

“Vinte e seis.”

“Então era responsável pelos atos dele.”

“Claro que era. Mas eu não creio que tivesse passado pela cabeça dele começar alguma coisa comigo se eu não tivesse provocado tanto. Ele não era o tipo. Era um homem bom; agora eu acredito nisso. E, com o tempo, quando o entusiasmo do que estávamos fazendo começou a arrefecer, ele terminou comigo e me implorou que não contasse nada a ninguém, e, é claro, jovem e ingênua como eu era,

fiquei ressentidíssima e disse que não ia tolerar aquilo, que não ia deixar que ele me largasse depois de ter se divertido comigo. Mas Kenneth se manteve firme e, um dia, simplesmente começou a chorar na minha frente outra vez, dizendo que a pessoa na qual ele estava se transformando não era a que ele sempre quis ser. Disse que tinha se aproveitado de mim, da minha juventude, porque era fraco e desejava poder voltar atrás e mudar tudo. Me implorou que esquecesse tudo, querendo que as coisas voltassem a ser como eram, e não sei, mas algo no mal-estar dele me disse que eu havia feito uma coisa terrível. E também chorei e nós nos abraçamos e nos separamos como amigos e juramos nunca mais falar no que se passara entre nós e que não voltaria a acontecer. Estava terminado, foi o que combinamos. E acho que, se os fatos não tivessem conspirado contra nós, nós dois teríamos cumprido o juramento. Estava tudo acabado. E, com o tempo, tudo ficaria relegado ao esquecimento. Apenas um erro terrível que tínhamos cometido anos antes.”

“E o que aconteceu?”, perguntei.

“Ora, aconteceu você, é claro”, disse ela. “Eu descobri que ia ter um filho. E naquele tempo, na roça, não havia desgraça maior que essa. Eu não sabia o que fazer, a quem recorrer e, no fim, a minha mãe descobriu, contou ao meu pai, ele contou ao padre e, no dia seguinte, aquele filho da mãe subiu no púlpito da igreja de Nossa Senhora Estrela do Mar, e me denunciou como puta à minha família e a todos os vizinhos.”

“Ele usou essa palavra?”

“Usou, claro. Naquele tempo, os padres mandavam no país e detestavam as mulheres. Oh, meu Deus, eles *odiavam* as mulheres e tudo que tivesse a ver com as mulheres e tudo que tivesse a ver com o corpo ou as ideias ou os desejos das mulheres, e aproveitavam toda e qualquer oportunidade que surgia de humilhar ou destruir uma mulher. Acho que é porque eles *queriam* ardentemente as mulheres e não podiam ter nenhuma. A não ser em segredo, é claro. Coisa que também acontecia. Oh, Cyril, ele disse coisas terríveis a meu respeito naquela manhã! E me machucou. Se pudesse, teria me matado a pontapés, tenho certeza. E me obrigou a sair da igreja na frente de toda a paróquia e me jogou para fora e me desonrou, e eu com apenas dezesseis anos de idade e sem um centavo no bolso.”

“E Kenneth?”, perguntei. “Te ajudou?”

“Ele tentou, do jeito dele. Saiu da igreja e tentou me dar dinheiro e eu rasguei e joguei na cara dele. Devia ter aceitado! E, na minha imaturidade, eu o culpei pelo que tinha acontecido, mas a culpa não

era só dele, isso eu entendo agora. Eu tinha a minha parcela de culpa. O pobre Kenneth morria de medo de que descobrissem que ele era o pai e é claro que estaria arruinado se isso acontecesse. O escândalo o teria matado. Enfim, eu tomei o ônibus para Dublin naquele mesmo dia e acabei morando com Seán e Jack até a noite em que o pai de Seán subiu para matar os dois e quase conseguiu. Nunca vou saber como Jack Smoot sobreviveu. E aquela foi a noite em que você nasceu. Seán estava estendido na sala, o corpo esfriando, e Jack jazia ao meu lado, numa poça de sangue que se misturou com o meu quando você chegou ao mundo gritando. Mas eu tinha um plano, sabe? Havia combinado tudo meses antes com a freirinha redentorista corcunda que ajudava garotas como eu. Garotas perdidas. O plano era ela tirar o bebê de mim assim que nascesse e dá-lo a uma família que queria um filho mas, por algum motivo, não podia ter uma criança naturalmente.”

Olhei para a mesa e fechei os olhos. Esse foi o meu nascimento. Foi assim que cheguei à Dartmouth Square, a Charles e a Maude.

“A verdade”, continuou ela, “era que eu mesma não passava de uma criança. Não tinha como cuidar de um bebê. Nós não teríamos sobrevivido, nem eu, nem você, se eu não te tivesse dado para adoção. De modo que fiz o que me pareceu certo. E ainda acho que fiz bem. Portanto, me parece que, se for para nós termos algum futuro juntos, Cyril, você e eu, é isto que tenho de te perguntar. Você acredita que eu fiz a coisa certa?”

GOLEEN

O sol banhava de luz a igreja de Nossa Senhora Estrela do Mar, na tarde em que chegamos. Subimos o caminho lenta e silenciosamente rumo ao cemitério, e eu fiquei atrás quando ela começou a percorrer as lápides, lendo os nomes dos defuntos.

“William Hobbs”, disse, detendo-se junto a uma delas e sacudindo a cabeça. “Eu me lembro dele. Foi meu colega de escola no início dos anos 40. Vivía tentando enfiar as mãos por baixo da saia das meninas. O professor costumava bater nele sem dó por causa disso. Olhe, morreu em 1970. Que será que lhe aconteceu?” Seguiu em frente e olhou para alguns outros. “E este é o primo Tadhg”, disse. “E esta deve ter sido a sua mulher, Eileen. Eu conheci uma Eileen Ní Breathnach naquele tempo. Será que eles se casaram?” E então, parando em frente a uma lápide particularmente ornamentada, levou a mão à boca, assustada. “Oh, meu bom Deus”, disse. “É o padre Monroe! O padre

Monroe também está enterrado aqui!”

Eu me aproximei e li a inscrição no mármore. *Padre James Monroe*, dizia. 1890-1968. *Querido pároco. Homem bom e santo.*

“Nenhuma alusão aos filhos na lápide, é claro”, disse ela, sacudindo a cabeça. “Aposto que os paroquianos denunciaram as mulheres que pariram as crianças quando o enterraram. As mulheres são sempre putas. Os padres são sempre bons homens levados pelo mal caminho.”

Para minha surpresa, ela se ajoelhou junto ao túmulo. “Lembra de mim, padre Monroe?”, perguntou em voz baixa. “Catherine Goggin. Você me expulsou da paróquia em 1945 porque eu ia ter um filho. Tentou me destruir, mas não conseguiu. Você era um monstro terrível e, esteja onde estiver, deve ter vergonha da vida que levou.”

Ela deu a impressão de que queria arrancar a lápide do chão com as mãos e quebrá-la no joelho, mas, finalmente, resfolegando, levantou-se e prosseguiu. Não pude deixar de me perguntar o que teria acontecido a ela se o padre tivesse mostrado compaixão em vez de crueldade, tivesse intercedido junto ao meu avô, ajudando-o a compreender que todos cometemos erros. Se a paróquia tivesse apoiado a minha mãe em vez de escorraçá-la.

Eu me pus a passear e a examinar as lápides e parei de súbito ao dar com a de Kenneth O’Ríafa. Nada em particular me levou a reparar nela, a não ser o fato de abaixo do seu nome se encontrarem as palavras: *E sua esposa Jean*. Olhei as datas. Ele nascera em 1919, o que era exato. E morrera em 1994, ano em que eu estivera à cabeceira de Charles enquanto ele morria. Quem estivera ao lado de Kenneth? Jean não podia ter sido, pois morrera cinco anos antes, em 1989.

“Bem”, disse a minha mãe, aparecendo diante de mim e olhando para a inscrição. “Aqui está ele. Mas veja o que fizeram!”

“O quê?”, perguntei.

“A tia Jean morreu primeiro. Deve ter tido a própria lápide. *Jean O’Ríafa*, estaria escrito. 1921-1989. Mas, quando ele morreu, devem ter removido a lápide e colocado outra inteiramente dedicada a ele. *Kenneth O’Ríafa. E sua esposa Jean*. A retificação. Os homens simplesmente tomam conta, não é? Deve ser ótimo para eles.”

“Nenhum filho na lápide”, observei.

“Estou vendo.”

“E esse é o meu pai”, acrescentei, mais comigo mesmo que com ela, palavras graves e tranquilas. Eu não sabia o que sentir. Não sabia como devia me sentir. Nunca tinha visto aquele homem. Mas, a julgar pelo relato da minha mãe, não era necessariamente o vilão da história.

Talvez não houvesse vilão nenhum na história da minha mãe. Apenas homens e mulheres tentando agir da melhor maneira possível uns com os outros. E fracassando.

“Toda essa gente”, disse ela com tristeza. “E toda essa confusão. E, olhe, agora estão todos mortos. No fim que importância tinha tudo aquilo?”

Quando eu ergui a vista, Catherine havia desaparecido. Olhei para a porta da igreja e cheguei a vê-la de relance quando acabava de entrar. Não a segui imediatamente, continuei perambulando entre as sepulturas, lendo os nomes e as datas, pensando nas crianças falecidas em tenra idade e me perguntando o que lhes teria acontecido. Fiquei muito tempo perdido em pensamentos e, enfim, dei meia-volta e olhei para as montanhas que me cercavam, e para o povoado visível no fim da rua. Aquela era Goleen. A terra da minha mãe e do meu pai. Dos meus avós. O lugar em que eu fora concebido e no qual, num mundo diferente, eu podia ter sido criado.

“Você está rezando”, disse eu alguns minutos depois, quando entrei na igreja e dei com a minha mãe ajoelhada no estrado acolchoado à frente de um dos bancos, a cabeça inclinada sobre o respaldo do banco diante dela.

“Não estou rezando”, disse. “Estou recordando. Às vezes, as duas coisas se parecem, só isso. Foi aqui, Cyril, está vendo? Aqui que eu estava sentada.”

“Quando?”, perguntei.

“No dia em que me mandaram embora. Nós viemos juntos à missa, todos nós, e o padre Monroe me arrastou para o altar. Eu estava bem aqui neste banco. A minha família estava enfileirada perto de mim. Faz tanto tempo e eu ainda posso vê-los, Cyril. Posso vê-los como se tivesse sido ontem. Ainda vivos. Ainda sentados aqui. Ainda olhando para mim com humilhação e asco nos olhos. Por que eles me abandonaram? Por que nós nos abandonamos? Por que eu te abandonei?”

Um ruído a um lado do altar nos sobressaltou, e um homem ainda jovem, de cerca de trinta anos, apareceu à porta da sacristia. Um padre. Voltou-se para nós e sorriu, deixando alguma coisa no altar antes de se aproximar.

“Olá”, saudou.

“Olá, padre”, disse eu. A minha mãe ficou em silêncio.

“Estão fazendo uma visita?”, quis saber ele. “É um belo dia para isso.”

“Visitando e retornando”, disse Catherine. “Fazia muito tempo

que eu não punha os pés nesta igreja. Sessenta e três anos, se o senhor puder acreditar. Queria vê-la pela última vez.”

“A sua família é daqui?”

“É”, respondeu ela. “Os Goggin. O senhor os conhece?”

O sacerdote enrugou a testa, pensou um pouco e sacudiu a cabeça. “Goggin”, disse. “Esse nome não me é estranho. Acho que ouvi alguns paroquianos falarem numa família Goggin de antigamente. Mas, pelo que sei, não sobrou nenhum aqui. Se dispersaram, imagino. Para os quatro cantos do mundo e para a América.”

“É bem provável. Em todo caso, eu não vim procurar nenhum deles.”

“E vai ficar muito tempo conosco?”, perguntou o padre.

“Não”, disse eu. “Voltamos a Cork hoje à noite. E, amanhã cedo, tomamos o trem de volta a Dublin.”

“Bem, aproveitem”, sorriu ele já se virando. “Nós damos as boas-vindas a todos na paróquia de Goleen. É um lugar maravilhoso.”

A minha mãe bufou um pouco e sacudiu a cabeça. E, quando o padre voltou ao altar, levantou-se, deu-lhe as costas e saiu da igreja pela última vez, a cabeça erguida.

EPÍLOGO — 2015:

Longe do porto, em alto-mar

A DARTMOUTH SQUARE

Despertei ao som de *La Esmeralda* de Pugni subindo pelo velho esqueleto da casa da Dartmouth Square para se instalar, um tanto abafado, no quarto do último andar, no qual eu havia passado a noite. Olhando pela claraboia para o céu azul, fechei os olhos e tentei me lembrar de como era acordar naquela mesma cama sete décadas antes, sendo um garoto solitário e carente de atenção. As lembranças, que sempre foram uma parte importante do meu ser, haviam esmorecido ligeiramente nos últimos doze meses. Entristecia-me a falta de emoções fortes. Tentei evocar o nome da empregada que trabalhava para Charles e Maude e tinha sido uma espécie de amiga minha na infância, mas tudo quanto se referia a ela desaparecera. Procurei o rosto de Max Woodbead, mas era um borrão. E por que eu estava lá, afinal? Demorou um pouco, mas a resposta retornou. Um dia feliz, enfim; um dia que eu achei que nunca chegaria.

Não tinha dormido bem: efeito da ansiedade, das cápsulas de temozolomida que, havia pelo menos cinco semanas, eu tomava antes de dormir e dos esporádicos acessos de insônia que elas por sua vez provocavam. O meu médico me dissera que o remédio também podia provocar a diminuição da frequência urinária, mas, muito pelo contrário, eu havia ido ao banheiro quatro vezes durante a noite. Na terceira ocasião, desci à procura de um lanche e dei com o meu neto George, de dezessete anos, deitado no sofá de camiseta e cueca sambacação, entupindo-se de batata chips e assistindo um filme de super-herói no televisor enorme que dominava uma parede da sala de estar.

“Você não devia estar na cama?”, perguntei, abrindo a geladeira e fuçando na vã esperança de encontrar um sanduíche à minha espera.

“Ainda é uma hora”, disse George, virando-se e tirando o cabelo dos olhos ao mesmo tempo que me oferecia o pacote de chips. Experimentei alguns: horríveis.

“Isso que você está bebendo é cerveja?”, perguntei.

“Pode ser”, disse ele.

“E você já pode beber isso?”

“Provavelmente não. Você não vai contar para ninguém, vai?”

“Não se você pegar uma para mim também.”

Ele sorriu e se levantou de um salto, e, um minuto depois, estávamos sentados lado a lado, vendo homens adultos de capa saltarem de um prédio a outro, viris e totalmente furiosos com o mundo.

“Você gosta desse tipo de coisa?”, perguntei, confuso com a ação movimentadíssima que se desenrolava à minha frente.

“É todo um universo”, explicou ele. “Você tem de assistir todos os filmes para entender.”

“Parece trabalho demais para mim.”

“Vale a pena”, replicou George, e nós continuamos a assistir em silêncio até que os créditos comessem a passar e ele diminuísse o volume do televisor e olhasse para mim com prazer. “Viu só?”, disse. “Não foi ótimo?”

“Não, foi péssimo.”

“Eu vou te dar um box completo. Você assiste todos e daí, sim, vai gostar. Confie em mim.”

Fiz que sim. Se ele me desse o box eu aceitaria. E provavelmente assistiria todos, só para poder lhe contar que assistira.

“E aí”, disse ele. “Está empolgado com amanhã?”

“Acho que sim. Estou mais nervoso que qualquer outra coisa. Só quero que dê tudo certo, nada mais.”

“Por que não daria? Sabe que esta é a primeira vez que eu tenho um casamento para ir?”

“É mesmo?”, disse eu, surpreso.

“É. Imagino que você tenha ido a muitos.”

“Na verdade, não. Não em tantos quantos você talvez pense. O meu casamento com a sua avó me desanimou.”

Ele deu uma risadinha. “Eu queria ter estado lá”, disse, pois naturalmente ouvira a história muitas vezes. Alice adorava exumá-la quando tinha vontade de me amolar. “Deve ter sido hilariante.”

“Na verdade, não foi”, disse eu, sorrindo apesar de tudo.

“Oh, vamos. Agora já dá para ver o lado engraçado da coisa, não acha? Foi há mais de quarenta anos.”

“Não diga isso na frente da sua avó”, avisei. “Ela é capaz de te bater com uma vara.”

“Acho que até ela acha a história engraçada.”

“Duvido. Por mais que finja achar.”

George pensou um pouco e deu de ombros. “Sabe que eu tenho um terno novo?”

“Ouvi dizer.”

“É o meu primeiro. Fico parecendo um executivo com ele.”

Eu sorri. De todos os meus netos, era com George que eu mais me dava bem. Não me dava com crianças em geral — nunca conheci realmente nenhuma —, mas, de certo modo, nós nos divertíamos juntos e eu gostava da sua companhia. Como ele era magro, pensei, olhando-o agora, as pernas compridas e branquelas, tão esqueléticas. E como eu havia engordado. Quando isso acontecera? O corpo ficando flácido. Minha mãe tinha ficado no meu pé durante anos, insistindo para eu frequentar uma academia, mas meu corpo tinha algo de reconfortante para mim. Eu era um velho, afinal, com o corpo que se esperava de um velho. No entanto, era estranho, pois eu não era guloso, não bebia muito, mesmo assim estava em plena decadência. Não que isso importasse. Que sentido teria emagrecer se só me restavam alguns meses de vida?

Agora, saindo da cama com esforço, vesti o robe e desci para encontrar Liam, Laura e as três crianças ocupados com o café da manhã.

“Dormiu bem?”, perguntou Liam, olhando para mim.

“Muito bem”, respondi. “Sabe que eu não dormia nesta casa desde a noite em que o meu pai foi enterrado?”

“O seu pai adotivo”, corrigiu ele.

“Acho que sim. Quando foi isso? Há vinte e um anos? Não parece que faz tanto tempo assim.”

Laura se aproximou e pôs uma caneca de café nas minhas mãos. “Como vai indo o discurso?”

“Quase pronto.”

“Ainda não terminou?”

“Terminei. Quase. Estava muito curto no começo. Depois ficou muito comprido. Mas acho que agora eu cheguei lá. Vou dar mais uma repassada antes da gente sair.”

“Quer que eu dê uma olhada?”, ofereceu Julian, tirando os olhos do seu livro. “Posso pôr umas piadas sujas.”

“Obrigado”, disse eu. “Mas não. Vou esperar para surpreender você com ele.”

“Agora o chuveiro”, disse Laura, muito objetiva. “Nós somos seis, portanto, cinco minutos para cada um, senão a caldeira esfria, o.k.?”

“Eu preciso de mais do que isso para lavar o cabelo”, reclamou Grace, a minha neta mais nova: doze anos e já obcecada com a

aparência.

“Eu vou primeiro”, anunciou George, saindo da sala e subindo a escada com uma velocidade que quase me derrubou.

“Vou voltar para o quarto”, disse eu, levando o café comigo. “Tomo banho quando o George terminar.”

Às vezes, era difícil acreditar que aquela era a casa em que eu tinha sido criado. Quando Alice e Cyril II se mudaram para o seu apartamento e Liam e Laura a assumiram, fizeram tantas reformas que parecia outro lugar. O andar térreo tinha tido todas as paredes internas removidas, de modo que os cômodos e a cozinha se fundiram num espaço enorme. No primeiro andar, que antes pertencera a Charles, estava o quarto principal e o de George. O segundo, no qual ficava o escritório de Maude e no qual ela escrevera os seus nove romances, continha dois quartos, um de Julian e um de Grace, e o escritório propriamente fazia tempo que havia deixado de existir. No último andar ficava o quarto de hóspedes, o meu quarto, e permanecia quase inalterado. Era como estar em casa e como não estar em casa. Quando eu olhava em redor, o imóvel me era estranho, mas, quando fechava os olhos e subia a escada, inalando o cheiro do lugar e sentindo a presença dos fantasmas do passado, podia voltar a ser criança, desejando que Julian chegasse e tocasse a campainha.

Meia hora depois, quando voltei a descer, fiquei surpreso ao ver um menino no corredor, olhando as fotografias da família que decoravam a parede. Estava exatamente no lugar onde ficava a cadeira em que Julian estava sentado quando o vi pela primeira vez sessenta e três anos antes. Assim que ele se virou e olhou para mim, a luz que entrava pelo vidro acima da porta me trouxe a evocação dele, com o cabelo loiro despenteado, a beleza e a pele clara. Foi um momento profundamente perturbador, e eu tive de segurar o corrimão um instante para não cair.

“Julian?”, disse.

“Oi, Cyril.”

“É você, não?”

“Claro. Quem mais poderia ser?”

“Mas você morreu.”

“Sim, eu sei.”

Sacudi a cabeça. Não era a primeira vez que eu o via. Ele me visitava cada vez mais nos últimos meses e sempre nos momentos mais inesperados.

“É claro que você não está aqui de verdade”, disse eu.

“Então por que estamos tendo esta conversa?”

“Porque eu estou doente. Porque estou morrendo.”

“Você ainda tem alguns meses.”

“Tenho?”

“Tem”, disse ele. “Você só vai morrer três noites depois do Halloween.”

“Oh. E dói?”

“Não, não se preocupe. Vai morrer dormindo.”

“Puxa, ainda bem, creio eu. Aliás, como é estar morto?”

Ele enrugou a testa e pensou um pouco. “É difícil de dizer”, respondeu, enfim. “Estou mais ativo que nunca, de modo que não é ruim.”

“Não que você não fosse suficientemente ativo no passado.”

“Mas agora que morri, eu transo com mulheres de todos os períodos históricos. Transei com a Elizabeth Taylor na semana passada. Está como em *O pai da noiva*, sabe, de modo que não lhe faltam propostas. Mas ela me escolheu.”

“Sorte sua.”

“Sorte dela”, disse ele com um sorriso. “E o Rock Hudson me paquerou.”

“O que você fez?”

“Disse que eu não queria saber de bichonas imundas.”

Caí na gargalhada. “Só podia”, disse.

“Não, estou brincando. Eu o dispensei com delicadeza. Mesmo assim, a Elizabeth não falou mais comigo depois.”

“Há alguém para mim aí em cima?”, perguntei cheio de esperança.

“Uma pessoa.”

“Quem é?”, perguntei. “Eu nunca o vejo.”

“Ele não te visita?”

“Até agora não.”

“Tenha paciência.”

“Senhor?”

Sacudi a cabeça e voltei a olhar para Julian, mas ele havia mudado, já não era o mesmo, e sim um jovem, um jovem de uns dezessete anos. Desci mais um degrau para poder vê-lo sem que a luz do sol me ofuscasse.

“Pois não?”, disse eu.

“Tudo bem com o senhor?”

“Tudo. Quem é você?”

“Eu sou o Marcus.”

“Oh, sim”, disse eu, sentindo que simplesmente podia me sentar

no último degrau e nunca mais me levantar. “O famoso Marcus.”

“O senhor deve ser o sr. Avery. O avô do George.”

“Eu sou o avô dele, sim. Mas por favor, não me chame assim. Me chame de Cyril.”

“Oh, não posso fazer isso.”

“Por que não?”

“Porque o senhor é... sabe...”

“Velho?”

“Bem, sim. Acho que é isso.”

“Eu não ligo”, disse, sacudindo a cabeça. “Detesto quando me chamam de sr. Avery. Se você não me chamar de Cyril, eu não te chamo de Marcus.”

“E me chama de quê?”

“De Doris”, disse eu. “Vamos ver se você gosta.”

“O.k., eu vou chamá-lo de Cyril”, sorriu ele, oferecendo-me a mão. “Prazer em conhecê-lo.”

“Mas por que você está aí sozinho?”, perguntei. “Ninguém veio te receber?”

“George me recebeu”, respondeu ele. “Mas foi para o quarto dele porque olhou no espelho e descobriu uma sobranalha fora do lugar. E eu não quis entrar lá sozinho”, acrescentou, apontando para a cozinha, na qual se ouvia o barulho do resto da família reunida.

“Eu não me preocuparia se fosse você”, disse eu. “Eles são amáveis. Não mordem.”

“Eu sei. Já conheço todo mundo. Mas fico nervoso em entrar lá sozinho.”

“Ora, eu espero com você”, ofereci.

“Não precisa.”

“Não me incomoda. Você está muito elegante.”

“Obrigado”, disse Marcus. “Eu comprei um terno novo.”

“George também.”

“Eu sei. Nós compramos juntos. Tivemos de tomar o cuidado de ir de estilos e cores completamente diferentes. Não queríamos parecer os Jedward.”

Eu sorri. “Pois eu sei quem eles são”, disse. “Acredite ou não. Apesar da minha idade provecta.”

“Você está entusiasmado com hoje?”, quis saber Marcus.

“Todo mundo me pergunta isso.”

“É um grande dia.”

“Sim, é. Eu não esperava vê-lo, sinceramente.”

“No entanto, ele chegou.”

“É verdade.”

Ficamos alguns segundos em silêncio e então ele se virou para mim com entusiasmo. “É verdade que Maude Avery era sua mãe?”, perguntou. “Quer dizer, a sua outra mãe?”

“Era”, disse eu.

“Estamos estudando dois livros dela no colégio. Eu gosto muito da obra dela.”

“Está vendo aquele quarto lá em cima?”, perguntei, apontando pela escada para uma porta no segundo andar. “Foi lá que ela escreveu todos eles.”

“Não todos”, disse Maude, saindo da sala da frente, encostando-se na parede e acendendo um cigarro.

“Não?”

“Não. Antes de você vir morar conosco, quando éramos só Charles e eu na casa, eu escrevia no térreo. Quando ele ia trabalhar, digo. Francamente, a luz era melhor. E eu tinha mais chance de pegar as pessoas nos jardins.”

“Você sempre as detestou.”

“Elas não tinham nada que estar lá. É propriedade privada.”

“Não é.”

“É, Cyril. Faça o favor de não me contradizer. Acho isso tão cansativo.”

“Desculpe”, disse eu.

“Enfim, quando você apareceu, eu mudei para cima. Precisava de espaço. E de privacidade. Mas, enfim, lá em cima foi melhor. Eu escrevi alguns dos meus melhores livros naquele escritório.”

“Sabe que você está no pano de prato?”, perguntei.

“Ouvi falar”, respondeu ela, revirando os olhos. “Que asco. Imaginar as pessoas enxugando as xícaras sujas de café na minha cara. Como é possível que considerem isso um elogio?”

“É a imortalidade. Não é o que todo escritor almeja? Que continuem lendo a sua obra muito tempo depois da sua morte?”

“Ora, não é como ser lida ainda em vida.”

“Os seus livros perduraram. Isso não a deixa feliz?”

“De jeito nenhum”, disse ela. “Que importância tem isso? Devia ter feito como o Kafka. Mandado queimar tudo quando eu morresse.”

“Kafka tem um museu em homenagem a ele.”

“Sim, mas ele me disse que o detesta. Claro que eu não sei se ele fala sério. O homem devia se martirizar pela Tchecoslováquia.”

“O nome agora é República Tcheca”, emendei.

“Oh, não seja complicado, Cyril. É uma característica tão

desagradável.”

“Não posso acreditar que você seja amiga do Kafka.”

“*Amiga* é exagerar um pouco”, disse Maude, encolhendo os ombros. “*Conhecida* seria uma palavra mais adequada. Sabe, Emily Dickinson também está aqui. A única coisa que faz é escrever poemas sobre a vida o tempo todo. A ironia! Vive me pedindo que os leia. Eu me recuso, é claro. Os dias já são bastante longos sem eles.”

“Sr. Avery?” Olhei para a esquerda, para Marcus.

“O quê?”

“Eu disse que não posso acreditar que estou na casa em que Maude Avery escreveu os livros dela.”

Balancei a cabeça e passei algum tempo sem dizer nada e me alegrei ao ver George descer a escada saltitante como um cachorrinho.

“Como estão as minhas sobrelhas?”, perguntou, olhando ora para um, ora para outro.

“Perfeitas”, disse eu. “Mas vou ficar de olho nelas durante o dia, só para garantir.”

“Você faz isso? Que ótimo.”

“Vamos para lá?”, perguntou Marcus.

“Pensei que você já tivesse ido”, disse George.

“Não. Eu estava te esperando.”

“Vovô”, disse George, fazendo uma careta para mim. “Você não estava dando em cima do Marcus, estava?”

“Cale a boca, George”, disse eu. “Não seja ridículo.”

“É brincadeira.”

“Brincadeira sem graça.”

“Eu não ligo. Também dou em cima dele o tempo todo. Mas eu posso.”

Sacudi a cabeça. “Vou para lá”, disse. “Pelo barulho que ouvi, abriram uma garrafa de champanhe.”

Fui à frente dos dois para a cozinha, onde Liam e Laura estavam elegantíssimos, as taças diante deles, enquanto Julian continuava com o seu livro e Grace escutava o iPod.

“Oi, Marcus”, saudou Laura.

“Olá, sra. Woodbead”, respondeu ele educadamente, e eu notei que nem ela nem Liam o haviam convidado a chamá-los pelo primeiro nome. O meu filho fez um comentário sobre a partida de futebol da noite anterior e, em um minuto, os dois estavam conversando animadamente sobre ela. Pelo que entendi, o time para o qual Liam torcia vencera o de Marcus, e o rapaz estava furioso com isso.

“Você está chiquérrimo, Cyril”, disse Laura, aproximando-se e me

dando um beijo.

“Obrigado”, respondi. “Você também. Se eu fosse quarenta anos mais moço, de orientação sexual diferente e o meu filho não fosse casado com você, me apaixonaria por você num piscar de olhos.”

“Tenho certeza de que há um elogio no meio disso tudo”, riu ela, servindo-me uma taça.

“Não é bom pra cacete?”, disse George em voz alta, e todos nós nos viramos para vê-lo radiante de prazer e com a taça erguida.

“Olha o vocabulário”, resmungou Liam.

“Só estou dizendo”, contrapôs George. “Encontrar o amor quando você é... sabe... tão antigo. É fantástico. E ainda poder se levantar diante do mundo e declarar isso alto e bom som. É *brilhante* pacas.”

Sorri e concordei com um gesto. Parecia que era mesmo.

“Provavelmente é mais inesperado que qualquer outra coisa”, disse.

“Não, ele tem razão”, insistiu Laura, erguendo a taça. “É fantástico mesmo.”

“*Fantástico* pra cacete”, insistiu George, puxando Marcus para junto de si e dando-lhe um rápido selinho. Não pude deixar de notar que os seus pais desviaram a vista instintivamente, ao passo que os irmãos mais novos ficaram olhando e rindo, mas era delicioso observar o momento em que eles se afastaram e se entreolharam, um par de adolescentes que haviam se encontrado — e, por certo, voltariam a se perder um do outro por causa de outra pessoa, mas eram felizes naquele momento. Uma coisa que não aconteceria jamais quando eu tinha aquela idade. E, apesar de toda a minha felicidade em ver o meu neto feliz e seguro sendo quem era, naquilo também havia algo terrivelmente doloroso. O que eu não daria para ser aquele rapaz nesta época e poder viver uma sinceridade tão descarada.

“A gente precisa começar a levantar acampamento”, anunciou Laura um instante depois, consultando o relógio. “O carro já não devia ter chegado?”

Como num passe de mágica, a campainha tocou e todos saltaram. “Certo”, disse Liam. “Todo mundo pegou tudo que precisa? Papai, pegou o seu discurso?”

“Está aqui comigo”, respondi, levando a mão ao bolso do paletó.

“Muito bem. Vamos, então”, disse ele, indo pelo corredor e abrindo a porta da rua, onde dois Mercedes prateados aguardavam para nos levar ao centro da cidade.

“Pelo que vejo, ainda não tiraram todos os cartazes”, disse Charles quando estávamos a caminho.

“Como assim?”, perguntei, voltando-me para olhá-lo, surpreso por ver que ele cabia perfeitamente no banco à minha frente, perto de Liam, George e Marcus.

“Os cartazes”, repetiu ele. “Nos postes. Ainda tem um monte. O referendo foi há meses.”

“O pessoal é preguiçoso”, expliquei. “Cedo ou tarde vai haver um temporal e o resto vem abaixo.”

“Ainda bem que acabou”, disse ele, sacudindo a cabeça.

“Também acho.”

“Eu sabia que isso faria aparecer o que há de pior nas pessoas.”

“Pois tinha razão.”

“Também fez aparecer o que havia de pior em você”, disse Charles.

“Como assim?”, perguntei, ofendido.

“Você sabe do que eu estou falando. Conversar com esse monte de idiotas no telefone. Discutir com desconhecidos.”

“Não dava para ser de outro jeito”, disse eu. “Eu passei muito tempo em silêncio. Enfim surgiu uma oportunidade de dizer o que penso e eu aproveitei. E estou contente com isso.”

“Bem, você venceu, portanto não precisa mais se preocupar.”

“Mas isso tudo só serviu para me lembrar o quanto as pessoas podem ser más. E feias.”

“E você não fazia parte dessa feiura?”

“Duvido muito.”

“Está bem”, disse Charles, tirando um iPhone do bolso. Vamos dar uma olhada?” Apertou alguns botões e rolou a página. “*Por que você tem tanto medo de que as pessoas sejam felizes?*”, leu ele. “*Por que não consegue simplesmente viver e deixar viver?* Ora, quem escreveu isso... oh, vamos ver... oh, sim! @cyrilavery!”

“Isso foi para aquela mulher horrorosa, a tal Mandy”, disse eu. “Todo dia tweetando que o relacionamento dela era mais válido que o de qualquer outra pessoa. Uma mulher vil.”

“E este”, continuou Charles. “*Se o relacionamento de vocês fosse tão bom assim, vocês não estariam tão preocupados com o que as outras pessoas fazem na vida privada.* Também @cyrilavery.”

“Um casal insuportável”, lembrei. “Eles tweetavam o dia inteiro, todo dia, praticamente sem nenhum seguidor. Deviam ficar grudados no telefone de manhã até a noite. Mereciam ser maltratados mesmo.”

“E que tal isto aqui?”, perguntou ele. “*Você deve estar repleto de*

autodesprezo para se comportar como se comporta.”

“Esse eu conheço”, disse eu. “Era aquele cara gay que ia votar Não.”

“Ué, ele não tinha direito?”

“Não!”, gritei. “Não tinha! Só estava querendo chamar a atenção, nada mais. Ele que se foda! Estava traindo a sua própria gente.”

“Oh, Cyril”, disse Charles. “Não seja burro. E quanto àquele debate no rádio...”

“Eles me convidaram!”

“Você devia ter deixado aquela gente para lá”, sorriu Charles. “É a melhor coisa a fazer com os inimigos. E, em todo caso, eles perderam, não perderam? Foram esmagados. O tempo deles acabou. Eles são o passado. São história. Um mero punhado de fanáticos intolerantes gritando no vazio, desesperados para que ouçam a voz deles. Estavam fadados a perder, fosse como fosse. E sabe de uma coisa? O mundo não saiu do eixo quando isso aconteceu. Portanto pare de ficar tão puto da vida. Acabou. Você ganhou, eles perderam.”

“Mas *eu* não ganhei, ganhei?”

“Como não?”

Sacudi a cabeça e olhei pela janela. “Quando terminou a votação”, disse, “eu estava assistindo o noticiário na televisão. E eis que aparece David Norris. *É um pouco tarde para mim*, disse ele quando soube que o Sim tinha vencido e o país mudara para sempre. *Eu passei tanto tempo empurrando o barco para o mar que me esqueci de pular a bordo e agora ele está muito longe do porto, em alto-mar, mas é muito bom olhar para ele*. E é assim que eu me sinto. Na praia. Vendo o barco de longe. Por que a Irlanda não era assim na minha infância?”

“A isso eu não sei responder”, disse Charles em voz baixa.

“Olhe”, disse George, apontando para fora, e eu me virei para ele, atordado.

“O quê?”, perguntei.

“Chegamos. Lá está o Ignac.”

O automóvel estacionou no meio-fio, e eu vi Ignac, Rebecca e as crianças na calçada, conversando com Jack Smoot, que estava numa cadeira de rodas, mas comparecera como havia prometido.

“Não posso acreditar”, disse Marcus. “Eu li todos os livros dele três vezes. Ele continua sendo o meu escritor preferido.”

“Eu te apresento a ele”, disse George com orgulho. “Ignac e eu somos grandes amigos.”

Eu sorri. Era bom ouvir aquilo.

“Muito bem”, disse, abrindo a porta. “Vamos lá!”

“Espere!”, gritou George. “Alguém tem um espelho?”

“Você está simplesmente esplêndido”, disse Marcus. “Pare de se olhar.”

“Cale a boca.”

“Cale a boca você.”

“Calem a boca os dois”, ordenou Liam.

Saímos do carro para a luz do sol, e eu senti uma leve dor de cabeça e me lembrei de que havia esquecido de tomar o comprimido matinal. Não tinha muita importância; no caminho até a recepção passaríamos diante de casa, e eu podia parar lá um instante e tomá-lo. Os médicos haviam dito que eu ainda tinha seis meses, mas, a dar crédito a Julian, era mais provável que só me restassem dois. Três dias depois do Halloween.

“Exatamente como eu”, disse Charles, despedindo-se com um aceno quando eu saí à rua. “Um tumor no cérebro. Afinal, você acabou me saindo um Avery de verdade.”

Eu ri, depois me virei para olhar para o cartório à minha frente. A morte estava chegando, eu sabia. Mas não queria pensar nela naquele dia.

A NOVA IRLANDA

Ao entrar no cartório, vi Tom andando de lá para cá perto da entrada, muito bonito no terno de casamento, a filha, o genro e os netos ao seu redor, todos mostrando um sorriso largo. Quando me viu, ele ergueu a mão e eu fui até ele, de braços abertos.

“Não é que está fazendo um dia maravilhoso, apesar de tudo?”, sorriu Jane, inclinando-se para me dar um beijo.

“Está”, disse eu. “Alguém lá em cima torce por nós.”

“E por que não torceria?”, perguntou Tom com um sorriso. “Pensando bem, Cyril, você imaginava que um dia como este podia acontecer?”

“Sinceramente?”, disse eu, sacudindo a cabeça. “Não.”

“Está com o discurso pronto?”

“Todo mundo anda preocupado com o meu discurso. Está escrito. Tem a duração certa e algumas piadas boas, acho que nós todos vamos ficar contentes.”

“Muito bem.”

“Nós não sabíamos nem se íamos chegar aqui”, disse Jane.

“Por quê?”

“Não”, disse Tom.

“A artrite dele”, contou ela, baixando um pouco a voz. “Ele andou sofrendo muito com ela.”

“Mas estou bem hoje”, garantiu Tom. “Nada me incomoda.”

“Claro que nenhum de nós é como era antigamente”, disse eu. “De qualquer forma, todos vamos encarar o dia até o fim.”

“Vai ser estranho ter um filho só alguns anos mais moço que eu”, comentou Tom.

“Eu não vou chamá-lo de papai, se é isso que você espera”, sorri. Ele era boa gente, o Tom. Eu não o conhecia bem, mas, pelo que tinha visto, gostava dele. Arquiteto de carreira, estava aposentado havia treze anos e tinha um bonito bangalô em Howth com uma belíssima vista da ilha de Ireland’s Eye. Eu já estivera lá algumas vezes e ele sempre me recebia bem.

A minha mãe e ele tinham se conhecido no Tinder.

Senti me tocarem o braço, dei meia-volta e topei com Ignac atrás de mim. “Eles chegaram”, disse.

“Eles chegaram”, repeti, voltando-me para Tom, falando alto como uma criança entusiasmada e nós nos separamos, ele indo para a frente do cartório, eu indo para o fundo, enquanto todos os demais se sentavam. Quando os convidados se acomodaram, cumprimentei rapidamente Jack Smoot, que me apertou a mão e contou que nada o teria trazido de volta à Irlanda, a não ser aquilo.

“E vou dar o fora desta merda amanhã cedinho”, acrescentou.

A porta se abriu e foi aí que eu a vi. Parada no fim do corredor, oitenta e seis anos, na maior serenidade e mostrando-se tão feliz quanto qualquer noiva no dia do casamento. Ao seu lado, a minha ex-esposa Alice e Cyril II — ela ficara com eles na noite anterior — a entregaram a mim.

“Quero te ver na festa”, disse Alice ao me beijar. “Até o fim, entendeu?”

“Não precisa se preocupar”, sorri eu.

“Porque, se você desaparecer, eu vou dar uma de Liam Neeson, está ouvindo? Tenho algumas habilidades muito especiais e vou atrás de você, te encontro e te mato.”

“Alice. Eu faço um juramento solene. Hoje eu serei o último a ir para a cama.”

“Certo”, disse ela, sorrindo e olhando para mim com algo parecido com amor nos olhos. “Eu avisei.”

Eles se sentaram, deixando-me com a minha mãe.

“Você está linda”, disse eu.

“Você está dizendo isso por dizer, não é?”, perguntou ela,

nervosa. “Eu não estou bancando a palhaça?”

“Por quê, oras?”

“Porque eu tenho oitenta e seis anos. E velhas de oitenta e seis anos não casam. Muito menos com homens de setenta e nove. Peguei ele para criar.”

“Hoje em dia todo mundo pode casar”, disse eu. “É a nova Irlanda. Não ouviu falar?”

“Cyril”, disse uma voz às minhas costas, e eu me virei.

“Hoje você estava tão ocupado”, disse. “Pensei que só fosse ver você daqui a alguns dias.”

“Você pode vir hoje à noite, se quiser”, disse ele.

“Não”, respondi, sacudindo a cabeça. “Você disse no Halloween. Aliás, alguns dias depois do Halloween.”

“Está bem”, disse Julian. “Eu só estava conferindo. Mas nós vamos dar muita risada quando você vier para cá. Arranjei duas garotas para a gente fazer um programinha a quatro.”

Revirei os olhos. “Você não muda mesmo!”

“Você só tem que ser o meu copiloto. Na verdade, não precisa *fazer nada*.”

“No Halloween”, disse eu. “Uns dias depois.”

“*Legal*.”

“Estamos prontos, então?”, perguntou a minha mãe.

“Se você estiver, eu estou.”

“Ele veio? Não se arrependeu?”

“Oh, veio, sim. Vocês dois vão ser muito felizes. Eu sei que vão.”

Ela assentiu e engoliu em seco quando olhou para mim. “Eu também sinto isso”, disse. “Ele estava errado, não é?”

“Quem?”

“O padre Monroe. Disse que eu nunca ia me casar. Disse que nenhum homem ia me querer. Mas eis que chegou o dia. Ele estava errado.”

“Claro que ele estava errado”, eu disse. “Todos eles estavam errados. Estavam errados em tudo.”

Sorri e me inclinei para lhe dar um beijo. Sabia que aquela podia ser uma das últimas coisas que eu ia fazer neste mundo, deixar a minha mãe nas mãos do homem que cuidaria dela, e sentia um grande alívio em saber que havia uma família, uma família grande, que olharia por ela quando eu partisse. Ela precisava disso. Tinha sido privada de uma família todos aqueles anos. Mas agora lá estava.

“Ande devagar”, disse uma voz atrás de mim, e eu me virei e senti o coração saltar de prazer. “Não esqueça que você usa bengala e que

ela é uma velhinha.”

“Você veio!”, disse eu.

“Ouvi dizer que você estava me procurando. Julian me contou.”

“Não imaginei que fosse te ver. Só quando, sabe, quando chegasse a minha vez.”

“Não aguentei esperar”, disse ele.

“Você não mudou nada desde aquela última vez. No Central Park.”

“Na verdade, eu perdi uns quilinhos”, disse ele. “Dei para fazer ginástica.”

“Que bom.” Olhei para ele e senti as lágrimas se formarem nos meus olhos. “Sabe quanta saudade eu tive de você?”, perguntei. “Foram quase trinta anos. Eu não devia ter passado tanto tempo sozinho.”

“Eu sei, mas já está quase no fim. E você até que trabalhou bem nesse período, considerada a bagunça que fez nos primeiros trinta. Os anos em que a gente ficou longe um do outro serão como nada comparados com o que ainda nos aguarda.”

“A música começou”, avisou a minha mãe, se agarrando a mim.

“Eu preciso ir, Bastiaan”, disse eu. “Te vejo mais tarde?”

“Não. Mas te espero em novembro quando você chegar.”

“Está bem.” Respirei fundo. “Te amo.”

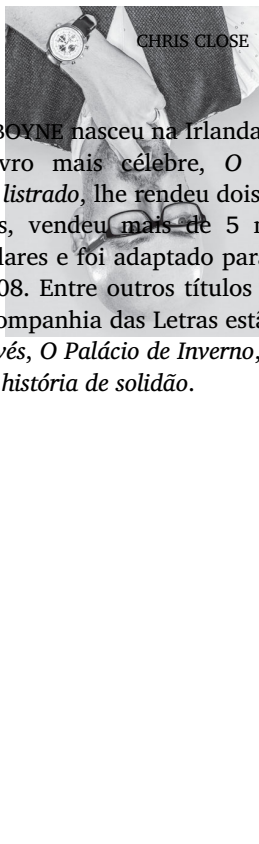
“Também te amo”, disse a minha mãe. “Vamos?”

Fiz que sim e avancei, e vagarosamente nós fomos pelo corredor, passando pelos nossos amigos e parentes, e eu a deixei nos braços de um homem bom que jurou amá-la e cuidar dela o resto da vida.

E, no fim, quando todos ali reunidos irromperam em aplausos, percebi que finalmente era feliz.

Agradecimentos

Sou muito grato, como sempre, a Bill Scott-Kerr, Larry Finlay, Patsy Irwin e Simon Trewin.



JOHN BOYNE nasceu na Irlanda, em 1971. Seu livro mais célebre, *O menino do pijama listrado*, lhe rendeu dois Irish Book Awards, vendeu mais de 5 milhões de exemplares e foi adaptado para o cinema em 2008. Entre outros títulos publicados pela Companhia das Letras estão *O garoto no convés*, *O Palácio de Inverno*, *O pacifista* e *Uma história de solidão*.

Copyright © 2017 by John Boyne

Todos os direitos mundiais reservados ao proprietário.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Heart's Invisible Furies

Capa

Estúdio Bogotá

Foto de capa

Alejandro Escamilla/ Unsplash

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Angela das Neves

Nina Rizzo

ISBN 978-85-438-1099-7

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

JOHN BOYNE

**DIA
DE
FOLGA**



COMPANHIA DAS LETRAS

UM CONTO DE NATAL

Dia de folga

Boyne, John

9788580869316

8 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste conto breve e melancólico, John Boyne (autor do best-seller *O menino do pijama listrado*) acompanha o dia de folga de um jovem soldado inglês e seus companheiros, que passam a véspera de Natal em uma das trincheiras da Primeira Guerra Mundial. Enquanto relembra os natais da infância e o conforto do seu lar, ele vê e ouve as bombas alemãs caindo a sua volta. Em meio a um dos piores conflitos do século XX, o jovem irá vivenciar um espírito natalino muito diferente do que estava acostumado. Em janeiro: lançamento de dois romances inéditos de John Boyne, *O tormento* (Seguinte) e *O ladrão do tempo* (Companhia das Letras)

[Compre agora e leia](#)

MAIS DE 1 MILHÃO DE
EXEMPLARES VENDIDOS
NO BRASIL

O MUNDO DE SOFIA

ROMANCE DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

JOSTEIN GAARDER


COMPANHIA DAS LETRAS

O mundo de Sofia

Gaarder, Jostein

9788580865189

568 páginas

[Compre agora e leia](#)

Publicado originalmente em 1995, O mundo de Sofia é o maior best-seller da Companhia das Letras, com mais de 1 milhão de exemplares vendidos só no Brasil. Edição comemorativa com tradução direta do norueguês. Às vésperas de seu aniversário de quinze anos, Sofia Amundsen começa a receber bilhetes e cartões-postais bastante estranhos. Os bilhetes são anônimos e perguntam a Sofia quem é ela e de onde vem o mundo. Os postais são enviados do Líbano, por um major desconhecido, para uma certa Hilde Møller Knag, garota a quem Sofia também não conhece. O mistério dos bilhetes e dos postais é o ponto de partida deste romance fascinante, que vem conquistando milhões de leitores em todos os países e já vendeu mais de 1 milhão de exemplares só no Brasil. De capítulo em capítulo, de “lição” em “lição”, o leitor é convidado a percorrer toda a história da filosofia ocidental, ao mesmo tempo que se vê envolvido por um thriller que toma um rumo

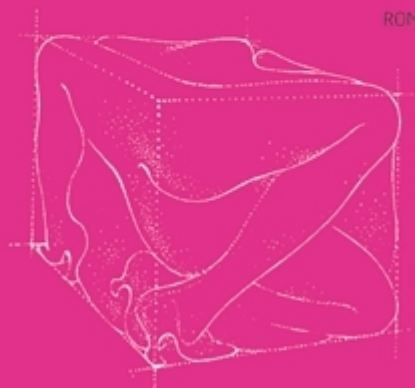
surpreendente.

[Compre agora e leia](#)

silviano santiago

STELLA MANHATTAN

ROMANCE




COMPANHIA DAS LETRAS

Stella Manhattan

Santiago, Silviano

9788543810959

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

O arrojo e a sofisticação de Silviano Santiago combinados num clássico da ficção brasileira, agora em nova edição. Stella Manhattan pertence à categoria das criações artísticas à frente de seu tempo. Passados mais de trinta anos de sua primeira publicação, o romance não apenas se firmou como um clássico moderno, leitura incontornável para todos aqueles que apreciam a alta literatura nacional. Revela-se pioneiro na ficcionalização do então emergente e politizado universo trans. Eduardo da Costa e Silva — identidade oficial de Stella Manhattan — é um funcionário do Consulado brasileiro nos Estados Unidos. Protegido do coronel Valdevinos Vianna, também conhecido como Viúva Negra, Eduardo protagoniza na Nova York dos anos 1970 uma história de escândalo sexual e intrigas políticas da qual também fazem parte personagens ricos e diversificados como Aníbal, um intelectual paraplégico e voyeur, sua libidinosa mulher Leila, e Paco, ou La

Cucaracha, um cubano anticastrista.

[Compre agora e leia](#)



"TODOS OS MOMENTOS, MESMO AQUELES SUPOSTAMENTE
ENTEDIANTES, TÊM A NITIDEZ DE UMA DESCARGA DE ADRENALINA
OU A CLAREZA ATERRADORA DA VERGONHA RELEMBRADA."
THE ATLANTIC

KARL OVE KNAUSGÅRD

MINHA LUTA 5

A DESCOBERTA DA ESCRITA

COMPANHIA DAS LETRAS

A descoberta da escrita

Knausgård, Karl Ove

9788543810256

624 páginas

[Compre agora e leia](#)

No quinto volume da série Minha luta, Knausgård expõe com maestria e riqueza de detalhes seus anos de formação como escritor. Aqueles que acreditam que o talento literário se resume a uma vocação inata não podem deixar de ler *A descoberta da escrita*, quinto volume da série que ultrapassou as fronteiras da Noruega para ganhar o restante do mundo, consagrando-se como um dos maiores sucessos literários dos últimos tempos. Neste romance autobiográfico, o autor percorre seus anos de estudante de escrita criativa na cidade universitária de Bergen. Com a honestidade que lhe é característica, explicita as dificuldades e frustrações que permeiam o caminho de todo aspirante a romancista: “eu sabia pouco, queria muito e não conseguia nada”, confessa o narrador. Às intempéries da formação de escritor somam-se os conflitos e inseguranças da juventude, permeados por episódios de bebedeira, brigas, insucessos românticos e toda sorte de golpes ao

narcisismo pueril daquele que viria a se tornar o maior escritor vivo da Noruega.

[Compre agora e leia](#)

O LUGAR MAIS SOMBRIO 1

**MILTON
HATOUM**

**A NOITE
DA ESPERA**



A noite da espera

Hatoum, Milton

9788554510053

216 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro volume da série O lugar mais sombrio, o novo romance de Milton Hatoum retrata a formação sentimental, política e cultural de um grupo de jovens na Brasília dos anos 1960 e 1970. Nove anos após a publicação de Órfãos do Eldorado, Milton Hatoum retorna à forma da narrativa longa em uma série de três volumes na qual o drama familiar se entrelaça à história da ditadura militar para dar à luz um poderoso romance de formação. Nos anos 1960, Martim, um jovem paulista, muda-se para Brasília com o pai após a separação traumática deste e sua mãe. Na cidade recém-inaugurada, trava amizade com um variado grupo de adolescentes do qual fazem parte filhos de altos e médios funcionários da burocracia estatal, bem como moradores das cidades-satélites, espaço relegado aos verdadeiros pioneiros da capital federal, migrantes desfavorecidos. Às descobertas culturais e amorosas de Martim contrapõe-se a dor da separação da mãe, de quem passa longos períodos sem notícias.

Na figura materna ausente concentra-se a face sombria de sua juventude, perpassada pela violência dos anos de chumbo. Neste que é sem dúvida um dos melhores retratos literários de Brasília, Hatoum transita com a habilidade que lhe é própria entre as dimensões pessoal e social do drama e faz de uma ruptura familiar o reverso de um país cindido por um golpe.

[Compre agora e leia](#)